



VALDO PEREIRO

ÍNDICE

01

Atelier + Enunciado

02

Entrevistas (Daniela Krtsch, João Vassalo Rosa)

03

Arrábida + Casa Vale do Pereiro

04

Estudo de Casos

05

Casa Híbrida

06

Casa Dupla

07

Apresentações + Créditos





ATELIER

2025 - 2026

01 Bárbara Morgado Ribeiro
02 Basílio Quaresma
03 Beatriz Aragão
04 Catarina Doina
05 Francisco Mateus
06 Guilherme Lima Da Veiga
07 Katrin Andersson
08 Lagarto
09 Leonor Perdigão

10 Madalena Lemos
11 Margarida Camanda
12 Marta Passos
13 Ricardo De Carvalho
14 Roberta Ost
15 Rodrigo Ferreira
16 Tiago Grilo

Uma Casa Dupla na Arrábida a partir da propriedade do Val do Pereiro de Cima, com projecto do arquiteto Luís Vassalo Rosa (1974).

OBJECTIVO

São propostos dois exercícios ao longo do semestre, ambos em torno da habitação. Pretende-se investigar o conceito de habitação na suas múltiplas possibilidades espaciais, tipológicas e materiais, usando esse conhecimento e a investigação que deste deriva para desenhar cidade. Pretende-se ainda fomentar o aprofundamento do trabalho com as várias escalas e estratégias conceptuais de relação com os sistemas naturais e artificiais, topografia e transformações futuras. É proposta uma aproximação ao exercício da Arquitetura através de noções espaciais abstractas sobre o programa eleito, bem como um trabalho sobre a noção de programa.

ESTRUTURA

FASE 1. ESTUDOS DE CASO. Trabalho de investigação sobre uma leitura possível da história da disciplina no último século. Este trabalho, entendido como um corpo colectivo, pretende ser uma base possível de cultura disciplinar a ser consultada pelos alunos ao longo do semestre. Apresentação do caso escolhido recorrendo a fotografias, desenhos e texto. Produção de uma brochura com material recolhido na investigação.

FASE 2. A CASA HÍBRIDA. Trabalho de conceção de curta duração de uma casa a partir de duas obras estudadas na fase anterior. Pretende-se utilizar o conhecimento adquirido no trabalho de investigação da fase anterior para cruzar dois destes exemplos, utilizando as suas características mais determinantes.

FASE 3. A CASA DUPLA. Trabalho de conceção a partir da Casa na Arrábida projetada por Luís Vassalo Rosa. Pretende-se utilizar o conhecimento adquirido no trabalho de investigação sobre a casa, bem como as visitas à mesma, para poder propor um duplo, utilizando as suas características mais determinantes, mas sem recorrer à mímese.

FAZE 4. LUGAR. Visita ao local da intervenção. Trabalho interpretativo sobre o contexto, abordando noções de ambiente, orografia, informação histórica, geologia, questões disciplinares relacionadas com o artefacto escolhido e outros considerados relevantes. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a fotografias, desenho e texto.

FASE 4. PROGRAMA. Fixação de um programa de habitação unifamiliar a partir de um trabalho de investigação sobre o tema habitação e sobre a casa eleita em particular. O programa final será o resultado das várias propostas apresentadas pelo conjunto de alunos. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

FASE 5. LUGAR/ PROGRAMA. Cruzamento entre a noção de lugar e o programa proposto. Trabalho sobre tipologia, paisagem, acessos, circulação e estrutura. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

FASE 6. MATÉRIA. Eleição de estratégias de construção para as diversas componentes do projeto. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

FASE 7. LUGAR/ PROGRAMA/ MATÉRIA. Síntese final do processo. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a fotografias, desenho e texto.

METODOLOGIA
Trabalho individual com a duração de um semestre. Apresentação semanal e discussão. Consulta individual cada duas semanas. Apresentação pública semanal.

LUGAR. Arrábida.

PROGRAMA. Proposta de Intervenção à escala 1:500, 1:100.

LUGAR/ PROGRAMA. Proposta com Programa Provisório de Intervenção à escala 1:500, 1:200. Proposta com Programa Definitivo de Intervenção à escala 1:500, 1:50.

MATÉRIA. Entrega da Proposta à escala 1:50.

LUGAR/ PROGRAMA/ MATÉRIA. Entrega parcial da Proposta à escala 1:1000, 1:500, 1:200 e 1:50. Entrega final da Proposta à escala 1:1000, 1:500, 1:200 e 1:50.

ENTREGA FINAL. Entrega de Portfólio com súmula do trabalho em formato A0, Caderno A3 e Maquetas.

AVALIAÇÃO INTERMÉDIA COM UM JÚRI CONVIDADO.
Maria Ana Aboim Inglez (Aboim Inglez Arquitetos), Arquiteta
Luís Valente (RUA Arquitetos), Arquiteto

AVALIAÇÃO FINAL COM UM JÚRI CONVIDADO.
João Favila Menezes (Atelier Bugio), Arquiteto
João Quintela (Atelier JQTS), Arquiteto
João Santa Rita (Santa Rita Arquitetos), Arquiteto
Rui Mendes (RM Arquitetura), Arquiteto
Telmo Cruz, Arquiteto

ESTUDOS DE CASO

Casa Hill/ Hill House, Helensburgh, Escócia, Reino Unido, 1902-1904. Charles Rennie Mackintosh e Margaret MacDonald.

Casa em Northampton, Northamptonshire, Reino Unido, 1926. Peter Behrens.

Casa Atelier VDL, Silverlake, Los Angeles, 1932-1933/ 1964. Richard Neutra.

Villa Edstrand, Falsterbo, Suécia, 1935. Sigurd Lewerentz.

Villa Shodhan, Ahmedabad, Índia, 1951–1954. Le Corbusier.

Casa Wiley, New Canaan, Connecticut, EUA, 1952. Philip Johnson.

Casa e Jardim Cavanelas, Petrópolis, Brasil, 1954. Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx (paisagem).

Casa Tivadar e Dorothy Balogh, Plymouth, Michigan, EUA, 1958. Tivadar Balogh.

Casa McCandlish, Cambridge, Massachusetts, EUA, 1958. Paul Rudolph.

Casa Bailey (Case Study House #21), Los Angeles, EUA, 1958-1959. Pierre Koenig.

Casa Bianchi, Funchal, Madeira, Portugal, 1959. Raúl Chorão Ramalho.

Casa “Chemosphere”, Los Angeles, EUA, 1960. John Lautner.

Atelier Hermann Rosa, Munique, Alemanha, 1960-1968. Hermann Rosa.

Casa Rang, Königstein, Alemanha, 1962-1964. Richard Neutra.

Villa Schreiner, Oslo, Noruega, 1963. Sverre Fehn.

Caixa Azul, Hayasaki Box, Kaminoge, Setagaya, Tóquio, Japão, 1970-1971. Mayumi Miyawaki.

Casa Vill' Alcina, Caminha, Portugal, 1971-1974. Sérgio Fernandez.

Casa Vittoria Tracino, Ilha de Pantelleria, Itália, 1972-1975. Studio PER/ Lluís Clotet & Oscar Tusquets.

Casa Domínguez, A Caeira, Pontevedra, Espanha, 1973-1976. Alejandro de la Sota.

Casa Beires, Póvoa do Varzim, Portugal, 1973-1975. Álvaro Siza.

Casa Gerber, Angra dos Reis, Brasil, 1973-1974. Paulo Mendes da Rocha.

Casa U, Tóquio, Japão, 1975-1976/ 1997. Toyo Ito.

Casa Hopkins, Hampstead, Londres, Reino Unido, 1976. Michael Hopkins e Patty Hopkins.

Casa Yokohama, Kohoku-ku, Yokohama, Japão, 1982-1984. Kazuo Shinohara.

Casa na Quinta do Lago, Loulé, Portugal, 1984-2018. Eduardo Souto de Moura.

Casa na Fonte Fria, Portalegre, Portugal, 1985-1988. João Luís Carrilho da Graça.

Casa Neuendorf, Maiorca, Espanha, 1986-1991. John Pawson e Claudio Silvestrin.

Casa Van Hee-Adriaens, Gent, Bélgica, 1990-1997. Marie-José Van Hee.

Casa em Nihonbashi, Osaka, Japão, 1994. Tadao Ando.

Casa D, Léze-Case-Ferret, França, 1996-1998. Lacaton & Vassal.

Casa Vermelha/ Red House, Londres, Reino Unido, 1996-2001. Tony Fretton.

Casa Blas, Sevilla la Nueva, Madrid, Espanha, 1998-2000. Alberto Campo Baeza.

Casa num Bosque de Ameixoeiras, Tóquio, Japão, 2001-2003. Kazuyo Sejima.

Casa em Santa Vitória, Beja, Portugal, 2001-2003. Rui Mendes.

Roof House, Kanagawa, Japão, 2001. Tezuka Architectural.

Casa Velghe-Vanderlinden, Deinze, Bélgica, 2002. Juliaan Lampens.

Casa Ambrosetti, Paros, Grécia. 2003. Aurelio Galfetti.

Casa em Sakuradai, Japão, 2005-2006. Go Hasegawa.

Casa Palmyra, Nandgaon, Maharashtra, Índia, 2007. Studio Mumbai.

Casa de férias, Cadaqués, Espanha, 2008-2012. Sergison Bates.

Casa Solo, Matarraña, Espanha, 2012-2017. OFFICE KGDVS.

Casa H, Tóquio, Japão, 2013. Junya Ishigami.

Green House, Austrália, 2013. Sean Godsell.

Casa Wabi/ Fundação Wabi, Puerto Escondido, México, 2014. Tadao Ando (incluir o Pavilhão Arcilla de Álvaro Siza).

Vipp Shelter/ Abrigo Vipp, Lago Immeln, Suécia, 2014. Morten Bo Jensen.

Casa nas Sobreiras Altas, Melides, Portugal, 2016-2024. Aires Mateus.

Casa Ca Na Pau, Binissalen, Maiorca, Espanha, 2024. Munarq Architects.

Villa Montasser, Mies, Suíça, 2024. Leopold Banchini.

ENTREVISTAS



José Adrião (JA) – Daniela, em 2015 comprou a Casa Val do Perreiro, na Serra da Arrábida, da autoria do arquiteto Luís Vassalo Rosa, desenhada para si próprio e para a sua família em 1973. Pode explicar os motivos que a levaram a comprar a casa e porque decidiu escolher aquele lugar?

Daniela Krtsch (DK) – Na altura em que comprei a casa da Arrábida vivia em Lisboa com o meu companheiro na altura (Miguel Abecasis, arquiteto) e com as minhas duas filhas. Sempre senti falta de um espaço exterior — um pátio ou um jardim. Quer por razões pessoais, quer por razões profissionais — visto que sou artista — a natureza interessa-me e é um dos meus temas de trabalho. Tínhamos sempre vivido numa casa em Lisboa que, entretanto, vendemos. Nessa altura tentámos comprar uma casa com jardim, só que o que aparecia nos anúncios era caro, escuro, pouco interessante. Acabámos por comprar a casa onde vivo agora, perto do Convento de São Pedro de Alcântara. É uma ótima casa, mas não tem vista nem jardim. Depois comecei a pensar: “e se formos ver uma casa fora da cidade, uma casa especial, mas ainda perto de Lisboa?”. Pensámos na Arrábida porque tem uma energia e uma geologia próprias. No entanto, como atualmente já não se pode construir — por ser um Parque Natural — tornou-se muito exclusiva. Por isso pensámos que seria difícil encontrar algo e que não conseguiríamos encontrar a casa que desejávamos. Foi então que vimos um anúncio com uma casa à venda.

JA – E quando visitou a casa, o que aconteceu?

DK – Percebi imediatamente que era uma casa especial. As fotografias do anúncio eram fracas, mas senti ali qualquer coisa. Por coincidência, tinha havido recentemente uma exposição na Casa da Cerca, em Almada, uma retrospectiva do trabalho do arquiteto Luís Vassalo Rosa. Vimos o catálogo, que tinha a casa na Arrábida, e percebemos que a casa era a mesma que tínhamos visto

JA – A relação da casa com a serra da Arrábida criou um interesse imediato?

DK – Foi imediato. Para mim é quase um “oásis”, um lugar de perfeição. A luz, a vegetação, o modo como tudo muda ao longo do ano... Ali muita coisa vive sem rega; é um sítio muito particular. A casa está muito bem implantada: a exposição solar acompanha a casa toda. Cada quarto tem uma relação diferente com a paisagem. Há sempre uma janela como um “momento” — um recorte do exterior — com verdes diferentes, entradas de luz diferentes. De manhã, um lado; à tarde, outro. É incrível

JA – Como foi o contacto com o arquiteto Luís Vassalo Rosa? E o que é que ele lhe passou como informação da sua nova casa, que ele tinha desenhado? Partilhou desenhos de projeto e outros documentos?

DK – Na altura da compra não estive com ele diretamente na casa, mas estive com a mulher dele, que me explicou alguns pormenores importantes. Depois houve um encontro mais “privado” com o Luís Vassalo Rosa. Nessa altura recebi uma pasta muito organizada, com documentação, contactos, fotografias e informação técnica: fornecedores, pessoas da manutenção da zona, contactos úteis — tudo muito metódico. Isso diz muito sobre ele.

JA – Ele partilhou consigo todo o processo de uma forma generosa, o que é uma boa memória para o futuro.

DK – Sim. Foi muito generoso. É um arquivo da própria construção e do processo.

JA – Tem ideia porque é que a família vendeu?

DK – A impressão de que fiquei é que os filhos preferiram ficar com outra casa (no Algarve) e vender esta para apoiar financeiramente. A família parecia unida, mesmo com separações — a ex-mulher, a companheira, os filhos — conviviam com harmonia.

Luísa Kaliata (LK) – Depois da compra, como foi começar a habitar a casa?

DK – Houve manutenção essencial: eletricidade, água, pequenas reparações. A casa estava fechada há muito tempo. Não foi uma “remodelação”, foi pôr a funcionar o que não estava a funcionar. A cozinha teve intervenção na parte de baixo (era muito baixa e pouco prática). As casas de banho também tiveram ajustes pontuais. Houve um pintor que acabou por ficar a viver lá algum tempo enquanto trabalhava — e os trabalhos de manutenção demoraram muito. A casa é alta, por dentro e por fora. Chegou a ser difícil gerir a situação.

JA – Pelo que descreve, as decisões do que alterar e não alterar foram muito importantes e bastante ponderadas.



DK – Exatamente. A casa é tão bonita que eu não quis “enchê-la”. Não tem nada nas paredes e gosto disso. A casa respira. Quando a luz entra e desenha o espaço, não é preciso mais. Com uma amiga (Inês Cortesão, arquiteta e designer de interiores), escolhemos materiais e soluções discretas e resistentes — sobretudo bancos/colchões e uma paleta que unificasse: tons de areia, coerentes com a calçada e com o lioz. Foi um investimento grande, mas muito pensado.

JA – Decidiu manter a casa o mais fiel possível ao original?

DK – Sim. Preservar. Porque isto é uma obra com autoria. Numa “casa de autor”, a intervenção deve ser coerente com o original, ou então deve ser mínima e respeitosa.

Jesucleune Luís (JL) – A Daniela chegou a habitar de uma forma permanente?

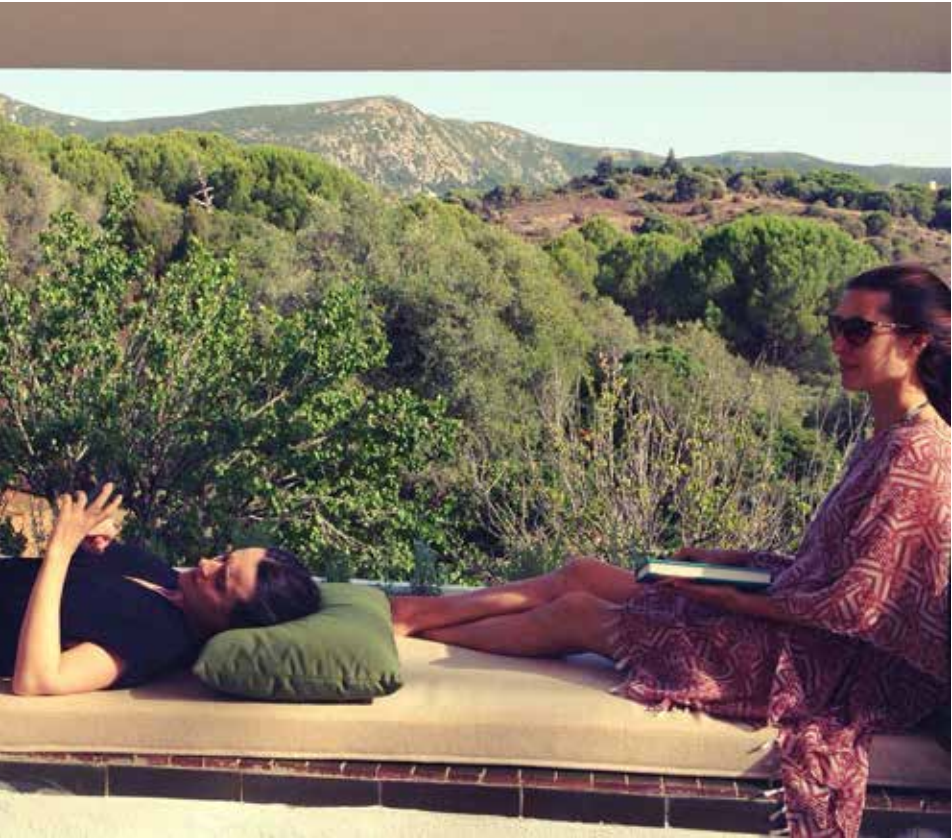
DK – Nunca vivi lá a tempo inteiro — tenho trabalho e filhas na escola em Lisboa. Mas íamos quase todos os fins-de-semana e férias. Durante a pandemia de Covid, e quando não podíamos sair de Lisboa, salvo raras exceções, eu arriscava sair de Lisboa e ficava lá com as minhas filhas. Ficámos na casa durante os meses mais intensos da pandemia. O maior problema era a internet — e ao mesmo tempo isso também foi uma vantagem e uma coisa positiva. Agora continuamos a não ter televisão (vemos filmes pontualmente). A casa cria uma vivência “analógica”: joga-se, conversa-se, lê-se. E com crianças e adolescentes isso é muito importante. Eu sou rígida nisso: na minha casa, não é para estar fechados no quarto ao telemóvel. Há regras.

JA – A casa e a envolvente sugerem outro modo de estar e de habitar?

DK – Sim. E isso hoje é um valor.

LK – Há alguma parte da casa que usa mais?

DK – A casa é muito prática: quartos pequenos para dormir, sala para estar, e a vida acontece entre cozinha, sala e alpendre/terraço. A cozinha é pequena, mas está ligada ao espaço social: toda a gente passa por lá, vai buscar coisas, volta para fora. Há um fluxo natural — um movimento bonito. No verão e na primavera vive-se muito fora. No inverno vou menos, porque a casa não tem qualquer sistema de aquecimento e nessa altura sente-se frio.



LK – Esse uso vem da arquitetura da casa ou do modo como a Daniela a vive?

DK – A arquitetura ajuda muito: a relação direta entre zonas de estar e exterior, e a forma como as “utilidades” (cozinha, casa de banho) servem a vida exterior.

JL – Qual é o sítio da casa onde gosta mais de estar?

DK – É difícil escolher. Há vários momentos: o alpendre com os bancos, o som da natureza, ver animais (raposas e javalis), a noite com lua, estrelas e pirâmpos — é mágico. Dentro, gosto muito da zona de estar pela relação interior–paisagem. As estações mudam tudo: cheiros, sons, cor da serra. Na meia-estação há contrastes incríveis: às vezes estamos na piscina e depois, quando se entra, sente-se o interior como abrigo.

JL – Em que momento do dia sente mais mudanças no uso da casa e na sua relação com o exterior?

DK – Depende do dia, da época e de mim. Mas a casa dá-me paz. E dá-me uma coisa rara: desconexão.

JA – Como nomeia o terreno que se situa na cota inferior à casa? Pomar? Clareira?

DK – Eu digo “o terreno”. Não tenho um nome fixo. Uso-o muito: passeio, colho coisas para cozinhar.

Há amendoeiras, pereiras, laranjeiras, limoeiros, figueiras, ervas (orégãos e outras). Plantei mais árvores — muitas não resistiram, algumas sobreviveram e vão crescendo. Há também uma zona onde um senhor que toma conta do terreno coloca colmeias para fazer mel e uma clareira.

JA – Como imagina esta casa no futuro?

DK – O meu desejo é que ela se mantenha como está, com o mínimo necessário para conservar. Que continue a ser vivida como um lugar de paz e proteção. Estamos num tempo difícil (guerras, crise climática, instabilidade) e esta casa é um lugar de acolhimento — um lugar que “recebe”. Quero que mantenha a sua essência: a energia, o silêncio, o isolamento saudável. Se houver muitas casas à volta, a experiência muda completamente.

JL – A casa já é “fora de rede” por natureza, visto que não tem conexão nem com a rede elétrica, nem com o sistema de abastecimento de água municipal.

DK – Sim. E isso é uma qualidade. Por isso ainda hesito em pôr painéis solares: por um lado dá autonomia, por outro acrescenta camadas e manutenção. Mas a autonomia pode ser importante — sobretudo se houver crises prolongadas.

LK– O tanque de água é um furo?

DK – O furo é profundo (cerca de 100 metros) e vai buscar água subterrânea. Tem também um poço mais antigo; tem água, mas não o uso neste momento. Mandeí fechar por segurança.

JA – A casa, anexo e piscina foram construídos ao mesmo tempo?

DK – Não tenho a certeza. A piscina pode ter sido depois.

JA – E o anexo que está junto à casa foi construído ao mesmo tempo que a casa?

DK – Essa informação também não a tenho. No anexo há zonas de arrumos e uma zona quase autónoma, com lareira e kitchenette. Falta sobretudo organizar, tirar tralha, pôr cama e iluminação. Fizemos uma alteração importante: uma janela grande virada para a vista da serra.

JA – O que é que esta casa pode ensinar a estudantes de Arquitetura?

DK – Ensina muito: perceber casas feitas há 50 anos com conceito, contexto, raciocínio e materiais simples — madeira, azulejo, reboco branco, telha, cerâmica — materiais correntes que, bem usados, fazem um lugar único. Para mim, esta casa é mais do que uma casa: é uma obra de arte. E a arquitetura é uma profissão muito subvalorizada, porque o trabalho vai muito além do projeto: envolve obra, equipas, execução, detalhe — e hoje é cada vez mais difícil encontrar mão-de-obra qualificada. E há ainda a relação com o cliente — manter autoria e coerência de um projeto do princípio ao fim é difícil.

JA – Pensa que é possível um arquiteto fazer obra relevante sem acompanhar os discursos artísticos e a cultura do seu tempo?

DK – A arquitetura, arte, filosofia, design — tudo está ligado. E hoje há temas que as novas gerações têm de enfrentar: clima, sustentabilidade, biodiversidade, cidadania, diversidade, comunidades. Acho fundamental ter uma causa. Na arte é igual. Sem causa não há fio condutor. Digo isso às minhas filhas: cada um tem de encontrar uma causa — seja qual for — e defendê-la.





José Adrião (JA) - A Casa do Val de Pereiro na Arrábida, foi tema de investigação e Projeto de Semestre no ateliê que o Ricardo Carvalho e eu lecionamos no Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa aos Alunos do terceiro ano. Tivemos, desde o início da investigação, interesse no projeto original da casa que foi desenhada pelo seu pai, o arquiteto Luís Vassalo Rosa, para a sua família. Lembra-se da altura em que o seu pai estava a fazer o projeto? Quais foram os motivos que levaram a sua família a escolher a Arrábida e aquele terreno para fazer uma casa de fim de semana?

João Vassalo Rosa (JVR) - Nós começámos a frequentar a Arrábida porque os meus pais tinham amigos — um casal com quatro filhos — e, durante muitos anos, dávamo-nos muito uns com os outros: os meus pais com os pais deles, e eu e o meu irmão com os quatro filhos deles (dois eram mais ou menos da nossa idade). Em Lisboa vivíamos no Restelo e esses amigos dos meus pais também e tornámo-nos muito próximos. A quinta dos amigos dos meus pais era uma pequena quinta (uns quatro hectares e meio, se não me engano), com vacaria e animais — tinha vacas, cavalos... E foi ali que nós passámos a vida, em miúdos, todos os fins-de-semana. A razão de ser da casa tem muito a ver com isso: nós passávamos os fins-de-semana todos na quinta dos nossos amigos. Era uma relação muito próxima, não é uma coisa comum — uma família receber outra família todos os fins-de-semana — mas ali acontecia. Depois a quinta dos nossos amigos foi assolada por várias tragédias. Nessa altura anos antes do 25 de abril e anos depois, havia uma quadrilha de assaltantes, algo perigosos, que assaltava casas no meio da serra. Havia um indivíduo que era o chefe e tinha mais três ou quatro com ele. Era preso pela GNR, saía e voltava para ali. Viviam no mato e iam assaltando as casas. A nossa casa, por exemplo, foi assaltada três ou quatro vezes. Nunca levaram nada de especial: umas garrafas de whisky que os meus pais tinham... Entravam sempre pelo mesmo sítio — por cima, junto à zona onde hoje está a botija do gás cá fora — e entravam pela casa de banho, por uma janela/porta. A casa, inicialmente, não tinha aquelas barras de ferro; depois é que foram colocadas por causa disso. Mas não foi só a nossa, era assim em muitas casas. Na quinta dos amigos dos meus pais havia um caseiro, um senhor de Azeitão, já com idade. Eles tinham vacas (havia leite), cavalos... Nós aprendemos todos a andar a cavalo. Aquilo era uma festa: bicicletas e cavalos, fins-de-semana inteiros.

Houve um dia em que esse caseiro teve uma altercação com o tal indivíduo da quadrilha. O homem abordou-o quando ele vinha com a carroça. O caseiro era um tipo “à antiga” e respondeu-lhe. O outro tentou dar-lhe um tiro, mas a caçadeira encravou; acabou por lhe dar uma coronhada, deixou-o mal e cego. Depois, passado algum tempo — não sei se por vingança — pegaram fogo à casa dessa quinta onde nós íamos sempre. Era uma casa rústica, com um grande salão, e tinha uma grande viga metálica a correr o comprimento todo. Com o calor, a viga deformou-se e a casa veio abaixo. Esse indivíduo acabou por ser morto pela GNR, anos depois, porque ameaçava e dizia que matava quem aparecesse. Foi um terror durante alguns anos. No caso da quinta dos nossos amigos, a casa foi destruída e isso acabou com a possibilidade de muita gente usufruir daquele lugar, que era muito aberto. Por os meus pais gostarem tanto do sítio irmos tantas vezes tornou-se natural que os meus pais, poucos anos antes do 25 de abril, se interessassem também por comprar um terreno que estava ao lado.

Daniela Krtsch (DK) - Quando se acede a minha casa pela estrada, atualmente, há um caminho que acaba na minha casa. O caminho antes continuava?

JVR - Continuava, sim. Nós, em novos, muitas vezes vínhamos por um lado e outras vezes por outro. Havia uma rampa muito inclinada, perigosa para carros, mas havia também um trajeto menos inclinado, que hoje quase desapareceu. Com o tempo ficou intransitável. Mais tarde, um vizinho pôs um portão junto à entrada e fechou a passagem. O meu pai contou-me que isso era ilegal, porque a estrada era pública e foi fechada sem autorização. Ao mesmo tempo, ele dizia que, “por um lado”, até não era mau, porque passavam motas e havia sempre gente a atravessar. O outro caminho foi ficando cada vez pior e, quando o portão foi colocado, aquilo deixou de ser acessível pelo outro lado. Havia ainda um caminho que vinha por um moinho abandonado e ia dar ao fundo, para o lado de Azeitão.

JA - A Ponte 25 de Abril foi inaugurada em 1966 e o sul tornou-se muito mais

acessível. Há um interesse por um determinado grupo de pessoas e de famílias que vão para a Arrábida nessa época, muitas ligadas às artes e à cultura. Por exemplo: o arquiteto Francisco Silva Dias, o arquiteto Maurício Vasconcelos, o arquiteto Gravata Filipe em Vila Nogueira de Azeitão, o pintor Manuel Amado. Tem essa perceção? Pensa que houve essa “movimentação”?

JVR - Não lhe sei dizer com certeza. No caso dos meus pais, a razão foi a que vos expliquei antes. Mas o grupo dos meus pais e desses amigos era grande e incluía arquitectos e artistas: o Manuel Medeiros, o Maurício Vasconcelos, o arquiteto Carlos Duarte, a Carlota (mulher de Carlos Duarte)... Havia também pessoas ligadas às artes e à arquitetura. A origem do grupo juntar-se ali era muito concreta: todos iam para a casa desses amigos. Mais tarde, o Maurício Vasconcelos fez uma casa ali também; provavelmente nasceu dessa vivência de anos. Havia também outras pessoas: recordo-me do Francisco Figueira; a Leonor (mulher do Francisco) ainda hoje é próxima da minha mãe. E havia um pintor do Algarve.

JA - E a compra do terreno e o projeto do seu pai, lembra-se como aconteceu?

JVR - A minha mãe conta que foi ela que deu o sinal para o terreno. O meu pai estava na Guiné, na altura. Quem comprou inicialmente o terreno foi a minha mãe, em conjunto com um colega do meu pai, engenheiro, o Simões Coelho (morava perto do ateliê do meu pai). Entretanto, o Simões Coelho perdeu o interesse e os meus pais compraram a parte dele. A casa começou a ser construída. O que eu sei é que ficou pronta no ano seguinte ao 25 de Abril. Quando aconteceu o 25 de Abril, o “grosso” da obra já estava feito e depois foi acabada no ano seguinte. Não me lembro se chegou a estar parada alguns meses ou não. Depois, nós, enquanto miúdos, pouco vivemos a casa, porque os meus pais separaram-se quando eu tinha 13 anos (nasci em 1963; portanto, foi por volta de 1976). A casa ficou pronta e pouco tempo depois eles separaram-se e cada um seguiu a sua vida.

JA - Pensa que o o pós-25 de Abril foi um período turbulento também a nível social?

JVR - Sim, foi um período de mudança rápida, também ao nível comportamental, o que em alguns casos se refletiu na estabilidade familiar. O meu pai decidiu viver com uma nova pessoa com quem viveu até ao fim da vida e com quem tinha uma diferença de idade grande. — era arquiteta paisagista, trabalhava no ateliê dele.

DK - Em relação às fotografias que trouxe do álbum da sua mãe, percebe-se que são de uma fase em que o seu pai já não está presente. As fotografias apresentam uma forma muito informal de viver a casa.

JVR - Sim. Existem algumas fotografias só da casa acabada de fazer e depois há fotografias da década de oitenta do grupo de amigos da minha mãe a utilizar a casa de uma forma muito descontraída.





DK – É muito interessante perceber como a casa era utilizada antes de eu a ter comprado. É bonito ver como uma casa tem diferentes vidas: Espaços por onde passam pessoas e acontecem histórias que ficaram registadas como memória nestas imagens.

JVR - Sim. No entanto houve alturas em que a casa teve pouco uso, mesmo aos fins de semana. A mulher do meu pai tinha uma casa de família em Salvaterra de Magos e começaram a ir mais para lá. A minha mãe também passou a ir menos à Arrábida. Houve períodos em que a casa passava fechada durante meses. Havia, no entanto, uma pessoa de confiança — o senhor João — que tratava do terreno e da casa. Era ele que mantinha aquilo. Eu sei onde ele vivia, ali numa quinta perto, e foi ele que acompanhou muitas coisas. (A Daniela também o conhece: foi ele que abriu a casa quando a mãe lha mostrou, e é o mesmo que trata de problemas elétricos e fez o furo, etc.) Outra coisa curiosa: nos primeiros anos, a casa não tinha eletricidade. Funcionou quatro ou cinco anos com candeeiros de petróleo (acho que ainda lá existem). Depois veio a ligação à rede elétrica. Também havia umas palmeiras: havia duas muito grandes, mas apanharam o escaravelho (o “bicho”) e morreram — isso foi há cerca de 20 anos, início dos anos 2000.



JA - Em relação ao projeto da casa: lembra-se de referências, de arquitetos de que o seu pai tivesse como referências principais? Tinha revistas de arquitetura? Gostava de viajar?

JVR - O meu pai viajava, sim, mas a grande paixão dele era o urbanismo. O grosso do fim da vida foi dedicado mais ao urbanismo do que à arquitetura, embora tenha feito arquitetura sempre. Ele teve muitos projetos em Torres Novas (por razões familiares). Teve um cliente importante — uns senhores com uma empresa de camionagem, que se chamava Claras, com alguma escala nacional — e fez vários trabalhos para eles inclusivamente a Central de Camionetas de Torres Novas. Fez também a esquadra da polícia na mesma cidade. Fez moradias e colaborou na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa (com o Nuno Portas e o Nuno Teotónio Pereira), inaugurada em 1970 e que teve o Prémio Valmor em 1975. Mais tarde, trabalhou no Estado (no antigo Fundo de Fomento da Habitação) e ficou ligado a várias coisas; também estive como consultor em projetos grandes (Centro Cultural de Belém, etc.).

JA - Voltando à casa do Val do Pereiro na Arrábida, os seus espaços interiores são muito particulares: planos a diferentes cotas em raumplan, aquele espaço central com claraboias, ... de onde acha que vem isso?

JVR - Os meus pais, logo depois de casar, viveram cerca de um ano e meio na Índia. Foram para lá já com o meu pai arquiteto, a trabalhar para o Estado. A minha mãe era professora de desenho e foi lá que começou a dar aulas. Depois, quando “perdemos a Índia”, voltaram de um dia para o outro — ficou lá muito do que tinham, até dinheiro que o meu pai tinha ganho. Eram muito jovens. Estavam no início dos vinte. A minha mãe ficou fascinada pela Índia e voltou lá três ou quatro vezes ao longo da vida. Gostava muito de ir aos mercados, às coisas, aos objetos. Pode ter influenciado referências, sim.

JA - O pavimento em mosaico vidrado verde confere também um caráter especial à casa.

JVR - A minha mãe disse-me que foi o meu pai que escolheu o pavimento. Lembro-me de ele dizer que mandou fazer aquilo à medida, numa empresa talvez para a zona de Leiria (não tenho a certeza exata).

DK - E a claraboia... dá uma vida enorme à casa. O “coração” da casa é aquela zona central, entre a sala e a zona de comer.

JVR - Sim, era realmente o coração da casa. A única coisa de que a minha mãe se queixava era a cozinha: dizia sempre que o teu pai “falhou” na cozinha, porque é muito pequena. Para quatro pessoas funciona; para almoços de 30 ou 40 pessoas, não dá. Lembro-me de ela dizer que tinha uma bancada minúscula para cozinhar para tanta gente.

DK - Eu mudei isso. Foi quase a única coisa que mudei. Fiz a bancada maior e mais alta, mas a cozinha continua no mesmo sítio. E o frigorífico continua na entrada, além do da cozinha, por causa das compras e de ter muita gente.

JVR - A casa foi logo pensada para poder ter uma informalidade de uso. Não era uma casa para “estar no sofá”: tinha uma bancada que funcionava como sofá e almofadas no chão. A casa praticamente não tinha móveis. E vê-se nas fotografias: uns estão de biquíni, outros vestidos, uns descalços... é uma vivência muito descontraída. No projeto original não havia o anexo, nem a piscina. Só passado um ano ou dois é que fizeram o anexo. E a piscina, inicialmente, era metade do tamanho. Só mais tarde decidiram ampliá-la, porque a água do poço não chegava; no verão o poço secava. Fizeram um furo e depois ampliaram a piscina. O anexo na parte de trás acabou por virar um pequeno “apartamento” /estúdio para nós, os miúdos, podermos estar mais à parte.

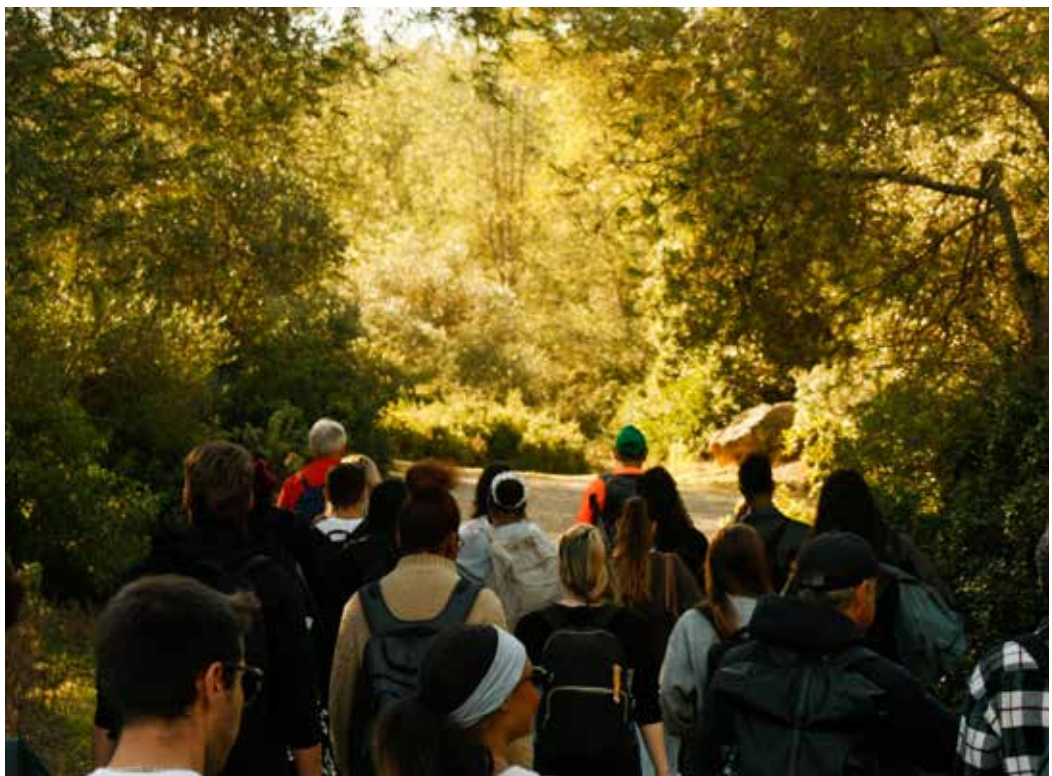
DK - Quando eu comprei, havia uma faixa pintada a azul (por vontade da sua mãe), mas não fazia sentido com o resto e eu retomei a ideia de casa totalmente branca.

JA - Estamos quase a acabar. Só queria mesmo perceber se o seu pai falava de algum arquiteto em particular.

JVR - Não me lembro de ele falar muito, mas lembro-me de ele falar do Frank Lloyd Wright.



ARRÁBIDA









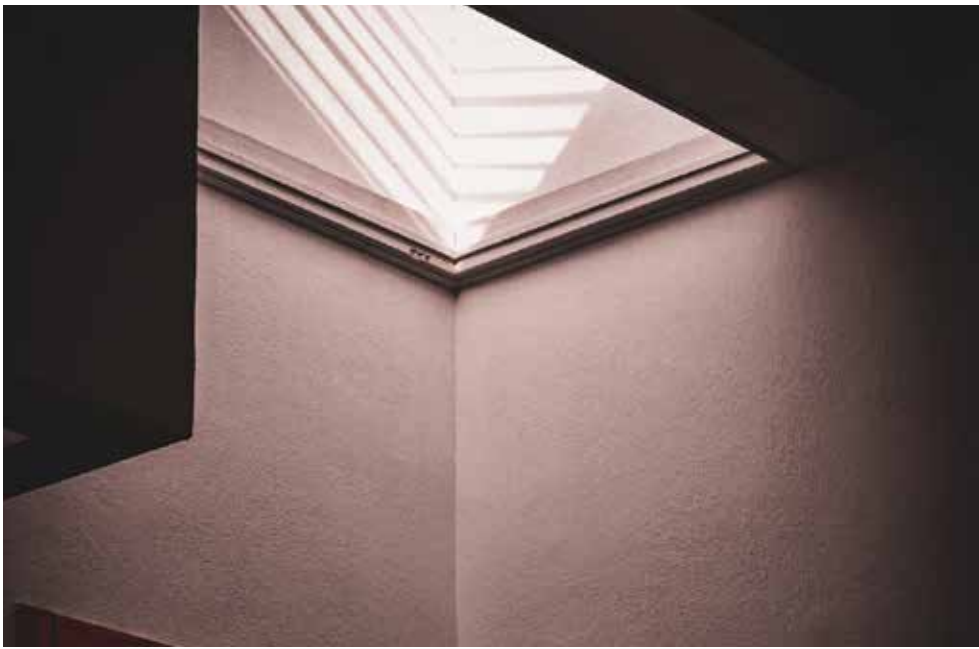
VALE DO PEREIRO













ESTUDO DE CASOS

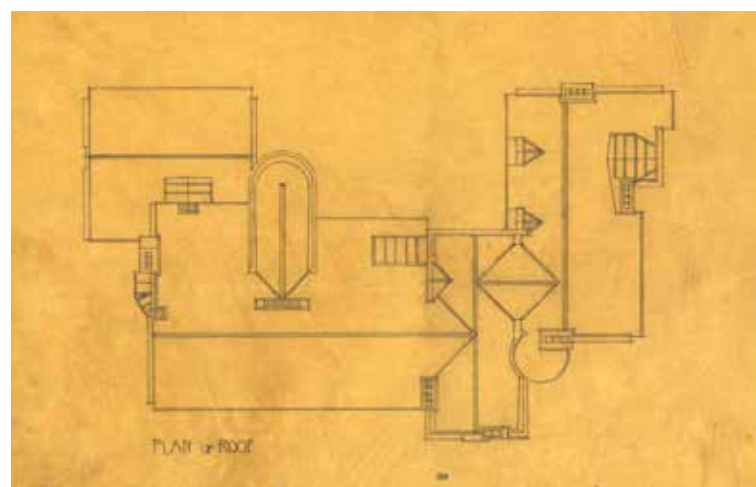
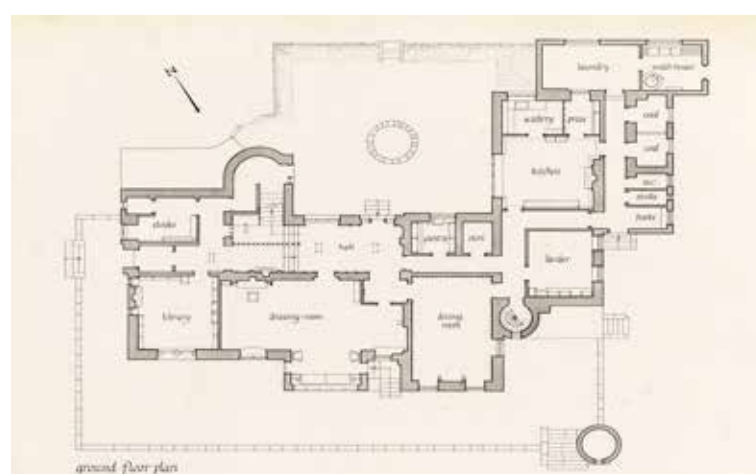
Hill House

Charles Rennie Mackintosh and Margaret McDonald, Helensburg, Escócia, Reino Unido, 1902-1904



A Casa Hill, projetada por Charles Rennie Mackintosh entre 1902 e 1904 em Helensburgh, Escócia, é considerada uma das obras domésticas mais importantes do século XX. Encomendada por Walter Blackie, a casa reflete uma abordagem inovadora “de dentro para fora”, em que Mackintosh estudou os hábitos da família antes de desenhar. O exterior é austero e cinzento, com revestimento áspero e telhado de ardósia, marcado pela assimetria volumétrica e pela variedade de janelas dispostas sem ordem aparente, mas com rigor estudado. A ausência de ornamentos reforça a sobriedade, enquanto detalhes como as chaminés e a pequena janela do quarto principal criam singularidade. No interior, em contraste, os espaços são luminosos, delicados e estilizados, com forte colaboração de Margaret Macdonald Mackintosh na decoração e nos painéis artísticos. Destacam-se a sala de estar branca e ampla, o quarto principal com motivos de rosas e a escadaria em torreão com balaustrada leve. A casa foi habitada pela família Blackie até 1953 e, após mudanças de propriedade, passou para o National Trust for Scotland em 1982, transformando-se em museu. Sofreu problemas estruturais devido à infiltração de água, levando à construção da

estrutura protetora “The Box” em 2019, que permite a secagem gradual da alvenaria. O conjunto inclui ainda muros, portões e anexos como a casa de jardineiro e um pequeno barracão cilíndrico. A Hill House permanece como um ícone da arquitetura moderna, unindo austeridade exterior e poesia interior numa visão única de habitação.

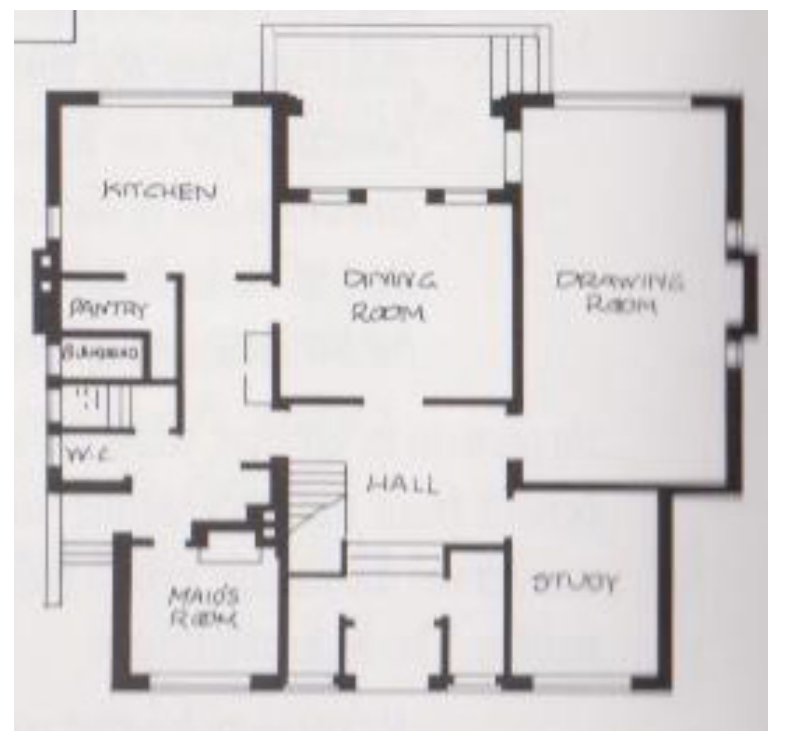


CASA EM NORTHAMPTON
Peter Behrens, Northamptonshire, Reino Unido, 1926



A Casa situa-se em Northampton, Reino Unido. New Ways, foi encomendada por Wenman Joseph Bassett-Lowke, um cliente empresário ligado a modelos industriais e design técnico. Projetada em 1926 pelo arquiteto Peter Behrens, é considerada uma das primeiras casas modernas do Reino Unido, representando uma transição da arquitetura tradicional para a modernidade. A casa apresenta volume retilíneo, planos lisos e ornamentação clássica, o que assinala a mudança para uma linguagem da "nova objetividade". As superfícies são predominantemente brancas, enfatizando a clareza, a luz e o volume. O plano e a elevação revelam uma forte ênfase na horizontalidade, bem como na interligação dos espaços interiores e exteriores. O edifício aposta em volumes prismáticos e cobertura plana. A linguagem formal demonstra que Behrens já estava a trabalhar com concepções arquitetónicas modernas. Representa o ponto em que Behrens aplica os princípios de racionalização, clareza formal e funcionalismo à arquitetura residencial.

A casa marca a disseminação das ideias modernas fora da Alemanha, adaptando-se ao contexto britânico. Isso torna New Ways em um edifício simbólico para a história da arquitetura moderna no Reino Unido. Através da mesma, pode-se observar como um arquiteto industrialmente orientado aplicou os princípios da máquina de habitar.

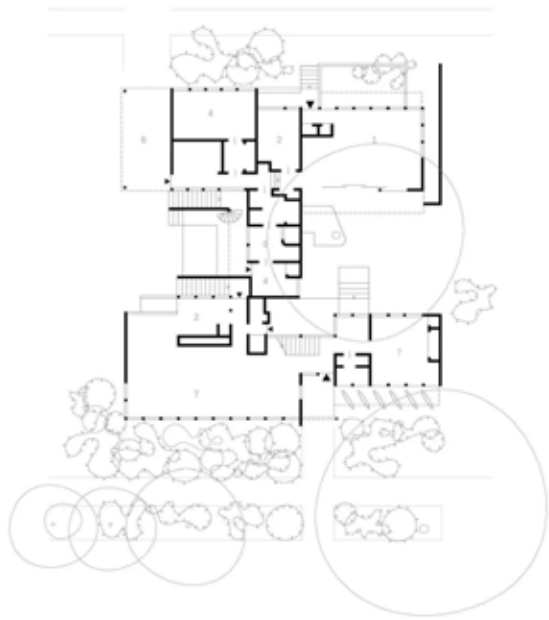


CASA VAN DER LEEUW RESEARCH HOUSE
Richard Neutra, Silverlake, Los Angeles, 1932-1933/1964



As Casas VDL I e VDL II de Richard Neutra representam por um lado, manifestações bem sucedidas da sua perspectiva arquitetônica e por outro, dão oportunidades para conhecer os hábitos de vida e as personalidades da família Neutra. Por intermédio da casa, Neutra investigou uma série de questões: Como comunica um arquiteto, o seu etos (hábitos e costumes) profissional de um modo estético-formal.A solução de Neutra mostra como se pode condensar a construção urbanística; como fins potencialmente não conciliáveis se podem juntar e pôr em camadas num prédio habitacional ou de escritórios e como a força vital humana é fortalecida através de uma vida em união com a natureza. Trinta anos após a sua construção (1963), a casa para investigação de materiais de construção e de disposição espacial ardeu por completo. A VDL II, nasceu em 1966 sobre uma planta antiga mas, de forma alterada. Como Neutra não tinha meios para pagar uma construção em aço, querendo no entanto, obter o efeito das janelas em banda ininterrupta, usou em vez dos habituais caixilhos de perfil estreito, pilares mais largos fresados em madeira, nos quais colocou janelas de aço aos pares. Os pares de janelas acabaram por ditar a retícula unívoca de 1m, que se tornou standard em muitas casas de Neutra. No andar de cima, instalou na mesma grelha vidros maiores fixos, vigas de betão pré-fabricadas e

placas suspensas constituíam soalhos a prova de fogo, que inesperadamente revelaram ser uma dádiva.

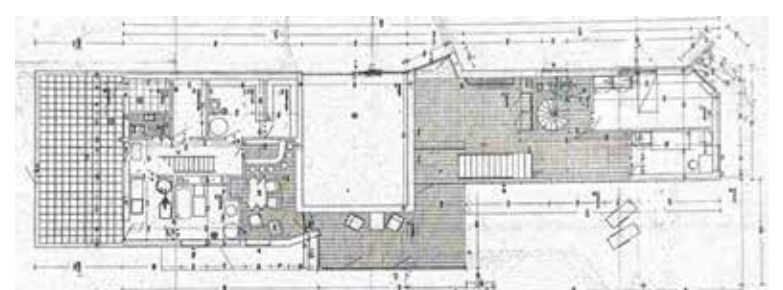
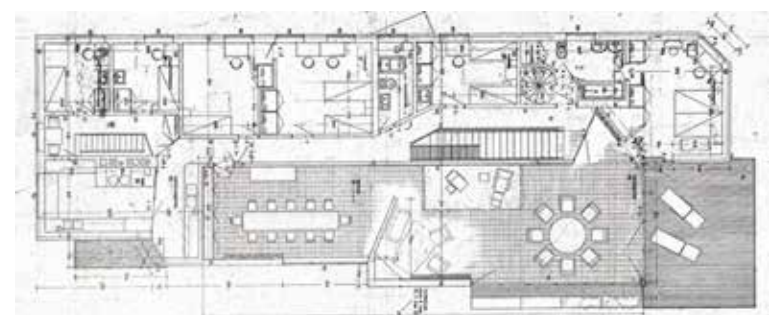
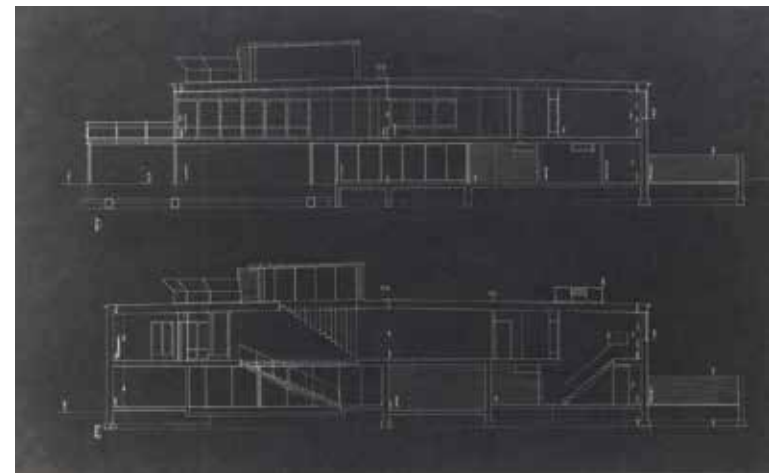




Fonte: Coleção Sigurd Lewerentz; ArkDes Estocolmo

A Villa Edstrand é uma casa de verão unifamiliar em Falsterbo, projetada pelo arquiteto Sigurd Lewerentz. Em 1933, Sigurd Lewerentz foi contratado pelo casal Oda e Knut Edstrand para projetar uma casa de férias em Falsterbo. A casa foi concluída em 1937 após uma longa e intensa discussão sobre o projeto entre o cliente e o arquiteto. O piso térreo inclui a entrada, a sala dos proprietários, o bar, quartos de hóspedes, a garagem (elemento pouco comum na época, simbolizando modernidade e conforto), a lavandaria e outros espaços de apoio. Trata-se de uma zona predominantemente social. O piso superior, que é o piso principal, funciona como área privada, composta por uma sala de jantar, quatro quartos, cozinha e sala de estar, que se prolonga para uma ampla varanda suspensa por pilares. A casa é composta por volumes sobrepostos, onde lajes e prismas se articulam de forma a criar terraços cobertos e zonas sombreadas. Essa composição permite múltiplos pontos de contacto com o exterior e uma leitura horizontal do edifício, em diálogo com a topografia e a vista marítima. A escada interior que liga o piso superior à

cobertura é um dos elementos mais emblemáticos da Villa Edstrand. Feita em aço, apresenta um desenho leve, com degraus suspensos e corrimão de corda náutica, evocando uma estética marítima e o caráter sutil e artesanal da obra. Inserida no funcionalismo nórdico, a casa destaca-se pelo uso expressivo do tijolo aparente, o tom quente do tijolo contrasta com a luz fria de Falsterbo, criando abrigo e intimidade. Para além do tijolo, temos a madeira, que traz conforto e naturalidade; o vidro, que garante transparência e ligação com o exterior; e o metal, que reforça a precisão e o cuidado no detalhe.



Villa Shodhan

Le corbusier, Ahmedabad, Índia, 1951-1956



A Villa Shodhan, projetada por Le Corbusier entre 1951 e 1956 em Ahmedabad, na Índia, é uma casa que reflete uma nova forma de habitar, adaptada ao clima tropical e aos costumes locais. Inicialmente encomendada por Surottam Hutheesing, foi construída por Shiamubhai Shodhan, que manteve o projeto original, mesmo com a mudança de terreno e de programa.

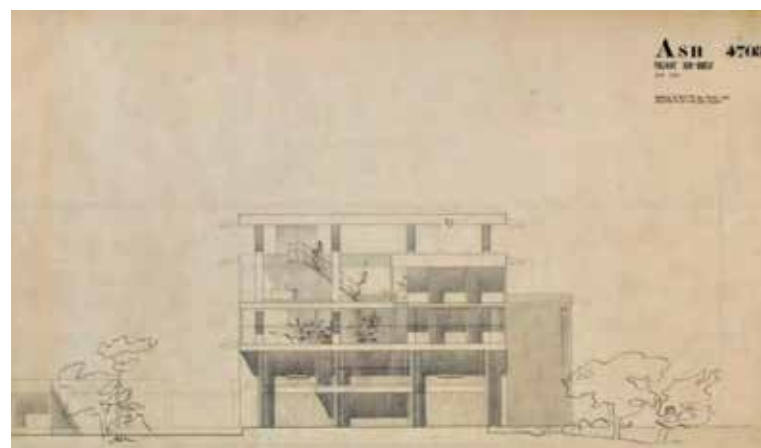
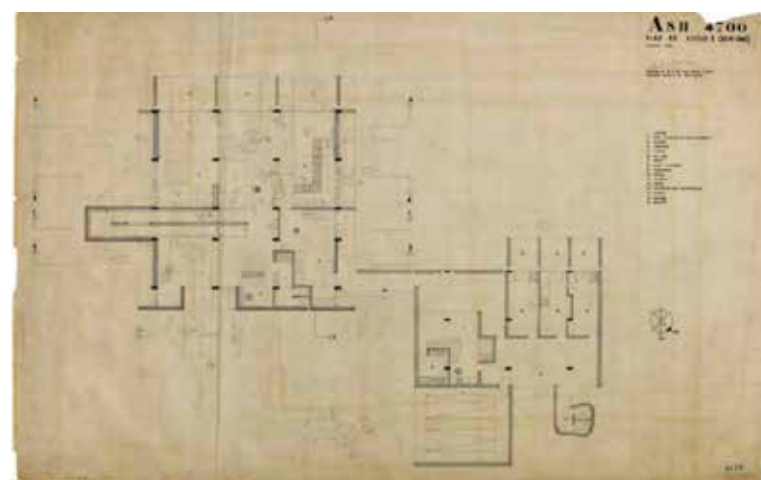
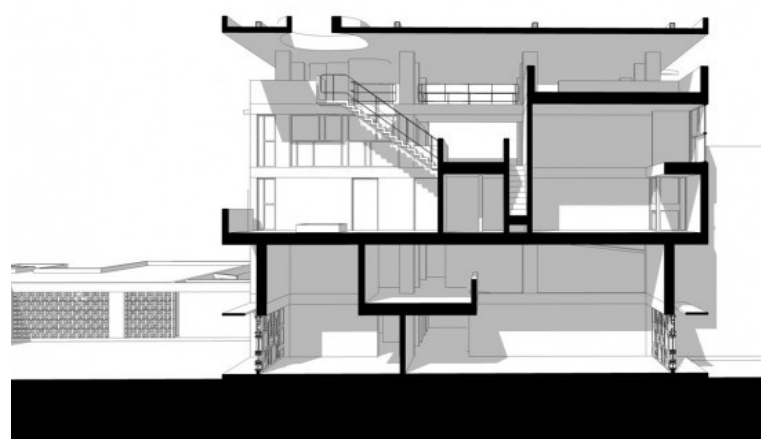
O modo de habitar é pensado a partir da relação entre Arquitetura, Clima e Cultura. Le Corbusier organizou a casa como três unidades independentes, com dormitórios concebidos como células privadas, permitindo autonomia dentro da vida familiar. A separação entre moradores e pessoal de serviço, com volumes distintos, reflete o estatuto social e os hábitos indianos. A circulação é marcada por uma rampa que liga os espaços públicos e privados, criando uma promenade arquitetônica, com escadas e plataformas que geram múltiplas vistas e experiências espaciais. O átrio de entrada com pé direito duplo reforça a ideia de prestígio e acolhimento e também reflete a cultura indiana.

A casa responde ao clima extremo de Ahmedabad com soluções bioclimáticas integradas no modo de habitar: o

teto guarda-sol cria sombra e abriga um jardim suspenso que refresca naturalmente os espaços; os brise-soleil filtram a luz e permitem a ventilação cruzada; o terraço central de tripla altura funciona como chaminé térmica, promovendo o fluxo de ar; e as vèrandahs (varandas) permitem dormir ao ar livre nas noites quentes, respeitando os costumes locais.

A estrutura em betão segue o sistema Dom-ino, com acabamentos em betón brut (betão aparente). O uso de cores vivas no interior cria ambientes expressivos e confortáveis, onde a luz e a sombra são elementos ativos do espaço.

A Villa Shodhan é uma síntese entre modernismo e tradição, onde o modo de habitar é moldado pela cultura, pelo clima e pela busca de uma nova identidade arquitetônica para a Índia independente.





A Casa Wiley 1953, de Philip Johnson, em New cannan, é uma síntese do modernismo Americano. Organiza-se em dois volumes contrastantes: uma base em pedra que se integra na topografia e um piso superior, com amplas superfícies envidraçadas subdivididas por vigas em aço. A casa explora a tensão entre o peso e leveza, opaciade e transparência, num equilíbrio entre o clássico e o moderno. Os espaços interiores desenvolvem-se num plano livre, com forte relação visual com a paisagem. A casa é um exemplo claro da busca do arquiteto por uma arquitetura que integrasse o interior com o exterior além de explorar uma estética de simplicidade, influenciada pela glass house. Podemos perceber que a wiley house pode ser vista como uma versão mais íntima e adaptada da glass house, com o mesmo conceito de espaços amplos, abertos e a presença de vidro como material principal. A casa tem uma clara separação entre os espaços comuns e os espaços privados, onde num primeiro volume temos a sala principal e num segundo volume os quartos e as respetivas casas de banho.

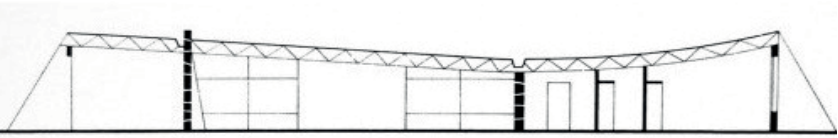
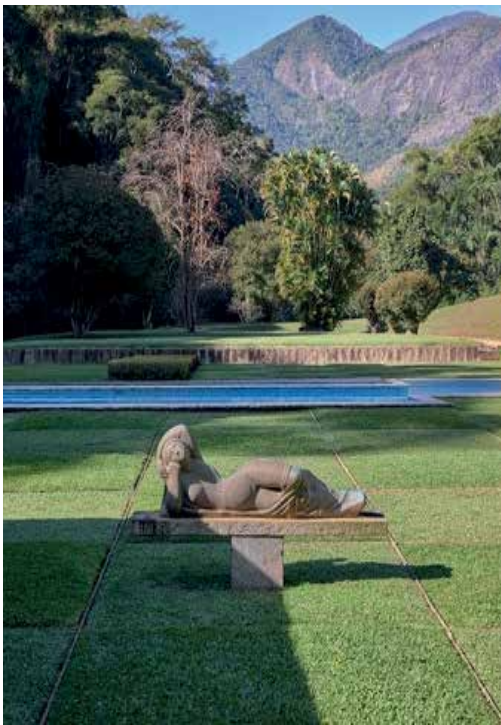
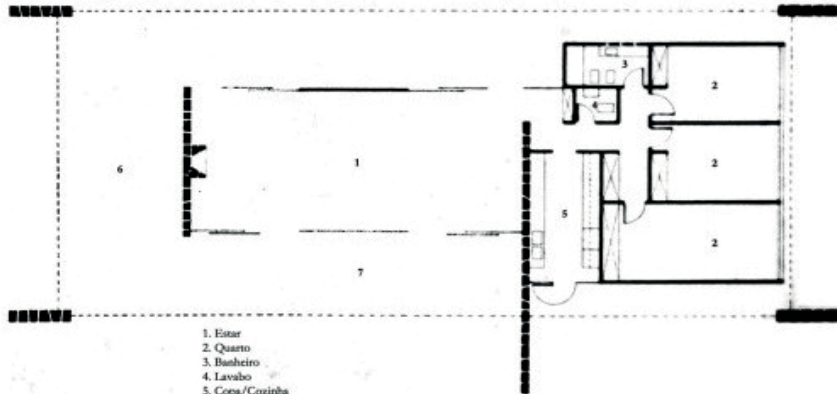


CASA E JARDIM CAVANELAS
Óscar Niemeyer, Roberto Burl Max, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1954.



A Casa e Jardim Cavanelas, situada em Petrópolis, no Brasil, é um dos projectos mais emblemáticos da colaboração entre o arquitecto Oscar Niemeyer e o paisagista Roberto Burle Marx. Construída na década de 1950, esta obra representa de forma exemplar os ideais da arquitectura moderna brasileira, marcada pela busca da harmonia entre o espaço construído e o ambiente natural. O projecto revela a capacidade de Niemeyer e Burle Marx em criar uma síntese entre arte, técnica e natureza, transformando o espaço habitado num verdadeiro cenário de integração e contemplação. A casa distingue-se pelas suas formas orgânicas e curvas suaves, características do traço inconfundível de Niemeyer, que procurava sempre valorizar a beleza das linhas livres e o diálogo entre a arquitectura e a paisagem. O edifício foi implantado de modo a acompanhar o relevo montanhoso de Petrópolis, evitando grandes cortes no terreno e permitindo uma relação fluida entre interior e exterior. O uso do betão armado, material que marcou profundamente o movimento moderno, possibilitou a criação de espaços amplos, leves e abertos,

com uma estrutura que parece desafiar a gravidade. O jardim, concebido por Roberto Burle Marx, complementa a arquitectura através de uma cuidadosa composição de formas, cores e texturas vegetais. O paisagista utilizou sobretudo espécies tropicais e nativas do Brasil, valorizando a biodiversidade local e demonstrando um profundo conhecimento da botânica e da estética natural. Cada elemento do jardim foi pensado para estabelecer um diálogo com a arquitectura, realçando as curvas da casa e criando transições suaves entre os espaços pavimentados e a vegetação. Assim, o jardim não é apenas um enquadramento visual, mas uma parte essencial da experiência arquitectónica e sensorial da Casa Cavanelas.



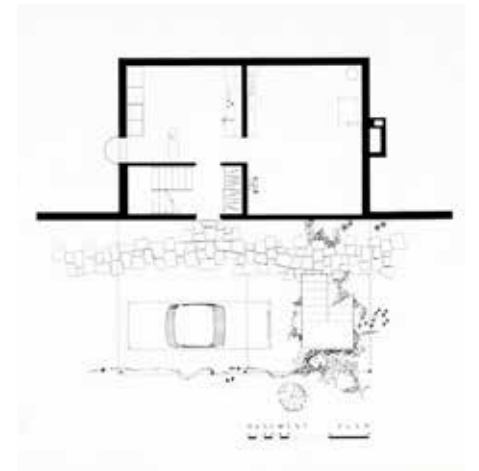
CASA TIVADAR E DOROTHY BALOGH
Tivadar Balogh, Plymouth, Michigan, EUA, 1958-1959



© Dwell

A Casa Tivadar e Dorothy Balogh é um exemplo único de arquitetura residencial moderna, projetada pelo arquiteto Tivadar Balogh para si próprio e para a sua esposa. Concebida em 1957 e construída entre 1958 e 1959, a Casa Balogh é uma estrutura de três pisos, com vigas de madeira, estrutura de aço e cobertura plana. Foi construída num terreno arborizado na zona rural de Plymouth, integrando-se harmoniosamente na paisagem. De volumetria cúbica simples, estrutura mista em madeira e aço e cobertura plana, a habitação desenvolve-se em três pisos, adaptando-se à topografia inclinada. A parte norte assenta sobre blocos de betão, enquanto a sul está suportada sobre colunas metálicas, criando a sensação de que a casa flutua sobre a paisagem. O acesso principal é marcado por um pátio vertical e uma escada suspensa apoiada num pilar central de tijolo. O revestimento em tábuas verticais de sequoia vermelha e a ausência de ornamentação reforçam a simplicidade e a continuidade entre interior e exterior. O rés-do-chão contém a zona técnica e o escritório do arquiteto, com entrada independente.

O primeiro piso contém as áreas sociais e o segundo piso a zona privada, com uma escada central em madeira iluminada por uma claraboia. As fachadas possuem diferentes expressões uma vez que a de noroeste é mais fechada e monolítica, a de sudeste integra a chaminé e uma parede semi-transparente em ripas verticais, e a sudoeste, voltada para o acesso, é a mais aberta, com dois pisos envidraçados, varandas sobrepostas e o pátio de entrada. Ao longo dos anos a casa sofreu algumas alterações, projetadas pelo próprio arquiteto, mantendo sempre a essência e os materiais originais da casa.



CASA MCCANDLISH

Paul Rudolph, Cambridge, Massachusetts, EUA, 1958



© The Paul Rudolph Institute for Modern Architecture

Paul Rudolph foi um arquiteto americano, conhecido por ter projetos de estilo brutalista e por suas contribuições à arquitetura moderna.

Nasceu em 23 de outubro de 1918, em Elton, Kentucky, e faleceu em 8 de agosto de 1997, em Nova York.

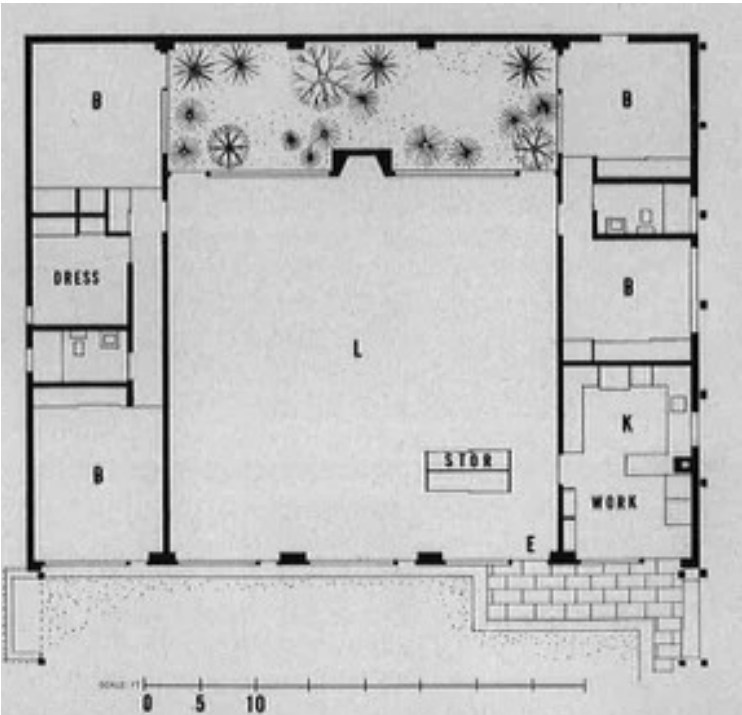
O arquiteto Rudolph estudou na Auburn University e na Harvard Graduate School of Design, onde foi aluno de Walter Gropius, um dos fundadores da Bauhaus.

A McCandlish Residence, construída em 1958, Cambridge, Massachusetts, representa um testemunho da influência do movimento modernista de meados do século na arquitetura residencial, particularmente no contexto da reutilização adaptativa de estruturas tradicionais de vida moderna. Em relação às aberturas, funcionalidade e inovação de materiais, com as limitações e oportunidades de uma estrutura existente em uma área historicamente significativa.

Na planta aberta observamos a remoção de paredes internas para criar espaços fluidos, multifuncionais, permitindo maior flexibilidade no uso das divisões e um perfil horizontal baixo. Existe uma conexão com o exterior com grandes janelas e portas de correr de vidro.

Estas tornam menos visível a fronteira entre interior e exterior, uma característica comum no design de meados do século, especialmente se a casa tivesse acesso a um jardim ou pátio.

do vidro para construir um espaço leve e fluido. A estrutura inovadora de placas de aço, as paredes finas e a relação controlada entre interior e exterior demonstram como a arquitetura pode transformar limitações em oportunidades, oferecendo uma nova perspectiva sobre o habitar em contextos urbanos densos.



CASA BAILEY (CASE STUDY HOUSE 21)

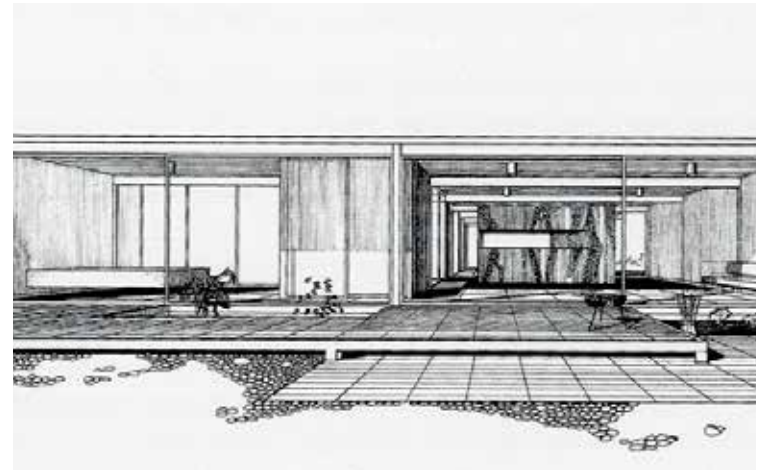
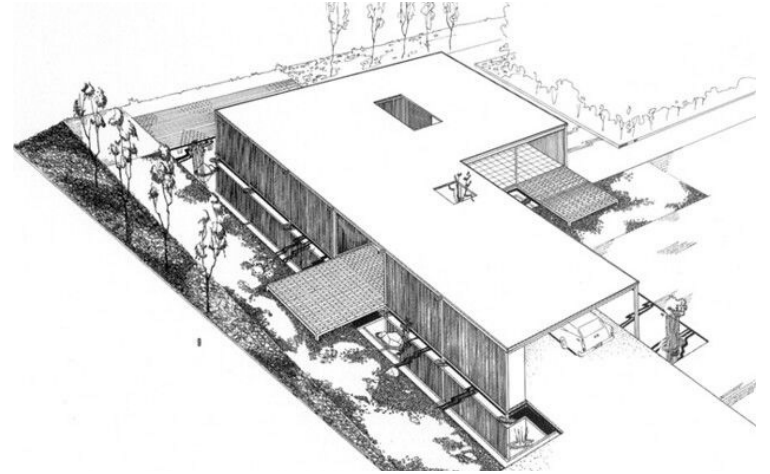
Pierre Koenig, Los Angeles, EUA, 1958-1959



©archdaily

A Bailey House, também conhecida como Case Study House nº 21, representa a arquitetura moderna de meados do século XX, demonstrando o compromisso do movimento com a simplicidade, a eficiência e a inovação. Projetada pelo arquiteto Pierre Koenig, está localizada em Hollywood Hills, em Los Angeles. O uso de materiais industriais e a integração com o ambiente natural personificam a missão do programa de criar soluções habitacionais acessíveis e inovadoras para o pós-guerra. A residência foi projetada para o psicólogo Walter Bailey e sua esposa, Mary, um casal que desejava uma casa pequena. Os Baileys estavam abertos à ideia de uma casa com estrutura de aço, e Koenig conseguiu concretizar sua visão de um projeto de planta aberta. Concluída em 1959, a Bailey House foi concebida como um protótipo que pudesse ser produzida em larga escala, em perfeita consonância com os objetivos do programa Case Study House da revista Arts + Architecture. Trata-se de uma caixa com uma cobertura plana, construída em aço e vidro. Koenig orientou a casa em um eixo norte/sul para reter o calor do sol no inverno

e protegê-lo no verão. Essa adaptação, juntamente com outras como portas de correr para ventilação cruzada e piscinas refletoras rasas para resfriamento evaporativo, garantiu que a casa estivesse em harmonia com o clima. Uma fachada lateral opaca e uma garagem coberta protege a casa da rua, permitindo que as fachadas frontal e posterior sejam de vidro do chão ao teto, proporcionando uma verdadeira fusão entre o interior e o exterior. Embora o projeto tenha exigido a remoção substancial e a recuperação de algumas características, expondo o edifício original à sua estrutura de grade, ele foi devolvido à sua aparência original por meio de uma restauração cuidadosa.





O arquiteto Raúl Chorão Ramalho projeta, em 1959, a Casa Bianchi. O lote tem 518 m², sendo o seu comprimento quase o dobro da largura. O terreno é tratado em socalcos suportados por muros de pedra aparelhada, numa alusão aos tradicionais poios madeirenses. A casa Bianchi surge numa composição de planos horizontais através das próprias lajes do piso e da cobertura da casa, por um alpendre com grelha geométrica perfurada, por uma pérgula em betão armado e por uma casa de prazer, elementos que se soltam do volume principal, avançando perpendicularmente em relação ao plano da fachada Sul, limitados a Nascente e a Poente por dois elementos verticais, o muro de suporte da propriedade vizinha e a chaminé.

A casa tem duas entradas, uma pela “casa de prazer”, que dá acesso a um vestíbulo com ligação à sala de estar e a uma casa de banho, e outra que acede diretamente à sala de estar, protegida pela varanda em consola e pela pérgula que surgem no piso superior. No piso térreo encontra-se a sala de estar que surge como espaço central, funcionando simultaneamente

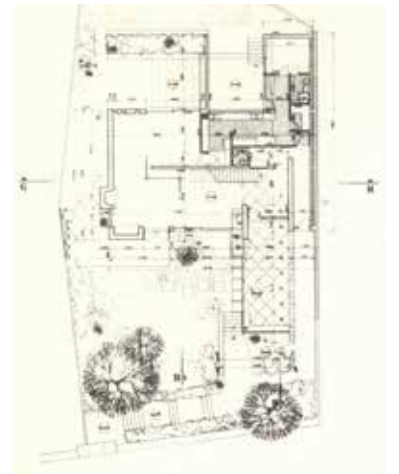
como zona de entrada, de estar e comer, e de distribuição para os restantes compartimentos da casa em ambos os pisos. Temos também, na parede do lado Oeste uma lareira e uma chaminé. Esta parede estende-se desde a zona de estar e entrada até à zona de comer, não chegando a tocar na parede Norte, quase totalmente rasgada por um amplo vão que dá acesso a um pátio intimista, protegido por uma pérgula. No lado Nordeste, junto ao muro de suporte da propriedade vizinha, temos uma cozinha, zona de arrumos, quarto e casa de banho destinada aos empregados, e que está associada a um espaço exterior próprio.

A escada central acessa ao piso superior, com uma zona de estar, um escritório e três quartos, todos com casa de banho própria e cada um deles virado para uma das três frentes da casa. A varanda, estende-se por todo o comprimento da fachada sul, ganhando maior profundidade no alinhamento do quarto orientado a Poente, permitindo a criação de um pequeno espaço exterior sob a pérgula de betão que surge na cobertura.

A casa Bianchi utiliza essencialmente o betão aparente

da estrutura e a cantaria avermelhada e arroxeadada, em contraste com as paredes rebocadas e pintadas de branco nas fachadas do edificado, e o empedrado em seixo rolado e muros em pedra basáltica no exterior. O edifício é coberto por um tabuleiro de betão armado, devidamente impermeabilizado, preenchido com um tapete de terra vegetal e ajardinado.

Para separar empiricamente o hall de entrada da sala de estar encontra-se uma pequena parede, que do interior se prolonga para o exterior, revestida a desenhos geométricos em madeira. A parede poente, em que se inscreve uma lareira e que subtilmente não chega a tocar na parede norte, é revestida a cantaria vermelha regional, igual à que cobre a chaminé no exterior. Também de madeira são todas as caixilharias da habitação e os tapa-sóis madeirenses, pintados a verdegarrafa, a cor mais comum na arquitetura vernacular.



CASA CHEMOSPHERE

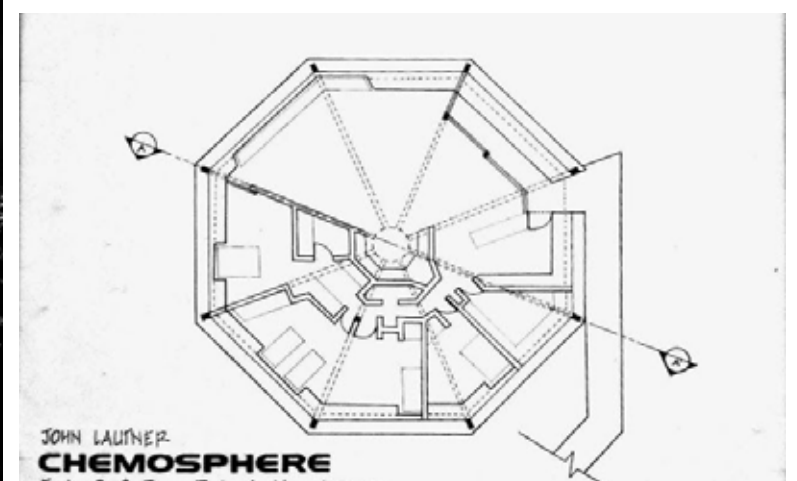
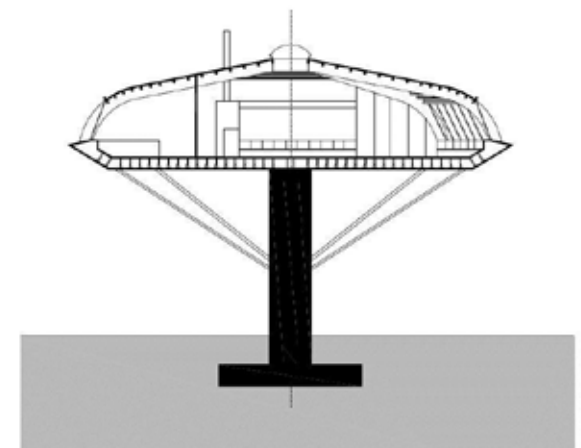
John Lautner, Los Angeles, EUA, 1960



Archiserch

A casa Chemosphere, também conhecida como Residência Malin, é uma casa em Los Angeles projetada pelo arquiteto John Lautner em 1960 para o engenheiro aeroespacial Leonard Malin. A estrutura octogonal é famosa por estar num lugar alto em uma única coluna de betão em uma encosta inclinada e apresenta um design semelhante a um disco voador. Quando John Lautner iniciou o projeto, havia dois métodos comuns para construir casas no terreno inclinado difícil. O solo poderia ser cortado para criar uma plataforma nivelada ou a casa poderia ser apoiada em uma estrutura de aço aberta. O cliente, no entanto, tinha um orçamento pequeno, então Lautner aproveitou a vasta imaginação do cliente e rejeitou ambos os métodos estruturais para um que custaria cerca de metade da solução convencional com muros de contenção e drenos de terra. Lautner empoleirou todo o octógono de um andar em uma única coluna de concreto de 30 pés, deixando o ambiente natural intocado. Suportes de aço da única coluna para apoiar o chão da casa. A coluna de betão

é o elemento que sustenta o telhado da residência. O interior da casa é um espaço aberto sem colunas. O lado norte da casa contém os espaços públicos, como a sala de estar, a cozinha e a sala de jantar, e o lado sul de frente para a colina divide quatro quartos e um banheiro. Lautner colocou uma luz circular para fornecer iluminação na parte mais profunda do plano. Sob esta clarabóia há uma lareira e uma área de estar. A estrutura da residência é feita de aço e madeira, e o cobertura é suportado por estruturas de portal curvas de madeira laminada.



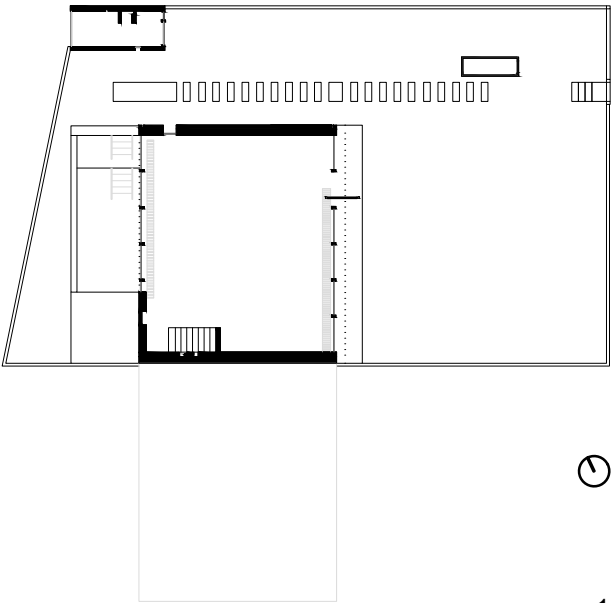


O Atelier Hermann Rosa, localizado em Munique, foi projetado e construído pelo escultor e arquiteto alemão Hermann Rosa entre 1960 e 1968. Filho de um pedreiro, Rosa cresceu em estreita ligação com o trabalho manual e com os materiais de construção, o que se reflete na sua obra. O atelier é um exemplo do brutalismo alemão do pós-guerra, onde a arquitetura e a escultura se fundem numa mesma expressão artística.

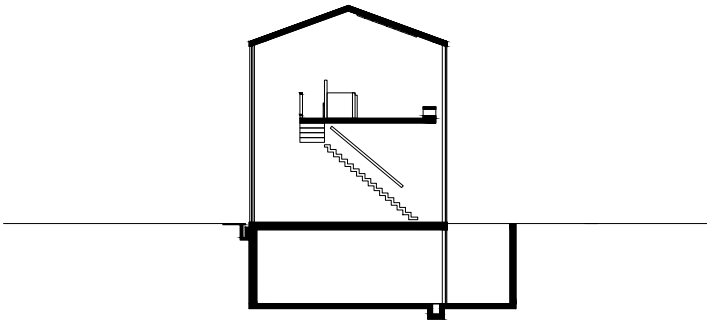
A construção foi erguida pelas mãos do próprio artista, com um uso reduzido e consciente de materiais — betão aparente, vidro, aço e madeira. As fachadas nascente e poente apresentam grandes panos de vidro que se estendem até ao teto, permitindo uma entrada abundante de luz natural, enquanto as fachadas norte e sul permanecem praticamente cegas, criando um contraste entre opacidade e transparência.

O espaço interior do atelier é concebido como uma escultura habitável, com volumes modelados, uma atenção metódica à luz natural, às proporções e à continuidade espacial. Elementos como escadas e a mezanine são trabalhados como partes integrantes de uma composição plástica, revelando a

abordagem escultórica de Rosa à arquitetura.



1:300



1:300



© Photographies by Iwan Baan and UCLA archive

A Casa Rang é uma obra significativa do período tardio de Richard Neutra e reflete o encontro entre a tradição moderna californiana e o contexto europeu do pós-guerra. Construída em 1962, na cidade de Königstein im Taunus, esta residência combina uma clareza racional do Movimento Moderno com uma profunda atenção à paisagem, à luz e à vida quotidiana dos seus habitantes. A casa expressa a filosofia do arquiteto em torno do conceito de “arquitetura biorrealista”, onde o espaço é desenhado em harmonia com as necessidades físicas e psicológicas do ser humano. As grandes superfícies envidraçadas dissolvem os limites entre interior e exterior, permitindo que a natureza envolvente se torne parte integrante da experiência doméstica. Formalmente, a Casa Rang apresenta volumes horizontais e planos leves, de estrutura metálica e vidro, que se articulam de modo preciso sobre o terreno inclinado. A pureza geométrica e o controlo da proporção remetem para o modernismo, mas a atmosfera é quente e habitável, marcada por materiais naturais e pela presença constante da luz.

A casa revela também o olhar maduro de Neutra sobre a integração entre técnica e emoção, entre o rigor construtivo e a dimensão sensorial. Cada detalhe é desenhado para promover conforto, equilíbrio e continuidade visual com a paisagem. A Casa Rang é, assim, mais do que um exemplo de modernismo europeu: é uma síntese entre razão e sensibilidade, um manifesto de respeito pela vida humana em harmonia com a natureza.



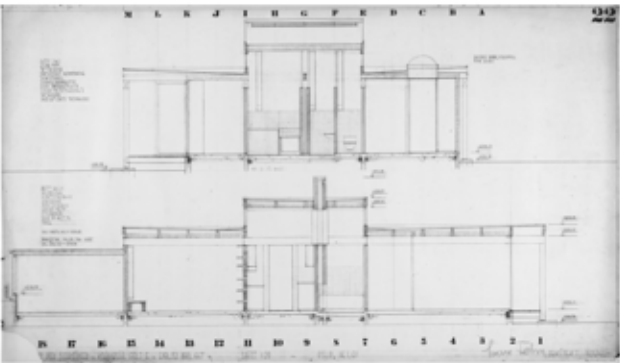
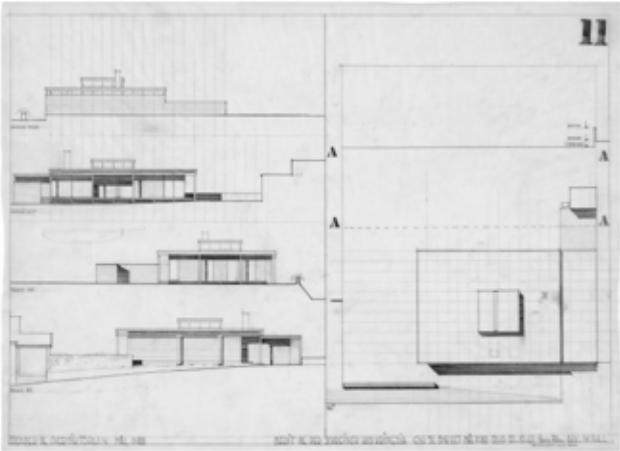
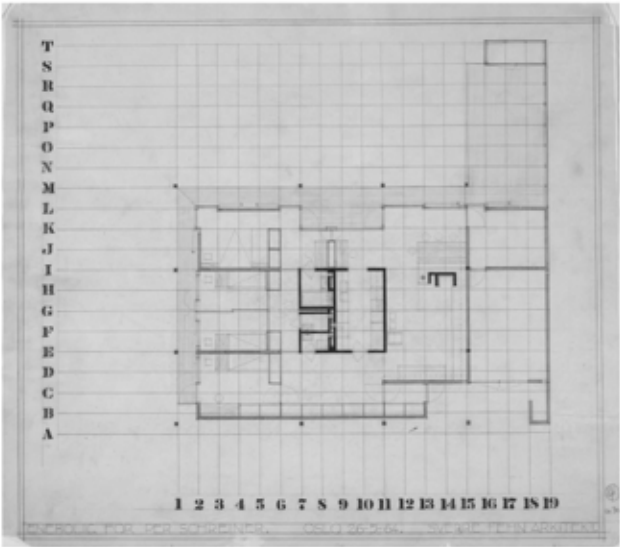
VILLA SCHREINER
Sverre Fehn, Oslo, Noruega, 1963.



© Hidden Architecture

A Villa Schreiner, de Sverre Fehn é uma residência unifamiliar, localizada nos arredores de Oslo, na Noruega. Projetada em 1959 e construída em 1963, a Villa foi encomendada pelo economista Per Schreiner e tem uma área de aproximadamente 120 m². A obra engloba muitos dos princípios que o arquiteto abordou ao longo da sua carreira, estes sendo a integração com o lugar, a luz e a utilização de materiais naturais. A casa organiza-se através de uma estrutura modular de madeira, baseada num ritmo de 1 metro, o que permitiu ao arquiteto ter uma construção rigorosa e ao mesmo tempo flexível. Os vãos têm um papel fundamental, pois abrem-se em pontos estratégicos, muitas vezes nos cantos, de modo a atravessar vários planos, o que permite a existência de uma continuidade visual entre o interior, o exterior e a paisagem. As janelas de correr também estabelecem essa mesma relação interior-exterior, visto que o vidro mantém uma relação visual com o exterior, o que faz com que a paisagem acabe por fazer parte do ambiente interior, e dessa forma existe uma transição fluída entre

o espaço construído e a natureza. No interior, predominam a madeira de pinho não tratada, o tijolo aparente e também a luz proveniente das claraboias. Ao serem deixados no seu estado natural, estes materiais revelam a honestidade construída, característica de Sverre Fehn. O espaço doméstico é contínuo, sem hierarquias, e as divisões unem-se a partir de transparências, diferenças de altura e enquadramentos visuais com o exterior.

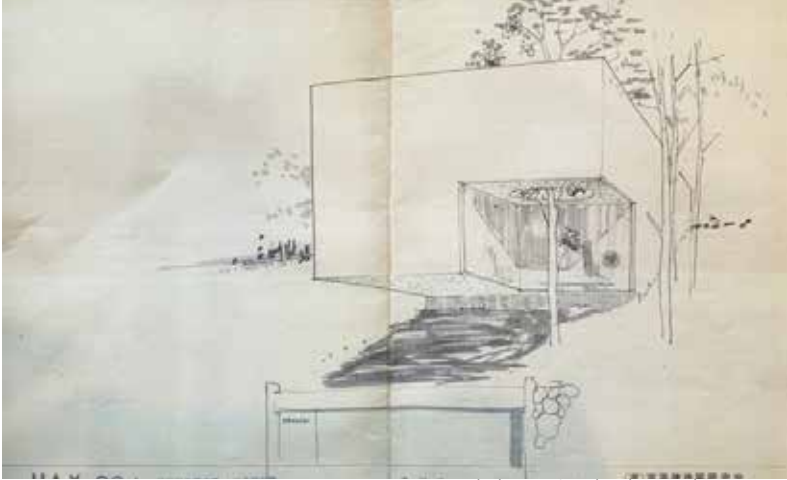
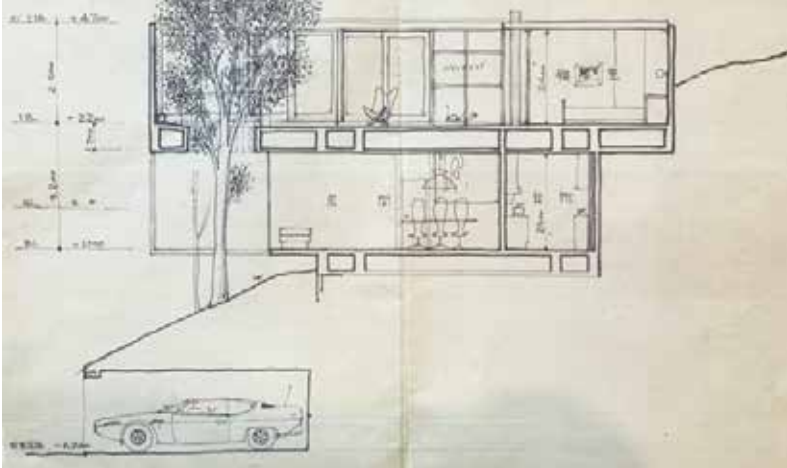
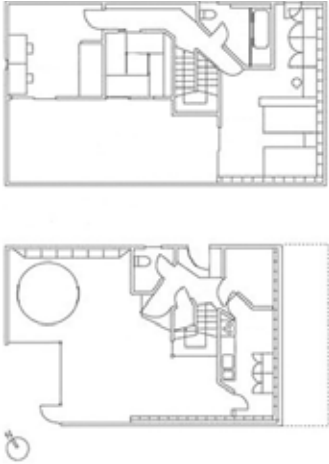




© Fundo de Patrimônio da Habitação: Blue Box House

A Blue Box House, projetada por Dan (Tan) Miyawaki em 1973, localiza-se em Uenoge, Setagaya Ward, Tóquio, e é um exemplo notável da capacidade da arquitetura japonesa de integrar-se ao contexto natural e normativo. Implantada numa encosta íngreme voltada para o rio Tama, a residência foi concebida a partir do desafio topográfico, transformando limitações em potencial criativo. Para ampliar o espaço habitável sem violar as restrições legais, Miyawaki projetou o piso principal como cave, uma vez que áreas subterrâneas não eram incluídas no cálculo da área construída. Essa solução permitiu que o volume principal fosse parcialmente embutido no penhasco, resultando em uma habitação semi-enterrada que combina funcionalidade, economia e engenhosidade técnica. O piso superior projeta-se em balanço sobre o declive e utiliza estruturas leves em madeira para reduzir o peso total da construção. Internamente, a planta é contínua e aberta, sem divisórias entre sala de estar e jantar, priorizando a fluidez espacial e a luminosidade. A escada de vidro atua como um poço de luz, conduzindo iluminação natural ao interior, o que suaviza a sensação de clausura. O exterior apresenta-se como uma “caixa primária”. As cores

azul e verde dialogam com a paisagem e originam o nome da obra.



© Fundo de Patrimônio da Habitação: Blue Box House

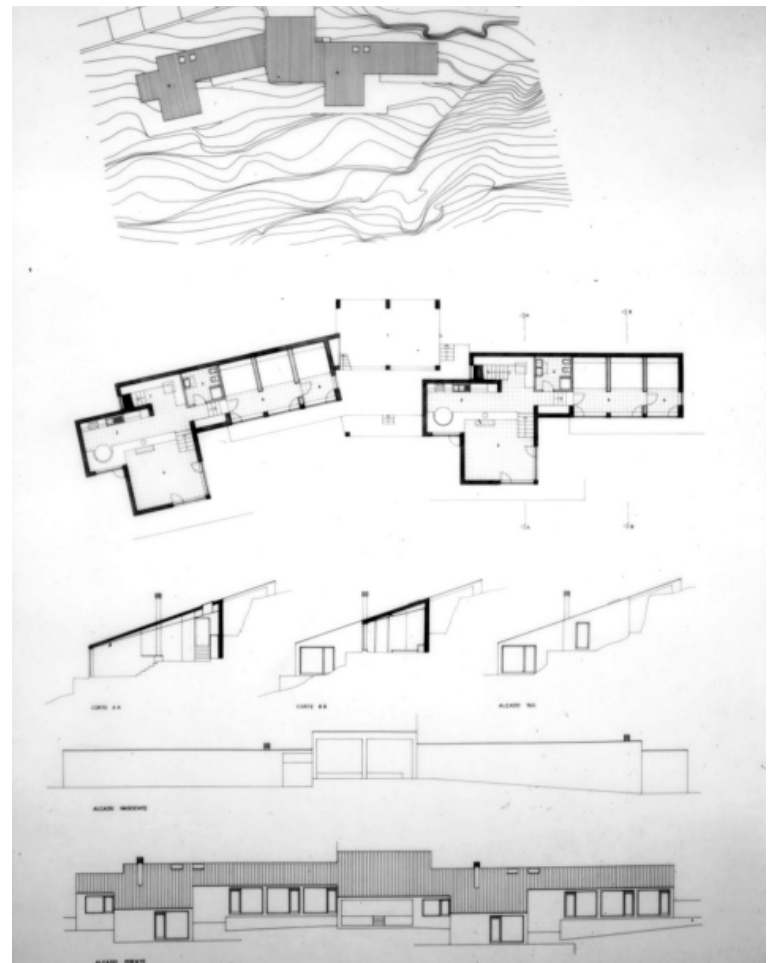
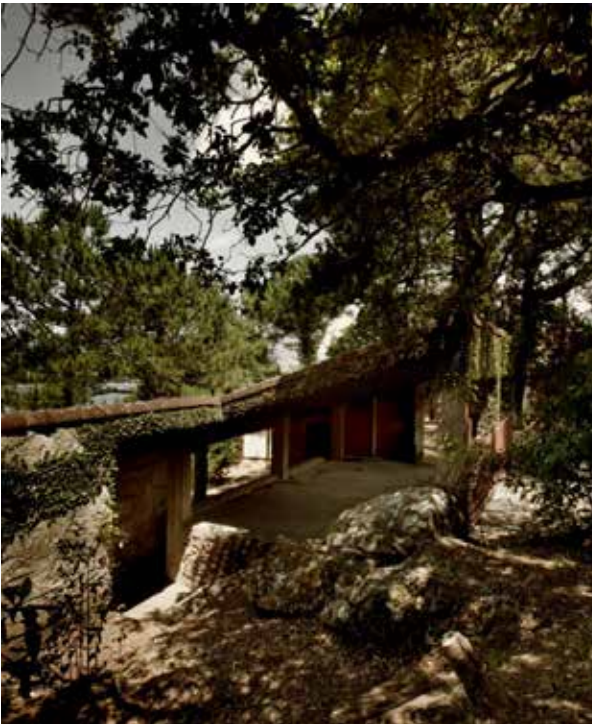


Sérgio Fernandez | Inês d'Orey – Casa Vill'Alcina

A Casa Vill'Alcina, projetada por Sérgio Fernandez entre 1971 e 1974, localiza-se em Caminha, num terreno de forte declive com uma vista ampla sobre o rio Minho, o mar e o Monte de Santa Tecla, na Galiza. O sítio é determinante para o projeto: mais do que uma implantação sobre o terreno, a casa nasce dele, procurando uma fusão entre arquitetura e paisagem. O conjunto é composto por duas casas idênticas, concebidas para habitação de lazer. O arquiteto descreve-as como espaços destinados a “ouvir música na presença da paisagem”, lugares de reflexão e recolhimento que mantêm um contacto direto com a natureza. O desenho assenta num eixo horizontal, traçado em “gesto de concordância com o terreno”, que orienta e organiza os dois volumes. Este eixo reforça a continuidade entre casa e solo, permitindo que a construção se estenda como uma linha discreta sobre o monte. O programa divide-se em duas zonas principais. Junto à entrada localizam-se a cozinha, o banho e as alcovas de dormir, encerráveis por cortinas de lona e definidas apenas por estrados de madeira, revelando uma abordagem essencial e flexível ao espaço

doméstico. Do lado oposto, as salas desenvolvem-se em níveis distintos, unificando-se num espaço contínuo e aberto à paisagem através de galerias envidraçadas. Uma lareira com banco corrido em pedra define o núcleo de convivência e articula a zona de refeições com a cozinha. Entre as duas casas, um coberto funciona como abrigo para automóveis e como zona de transição exterior. A materialidade da Vill'Alcina traduz o diálogo com o contexto. A construção em granito e betão aparente é “rude como o terreno e as rochas que dele emergem”, enquanto o interior em madeira proporciona conforto e calor. A cobertura inclinada, seguindo o declive natural, reforça a integração topográfica. Exterior e interior contrastam e completam-se: a dureza do exterior protege a intimidade serena do interior. A luz natural desempenha um papel central. Através das galerias e aberturas orientadas, a luz desenha o espaço, varia ao longo do dia e revela a textura dos materiais. O jogo de penumbras e transparências convida à contemplação, transformando o ato de habitar numa experiência sensorial. Mais do que uma casa, a Vill'Alcina é uma declaração de

princípios sobre o modo de construir em Portugal. Expressa uma ideia de habitar essencial, baseada na verdade construtiva, na economia de meios e na correspondência entre forma de vida e lugar. Para Sérgio Fernandez, projetar é encontrar a “máxima identidade entre a intervenção e o terreno que lhe dá suporte”. Assim, a Vill'Alcina afirma-se como uma das obras mais significativas da arquitetura portuguesa contemporânea um abrigo de pedra e luz, fundido com a paisagem do Minho.



Sérgio Fernandez | Inês d'Orey - Casa Vill'Alcina

CASA VITTORIA TRACINO

Studio PER/ Lluís Closet & Oscar Tusquets, Ilha de Pantelleria, Itália, 1972 - 1975



© Oscar Tusquets Blanca

A Casa Vittoria Tracino, desenhada pelos arquitetos espanhóis Lluís Clotet e Òscar Tusquets Blanca, fica na ilha de Pantelleria, no sul de Itália. Foi construída entre 1972 e 1975 como casa de férias para uma familiar de Tusquets. O projeto nasce da ideia de criar uma habitação que se adaptasse à paisagem rochosa e inclinada da ilha, formada por antigos socalcos de pedra usados na agricultura. A casa foi construída sobre um antigo dammuso, a construção tradicional da ilha feita em pedra vulcânica. A partir dessa base, os arquitetos criaram um volume simples e linear, que se encaixa nas plataformas do terreno. Os espaços organizam-se em torno de um pátio e de uma galeria com colunas abertas, que ligam o interior à paisagem. A circulação é feita de forma direta e contínua, acompanhando os muros de pedra e os diferentes níveis do terreno. Os materiais usados são locais e naturais: pedra escura, betão e reboco branco. O contraste entre o branco das paredes e o tom escuro da rocha dá à casa uma presença forte, mas ao mesmo tempo integrada na

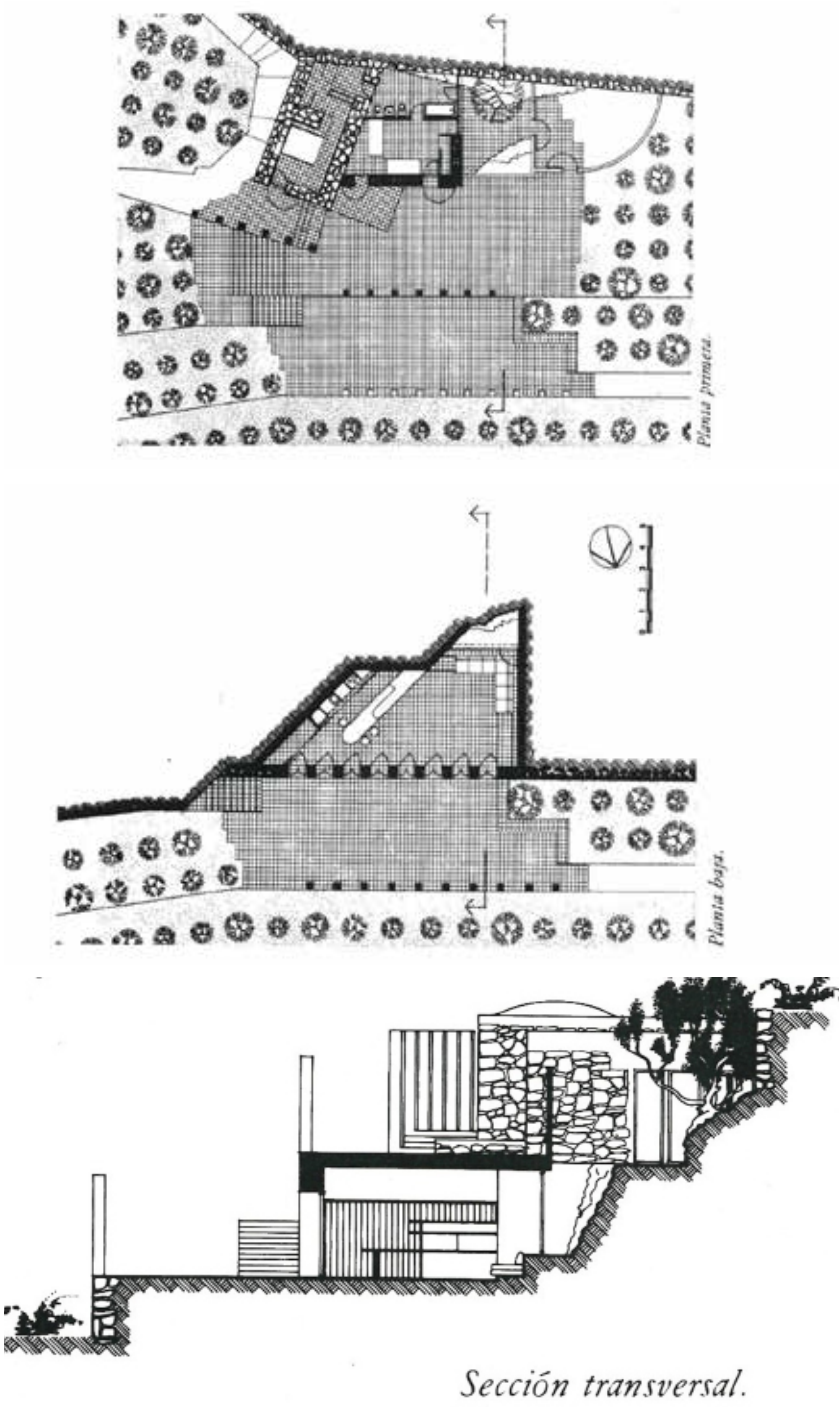
paisagem. A construção protege-se do vento e do calor através da forma e da espessura das paredes, garantindo conforto sem precisar de soluções técnicas complexas. A Casa Vittoria mostra uma arquitetura simples, pensada a partir do lugar. Clotet e Tusquets quiseram adaptar-se ao terreno e ao modo de vida da ilha, criando uma casa que se funde com o ambiente e continua o desenho dos socalcos de Pantelleria.



© Oscar Tusquets Blanca



© Oscar Tusquets Blanca



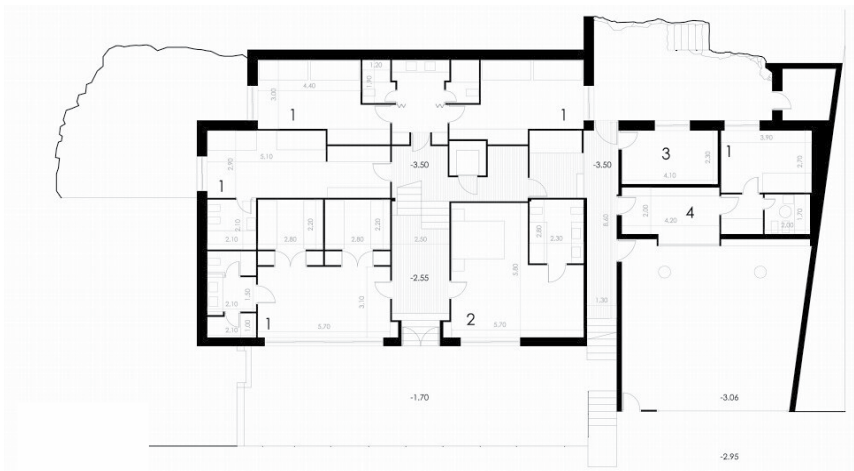
© Lluís Clotet



© José Hevia/Fundación DOCOMOMO Ibérico

A Casa Domínguez é um projeto do arquiteto espanhol Alejandro de la Sota Martínez, uma figura central da arquitetura moderna em Espanha. A casa foi construída como uma resposta arquitetónica às necessidades de uma família numerosa, mas também como um exercício de experimentação espacial e conceptual.

A casa organiza-se em corte com duas zonas principais e independentes. O piso enterrado integra os quartos, a garagem, a zona de serviço, uma sala de jogos e uma adega. O piso superior concentra a sala de estar, o espaço de jantar e a cozinha, que se abrem para uma varanda virada a sul e uma cobertura ajardinada. Entre ambos existe uma ampla superfície coberta sem programa definido, que serve como espaço de lazer e de convivência. O que Alejandro de la Sota constrói na Casa Domínguez é uma experiência arquitetónica, onde a luz, a sombra e a relação entre intimidade e convivência se unem.

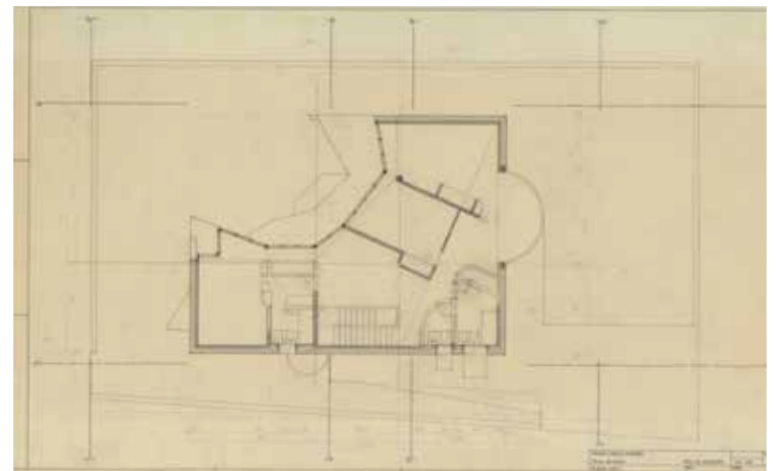
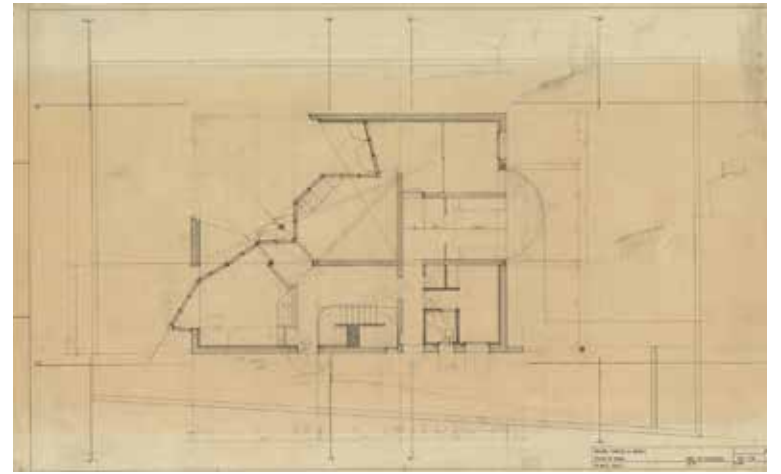




Álvaro Siza Vieira – Casa Beires

A Casa Beires, projetada por Álvaro Siza Vieira entre 1973 e 1976 na Póvoa de Varzim, é uma das suas obras residenciais mais significativas. Encomendada pelo Dr. Carlos Machado de Beires, esta habitação unifamiliar expressa a busca de Siza por uma arquitetura intimamente ligada ao lugar, à luz e à experiência quotidiana do habitar. Implantada num lote estreito de 17 por 30 metros, a casa nasce de um conjunto de restrições regulamentares e topográficas que o arquiteto transforma em oportunidades projetuais. Siza orienta as principais divisões a sudoeste, de modo a garantir sol, privacidade e continuidade visual com o jardim, enquanto as zonas de serviço se concentram a norte, assegurando funcionalidade e eficiência. O acesso faz-se a nascente, por um pátio murado que marca a transição entre o espaço público e o interior. O programa organiza-se em dois pisos: no rés-do-chão, localizam-se a sala de estar, de jantar e de trabalho, enquanto no piso superior se encontram os quartos e a antecâmara privada. As divisões abrem-se em anfiteatro para o pátio, através de vãos e varandas contínuas, protegidas por pérgo-

las e gelsias de guilhotina que filtram a luz e resguardam a intimidade. O resultado é uma casa que se fecha quando necessário, mas nunca se isola. A composição volumétrica é simples e rigorosa: um retângulo quebrado a sul e poente, que se adapta à geometria do terreno. Essa fragmentação formal cria uma sequência espacial dinâmica, alternando momentos de compressão e abertura. O percurso é o a elemento organizador: o visitante é conduzido gradualmente, da rua ao pátio, e do pátio à sala, num movimento contínuo de descoberta e recolhimento. A luz natural é o principal material de construção. Penetra de modo indireto, reflete-se nas paredes brancas e desenha o tempo dentro da casa. Esta luz revela a textura dos materiais simples reboco branco, madeira pintada, mosaico hidráulico, zinco e transforma o espaço ao longo do dia. A memória descritiva de Siza evidencia a sua clareza construtiva: paredes duplas em perpianho e tijolo vazado, lajes em betão armado e cobertura em zinco. Cada elemento é pensado em coerência com o uso e o contexto.



Alvaro Siza Vieira - Casa Beires

CASA GERBER

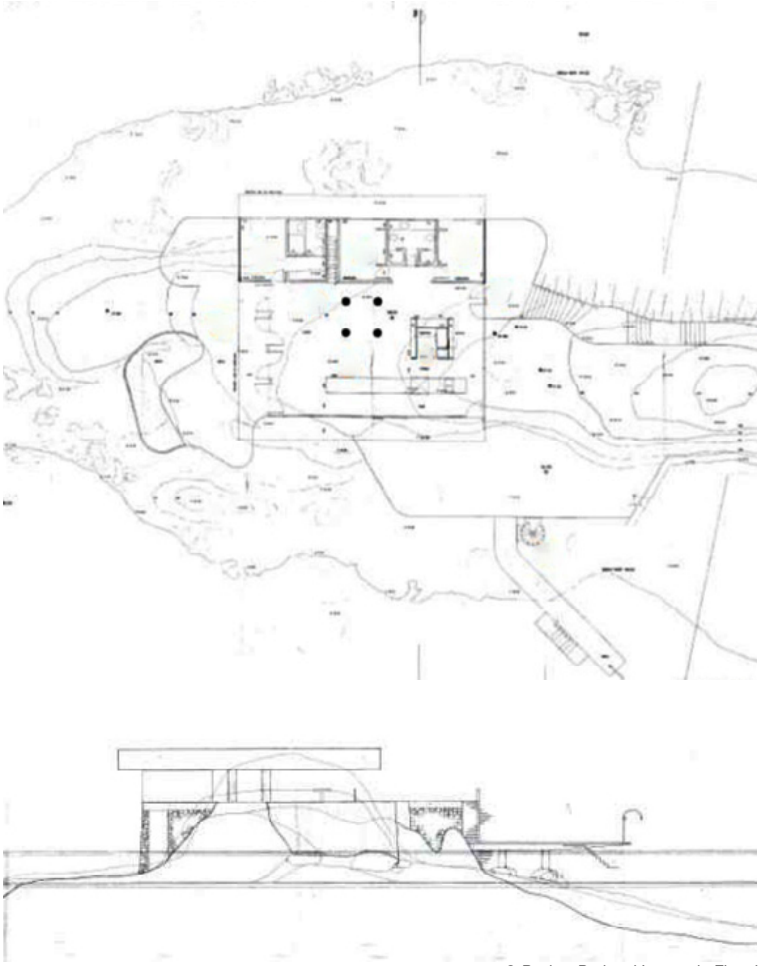
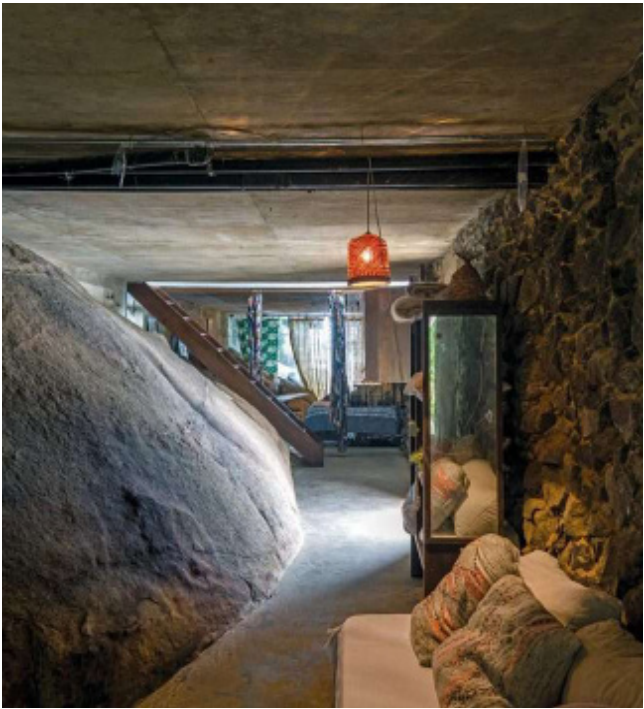
Paulo Mendes da Rocha, Casa Gerber, Angra dos Reis, Brasil, 1974



© Revista Projeto | Leonardo Finotti

A Casa Gerber Localiza-se em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil. Foi projetada para o Engenheiro Ignácio Gerber, e trata-se da única obra construída de Mendes da Rocha no estado do Rio de Janeiro. Tem uma forte influência do estilo de Le Corbusier, e da Escola Paulista de Vilanova Artigas. A casa ergue-se sobre uma rocha, a poucos metros do mar. Seu acesso dá-se por uma trilha com vegetação abundante. Sua cobertura é dividida em nove partes, que se originam do desenho de vigas invertidas, e é coberta por uma lâmina d’água. Criando uma sensação de continuidade com o mar e as ilhas ao redor. Sua planta é de organização planimétrica. Quatro pilares de betão armado sustentam a laje de cobertura, o que permite um espaço social livre, com exceção ao bloco da cozinha. A paisagem faz parte do espaço com a ampla abertura da janela em comprimento. No centro da sala, uma mesa de oito metros é o centro da vida da casa. Uma fenda estreita interrompe o bloco dos quartos, e dela parte a escada para o nível inferior, característica incomum nas casas de férias de Paulo Mendes da Rocha. Ao fim das escadas encontra-se um muro de

pedra cego e dois ambientes que se estendem a direita e a esquerda. Ao lado da escada surge um afloramento rochoso sobre o qual a casa se apoia, um elemento natural da topografia que se torna parte essencial da estrutura. Um fragmento de rocha surge próximo ao vão principal, e ao invés de ser incluída no projeto, a rocha é cortada pelo vidro. A natureza não é revestida, nem escondida, mas mostrada como é. O diálogo entre o natural e o construído é o eixo conceitual da obra.



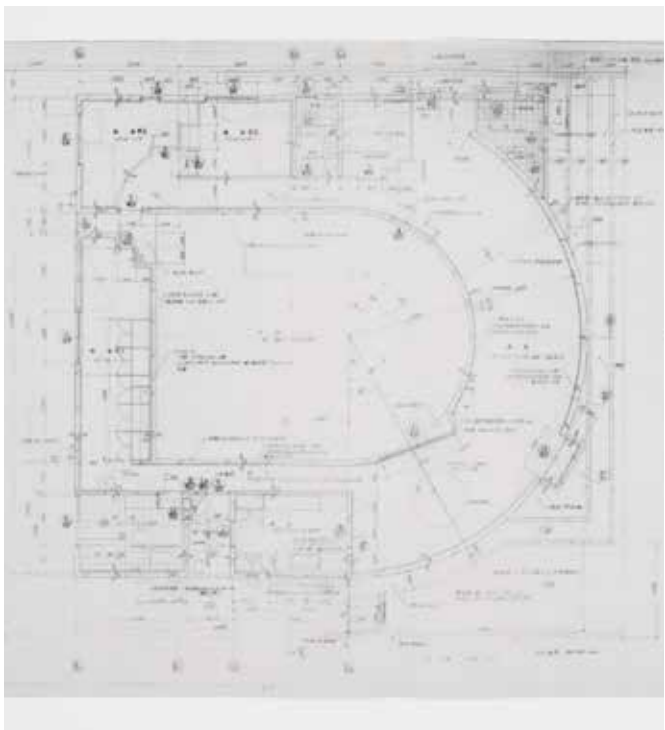
White U
Toyo Ito, Tóquio, Japão, 1976.



A Casa White U, concluída em 1976, é uma obra que expressa tanto o luto pessoal da irmã de Toyo Ito como o desencanto da sua geração face às visões idealistas da modernidade. A encomenda surgiu após a morte do marido da irmã de Ito, que procurava uma casa que se diferenciasse do anonimato de um apartamento alto, oferecendo proximidade com o solo e um refúgio seguro para a família. O exterior da casa quase cego, construído em betão aparente, impõe uma presença sólida e silenciosa que recusa o mundo exterior. O muro que envolve a casa atua como um escudo, isolando o interior do caos urbano de Tóquio. A geometria em “U” gera introspeção, e a entrada deslocada rompe a simetria, conduzindo o olhar para o interior. A cobertura, inclinada para o pátio, enfatiza o vazio central, transformando-o no coração da casa. O contraste entre o exterior rígido e o interior fluido evidencia a separação entre público e privado, enquanto o pátio simboliza recolhimento, silêncio e memória do luto. A organização espacial centra-se na zona coletiva con-

tínua, um corredor largo e fluido em “U” que liga a entrada, o pátio e as áreas privadas. O corredor simboliza a continuidade da vida, enquanto o pátio central representa a introspeção, criando juntos o equilíbrio entre convívio e recolhimento. A parede exterior mais alta da sala concentra a atenção e torna-se foco simbólico da experiência espacial. O branco das paredes internas amplia a luz e atua como elemento sensorial, superfície de reflexão onde luz e a sombra interagem. A luz, natural e artificial, molda atmosferas e dá sentido ao espaço. O pátio central, com chão de terra escura, reforça o carácter introspectivo do luto, enquanto a iluminação natural e artificial desempenha um papel central, criando dualidades entre luz e sombra, vazio e forma, movimento e quietude. As aberturas voltadas para o pátio são pontuais e cuidadosamente posicionadas, permitindo a entrada de luz direta e enquadrando fragmentos do vazio central. Lanternins modulam a luz na sala em “U”, e a iluminação artificial projeta sombras que prolongam o ritmo do espaço.

A dimensão artística e sensorial da casa transforma o ato de habitar em experiência, onde luz, corpo e memória se cruzam. Mais do que uma habitação, a White U afirma-se como espaço de reflexão sobre o tempo e a vida. Após 21 anos, cumprido o seu propósito, foi demolida em 1997, encerrando o ciclo que representava.



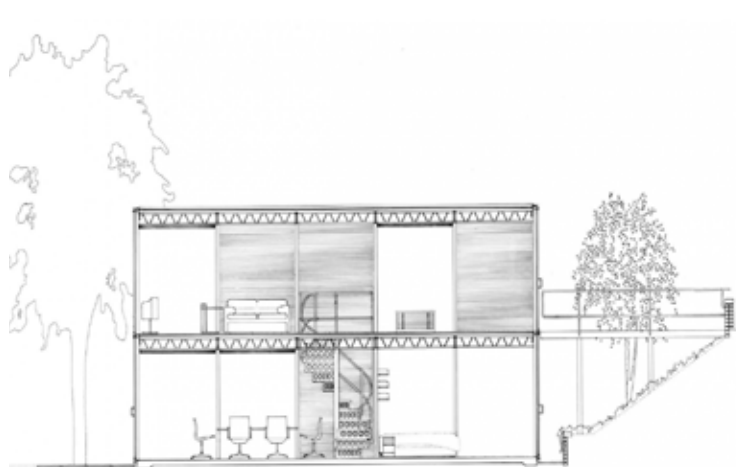
Casa Hopkins

Michael e Patty Hopkins, Hampstead, Londres, Reino Unido, 1976



A Casa Hopkins, localizada em Hampstead, Londres, foi projetada pelos arquitetos Michael e Patty Hopkins como a sua residência e atelier pessoal, concluída a 1976, servindo como um manifesto seminal da aplicação da estética high-tech e da tecnologia industrial à habitação doméstica. O projeto surgiu da necessidade de construir num lote urbano estreito, onde a estratégia principal era criar uma casa que maximizasse a luz natural e a sua flexibilidade, celebrando a honestidade estrutural através da exposição da mesma. A estrutura da casa é o seu elemento definidor e o coração do conceito high-tech, sendo construída como um esqueleto de aço totalmente exposto. Este sistema construtivo é industrial, baseia-se na pré-fabricação e montagem rápida, apenas com materiais de baixa manutenção como o aço, contrastando com o método construtivo residencial da época. A fachada é predominantemente constituída por painéis de vidro de grandes dimensões, transformando a casa completamente transparente e estabelecendo uma forte comunicação visual contínua com o exterior.

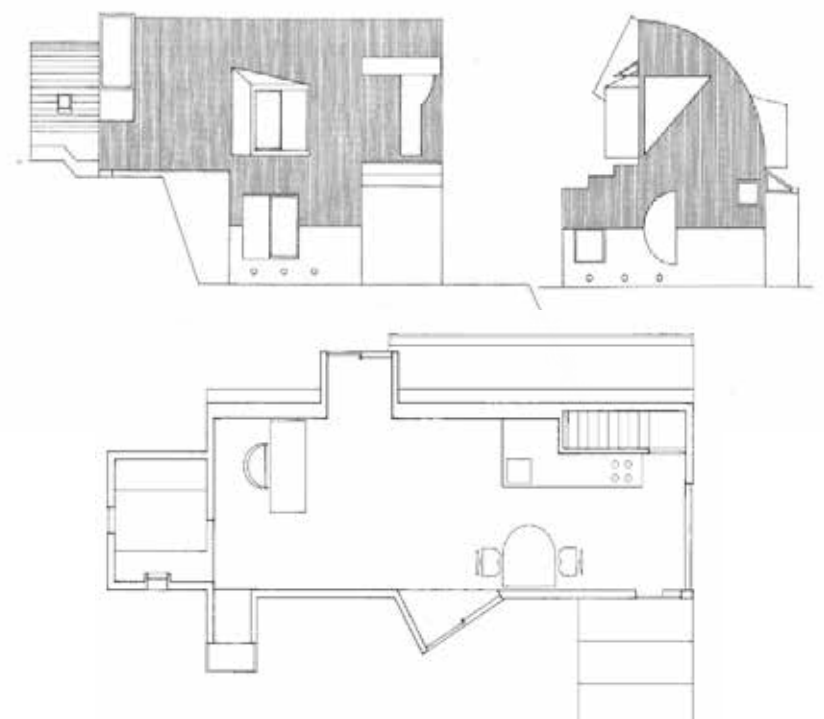
A organização espacial é caracterizada pelo conceito de open plan. Esta fluidez é possibilitada pela adoção de uma grelha modular rígida na estrutura de aço, que assegura que a ausência de paredes portantes fixas garanta a máxima adaptabilidade dos espaços. A separação funcional é feita através de elementos móveis, permitindo que a casa se reconfigure ao longo do tempo e das necessidades de quem a habita. Tal como na arquitetura industrial, os serviços e as infraestruturas, são tratados como elementos visíveis ou integrados de forma clara na estrutura.





© CASA EM YOKOHAMA - Kazuo Shinohara, Yokohama

A Casa Yokohama, projetada por Shinohara Kazuo entre 1982 e 1984, localiza-se em Yokohama, Japão, num terreno inclinado de 534,23 m², com área construída de 49,95 m². Estruturada em aço com fundação de betão reforçado, utiliza chapas de alumínio ondulado no exterior, conferindo leveza visual e durabilidade. No interior, um quarto de dois tatamis introduz textura tradicional, contrastando com a modernidade do metal. A planta compacta otimiza a circulação, integrando cozinha, sala de jantar, sala de estar e closet num piso, com acesso a quarto, suíte e casa de banho por uma escada discreta. A luz natural é elemento central, com janelas excêntricas e uma abertura estreita que enquadra uma árvore, controlando vistas e iluminação. A cobertura de perfil curvo modula a luz e cria superfícies refletoras. A casa respeita a estrutura de madeira pré-existente e o jardim, preservando luz e árvores. Apesar do tamanho, a articulação de volumes, a interação entre interior e exterior e o uso cuidadoso de materiais criam uma experiência espacial rica, marcada por contrastes de luz, sombra e texturas.



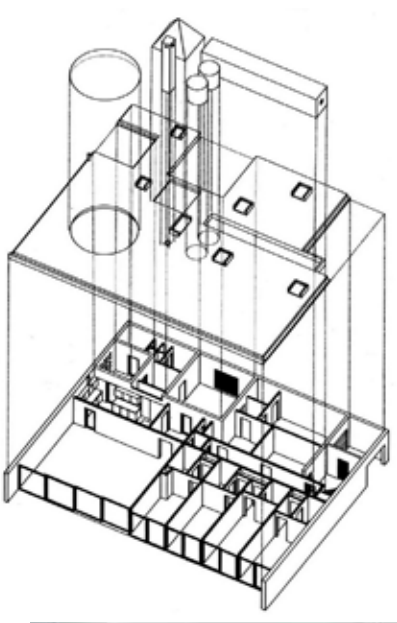
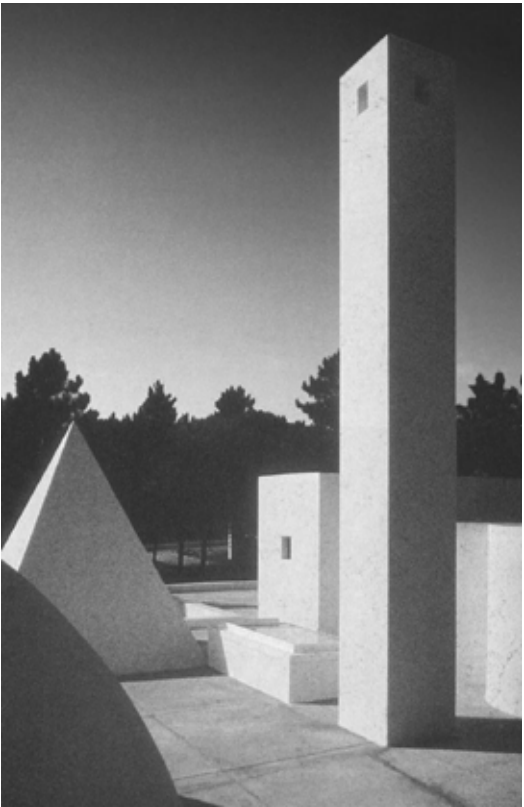
© CASA EM YOKOHAMA - Kazuo Shinohara, Yokohama



Luís Ferreira Alves photoaward

A Casa na Quinta do Lago, construída entre 1989 e 1994, localiza-se em Almancil, no Algarve, e constitui uma das obras paradigmáticas da fase inicial de Souto de Moura. O projeto resulta de um conjunto de restrições regulamentares impostas pelo loteamento: apenas um piso, 20% de ocupação do terreno, ausência de anexos e paredes exteriores pintadas de branco que o arquiteto reinterpreto de forma criativa, transformando as limitações em princípios compositivos. Implantada num terreno plano, com orientação solar predominante a sul e vistas sobre o campo de golfe, a casa organiza-se a partir de um volume único e linear, ligeiramente elevado em relação ao solo. A implantação ortogonal e a horizontalidade reforçam a integração do edifício com a paisagem envolvente, enquanto o acesso lateral mantém a leitura pura do paralelepípedo branco que define o conjunto. A planta desenvolve-se de modo axial, distribuindo-se em três zonas funcionais: uma área social voltada ao exterior, uma zona privada linear e uma área técnica na retaguarda. O pátio central atua como núcleo articula-

dor, favorecendo a ventilação cruzada e a iluminação natural, fundamentais no clima algarvio. A estrutura é em betão armado, com lajes planas e vigas ocultas, permitindo flexibilidade interna. As paredes rebocadas e caiadas de branco funcionam como superfícies de reflexão luminosa. O pavimento em pedra natural e os elementos de madeira introduzem textura e conforto, enquanto a cobertura plana reforça a ideia de volume puro. Os vãos amplos, com caixilharias metálicas minimalistas, dissolvem o limite entre interior e exterior. A luz natural é o elemento estruturante do projeto: fachadas recuadas e beirais controlam a insolação direta, criando um jogo subtil de luz e sombra ao longo do dia. A geometria ortogonal rigorosa, a ausência de ornamento e a sinceridade material conferem à casa uma expressão silenciosa e intemporal, exemplar do pensamento arquitetónico de Souto de Moura.



Luisferreiraalvesphotoaword

© Luis Ferreira Alves

Casa na Fonte Fria

João Luís Carrilho da Graça, Portalegre, Portugal, 1985-1988.



A Casa em Fonte Fria situa-se num promontório com vista privilegiada sobre o vale e a Serra de São Mamede, integrando três pequenas construções rurais existentes, dispostas em torno de um pátio.

O projeto consistiu na fusão destas três casas numa única habitação, mantendo o núcleo original como referência e acrescentando novos elementos que estabelecem uma relação direta com a paisagem. A geometria ortogonal das construções originais foi preservada, enquanto novos volumes exploram e prolongam a plataforma do promontório, redefinindo o limite entre interior e exterior e criando eixos visuais que intensificam a percepção da paisagem.

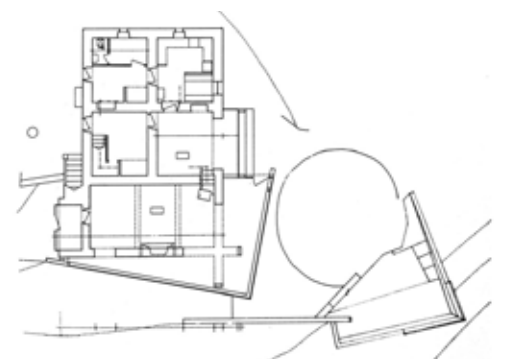
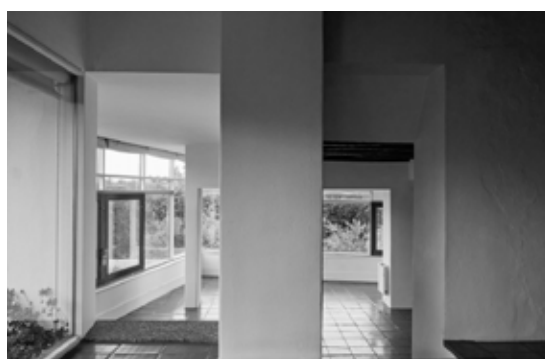
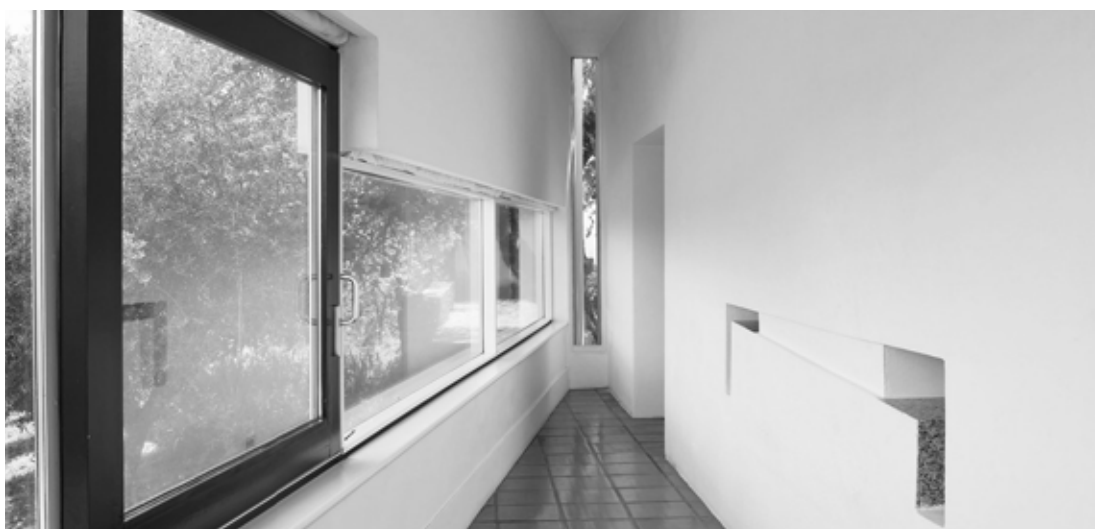
O plano de água da piscina funciona como elemento de destaque, refletindo o entorno e reforçando a dinâmica de atração e afastamento entre o observador e o vale.

A construção original em terra, pedra e cal foi consolidada, e novos elementos em betão, vidro e água foram introduzidos de forma a dialogar com o existente, incluindo a substituição parcial de muros por paredes envidraçadas que permitem expandir o espaço interior e

prolongar a vista.

A ampliação da sala, os terraços e a piscina surgem como movimentos tectónicos que emergem do exterior e invadem o interior das casas originais, fragmentando e dilatando o volume original e criando novas relações espaciais. O projeto combina assim a consolidação das preexistências com intervenções contemporâneas, respeitando a memória do lugar e intensificando a experiência de habitar a paisagem.

A Casa em Fonte Fria reflete a exploração formal e sensorial característica de João Luís Carrilho da Graça, oferecendo uma habitação, profundamente integrada no território e marcada por uma relação intensa entre interior, exterior.

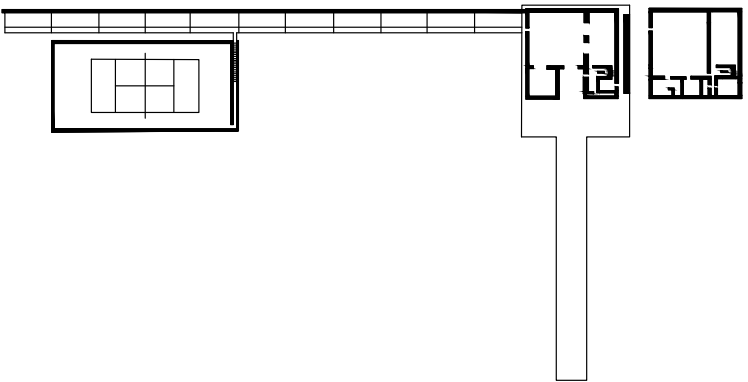
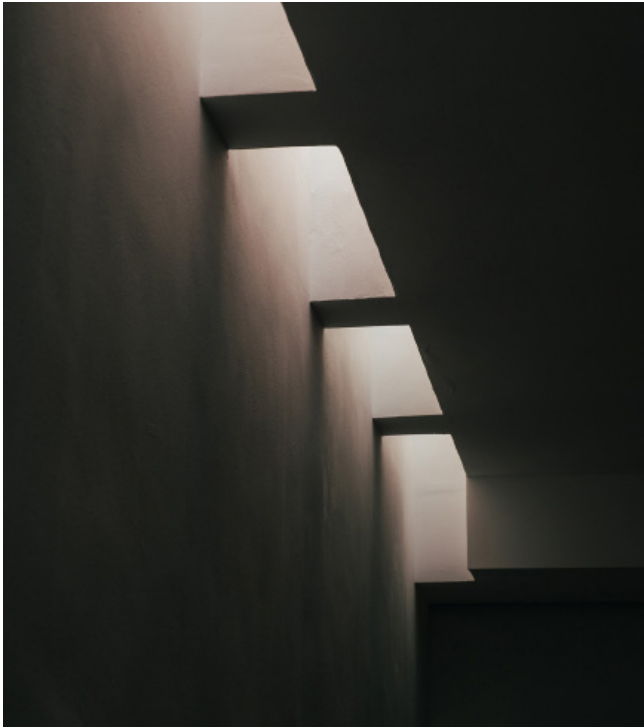




© Photography by Clemente Vergara

A Casa Neuendorf é uma obra emblemática do minimalismo contemporâneo e uma expressão da arquitetura como arte. Projetada por John Pawson e Claudio Silvestrin entre 1987 e 1991, a casa traduz a busca por uma pureza formal, pela perfeição e pela essência do espaço. Erguida sobre uma colina em Maiorca, assume-se como um volume rigorosamente ortogonal, envolto por muros cor de terracota que evocam a tradição mediterrânica, reinterpretada com uma sensibilidade quase escultórica. Organizada em torno de um pátio central - o verdadeiro "coração" da casa -, a Neuendorf estabelece uma relação íntima entre o espaço construído e a paisagem, entre o cheio e o vazio, entre a sombra e a luz, entre interior e exterior. O piso térreo acolhe as zonas sociais e o andar superior é reservado à intimidade, num gesto de transparência e contenção. A luz natural, elemento fundamental da obra, não é apenas iluminação: é matéria que modela, revela e dá vida à geometria dos espaços. Conhecido pela sua obsessão pela proporção e pelo detalhe, Pawson encara a arquitetura como um exercício espiritual, onde cada decisão, da textura da parede à

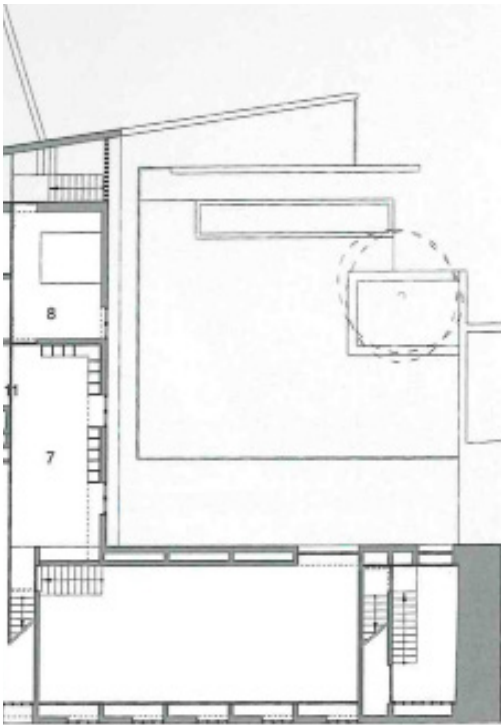
espessura da junta, participa numa experiência estética total. A sua linguagem aproxima-se da arte minimalista de Donald Judd, partilhando a ideia de que a beleza nasce da redução ao essencial e da verdade dos materiais. A Casa Neuendorf é, assim, mais do que uma habitação: é um manifesto de ordem e contemplação, uma obra onde a arquitetura se eleva à condição de arte.





© HIC | Marie José Van Hee

Marie-José Van Hee, antes de ter produzido um projeto de autoria própria, residiu durante cerca de 20 anos numa zona modesta em Ghent, na Bélgica. Ao longo da sua residência neste espaço, propôs várias vezes ao proprietário da casa que estivesse encarregue da reabilitação do edifício, com o objetivo de ter o seu primeiro trabalho de Arquitetura. Com a compra da propriedade, a arquiteta teve total liberdade de fazer o que quisesse com o terreno. No entanto Van Hee opta porém por um caminho mais discreto, que apesar da sua materialidade e detalhes contemporâneos, segue e respeita a linguagem local, também de forma a homenagear o local. Numa entrevista feita para a revista HIC, a arquiteta cita duas grandes referências para a sua obra: Andrea Palladio e Rudolph Schindler. Especialmente a influência de Palladio no edifício é clara na zona do pátio. Apesar da clara influência destes dois arquitetos, uma figura não citada pela arquiteta, mas que visualmente não podia ser mais clara a influência é a de Luís Barragan. A figura acima, é uma citação direta à sala de estar da Casa-Estúdio de Barragan.



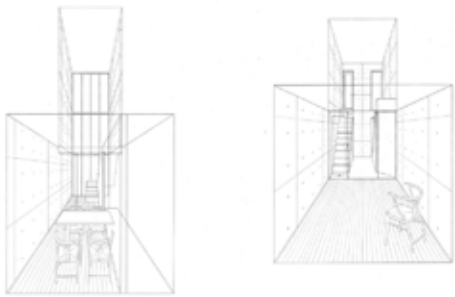
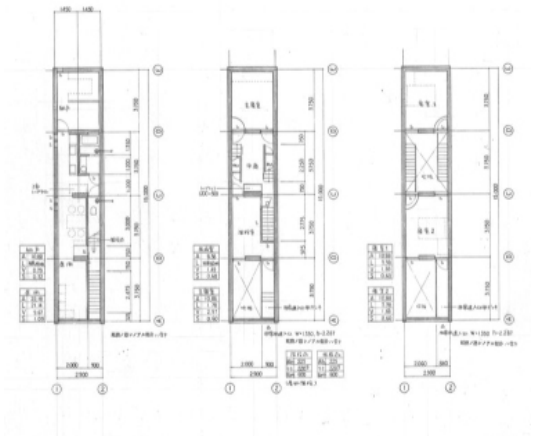
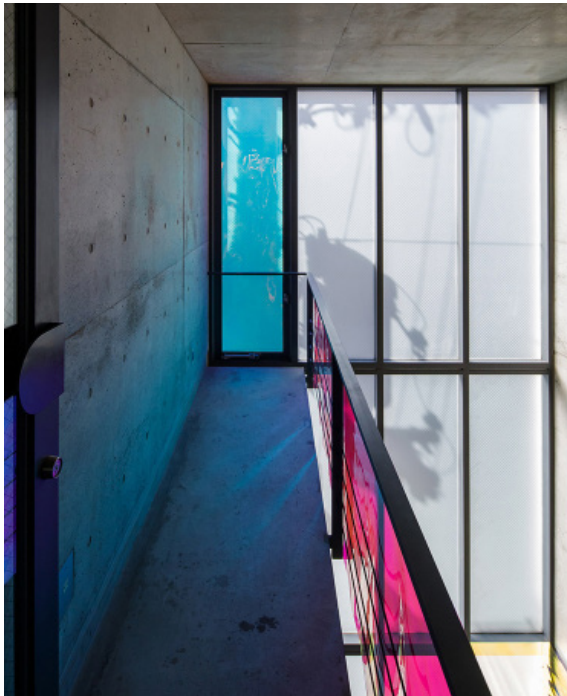
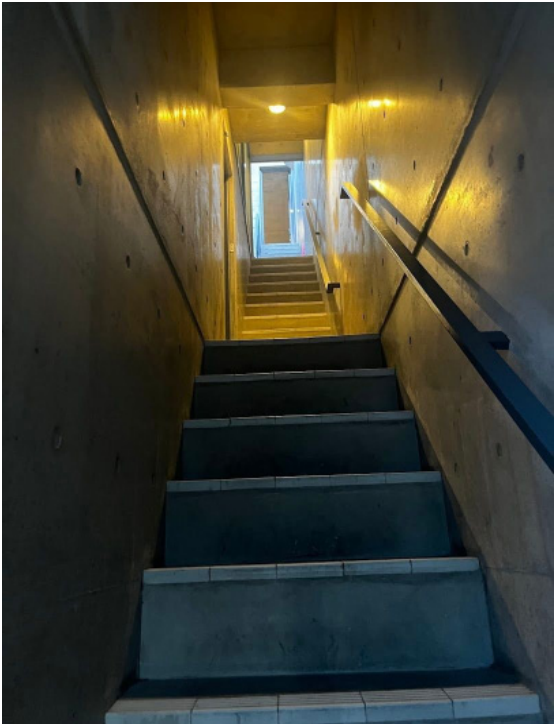
CASA EM NIPPONBASHI

Tadao Ando, Osaka, Japão, 1994.



©Tadao Ando Architect & Associates

A Nippombashi House, projetada por Tadao Ando, originalmente como um espaço residencial, foi adaptada a uma galeria de arquitetura. Este prédio estreito de três andares, abrigava uma família de quatro pessoas. Cada espaço possui sua própria escada, algumas das quais são expostas ao ar livre. O proprietário a transformou em uma galeria, localizada em Osaka, Ando completou a residência em 1994. O projeto residencial original de Ando foi renovado como uma galeria de exposições com seis salas e dois 'cofres', um dos quais pode ser totalmente aberto para o exterior ao mover seu teto de vidro deslizante. No átrio com triplo pé-direito, uma instalação feita de filme óptico contrasta com o concreto onipresente. O filme, que foi reutilizado de uma exposição anterior, adiciona artisticamente cor ao espaço enquanto reflete a luz.



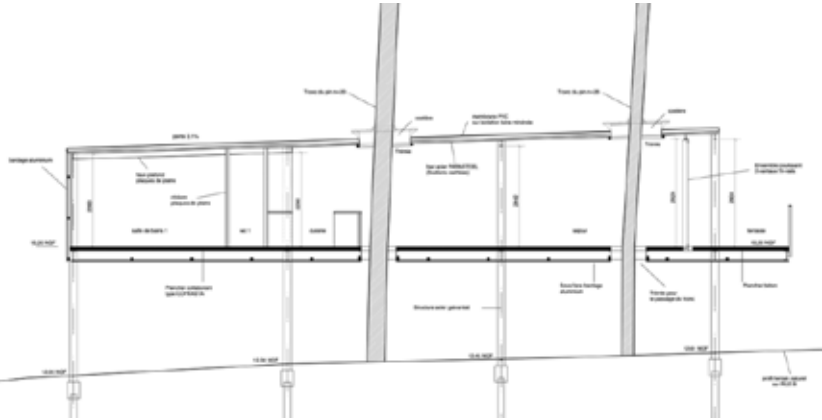
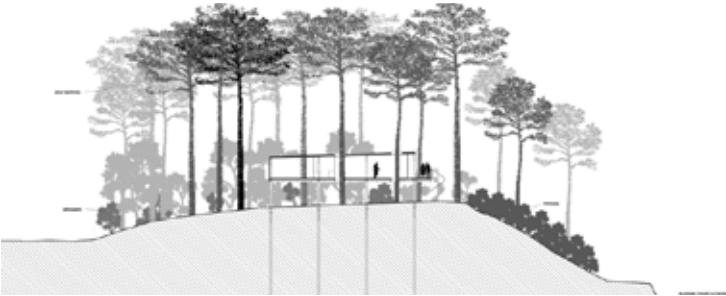
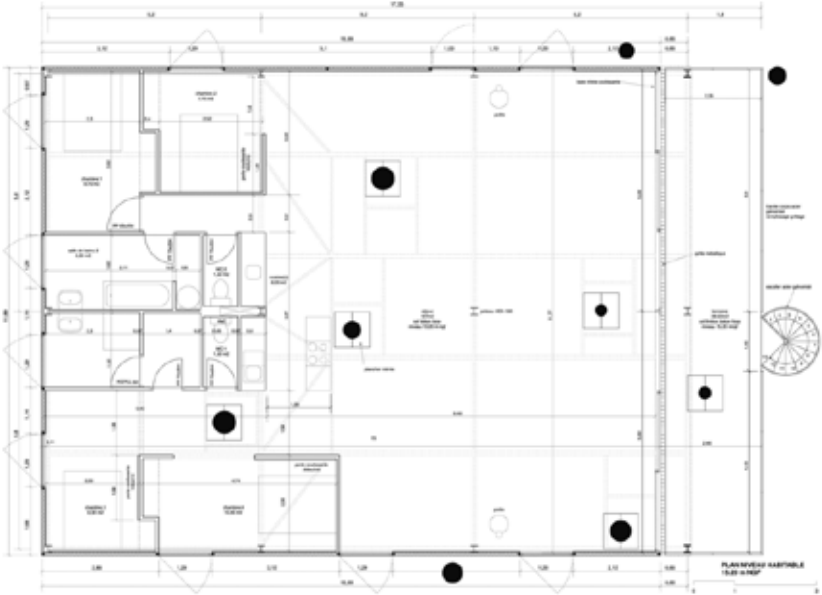
CASA D, LÉGE
Lacaton & Vassal, Cap-Ferret, França, 1998.



© Lacaton & Vassal

A Casa em Cap Ferret, projetada por Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal em 1998, é um exemplo da filosofia dos arquitetos, intervir com o mínimo impacto possível e valorizar o que já existe. Situada em Lège-Cap-Ferret, na costa atlântica francesa, a casa encontra-se implantada num terreno coberto por pinheiros, que os arquitetos procuraram preservar. O objetivo era construir sem destruir o solo, sem cortar árvores e sem alterar a topografia. Assim, a casa foi elevada do chão através de uma estrutura metálica apoiada em microestacas, que permitem que o terreno e a vegetação se mantenham intocados. A estrutura é leve e precisa, construída em aço e revestida com alumínio ondulado, refletindo a luz e o ambiente natural envolvente. O volume principal assenta entre os troncos dos pinheiros, alguns dos quais atravessam o espaço da casa. A fachada virada para a baía é envidraçada, abrindo o interior à paisagem e à luz natural, enquanto as restantes faces são mais opacas e protegidas, garantindo conforto e privacidade. No interior, o espaço é fluído e contínuo, com o horizonte e a vegetação sempre presentes.

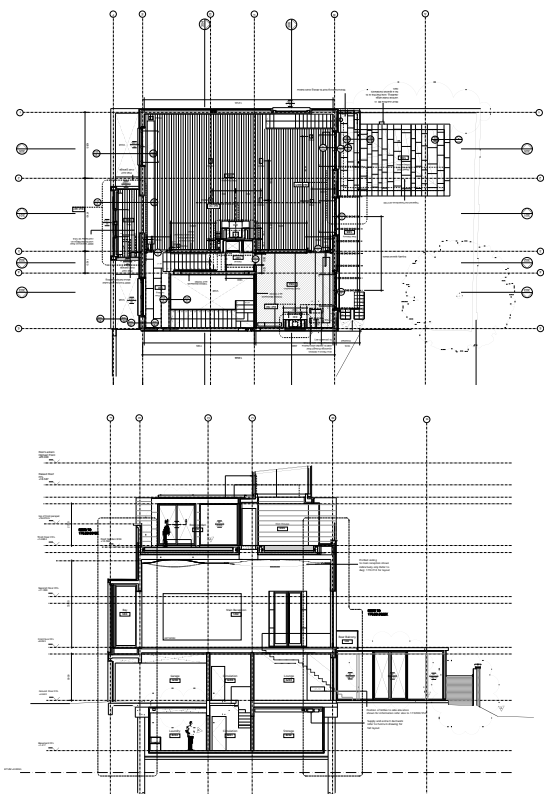
A obra demonstra que é possível construir com inteligência e economia reduzida de meios, criando uma habitação que não domina o sítio, mas dialoga com este. É uma arquitetura que procura o essencial, o conforto, a relação com o ambiente e a leveza.





© Arquitetura Viva | Tony Fretton

Desde a Idade Média que a zona de Chelsea, dentro da Grande Londres, foi uma zona majoritariamente ocupada por grupos de pessoas que pertencem a classes economicamente privilegiadas. Durante o século XIX, o lote, que faz parte da historicamente relevante Tite Street (rua onde residiu no passado o escritor Oscar Wilde e o artista James Whistler) foi ocupado. No entanto em 1968 o edifício foi substituído por uma fachada menos qualificada, em estilo Neo-Clássico (dito pelo arquiteto), que não respeitava a identidade visual, este que consistia majoritariamente de "town houses" (casas tipicamente inglesas, que funcionam na vertical, com vários andares). Só posteriormente, já em 1996, é que Tony Fretton tem a responsabilidade total do desenvolvimento do projeto. Tony Fretton, em colaboração com Mark Pimlott, desenha este edifício com o intuito de homenagear os vestígios históricos nobres da zona de Chelsea e a tipologia de town house, criando uma linguagem visual e estrutural que vive do contraste entre uma linguagem contemporânea com elementos clássicos.

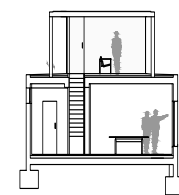
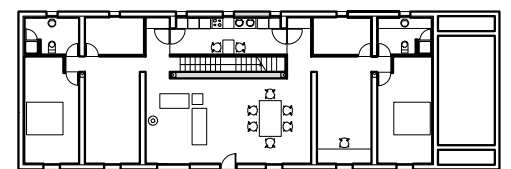




© USModernist | Mary Kay Judy

A Casa Blas é um testemunho das ideias fundamentais da arquitetura de Alberto Campo Baeza. Situada em Sevilla la Nueva, nos arredores de Madrid, e construída entre 1998 e 2000, a casa é uma resposta direta ao lugar onde se insere: o topo de uma colina com vistas amplas para norte, em direção à serra de Guadarrama. A implantação, num terreno com mais de catorze metros de desnível, fez com que a casa fosse percebida, à chegada, como um plano branco que parece flutuar sobre a paisagem. À medida que se sobe, revela-se então o bloco principal de betão que constitui a base do projeto. A obra incorpora de forma exemplar a distinção entre arquitetura estereotómica e arquitetura tectónica, conceitos essenciais na prática de Baeza. A plataforma inferior, parcialmente escavada no terreno, funciona como um espaço pesado, maciço, ligado à terra e à gravidade a caverna contemporânea. Na sua superfície abrem-se vãos quadrados que enquadram a paisagem, fazendo com que esta pareça distanciar-se e reforçando a sensação de abrigo e recolhimento. Sobre esta base sólida assenta, de modo preciso, a cabana mod-

erna: uma caixa de vidro transparente, sustentada por uma estrutura leve de aço pintado de branco. É o elemento tectónico elevado, luminoso, quase suspenso. O projeto consiste, assim, na sobreposição literal de duas entidades: a caixa estereotómica, construída em betão, parcialmente enterrada para proteção térmica, e a caixa tectónica, formada por vidro e uma cobertura. Esta cobertura branca, simples e rigorosa, resguarda o espaço superior da incidência solar direta, ampliando o efeito de transparência e continuidade visual. O espaço superior organiza-se em torno de um grande ambiente aberto, completamente permeável à paisagem circundante. A caixa de vidro aproxima-se quase até ao limite da fachada norte para enquadrar as vistas das montanhas, enquanto recua na fachada sul, garantindo sombra e regulando a entrada de luz. No conjunto, a Casa de Blas funciona como uma síntese poética entre peso e leveza, terra e céu. A parte inferior a gruta oferece refúgio e estabilidade; a parte superior a cabana oferece contemplação e abertura.



CASA NUM BOSQUE DE AMEIXOEIRAS

Kazuyo Sejima, Tóquio, Japão, 2001-2003



© 20th Century ARCHITECTURE

A arquiteta Kazuyo Sejima, nasceu em Ibaraki, no Japão, em 1956 e estudou na Universidade Feminina do Japão, onde licenciou-se no Departamento de Habitação em 1979 e concluiu o mestrado em arquitetura em 1981. Após concluir os seus estudos, ingressou no escritório Toyo Ito Architect and Associates, onde trabalhou de 1981 e depois abriu o seu atelier. Enquanto esteve na Ito, as suas contribuições mais notáveis foram como arquiteta do projeto Pao (1985), um conjunto de mobiliário para acomodar o estilo de vida nómada e das mulheres japonesas contemporâneas.

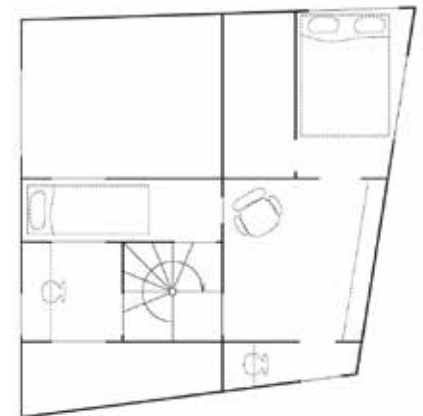
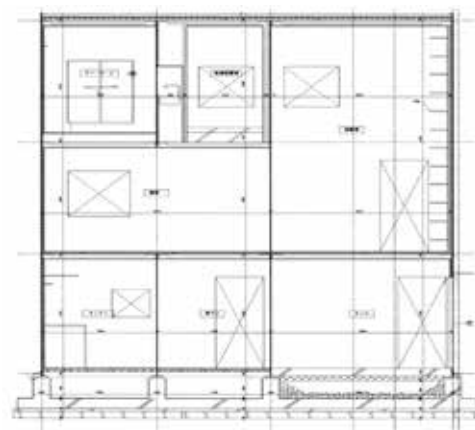
A arquiteta Sejima continua a enfatizar nos seus projetos um movimento apoiado pela flexibilidade funcional, explorando a materialidade do aço e do vidro para construir um espaço leve e fluido. A estrutura inovadora de placas de aço, as paredes finas e a relação controlada entre interior e exterior demonstram como a arquitetura pode transformar limitações em oportunidades, oferecendo uma nova perspectiva sobre o habitar em contextos urbanos densos.

Em 1987, abriu o estúdio em Tóquio e, em 1995, fun-

dou a SANAA com Ryue Nishizawa. Recede o Prémio Pritzker de Arquitetura do Japão, o Leão de Ouro da Bienal de Veneza, o Prémio Officier de l'Ordre des Arts et des Letters e a Medalha com Fita Púrpura. Atualmente, é professora na Universidade Politécnica de Milão, na Escola de Pós-Graduação em Arquitetura de Yokohama e ensina na Universidade Feminina do Japão e na Universidade de Artes de Osaka como professora visitante. As principais obras da SANAA incluem o Museu de Arte Contemporânea do Século XXI em Kanazawa, o Rolex Learning Center (Ecole Polytechnique Federale de Lausanne) e o Louvre-Lens. A Plum Grove House, localizada em Tóquio, foi projetada por Kazuyo Sejima em 2003. Os seus projetos focam numa transparência, de leveza e integração com o entorno. A casa é caracterizada por uma estrutura de cimento com grandes aberturas envidraçadas e uma planta que explora a relação entre espaços internos e externos.

A House in Plum Grove é uma obra que exemplifica a capacidade da arquitetura de responder a desafios espaciais e culturais com criatividade. Explora a materi-

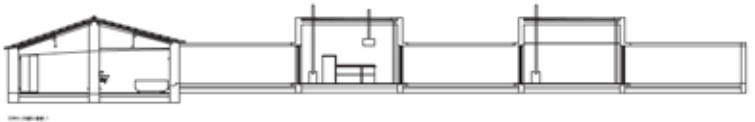
alidade do aço e do vidro para construir um espaço leve e fluido. A estrutura inovadora de placas de aço, as paredes finas e a relação controlada entre interior e exterior demonstram como a arquitetura pode transformar limitações em oportunidades, oferecendo uma nova perspectiva sobre o habitar em contextos urbanos densos.





A Casa Santa Vitória, localiza-se na aldeia de Santa Vitória, no concelho de Beja. Rui Mendes fez este projeto entre 2001-2003 e estabeleceu uma estratégia de ampliação da área habitável coberta, acustos controlados, a partir do desejo da cliente de manter a casa existente. O terreno, caracterizado por uma parcela de estruturas longitudinais, liga a rua principal com a rua das traseiras e integra a tradição das habitações de matriz rural da casa poder significar compartimento ou divisão. A ampliação da casa pode ser entendida como a definição de novas "casas", ou seja comunicação física e visual entre o interior e exterior. Esta organização espacial é marcada pela sequencialidade, estabelecendo uma transição gradual entre espaço fechado e espaço aberto. Na reabilitação da casa existente, o arquiteto optou por manter os processos construtivos originais e apenas substituir o necessário, como algumas madeiras, telhas, isolamento e novas camadas de cal mantendo assim a tradição da caiação onde toda a população da aldeia renovava a cal da própria casa, com cal fornecida pela câmara municipal.

Na ampliação da casa, foi feito um muro periférico que continha simultaneamente o espaço da habitação, infraestruturas e estrutura: rede de água e eletricidade, passam na caixa de ar entre a dupla parede de tijolo de cimento maciço. Este muro é atravessado por vigas que separam os pavimentos cobertos e descobertos. E a drenagem das águas pluviais é canalizada para caixas no pavimento que a conduzem para o exterior.



Roof House

Tezuka Architectural, Kanagawa, Japão, 2001



© Tezuka Architects

A Roof House é uma habitação unifamiliar e localiza-se Hadano, Kanagawa, Japão. Construída em 2001, foi projetada pelos arquitetos Takaharu e Yui Tezuka, em colaboração com o engenheiro Masahiro Ikeda. O projeto nasceu do desejo do cliente de poder subir ao telhado da sua casa.

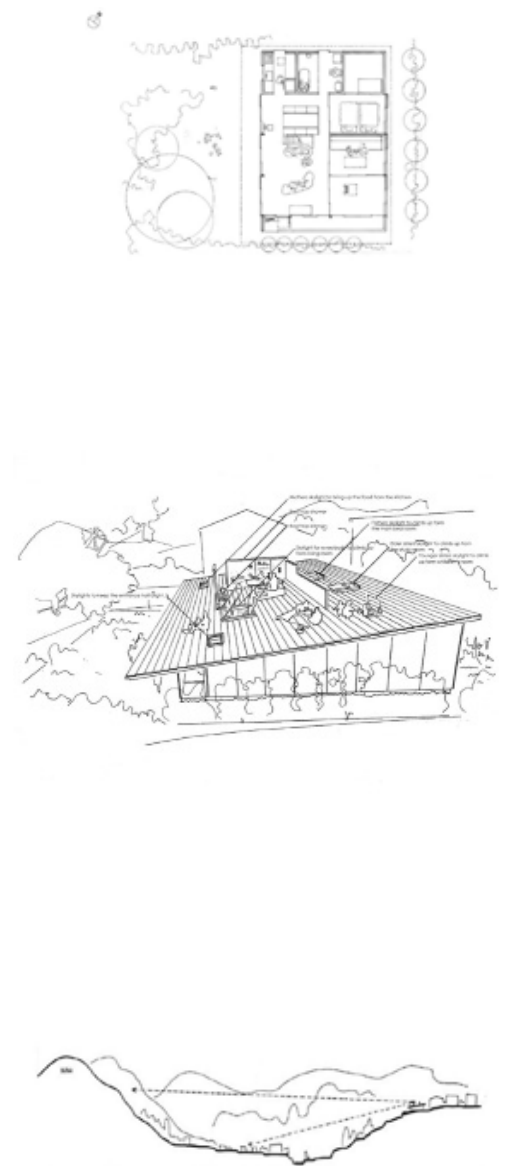
A família, composta por quatro pessoas, vivia anteriormente numa casa tradicional onde tinha o hábito de fazer refeições no telhado. Apesar do espaço reduzido, de apenas 6 m², e do acesso difícil por uma pequena janela, esse local tornara-se parte do seu quotidiano. Inspirados por esse hábito, os arquitetos decidiram levá-lo ao limite, criando uma casa que se define essencialmente pela sua cobertura.

Organizada num único piso, a habitação é coberta por uma ampla superfície inclinada cerca de 10 graus, paralela ao solo. Este grande plano inclinado funciona como um terraço acessível a partir de cada divisão, através de claraboias e escadas que também servem de poços de luz.

A cobertura transforma-se num verdadeiro espaço

habitável ao ar livre. Está equipado com mesas, cadeiras, uma pequena cozinha, um chuveiro e um fogão, permitindo várias atividades durante todo o ano, desde relaxar e contemplar a vista sobre o Monte Kobo até cozinhar ou fazer refeições em família.

Para além da sua função prática, o telhado reflete um princípio essencial da cultura japonesa, o “shakkei”, ou “paisagem emprestada”. Este conceito integra a paisagem distante, neste caso, a colina do Monte Kobo, como parte do espaço habitado. A vista torna-se uma extensão da casa, e o ato de contemplar a natureza transforma-se num ritual diário de ligação entre interior e exterior.

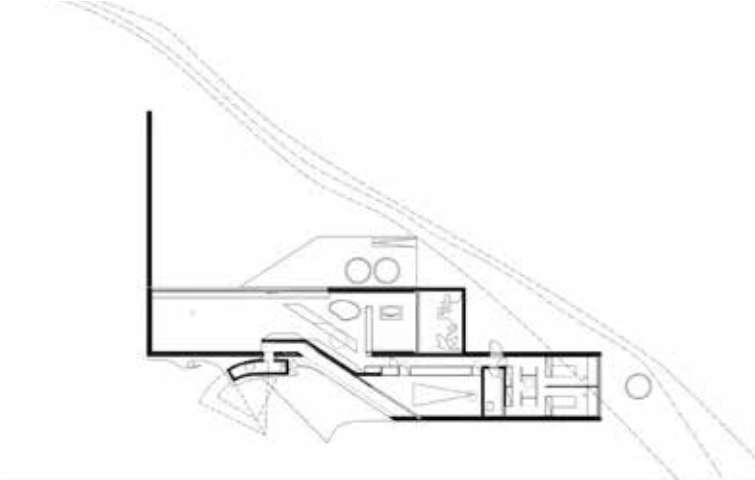




© Transfer-Arch | Maniera

A arquitetura de Juliaan Lampens vai além do modo tradicional de habitar e propõe uma forma de espaço social aberto e sem barreiras. Suas obras eram marcadas pelo uso de betão, madeira e vidro, e destacam a harmonia entre o espaço interno e externo, em relação ao ambiente e a natureza ao redor. Lampens trabalha o betão bruto e a sua expressividade onde a textura imprime padrões, board-form, que é explorado de modo escultório. A madeira aparece no interior, e traz calor ao espaço, em contraste com a dureza do betão. Aspectos fundamentais na organização de seus projetos davam-se entorno dos limites, orientações cardinais e linhas de visão, como ver o jardim a partir de grandes vãos envidraçados enquanto se está protegido no interior. Lampens tinha como influência Le Corbusier e Mies van der Rohe, e tentava conciliar seus atributos contrastantes. Tinha profunda admiração pelos Bunkers ao longo da Muralha do Atlântico, característica frequente em seus projetos representada pela aparência mais fechada que a estrutura assumia. A Casa Velghe-Vanderlinden possui em um de seus lados uma

fachada cerrada enquanto do outro, a fachada abre-se para o jardim com grandes aberturas em vidro. O que resulta no equilíbrio entre estar protegido e ao mesmo tempo aberto à natureza. A ideia de habitar segundo Lampens baseia-se em diversos elementos que formam um plano totalmente aberto, sem pilares ou mesmo paredes, de modo que todos os cômodos parecem unir-se, cozinha, sala, quartos e casas de banho em um único espaço aberto. Esse modelo enfatiza a vida em conjunto como unidade familiar.





© Julia Klimi

A Casa Ambrosetti, projetada por Aurelio Galfetti, arquiteto suíço, está localizada na Ilha de Paros, na Grécia. Escavada no terreno, a casa surge quase invisível, dando continuidade à paisagem presente através dos muros de pedra que definem o limite entre habitação e paisagem mediterrânica. Numa zona ventosa, o arquiteto desenhou um muro, criando assim um recinto para a sua casa de férias de modo a proteger-se do clima e aproveitando da paisagem de Sarakiniko. A casa organiza-se em torno de um pátio central, que funciona como espaço de entrada de luz e ventilação natural. Em torno deste pátio distribuem-se as divisões, todas com as mesmas dimensões, portas e janelas, estando a Sul três quartos de hóspedes e a Norte um quarto com casa de banho, uma sala e de seguida uma cozinha. A circulação entre espaços é feita em torno do vazio central, através de corredores simples que organizam as áreas privadas e sociais de forma clara e funcional.

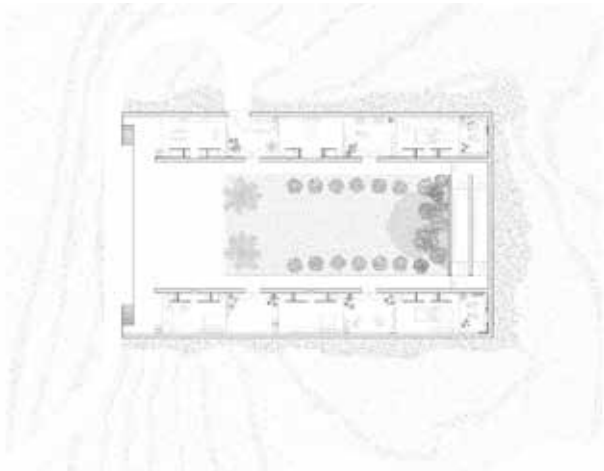
Os materiais escolhidos reforçam a ligação com o lugar. O muro exterior é construído em pedra local, semelhante aos muros agrícolas da ilha, enquanto o interior combina betão e reboco pintados de branco, refletindo a luz. Esta escolha garante uma continuidade da paisagem. A Casa Ambrosetti representa uma arquitetura que se adapta ao meio em vez de o dominar. Galfetti procura a simplicidade e o equilíbrio entre o construído e o natural, transformando a casa num abrigo discreto e profundamente ligado à paisagem de Paros.



© Atelier Branco



© GAP Interiors



Ensemble de bâtiments - Casa do Alentejo, Vila Nova de Gaia, 2010

© ENSA Paris-Est



© Go Hasegawa and Associates

A Casa em Sakuradai, de Go Hasegawa é uma residência unifamiliar, localizada na província de Mie, no Japão. Projetado em 2005 e construído em 2006, o projeto foi encomendado pela irmã do arquiteto e pelo seu marido, e tem uma área total 138.88 m². A residência foi uma das suas primeiras obras e sintetiza muitos dos princípios que o mesmo continuou a desenvolver ao longo da carreira, sendo estes as relações espaciais, a luz, a continuidade e a criação de um espaço doméstico partilhado e não hierárquico, recorrendo a desníveis, vazios e percursos que estimulem o movimento. A casa organiza-se em torno de um espaço central de pé direito duplo que é iluminado através de uma claraboia, o que lhe oferece uma perceção vertical. Este espaço acaba por ser o coração do projeto, pois é a partir dele que é feita a ligação entre os diversos espaços da casa. Uma particularidade deste espaço é o piso elevado que o ocupa: uma superfície de madeira, que pode ser utilizada de diversas maneiras, sendo como mesa,

pavimento ou apenas ponto de convívio. Em termos da disposição das plantas, o arquiteto inverte a lógica habitualmente adotada, colocando as áreas privadas — quartos, casas de banho, escritório — no piso térreo, e as áreas sociais — sala e cozinha — no primeiro piso. No que toca à circulação, esta não é linear, mas sim livre, e isso é possibilitado pelas aberturas existentes nos cantos do espaço central, que dão liberdade aos residentes de percorrer a casa de uma forma fluida, sem restrições impostas pela configuração tradicional. No que diz respeito aos vãos, são elementos estruturantes, pois funcionam como passagens visuais que perfuram vários planos e níveis, ligam o interior ao exterior e também as divisões entre si. Ao darem a sensação de que atravessam as paredes, criam uma continuidade visual e transformam a casa num espaço relacional, onde todos os espaços participam no mesmo volume, mas mantêm a sua individualidade. Por fim, a estrutura combina madeira laminada e betão, com os acabamentos interiores a serem feitos com

contraplacado de faia e gesso branco.





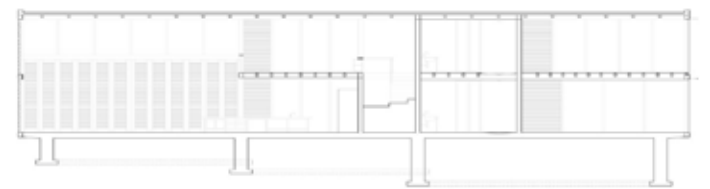
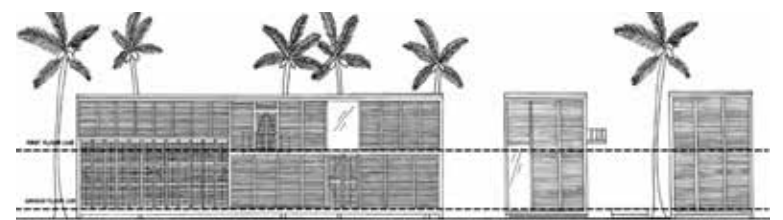
A Casa Palmyra constitui um exemplo notável de arquitetura contemporânea profundamente enraizada no contexto físico, climático e cultural da costa de Alibag, na Índia. Concebida como um retiro de fim-de-semana e implantada num terreno agrícola densamente ocupado por coqueiros, a casa assume uma relação íntima com a paisagem tropical e marítima, preservando quase todos os exemplares arbóreos e integrando-se subtilmente na sua geometria vertical. Esta estratégia de implantação, define o carácter do projeto: uma arquitetura que procura coexistir com o lugar, entendendo-o não como pano de fundo, mas como matéria ativa na configuração do espaço habitado.

A casa organiza-se em dois volumes rectangulares, ligeiramente desencontrados, ambos de dois pisos, cuja separação é marcada por uma piscina longitudinal que funciona como espaço central de vivência exterior. Esta disposição gera um eixo visual e funcional que articula os diferentes ambientes, reforçando a continuidade entre interior e exterior e evitando uma leitura monolítica do conjunto. Em vez de uma entrada principal formal, o acesso processa-se de forma fluida e discreta, dissolvendo limites entre o construído e a envol-

vente natural, uma qualidade frequentemente associada à arquitetura vernácula costeira da região. Cada volume alberga um programa distinto: o bloco norte reúne a suite principal, um estudo e uma sala de estar, enquanto o bloco sul acomoda duas suites de hóspedes, a cozinha e uma sala de jantar com pé-direito duplo. Esta separação programática assegura privacidade, autonomia e uma vivência mais dispersa e contemplativa, harmonizada com a lógica de estadia temporária e de contacto permanente com o exterior. A linguagem arquitectónica evoca uma interpretação contemporânea dos edifícios rurais e marítimos locais, tradicionalmente caracterizados por alvenaria em tijolo de barro, telhados cerâmicos, varandas profundas e sombreamento generoso. A Casa Palmyra retoma estes princípios de ventilação natural, proteção solar e integração com o clima tropical húmido, mas emprega-os através de uma expressão construtiva leve e depurada, centrada na madeira como material predominante. Ripas verticais de palmeira Palmyra funcionam como brise-soleil contínuos, filtrando a luz, permitindo ventilação constante e oferecendo privacidade relativa, ao mesmo tempo que estabelecem uma textura rít-

mica que dialoga com os troncos esbeltos dos coqueiros envolventes.

As portas e painéis de madeira de grandes dimensões, cuidadosamente articulados, permitem uma abertura quase total dos interiores, diluindo a fronteira entre as áreas habitáveis e o exterior plantado. A estrutura combina madeira aini, elementos metálicos discretos e bases em betão armado, numa solução que conjuga durabilidade, precisão e resposta às condições sísmicas e de vento da região. A cobertura leve em alumínio, com detalhes em cobre, protege eficazmente da chuva torrencial das monções, enquanto os sistemas construtivos permitem pequenas deformações, comportamento adequado ao ambiente costeiro e ao clima adverso sazonal.





A Casa de Férias localiza-se numa rua pequena e estreita da cidade histórica e costeira de Cadaqués, em Espanha, banhada pelo mar Mediterrâneo. O projeto resulta da reconstrução de uma antiga residência de dois andares e de uma estrutura adjacente em ruínas. A construção ergue-se sobre uma antiga adega, preservando uma abóbada, o único elemento resgatado de uma edificação anterior em ruínas, situada num lote recuado em relação à rua e envolvido por construções vizinhas. Este recuo origina duas geometrias que serviram de base à organização volumétrica. Foram também reaproveitados materiais existentes, como pedra, telhas e vigas. A entrada situa-se no ponto de junção das duas geometrias. O edifício assenta sobre um pedestal de betão, que varia em altura e se prolonga para formar um canteiro e um banco junto à entrada. Estão embutidas na espessura das paredes, reforçando a percepção de peso e profundidade da superfície. A fachada principal é composta por uma parede autoportante de pedra empilhada, enquanto as restantes paredes exteriores e as

interiores apresentam um acabamento em reboco rugoso. A cobertura de uma água, prolongada para se adaptar à fachada, origina duas linhas de beiral a diferentes alturas, contribuindo para atenuar o impacto volumétrico da casa. A habitação ocupa a totalidade do terreno, com uma área interna bruta de 150 m², recuando apenas nas empenas do primeiro piso para criar um pátio. Desenvolve-se em três pisos de aproximadamente 50 m² cada, complementados por dois mezaninos de madeira sob a cobertura. Apresenta um pé-direito de 2,5 m e um pé-direito duplo de 5 m. Na cave, encontra-se uma gruta de pedra, uma despensa e uma sala com pé-direito duplo, iluminada por uma claraboia que cria um efeito cénico e teatral. No piso térreo, situam-se o hall de entrada, ligeiramente abaixo do nível da rua, a claraboia, dois quartos e um vazio central. No primeiro piso encontra-se um salão com lareira e ainda a cozinha e sala de jantar, que se abrem para um pátio de cerca de 12 m², cercado por altas paredes, e um quarto adicional. Os mezaninos incluem a Sala do

Mar, situada sobre a cozinha e acessível por uma escada de madeira com escotilha de sótão, oferecendo vistas sobre a baía, a igreja, o mar e as montanhas, e ainda um quarto de sótão. Uma escada abobadada em caracol conecta todos os níveis da casa. Todos os elementos construtivos como calhas, tubos de cerâmica, arquitraves, caixilharias e componentes metálicos foram pintados de branco, conferindo ao edifício uma imagem coesa e distintiva, em conformidade com os rigorosos regulamentos municipais do centro histórico de Cadaqués, que controlam as alturas, proporções e cromatismo dos edifícios. Os pavimentos são revestidos com mosaico estampado, criando um efeito de tapete. O mármore branco é utilizado em peitoris, degraus, bancadas e lareiras. Nos mezaninos, foram aplicadas tábuas justas de madeira pintadas em tons suaves. Por fim, cortinas de linho cru suavizam a acústica dos espaços e garantem privacidade.

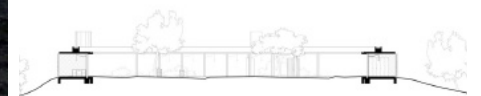
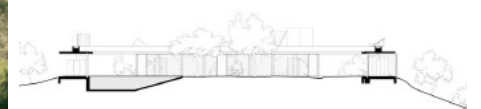
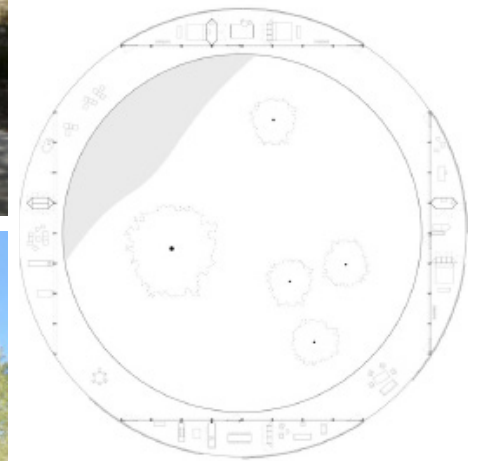
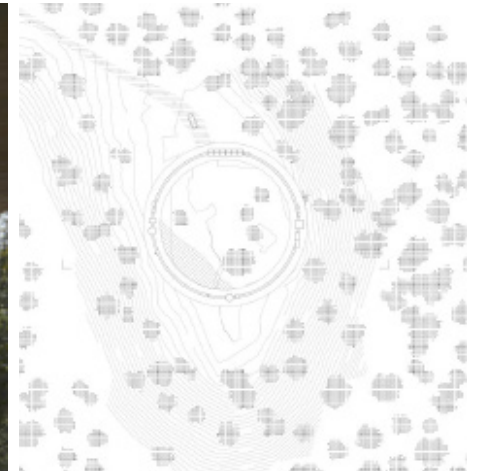




© officekgdvs

A Casa Solo localiza-se em Matarraña, Teruel, Espanha. Inserida numa paisagem florestal e montanhosa, estabelece uma forte relação com o meio envolvente. O projeto foi desenvolvido pelo atelier OFFICE KGDVS, (Kersten Geers e David Van Severen) e construído entre 2012 e 2017. A casa foi encomendada por uma imobiliária que pretendia criar um conjunto de habitações para arrendamento. A proposta apresenta-se sob a forma de um círculo com 45 metros de diâmetro, proporcionando uma vista panorâmica de 360º sobre a paisagem envolvente. O perímetro do círculo define o perímetro do edifício. Durante a visita ao local, os arquitetos terão ficado impressionados com a riqueza e a beleza da natureza, o que os levou a adotar o conceito de uma “arquitetura invisível”, uma casa em que se camufla na vegetação e minimiza o impacto visual na paisagem. A materialidade, baseia-se em betão, aço, alumínio e vidro.

A cobertura em betão é sustentada por colunas, garantindo uma estrutura leve e racional. O interior do edifício é composto por quatro volumes fechados, todos com paredes em vidro, intercalados por espaços externos cobertos. O programa da habitação inclui: -Quatro quartos, cada um com instalações sanitárias privativas; Sala de jantar; Cozinha; Espaço de apoio à piscina. Ao centro do círculo, existe uma piscina e um jardim selvagem, que contribui para a integração visual do edifício na paisagem e reforça o conceito de camuflagem. As fachadas envidraçadas podem abrir-se na sua totalidade, tornando quase impercetível a separação entre o interior e o exterior.

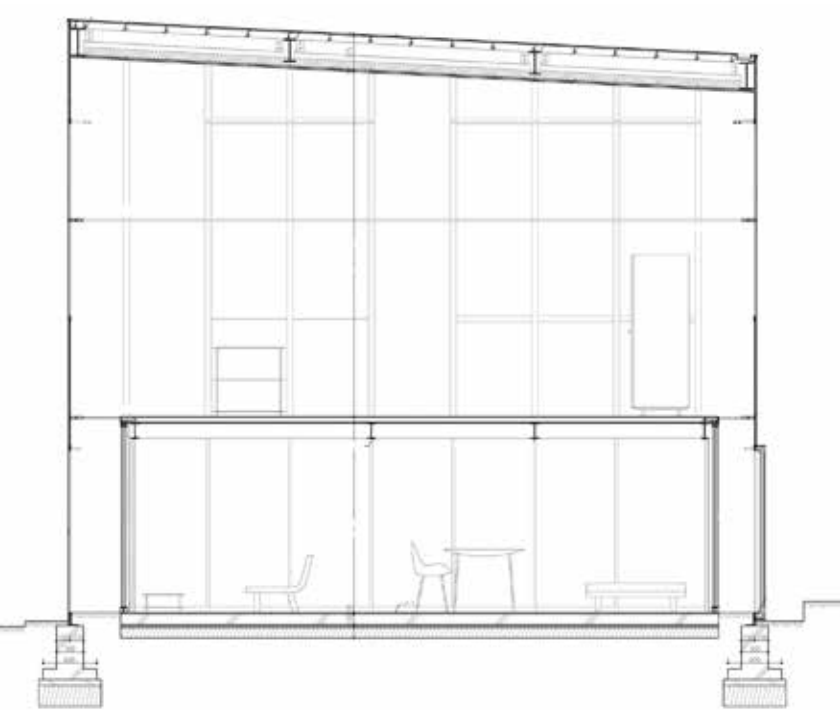
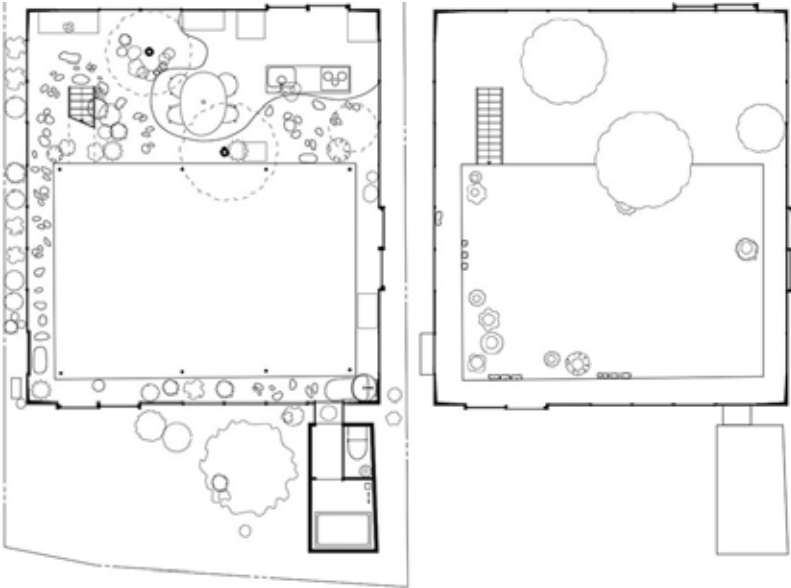




Junya Ishigami + Associado

A Casa H foi projetada pelo arquiteto Junya Ishigami e construída em 2013 em Tóquio. A casa liga a arquitetura e a natureza, e essa maneira de pensar muda a forma como o espaço habitado se integra com o ambiente exterior. A casa nasce do desejo onde o interior e o exterior ligam-se e se transformam mutuamente, Junya Ishigami numa entrevista afirmou, que as paredes, os móveis e as árvores estão no mesmo pé de igualdade. Ishigami projetou a casa como um organismo vivo em constante evolução, onde a passagem do tempo e o crescimento das árvores e plantas mudam a experiência espacial. A natureza torna-se assim uma parte essencial da casa, o que acaba por moldar a luz, as sombras e a atmosfera. A presença da natureza na casa faz com que a escolha dos materiais seja muito importante, o uso do aço, do vidro e da madeira cria uma estrutura leve e transparente, que parece quase desaparecer no meio da vegetação. Estes materiais permitem uma ligação entre o natural e a forma de como a casa é construída, o que reforça a ideia de uma casa que respira e muda com o ambiente. A leveza da estrutura contrasta com a

complexidade do espaço interior. O quarto principal, o segundo quarto e a sala de estar situam-se em baixo da plataforma que cria o segundo piso, faz com que dê uma sensação de abrigo que protege e, ao mesmo tempo, abre-se à paisagem. Na cozinha, uma sensação de leveza e de liberdade devido ao seu pé direito duplo. O projeto possui ainda uma casa de banho ligada à parte principal da casa por um pequeno corredor.



GREEN HOUSE

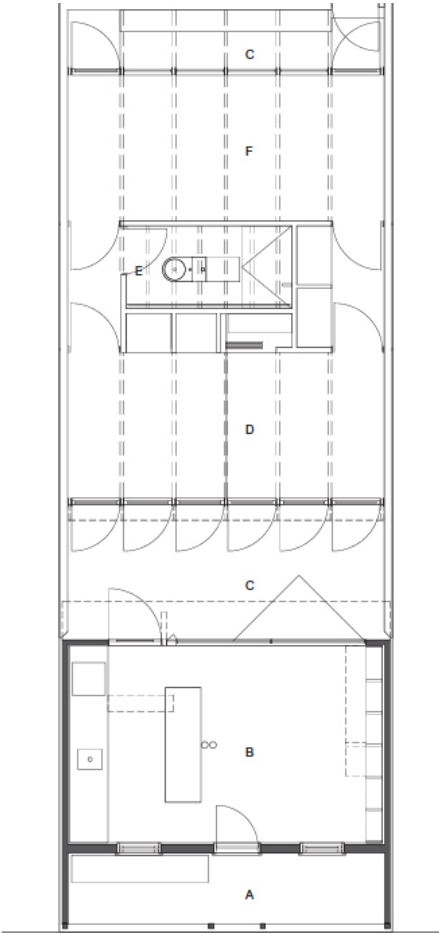
Sean Godsell, Austrália, 2013.



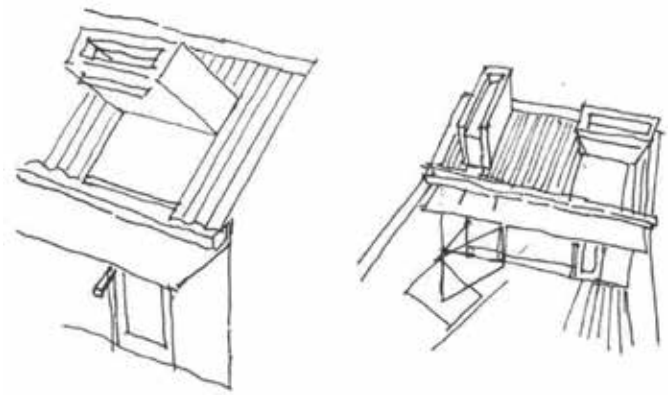
A Green House, projetada pelo arquiteto australiano Sean Godsell, é um exemplo claro do seu estilo minimalista e profundamente influenciado pelo clima da Austrália. O projeto destaca-se pela sua aparência austera e pelo uso de materiais industriais, como aço perfurado e madeira, criando uma estética simples, porém muito expressiva. Um dos elementos mais marcantes é o sistema de painéis metálicos móveis que envolve a casa, funcionando como uma segunda pele. Esses painéis permitem controlar a entrada de luz, garantir privacidade e proteger contra o forte sol australiano. Quando abertos, deixam o interior completamente conectado à paisagem; quando fechados, conferem à casa uma aparência sólida e protegida. A Green House também utiliza estratégias passivas de sustentabilidade, como ventilação natural, sombreamento eficiente e materiais duráveis. Assim, a casa adapta-se facilmente às variações climáticas, reduzindo a necessidade de recursos mecânicos. entre proteção, abertura e relação com o ambiente.



© Ingnant



Planta da Gre

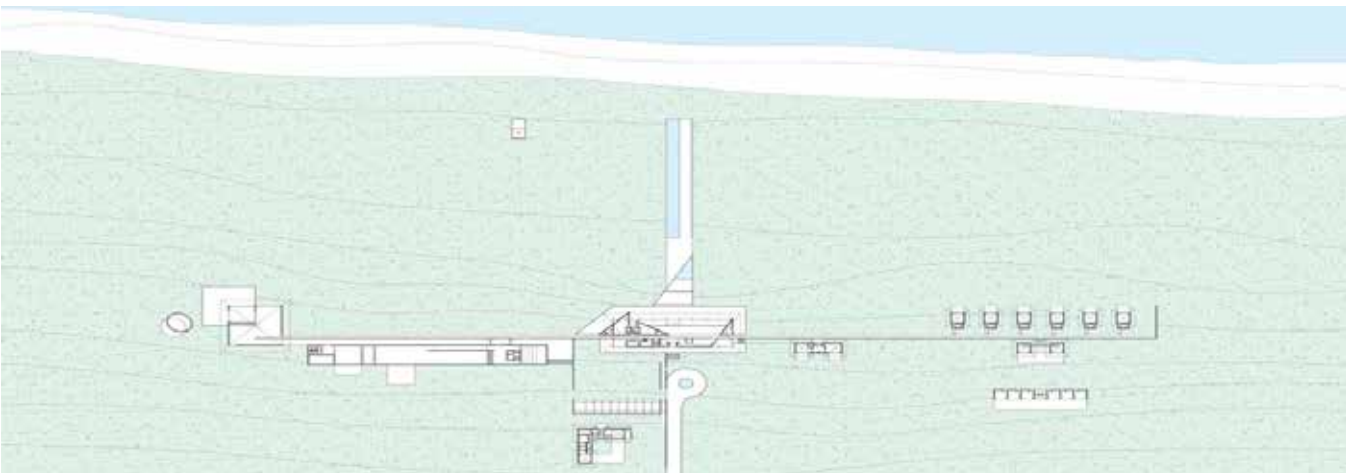


CASA WABI | FUNDAÇÃO WABI E PAVILHÃO DE ARCILLA
Tadao Ando e Álvaro Siza, Puerto Escondido, México, 2014 / 2018.



©Tadao Ando Architect & Associates,Osaka|Álvaro Siza Arquitecto, Porto

A Fundação Casa Wabi foi criada em 2014 pelo artista mexicano Bosco Sodi com o propósito de aproximar a arte contemporânea das comunidades locais. É uma instituição sem fins lucrativos com sedes em Puerto Escondido, Cidade do México e Tóquio, inspirada na filosofia japonesa wabi-sabi, que valoriza a simplicidade, a natureza e a imperfeição.O projecto da sede principal, localizado na costa de Oaxaca, foi desenvolvido pelo arquitecto japonês Tadao Ando. A construção é marcada por um muro de betão de 312 metros que organiza os espaços entre zonas privadas e públicas. O edifício central abriga áreas de convivência, dormitórios e estúdios voltados para o mar, onde a luz e a paisagem são elementos essenciais. A combinação entre o betão aparente e as coberturas de palha reflecte a fusão entre tradição mexicana e estética japonesa.O Pavilhão de Cerâmica, projectado por Álvaro Siza, é um espaço ao ar livre que preserva as técnicas artesanais locais de argila. Rodeado por um muro curvo de tijolos, reúne três construções simples em torno de um pátio.A Casa Wabi representa a união entre arte, natureza e comunidade.



VIPP SHELTER

Morten Bo Jensen, Lago Immeln, Suécia, 2014.



O Vipp Shelter, desenhado por Morten Bo Jensen para a marca de design dinamarquesa Vipp, foi criado em 2014 e está situado no sul da Suécia. O seu objetivo ao criar este abrigo era criar um refúgio minimalista e transportável, que oferecesse uma experiência de retiro na natureza, longe do quotidiano urbano.

A montagem do Vipp Shelter é todo pré-fabricado nas oficinas da Vipp, transportado em 2 módulos e instalado no local em apenas três a cinco dias. Funcionando como uma “casa pronta”, onde o utilizador só precisa escolher o local e conectar as infraestruturas básicas. Inicialmente feito para ser vendida em grandes quantidades, mais tarde esse objetivo mudou e o Vipp Shelter ficou apenas disponível como alojamento local.

A simplicidade da casa é um dos seus princípios fundamentais. O abrigo, com apenas 55 m². A organização é funcional e minimalista, eliminando tudo o que fosse dispensável e concentrando-se apenas no essencial. A estrutura do Vipp Shelter utiliza uma estrutura metálica

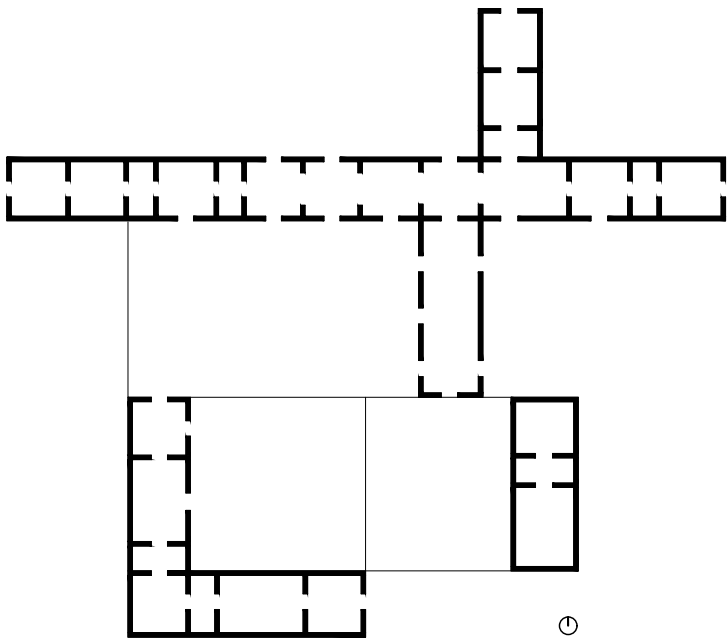
de aço, a casa é feita em volta da natureza e como tal a sua maneira de integrar a paisagem é feita através de vidros de grande dimensão, situados nas duas paredes com maior comprimento. A fachada exterior, em aço pintado em tons escuros, reforça a estética industrial.

CASA NAS SOBREIRAS ALTAS

Aires Mateus, Melides, Portugal, 2016-2024



A Casa nas Sobreiras Altas, projetada pelos arquitetos Francisco Aires Mateus e Manuel Aires Mateus localiza-se em Melides, no Alentejo. Implantada num terreno marcado por uma paisagem de sobreiros, a casa surge como um conjunto de volumes, dispostos de forma a dialogar com a natureza envolvente destacando a relação direta com a paisagem e a organização segundo eixos visuais contínuos. A arquitetura baseia-se na relação entre cheios e vazios. A materialidade discreta, reforça a ideia de continuidade com a terra e com a luz intensa do Alentejo. O projeto sintetiza uma visão muito própria : a casa como lugar de silêncio, de sombra e de tranquilidade, onde a forma é reduzida ao essencial e o espaço é construído pela luz e pela paisagem.



1:500



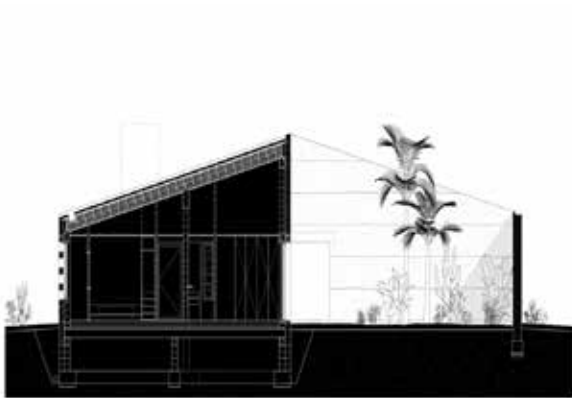
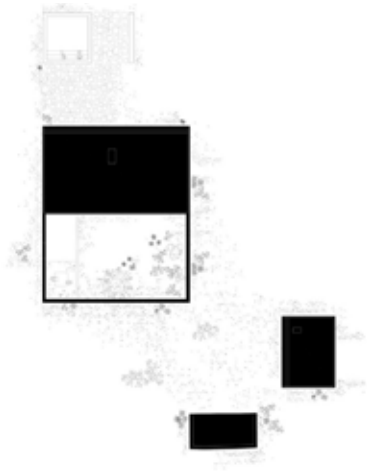
CA NA PAU

Munarq Architects, Binissalen Maiorca, Espanha, 2024.



© Munarq | Architecture Studio

A casa Ca na Pau, projectada pelo estúdio Munarq Architects em Maiorca, em 2024, nasce do desejo de viver em harmonia com os elementos naturais. O projecto parte do conceito tradicional do pátio mediterrânico, com uma área idêntica à da casa principal, funcionando como um espaço central de convívio, introspecção e abrigo. Este vazio arquitectónico actua como um verdadeiro oásis, um refúgio protegido do sol e do vento, mas aberto à luz e à paisagem envolvente. A arquitectura equilibra o aberto e o fechado, criando um diálogo contínuo entre interior e exterior. As aberturas enquadram a paisagem e filtram a luz natural, transformando o espaço ao longo do dia. Construída com terra, cal e pedra, a casa valoriza os materiais locais e as técnicas tradicionais, reforçando a sustentabilidade e a integração com o meio. As paredes de lastro e o isolamento em fibra de madeira asseguram conforto térmico, enquanto o telhado com vigas de madeira e blocos de palha proporciona eficiência energética. O resultado é uma arquitectura sensível e sustentável, que expressa o equilíbrio entre a engenhosidade humana e a paisagem de Maiorca.



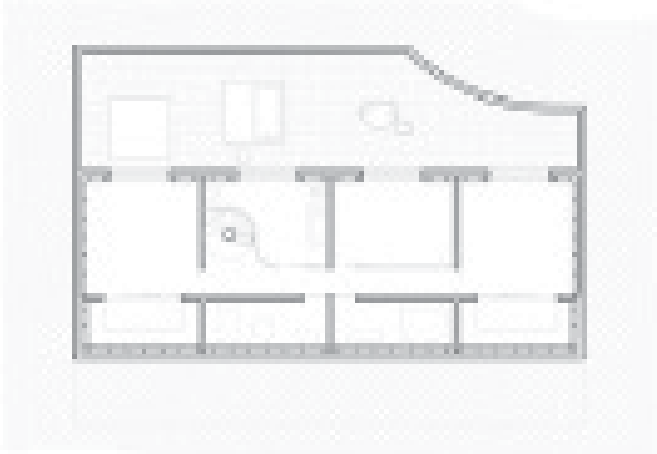


A Villa Montasser, projetada pelo arquiteto Leopold Banchini e situada em Mies, uma pequena localidade nas margens do Lago Léman, na Suíça, é um exemplo notável da arquitetura contemporânea que procura conciliar a tradição construtiva com uma visão profundamente moderna do habitar. O projeto, concluído em 2018, insere-se num terreno estreito e alongado, rodeado por uma paisagem tranquila, onde a proximidade com o lago e a vista para os Alpes influenciam fortemente a organização espacial e o ambiente da casa. A residência foi concebida para uma família com origens no Mediterrâneo, e reflete, de forma subtil, as referências culturais e arquitetónicas dessa região. A Villa Montasser baseia-se numa geometria rigorosa e numa estrutura simples, construída essencialmente em betão aparente, tijolo e madeira, materiais que, pela sua honestidade e textura, conferem à casa uma presença sólida e atemporal. A pureza formal e o uso controlado da luz natural criam uma atmosfera de serenidade, onde cada espaço é cuidadosamente desenhado para responder às necessidades da vida quotidiana e, ao mesmo tempo,

promover momentos de recolhimento e contemplação. O projeto explora de forma sensível a relação entre interior e exterior. Pátios e aberturas estrategicamente posicionados permitem uma ventilação natural eficaz e estabelecem ligações visuais diretas com o jardim e a paisagem circundante. Estes espaços intermédios reforçam o carácter introspectivo da casa, funcionando como filtros entre o espaço doméstico e o meio envolvente. A orientação solar, as sombras projetadas e o jogo de luz ao longo do dia tornam-se elementos centrais da experiência arquitetónica. Mais do que uma simples habitação, a Villa Montasser é uma interpretação contemporânea do conceito de refúgio, onde o espaço doméstico se transforma num lugar de contemplação, silêncio e equilíbrio. A obra de Leopold Banchini destaca-se pela sua capacidade de fundir racionalidade e emoção, técnica e sensibilidade, criando uma arquitetura que é simultaneamente precisa, poética e profundamente humana.

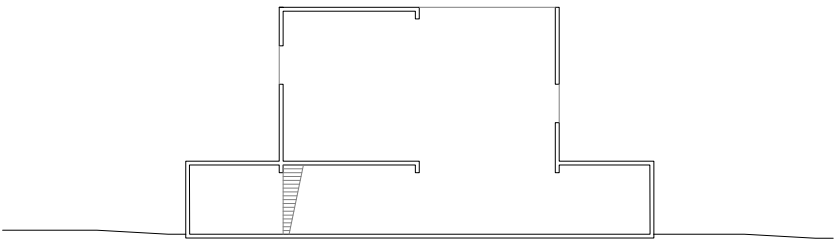
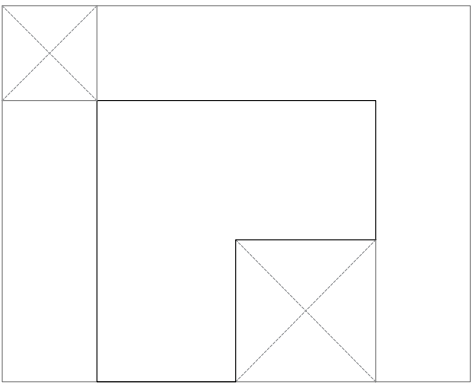
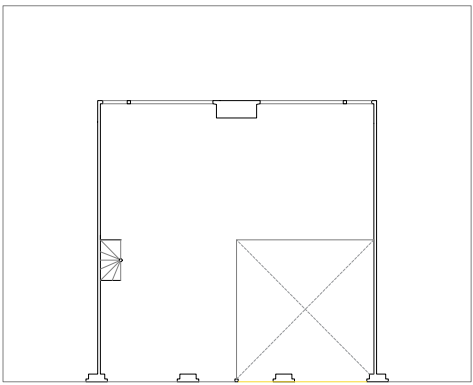
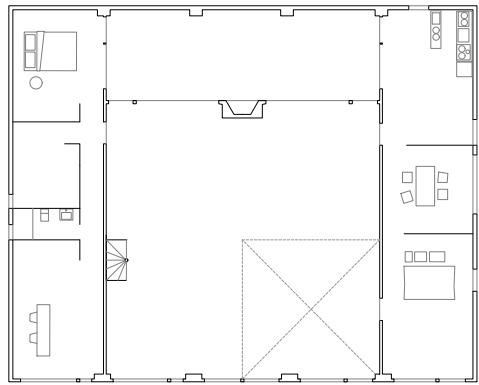


1/250

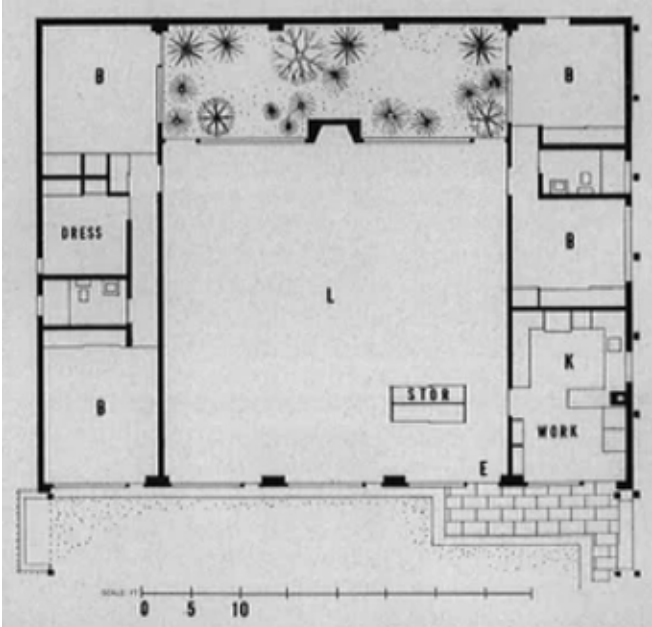


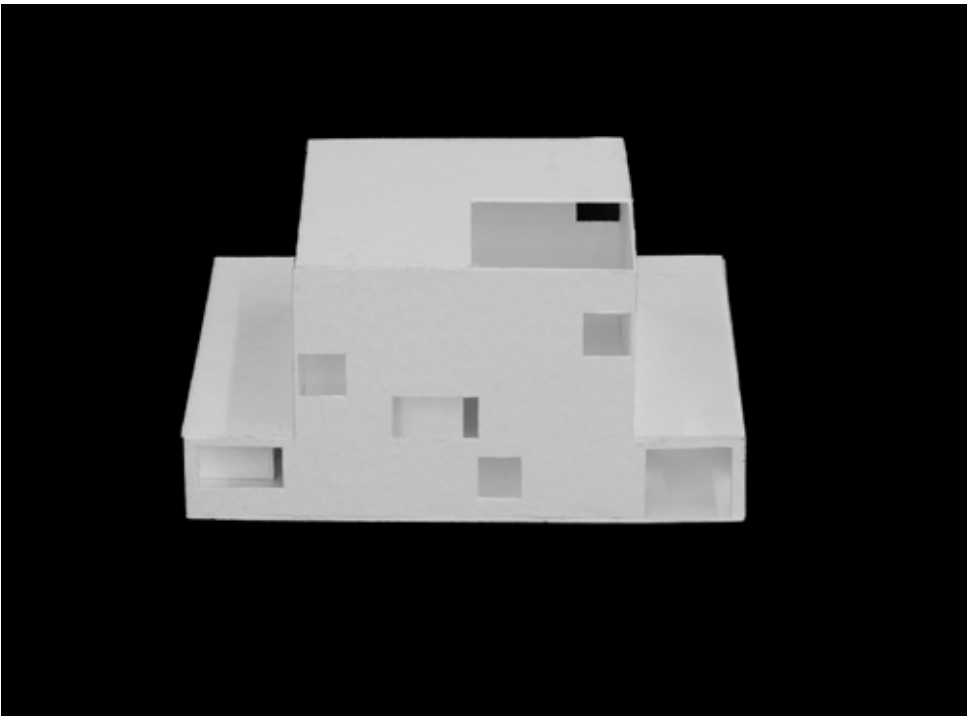
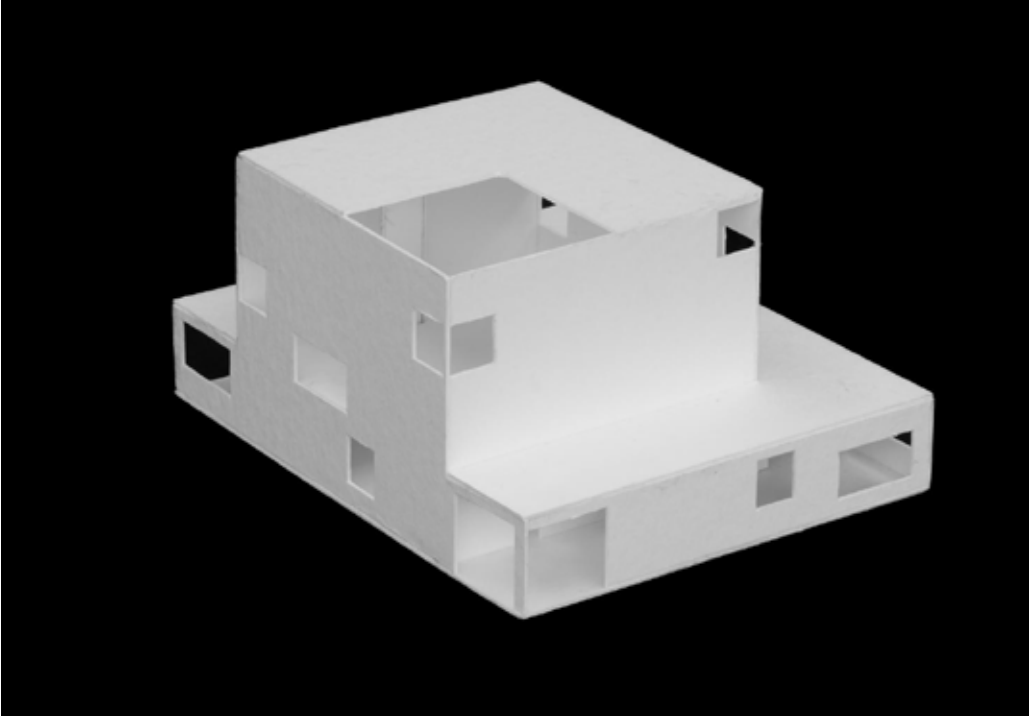
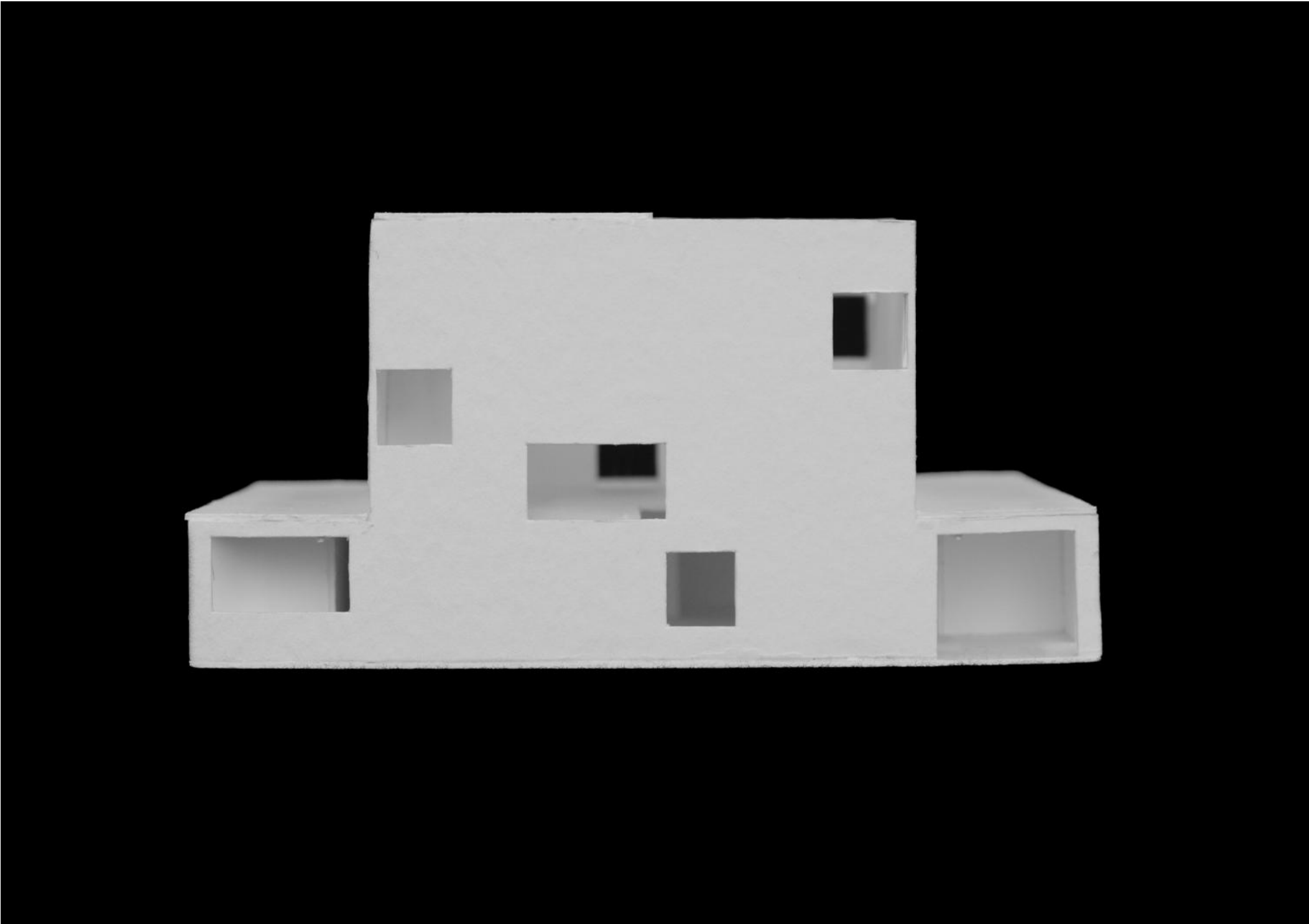
1/250

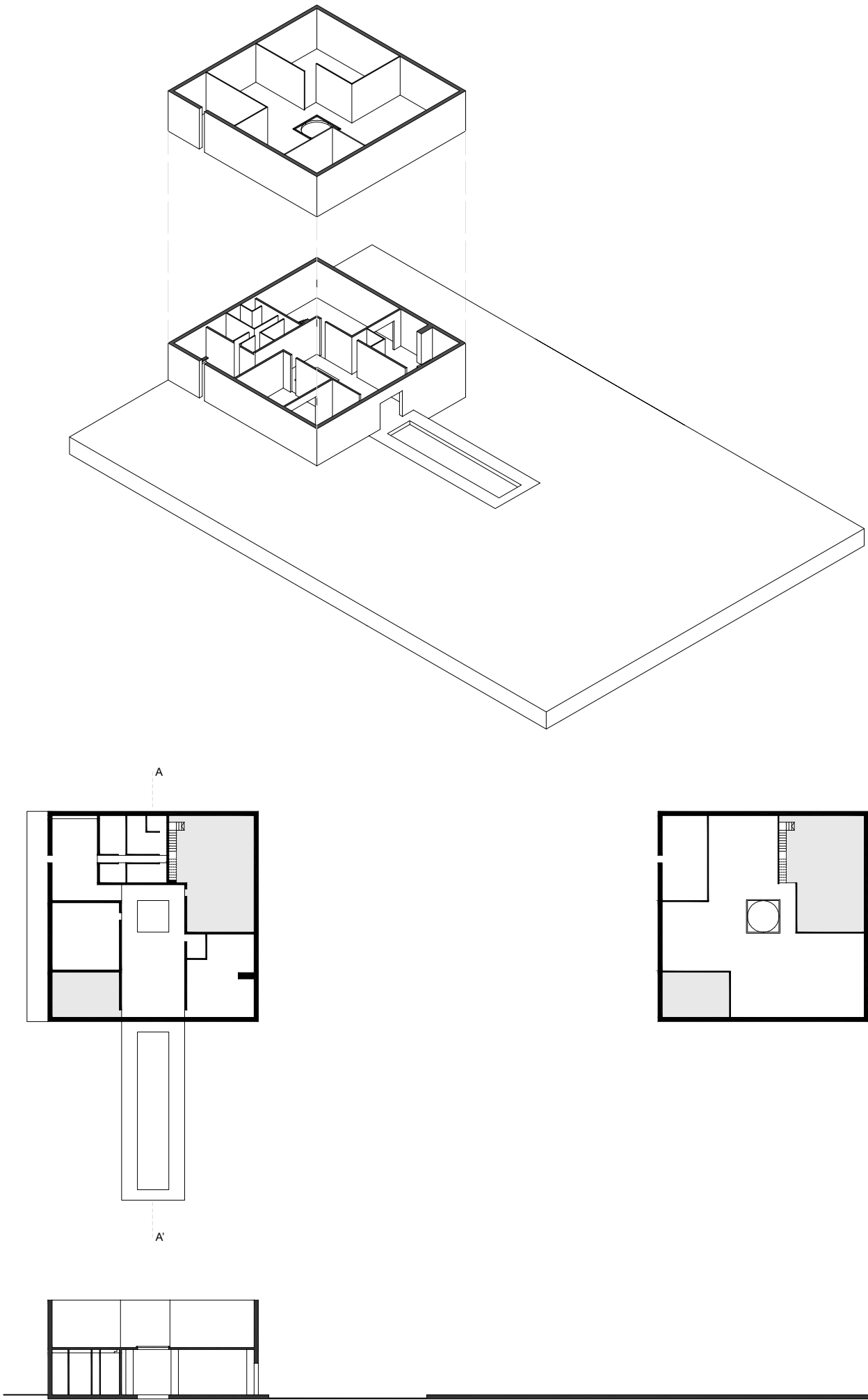
CASA HÍBRIDA



Este processo dos casos de estudo, baseia-se na análise detalhada de duas referências arquitetônicas. A Casa Plum Grove, em Tóquio, da arquiteta Kazuyo Sejima, do atelier SANAA, um estudo exemplar sobre modularidade, e a dissolução de limites entre interior e exterior, promovendo uma eficiência espacial. A Casa McCandlish, em Cambridge, Boston, do arquiteto Paul Rudolph, articula volumes distintos e programas específicos em torno de um núcleo central, criando uma complexidade espacial multifacetada. É a partir desta síntese conceptual que a casa híbrida materializa-se. Concebida como um volume compacto e de um desenvolvimento distintamente vertical, distribuído por três pisos, a sua conceção inspira-se diretamente na modularidade e no aperfeiçoamento funcional que integra também uma abordagem funcional que observamos na House Plum Grove.





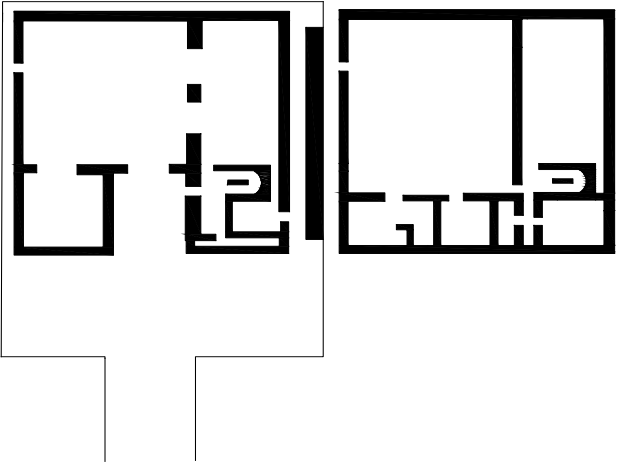


PLANTAS, CORTES E ALÇADOS
1:500

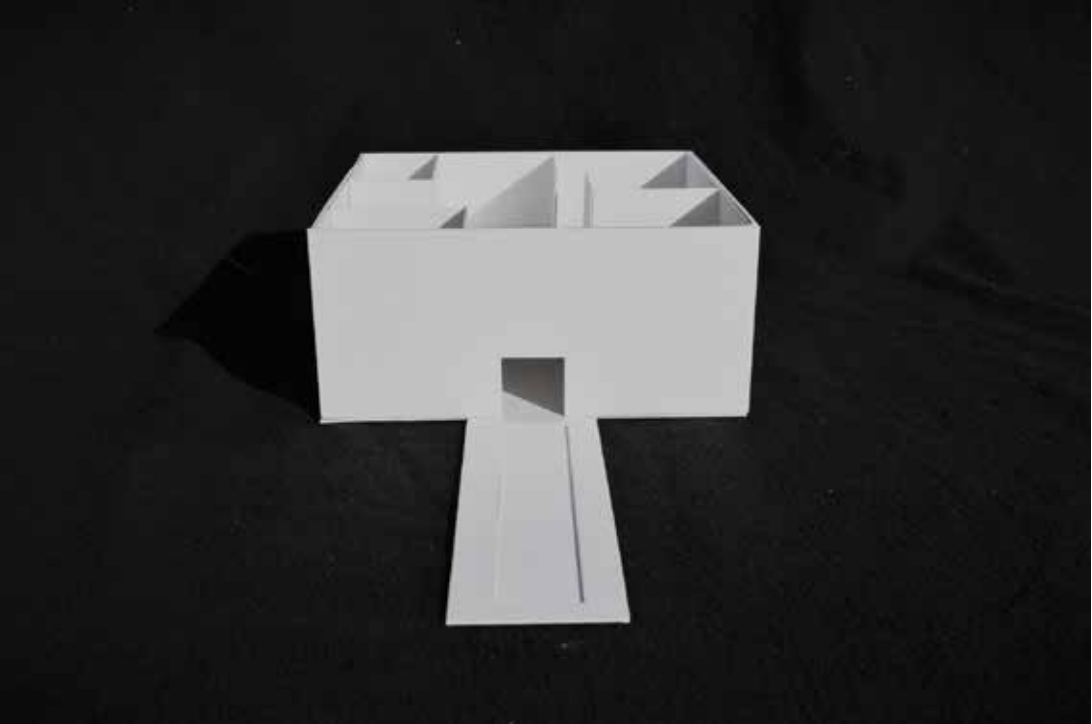
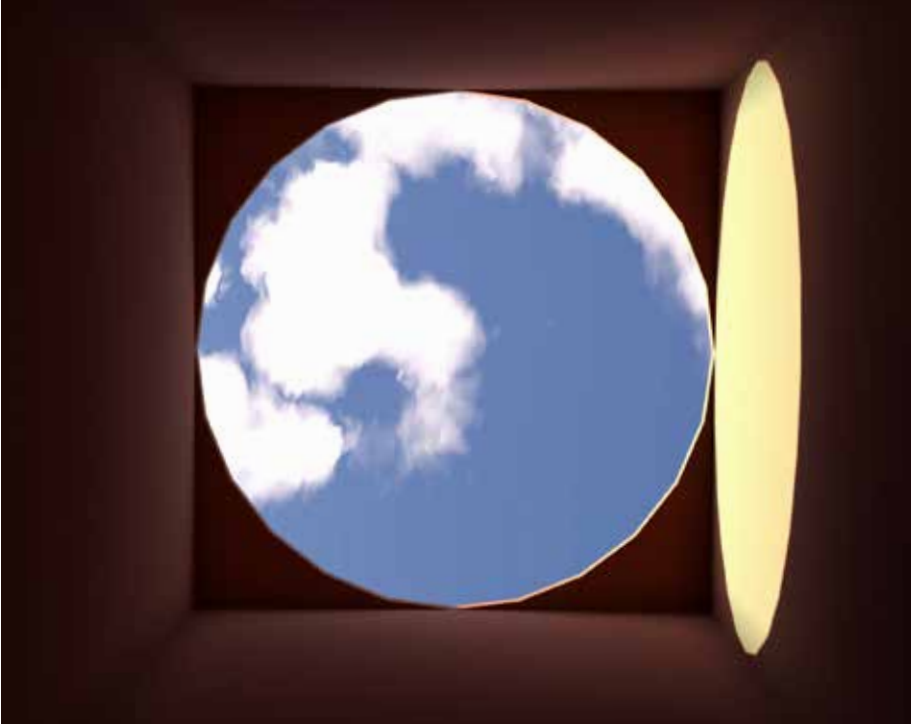
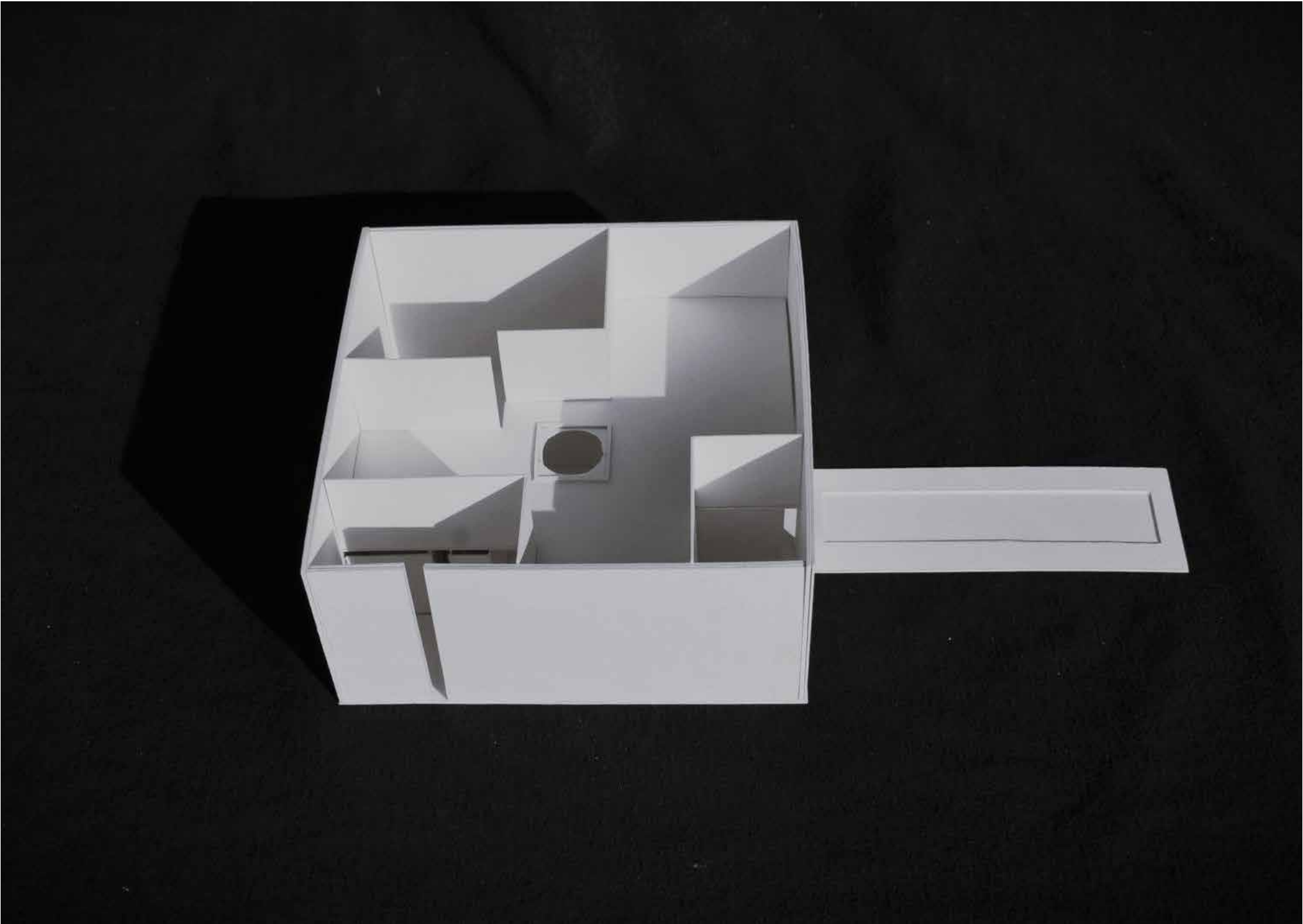
A proposta nasce da fusão entre a Casa Neuendorf de John Pawson e Claudio Silvestrin, e a Casa Rang de Richard Neutra. O objetivo foi explorar o contraste entre a abstração e a organização funcional moderna, procurando um ponto de equilíbrio entre massa e leveza, entre introspeção e abertura. Do projeto de Pawson e Silvestrin mantém-se a pureza volumétrica, a espessura das paredes e o caráter monolítico e silencioso do exterior, que define um limite preciso e quase escultórico. No interior, a casa adota a lógica espacial de Neutra, com uma estrutura mais fluida e orgânica, relações visuais amplas e uma distribuição funcional clara em torno de um pátio central que atua como núcleo de luz e de vida. O resultado é uma casa que se fecha ao exterior para se abrir sobre si mesma.



1:750
Casa Rang, Richard Neutra, 1964,



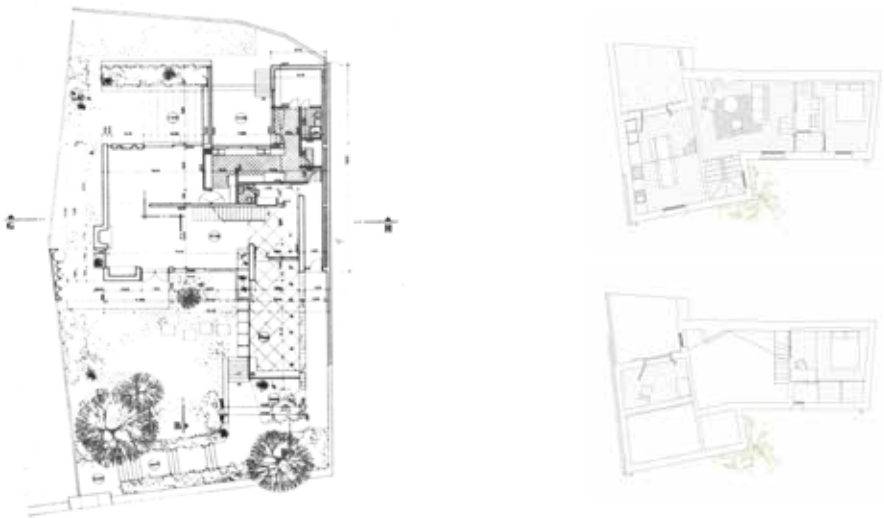
1:750
Casa Neuendorf, John Pawson & Claudio Silvestrin, 1986





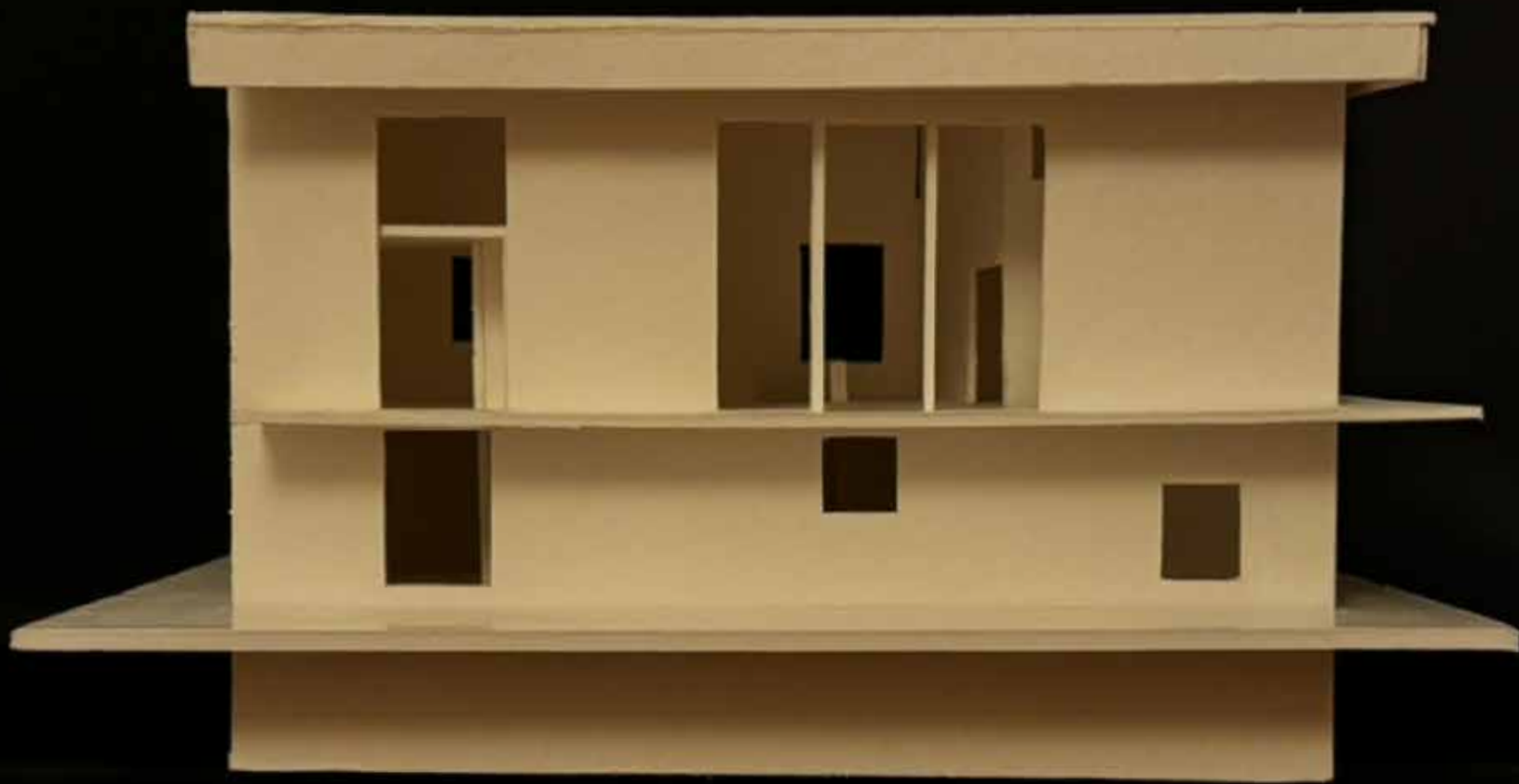
Plantas e alçados 1:200

O projeto Casa Híbrida toma como premissa a junção da Casa de Férias, em Cadaqués, Espanha, do atelier Sergison Bates, e a Casa Bianchi, no Funchal, na ilha da Madeira, do arquiteto Raúl Chorão Ramalho. A Casa adquire a/as característica/s mais relevantes de cada uma, sendo a distribuição interior, duplos e triplos pés direitos, e a exploração da entrada de luz natural criando efeitos luz/sombra, da casa de Cadaqués, e, por outro lado, a volumetria horizontal, e a cobertura plana com uma clarabóia no piso de pé direito triplo notável da casa do Funchal. A Casa Híbrida adquire maioritariamente as dimensões da casa de Cadaqués, interior e exteriormente, tendo do lado da fachada sul, uma varanda que percorre o edifício de um lado ao outro, transpondo também a fachada Este, marcando assim a horizontalidade e o paralelismo com o terreno, da casa Bianchi.



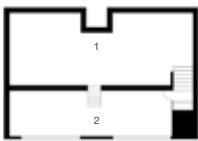
Casa Bianchi, Raúl Chorão Ramalho, 1959 1:500

Casa de Férias, Sergison Bates, 2008-2012 1:500

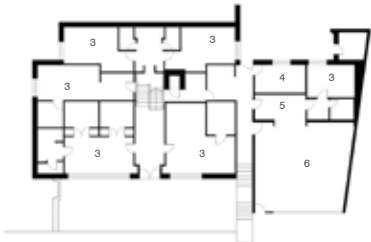


PENSAR A HABITAÇÃO

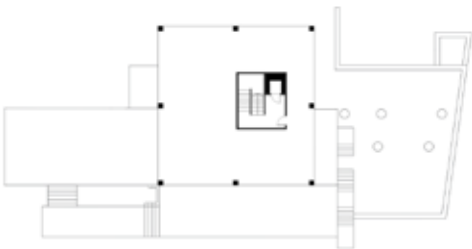
Casa Híbrida



Planta piso -2



Planta piso -1



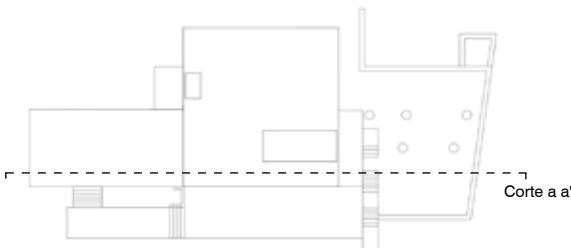
Planta piso 0



Planta piso 1



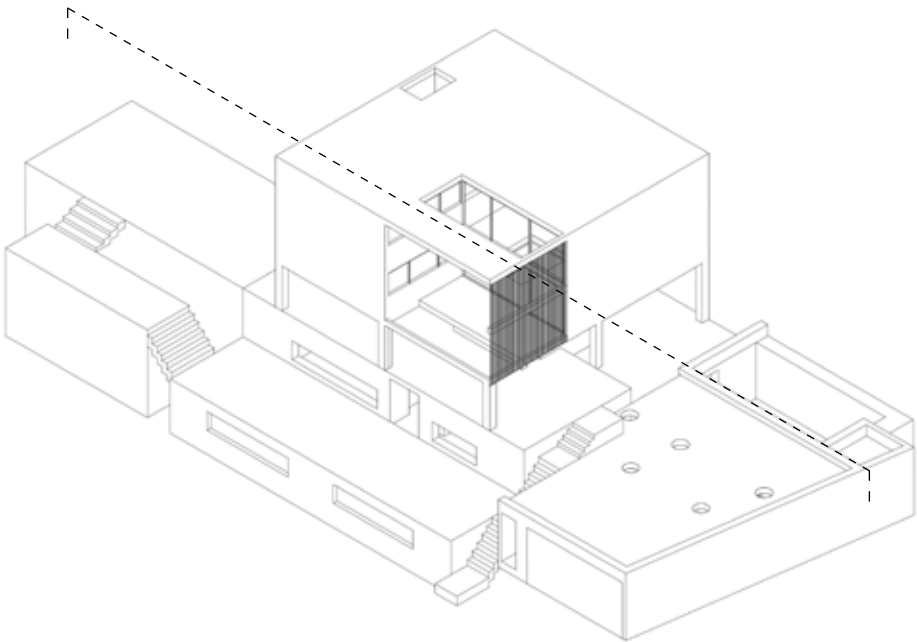
Planta piso 2



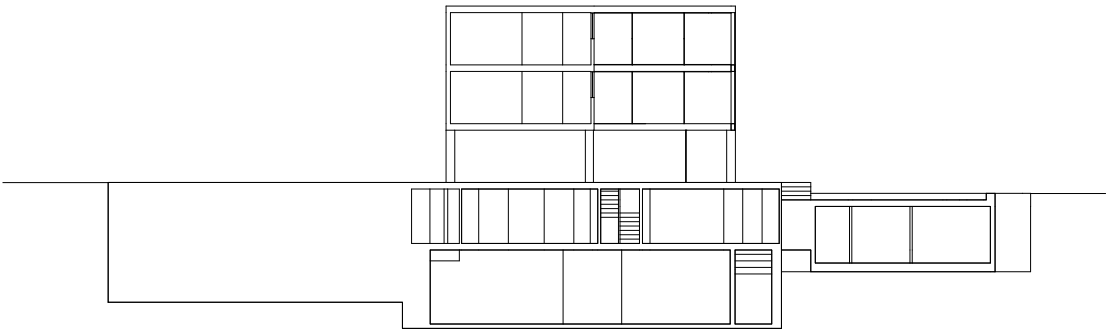
Corte a a'

- Legenda:
- 1- Adega
 - 2- Sala de jogos
 - 3- Quartos
 - 4- Instalações
 - 5- lavabos
 - 6- Garagem
 - 7- Cozinha
 - 8- Sala de Estar e Jantar
 - 9- Quarto
 - 10- Instalações Sanitárias
 - 11- Escritório

Planta de cobertura
1:200



Axonometria
1:100



Corte a a'
1:100

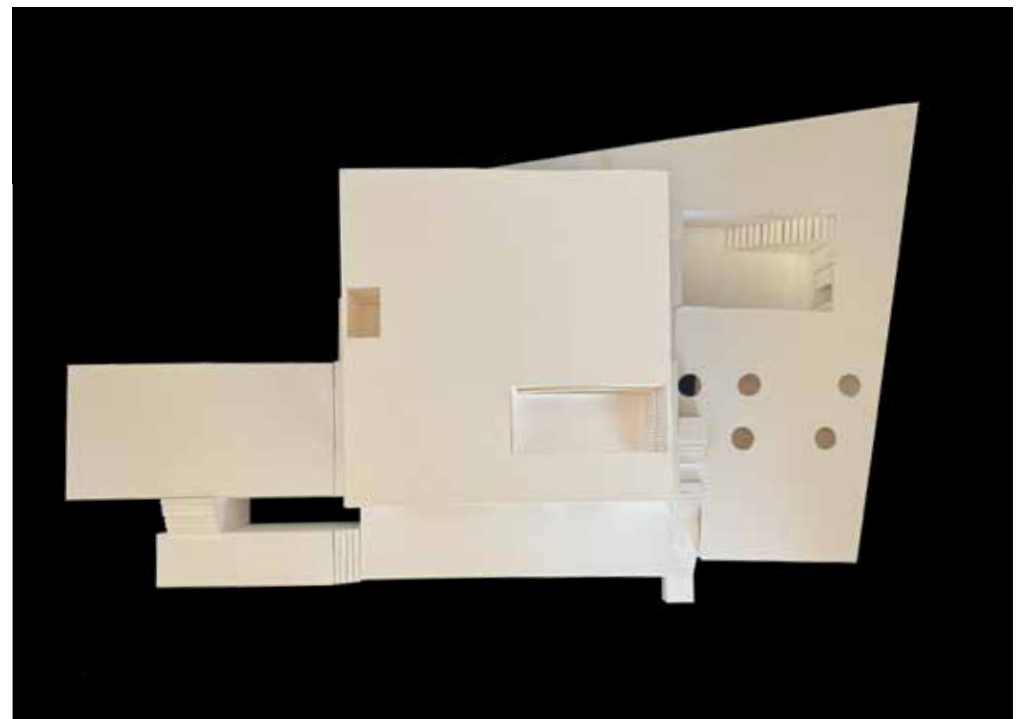
O projeto para a casa Híbrida consiste na utilização das características fundamentais da Casa Domínguez, do Arquiteto Alejandro de la Sota Martínez, e a Casa Tivadar e Dorothy Balogh, do Arquiteto Tivadar Balogh. Na Casa Domínguez o projeto divide-se em dois pisos independentes, o piso enterrado integra as áreas privadas da casa, e o piso superior as áreas sociais. A circulação da casa organiza-se em torno de uma escada linear que separa as zonas de descanso e de serviço. Na Casa Tivadar e Dorothy Balogh, o aceso é feito por um pátio de entrada alto e aberto com uma cobertura plana e uma forma cúbica simples. A parte tardoz da casa está assente no terreno de forma a acompanhar a inclinação da mesma. Para o projeto da casa Híbrida manteve-se a divisão entre os dois momentos principais da casa Domínguez, exceto na parte superior em que se integrou referencias da Casa Tivadar, através de uma sala de pé-direito duplo com foco principal nos vãos amplos essenciais para a iluminação da casa. e com acesso a partir de uma escada mais reduzida, para melhor visibilidade do entorno.



1:200
Casa Tivadar e Dorothy Balogh, Tivadar Balogh, 1958

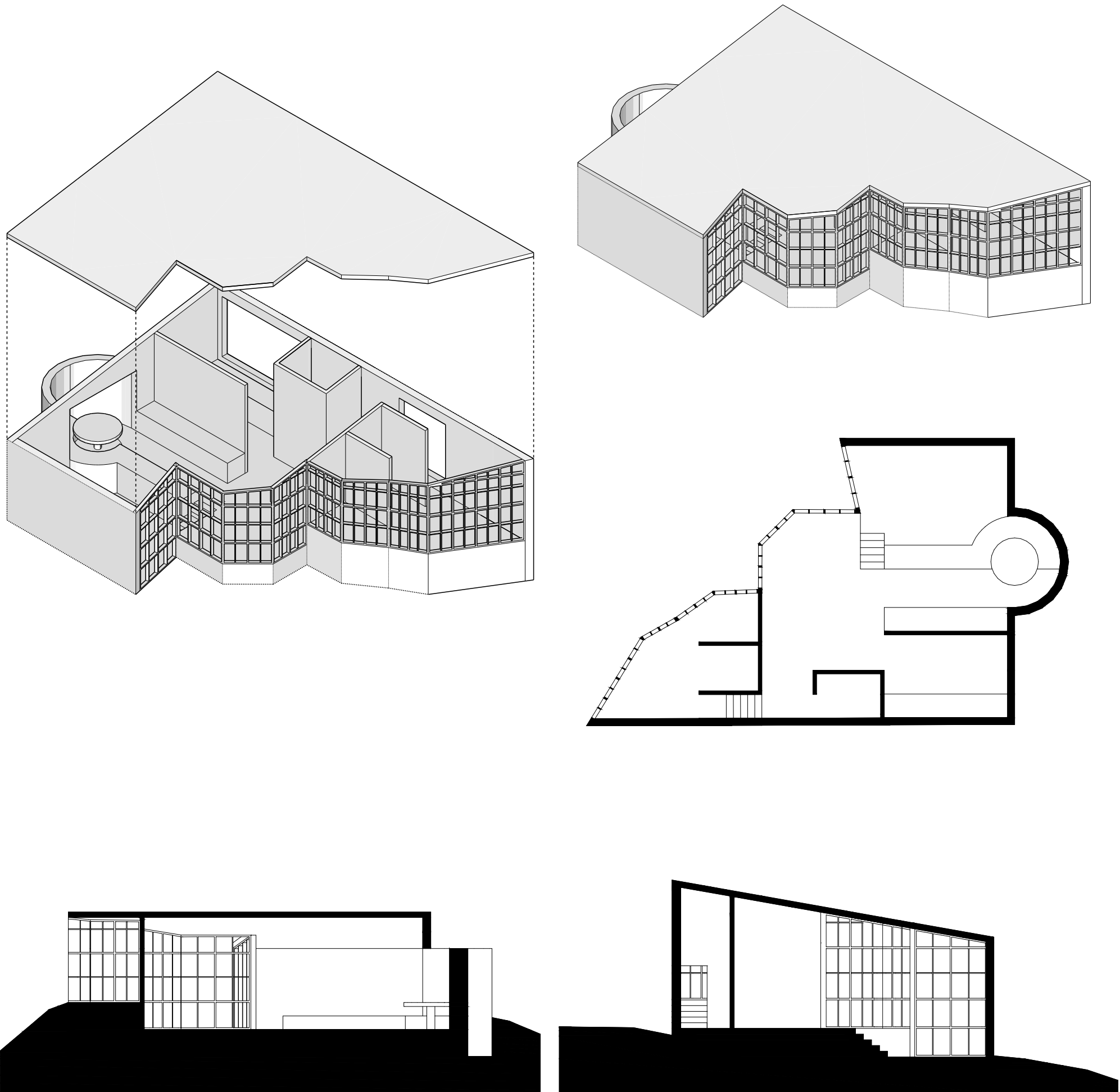


1:200
Casa Domínguez, Alejandro de la Sota, 1973-1976



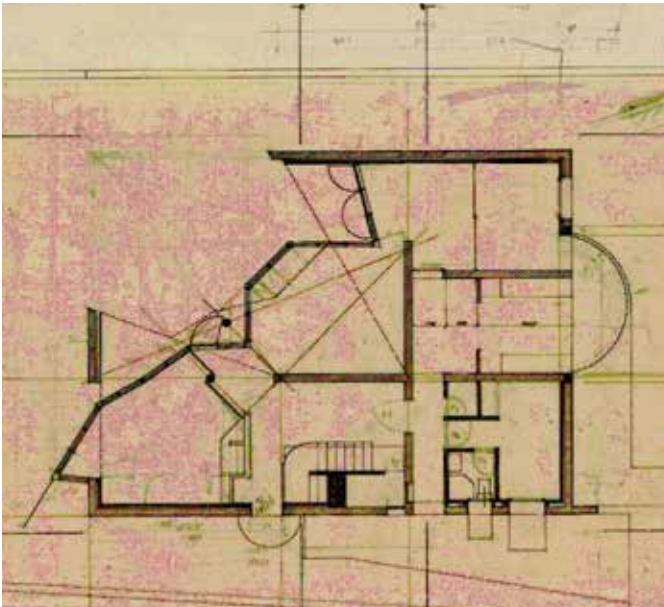
PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida



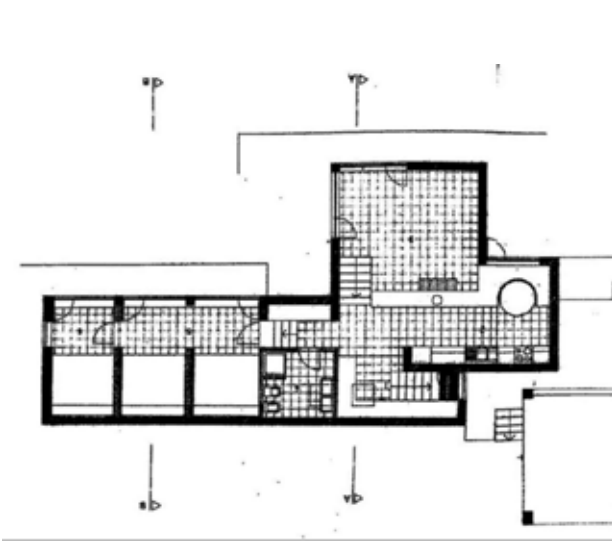
PLANTAS, CORTES E AXONOMETRIAS
1:200

A Casa Híbrida resulta da fusão entre a Casa Vill'Alcina, de Sérgio Fernandez, e a Casa Beires, de Álvaro Siza Vieira. O projeto nasce da sobreposição das plantas das duas casas, que apresentavam dimensões semelhantes. A planta da casa Beires serviu como base estrutural fundindo esta planta com a tipologia da Vill Alcina, o pátio central da casa Beires foi reinterpretado como o núcleo da habitação um espaço de luz, ar e transição, mas desta vez com varios patamares com diferentes cotas. A abundância de vãos permite uma relação direta entre interior e exterior, onde a luz e a sombra definem a atmosfera dos espaços. O vidro assume um papel essencial, dissolvendo limites e ampliando a perceção do espaço. No interior, a cozinha aberta para a sala e o banco corrido reinterpretem o gesto de Fernandez, promovendo a convivência e a simplicidade do habitar. A Casa Híbrida propõe, assim, uma síntese serena entre luz, espaço e quotidiano.



1:500

Casa Beires, Póvoa de Varzim, Álvaro Siza Vieira, 1973-1975



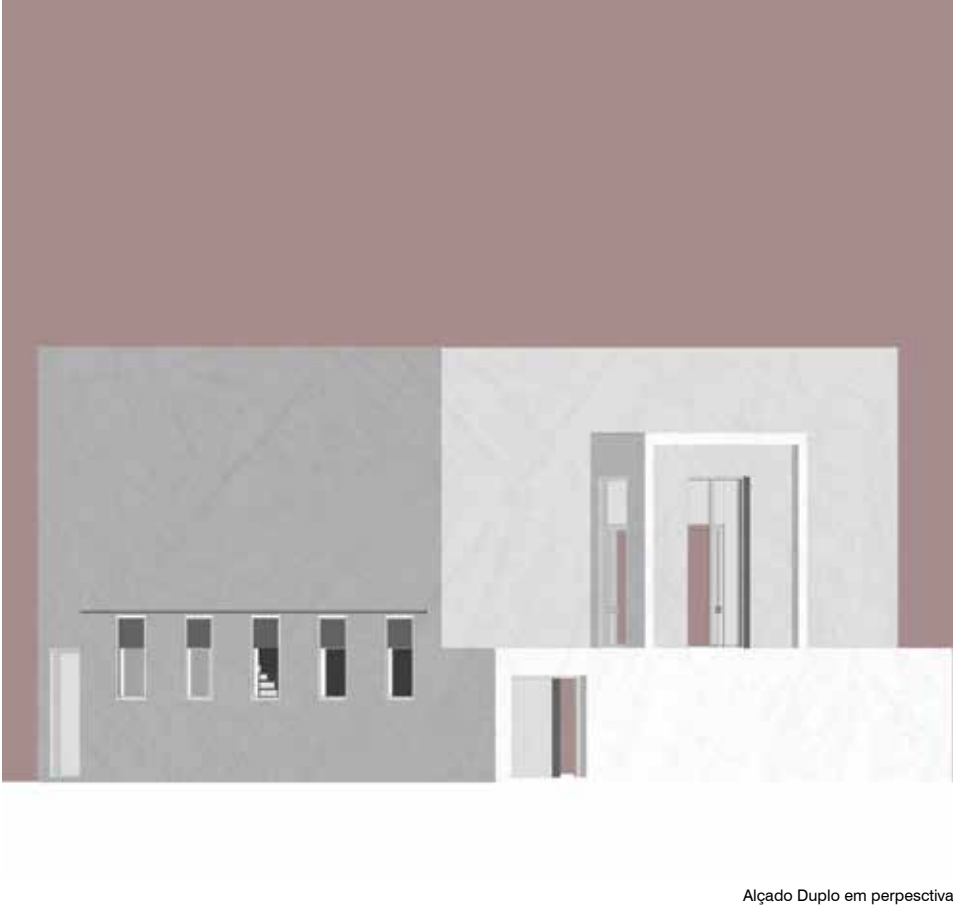
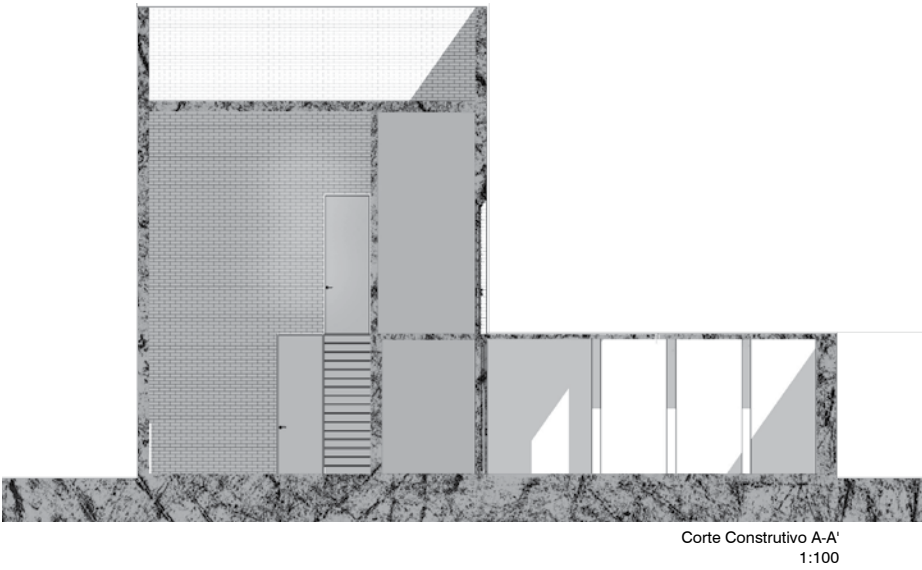
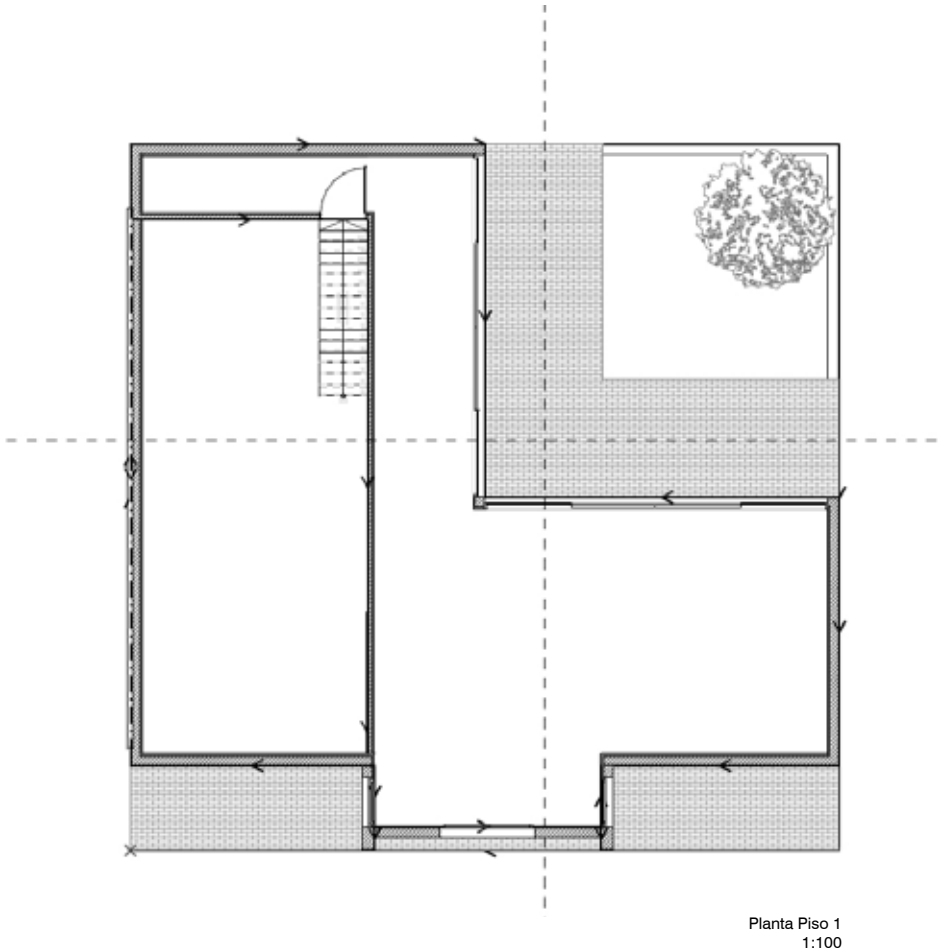
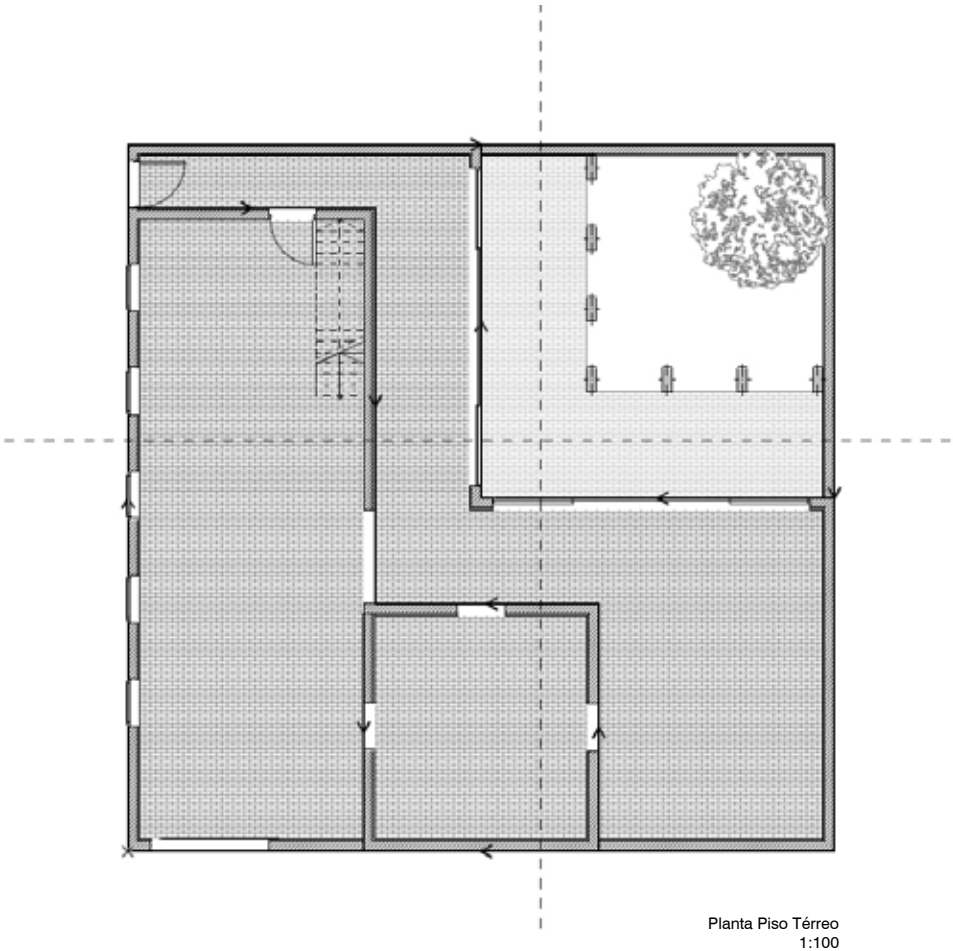
1:500

Vila Alcina, Caminha, Sergio Fernandez, 1971-1974

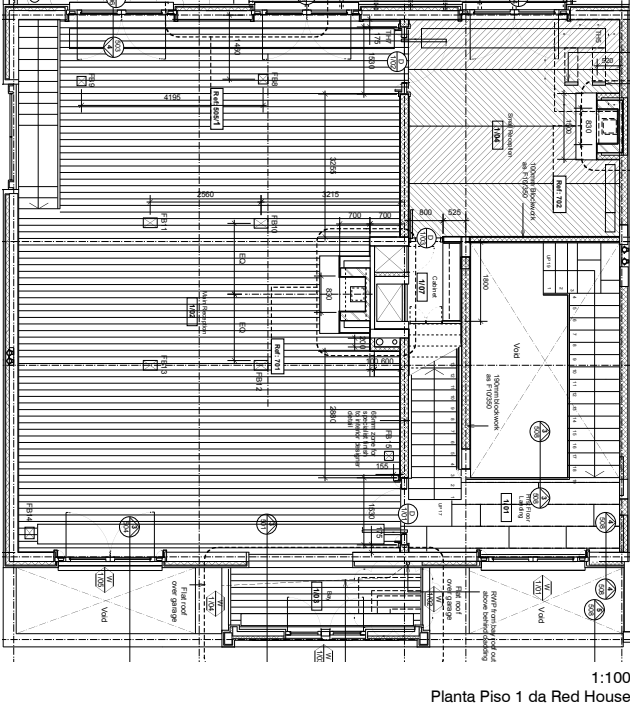
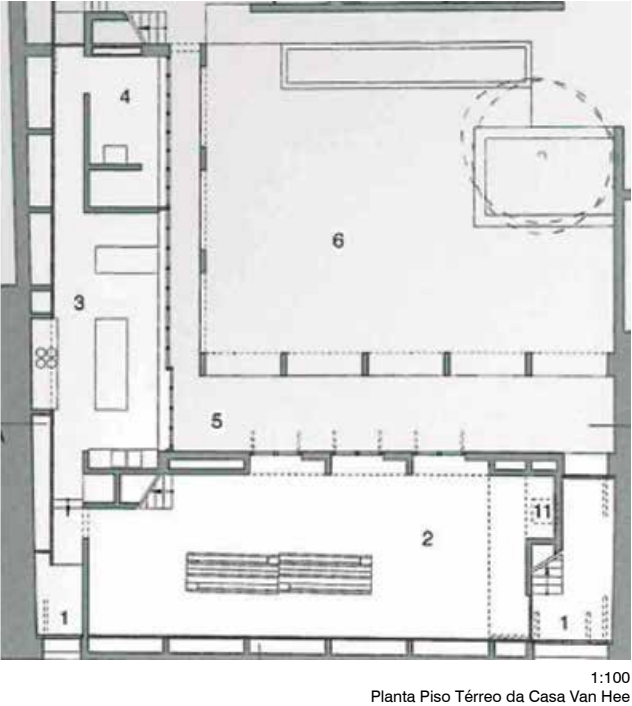


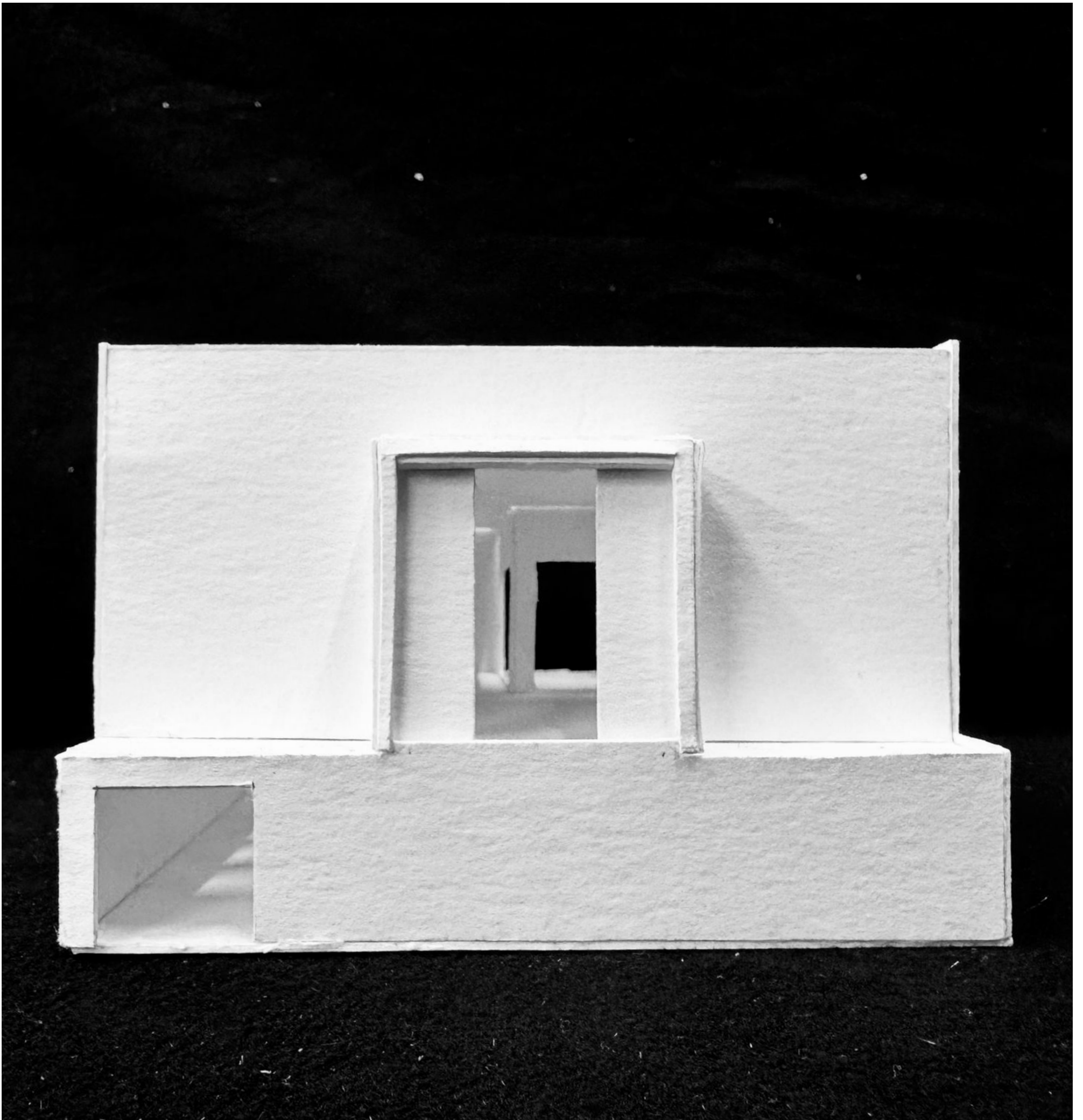
PENSAR A HABITAÇÃO

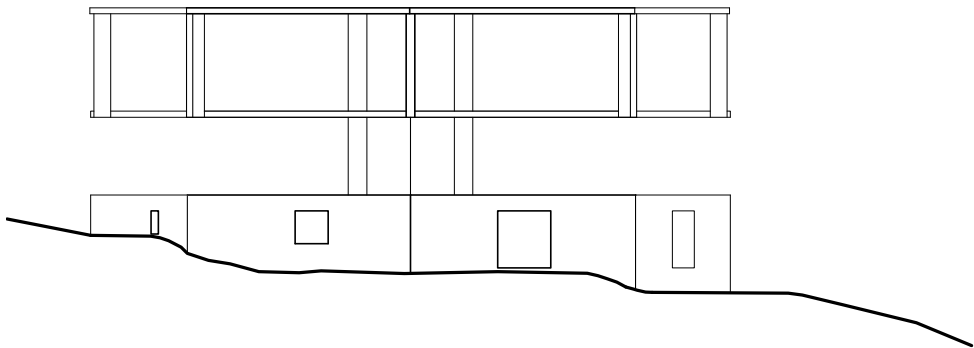
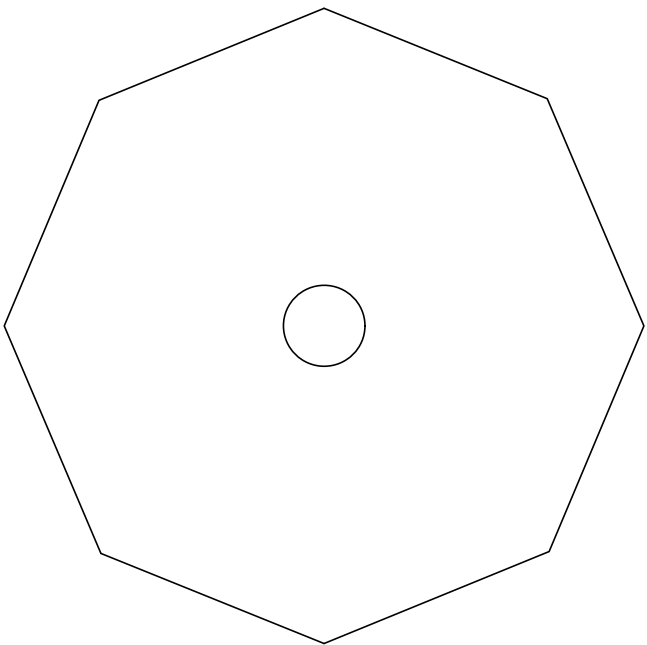
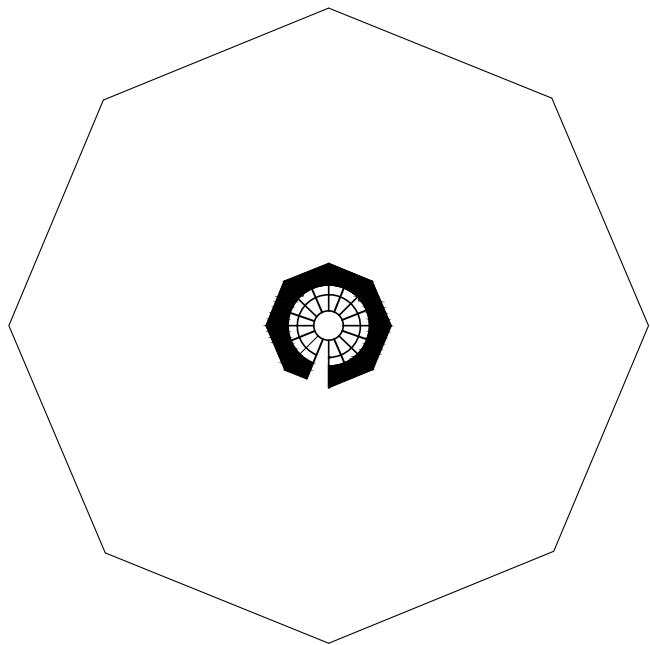
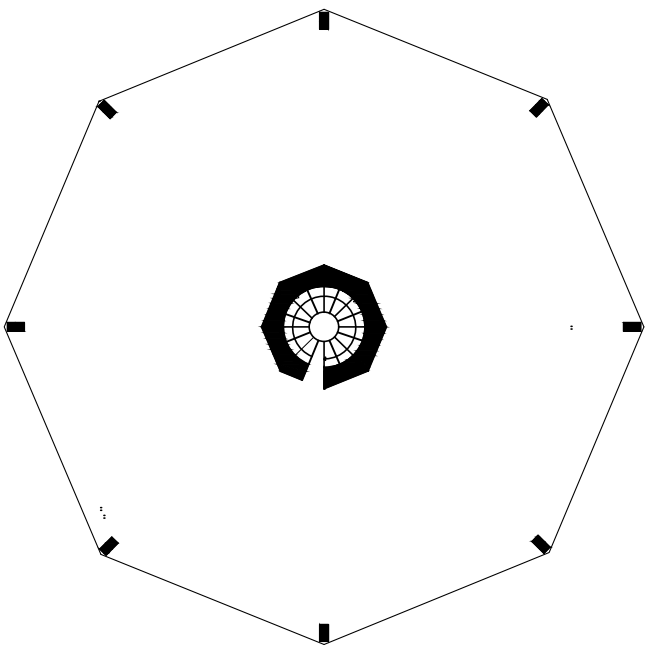
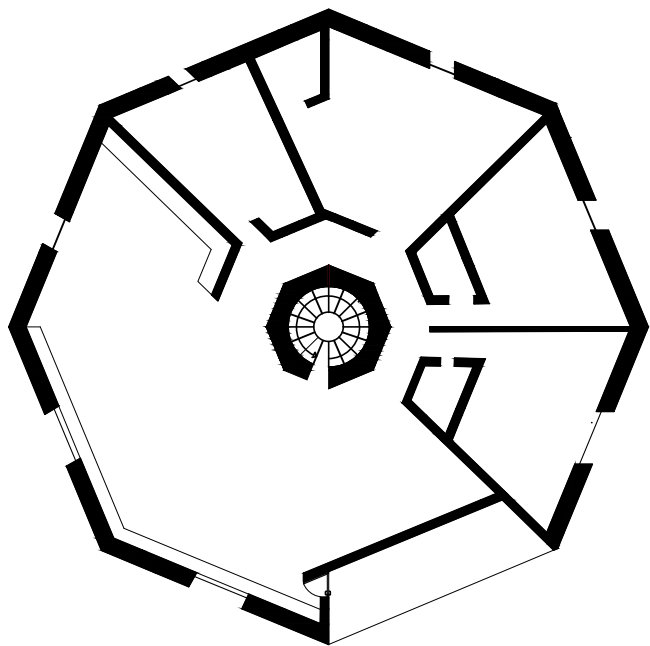
Casa Híbrida



A Casa Híbrida entre A Red House de Tony Fretton e a Casa Van Hee de Maire José Van Hee. Apesar da sua disparidade visual, os dois projetos partem de um pensamento idêntico: harmonia entre a Arquitetura local e contemporânea. Além do pensamento existente por detras dos projetos, partilham também uma organização espacial muito semelhante, que se desenvolve em volta de varios quadrados marcados, que criam um (ou varios) L dentro dos quadrados onde se situa todo o programa de cada casa respetivamente. Esta tipologia cria em ambos a possibilidade do desenvolvimento de um pátio/jardim que acaba por se tomar um ponto central da casa. Por fim ambos os casos têm a particularidade de ter uma fachada característica que surge. A Casa Híbrida desenvolve se a partir destes conceitos e escolhas visuais, e explora os até ao seu limite, através de três perímetros quadrangulares, duas fachadas que lançam o eixo diagonal do projeto, e o pátio como o elemento central do projeto.

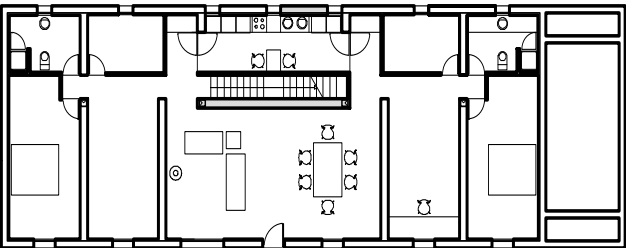
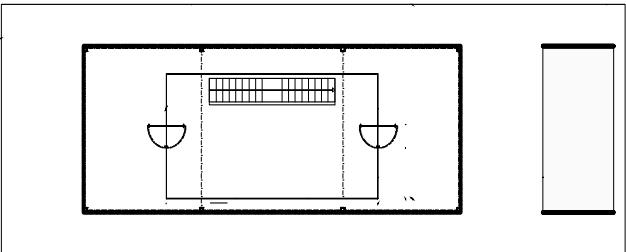




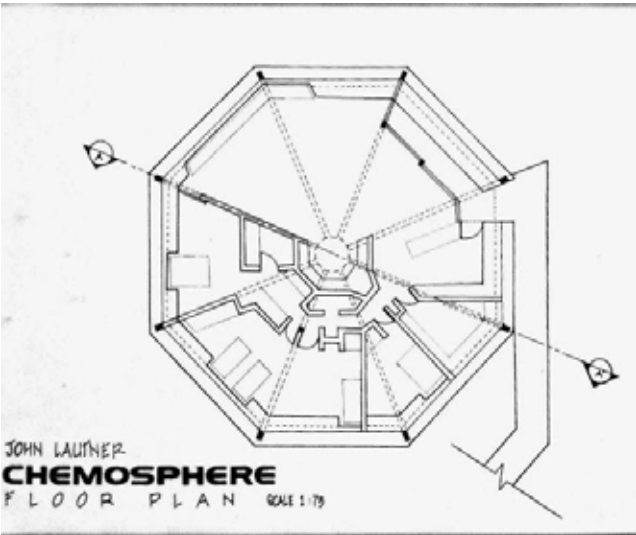


1/200
Plantas e Alçado

A Casa Híbrida resulta da junção dos princípios arquitetónicos da Casa Blas do Alberto Campo Baeza, e da Casa Chemosphere do John Lautner. Da Casa Blas, recorre-se a volumetria maciça, marcada pelo uso do betão e pela geométrica do volume. No entanto, ao invés do prisma rigoroso original, a proposta adota a forma octogononal inspirada na Casa Chemosphere, reinterpretando a massa sólida e estável num novo contexto . Mantém-se, contudo, a organização funcional clara: os espaços privados concentram-se de um lado da planta, e os espaços comuns se abrem ao exterior. A disposição dos vãos segue também a lógica da Casa Blas, com aberturas mais amplas a norte, promovendo uma relação visual e lu-



1/500
Casa Blas, Sevilha la Neuva, Madrid,Espanha,Alberto Campo Baeza, 1998-2000



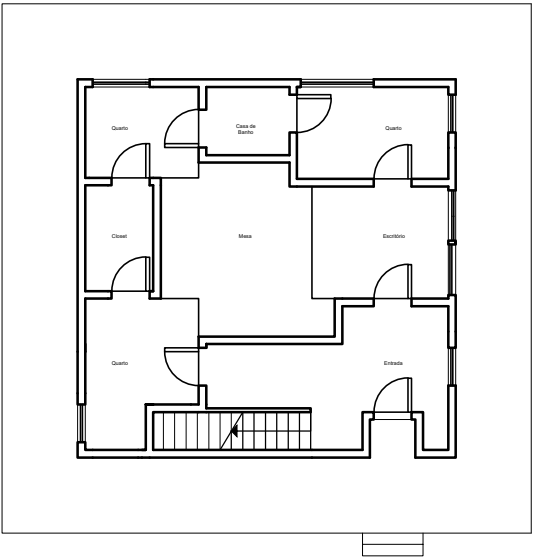
1/500
Casa Chemosphere, Los Angele, EUA, John Lautner 1960



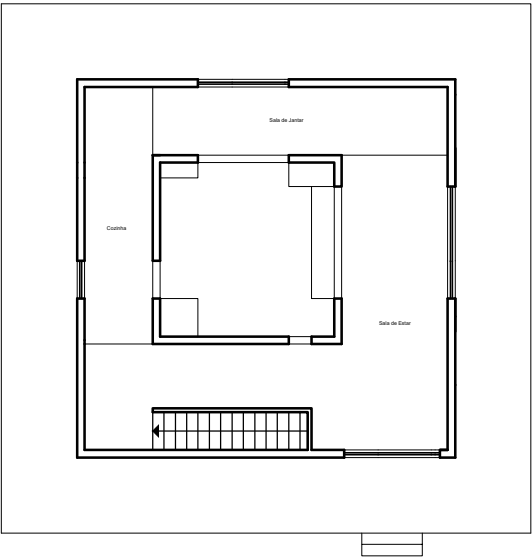
minosa com o exterior, e vãos mais controlados a sul, garantindo conforto térmico e privacidade. Da Casa Chemosphere recorre a ideia de sobreposição volumétrica e de uma plataforma elevada que privilegia a vista panorâmica. Essa referência traduz-se na estrutura da Casa Híbrida, composta por dois volumes octogono sobrepostos: o inferior, maciço e recolhido, em betão; o superior, leve e transparente, em madeira e vidro, abrindo-se inteiramente para a paisagem natural circundante.

PENSAR A HABITAÇÃO

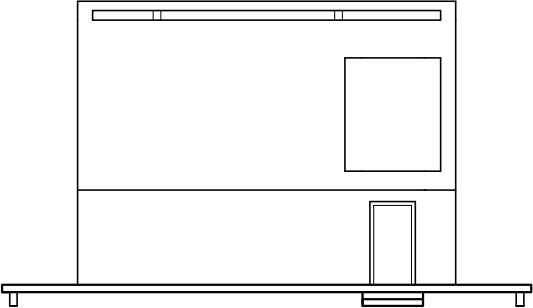
Casa Híbrida



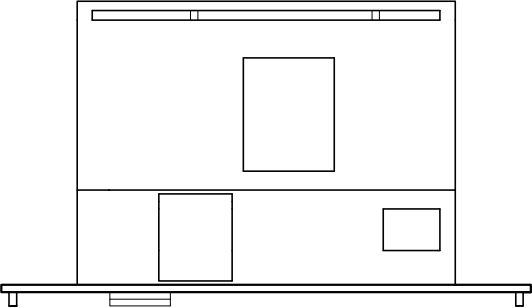
Planta Piso Térreo



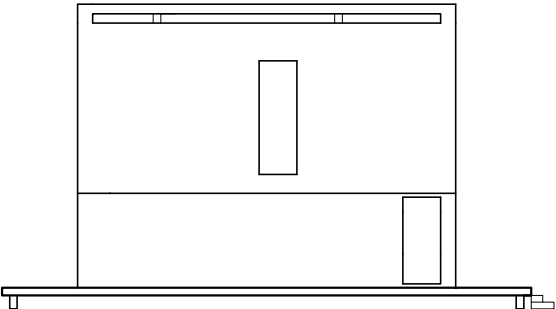
Planta Primeiro Piso



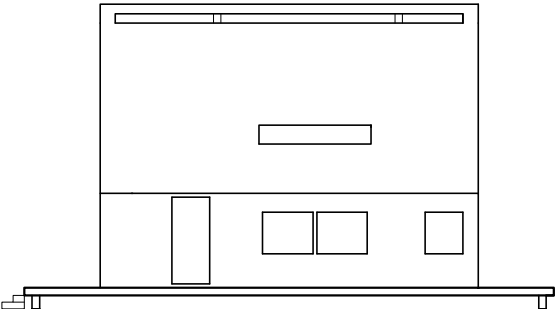
Alçado Norte



Alçado Sul



Alçado Oeste



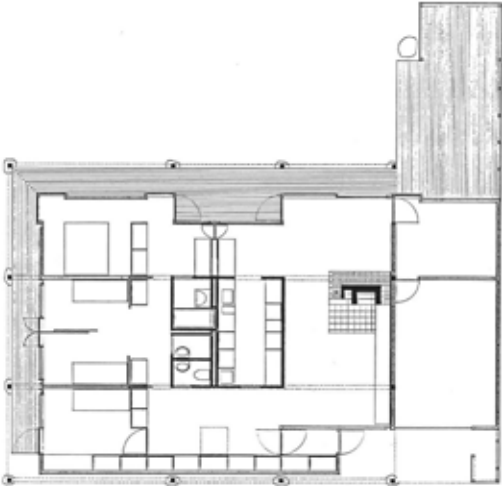
Alçado Este

PLANTAS E ALÇADOS
1:200

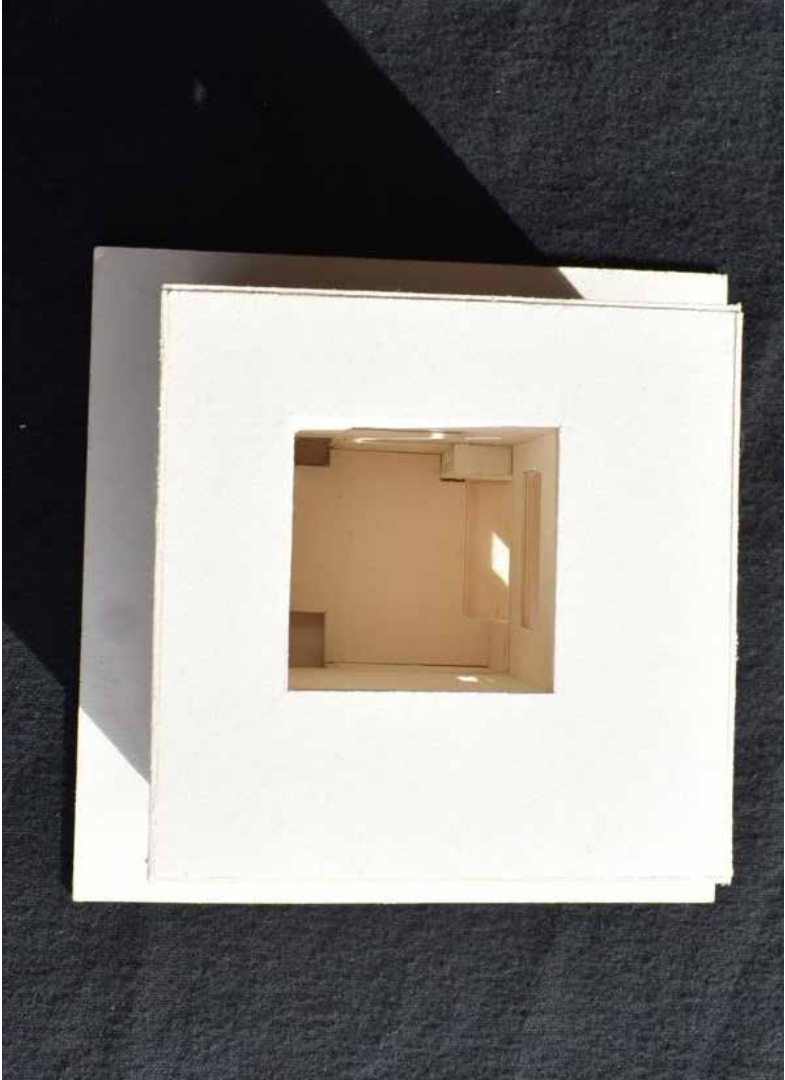
A casa híbrida resulta da conjugação de princípios espaciais, estruturais e materiais de diferentes referências arquitetônicas. Neste caso, o projeto combina elementos da Casa em Sakuradai, de Go Hasegawa, e da Villa Schreiner, de Sverre Fehn. A partir da Casa em Sakuradai foi implementado um núcleo central, que organiza a circulação e os espaços habitáveis em torno de si, permitindo assim uma leitura contínua do interior. Os vãos estrategicamente posicionados asseguram a relação direta entre o interior e o exterior, o que reforça a ideia de leveza e transparência. Da Villa Schreiner foi reinterpretada a cobertura suspensa, que se destaca como elemento estrutural e simbólico. A separação visual da cobertura com as paredes cria uma sensação de flutuação e utiliza também a luz como matéria arquitetônica. A síntese destes elementos produz uma casa onde a estrutura não serve apenas para suporte, mas também como instrumento de expressão espacial.



1:300
Casa em Sakuradai, Go Hasegawa, 2005-2006

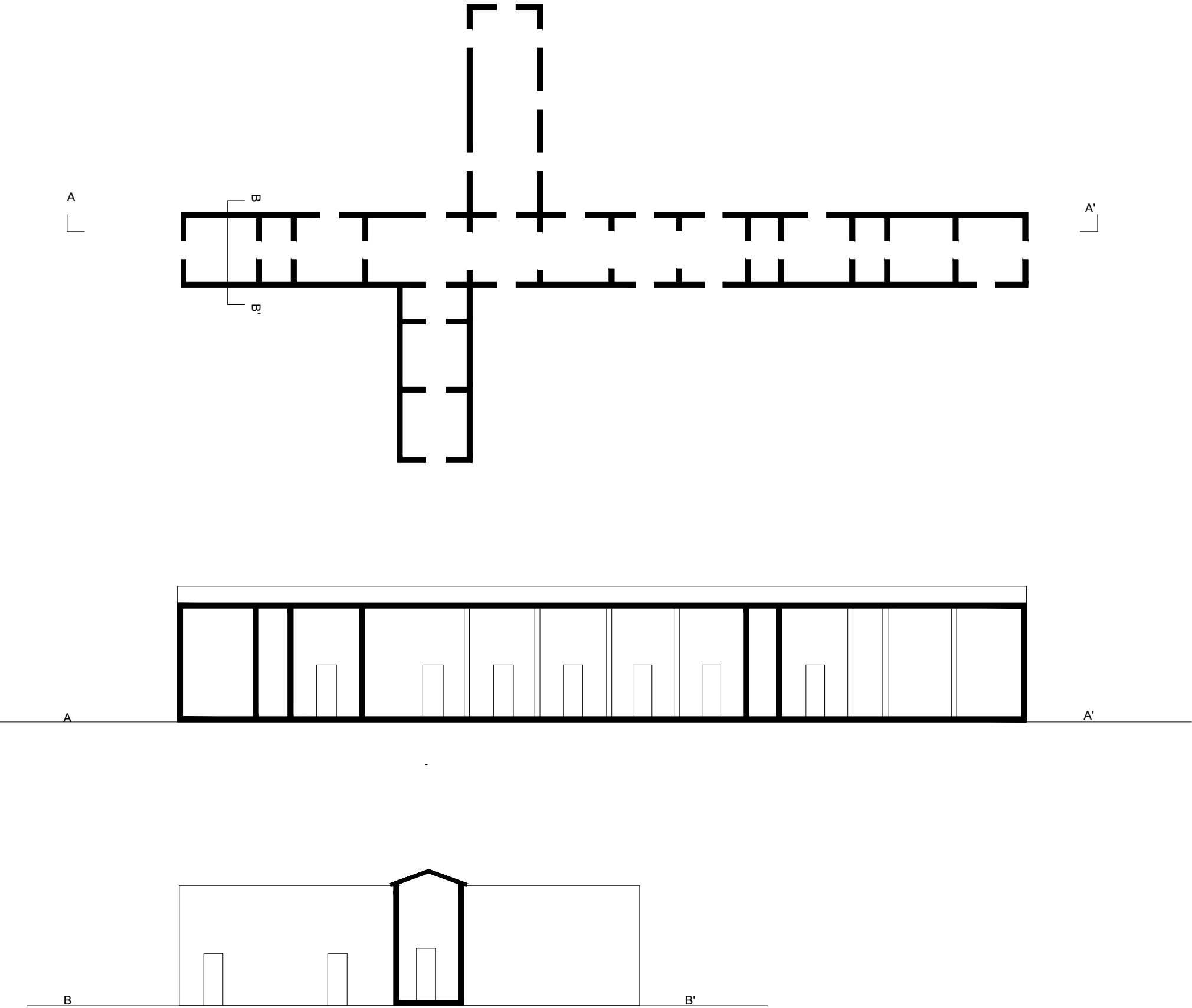


1:300
Villa Schreiner, Sverre Fehn, 1959



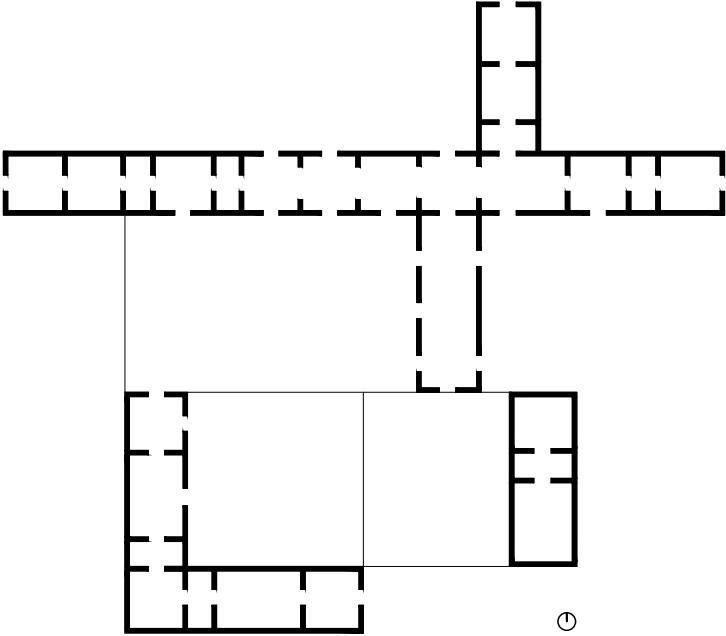
PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida

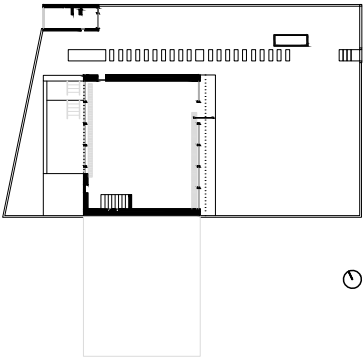


PLANTA E CORTES
1:250

A casa híbrida resulta da junção do Atelier Herman Rosa e da Casa nas Sobreiras Altas dos arquitetos Aires Mateus num único conjunto coerente. A organização baseia-se na articulação dos volumes de onde resulta um pátio exterior, central que atua como o principal elemento de ligação, e cria uma forte relação exterior interior. O percurso é definido pela sequência linear dos espaços, como acontece no projeto das sobreiras altas, que se prolonga em direção ao exterior. Esta progressão espacial assegura uma experiência contínua e orientada do percurso reforçada pela clareza dos eixos e pela relação direta entre cheios e vazios. O atelier manifesta-se na forma como a luz natural é integrada no espaço, reforçando a continuidade entre o interior e o exterior. Já na Casa nas Sobreiras Altas, destaca-se a relação direta com a paisagem e a organização segundo eixos visuais contínuos, que permitem uma leitura em profundidade e ampliam a perceção do espaço. A combinação destes princípios resulta numa casa onde a luz, e a geometria se unem num só percurso. Podemos definir a casa híbrida como um percurso habitável, no qual o pátio se assume como centro e como espaço de transição, articulando os diferentes setores da casa e permitindo uma leitura contínua do conjunto.



Casa nas Sobreiras Altas, Aires Mateus, 2016-2024
1:500

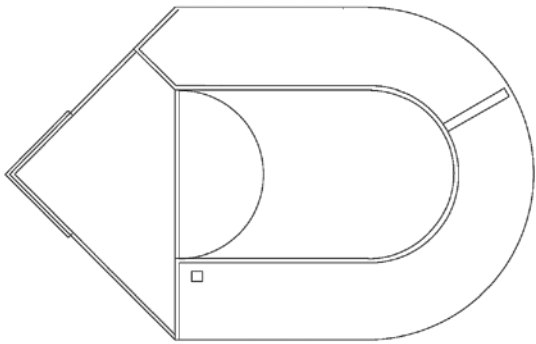
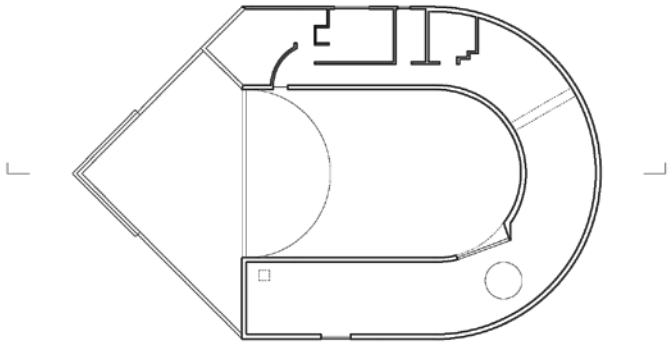
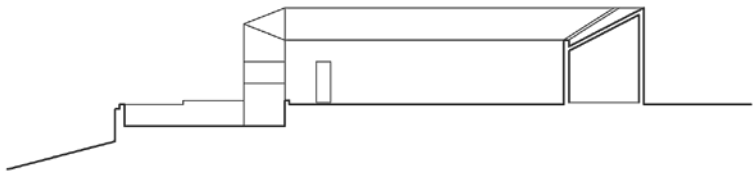


Atelier Herman Rosa, Herman Rosa, 1960-1968
1:500



PENSAR A HABITAÇÃO

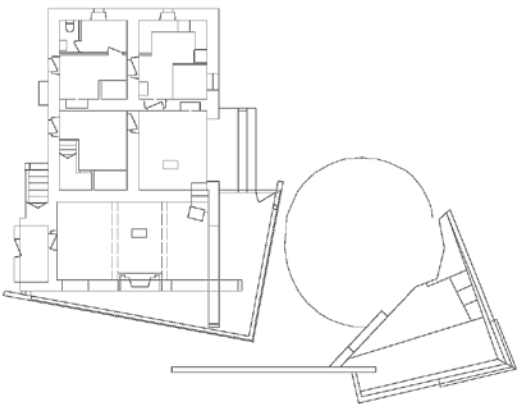
Casa Híbrida



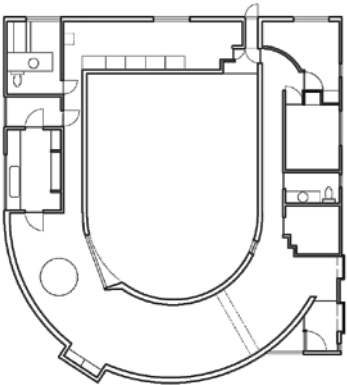
Plantas e Corte 1:400

A Casa Híbrida resulta do cruzamento da Casa em Fonte Fria, do arquiteto Carrilho da Graça, e da Casa White U, do arquiteto Toyo Ito. Da Casa White U foi incorporada a organização dos espaços, o carácter introspectivo e o formato em “U”. Da Casa Fonte Fria foi utilizado o prolongamento do habitar para o exterior.

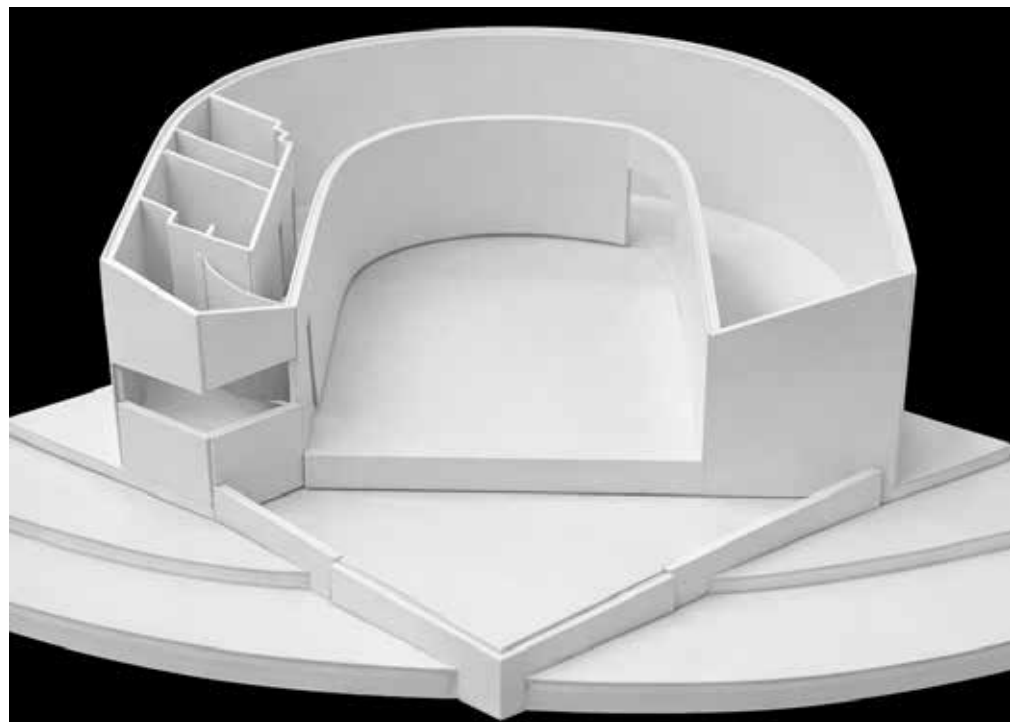
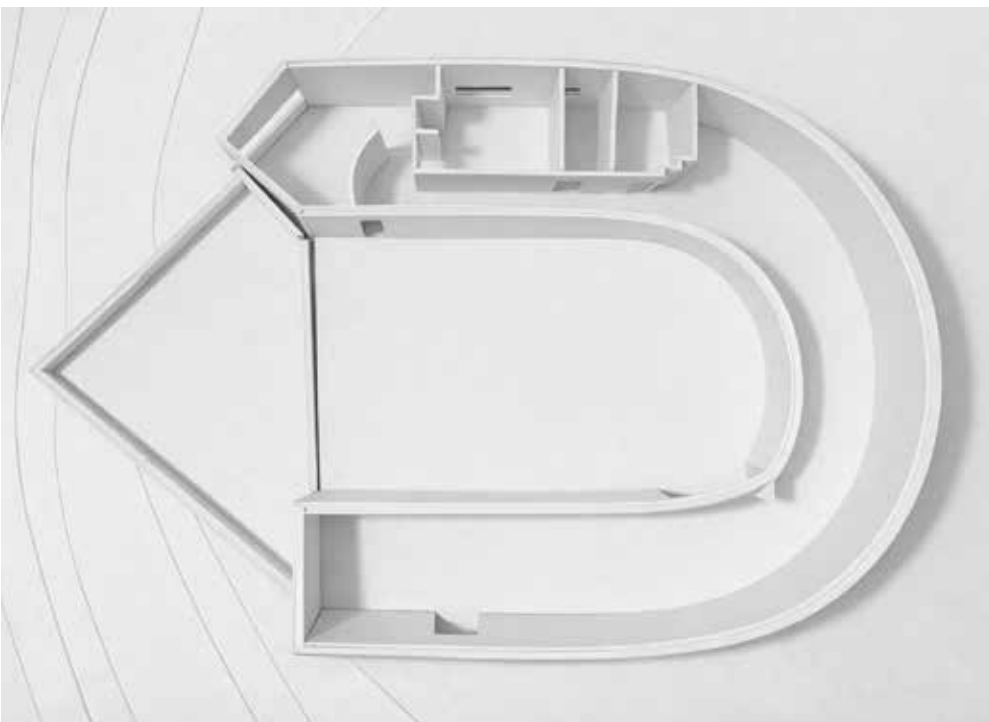
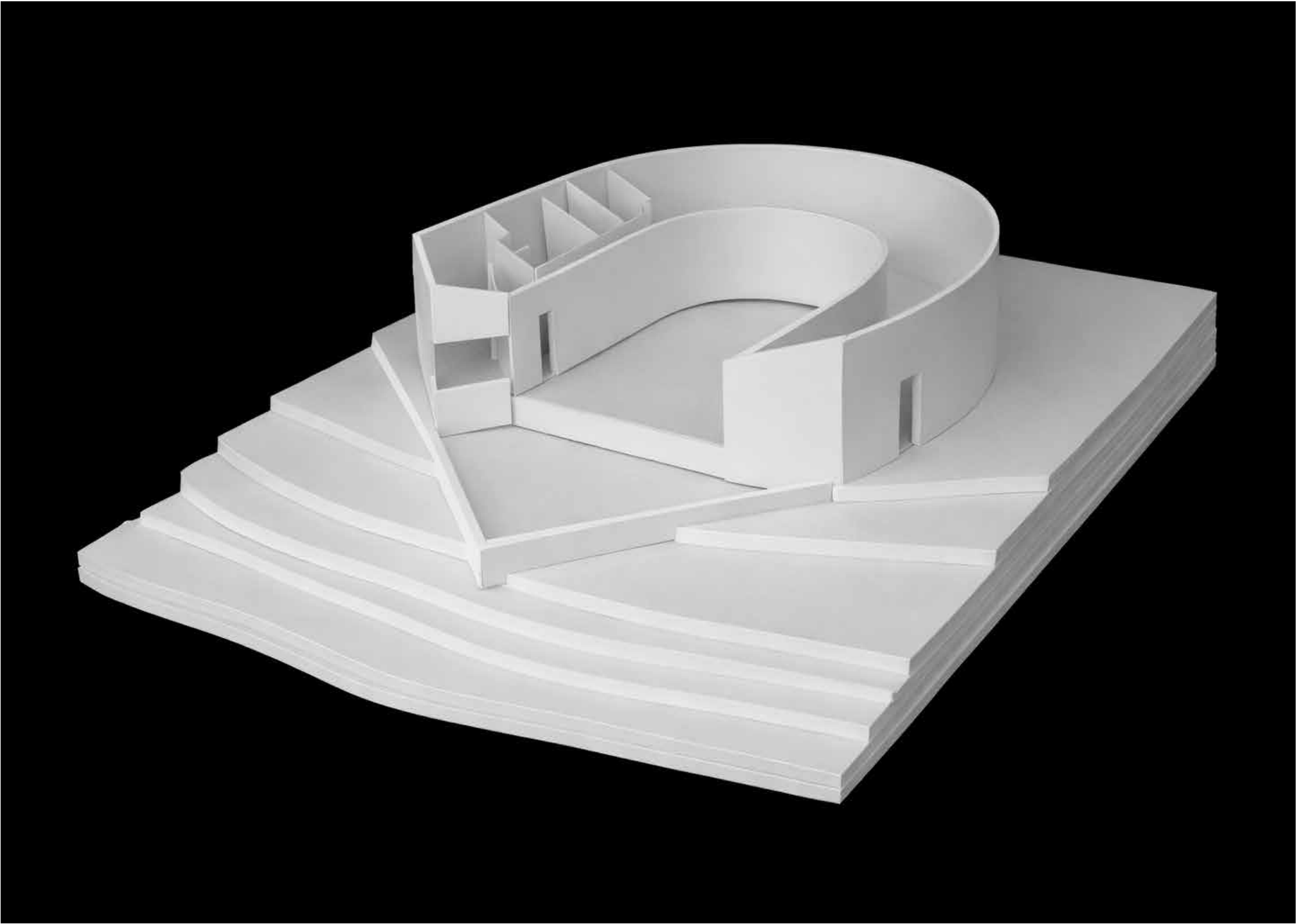
Na Casa Híbrida, o “U” abre-se para a serra, fazendo da paisagem o núcleo da casa, e a experiência do espaço resulta da articulação entre a abertura à paisagem e o recolhimento.



1:400
Casa da Fonte Fria, João Luís Carrilho da Graça, 1985-1988

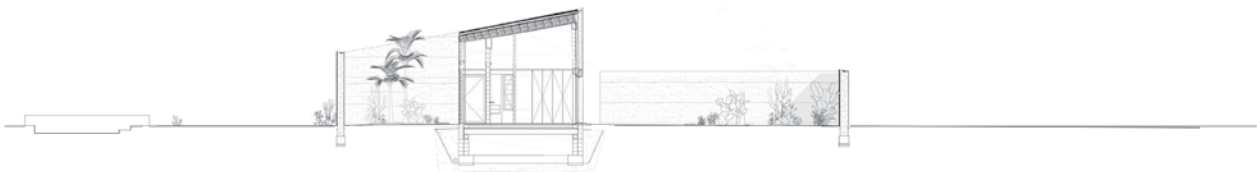
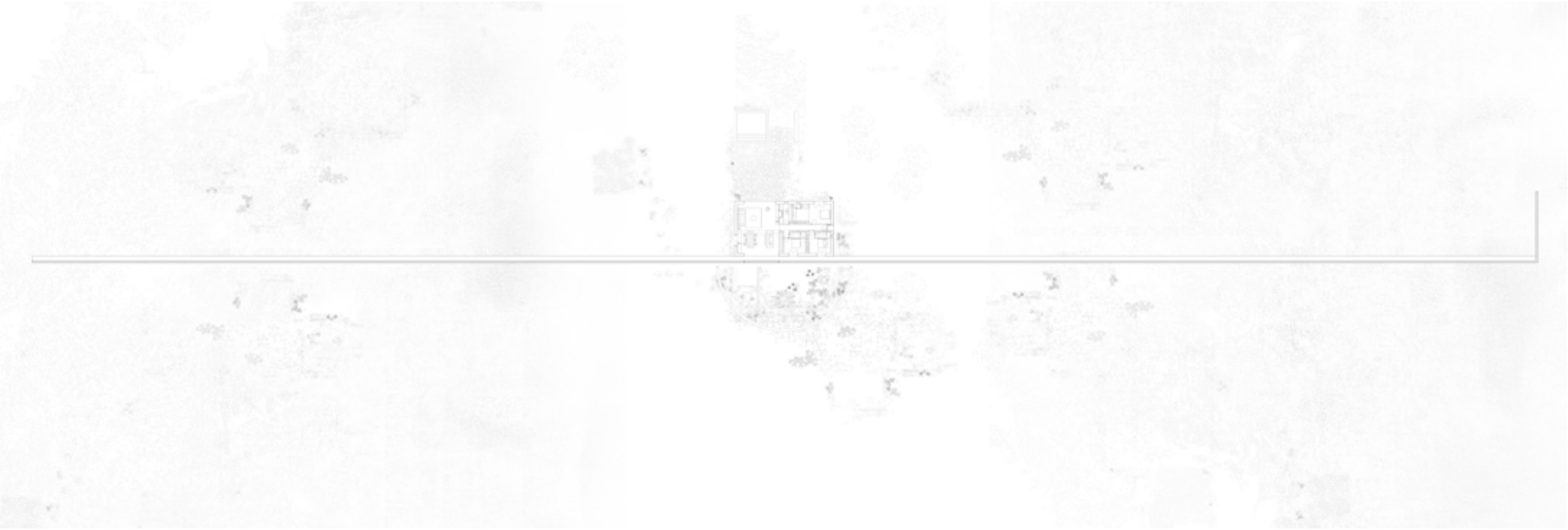


1:400
White U, Toyo Ito, 1975-1976



PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida

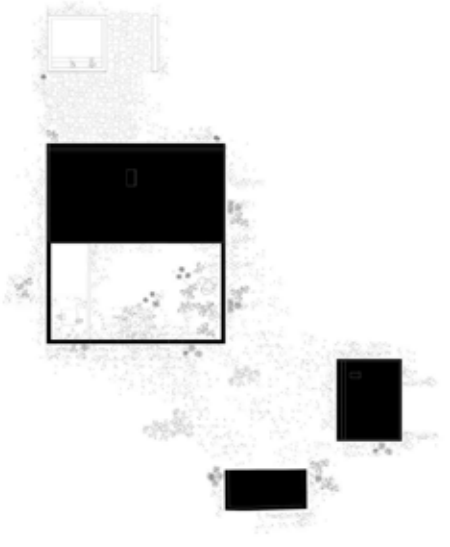


PLANTA E CORTE A ´A

O projecto da Casa Híbrida resulta da combinação de três referências: o muro longitudinal de Tadao Ando, a organização linear da Casa Ca Na Pau (Monarq) e o muro curvo do Pavilhão de Argila de Álvaro Siza. A base da proposta foi a planta da Ca Na Pau, uma casa térrea organizada ao longo de um eixo contínuo, dividida entre zona social, zona privada e pátio. Mantive esta estrutura pela sua clareza de circulação e pela importância do pátio como elemento de articulação e iluminação. Do estudo de Tadao Ando incorporei um muro recto contínuo que atravessa a casa, organizando percursos, separando áreas e definindo a direcção dominante do projecto. De Álvaro Siza foi integrado o muro curvo no pátio, que contrasta com a rigidez do muro recto, cria maior protecção exterior e suaviza a transição com a envolvente. A articulação entre planta linear, muro recto e muro curvo resulta numa casa coerente, onde cada referência mantém a sua identidade e contribui para uma solução própria, sem imitação directa.



1:1000
Casa wabi, Tadao Ando, 2014

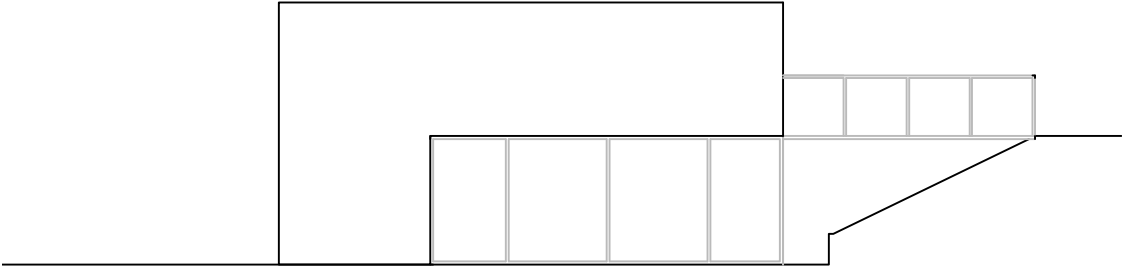
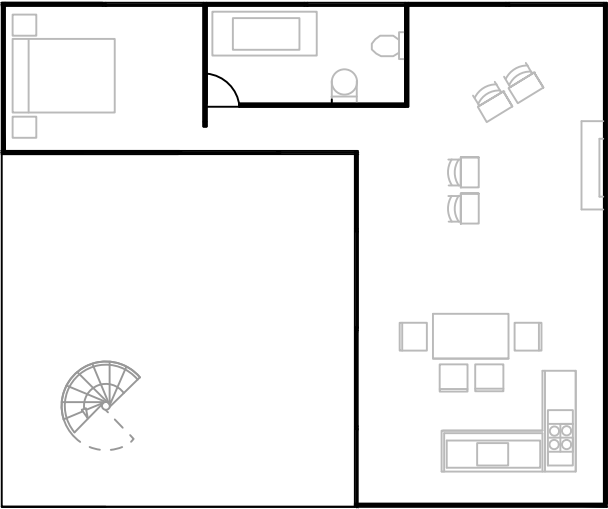
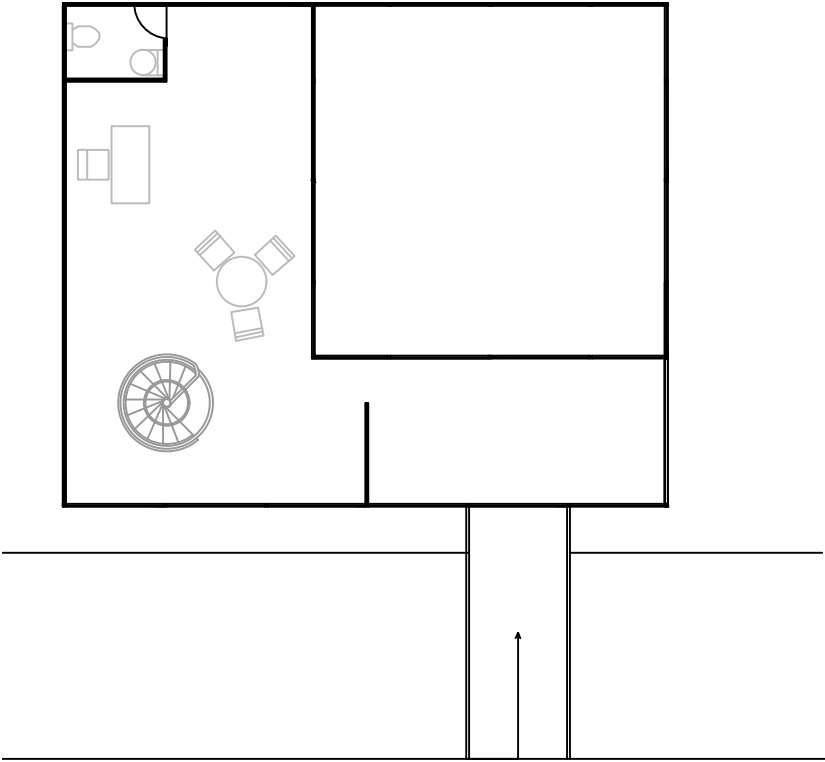


1:1000
Ca na pau, Monarq Architecture, 2021



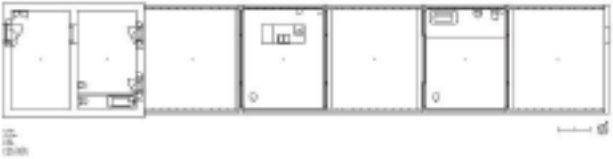
PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida



PLANTAS E ALÇADO
1:100

A casa híbrida surge da junção dos elementos da Casa Santa Vitória, do arquiteto Rui Mendes, e da Casa Hopkins, dos arquitetos Michael e Patty Hopkins. Na Casa Santa Vitória observamos uma grande relação do que está dentro e o que está fora, pela sequencialidade dos espaços. Um casa alentejana com volumetrias compactas, o uso de betão, pedra e a simplicidade nos materiais. Já na Casa Hopkins perebemos uma abordagem oposta, uma casa industrial e tecnológica, marcada pela leveza e transparência estrutural. Com a estrutura em aço e os grandes planos de vidro, revelam o aproveitamento máximo da luz natural, flexibilidade e continuidade espacial. A casa híbrida articula esses dois universos distintos, a leveza e o transparente da casa Hopkins, o opaco e os pátios da casa Santa Vitória. A casa híbrida tem a mesma materialidade que a Casa Hopkins, o aço e o vidro, mas tem dois grandes pátios que se impoem na mesma. Um em cada piso, seguem as mesmas ideias e regras da Casa Santa Vitória.

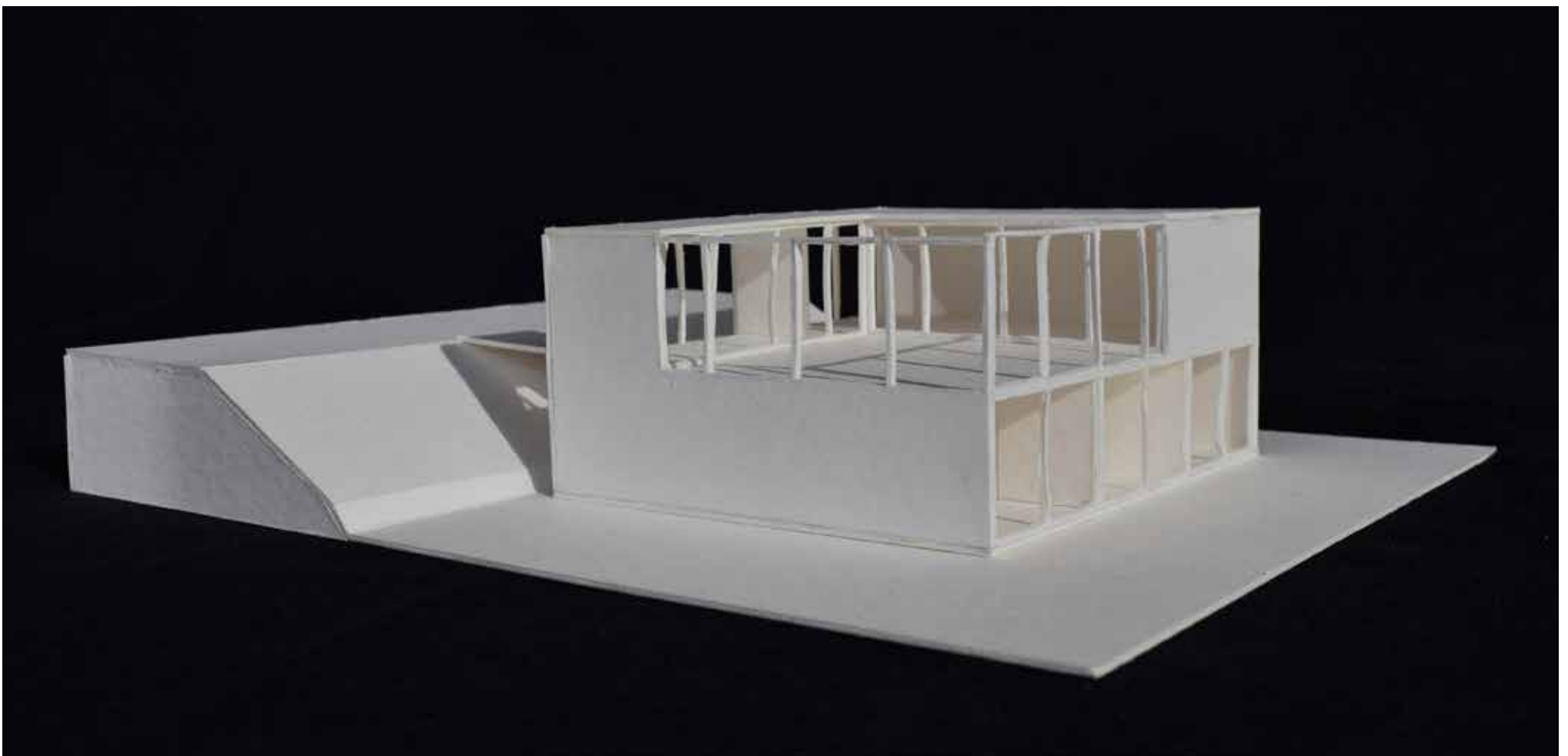
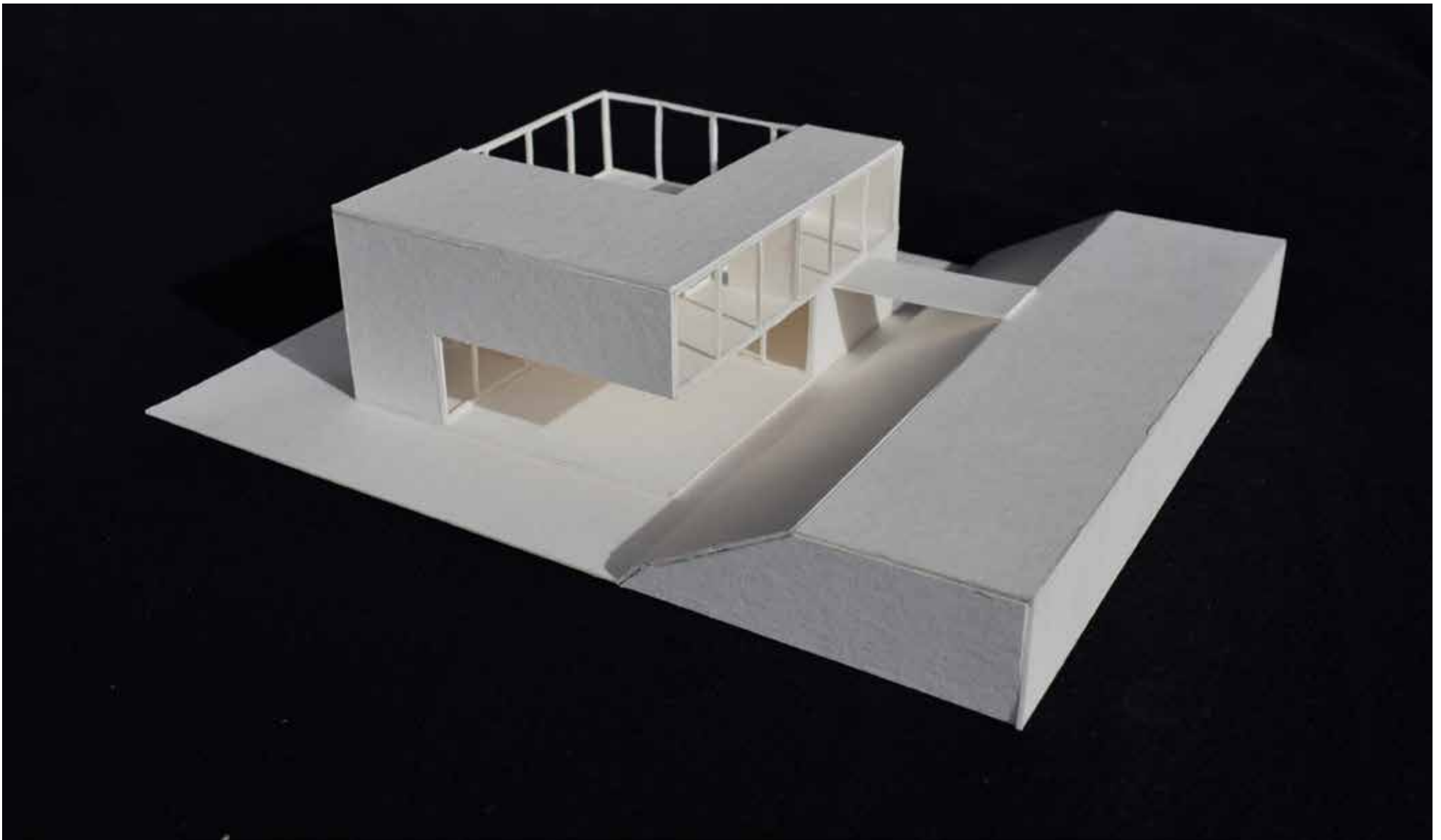


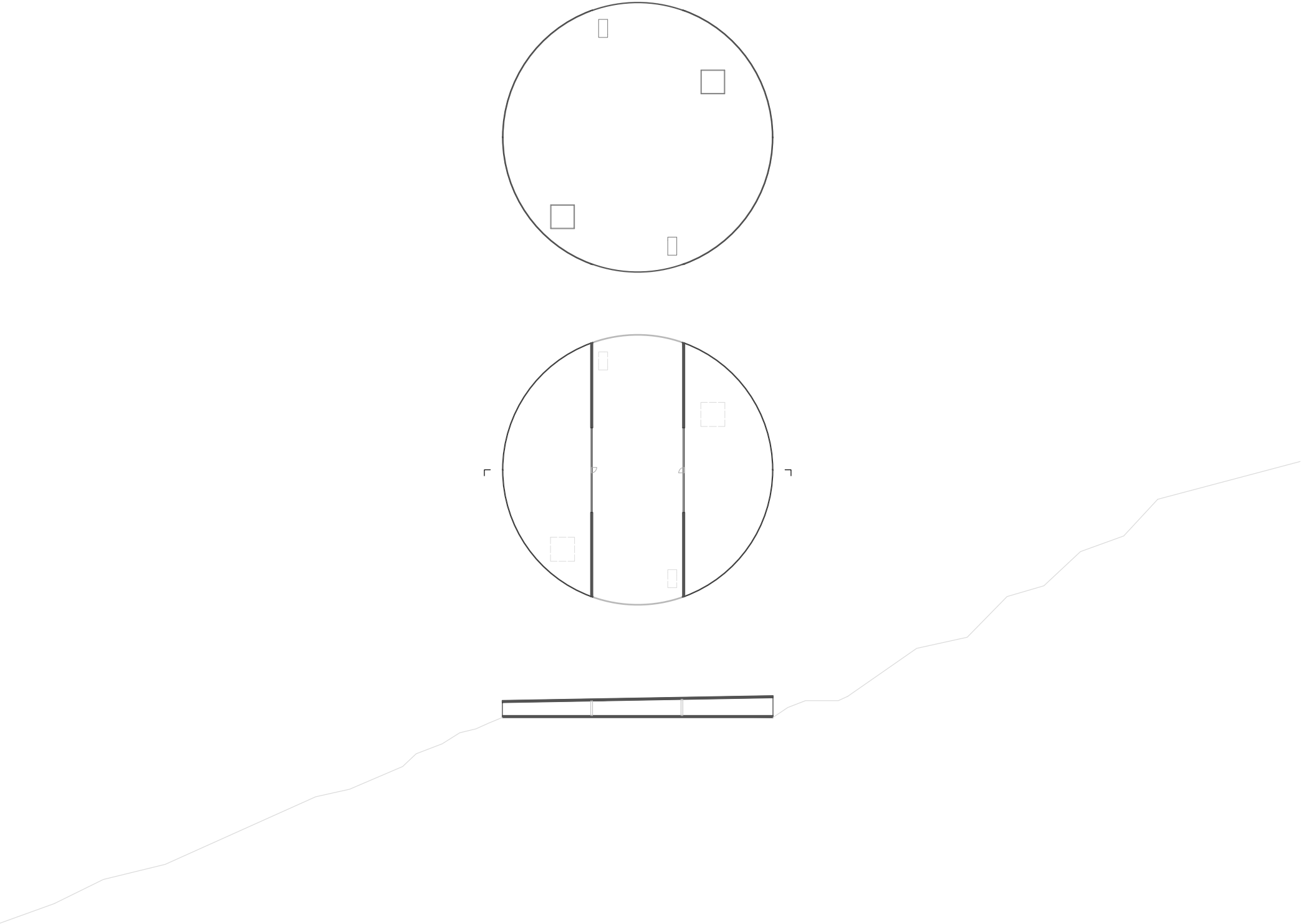
1:100

Casa Santa Vitória, Rui Mendes,2003

1:100

Casa Hopkins, Michael e Patty Hopkins, 1976





Escala 1:500
PLANTAS E CORTE

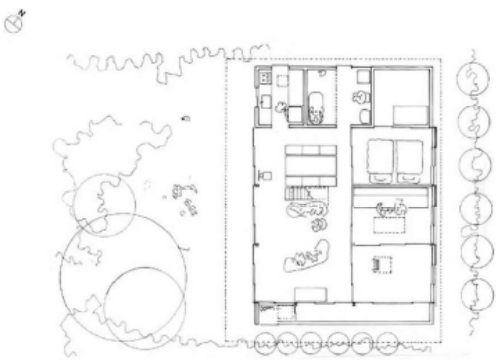
A Casa Híbrida resulta da fusão conceptual entre a Casa Solo, do atelier OFFICE KGDVS, e a House Roof, do arquiteto Tezuka.

Na Casa Solo, destaca-se a geometria circular e a relação equilibrada com o meio natural, onde o edifício se dissolve na paisagem através da leveza estrutural e da transparência. A forma define o limite da intervenção, criando um espaço centrado na contemplação e na harmonia com a envolvente.

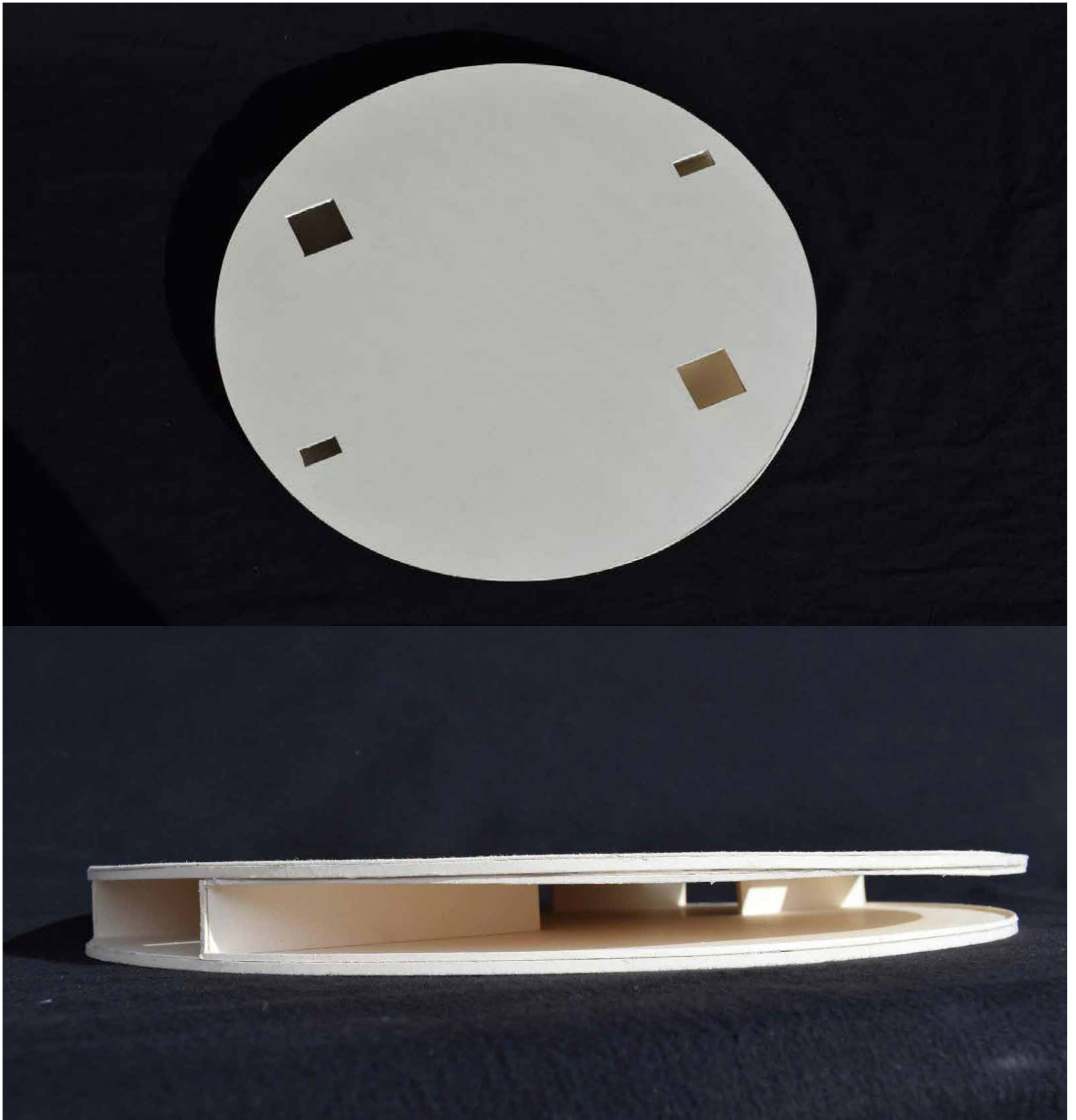
Da House Roof, sobressai o uso da cobertura como espaço habitável. Esta transforma-se num verdadeiro espaço ao ar livre, equipada com mesas, cadeiras, uma pequena cozinha, um chuveiro e um fogão, permitindo múltiplas atividades ao longo do ano, desde relaxar e contemplar a vista sobre o Monte Kobo até cozinhar ou reunir em família. Para além da sua função prática, o telhado reflete o conceito japonês de “shakkei” (“paisagem emprestada”), integrando a paisagem distante, neste caso, a colina, como parte do espaço habitado.



Escala 1/200
Casa Solo, OFFICE KGDVS, 2012-2017



Escala 1/200
Roof House, Tezuka, 2001

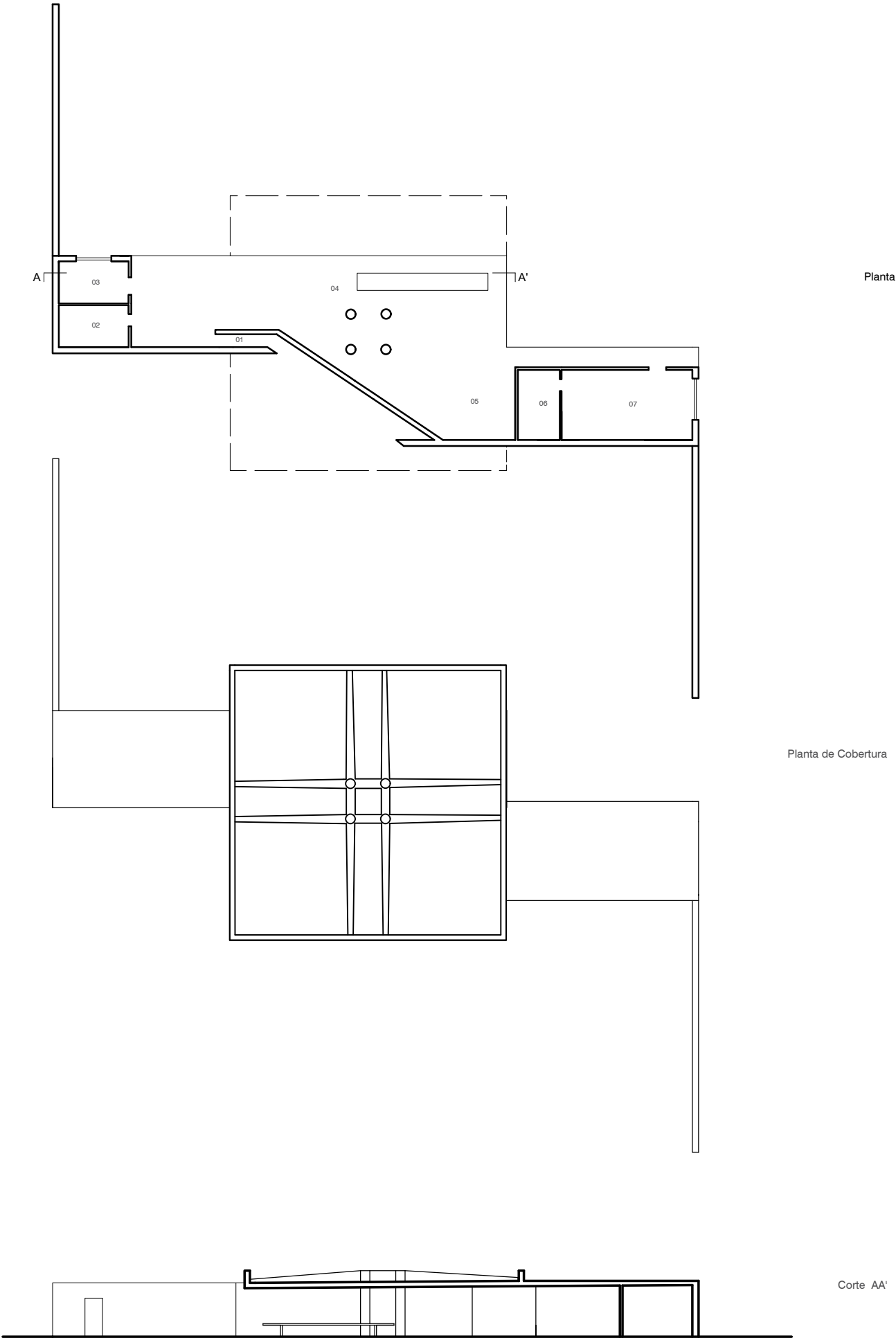


A vista torna-se uma extensão da casa, e o ato de contemplar a natureza transforma-se num ritual diário de ligação entre interior e exterior.

A Casa Híbrida aqui proposta resulta da junção destes princípios, materializando-se num volume circular elevado sobre colunas, marcado pela transparência e por uma cobertura com vãos que permite o acesso ao telhado e a entrada de luz natural. A cobertura assume-se assim como um novo espaço habitável, destinado à contemplação e à convivência, promovendo uma relação contínua entre arquitetura, paisagem e experiência humana.

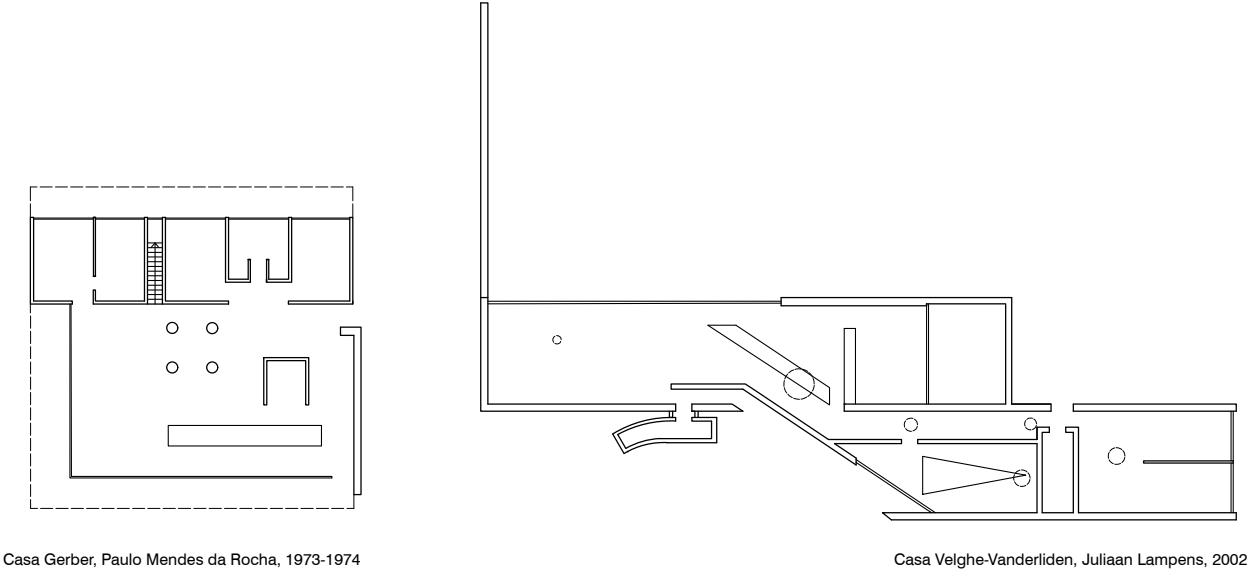
PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida



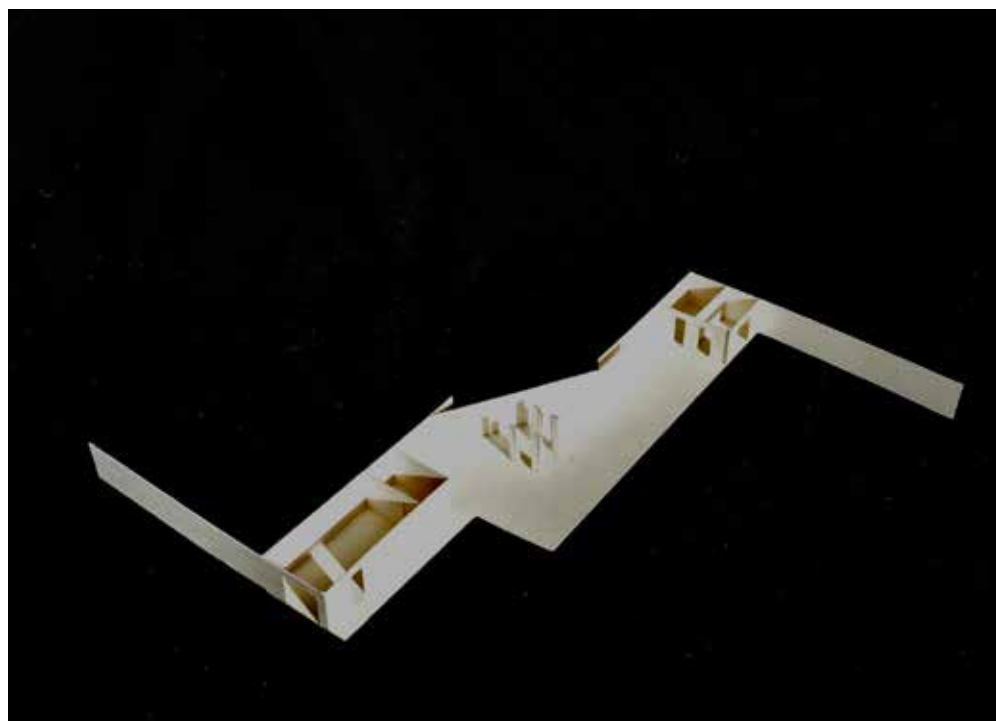
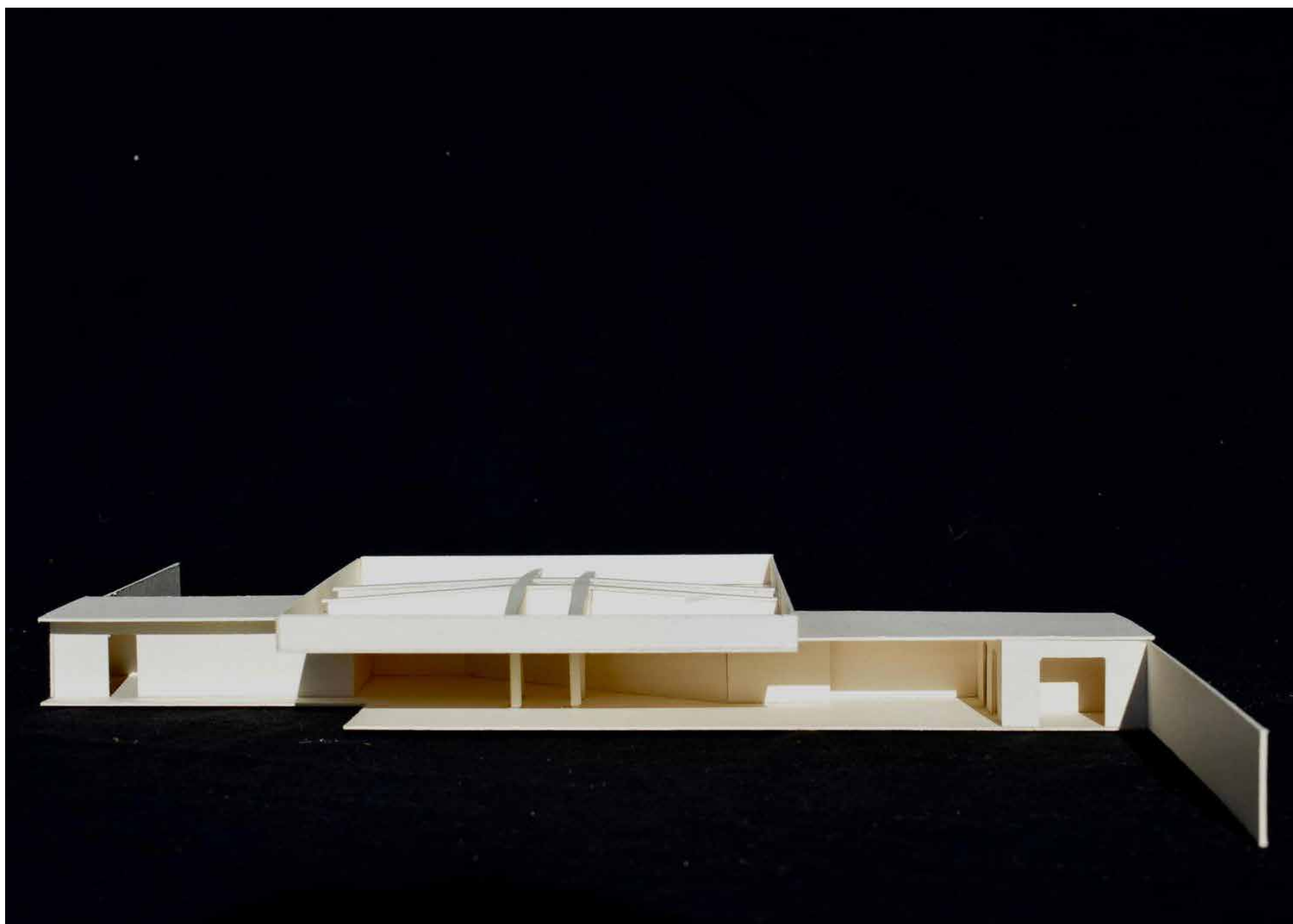
Legenda:
01- Acesso Principal
02- Instalações Sanitárias
03- Quarto
04- Sala
05- Cozinha
06- Instalações Sanitárias
07-Quarto

O projeto para a casa híbrida tem como premissa a junção da Casa Gerber, de Paulo Mendes da Rocha, e a Casa Velghe-Vanderlinden, de Juliaan Lampens. As casas possuem características semelhantes que se manifestam de maneiras diferentes, como o uso de formas geométricas e a materialidade. Para a concepção do projeto, procurou-se analisar os elementos mais notáveis das casas. A Casa Gerber define sua geometria a partir de sua cobertura, que é suportada por quatro pilares centralizados na planta livre. A Casa Velghe-Vanderlinden define-se pela união de dois retângulos, que são recortados em sua fachada frontal em um ângulo de 45°. Suas fachadas caracterizam-se por um lado cerrado e outro aberto para o jardim. Os dois projetos aproveitam a paisagem envolvente através de janelões retangulares. Este projeto une as duas estruturas, mantém o percurso de acesso ao espaço habitável de Lampens e a cobertura de Mendes da Rocha. A fachada frontal com paredes robustas separam o interior do exterior, e a fachada tardo abre-se para o jardim, favorecendo assim a fusão entre o espaço interior protegido e o exterior integrado.

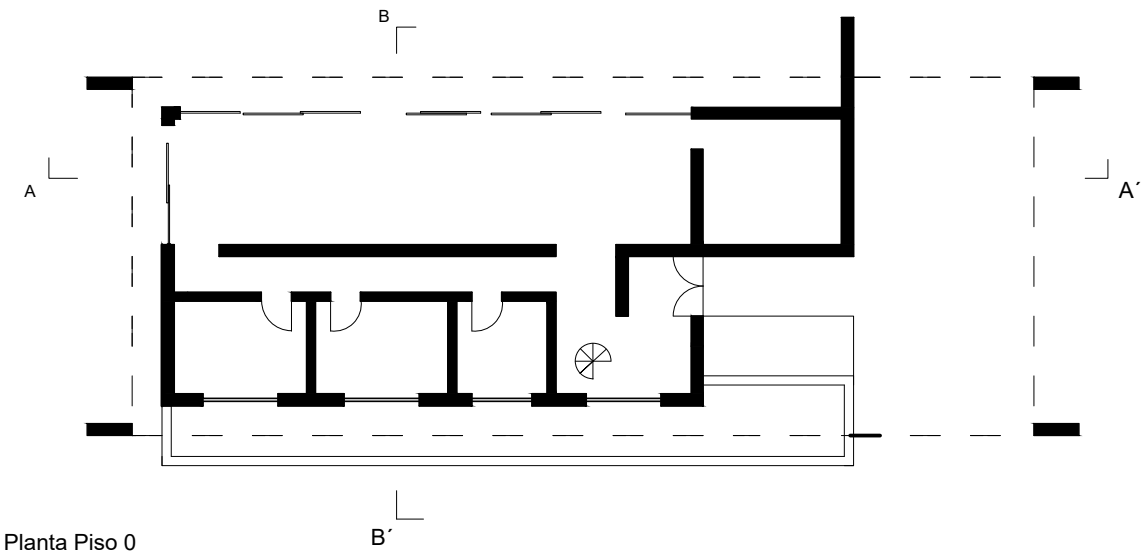


Casa Gerber, Paulo Mendes da Rocha, 1973-1974

Casa Velghe-Vanderliden, Juliaan Lampens, 2002



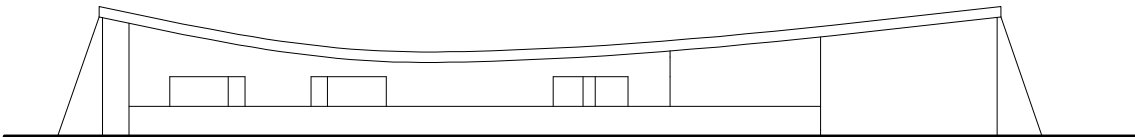
PENSAR A HABITAÇÃO
CASA HÍBRIDA



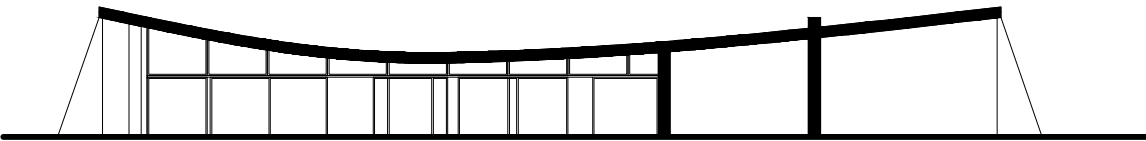
Planta Piso 0



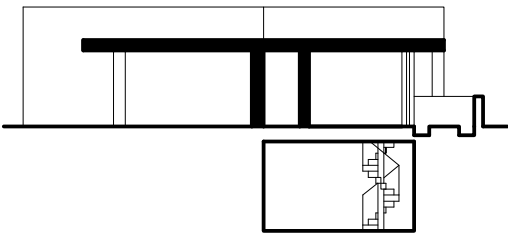
Planta Piso -1



Alçado Norte



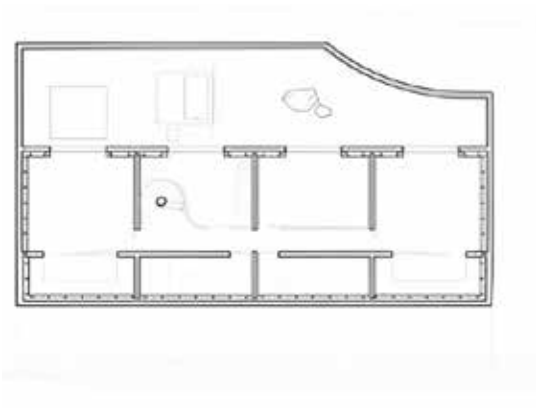
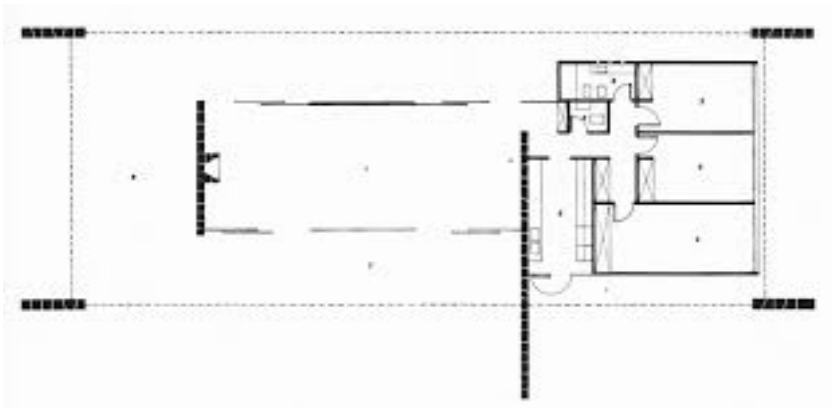
Corte AA'



Corte BB'

1:200
PLANTAS, CORTES E ALÇADOS

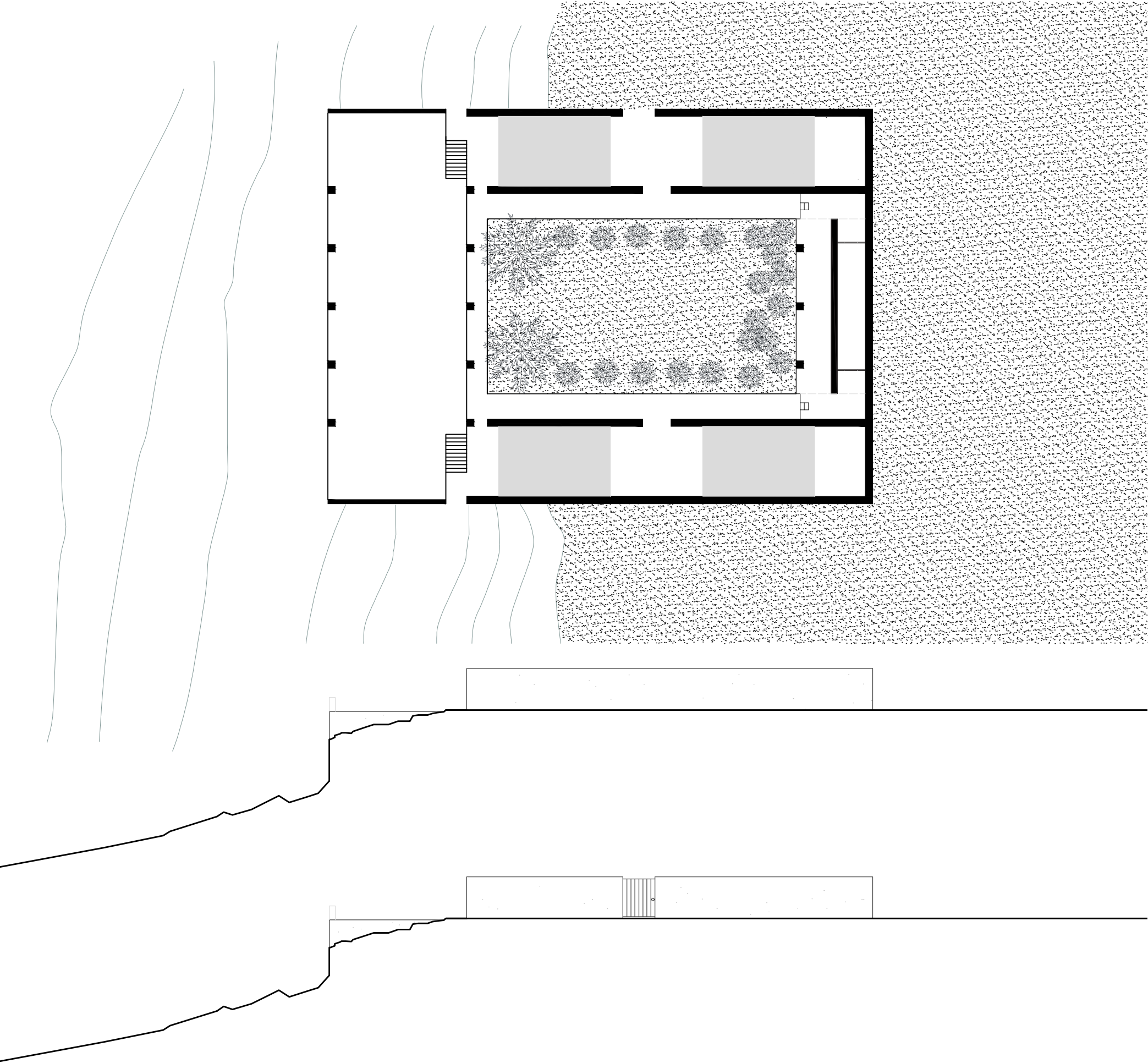
O projeto para a casa híbrida partiu da junção da Casa e Jardim Cavanelas e da Villa Montasser, procurando combinar os elementos mais significativos de cada uma. Ambas as casas apresentam uma forte relação com o exterior e uma atenção particular à integração entre a arquitetura e a paisagem, embora expressa de formas distintas. Da Casa e Jardim Cavanelas, foi destacada a cobertura, que se assume como um elemento determinante na organização do espaço e na transição entre interior e exterior. Da Villa Montasser, foram explorados a materialidade e os espelhos de água, que reforçam a presença da natureza e introduzem uma dimensão de reflexão e leveza. A casa híbrida resulta da análise e sobreposição das duas originais, combinando características estruturais e espaciais. A proposta final procura estabelecer uma continuidade entre interior e exterior, equilibrando massa e transparência, estrutura e paisagem.





PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida

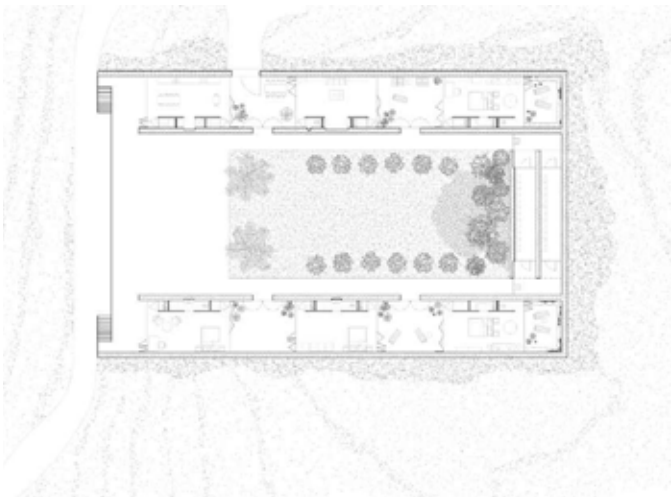


Planta e alçados 1:300

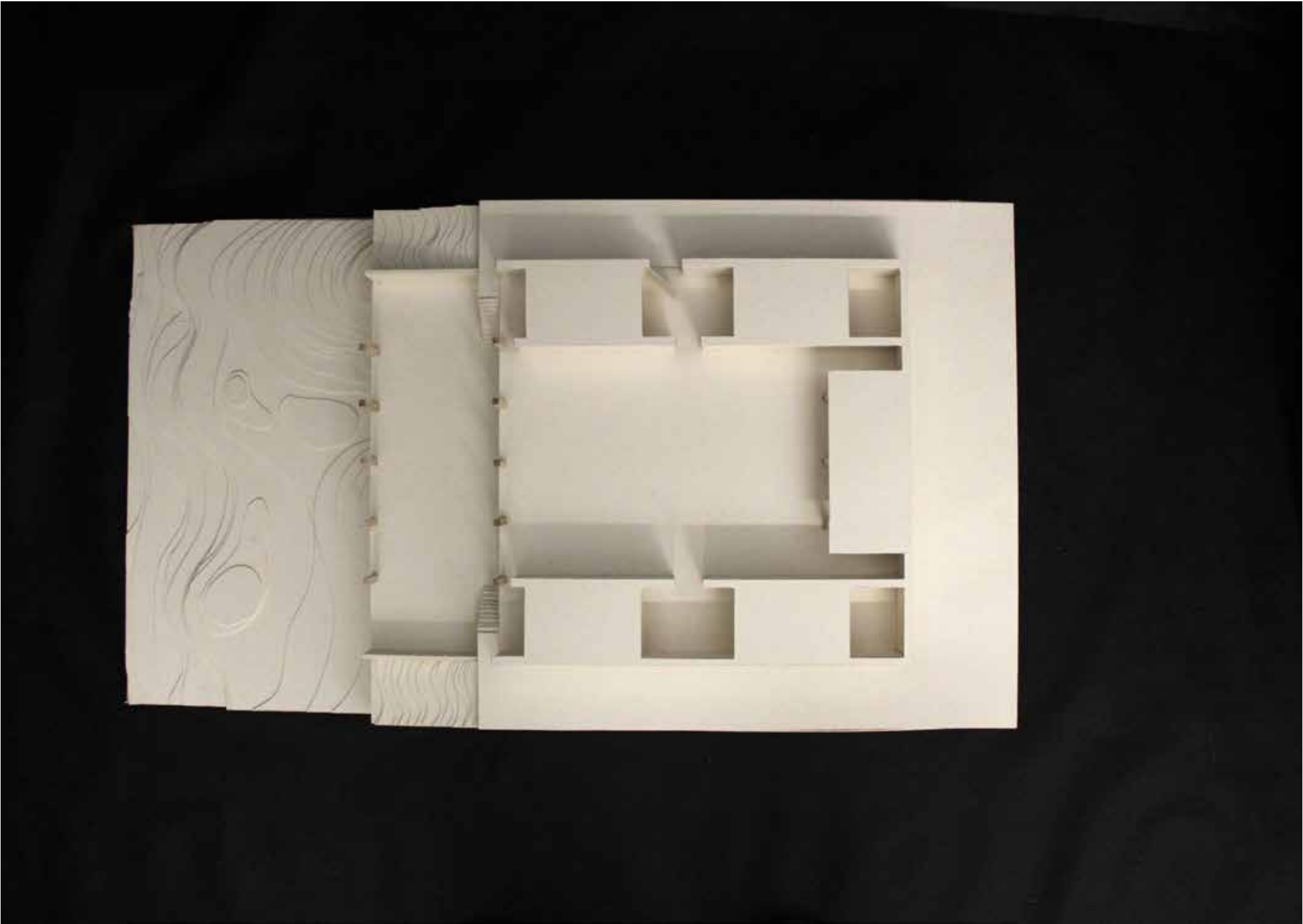
O projeto da Casa Híbrida nasce da junção da Casa Ambrosetti, de Aurelio Galfetti, e da Casa Vittoria Tracino, de Lluís Clotet e Oscar Tusquets. A intervenção resultou em elementos das duas casas que se completam entre si. Da Casa Vittoria Tracino foram usadas as colunas da fachada, que criam um ritmo e enquadram a vista para o mar, tornando a paisagem parte do projeto. Da Casa Ambrosetti foi aproveitada a organização da planta, adaptada para receber o sistema de colunas e criar uma relação mais direta entre o interior e o exterior. Além disso, as paredes da casa híbrida seguem o mesmo princípio da Casa Ambrosetti, utilizando materiais e cores que se integram com o terreno, permitindo que a casa se camufle na paisagem e se torne parte do lugar. Assim, a Casa Híbrida reúne as qualidades de ambas as casas, unindo a estrutura e integração na paisagem da Casa Ambrosetti com a abertura e o ritmo da Casa Vittoria Tracino, criando um projeto claro.



1:750
Casa Vittoria Tracino, Luís Clotet & Oscar Tusquets, 1972-1975



1:750
Casa Ambrosetti, Aurelio Galfetti, 2003



© Tiago Grilo



© Tiago Grilo

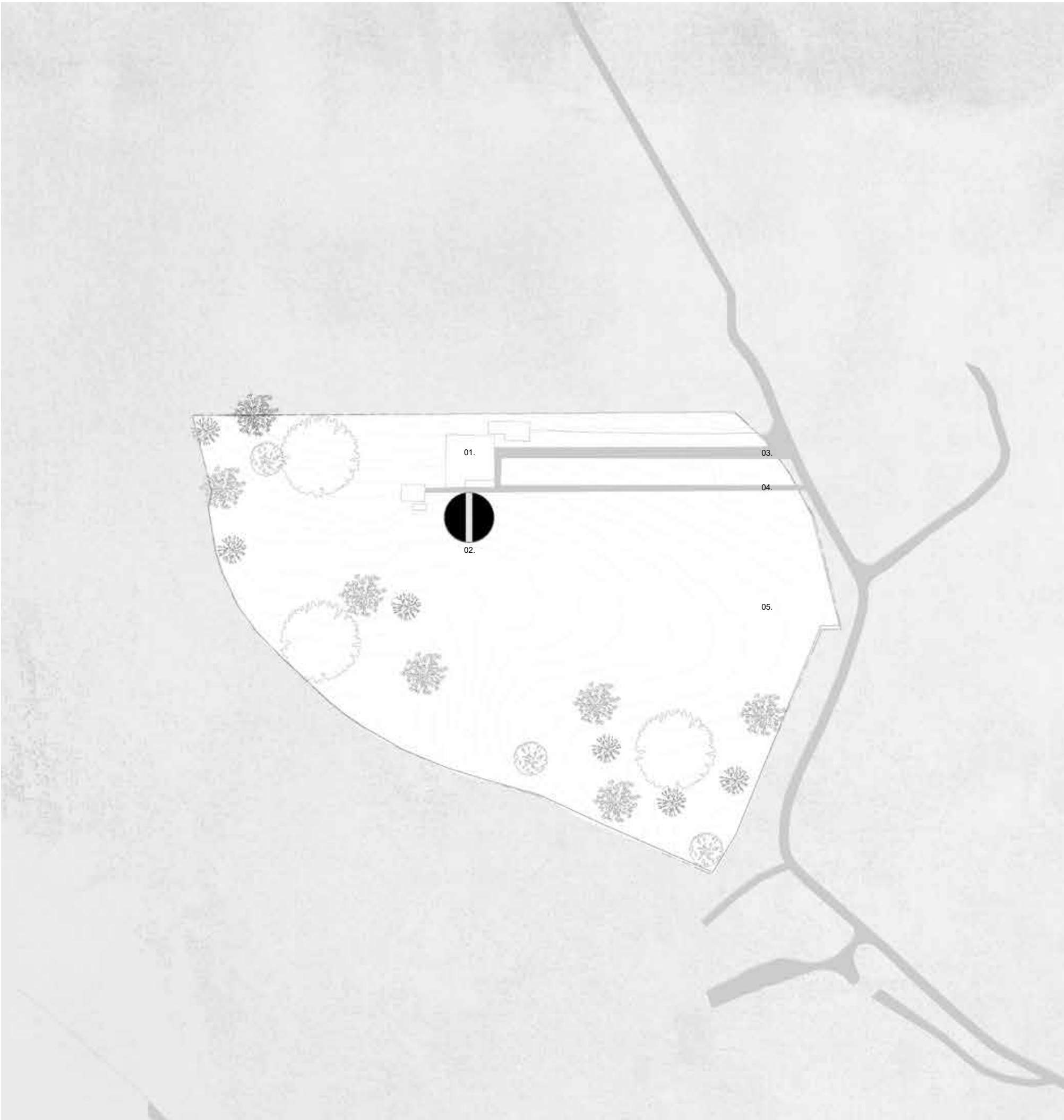
CASA DUPLA

CASA DE ARTES

Paisagem
Interseção
Fauna Local

Bárbara Morgado Ribeiro





Legenda: 01. Casa Vale do Pereiro de Cima 02. Casa Dupla 03. Acesso Casa Vale do Pereiro 04. Acesso Casa Dupla 05. Lote da Casa Dupla
1 : 500 N^o
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

ECOSSISTEMA

PAISAGEM
INTERSEÇÃO
FAUNA LOCAL

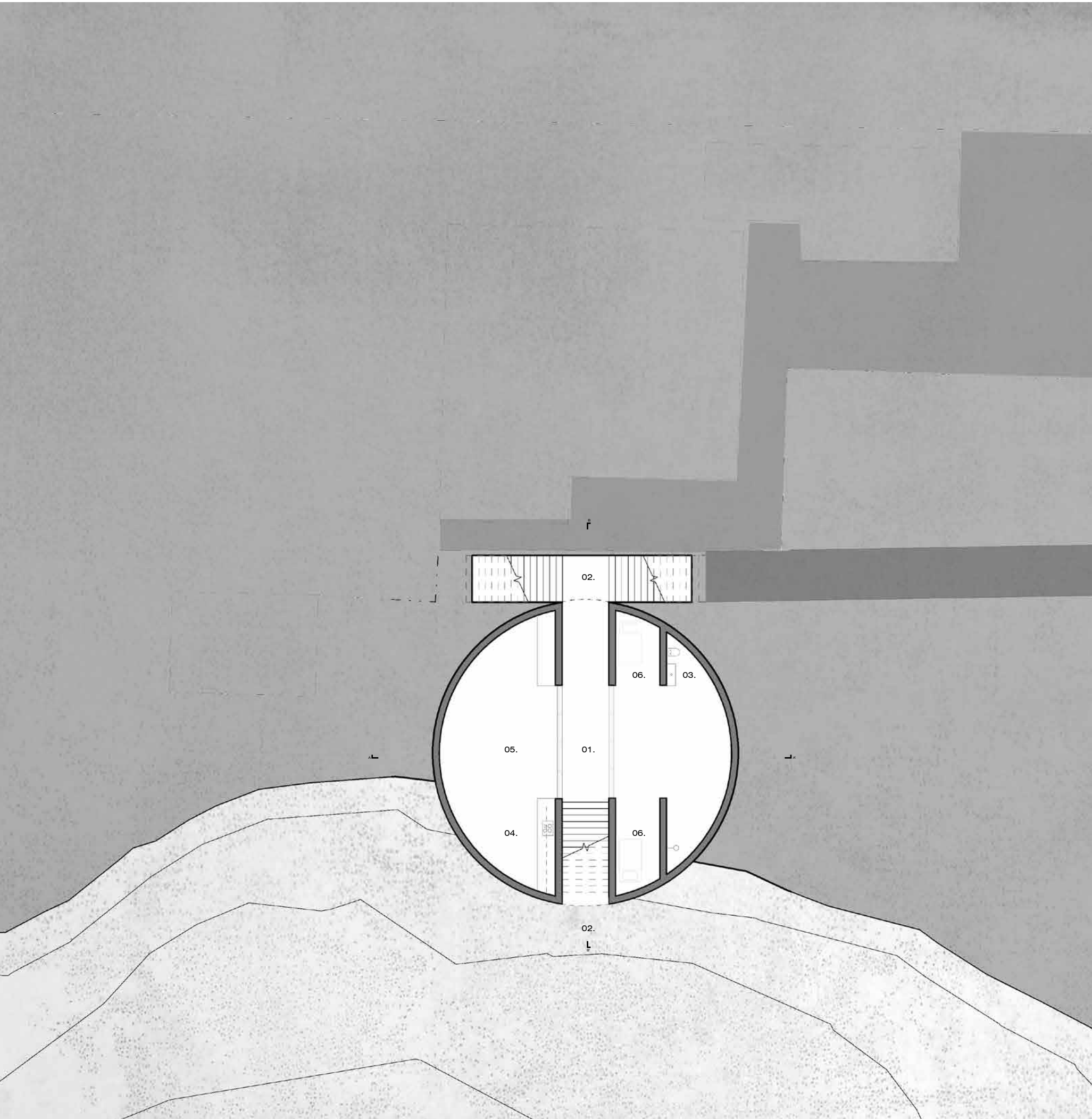
A implementação deste projeto numa reserva da biosfera mundial tem a capacidade de regenerar, uma simbiose onde a arquitetura se submete ao território. Esta intenção materializa-se numa solução técnica onde a cobertura é a própria camada de solo e relva onde os animais pastam, preservando o ecossistema local. Desta forma, o edificado não subtrai área à natureza; pelo contrário, devolve-a como pastagem contínua, permitindo que o ciclo de vida da fauna local persista inalterado sobre a laje habitável. O projeto opta por entrelaçar a regeneração ecológica com a estratificação temporal do betão numa cota inferior em frente à casa existente e não interferindo com a paisagem da arrabida da casa de existente. A arquitetura opera aqui como um sistema de ligações, criando percursos de acesso às duas casas, existente e não-existente, que unem a morfologia do terreno e a narrativa familiar. Estes caminhos não são meramente funcionais, são coreografias que orientam o utilizador entre a proteção da casa existente e a exposição da casa dupla. O projeto ativa o espaço através da arte e da partilha comunitária, garantindo que o projeto cumpre a sua função social. A arte age como um motor, transformando a casa isolada num ponto de convergência cultural, e atenua o isolamento rural através de novas dinâmicas de uso.



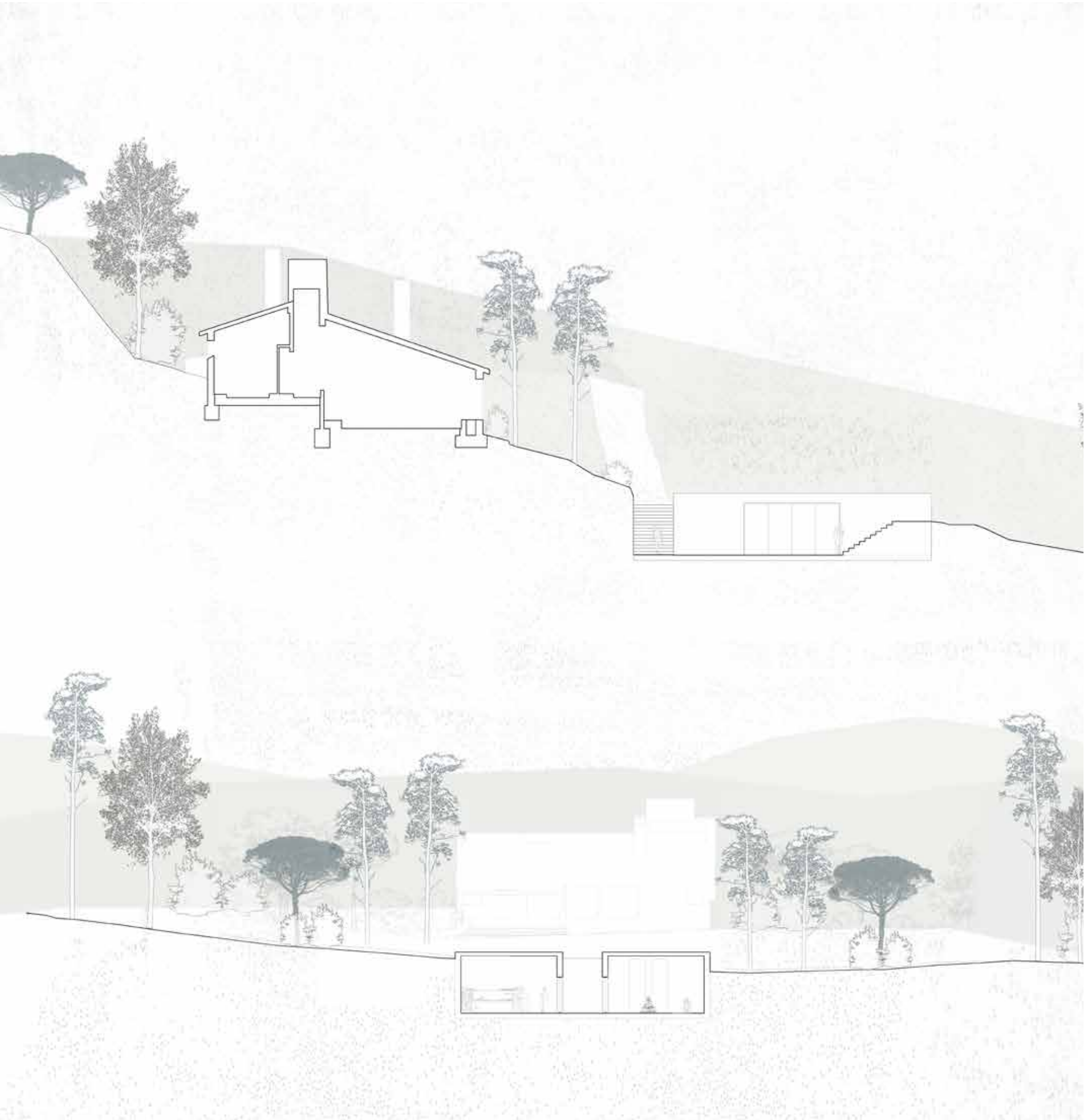
Fotografia Serra Arrabida



Fotografia Serra Arrabida



Legenda: 01. Entrada 02. Escadas de Acesso 03. Instalação Sanitária 04. Cozinha 05. Sala de Estar 06. Quarto
1 : 500 N
PLANTA DE PISO



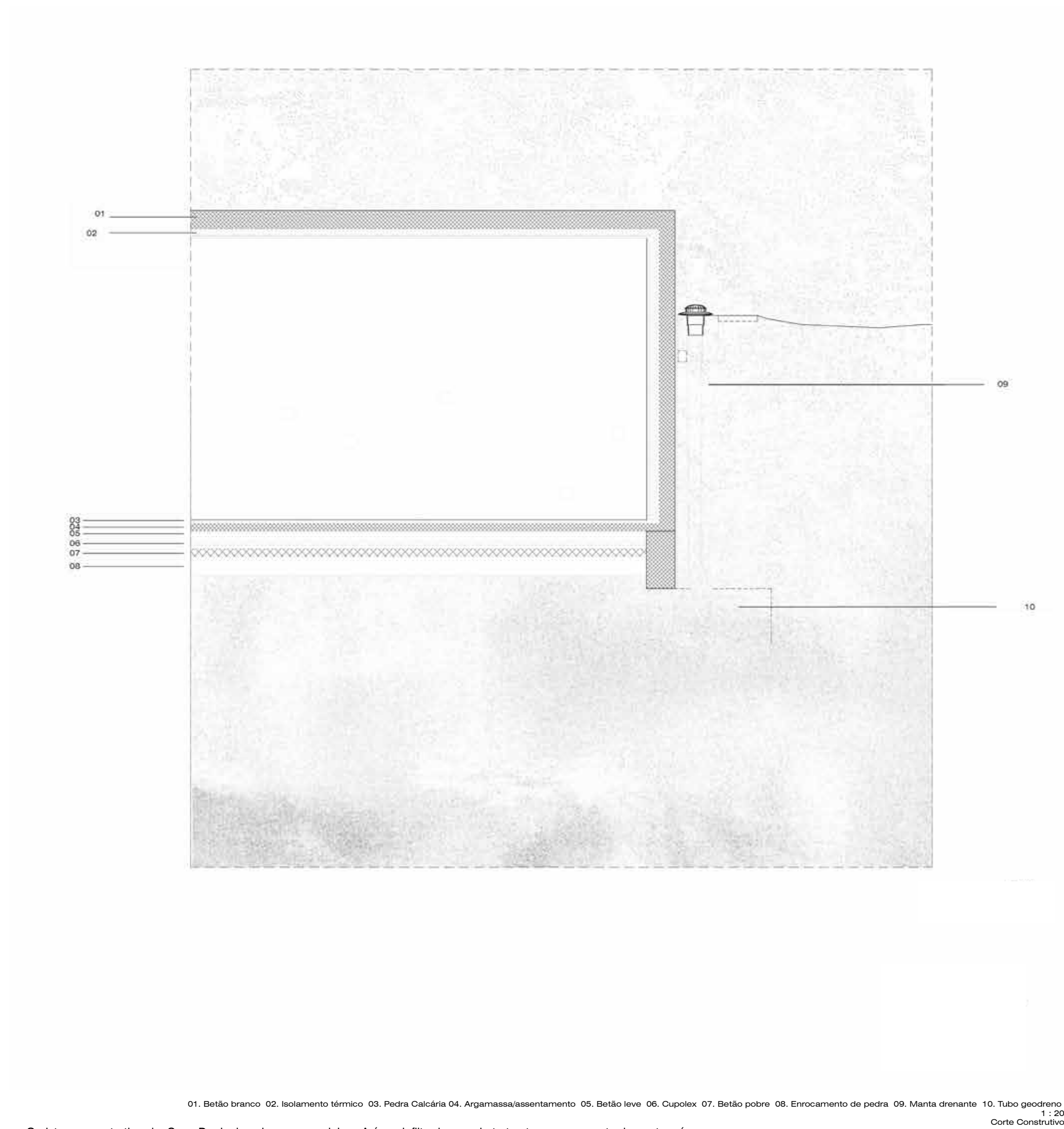
1 : 500 N
CORTE AA' ; BB'



Render, 3D

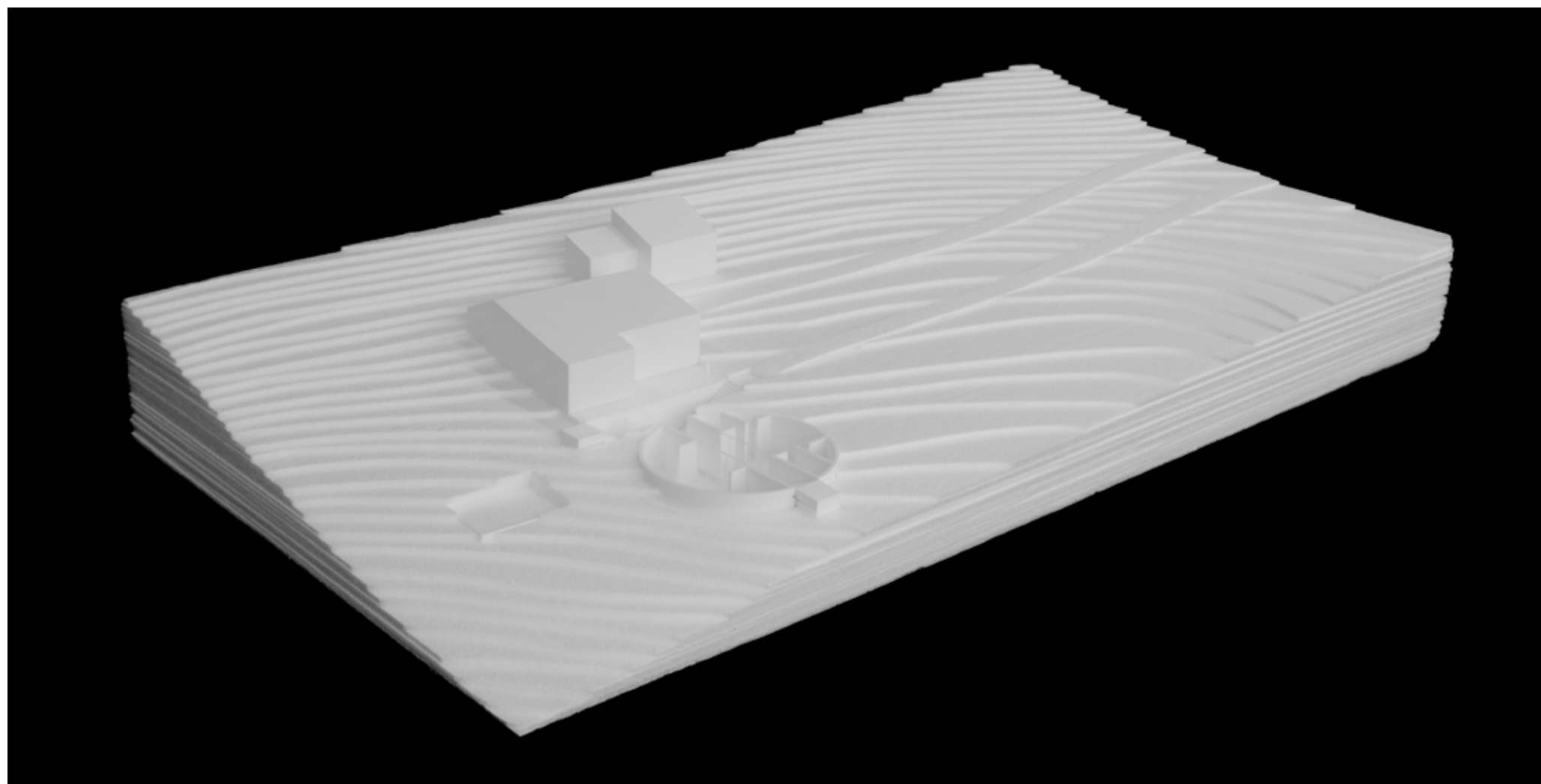


1 : 500 N
AXONOMETRIA



O sistema construtivo da Casa Dupla baseia-se essencialmente na utilização de betão, apresentando paredes maciças de 500 mm de espessura e um núcleo central de idêntica constituição. Esta opção estrutural garante uma elevada inércia térmica, factor fundamental para a estabilidade do ambiente interior e para a atenuação das flutuações de temperatura. A renovação do ar é assegurada por um sistema de ventilação natural por gravidade, através de aberturas inferiores situadas junto ao pavimento. Este método aproveita as diferenças de pressão e de densidade do ar para promover uma circulação passiva. A cobertura atua como uma extensão do terreno natural sobre a laje de betão armado, integrando camadas de substrato vegetal, drenagem e impermeabilização. Esta solução enfatiza a ligação com o relevo envolvente e é marcada por aberturas zenitais que garantem uma iluminação natural constante ao longo do dia. Para assegurar o correto escoamento das águas pluviais na cobertura semi-ajardinada evitando o encharcamento, sobrecargas na estrutura e a proliferação de humidades indesejadas, o sistema incorpora uma manta drenante (geotextil drenante). De acordo com a tipologia de cobertura invertida, o isolamento térmico é posicionado sobre a impermeabilização, sendo depois colocado o sistema de drenagem e o substrato vegetal. O escoamento é complementado por tubos geodreno (tubos de drenagem perfurados envolvidos em filtro geotextil), instalados em rede na camada drenante.

A água infiltrada no substrato atravessa a manta drenante e é encaminhada de forma eficiente para estes coletores. Estas soluções reforçam a simbiose entre a arquitetura (cobertura como ecossistema integrado no relevo) e o desempenho técnico: promovem a sustentabilidade (através da retenção e gestão de águas pluviais e redução do escoamento superficial), melhoram o conforto térmico e asseguram uma maior longevidade da edificação.



CASA INTERSTICIAL

Percurso
Interstício
Luz Zenital

Basílio Quaresma





Legenda: 01- Acesso principal Casa 02- Casa de Vassalo Rosa 03- Casa Dupla 4-Lote da Casa

1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

PERCURSO

INTERSTÍCIO

LUZ ZENITAL

A Casa Val do Pereiro localizada na Arrábida, foi projetada pelo arquiteto Luís Vassalo Rosa. Esta serve como um refúgio em relação com a paisagem. Tendo a sua construção iniciada em 1974 e terminada em 1976. Em vez de nivelar a terra, a construção adapta-se a ela. A casa organiza-se em patamares, acompanhando o declive natural de forma escalonada para mexer o mínimo possível na topografia. É uma habitação térrea, feita com técnicas correntes. O espaço interior, com cerca de 146 m², distribui-se de forma funcional: tem um vestíbulo, uma arrecadação, uma sala com recanto de cozinha, três quartos e duas casas de banho. O projeto inclui um terraço, reforçando a ligação da casa com a paisagem. A casa dupla pretende, construir um projeto independente mas contínuo à casa, com um espaço de utilização que una ambas as casas.. A luz zenital, a luz que vem de cima, é usada para abordar uma ligação entre o céu e a paisagem.



Fotografia: Leonor Perdigão



Fotografia: Leonor Perdigão

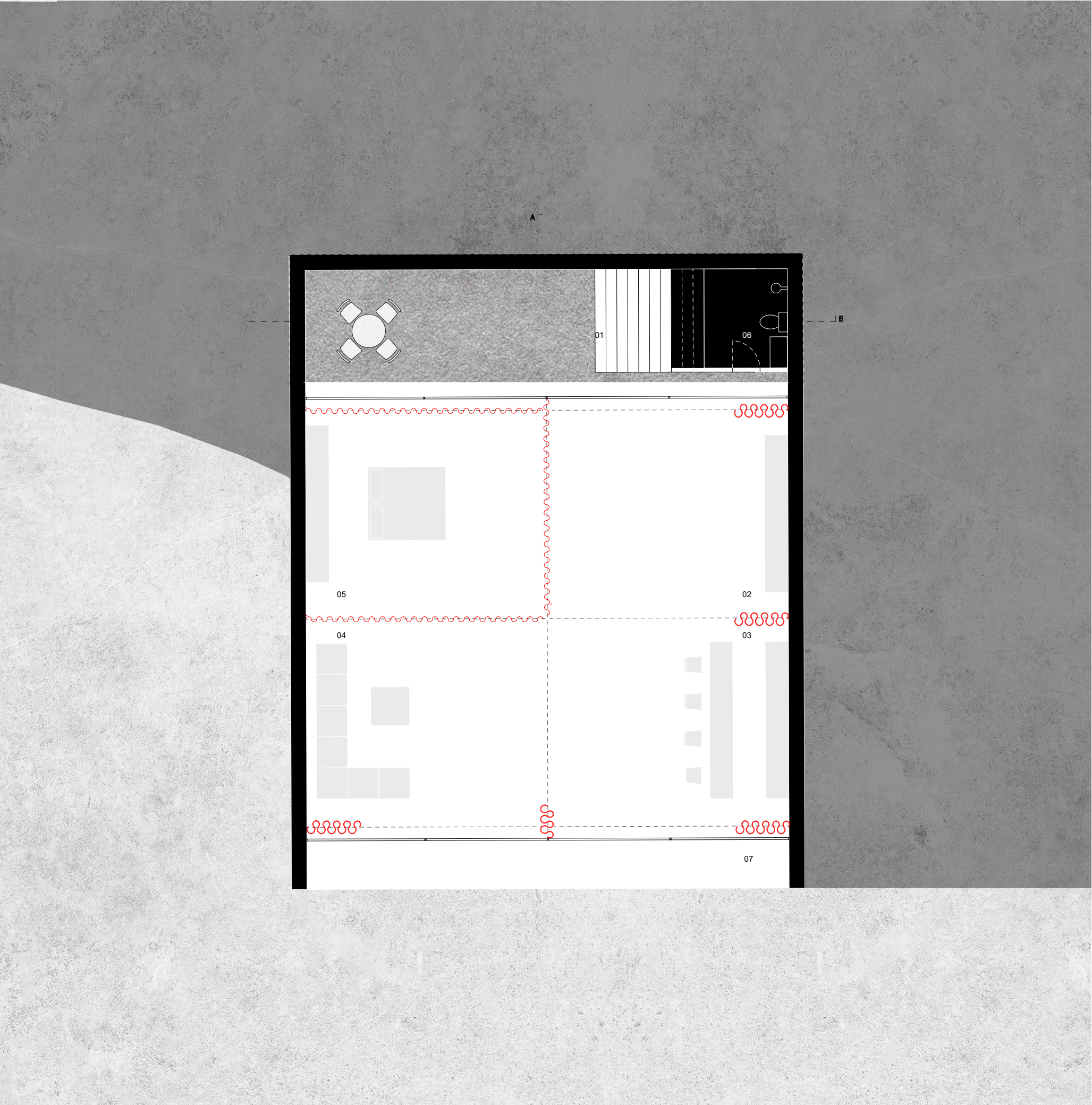


1 : 200 N 0
PLANTA E ALÇADO DA CASA DUPLA E CASA EXISTENTE

O projeto constrói-se a partir do percurso como mecanismo de leitura e revelação do espaço. Um caminho de 90 metros, delimitado por duas paredes, comprime e suspende a paisagem, conduzindo o habitante para um movimento progressivo de aproximação. A passagem pela casa existente e a descida para a nova habitação transformam o percurso num elemento arquitetónico, onde o tempo, a sequência e a mudança de cotas definem a experiência do projeto. A relação entre a casa existente e a nova intervenção é mediada pelo interstício — o espaço entre. A cobertura da casa subterrada assume-se como plano habitável, funcionando como terraço comum às duas casas e como elemento de articulação entre tempos, cotas e usos distintos. Este espaço intermédio não pertence exclusivamente a nenhuma das habitações, mas estabelece continuidade, diálogo e coexistência entre ambas. A luz zenital é utilizada como instrumento de construção espacial. O pátio exterior, com paredes de 10 metros de altura, funciona como vazio vertical que permite a entrada controlada de luz desde o topo, marcando um momento de pausa antes do acesso à habitação. No interior, a luz proveniente do pátio e do único vão para a paisagem define a atmosfera do espaço, reforçando a sua condição subterrada e a leitura introvertida da casa.

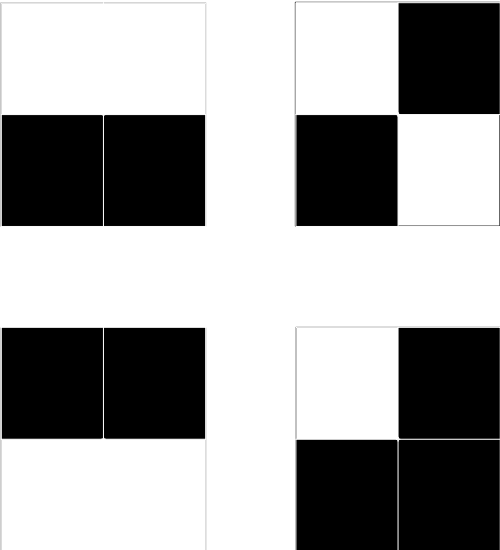


RENDER INTERIOR

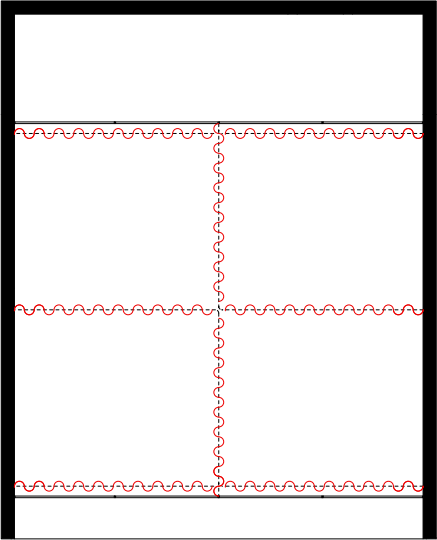


Legenda: 01- Pátio de entrada da Casa Dupla 02- Espaço de Entrada 03- Cozinha 4-Sala de Estar 5-Quarto 6-Instalação Sanitária 7-Alpendre
1 : 50
PLANTA

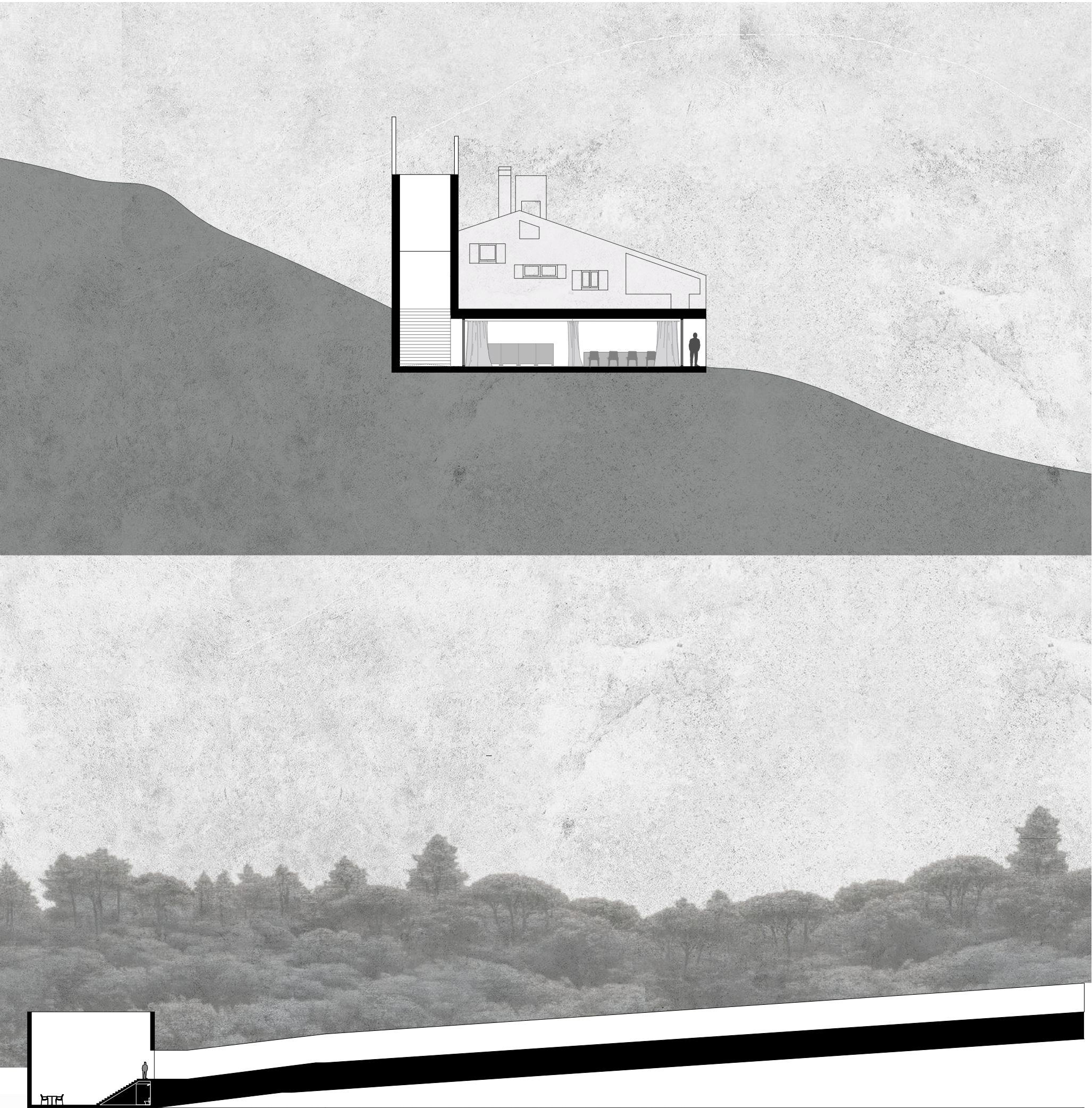
A intervenção desenha-se a partir de um longo percurso mura-
do, um corredor de silêncio e expectativa que prepara a chega-
da. A casa não se impõe na paisagem, revela-se no ato de de-
scer, escavando o seu lugar no solo para encontrar a intimidade.
O centro nevrálgico do projeto é um vazio vertical, uma
torre de luz que capta a claridade do céu e a transpor-
ta para a profundidade da terra. É a partir deste núcleo
que a habitação se desenvolve, abrigada e subterrânea.
O espaço é esculpido pelo encontro de duas luzes: a que cai ver-
ticalmente, marcando a altura, e a que se difunde lateralmente,
percorrendo os espaços de habitar. Esta dualidade cria uma at-
mosfera única de proteção e abertura. O uso de cortinas leves
para separar os espaços permite que exista uma continuidade da
luz proveniente dos dois vãos, como também uma possibilidade
de dividir o espaço.



Representação de diferentes organizações do espaço

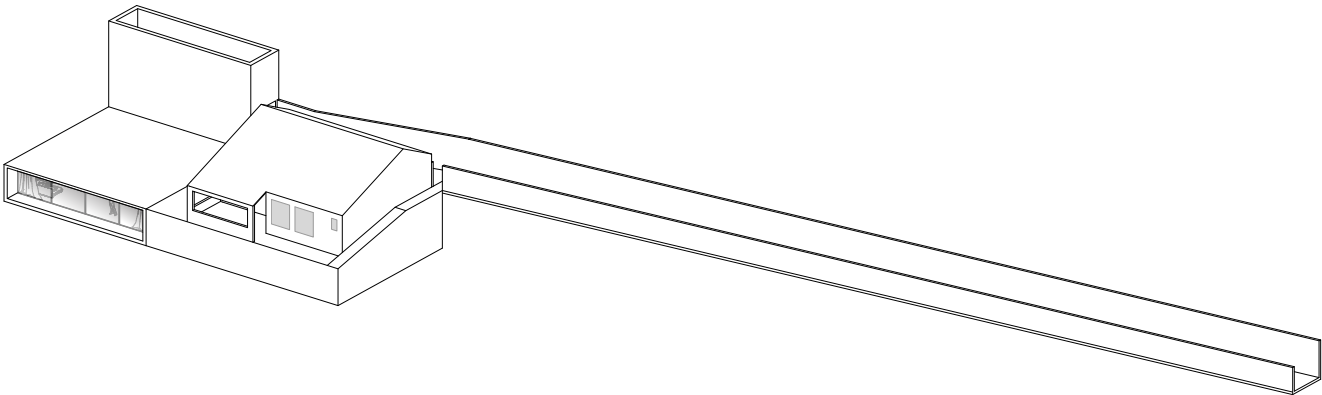


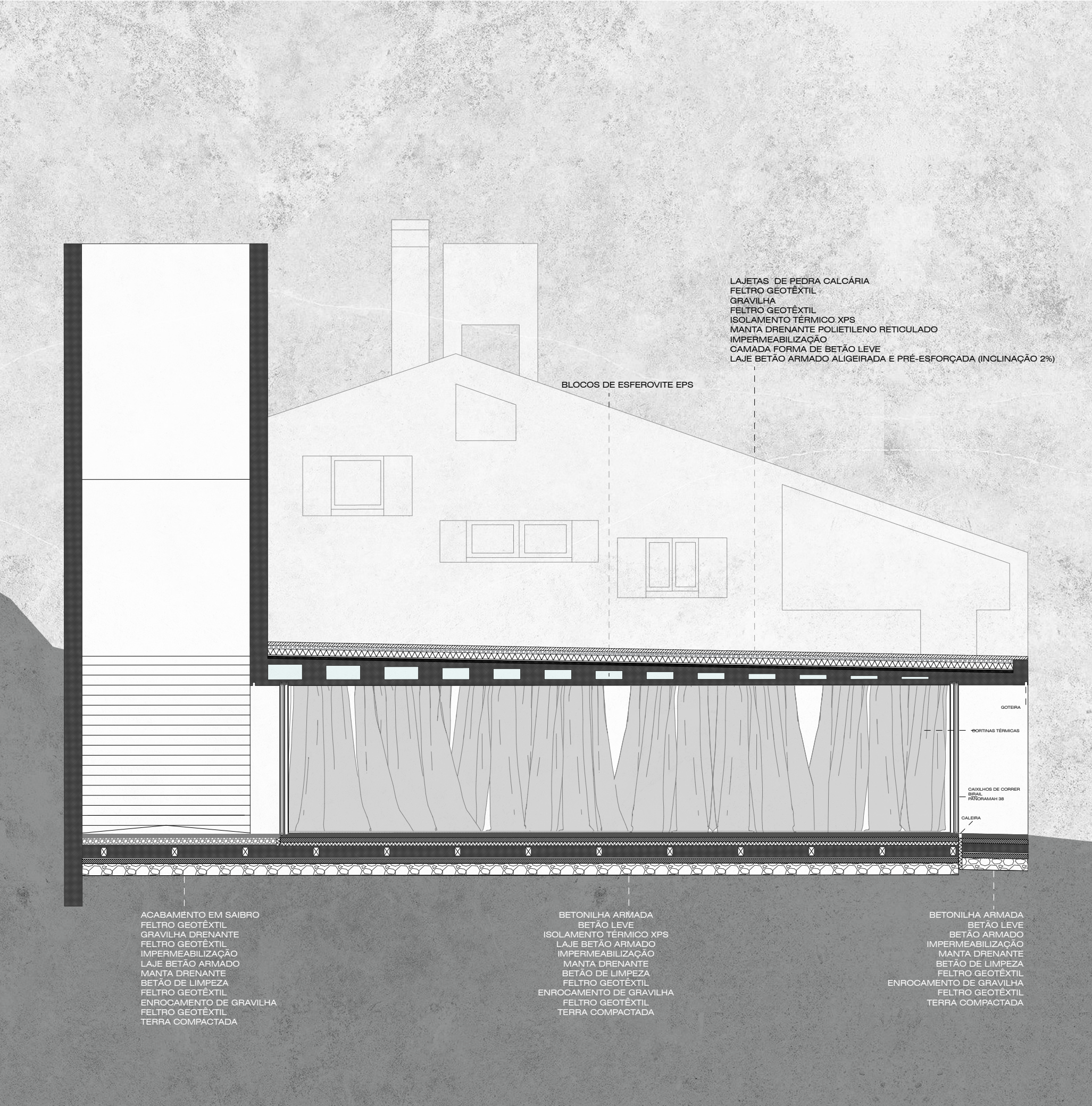
Representação de Cortinas Corridas



Corte AA' 1 : 100 N
Corte BB' 1 : 200 N
CORTES DA CASA DUPLA

Os cortes evidenciam a forma como o projeto se constrói a partir do percurso, da luz e da organização espacial. No interior da casa, a luz natural entra através do vão para a paisagem e da abertura zenital do pátio, definindo a atmosfera do espaço subterrado e reforçando a sua leitura. O corte longitudinal acompanha o caminho de chegada e a descida para a casa, revelando a integração da instalação sanitária sob as escadas como solução técnica que evita a introdução de paredes no interior. Desta forma, os elementos infraestruturais são concentrados, permitindo a continuidade do interior da casa, sem interrupções da luz.





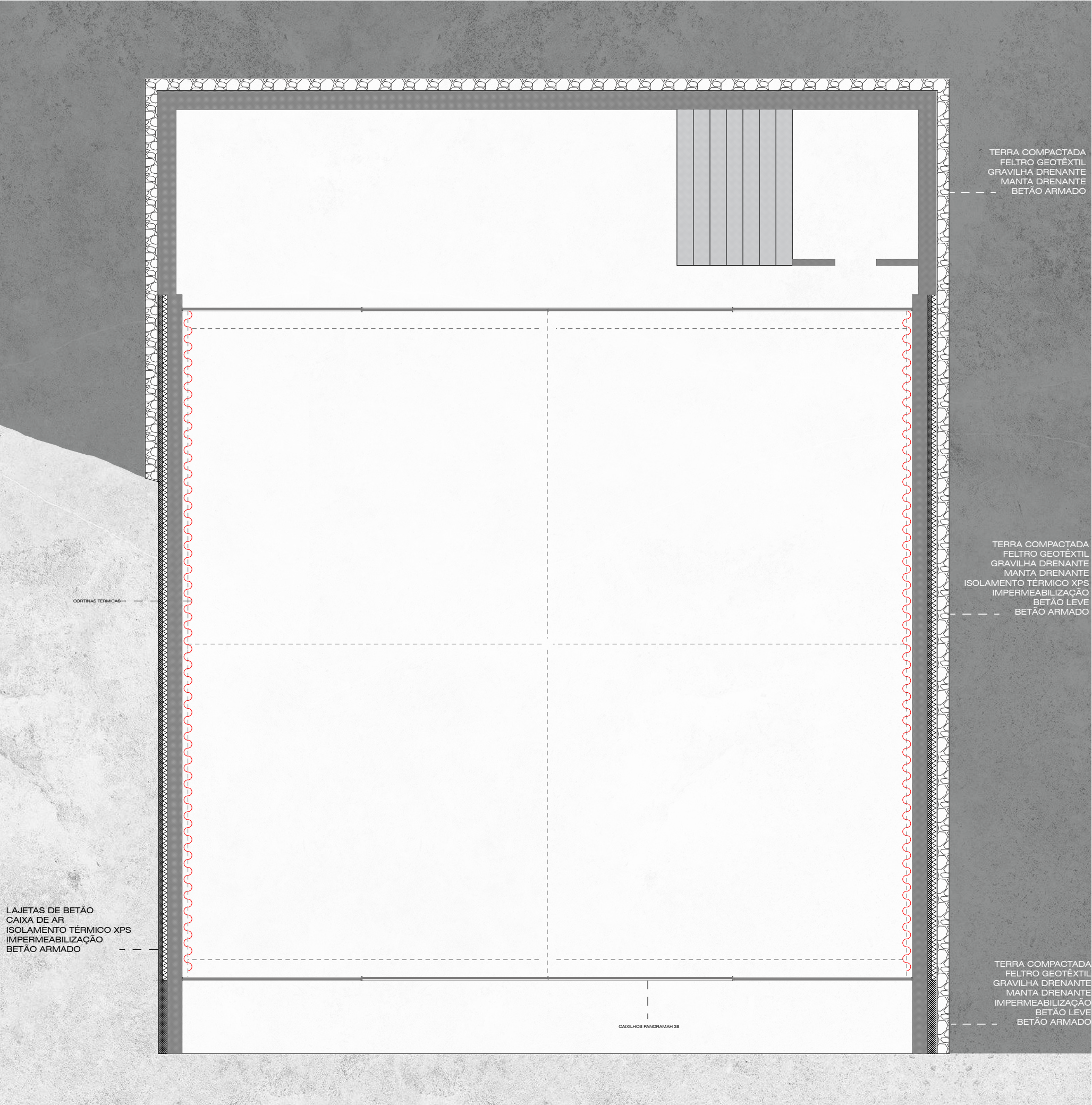
O corte construtivo evidencia a condição subterrada da habitação e a sua relação direta com o terreno. A solução estrutural em betão armado permite a contenção de terras e a criação de um espaço interior contínuo, protegido e introvertido. A cobertura é tratada como plano habitável, integrando um sistema de impermeabilização, isolamento térmico e drenagem que em conjunto com o uso de uma laje de betão armado aligeirada e pré-esforçada com integrações de blocos de EPS (para redução de peso) assegura o conforto interior mantendo uma resistência estrutural e permite a sua utilização como terraço comum às duas casas. A relação com a paisagem é mediada por grandes vãos envidraçados com sistema bi-rail e folhas deslizantes, permitindo a abertura total do espaço interior e o controlo da luz natural. Em conjunto com a entrada de luz pelo pátio, estes vãos reforçam a leitura do vazio vertical e a articulação entre espaço construído e solo. O uso de cortinas térmicas interiores, junto às paredes laterais, permite que hajam paredes menos densas, sem romper o conforto térmico do espaço interior da casa dupla.



Exemplo de Uso de Cortinas Térmicas

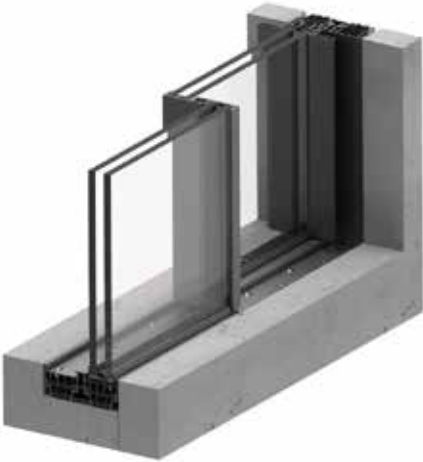


Blocos de EPS numa cofragem de betão armado aligeirada

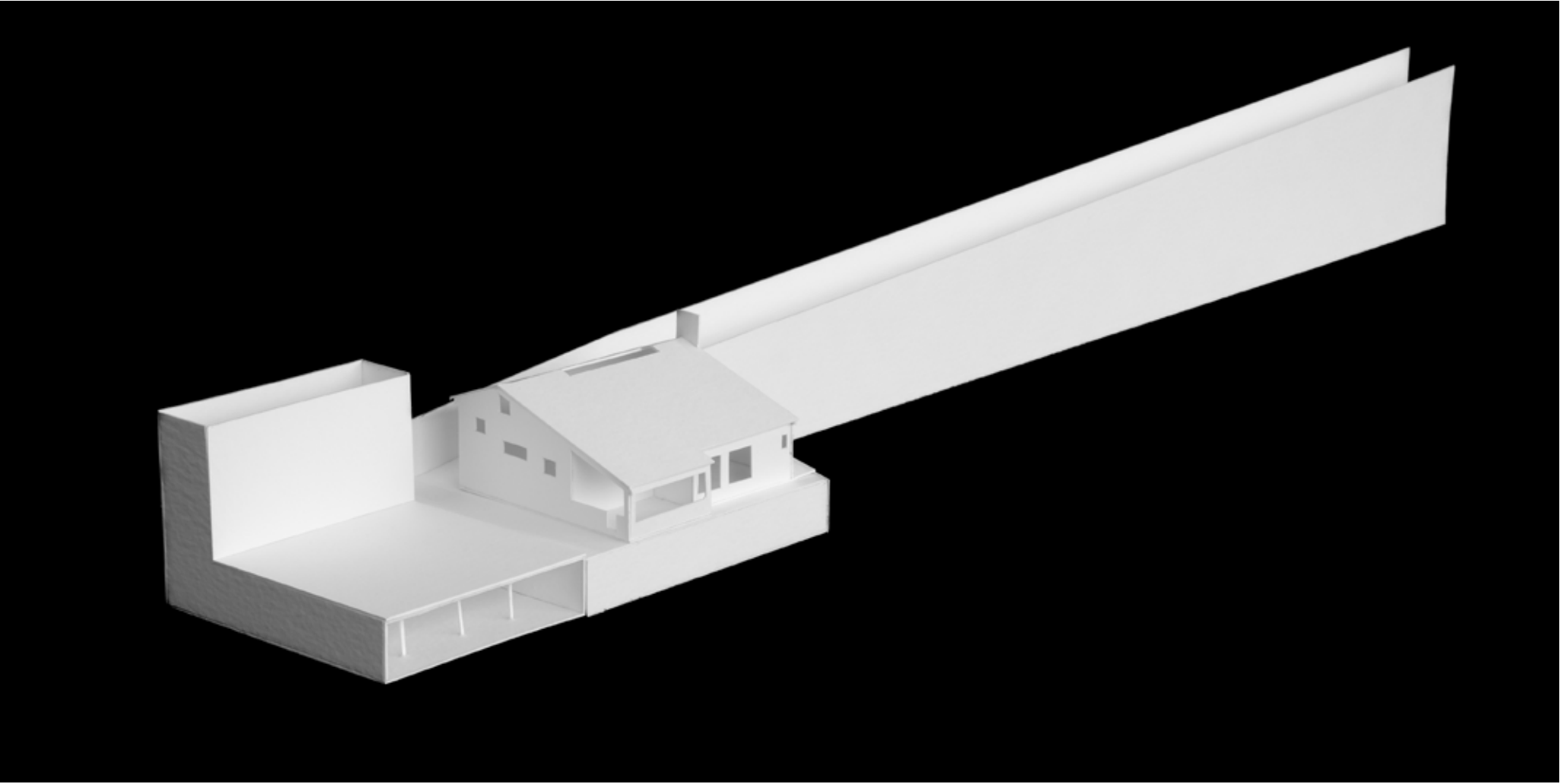
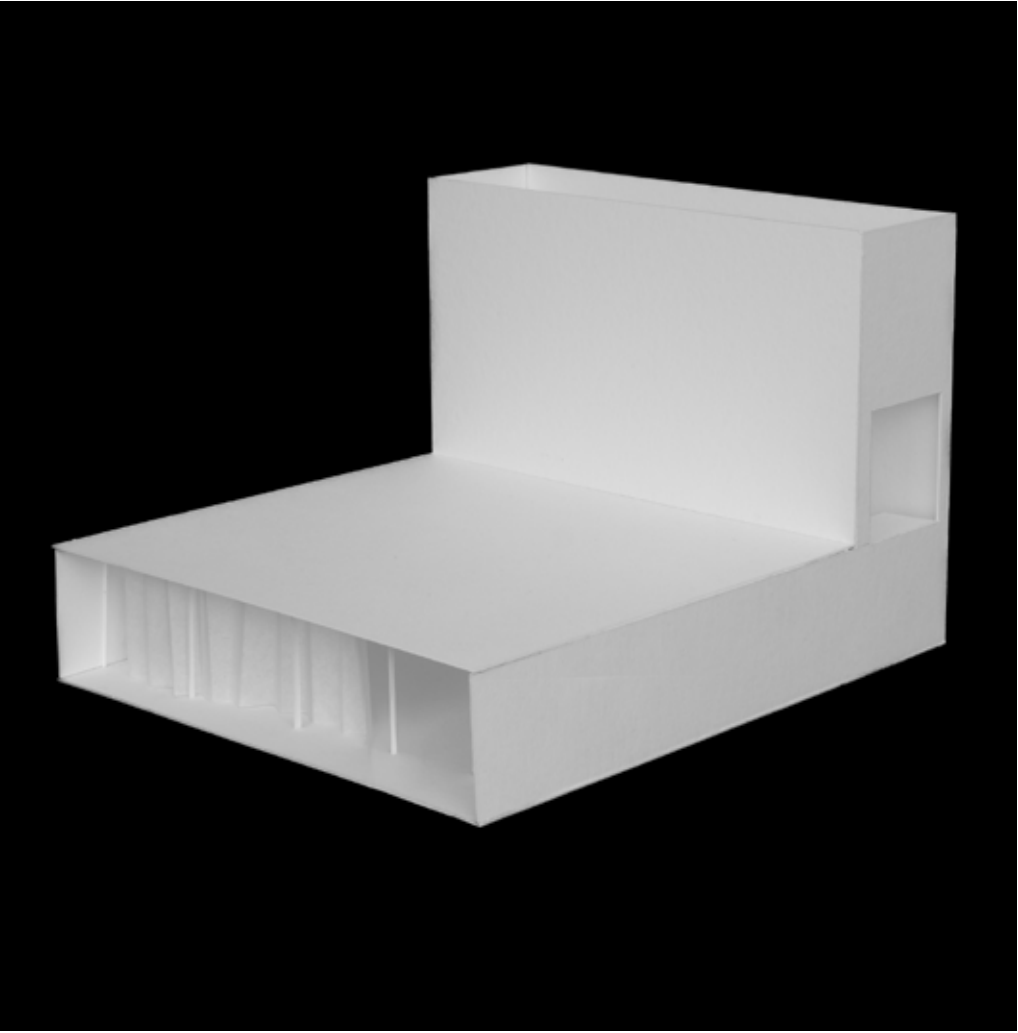
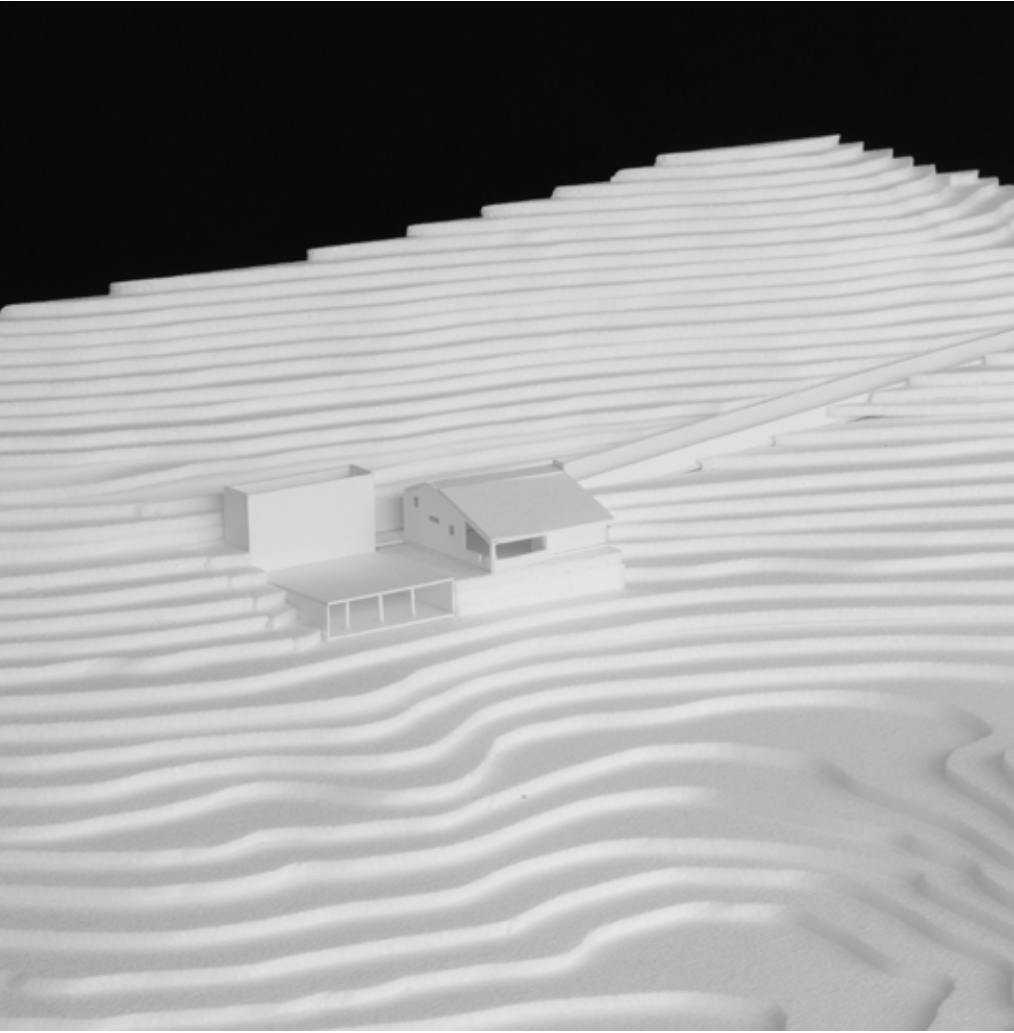


1 : 30
Planta Construtiva

A planta construtiva detalha o sistema de impermeabilização e drenagem projetado para a estrutura enterrada. No perímetro da habitação, define-se uma barreira drenante composta por enrocamento de gravilha, manta drenante e filtro geotêxtil, garantindo o escoamento das águas pluviais e aliviando a pressão hidrostática sobre as paredes de betão armado.



Representação do Sistema Birail de Correr Panoramah 38



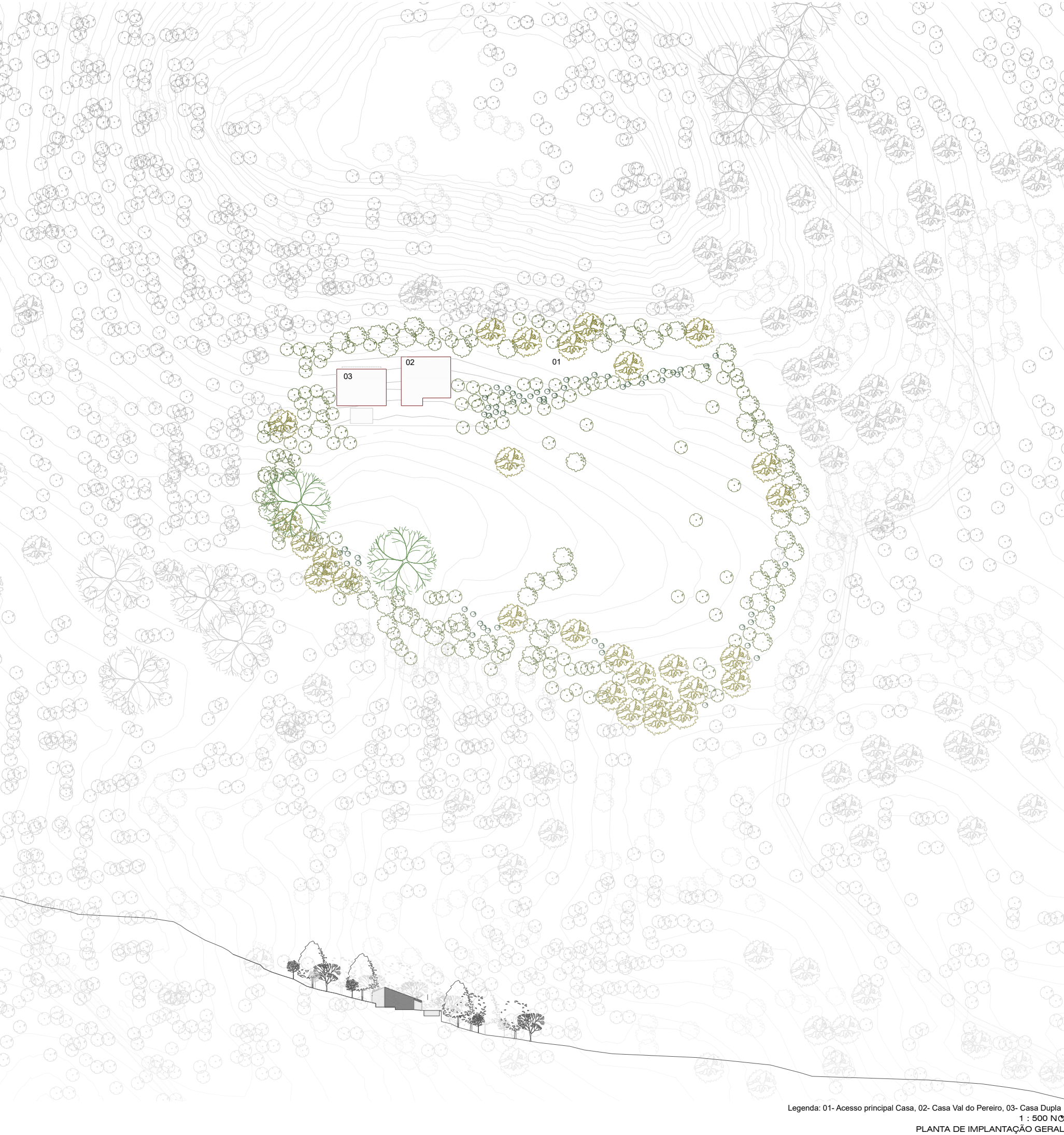


CASA TRANSPARENTE

Suspenso
Cobertura
Transparência

Beatriz Aragão





SUSPENSO

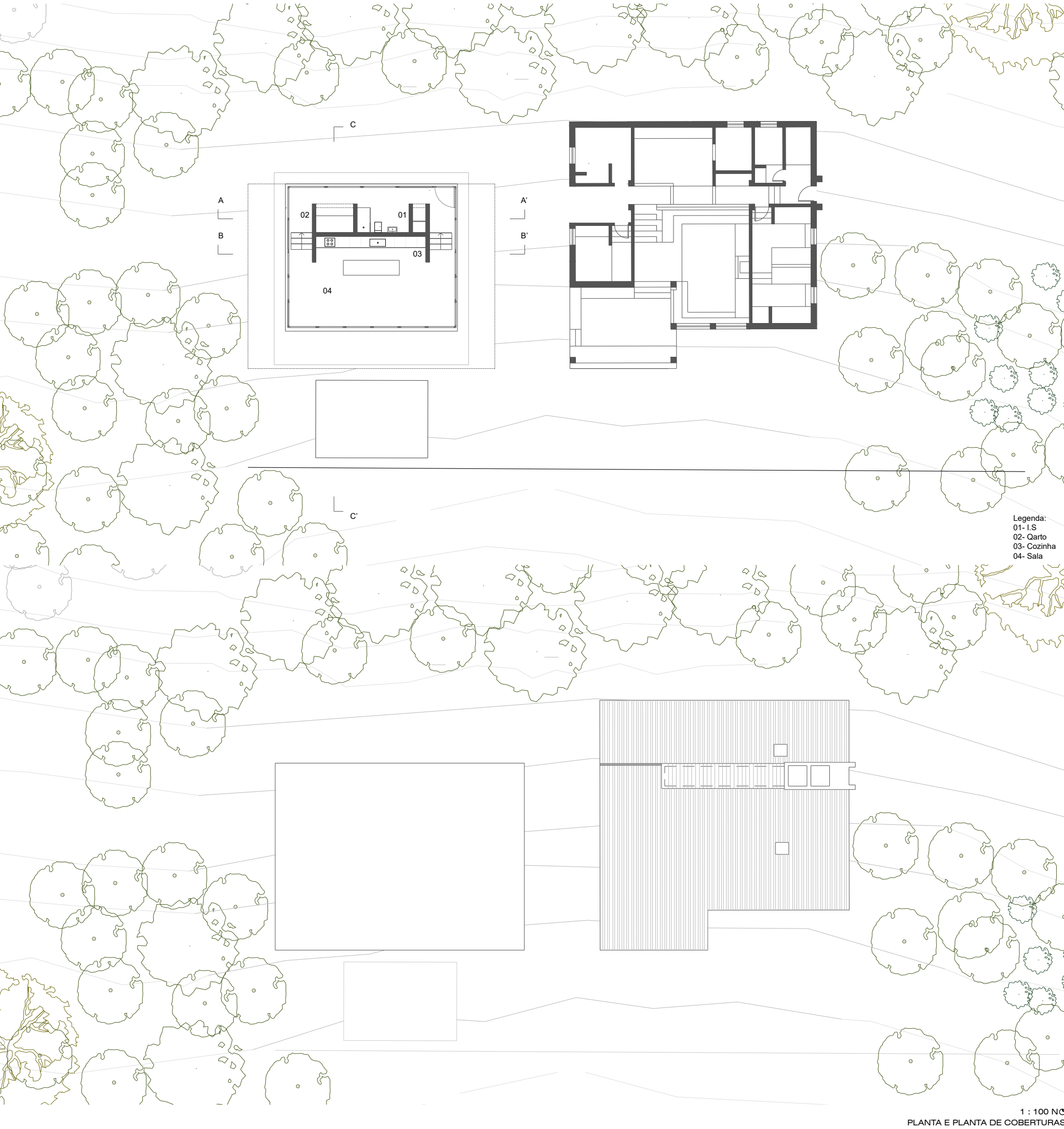
COBERTURA

TRANSPARENCIA

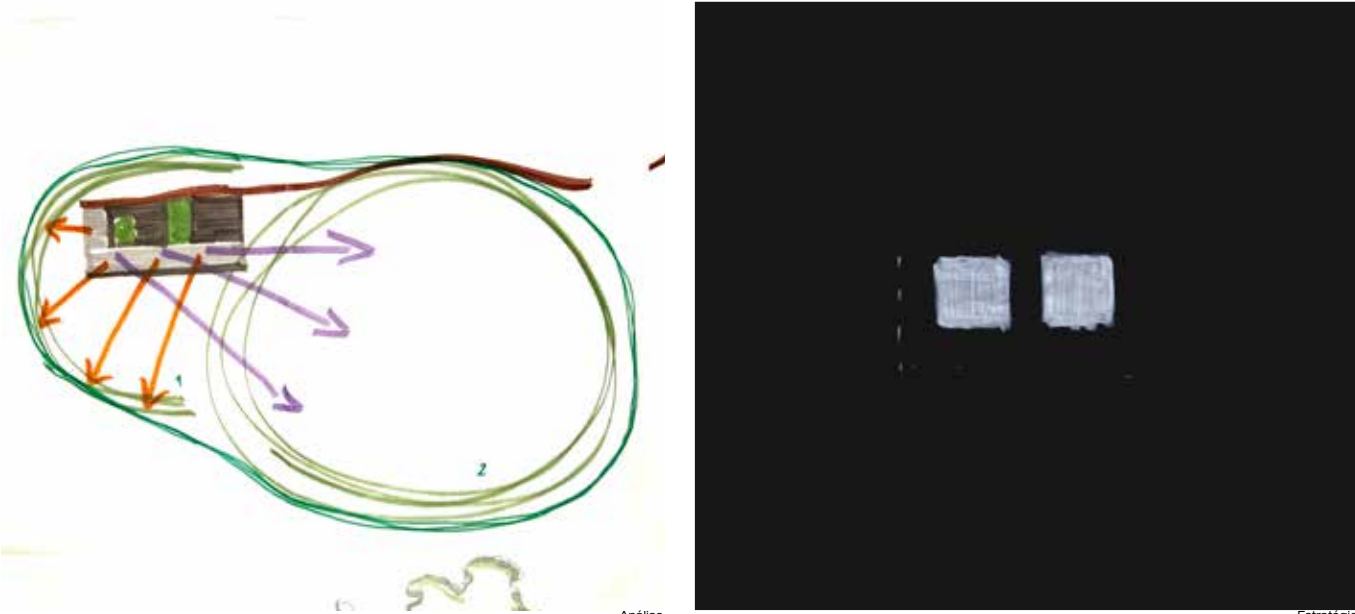
A Casa Vale do Pereiro localiza-se na Serra da Arrábida e foi projetada pelo arquiteto Eduardo Goulartt Medeiros para o arquiteto Luís Vassalo Rosa. Trata-se de uma habitação unifamiliar de carácter rural, pensada como um retiro afastado do ambiente citadino, onde a relação com a paisagem natural assume um papel central. A casa implanta-se a meia encosta, com orientação predominante a sul, tirando partido da exposição solar e da relação visual com o território envolvente. A escolha da localização teve como princípio fundamental a salvaguarda das áreas naturais existentes, nomeadamente zonas de mato, áreas arborizadas e terrenos de cultivo, procurando minimizar o impacto da construção no solo. A implantação faz-se através de patamares, permitindo uma adaptação cuidada à topografia natural e reduzindo significativamente os movimentos de terras, o que contribui para uma integração harmoniosa do edifício na paisagem e reforça o seu carácter rural. A leitura do terreno envolvente permitiu identificar a existência de um grande anel natural e de um subanel, que neste local não fazem sentido ser tocados, mas sim preservados. A partir desta análise, a proposta da casa dupla surge como uma forma de pensar a arquitetura em conjunto com a casa existente, procurando um benefício para o lugar através do equilíbrio entre a escala construída e a escala dominante da natureza.

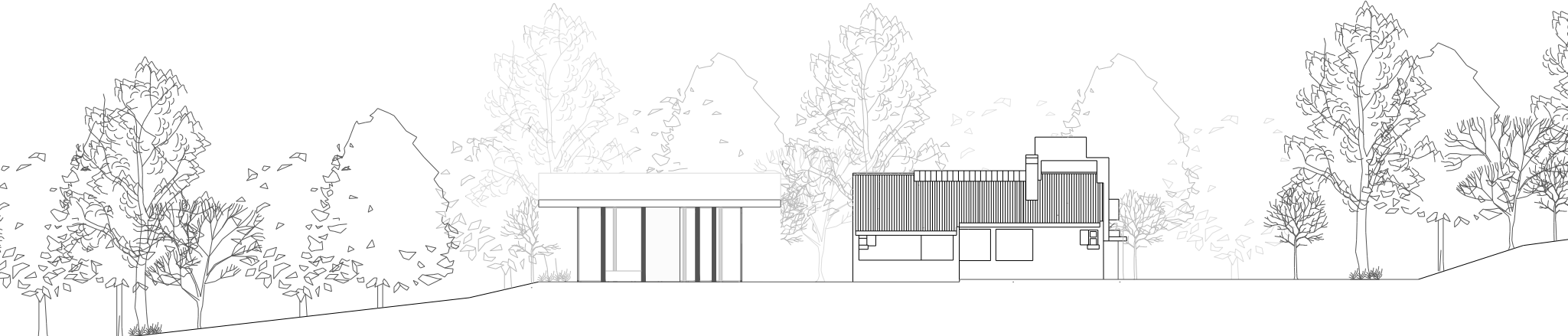


Lugar de Implantação

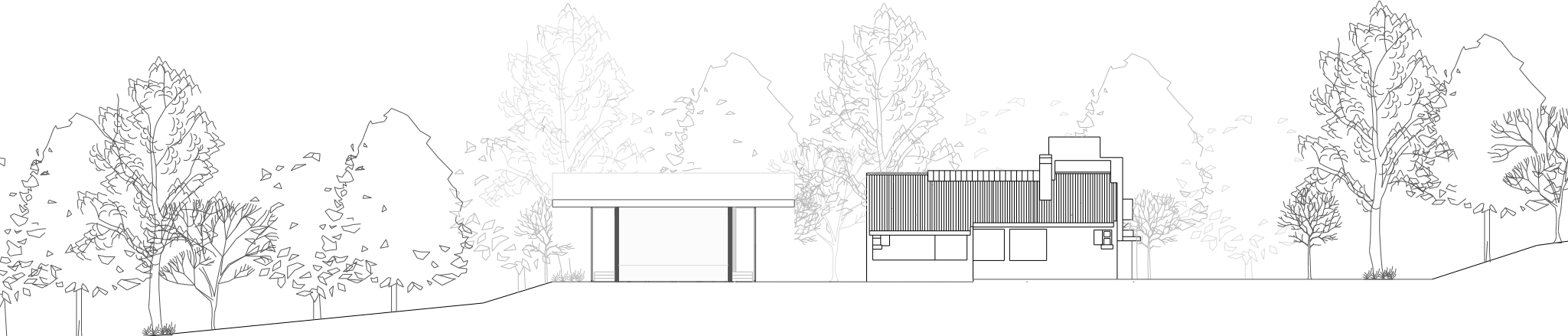


Partindo do pressuposto de que a ligação com a natureza e a relação interior-exterior são a base fundamental do projeto, a casa dupla propõe um novo volume onde essa característica é radicalizada. Este espaço afirma-se como um lugar onde arquitetura e natureza se fundem, mas onde permanece uma dicotomia clara entre os volumes. A casa transforma-se numa espécie de abrigo onde as divisões úteis são condensadas num núcleo central, rodeadas por vãos de vidro. Quando estes estão fechados a casa oferece proteção, e quando se abrem transforma-se numa extensão direta do exterior, quase sem diferença precetível entre fora e dentro. Este núcleo interior é percorível a toda a volta, enfatizando as diferentes apropriações do espaço interior com o exterior. A casa surge como uma caixa de vidro, o miolo construído e uma cobertura que poussa suavemente sobre o interior. Esta cobertura surge da réplica da parte mais extensa da cobertura da casa existente e permite criar um espaço híbrido e de conexão com o exterior. O programa da casa dupla desenvolve-se em patamares que acompanham a topografia do terreno. O acesso é feito pela cota mais alta, através da via orgânica existente. No patamar de entrada localizam-se o quarto, o roupeiro e a instalação sanitária; e no nível inferior a cozinha e a sala. A piscina é deslocada para poente, alinhada com o centro da Casa Dupla, funcionando como um espelho da natureza, refletindo o céu e a vegetação envolvente, ampliando a perceção do exterior a partir da cozinha e da sala. O muro de contenção existente é mantido para preservar a sensação de suspensão sobre a paisagem.

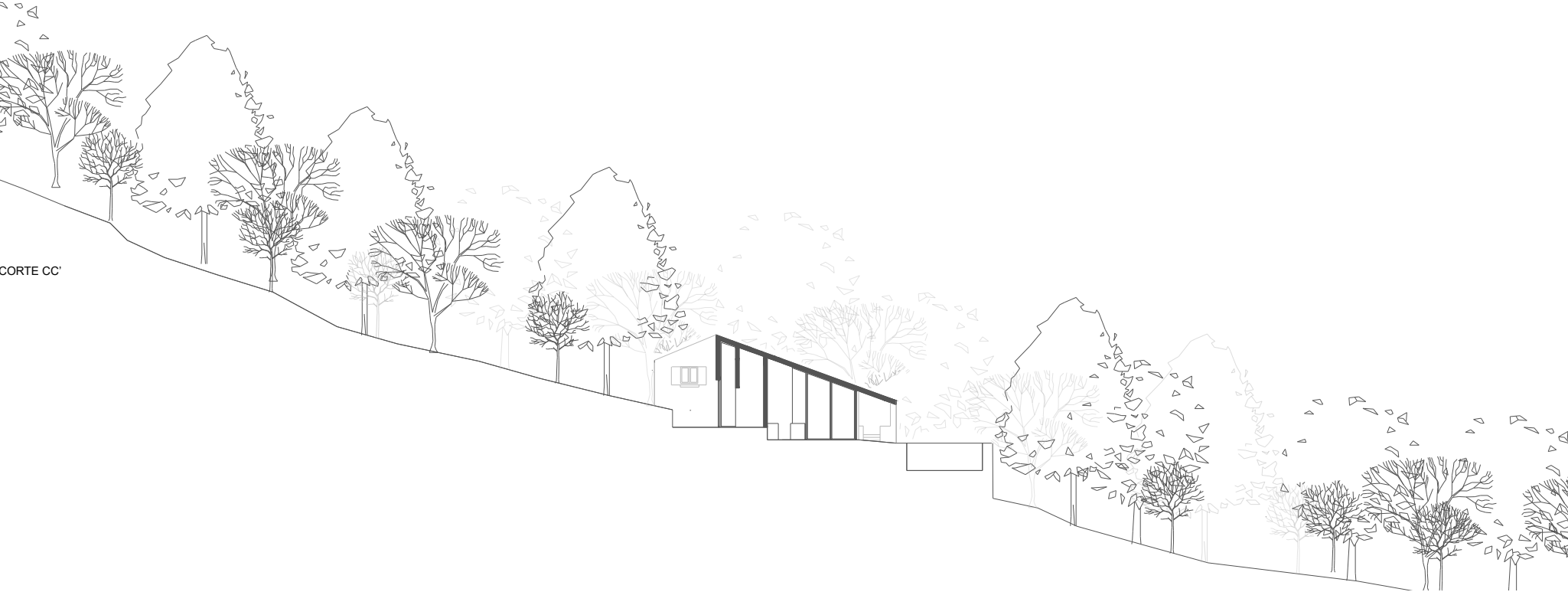




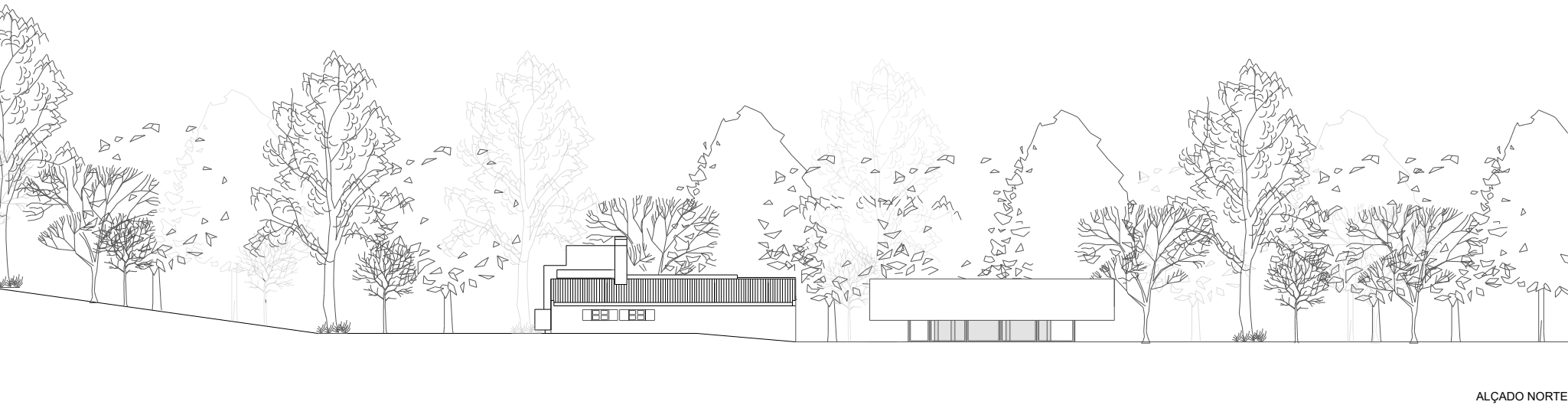
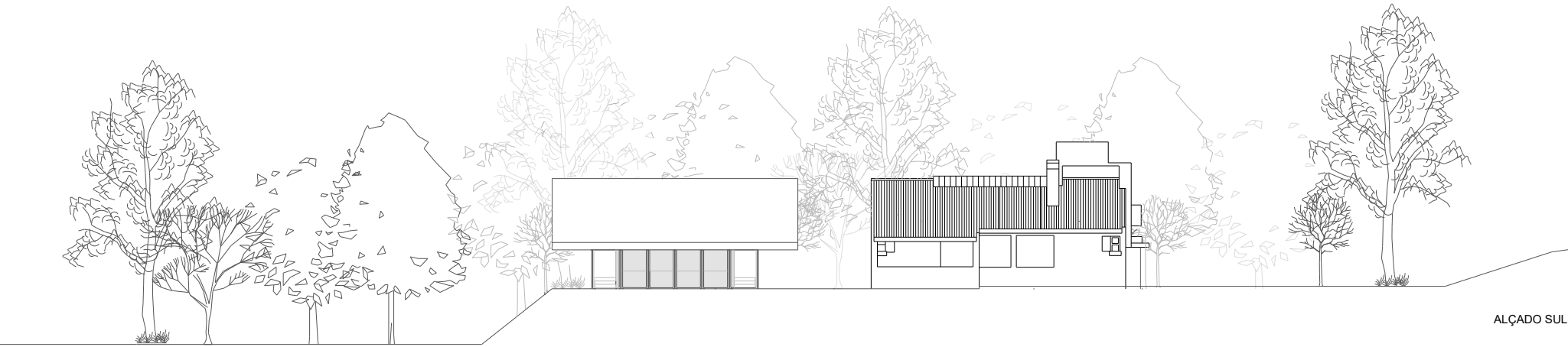
CORTE AA'

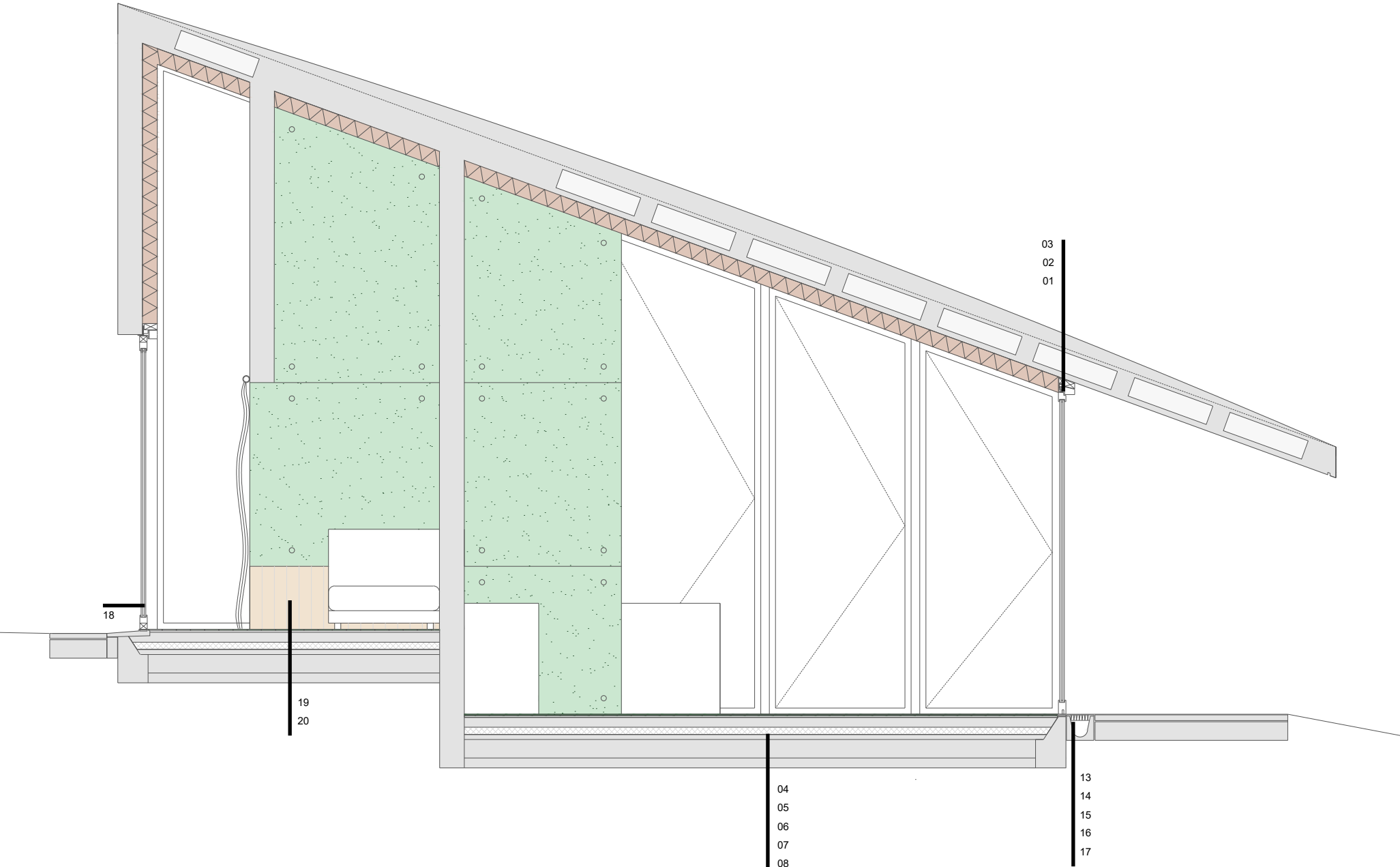


CORTE BB'



CORTE CC'



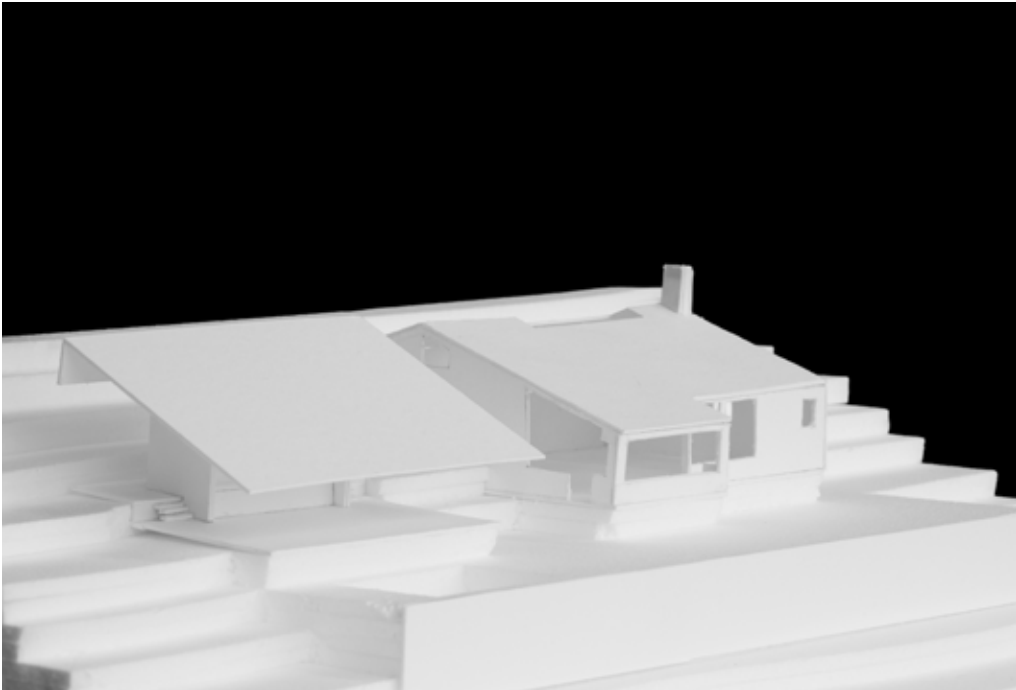
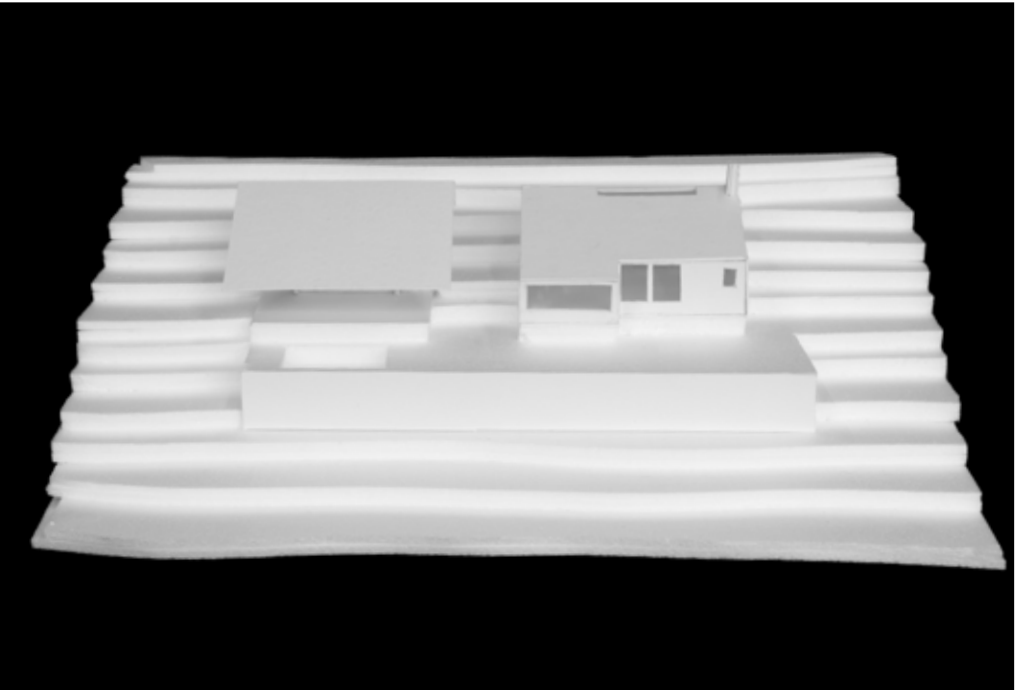
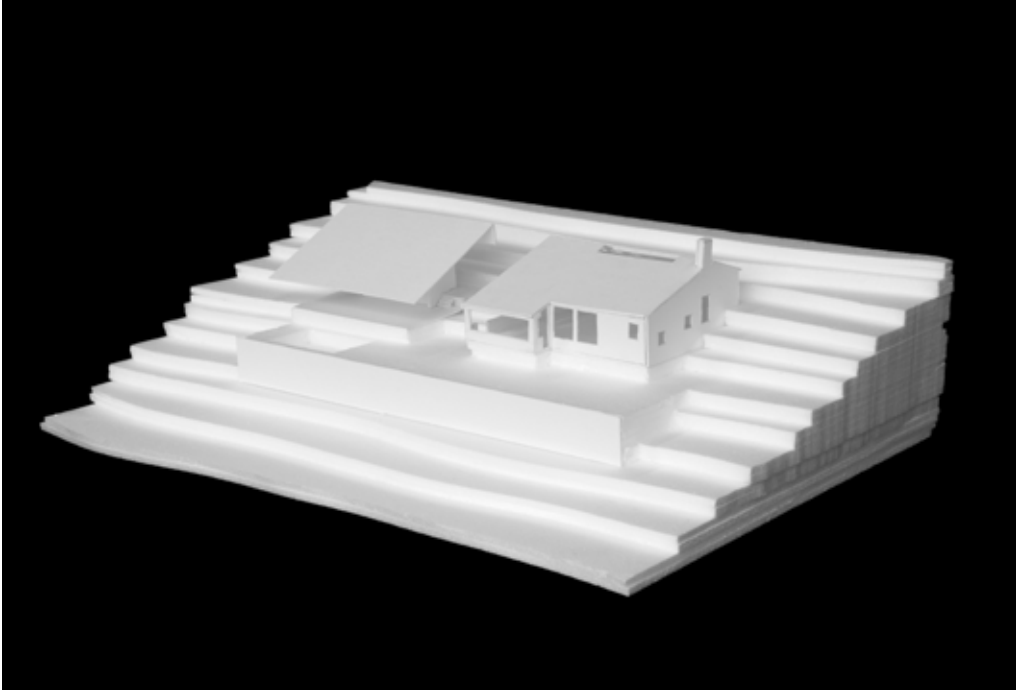
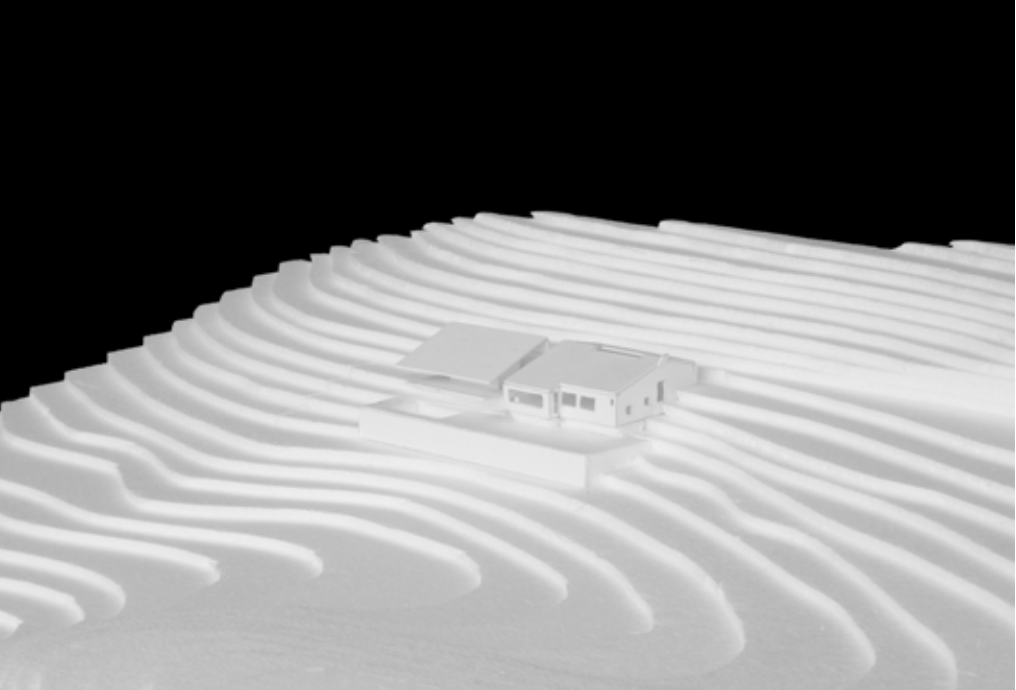
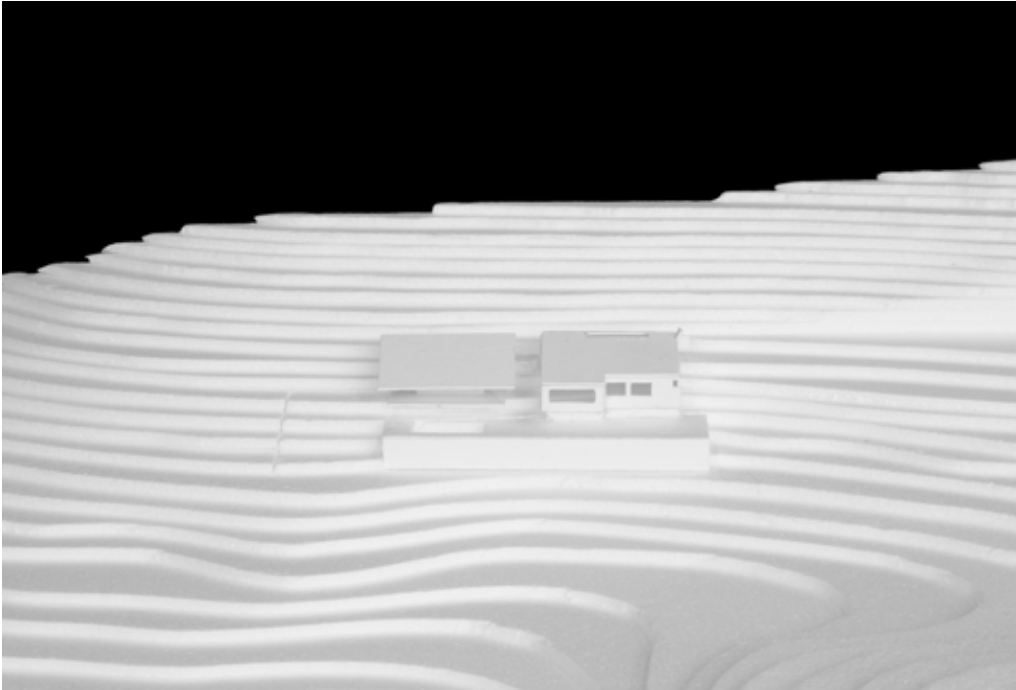
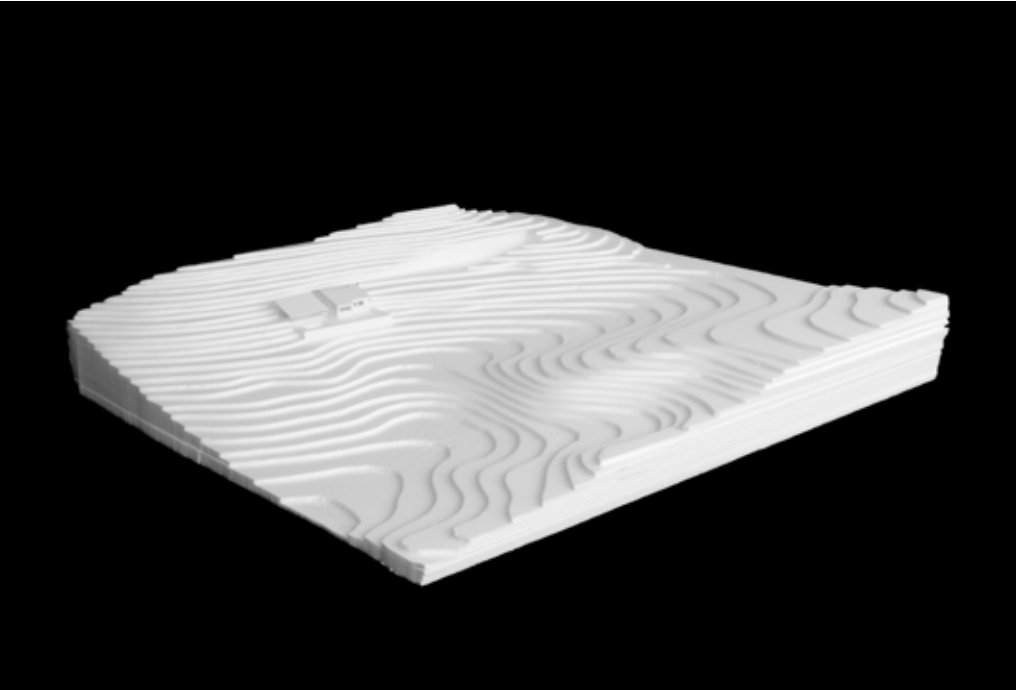


- Legenda
- 01- Lage de betão aligeirada e pré-esforçada
 - 02- Blocos de esferovite para aligeiramento, espessura variável
 - 03- Aglomerado negro de cortiça
 - 04- Tijoleira vidrada verde
 - 05- Cimento cola
 - 06- Betonilha armada
 - 07- XPS
 - 08- Película de impermeabilização
 - 09- Betonilha de regularização
 - 10- Betão limpeza
 - 11- Enrocamento
 - 12- Terra
 - 13- Peça de aço inoxidável
 - 14- Peça de betão perfurado
 - 15- Canal acodrain
 - 16- Lintel
 - 17- Caixilharia de correr em alumínio com corte térmico, na cor branco e vidro duplo transparente (12 + 14 + 12)
 - 18- Caixilharia de abrir em alumínio com corte térmico, na cor branco e vidro duplo transparente (12 + 14 + 12)
 - 19- Placas pré-fabricadas em betão pigmentado verde
 - 20- Painel decorativo em madeira de pinho envernizado

1 : 20 N.º
CORTE TRANSVERSAL CONSTRUTIVO

Tendo em conta a radicalização do exterior invadir o interior, a materialidade impõe-se como uma premissa. Os materiais são ou naturais, ou dentro da mesma gama cromática do exterior. Assim o núcleo interior é revestido a madeira de pinho e os tetos são em aglomerado negro de cortiça (materiais naturais). Os pavimentos serão em tijoleira vidrada verde dando a continuidade da relva para o interior e a cobertura será em betão pigmentado na cor verde.





CASA RESERVATÓRIO

Sistema Hídrico
Captação de Água
Depósito de Água

Catarina Doina





1 : 5000 N0
ORTOFOTO

SISTEMA HÍDRICO
CAPTAÇÃO DE ÁGUA
DEPÓSITO DE ÁGUA

A Casa localiza-se no Vale do Pereiro de Cima, Setúbal, na Serra da Arrábida. A Serra da Arrábida constitui um ecossistema complexo e frágil, cujo funcionamento é determinado por um modelo hidrogeológico cársico. Nesta região, a predominância de rochas calcárias permite que a água da chuva se infiltre profundamente através de fendas e algares, alimentando vastos aquíferos fissurados e alimentando uma rede labiríntica de grutas subterrâneas. Esta característica geológica dita que a rede hidrográfica superficial seja escassa e marcada por irregularidades, onde as linhas de água, apresentam caudais rápidos e erosivos durante o inverno, mas sofrem um estio severo no verão, chegando a secar por completo devido à eficiente drenagem interna. Contudo, a mesma permeabilidade que permite a recarga dos aquíferos torna-os extremamente vulneráveis à contaminação. Qualquer poluente derramado à superfície infiltra-se quase instantaneamente, atingindo as reservas estratégicas de água sem qualquer filtragem natural eficaz. Paralelamente, a crescente procura de água para abastecimento e agricultura tem levado à sobre-exploração dos furos, o que, nas zonas costeiras, potencia o risco de intrusão salina, onde a água do mar penetra nos aquíferos de água doce, inutilizando-os.



Serra da Arrábida



Legenda: 01- Acesso 02- Casa Val do Pereiro 03- Casa Dupla

1 : 500 NØ

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

A Casa Val do Pereiro projetada pelo arquiteto Luis Vassalo Rosa e Maria Luisa Ferreira de Almeida, 1974. Situa-se no Parque Natural da Serra da Arrábida na encosta orientada a sul como forma de salvaguardar as zonas de mato e arborização, integrando-se com a paisagem local. A casa unifamiliar está implantada em plataformas de maneira a reduzir ao mínimo a alteração da topografia local. Confrontada a nascente com o caminho municipal e ao longo do percurso até à casa pela única caleira de escoamento das águas.

A Casa Dupla surge da ambição de criar um sistema hídrico que permita reter e captar o máximo de água possível à superfície. Devido ao fator de vivermos num clima muito tropical, apenas em determinadas alturas do ano existe um grande tior de precipitação e os restantes meses um período de seca. De forma a amenizar este fenómeno, na altura de maior caudal, esta água será armazenada e tratada num reservatório permitindo a sua manutenção e utilização em qualquer altura do ano, tornando a casa autos-sustentável.



Talude



Tardoz da Casa Val do Pereiro

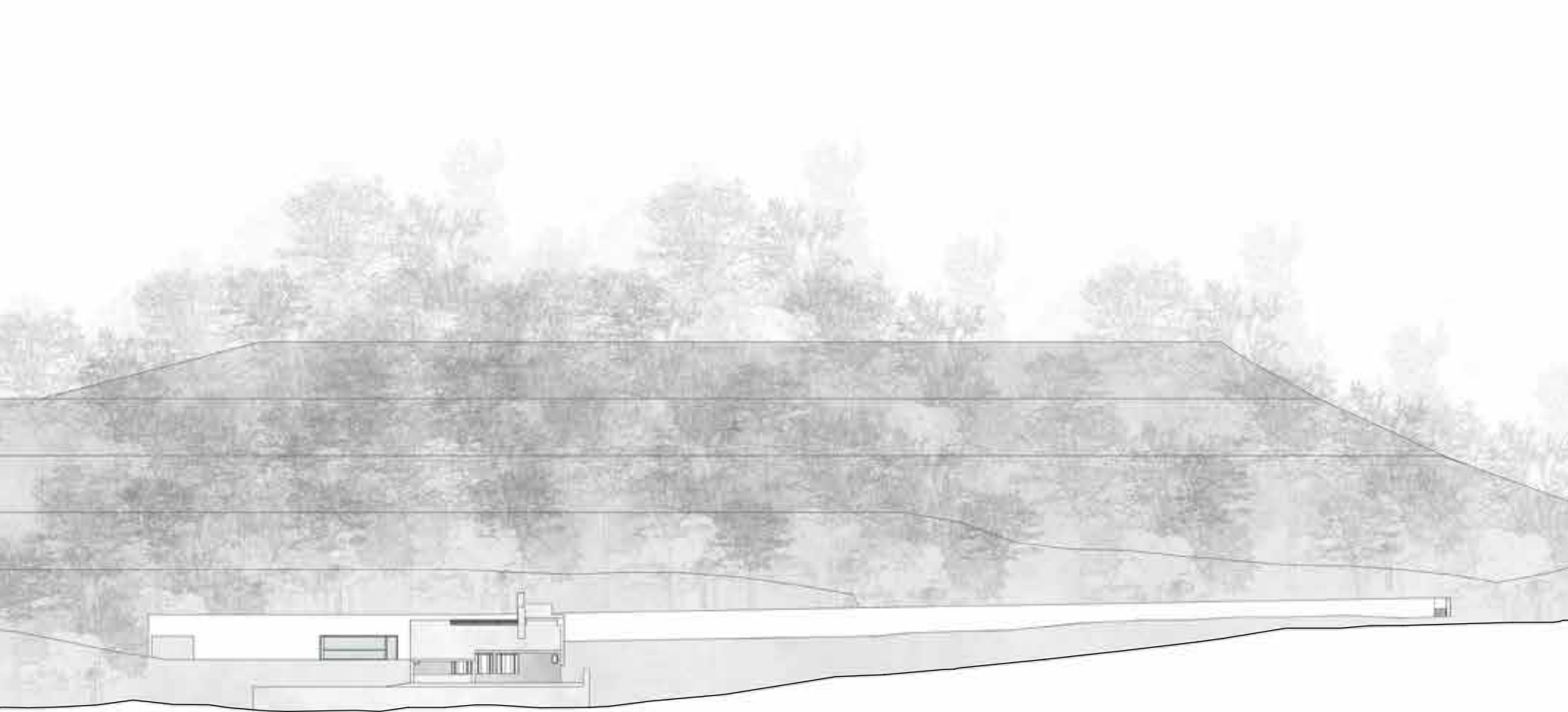


A casa dupla encontra-se na parte tardoz da casa existente com um extenso muro que envolve e protege a casa Val do Pereiro. O percurso até à mesma, pode ser realizado pela ferida já existe a nascente, ou pela cobertura inclinada que acompanha a inclinação do terreno ampliando conforme se vai aproximando da casa, permitindo apreciar a paisagem local. Esta experiência sensorial vai de encontro a uma plataforma de acesso à piscina e à zona mais funda do lote. A casa dupla surge da criação de um sistema hídrico que procura receber as águas pluviais e os escoamentos de água provenientes de uma zona bastante acentuada, que é a montanha na parte tardoz da casa Val do Pereiro, alterando o percurso das mesmas e dando-lhes um novo propósito e utilização. A drenagem das águas é realizada tanto pelo rasgo existente ao longo da cobertura como por furos em toda a extensão da parede sul do reservatório. A piscina também ela é aberta ao céu para recolha de água e abastecimento da piscina como para entrada de luz solar no quarto. Estas águas são tratadas e bombadas na sala das máquinas, num compartimento localizado entre estes dois espaços e por baixo da casa para a sua manutenção e limpeza, sendo este o ponto de ligação entre ambos os lados.

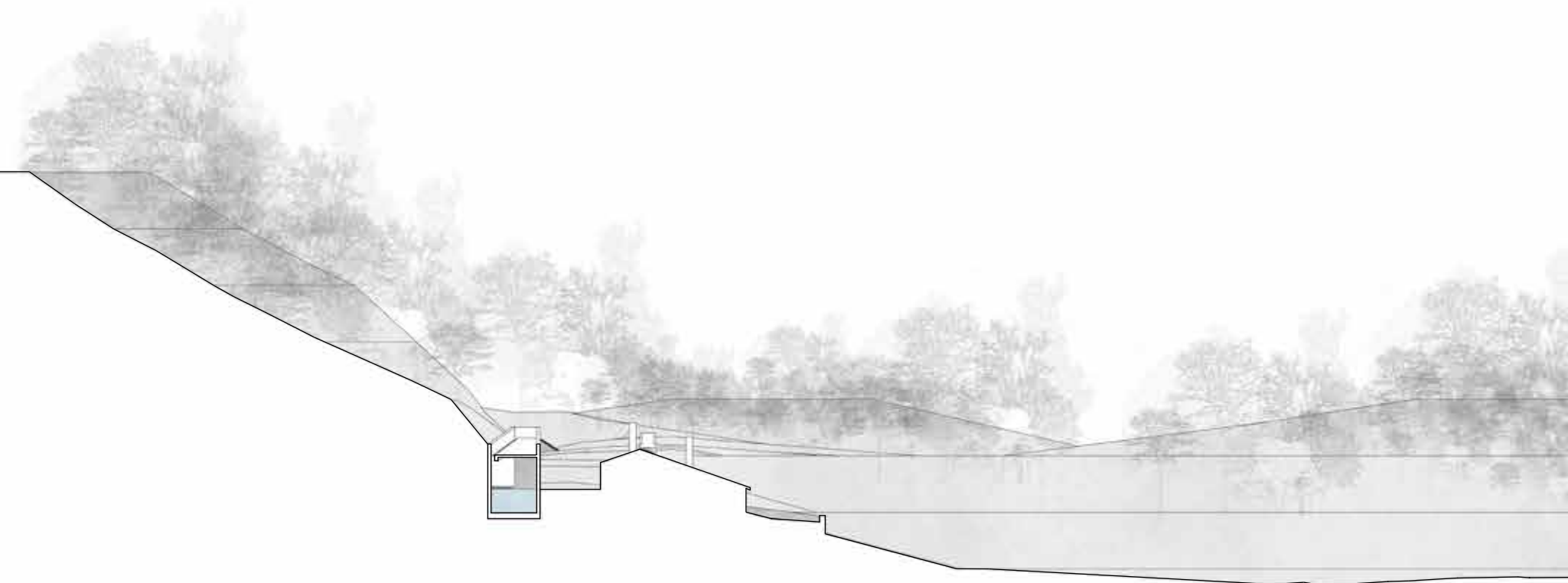


Legenda: 01- Entrada 02- Cozinha 03- Sala 04- Quarto 05- I.C. 06- Piscina 07- Reservatório de água
1 : 50
Planta

Acedendo-se a norte, a casa dupla surge e vive entre este sistema hídrico. A entrada dá acesso direto para a cozinha com uma grande bancada na qual por trás temos uma caixa em formato de um paralelepípedo onde se encontra a instalação sanitária e que de certo modo é o elemento central que divide os dois extremos da casa. Nas laterais deste elemento central temos uma sala mais à direita com vista para o reservatório e um quarto à esquerda com vistas para a piscina, ambos percoríveis para manutenção e lazer. A transição feita de um compartimento ao outro é completamente aberto e flexível permitindo a melhor entrada de luz possível e acessibilidade. Este elemento permite que a casa tenha uma grande conexão entre o interior e exterior, além de uma grande ventilação para a casa.



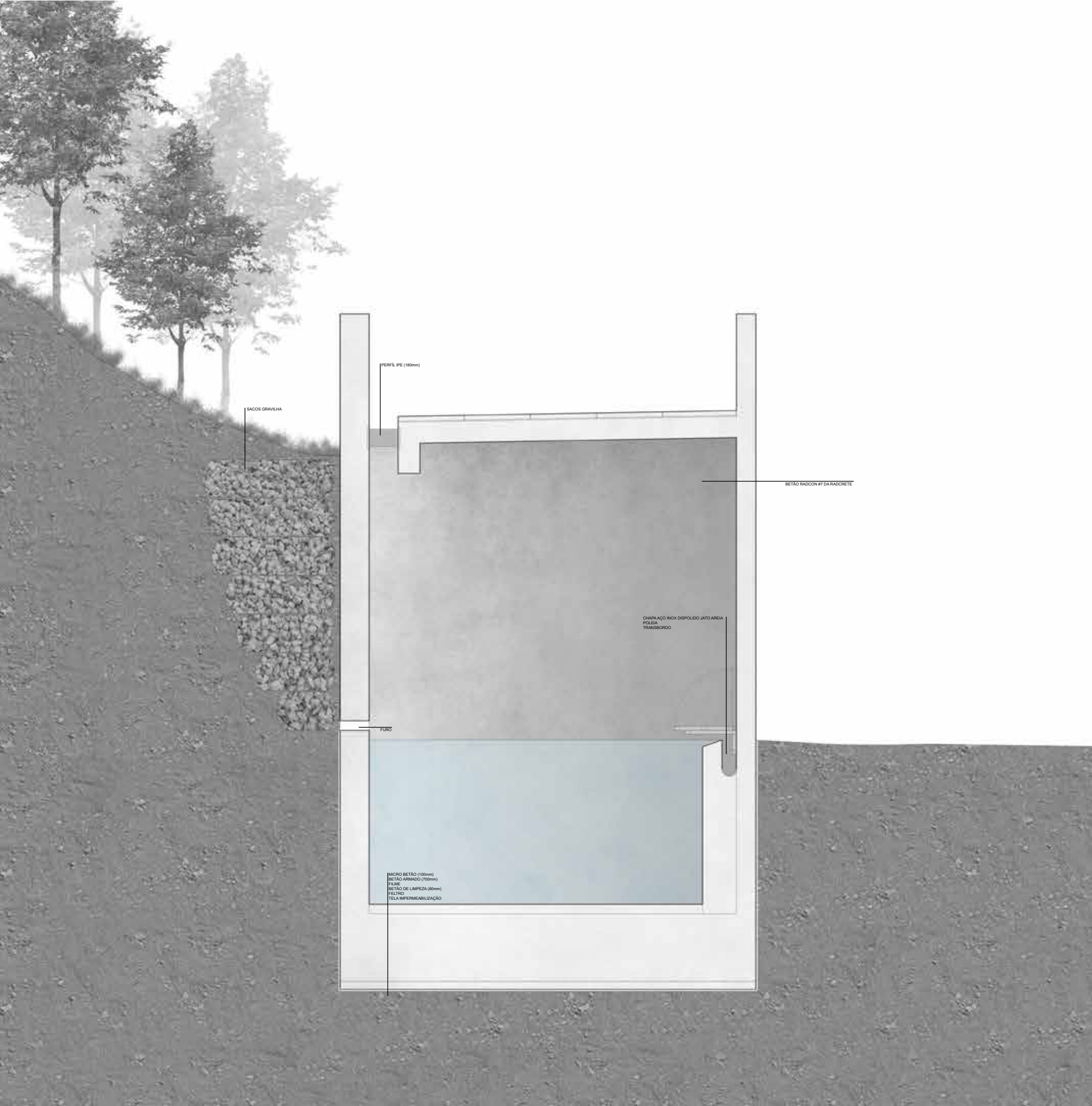
1 : 250
Alçado Norte



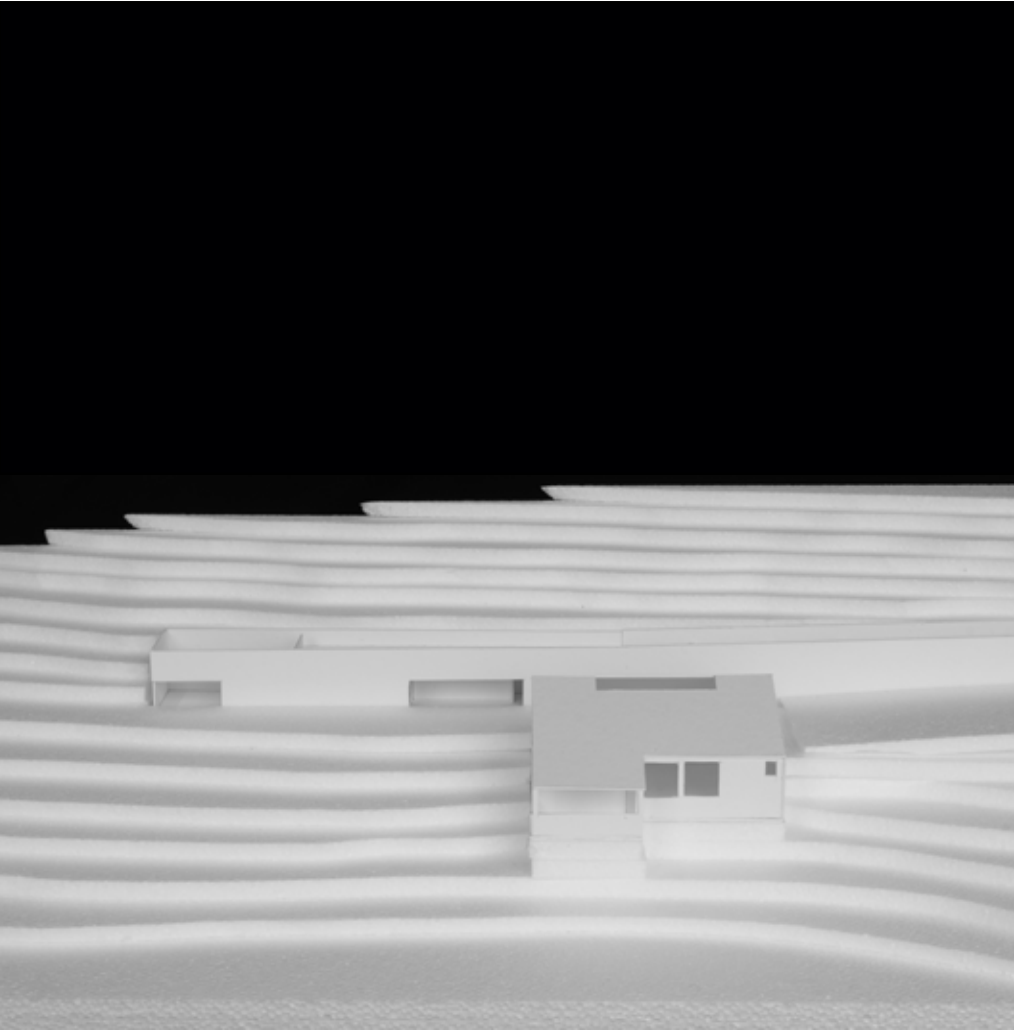
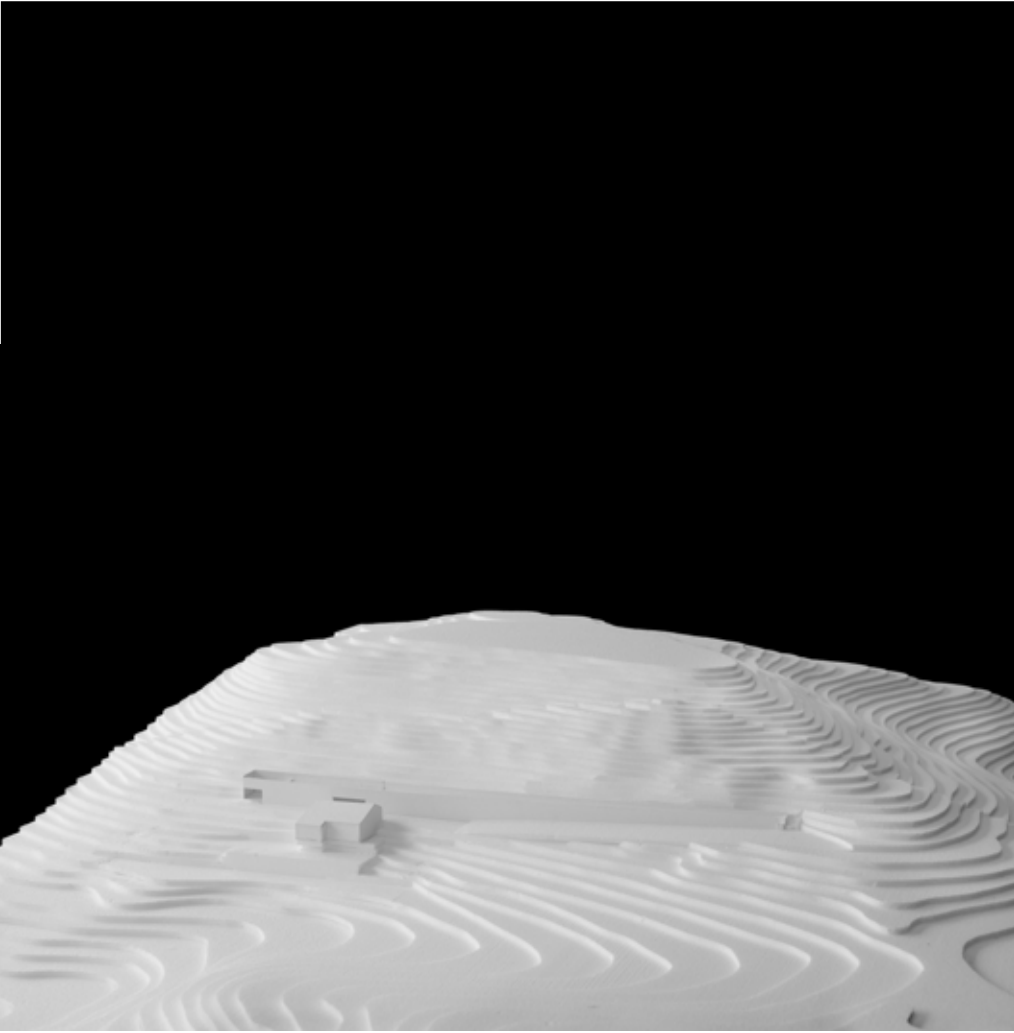
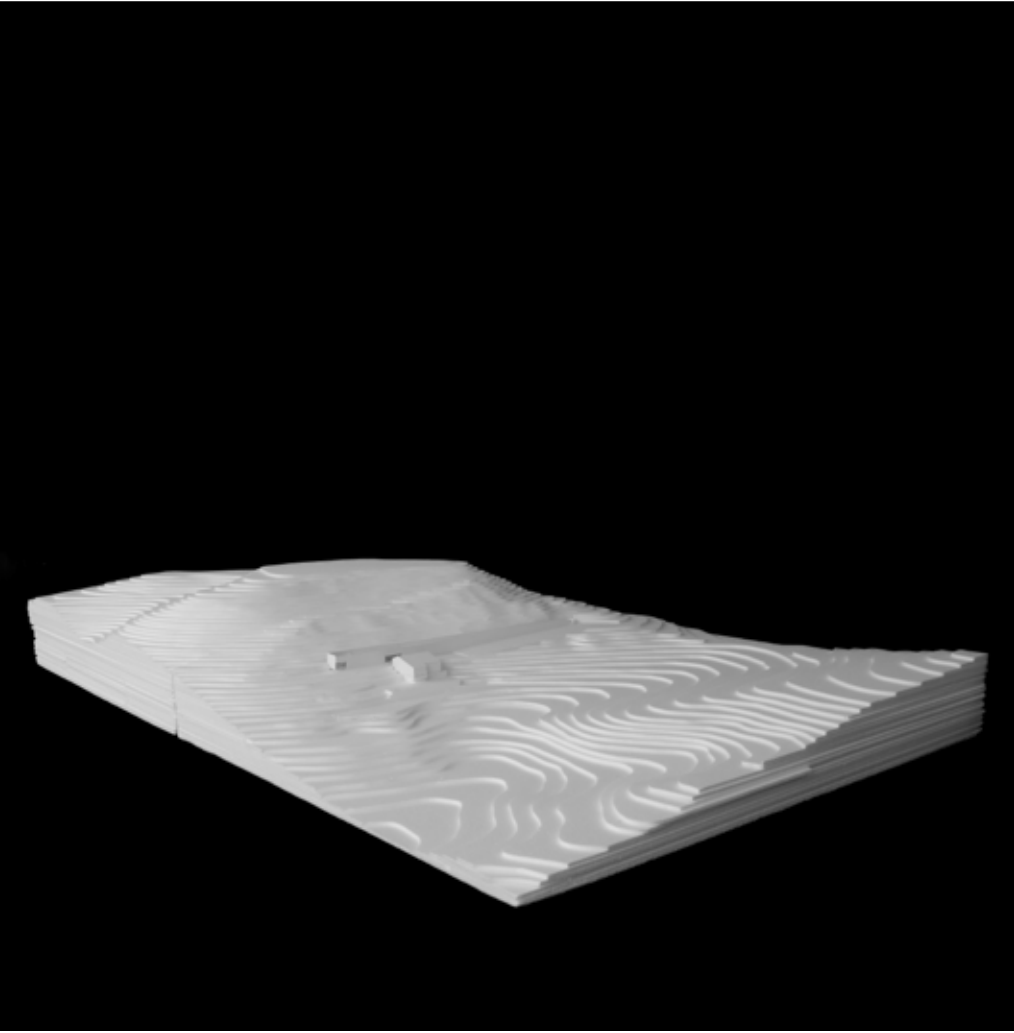
1 : 250
Corte BB`



O corte construtivo evidencia uma estrutura em betão armado, com paredes maciças de espessura variável. A parede encostada à montanha, com cerca de 30 cm, assume maior espessura para garantir estabilidade, contenção de terras e maior contacto com o terreno, facilitando a drenagem das águas escoadas, apoiada por sacos de gravilha e sistema de geodreno. A parede oposta apresenta aproximadamente 22 cm, assegura estabilidade estrutural e inércia térmica. No pavimento, destaca-se a presença de betão de limpeza, que regulariza o terreno e prepara a fundação. O sistema integra camadas de isolamento térmico, impermeabilização e elementos drenantes, assegurando proteção contra a humidade e eficiência construtiva. A cobertura é composta por lajetas de betão e camadas drenantes, permitindo o correto escoamento das águas pluviais. Além do aumento da espessura que assegura a continuidade construtiva e o conforto, articulando-se com a ligação ao reservatório de água. Exteriormente, toda a estrutura é executada em betão e pintada de branco, estabelecendo continuidade com os muros existentes e reforçando a linguagem arquitetónica da casa preexistente. A iluminação e ventilação naturais são asseguradas por três grandes vãos de correr, que reforçam a relação com o exterior e promovem conforto ambiental no interior.



O corte construtivo do reservatório mantém uma estrutura em betão armado sendo este o elemento dominante. As paredes interiores apresentam-se em betão à vista, sem qualquer revestimento ou pintura, assumindo a materialidade bruta como solução estrutural e acabamento final. Exteriormente, o sistema integra tela de impermeabilização, feltro e sacos de gravilha, assegurando estanquidade e adequada drenagem em contacto com o terreno. Na base, o betão de limpeza regulariza e estabiliza o suporte da estrutura. A cobertura acompanha a inclinação natural do terreno, assumindo-se como plano inclinado. É reforçada por perfis metálicos distribuídos ao longo da sua extensão, que aumentam a estabilidade, resistência e correta distribuição de cargas, uma vez que esta é percorrível. A cobertura possui um rasgo de 30cm ao longo da parede encostada à montanha, permitindo a entrada controlada de água e luz. No interior, o reservatório é também percorrível, através de chapas de aço móveis que possibilitam a manutenção e manuseamento do sistema.



CASA QUEBRADA

Paisagem
Plataforma
Continuidade

Francisco Mateus





Legenda: 1-Acesso principal 2-Casa existente 3-Casa dupla 4-Espelho de água

1 : 500 NO PLANTA

PAISAGEM

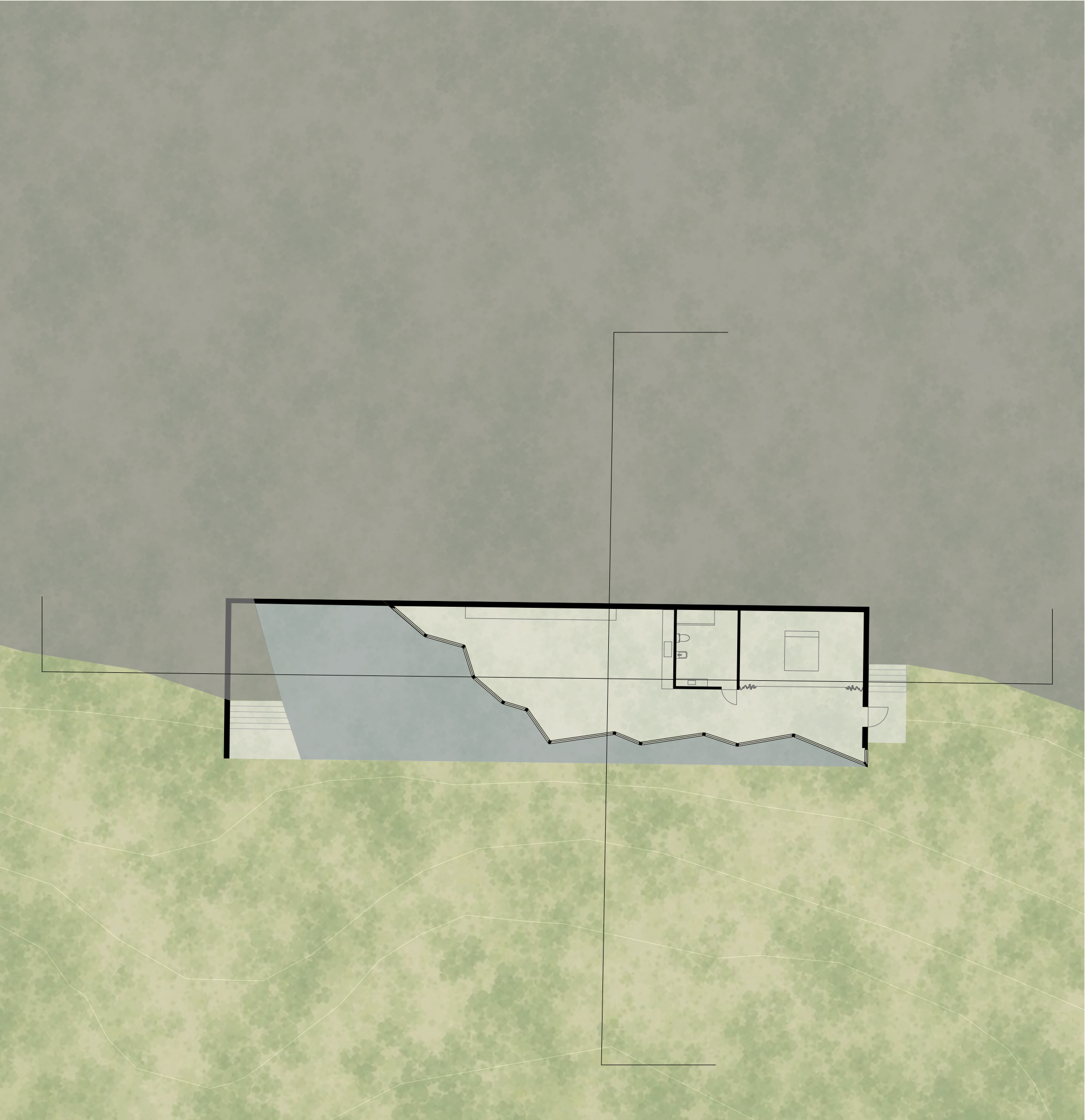
PLATAFORMA

CONTINUIDADE

A casa existente, projetada pelo arquiteto Vassalo Rosa, localiza-se na Vila Nogueira de Azeitão, Setúbal, desenvolvendo-se num único piso com implantação em patamares que acompanham o declive natural do terreno. A organização interior reúne sala com recanto de cozinha, três quartos, duas instalações sanitárias, vestíbulo, arrecadação e terraço, numa área de implantação de 146,52 m². A construção assume-se de forma simples e contida, procurando uma integração discreta no contexto rural da Arrábida. A proposta da casa dupla desenvolve-se numa cota inferior, sob o jardim da casa existente, prolongando a sua implantação e estabelecendo continuidade com a plataforma exterior e com a zona da piscina. A nova construção reduz ao mínimo a sua presença visível, integrando-se na topografia e reforçando a relação direta com a paisagem. O acesso realiza-se a partir da cota superior, em continuidade com a casa existente, conduzindo progressivamente a um espaço parcialmente enterrado. A casa organiza-se sobre uma plataforma retangular que prolonga visualmente o plano do terreno e estabelece uma relação contínua entre arquitetura e horizonte.



Casa existente, Leonor Perdigão



1 : 100
Planta

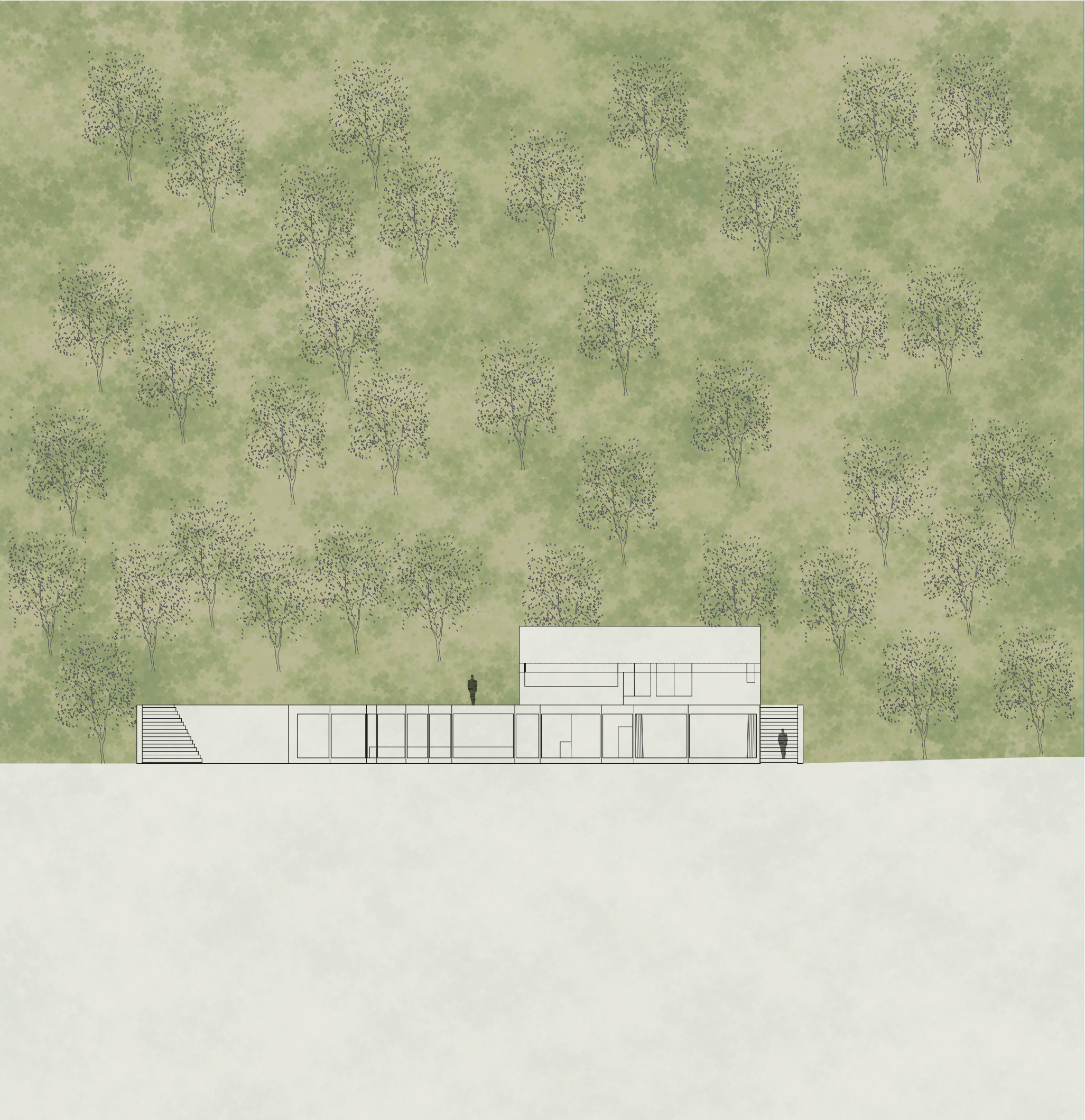
A proposta desenvolve-se numa cota inferior à casa existente, implantando-se sobre uma nova plataforma que prolonga a base construída e estabelece continuidade com o terreno. A habitação integra-se parcialmente na topografia, assumindo uma presença discreta e protegida na paisagem. O programa corresponde a uma casa de férias de pequena escala, composta por quarto, instalação sanitária e um espaço comum que integra sala e cozinha. A organização privilegia a simplicidade funcional e a relação direta com o exterior, adequando-se a uma utilização temporária e informal. A orientação frontal da casa valoriza a vista sobre o lugar, definindo uma fachada amplamente aberta que reforça a continuidade entre interior e paisagem. A casa organiza-se num único nível, estruturado a partir de um espaço social contínuo que integra sala e cozinha. Este espaço assume o papel de núcleo principal da habitação, distribuindo o acesso às restantes funções. O quarto é concebido como espaço aberto, delimitado por uma cortina têxtil em vez de portas fixas, permitindo maior flexibilidade e uma relação direta com a frente da casa e com a paisagem. Esta solução reforça a fluidez espacial e adequa-se ao carácter temporário da habitação. A instalação sanitária constitui o único compartimento totalmente fechado, garantindo as condições necessárias de privacidade e funcionamento. A fachada principal caracteriza-se por grandes vãos envidraçados que permitem uma abertura quase total para o exterior. Esta solução reduz o limite entre interior e paisagem, prolongando



RENDER

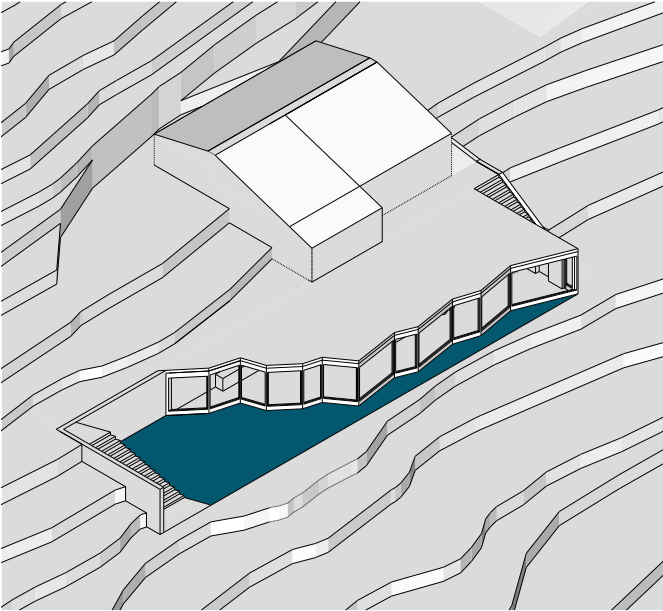


Vista para entrada da casa dupla, Leonor Perdigão

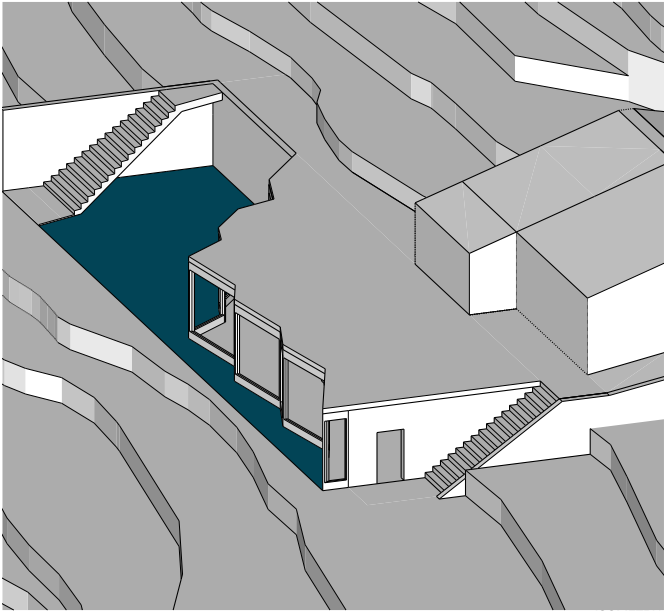


1 : 100
Alçado

uma abertura quase total para o exterior. Esta solução reduz o limite entre interior e paisagem, prolongando visualmente o espaço habitável para a plataforma exterior. A casa orienta-se diretamente para a vista, tornando a paisagem elemento central da experiência espacial. A transparência da fachada reforça a entrada de luz natural e amplia a percepção do território envolvente. Também o quarto se volta para a frente da casa, beneficiando desta relação direta com o exterior e com a vista. A nova plataforma constitui o elemento base do projecto, funcionando como extensão do terreno e como plano contínuo de implantação da habitação. Esta solução permite integrar a casa na topografia e reforçar a sua relação com o lugar. Na frente da casa implanta-se um espelho de água, cuja superfície reflete a fachada e a paisagem envolvente. Este elemento introduz uma dimensão visual e atmosférica adicional, ampliando a presença da luz e reforçando a continuidade entre arquitetura e natureza. O conjunto procura assim construir uma habitação discreta, e ao mesmo tempo aberta e orientada para a contemplação da paisagem.



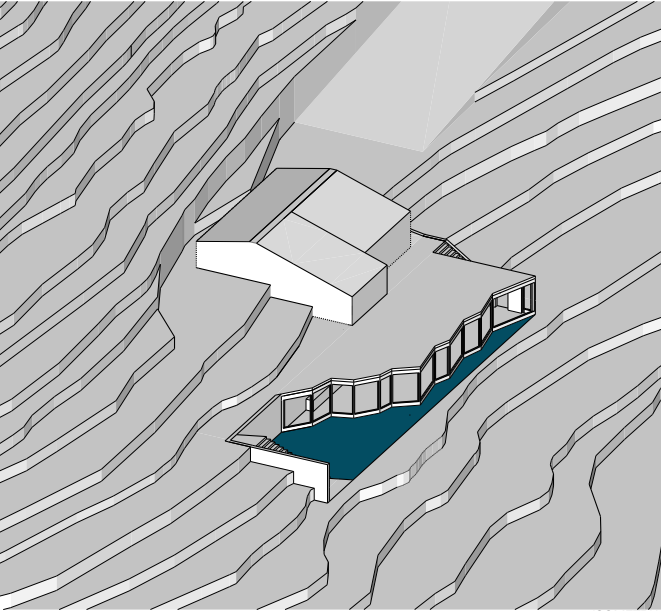
Axonometria



ISOMETRIA



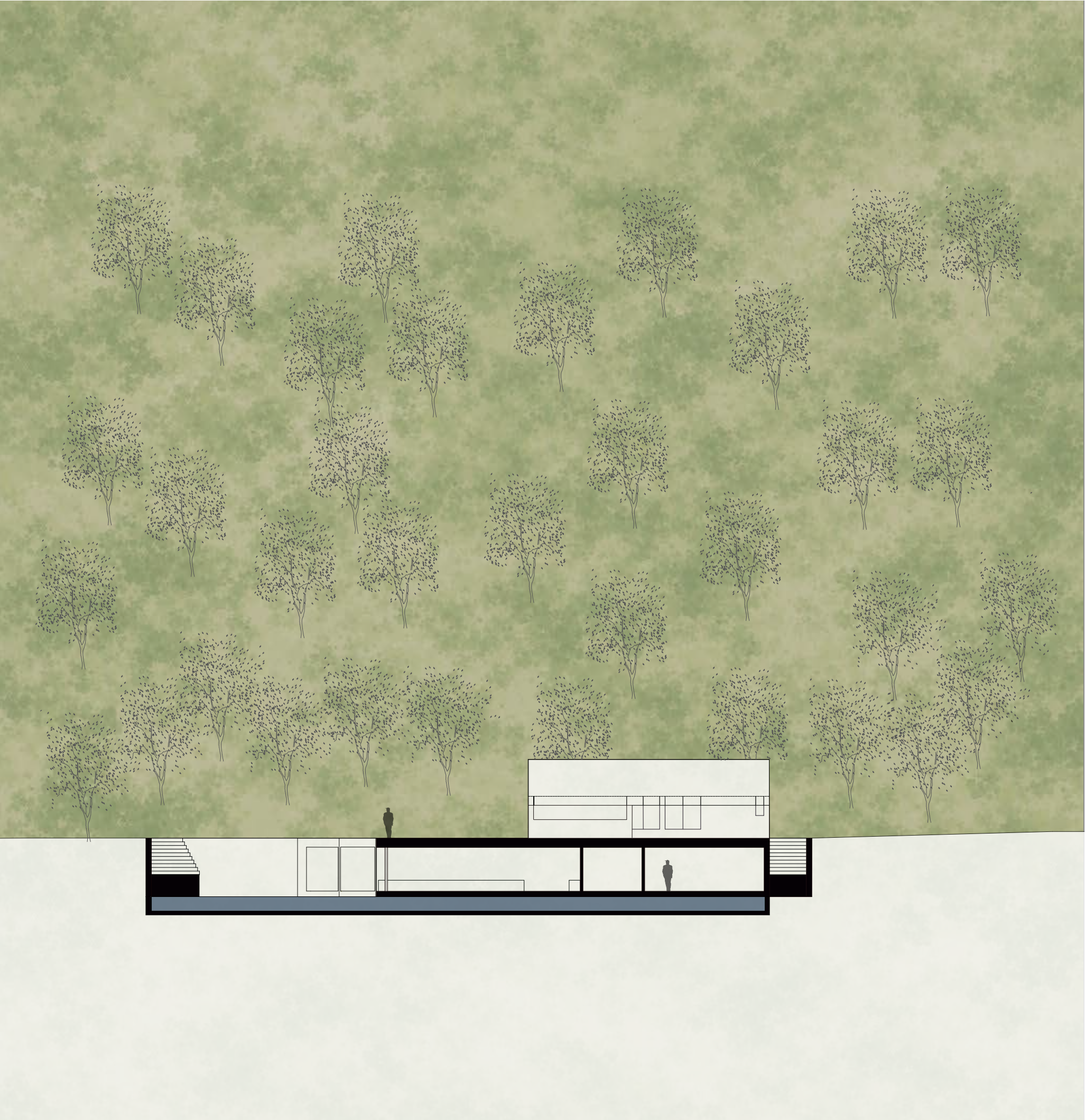
1 : 100
CORTE I



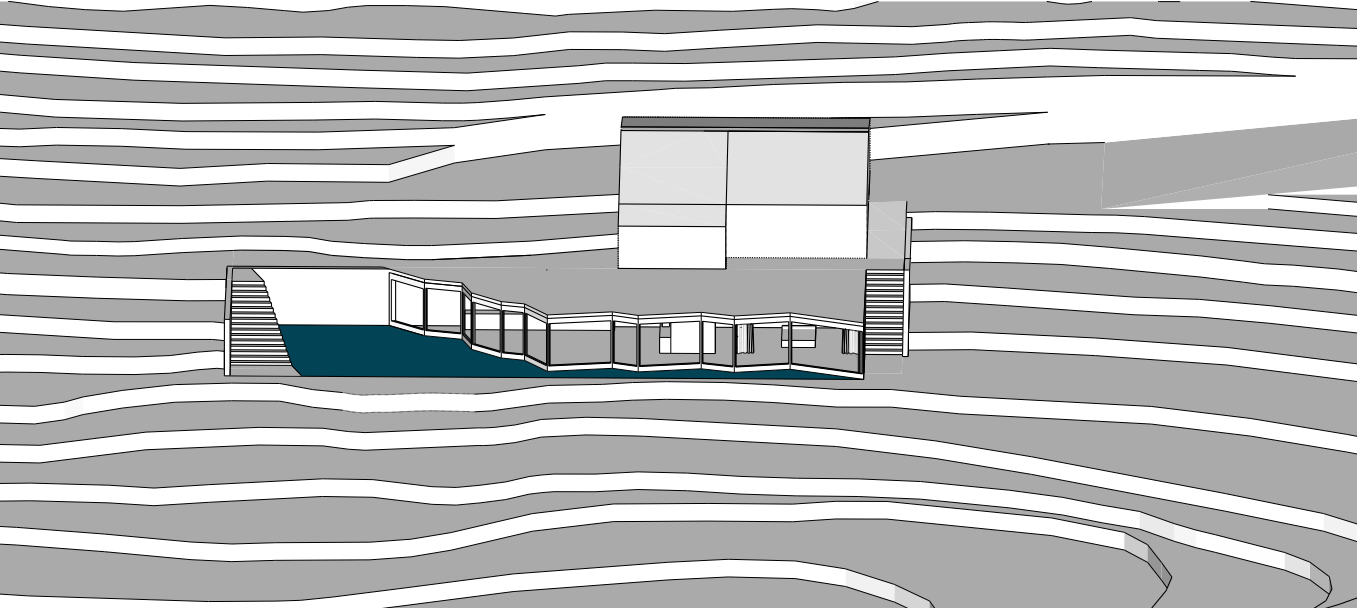
ISOMETRIA



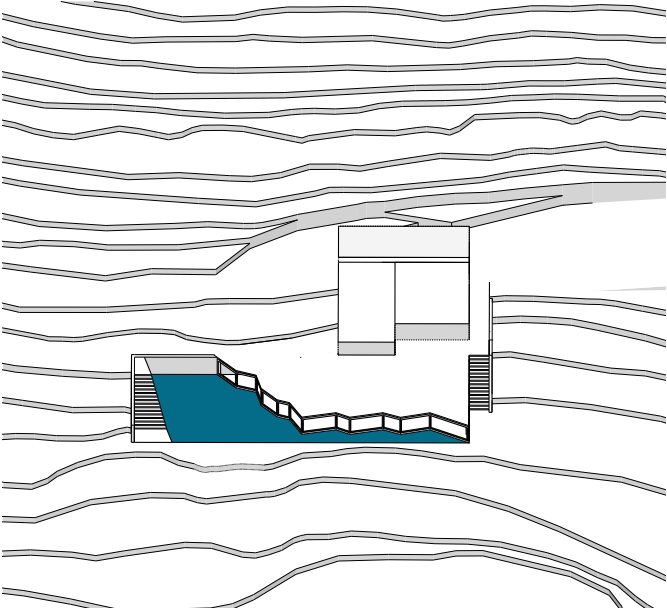
Casa existente, Leonor Perdigão



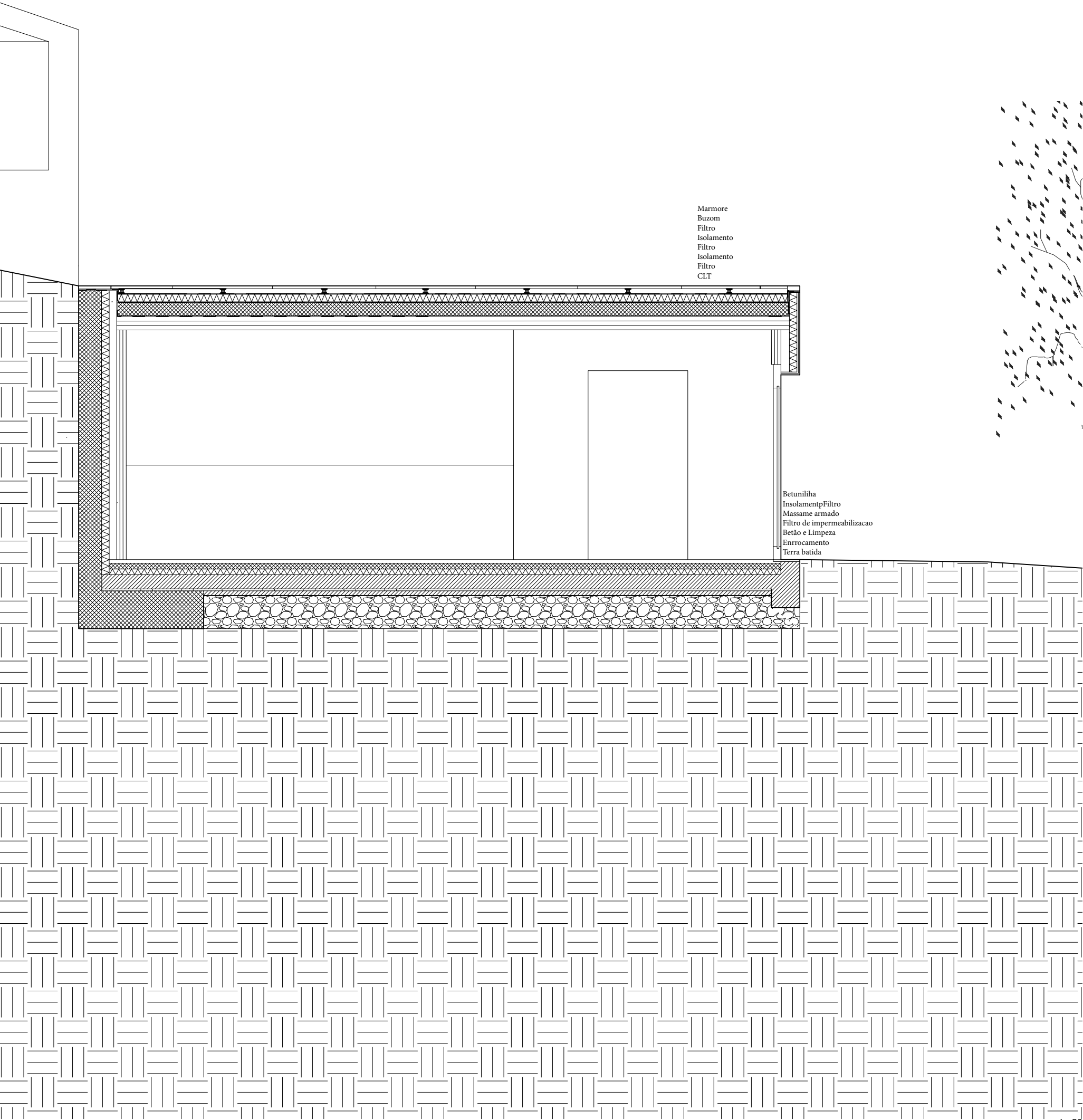
1 : 100
CORTE II

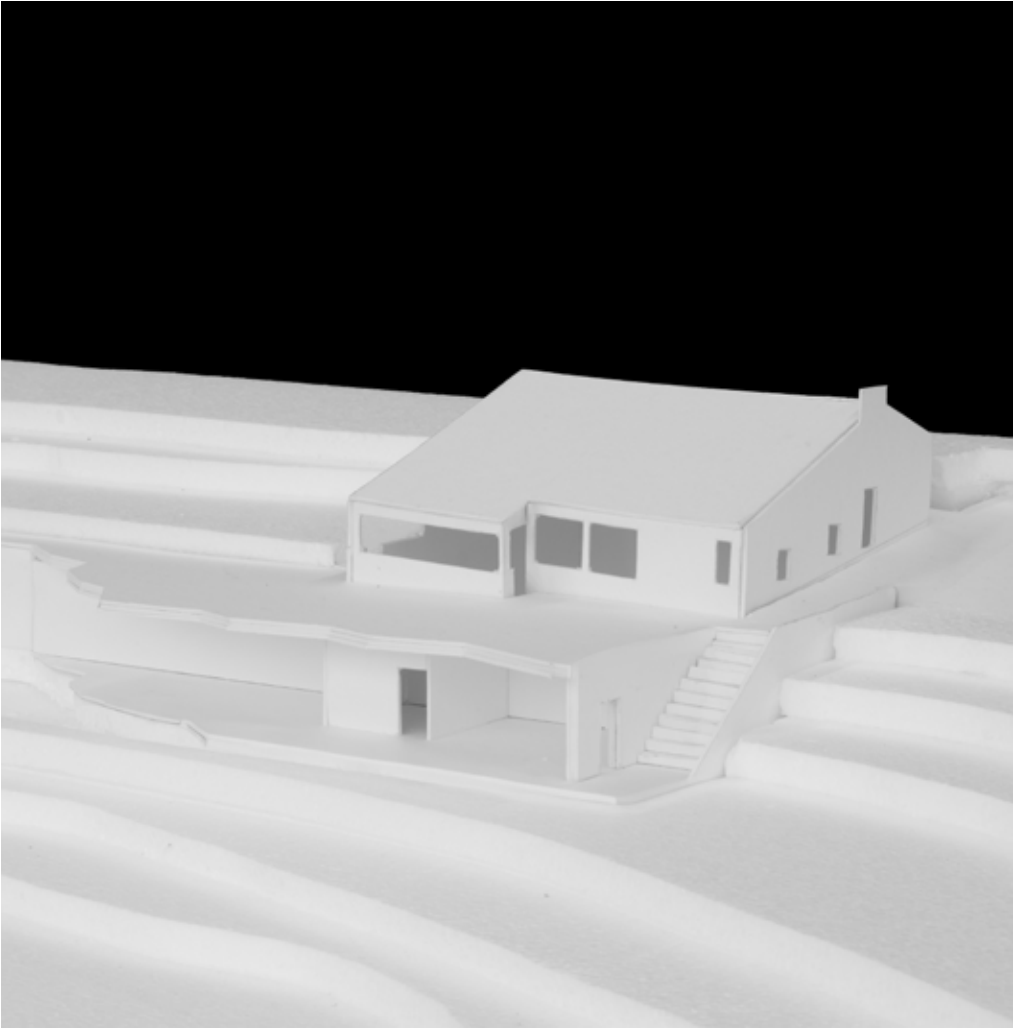
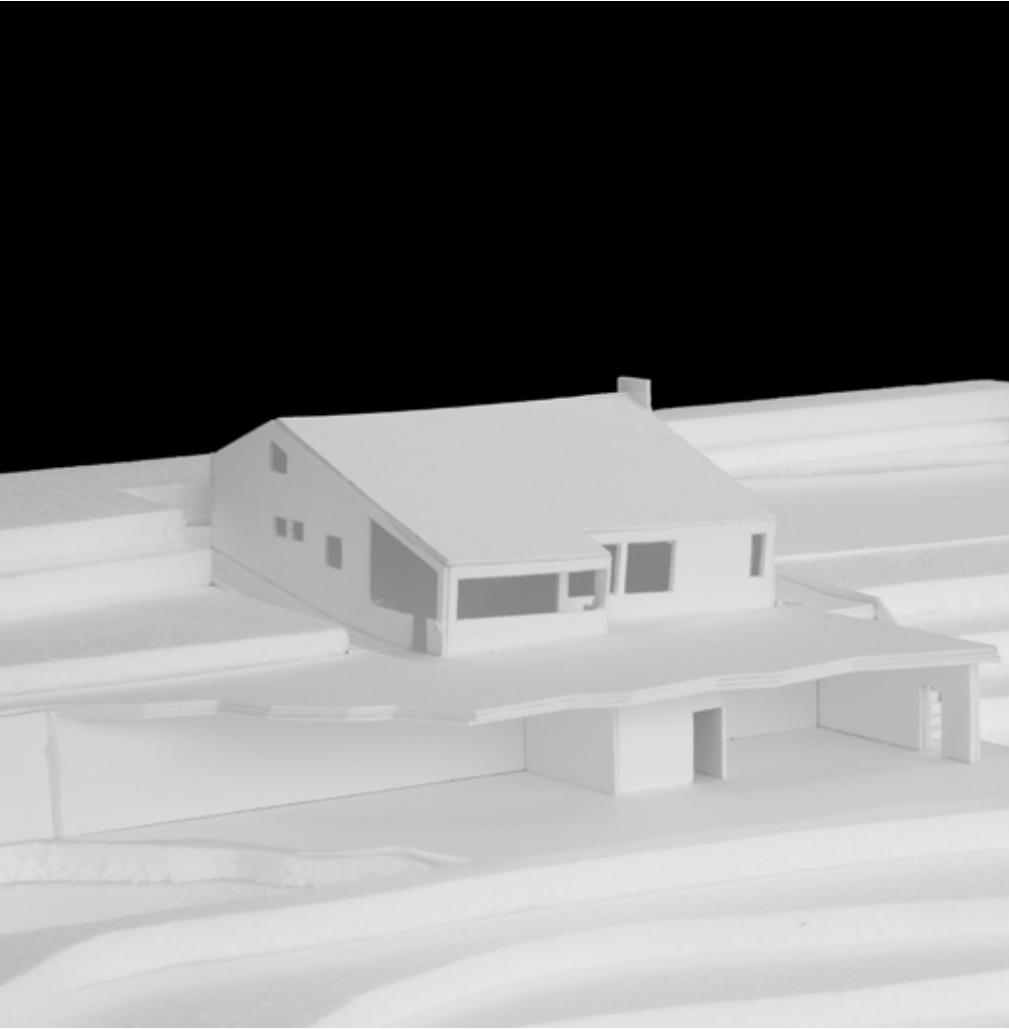
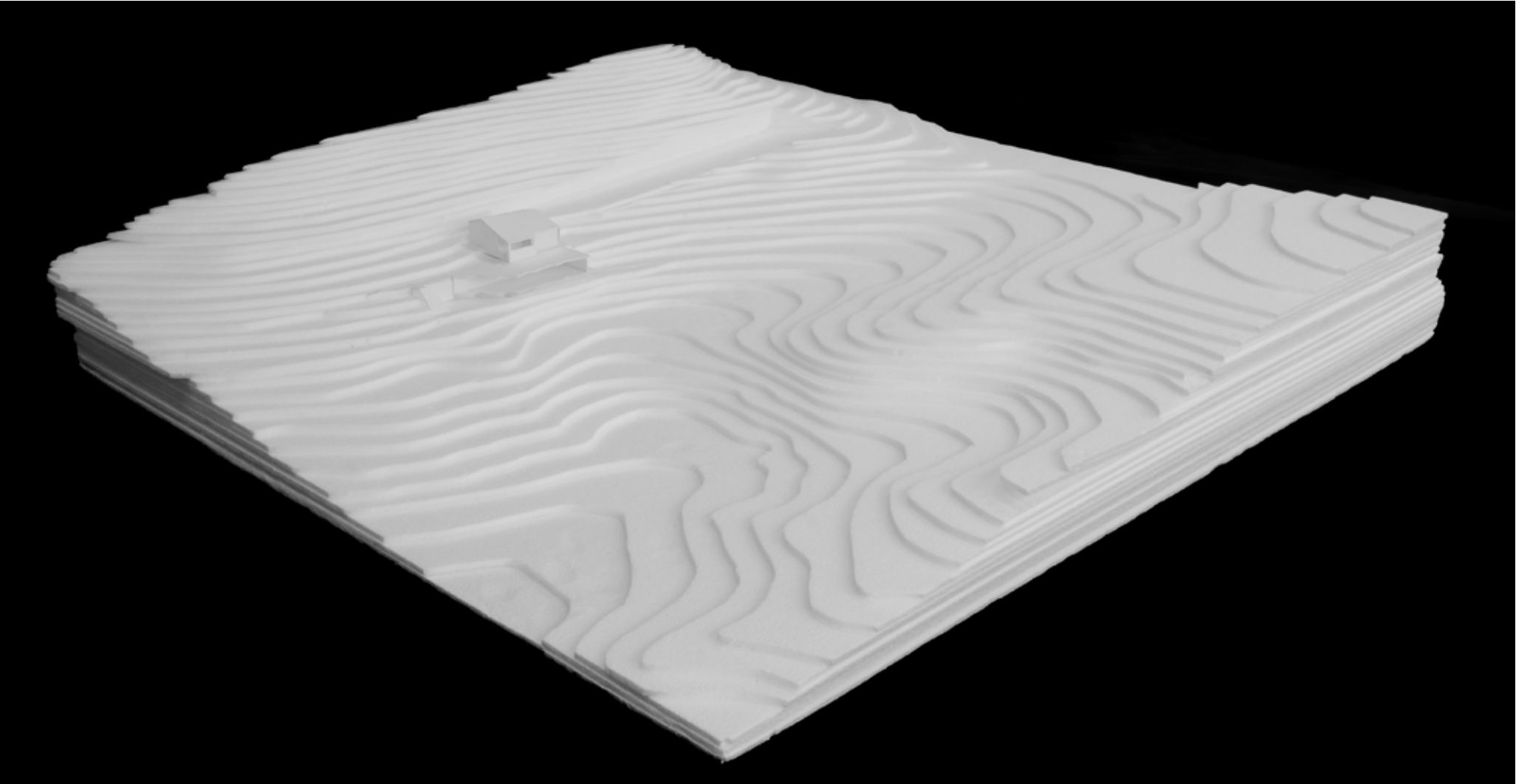


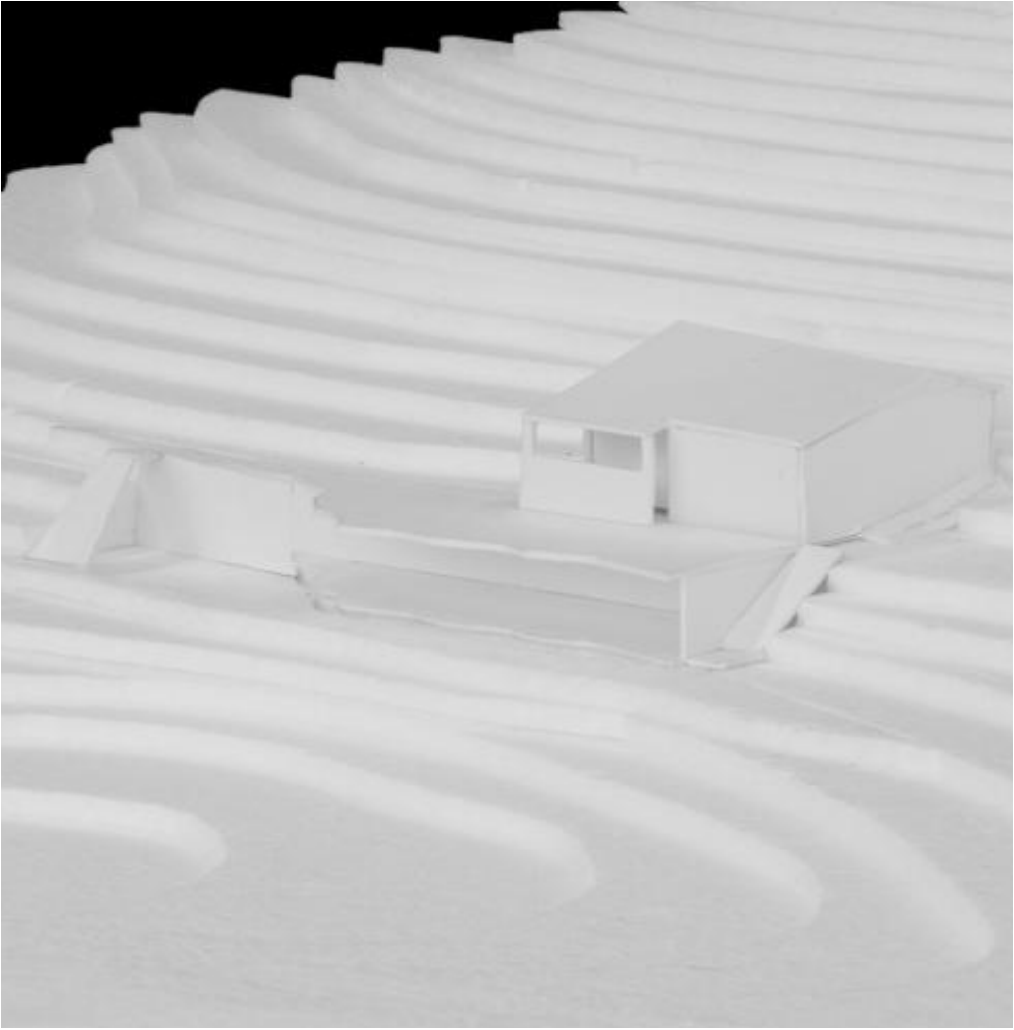
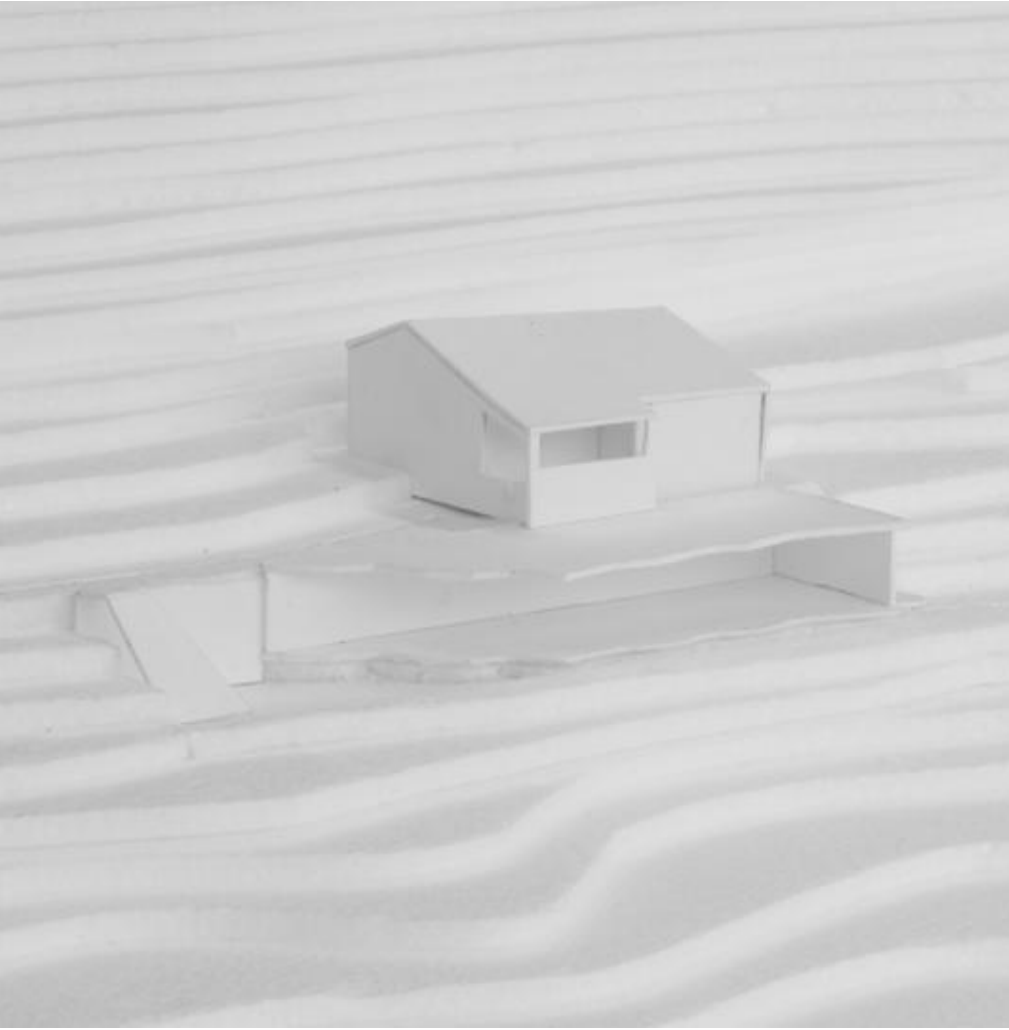
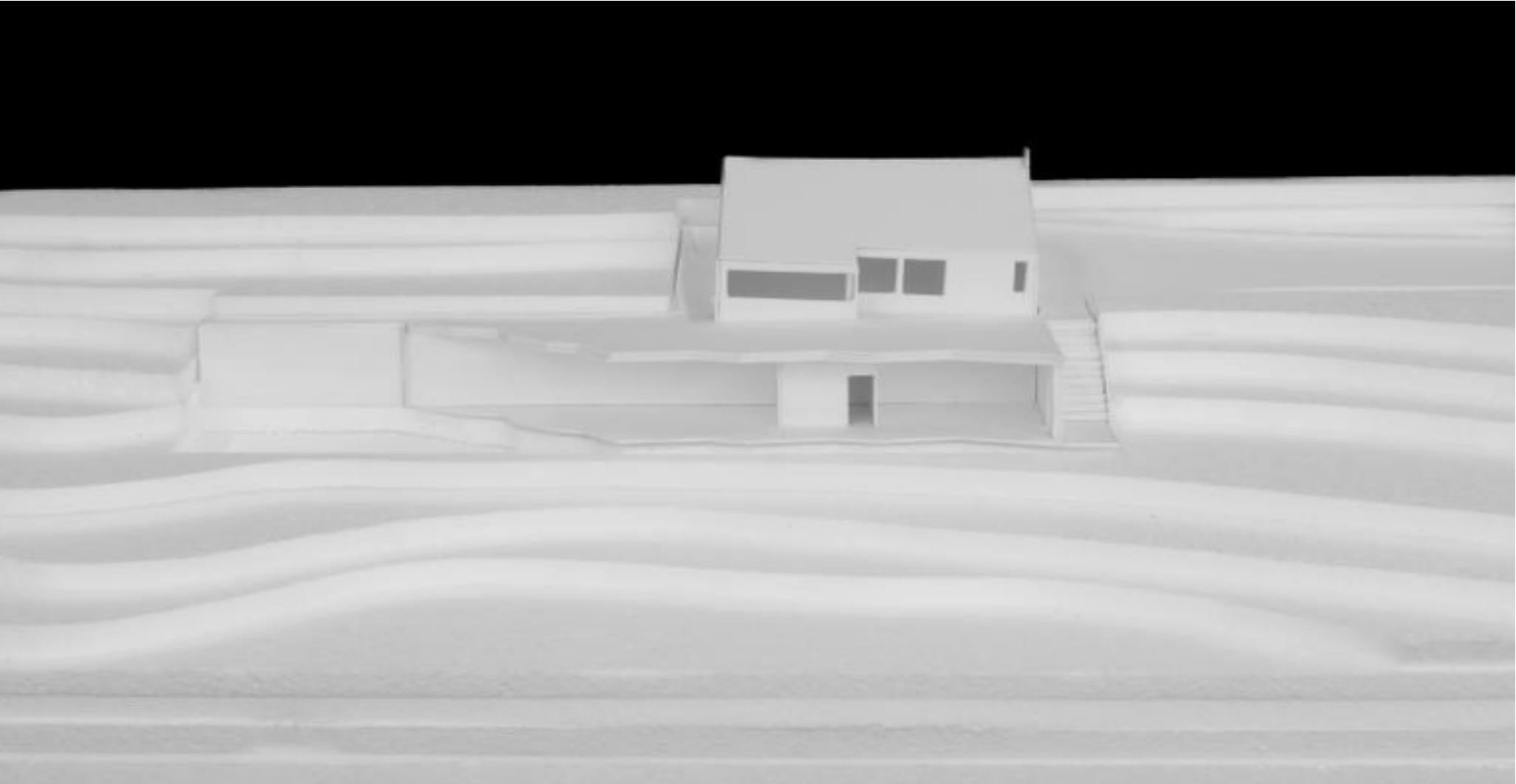
ISOMETRIA



ISOMETRIA







CASA OLHAR

Olhar
Geometria
Terreno

Guilherme Lima da Veiga





1 : 1000
PLANTA TERRITORIAL



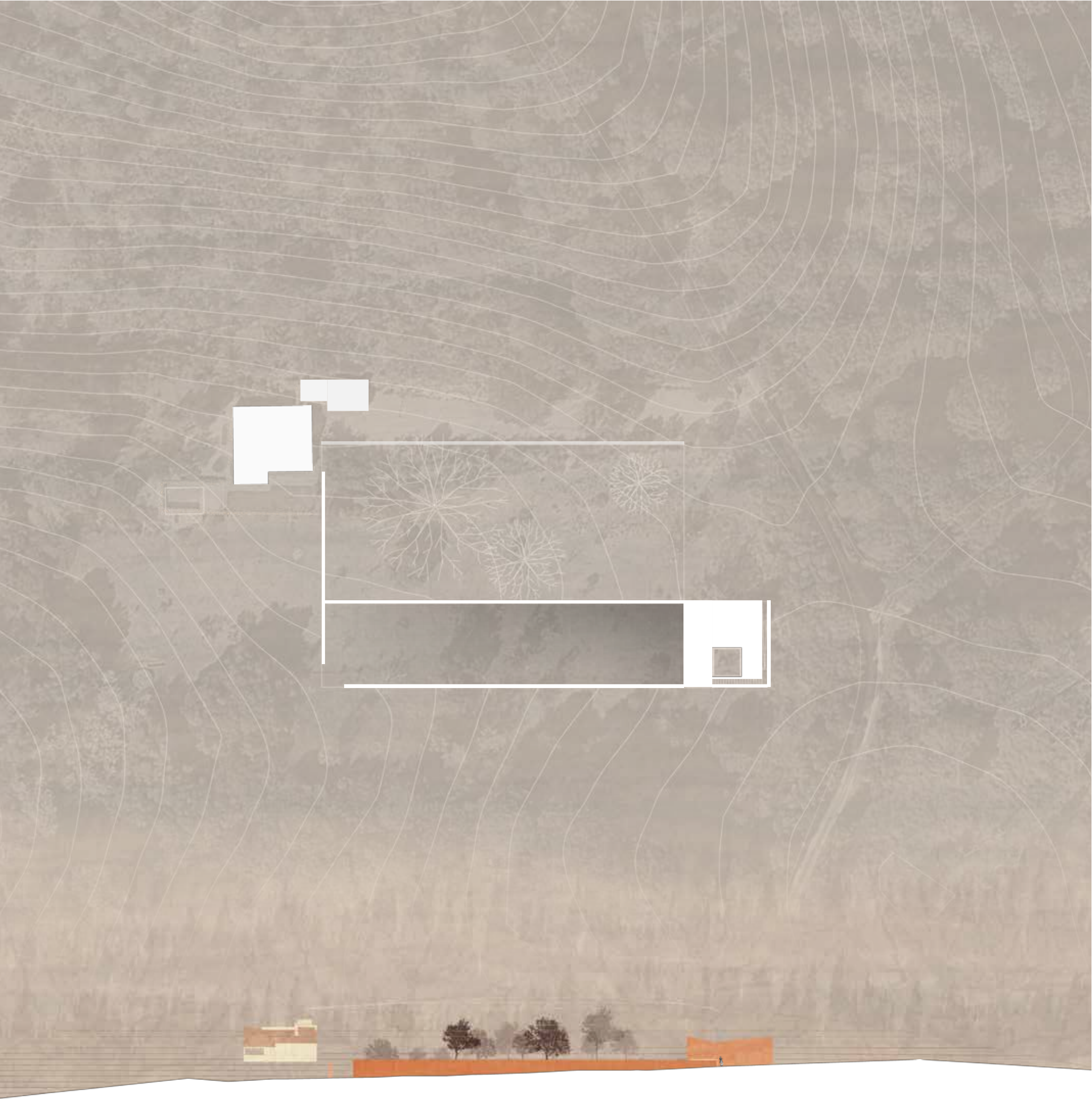
Fotografia de vegetação da Arrábida



Fotografia da Arrábida



Fotografia da Arrábida



1 : 500

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO/PERFIL

OLHAR

GEOMETRIA

TERRENO

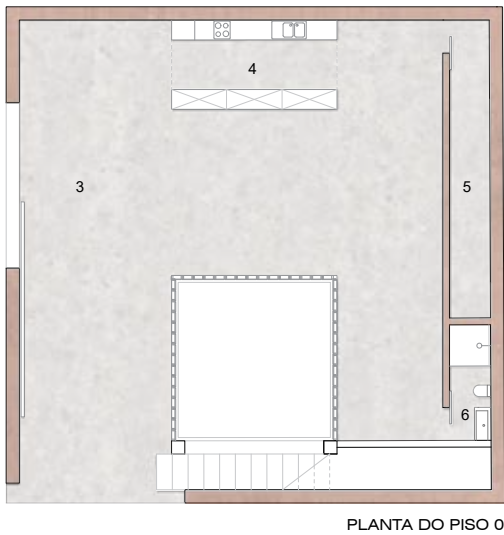
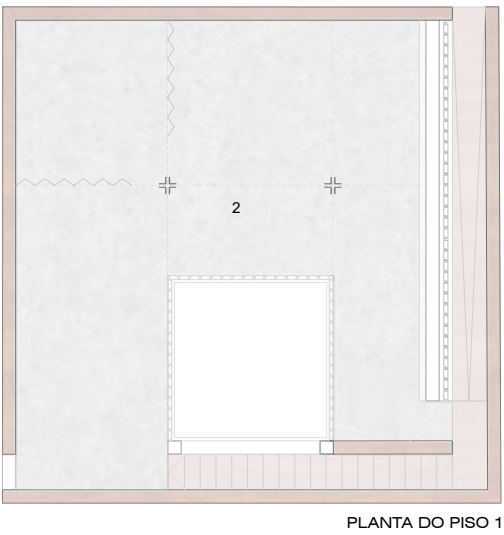
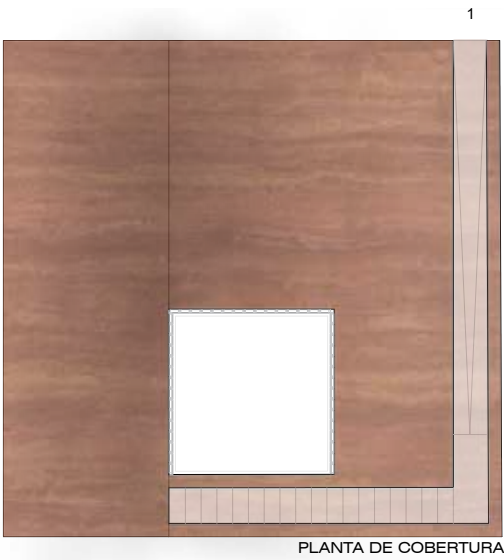
“É a própria montanha que se mostra ao pintor, é a ela que ele interroga com o olhar.”- Merleau Ponty, 1960. A Casa Dupla desenvolve se a partir de um eixo perpendicular que surge do caminho do edificado pre existente. O lugar desta casa desenvolve se através de uma relação criada logo deste o primeiro momento de chegada à casa: a observação. De todos os conceitos que a casa explora, o Olhar é aquele que melhor explica todo o funcionamento da Casa Val do Pereiro, tanto no seu exterior como no seu interior. A casa expõe se ao observador como rasgos no olhar, marcando um território e uma paisagem de contemplação ao seu redor e no seu núcleo. A Casa Dupla, lançada a partir de um eixo diagonal dentro de um retângulo que se encaixa dentro do vazio entre a Casa Dupla e a Casa Val do Pereiro, pretende exatamente explorar o tema do olhar a partir de uma geometria pura e de um cuidado extremo em relação à natureza em que se envolve.



Fotografia interior da Casa Val do Pereiro



Fotografia exterior através da Casa Val do Pereiro



1- Acesso 2 - Quartos 3- Sala de estar 4- Cozinha 5- Armazenamento 6- Instalação sanitária
1 : 100
PLANTAS

A Casa Dupla retoma a memória da caminhada, e dos ciclos de passagem e permanência dos hermitas da Serra de Arrábida, reinterpretando-a mediante um programa que se centra na ideia de viajante. Por isso, o espaço da casa está dividido em duas zonas distintas: a zona comum, ao nível do piso térreo, com cozinha, instalações sanitárias, arrumos e uma ampla sala que se abre diretamente sobre o horto; e a zona de estar e dormir, ao nível do piso 1, que acolhe os viajantes e se desdobra em compartimentos sempre diferentes, dependendo do número de pessoas ou configuração desejada. A ligação entre as duas zonas é feita por 3 elementos: um corredor (em rampa e escada); uma biblioteca; e um tanque de água. O corredor funciona como se fosse uma uma fresta que acompanha o volume da casa e a partir da qual se acede a cada um dos pisos. A meio, no ponto de viragem do seu percurso, é possível atravessar com o olhar parte da casa e alcançar a paisagem, através de uma dupla janela. A biblioteca é formada pela superfície de uma estante que ocupa os dois pisos em toda a sua extensão. Nesta biblioteca as histórias dos lugares de passagem vão-se cruzando umas com as outras e os livros vão sendo acrescentados, trocados, ou emprestados pelos viajantes em circulação. Finalmente o tanque de água, de definição quadrangular e delimitado por uma superfície em vidro, recebe as águas que escorrem do telhado e é conduzido para o sistema de irrigação do horto



Render do acesso ao edifício



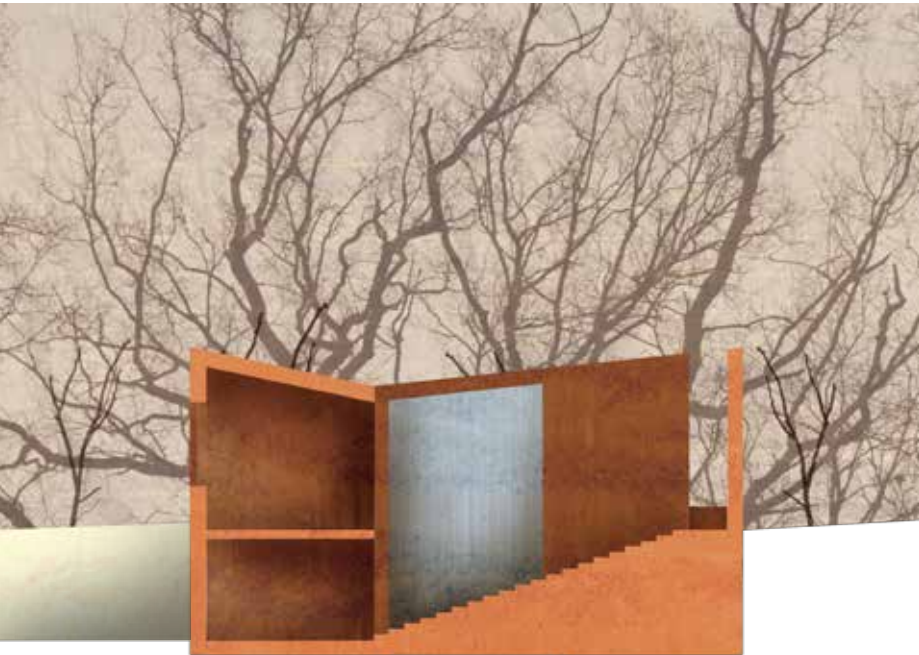
Render do espelho de água



ALÇADO NORTE 1:75



ALÇADO ESTE 1:75



CORTE-ALÇADO A-A' 1:75



CORTE-ALÇADO B-B' 1:75



Render exterior



Fotografia



1 : 50
CORTE C-C'

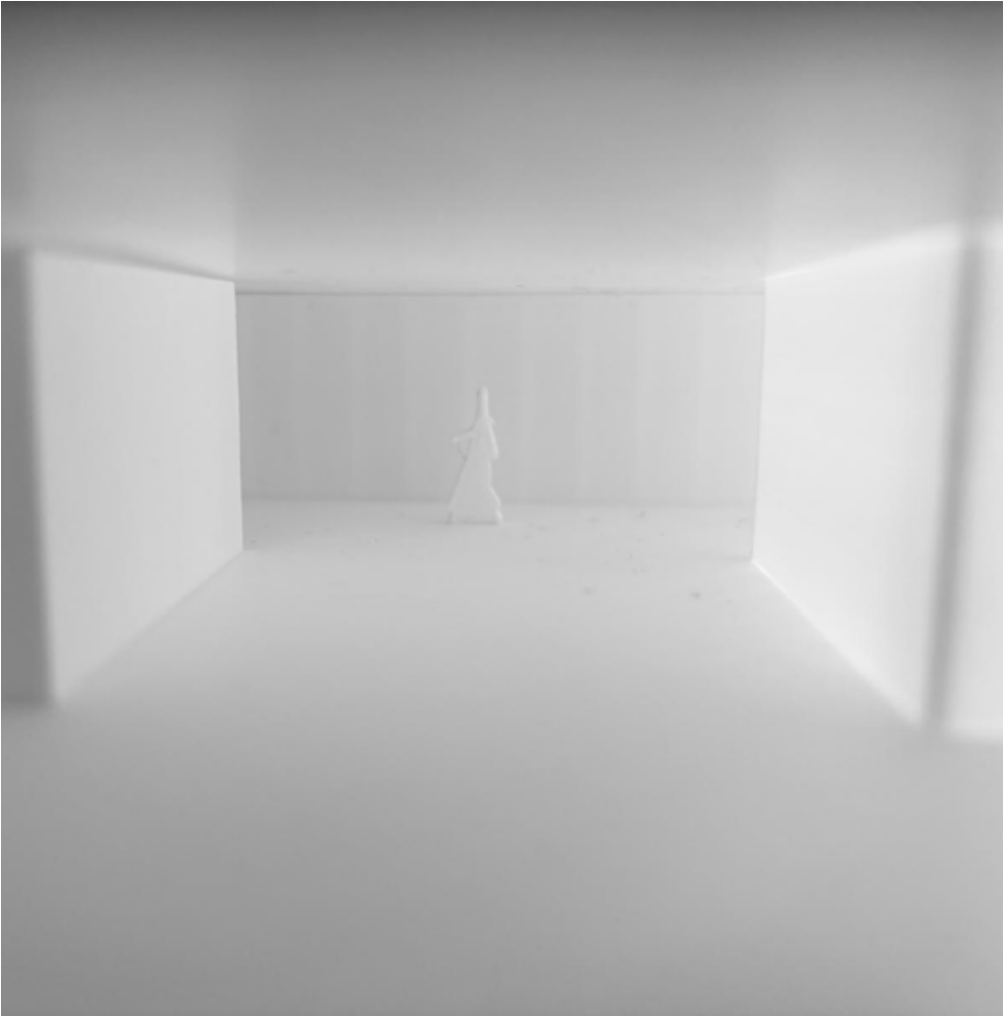
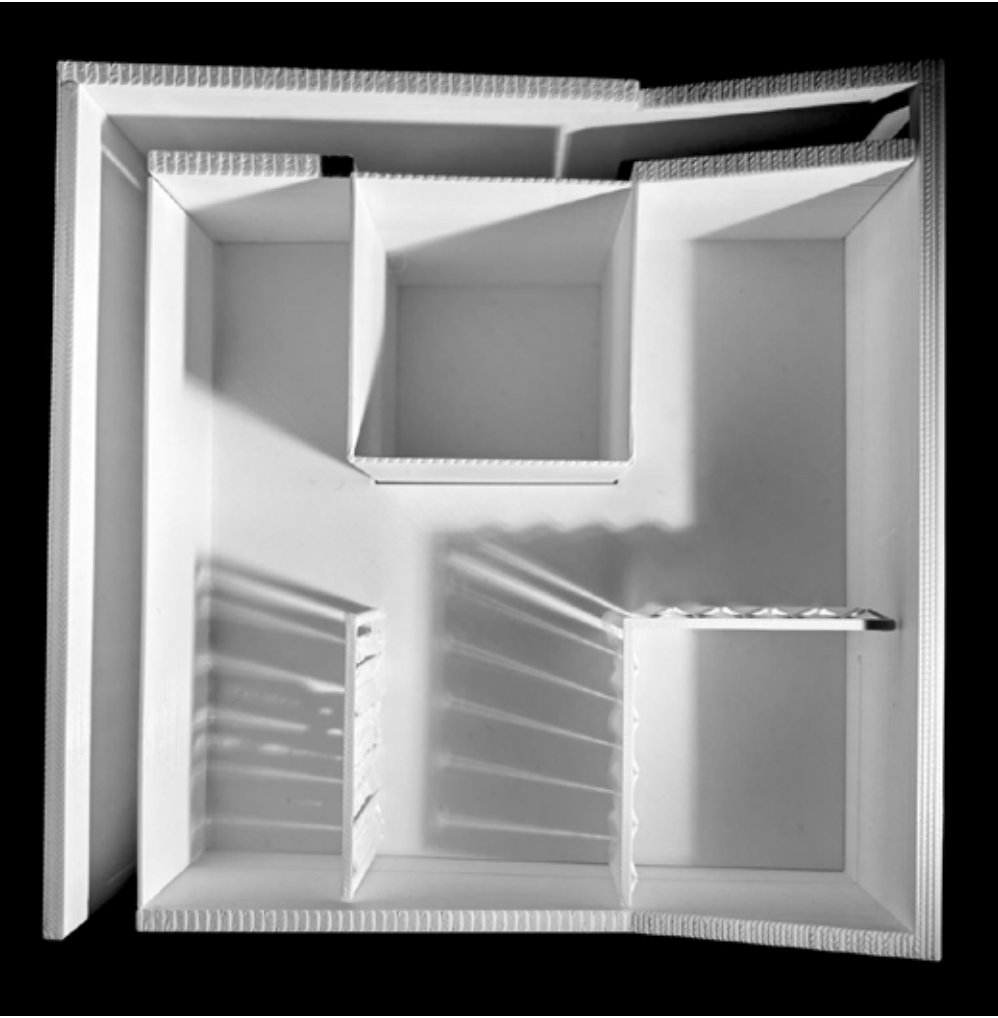
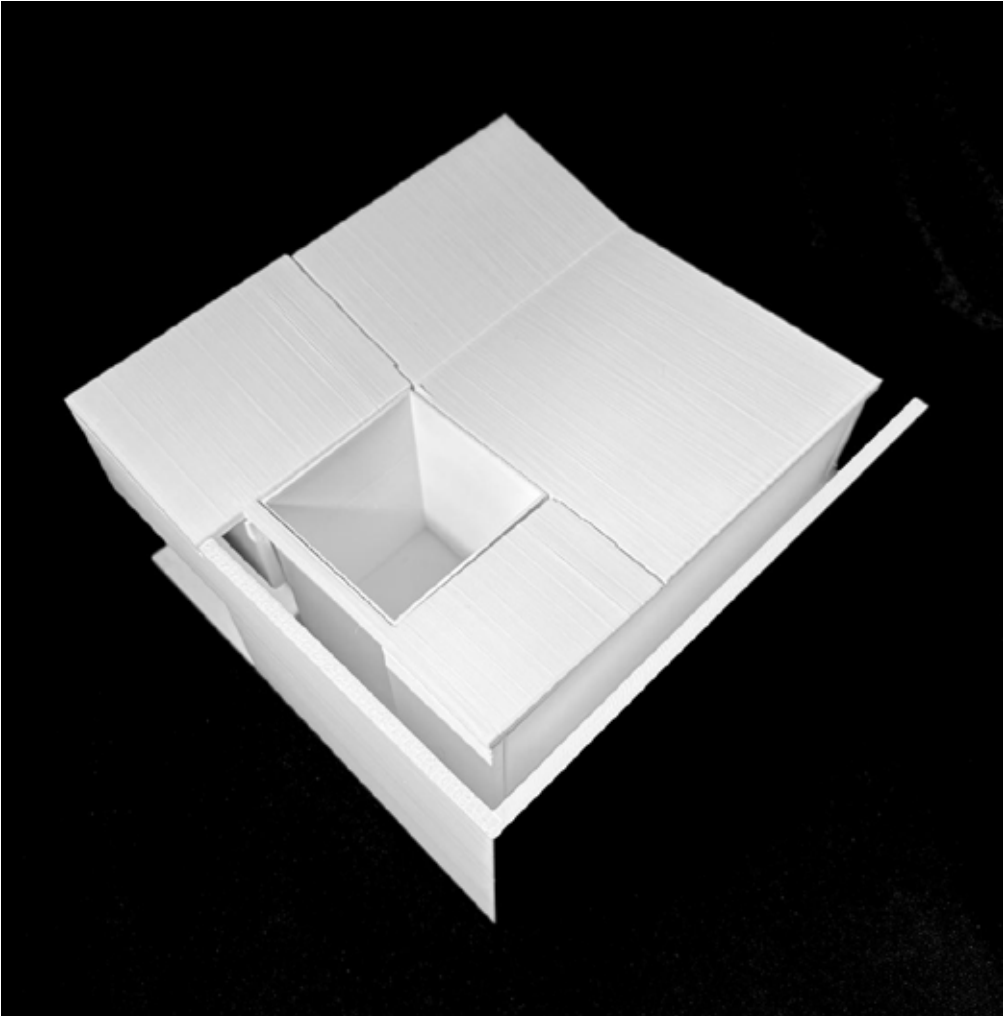
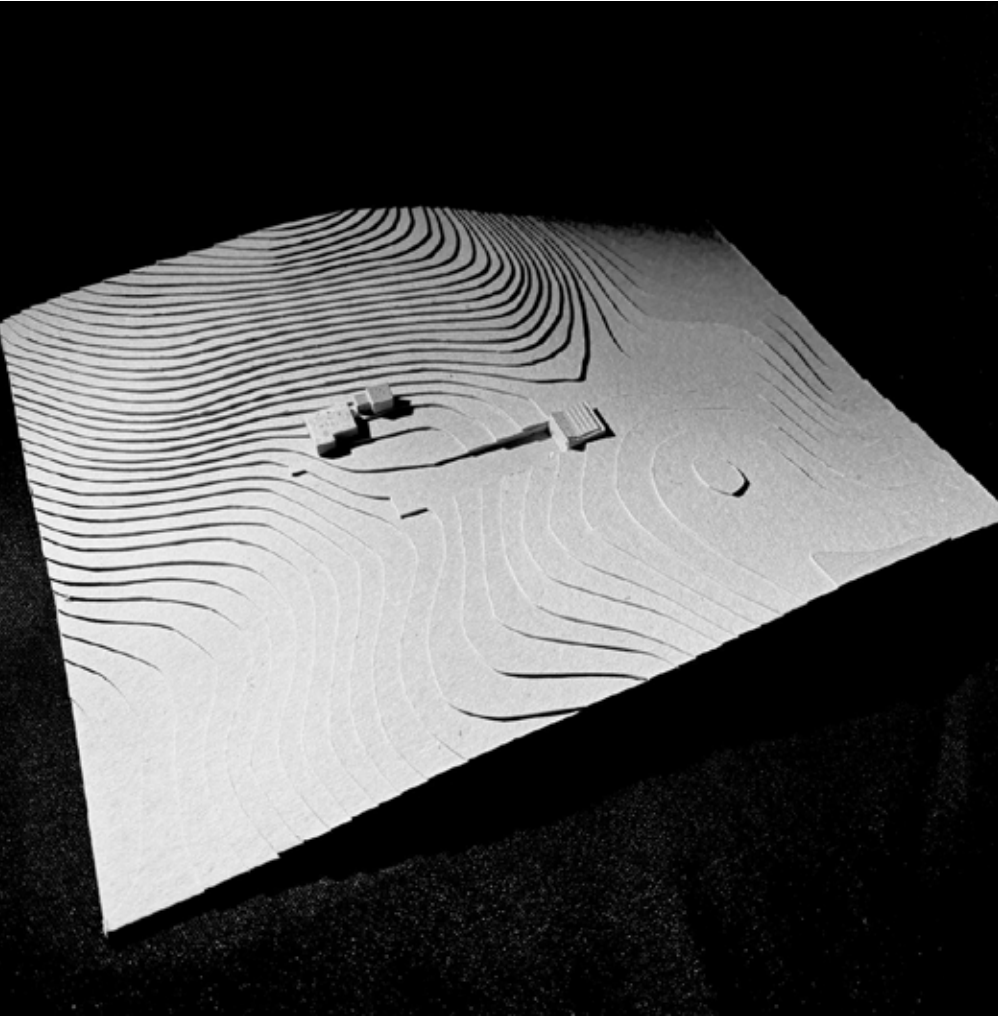
“Também alegou um facto que todos os viajantes confirmaram: Não há, na vasta biblioteca, dois livros idênticos” (Jorge Luís Borges, A Biblioteca de Babel). Para Jorge Luís Borges o livro é um instrumento único e fundamental, descrito como uma extensão da memória e da imaginação humana. Na Casa Dupla a biblioteca funciona como uma memória que se constrói à medida que os viajantes permanecem no seu espaço interior. Encostada a uma superfície formada por u-glass, a estante é perceptível pelo exterior e permite a passagem da luz na sua face interior, através dos espaços intersticiais dos livros. A Casa Dupla ocupa uma superfície total de 450 m². Recorrendo ao processo de construção em taipa, a sua materialidade procura integrar o edifício na paisagem. Recorre, para além disso, ao vidro (u-glass fosco), e integra elementos estruturais em aço, com o objetivo de criar um espaço zenital que ilumine todo o edifício de dia. O sistema construtivo em taipa utiliza terra crua, compactada dentro de formas de madeira (taipais), para criar paredes monolíticas estruturais, resistentes e duráveis. A terra, composta por argila, areia e brita, é disposta em camadas, dispensando (na sua maioria) de pilares e vigas.



Render Interior



Render Interior

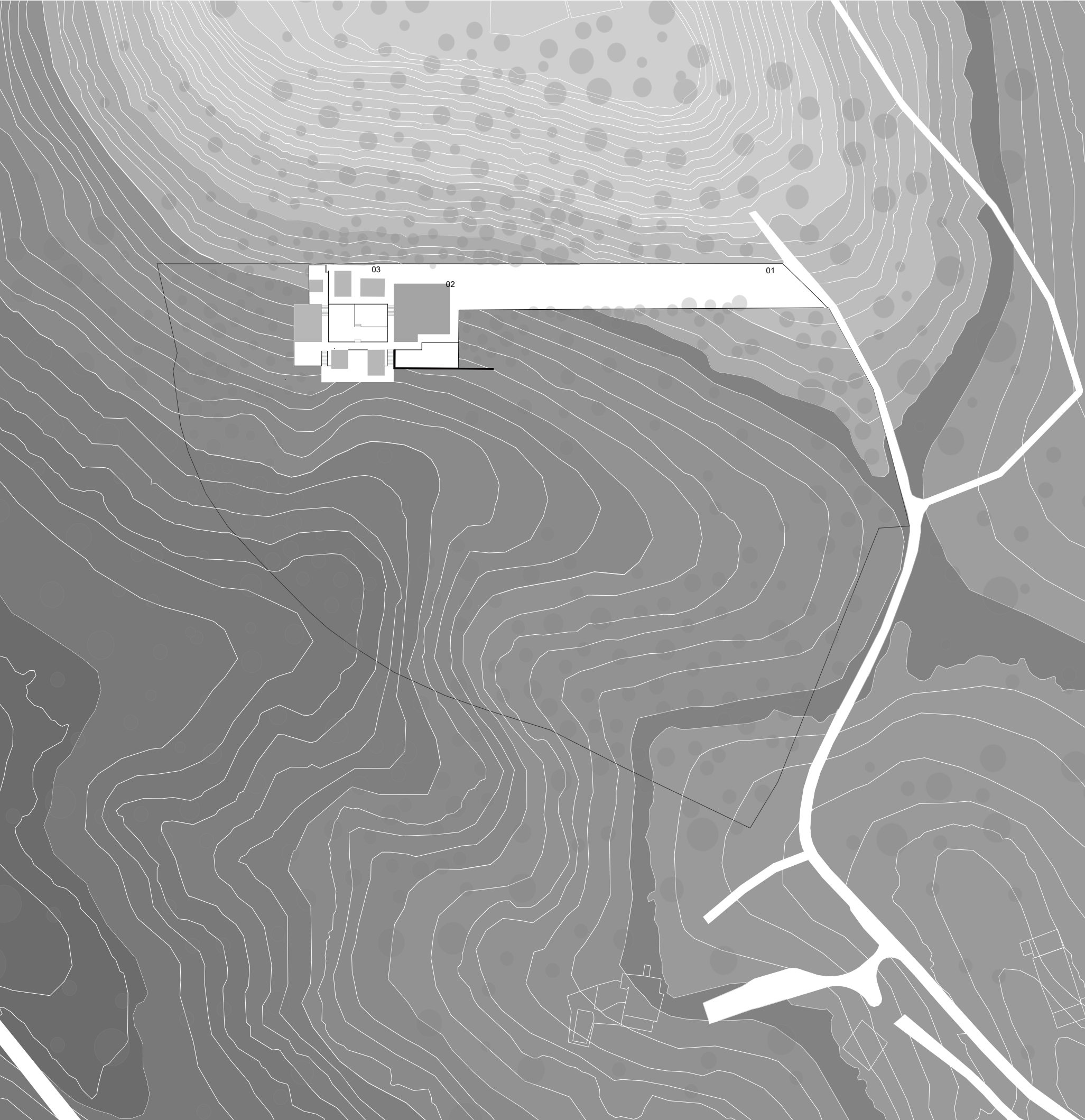


CASA ABERTA

Célula
Tipologia
Fragmento

Katrin Andersson





Legenda: 01- Acesso principal Casa 02-Casa existente 03-Casa Dupla

1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

CELULA

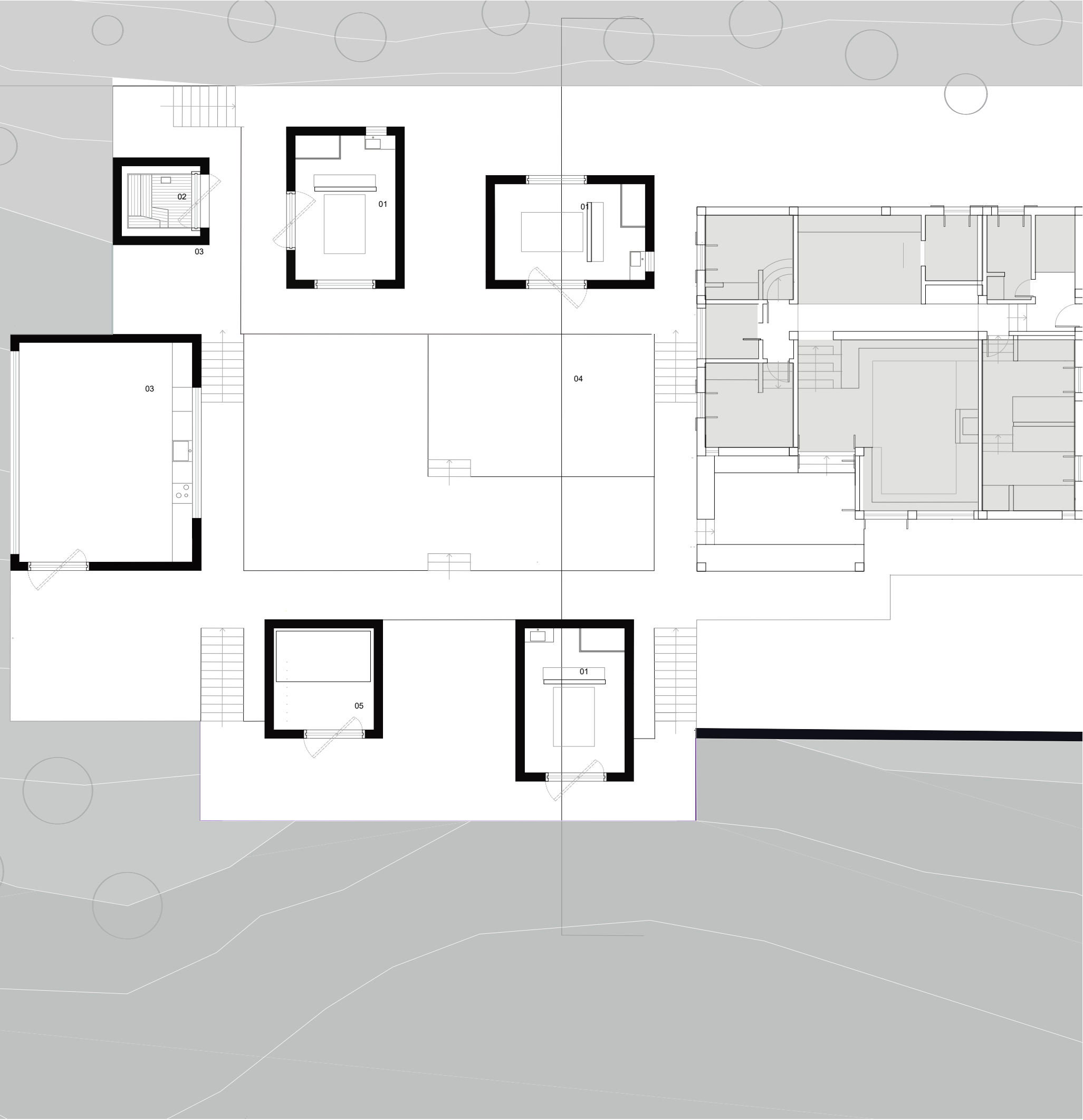
TIPOLOGIA

FRAGMENTO

A Casa foi projetada pelo arquiteto Vassalo Rosa e localiza-se na Vila Nogueira de Azeitão, Setúbal, desenvolve-se num único piso, com implantação em patamares que acompanham o declive natural do terreno. A organização interior reúne sala com recanto de cozinha, três quartos, duas instalações sanitárias, vestíbulo, arrecadação e terraço, numa área de implantação de 146,52 m². A construção procura uma integração no contexto rural da Arrábida. Nesta habitação, observa-se uma diferença da dimensão entre os espaços comuns e os espaços privados. Os quartos e zonas de apoio são dimensionados de forma reduzida, garantindo privacidade e recolhimento. A proposta da casa dupla parte desta estrutura, mantendo a lógica espacial e material da casa original. A intervenção transforma a circulação central, que passa a abrir-se ao exterior, funcionando como elemento de ligação entre os diferentes espaços habitáveis. Os compartimentos organizam-se em celulas em que cada precisa uma da outra e são visualmente conectados, promovendo uma nova forma de habitar em contacto direto com a paisagem. Esta estratégia inspira-se também na implantação do Convento da Arrábida, onde a arquitetura se adapta ao relevo através de percursos exteriores, galerias e sucessivas cotas que articulam os diferentes espaços. Tal como no convento, a circulação deixa de ser apenas passagem e torna-se experiência, estabelecendo uma relação contínua entre construção, topografia e natureza envolvente.



Convento da Arrábida



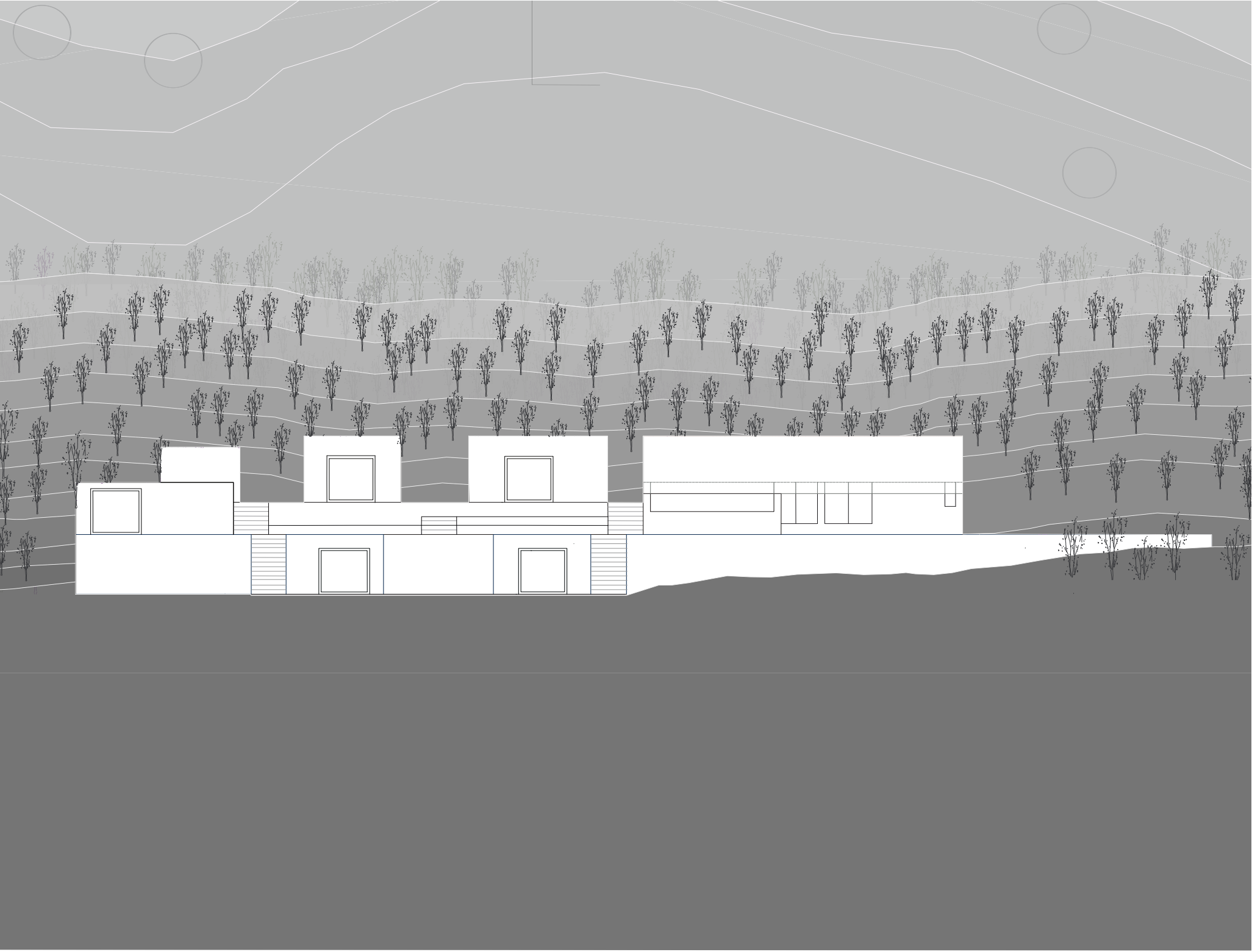
Legenda: 01- Quartos 02-Sauna 03-Sala 04-Pátio 05-Casa das Máquinas
1 : 200 N0
PLANTA E CORTE

O programa organiza-se a partir de um conjunto de espaços autónomos, distribuídos em células habitáveis independentes, articuladas entre si por uma circulação exterior comum. Esta estrutura retoma a lógica fragmentada da casa existente, reinterpretando-a através de uma implantação mais aberta e permeável ao lugar. Cada célula corresponde a uma função específica quartos, sala, sauna e espaços de apoio permitindo uma utilização clara e independente de cada volume. Os três quartos concentram as áreas mais privadas, enquanto a sala assume o papel de espaço de permanência e convívio e a sauna introduz um uso complementar, associado ao bem-estar e à relação sensorial com o ambiente natural. No centro do conjunto dispõe-se um pátio que organiza o sistema de acessos e garante iluminação e ventilação natural. A circulação realiza-se integralmente pelo exterior, estabelecendo a transição entre as diferentes células e promovendo uma vivência contínua entre interior e paisagem. Desta forma, o programa não se concentra num volume único, mas distribui-se pelo terreno, propondo uma forma de habitar fragmentada e progressiva, onde o percurso entre espaços se torna parte integrante da experiência quotidiana da casa. A casa dupla propõe assim uma vivência mais permeável e aberta, onde o habitar se estende

para o exterior, reforçando o contacto com o lugar. A casa dupla propõe assim uma vivência mais permeável e aberta, onde o habitar se estende para o exterior, reforçando o contacto com o lugar e reinterpretando a casa existente sem romper com a sua identidade.



Esquema

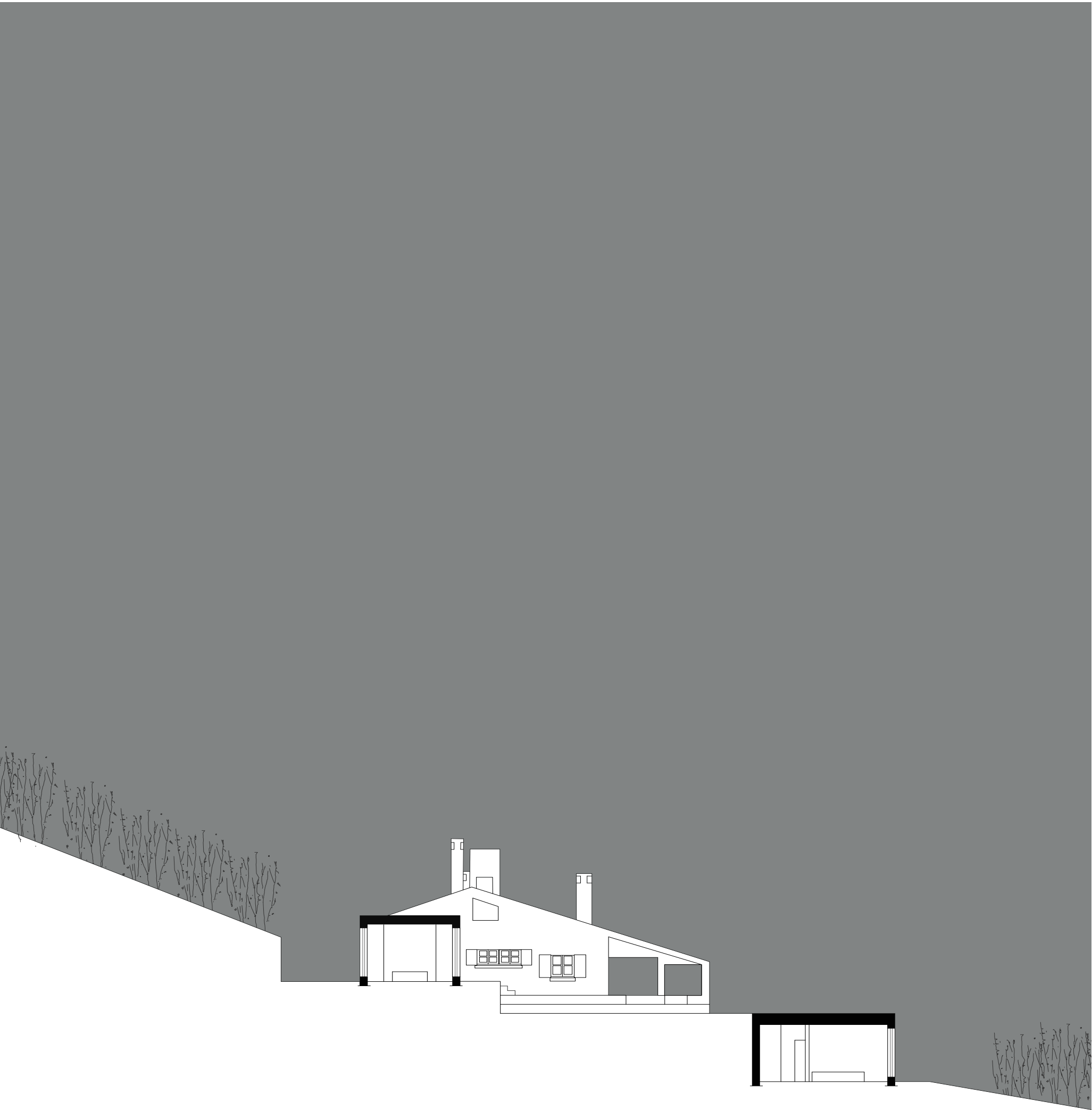


1 : 200 NQ
ALÇADO

O programa distribui-se por volumes autónomos, implantados de forma dispersa no terreno e articulados por percursos exteriores. Esta fragmentação permite uma clara separação entre funções privadas e comuns, ao mesmo tempo que reforça a relação direta entre os espaços habitáveis e a paisagem envolvente. A casa deixa de se organizar num corpo único, passando a funcionar como um conjunto de unidades interligadas. A circulação realiza-se integralmente pelo exterior, assumindo-se como elemento estruturador do projeto mais do que um simples percurso de acesso, funciona como espaço de transição, permanência e encontro, permitindo que a deslocação entre células aconteça em contacto direto com o clima, a luz e a vegetação. O movimento entre interior e exterior torna-se parte integrante da experiência de habitar. O alçado evidencia a decomposição volumétrica do programa, onde os diferentes espaços se manifestam como corpos independentes implantados em cotas ligeiramente distintas. A leitura fragmentada reflete a organização interna em células autónomas e reforça a relação com a topografia natural do terreno. As aberturas pontuais e a continuidade material garantem unidade ao conjunto, mantendo a integração com a paisagem.



Casa existente, Leonor Perdigão

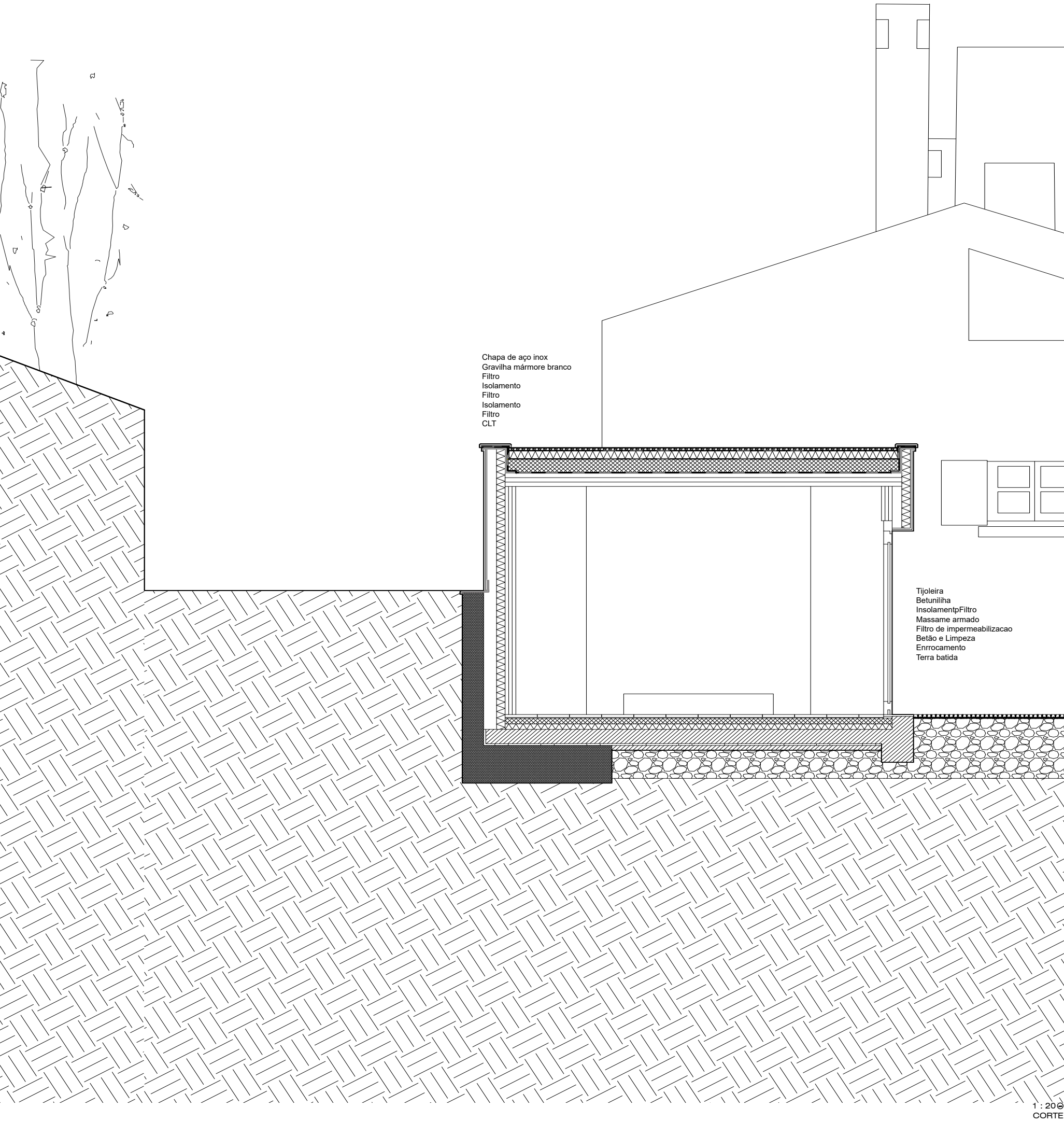


1 : 200 NG
CORTE

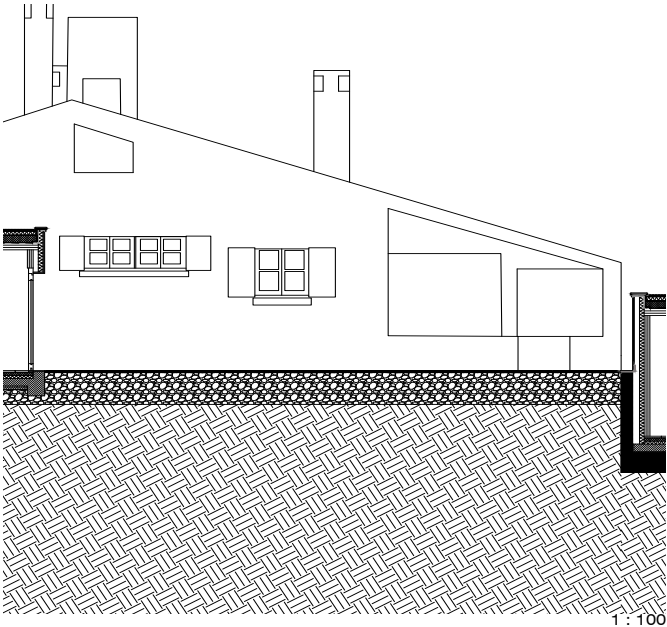
O pátio central organiza o conjunto e garante iluminação, ventilação e continuidade visual entre os diferentes volumes. Este espaço funciona como núcleo comum da casa dupla, promovendo relações entre os utilizadores e estabelecendo um equilíbrio entre privacidade e partilha. Os quartos e zonas de apoio são dimensionados de forma contida, assegurando recolhimento e conforto. Cada célula apresenta autonomia funcional, reforçando a ideia de habitação fragmentada, onde cada espaço possui identidade própria.

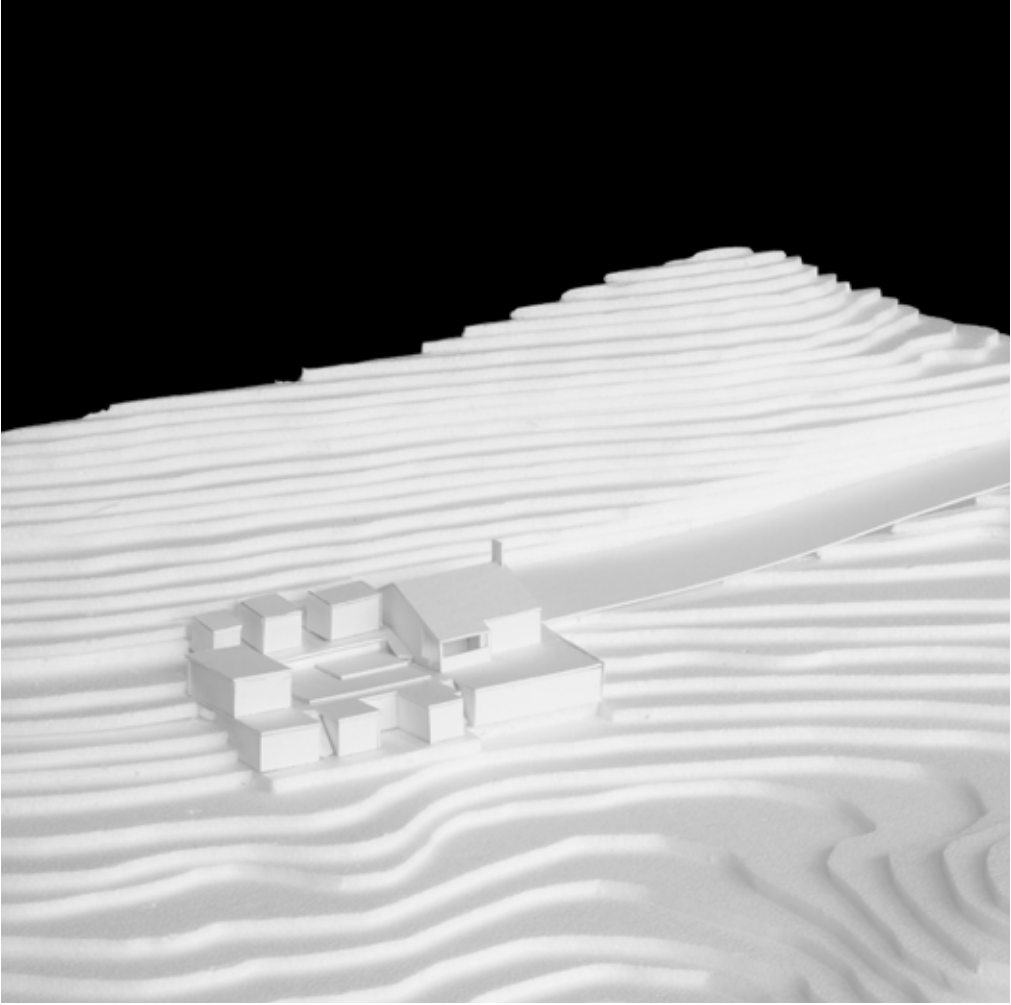
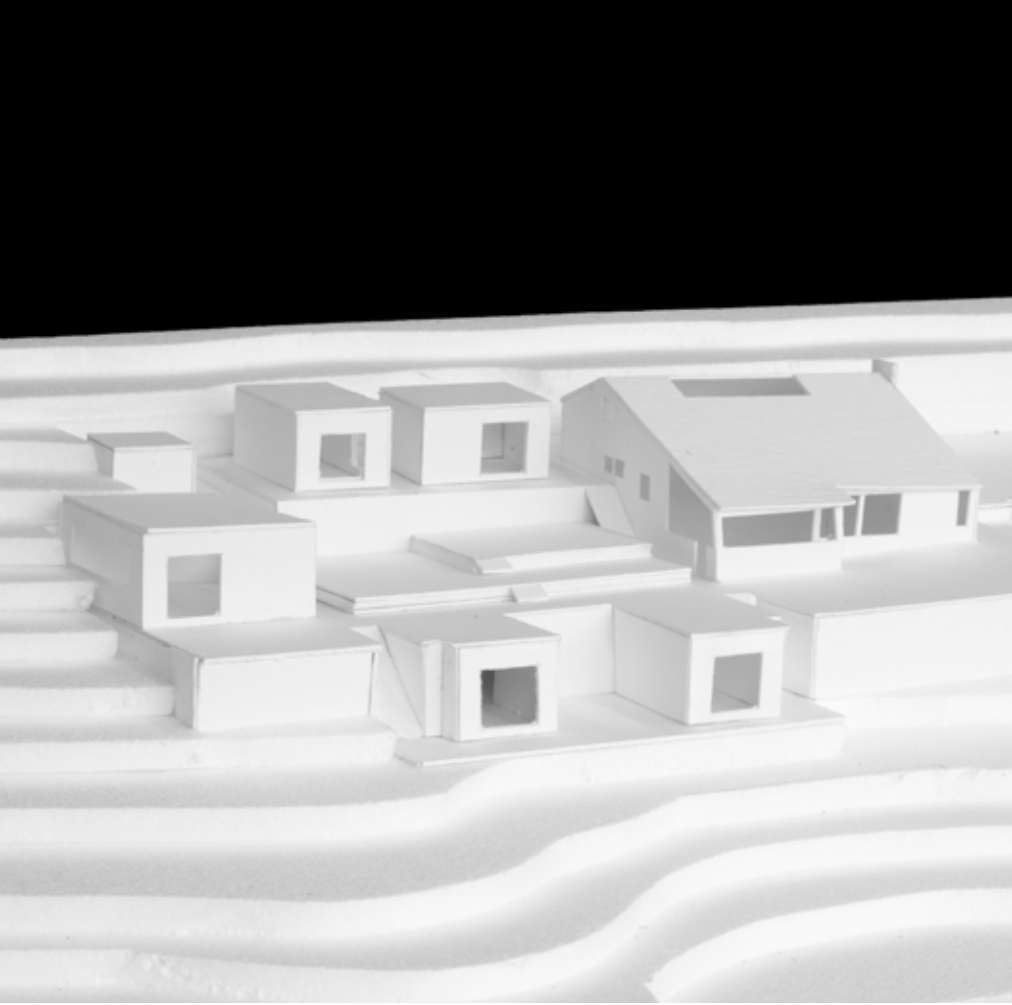
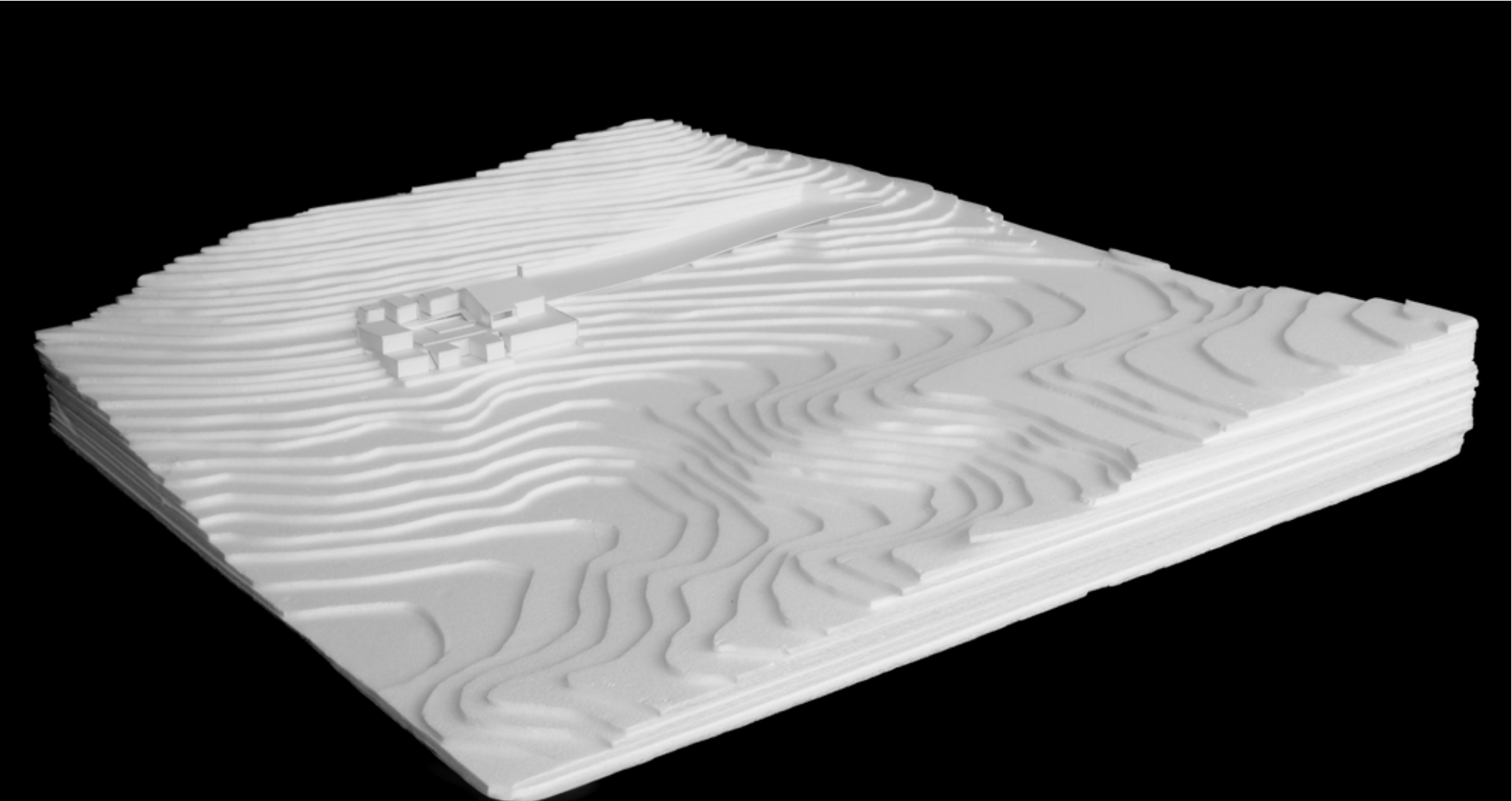


Casa existente, Katrin Andersson



A proposta construtiva baseia-se numa solução leve e seca, assente numa estrutura principal em painéis de madeira CLT, permitindo uma construção eficiente, controlada e compatível com a integração discreta na paisagem. A envolvente exterior assume acabamento contínuo em reboco branco, garantindo unidade formal e relação com a arquitetura existente, ao mesmo tempo que assegura proteção da estrutura e controlo térmico.



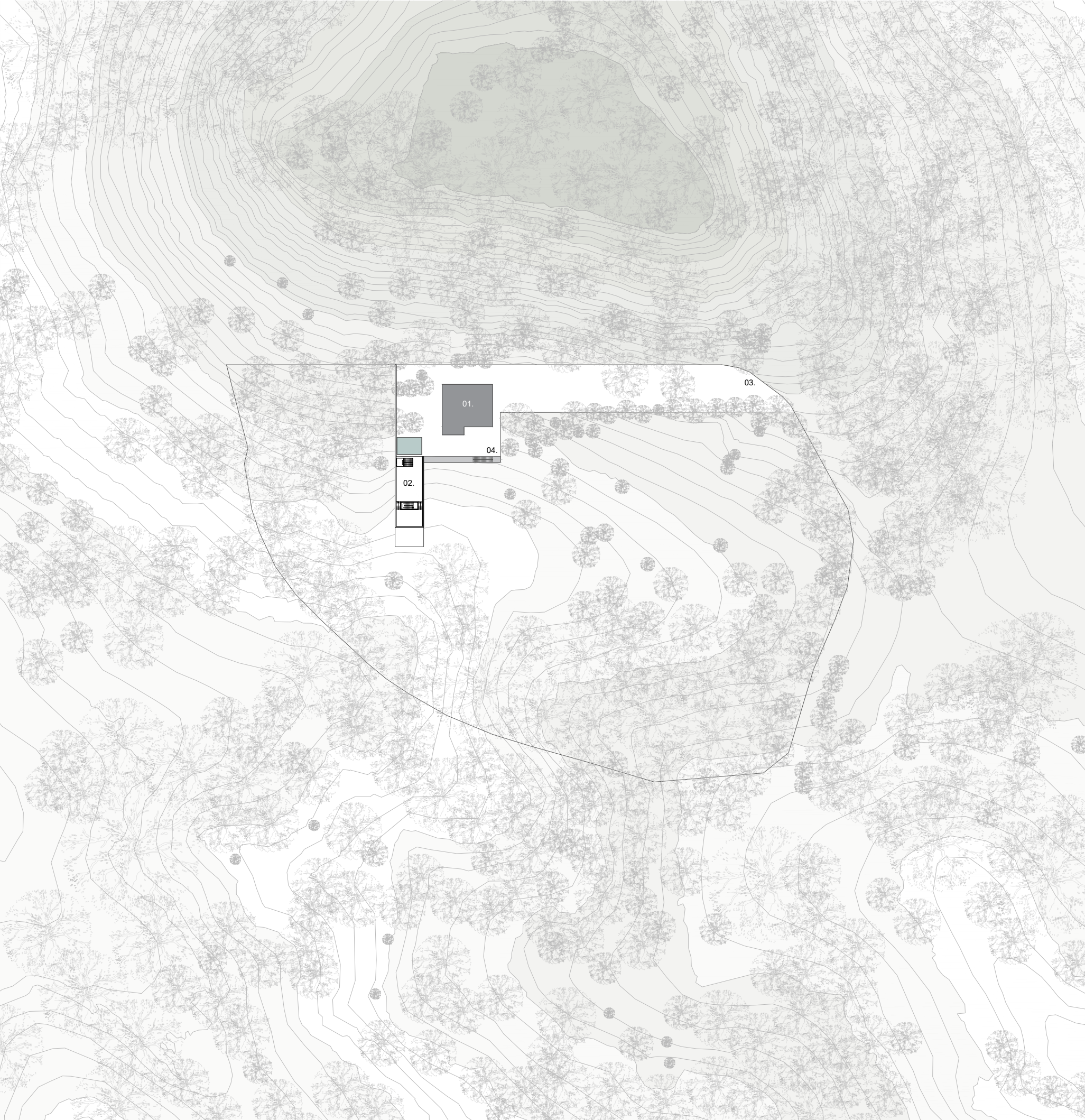


CASA TOPOGRÁFICA

Integração
Plataforma
Topografia

Lagarto





Legenda: 01. Casa Vale do Pereiro de Cima 02. Casa Dupla 03. Acesso Casa Vale do Pereiro 04. Acesso Casa Dupla
1 : 500 N0
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

INTEGRAÇÃO

PLATAFORMA

TOPOGRAFIA

A Casa Vale do Pereiro de Cima, localizada na Arrábida, foi projetada em 1974, pelo arquiteto Luís Vassalo Rosa. A habitação, de carácter rural, encontra-se num terreno que oferece uma vista privilegiada da Serra da Arrábida.

O terreno, composto por declives acentuados e manchas arbóreas contínuas, determina a forma como a casa se projeta sobre o vale. O acesso à casa segue um traçado imposto pela encosta, e a clareira onde se insere funciona como um espaço de transição, onde esta se adapta ao lote.

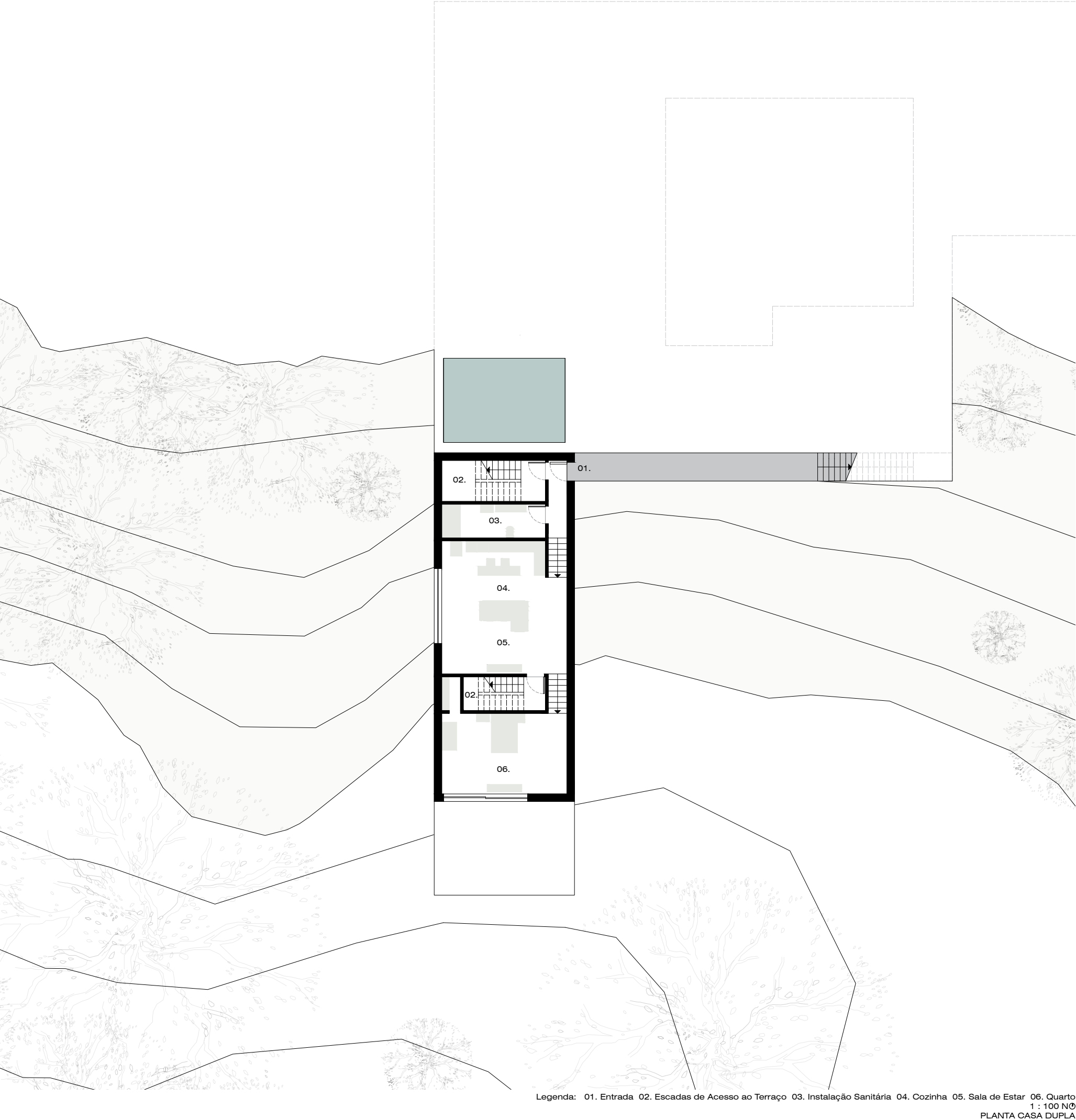
A ideia da Casa Dupla nasce dos conceitos de Integração, Plataforma e Topografia, conceitos esses que também estão presentes na Casa Vale do Pereiro de Cima.



Fotografia da Casa Vale do Pereiro de Cima (Autor: Guilherme Veiga)



Fotografia do espaço de intervenção escolhido (Autora: Roberta Ost)

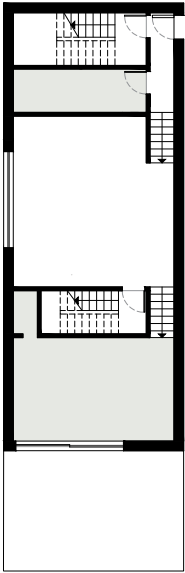


Legenda: 01. Entrada 02. Escadas de Acesso ao Terraço 03. Instalação Sanitária 04. Cozinha 05. Sala de Estar 06. Quarto

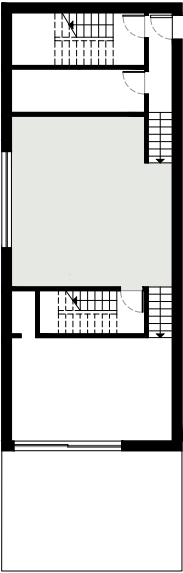
1 : 100 NØ

PLANTA CASA DUPLA

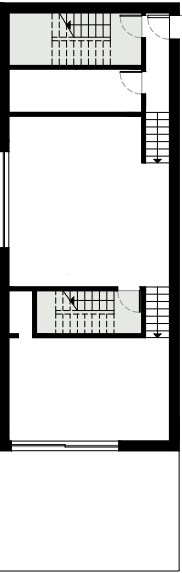
A Casa Dupla surge do objetivo em integrar a casa com a Casa Vale do Pereiro de Cima, tal como com a topografia existente. A implantação do projeto nasce da geometria da piscina da casa original, encontrando-se alinhado com a mesma. A Casa Dupla foi pensada como uma possível casa de férias ou de fim de semana, onde a pessoa possa aproveitar a natureza oferecida pela Serra da Arrábida. O acesso até a Casa é feito através de uma escada anexada à plataforma onde a Casa Vale do Pereiro de Cima está assente. Em termos do programa, a casa está subdividida em três plataformas, onde se encontram, na primeira plataforma, um espaço de entrada, juntamente com a primeira escada de acesso ao terraço e uma casa de banho, na segunda plataforma, as áreas sociais, sala e cozinha, tal como a segunda escada de acesso ao terraço, e por fim, na terceira e última plataforma, um quarto com um clóset. Na sua totalidade, a Casa Dupla ocupa uma área de cerca de 176 m².



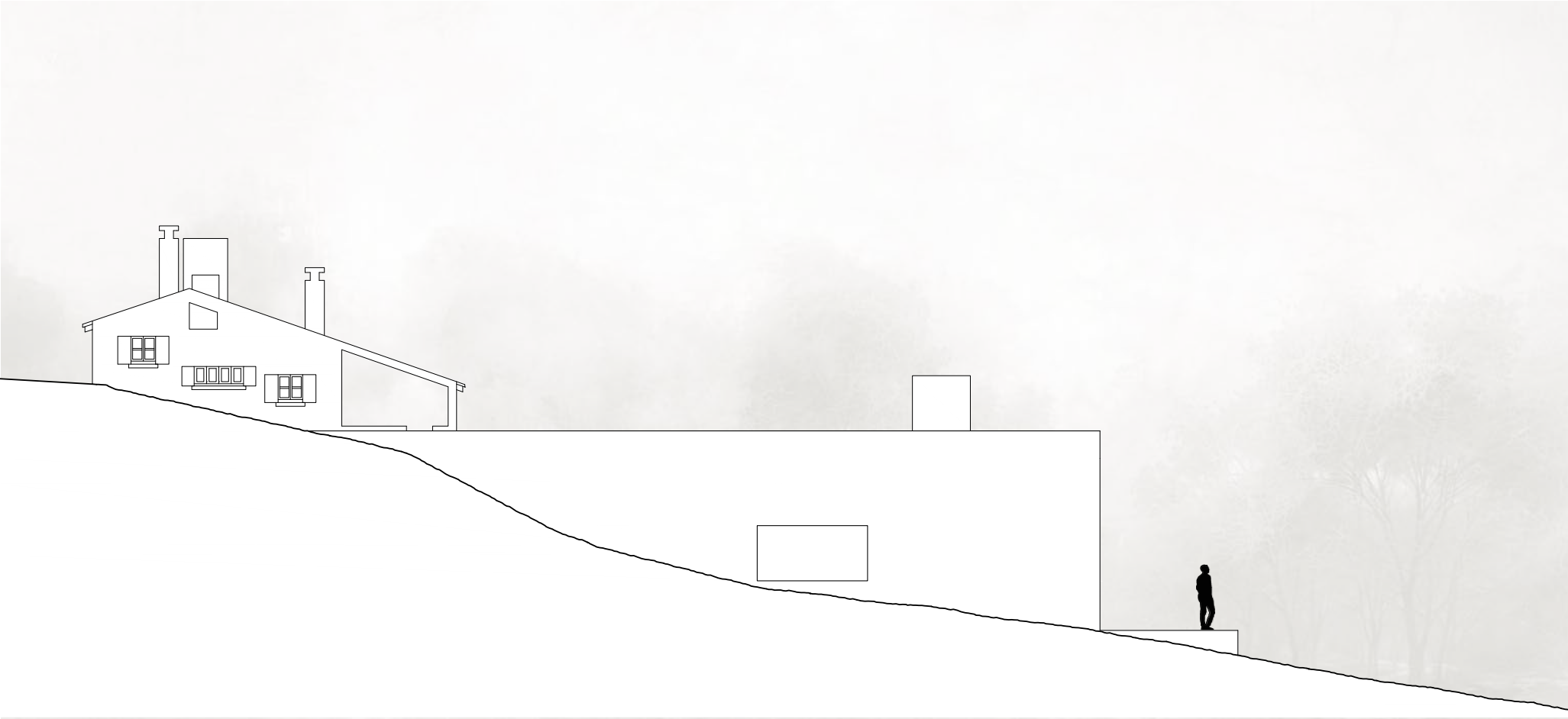
Áreas Privadas da Casa Dupla



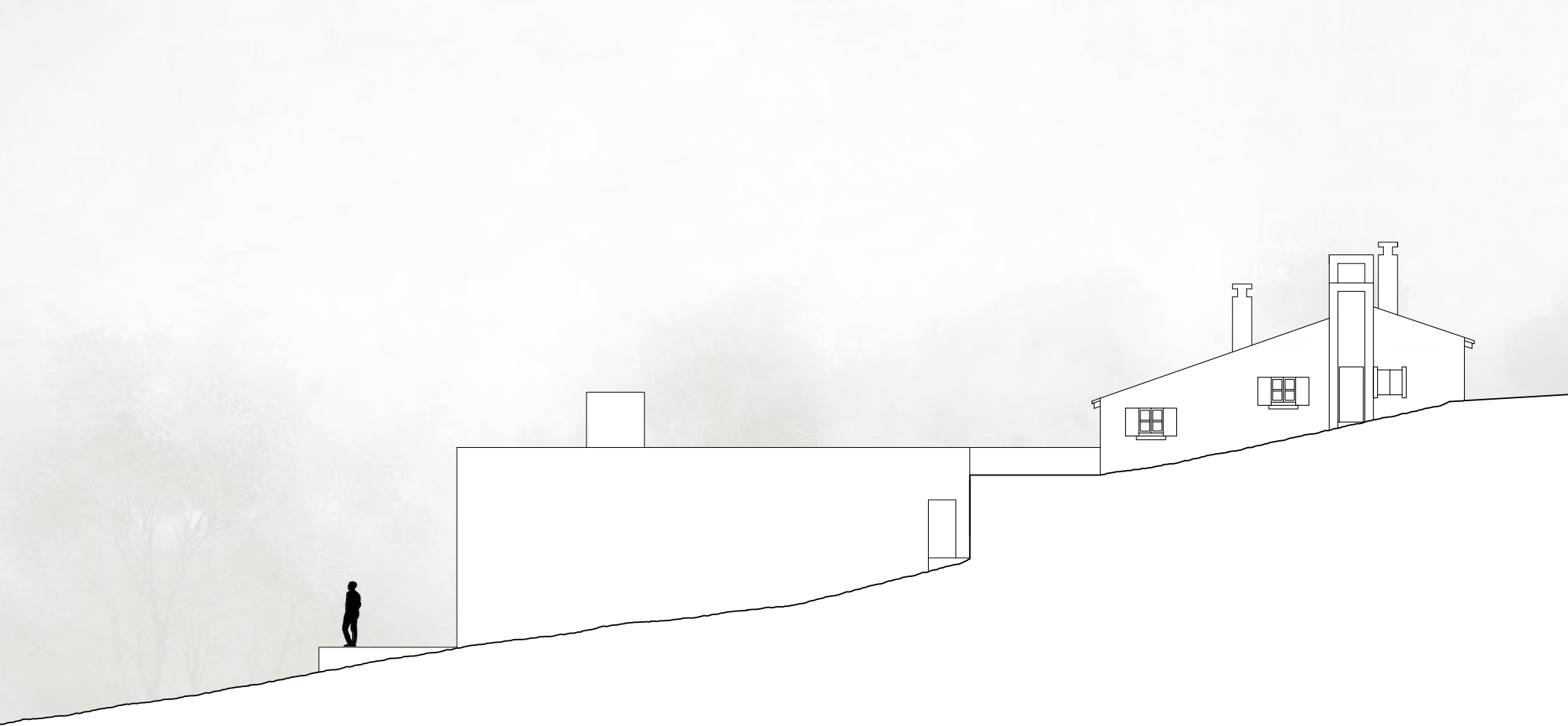
Áreas Sociais da Casa Dupla



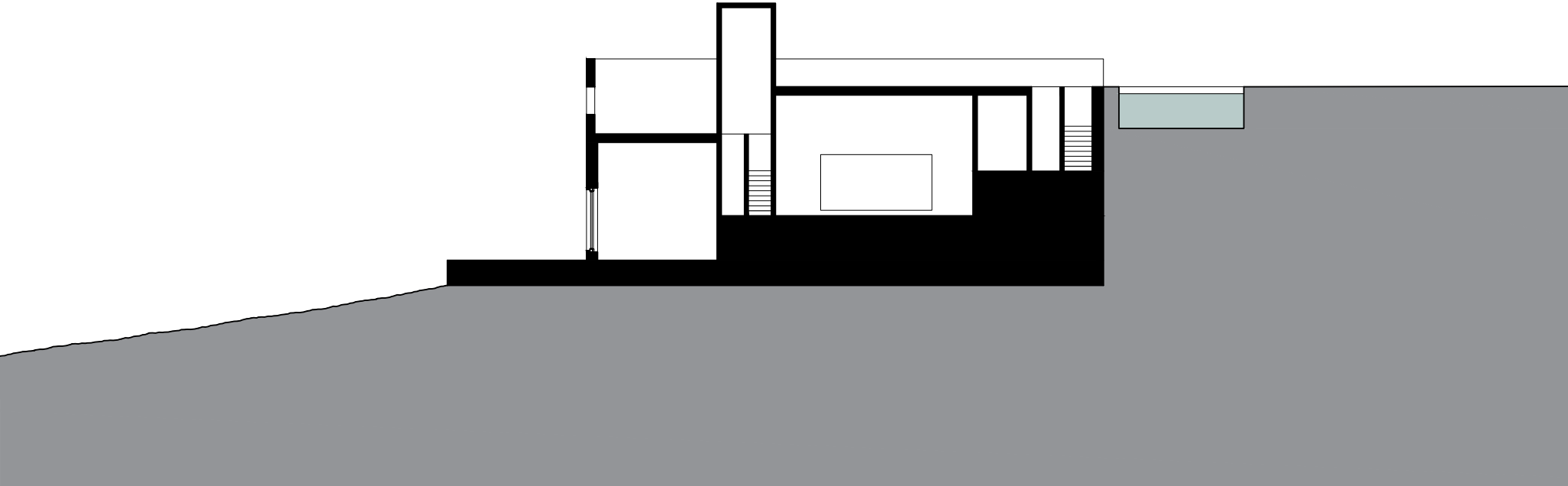
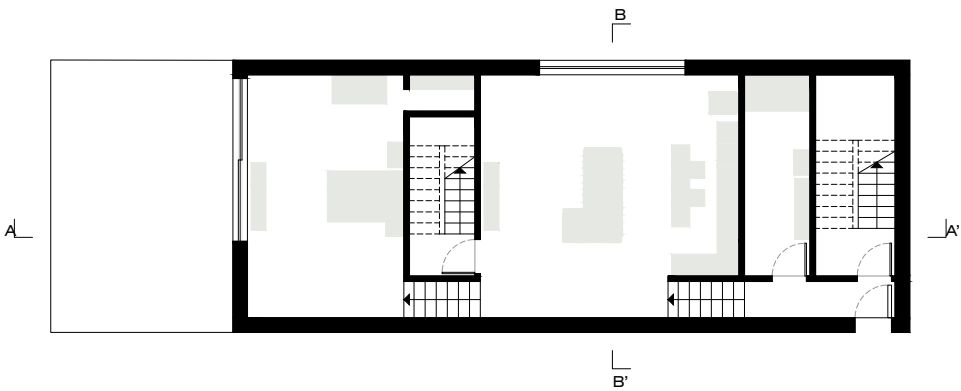
Acessos ao Terraço da Casa Dupla



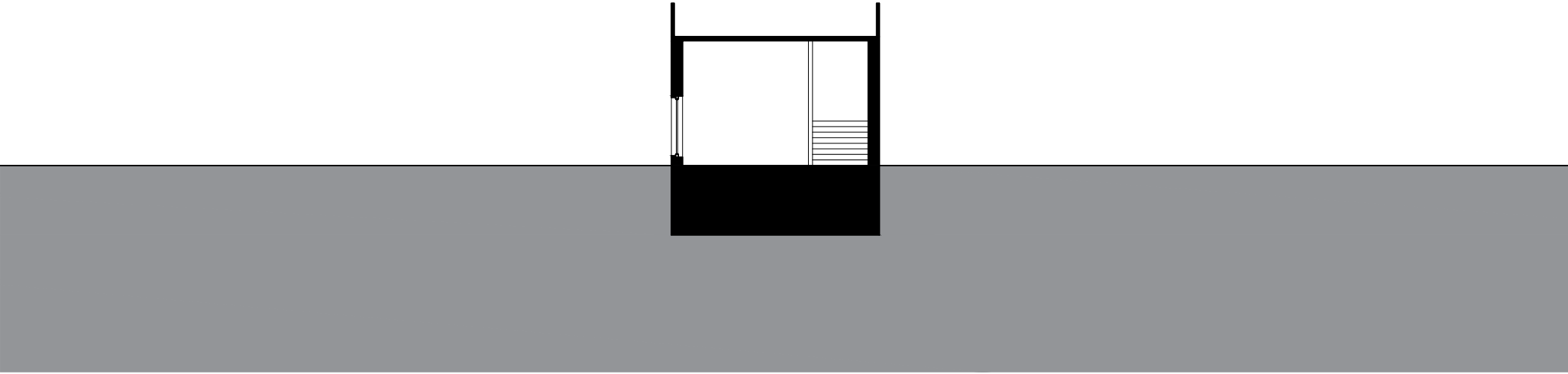
1 : 100
ALÇADO OESTE CASA DUPLA



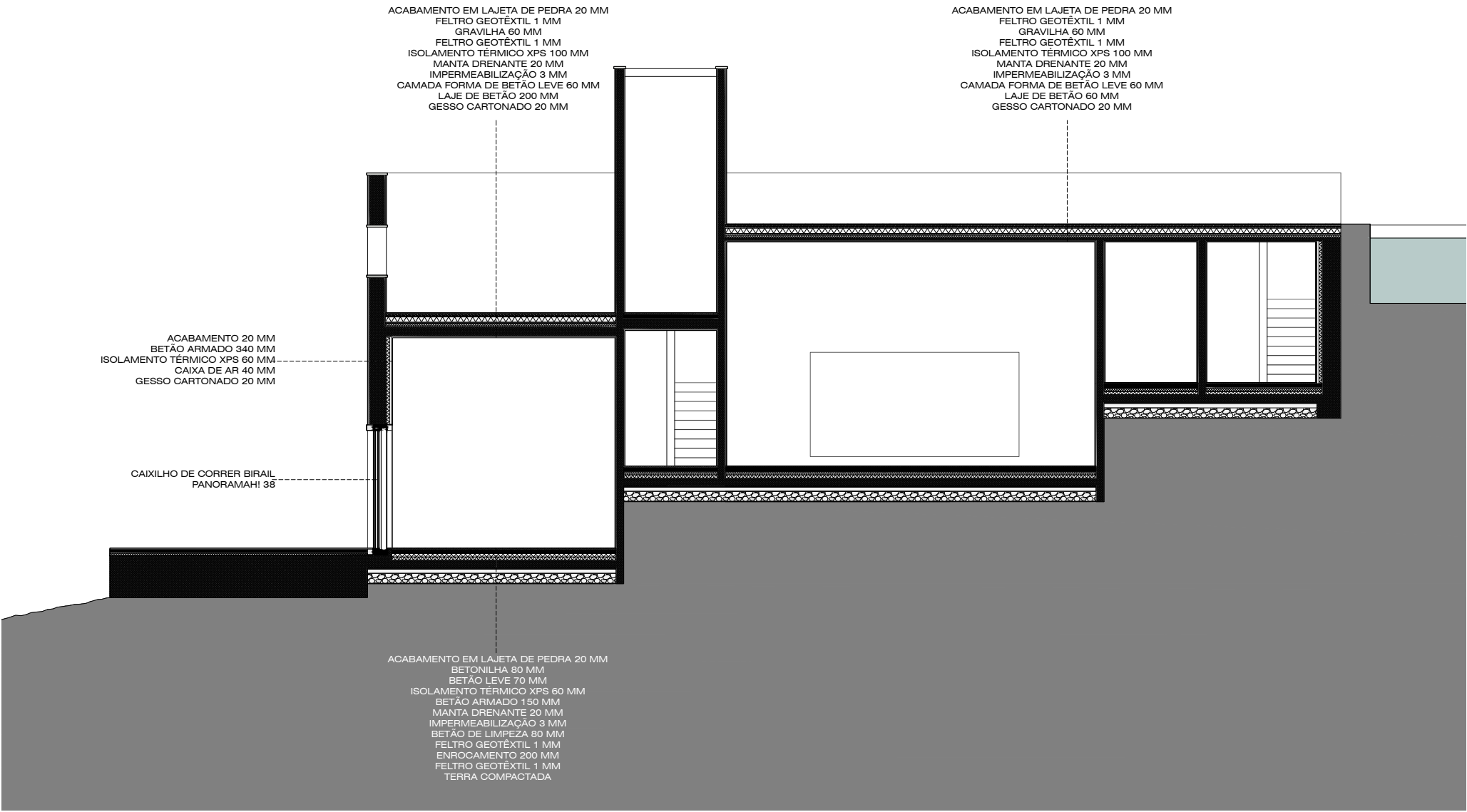
1 : 100
ALÇADO ESTE CASA DUPLA



1 : 100
CORTE AA' CASA DUPLA



1 : 100
CORTE BB' CASA DUPLA



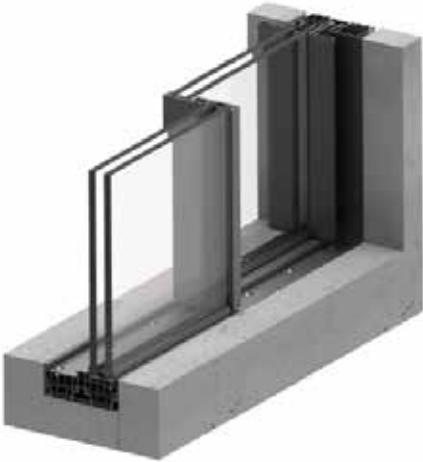
1 : 50

CORTE CONSTRUTIVO CASA DUPLA

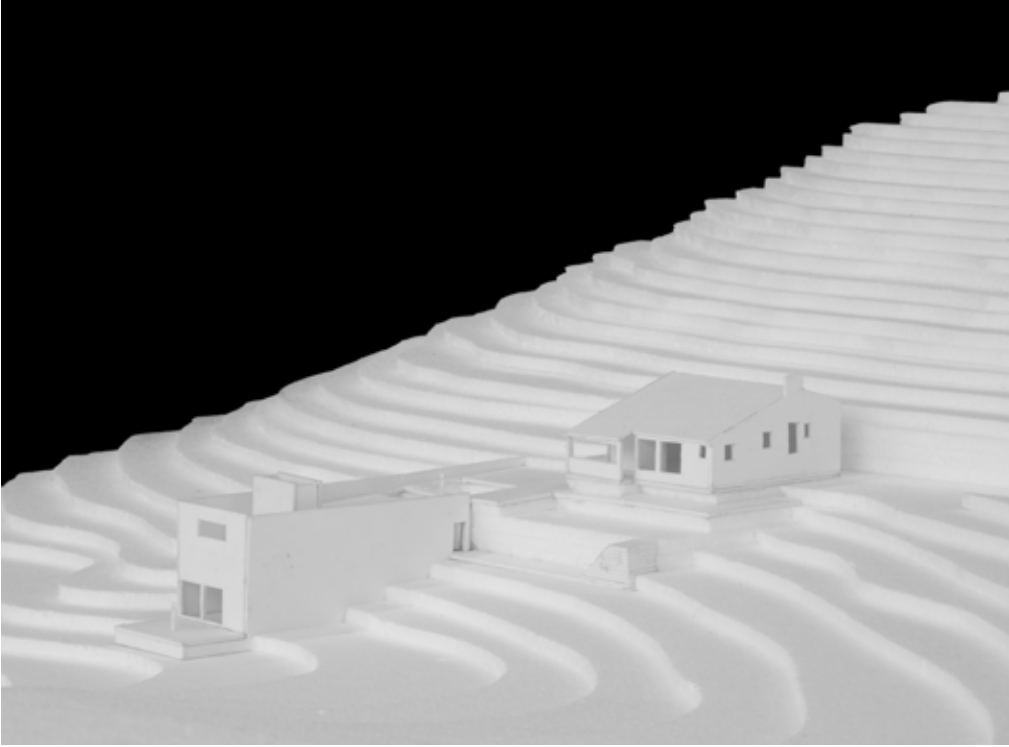
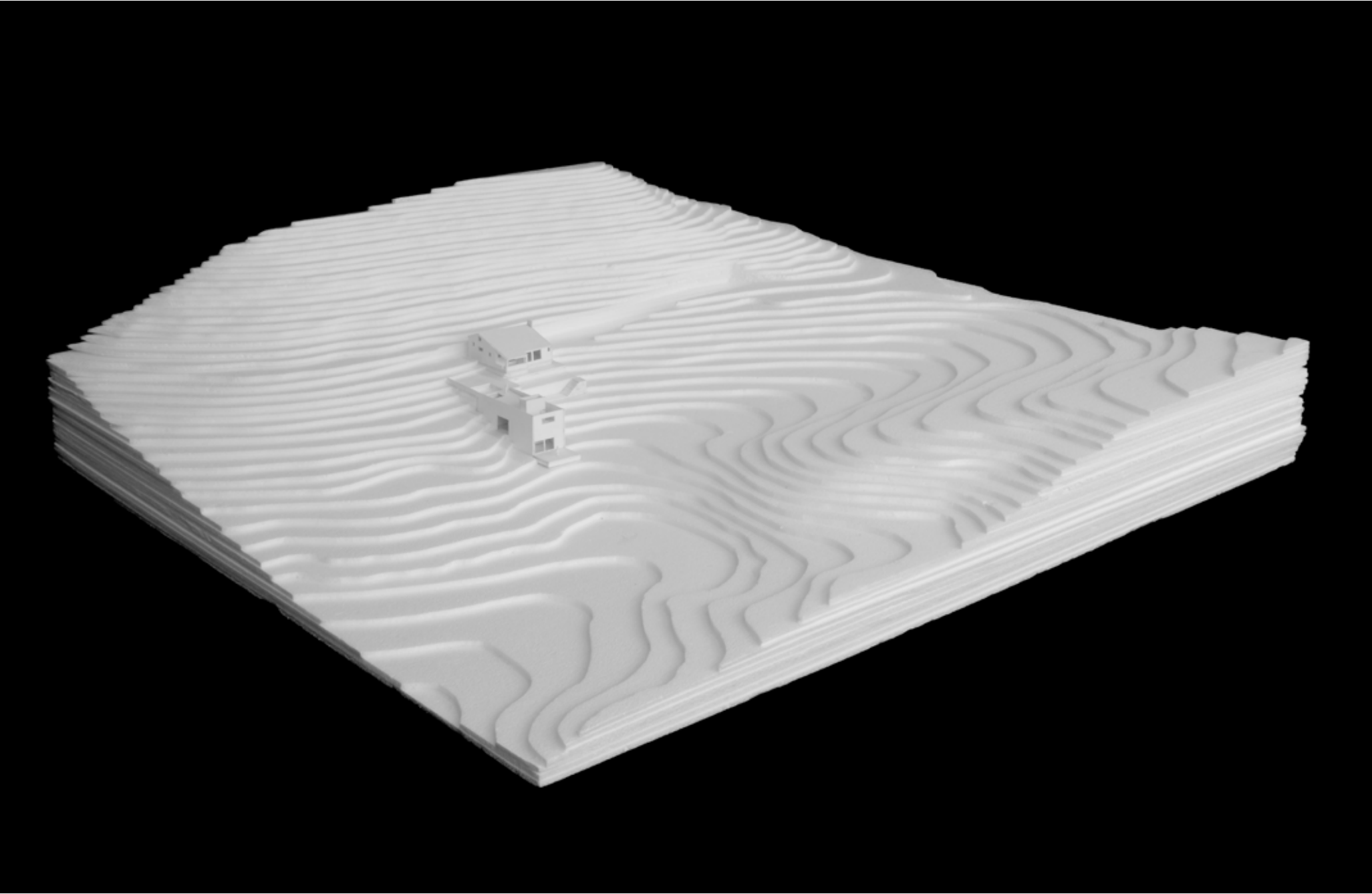
O corte construtivo da Casa Dupla ilustra a adaptação volumétrica do edifício à topografia do terreno, desenvolvendo-se em plataformas, de modo a acompanhar o declive natural do terreno. A solução estrutural em betão armado funciona como elemento de contenção das terras, e permite, simultaneamente, a libertação de grandes vãos ao longo do projeto.

A cobertura é uma cobertura plana acessível, isto é, faz parte da área útil da casa, e integra um sistema de cobertura invertida com um acabamento em lajeta de pedra, que assegura a drenagem e a proteção térmica das lajes. Destaca-se na cota mais elevada à direita, a integração da piscina pertencente à Casa Vale do Pereiro de Cima, que remata a relação do edifício com a plataforma onde a casa original está assente.

A organização espacial é articulada por um elemento vertical na transição entre a segunda e a terceira plataforma, que rompe com a horizontalidade da Casa Dupla, captando luz zenital para o interior e reforçando a ligação entre pisos. A relação com a paisagem é maximizada através de dois envidraçados em sistema bi-rail na terceira e última plataforma, que garante a continuidade visual entre o espaço habitável e o exterior.



Caixilho de Correr Birail Panoramah! ah!38

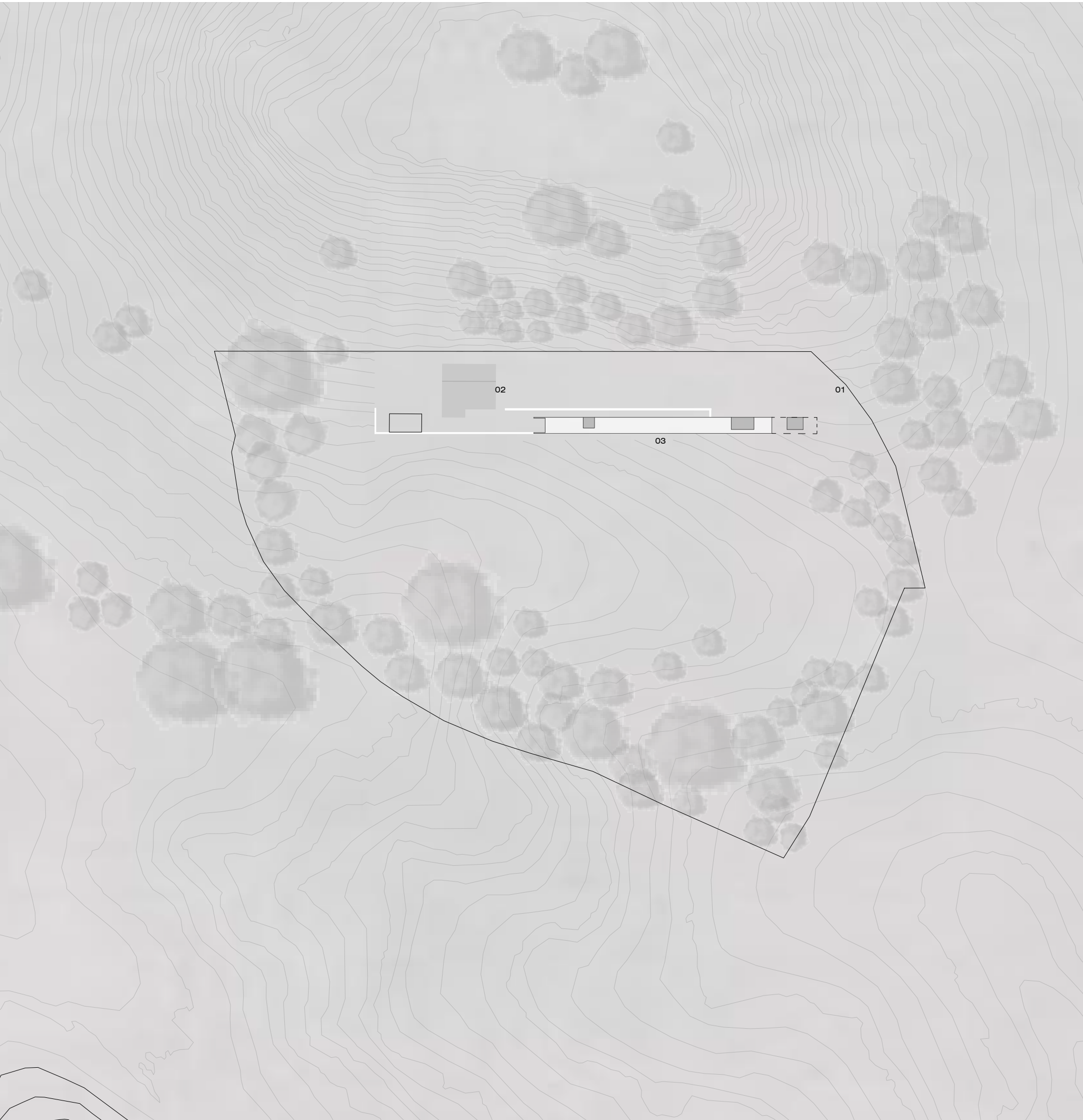


CASA MURO

Muro
Continuidade

Leonor Perdigão





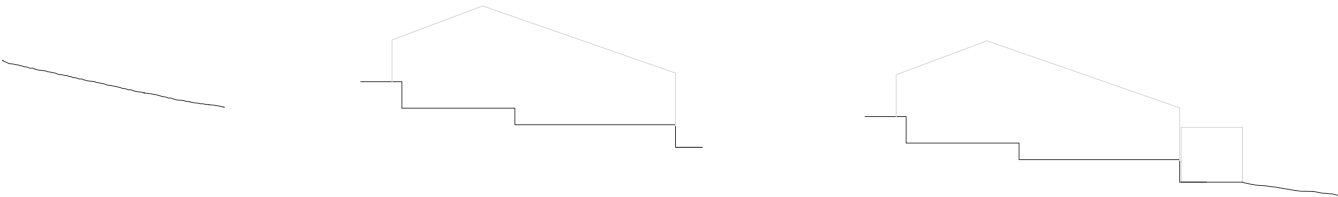
Legenda: 01- Acesso principal da Casa Val do Pereiro 02- Casa Val do Pereiro 03- Casa Dupla
1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

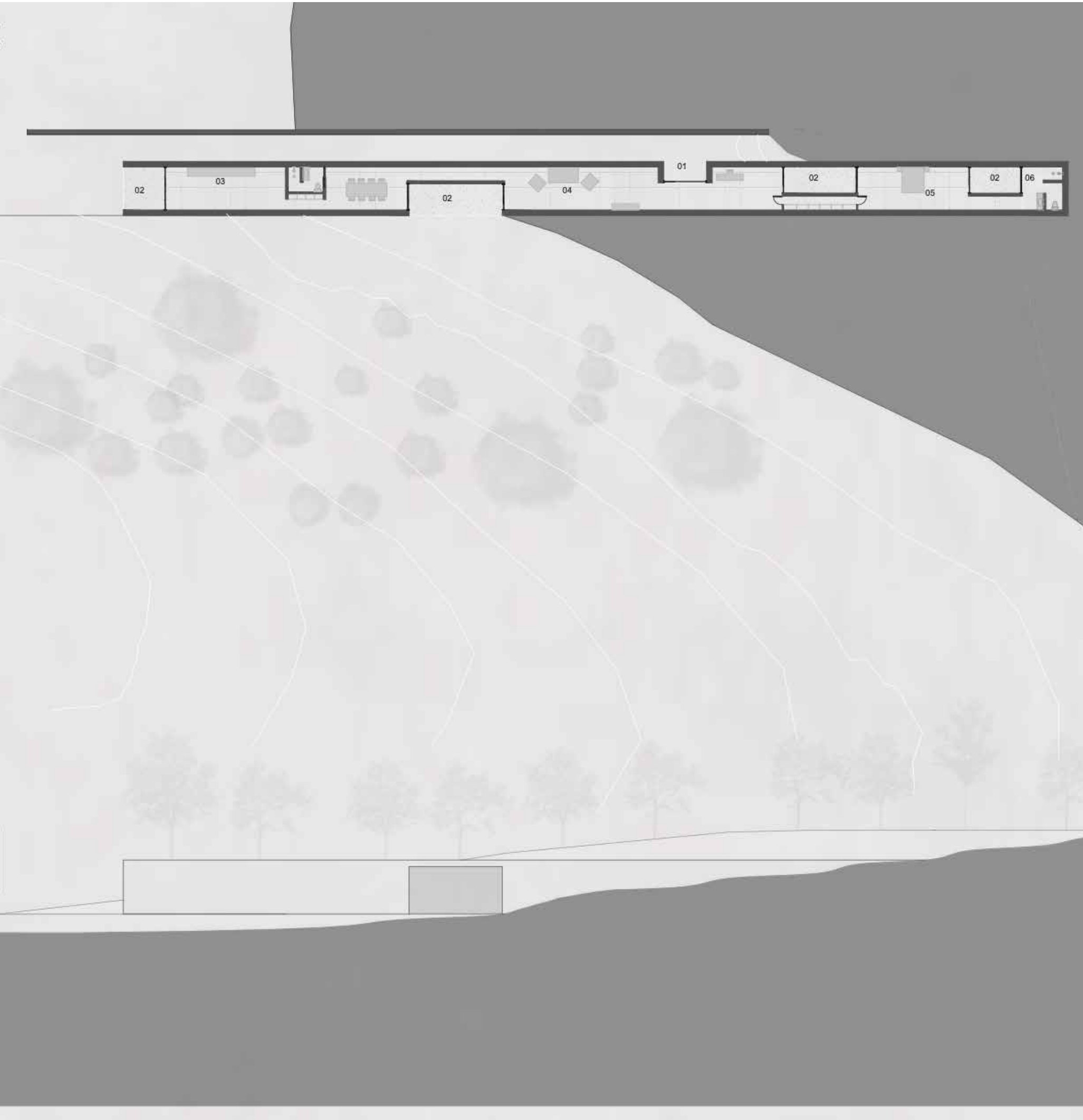
MURO
CONTINUIDADADE

A casa unifamiliar está localizada no Val do Pereiro na Arrábida, projetada pelo arquiteto Luís Vassalo Rosa em 1974. O lugar pedia um projeto que o soubesse respeitar. A casa não se tenta impor à paisagem, pelo contrário, foi pensada para se adaptar à topografia do terreno, desenhada em patamares que acompanham o declive natural do mesmo. A grande preocupação foi intervir o mínimo possível na topografia e proteger a vegetação existente, garantindo que a habitação se fundisse harmoniosamente com o carácter da paisagem .

A Casa Dupla surge no seguimento da rampa de acesso já existente. Através do declive da rampa a casa dupla surge como um muro que dá continuidade ao caminho que tem que ser percorrido para chegar à casa Val do Pereiro.



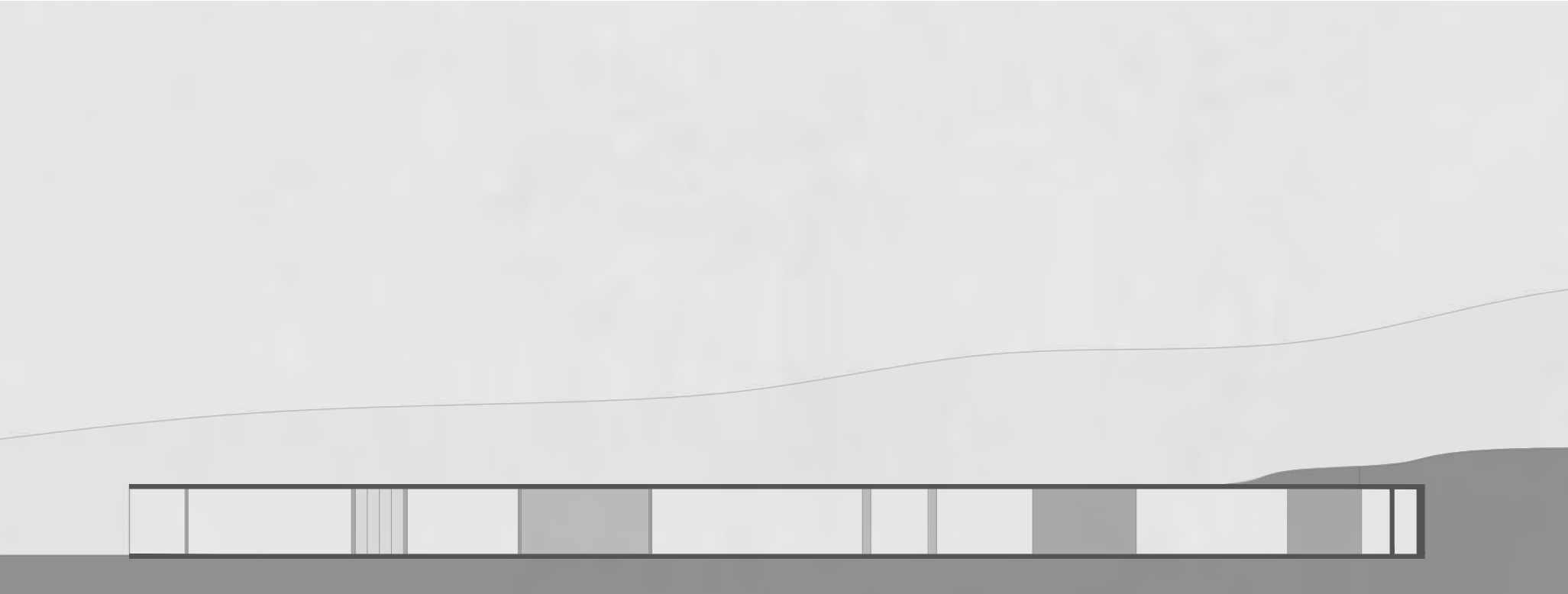
1 : 200
EVOLUÇÃO DO TERRENO



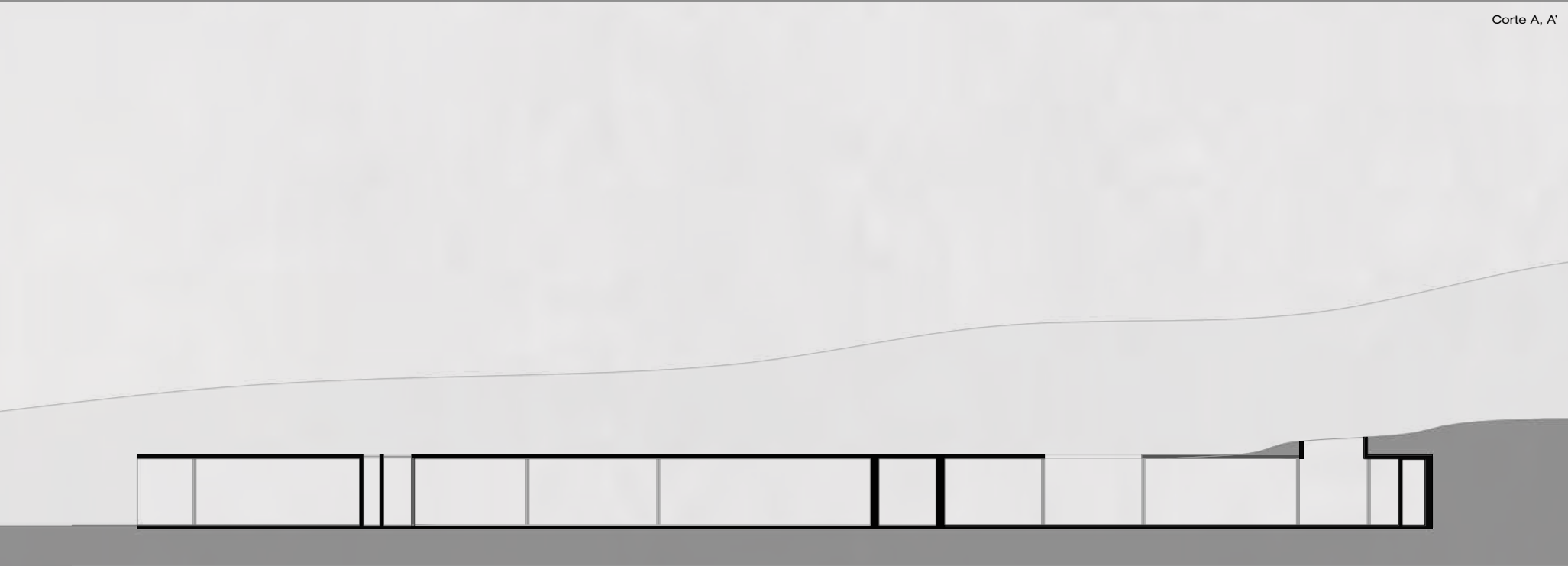
Legenda: 01- Entrada 02- Pátio 03- Cozinha 04- Sala de estar 05- Quarto 06- Instalação Sanitária 07- Quarto
1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

A casa dupla surge a partir do prolongamento do muro de contenção da casa existente, assumindo-se ela própria como um muro habitável. A estratégia passa pela criação de um percurso contínuo e inevitável uma vez que ao longo do mesmo vão surgindo as diferentes divisões da casa, separadas por vazios. A casa desenvolve-se ao longo de 70 metros contínuos, procurando uma relação de continuidade com o caminho já existente. O percurso é interrompido por pátios que permitem a entrada de luz e a circulação de ar.



Corte A, A'

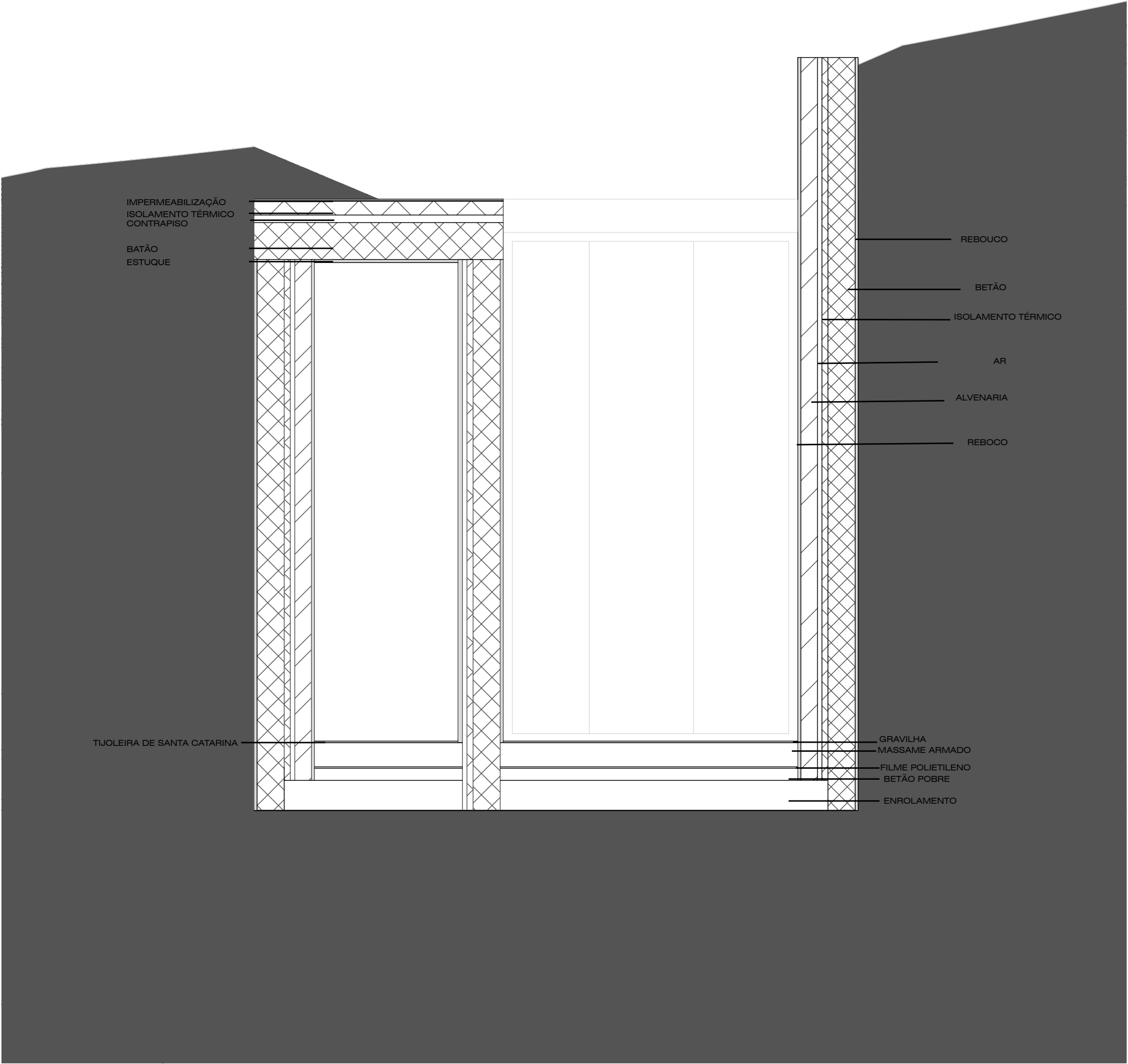


Corte B, B'

1 : 150 NO
Cortes Longitudinais



1 : 150
REPRESENTAÇÃO DOS PÁTIOS



1 : 15

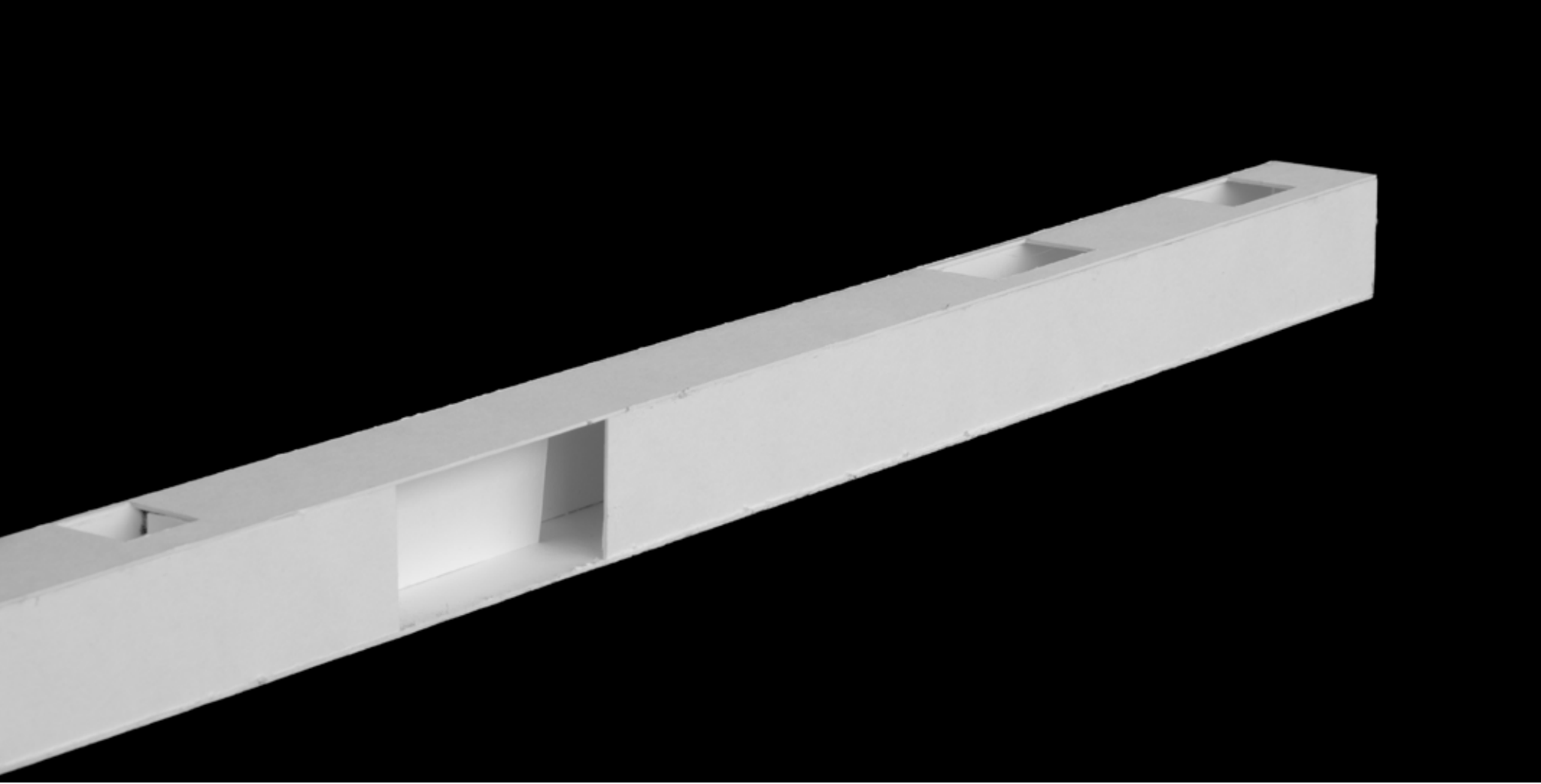
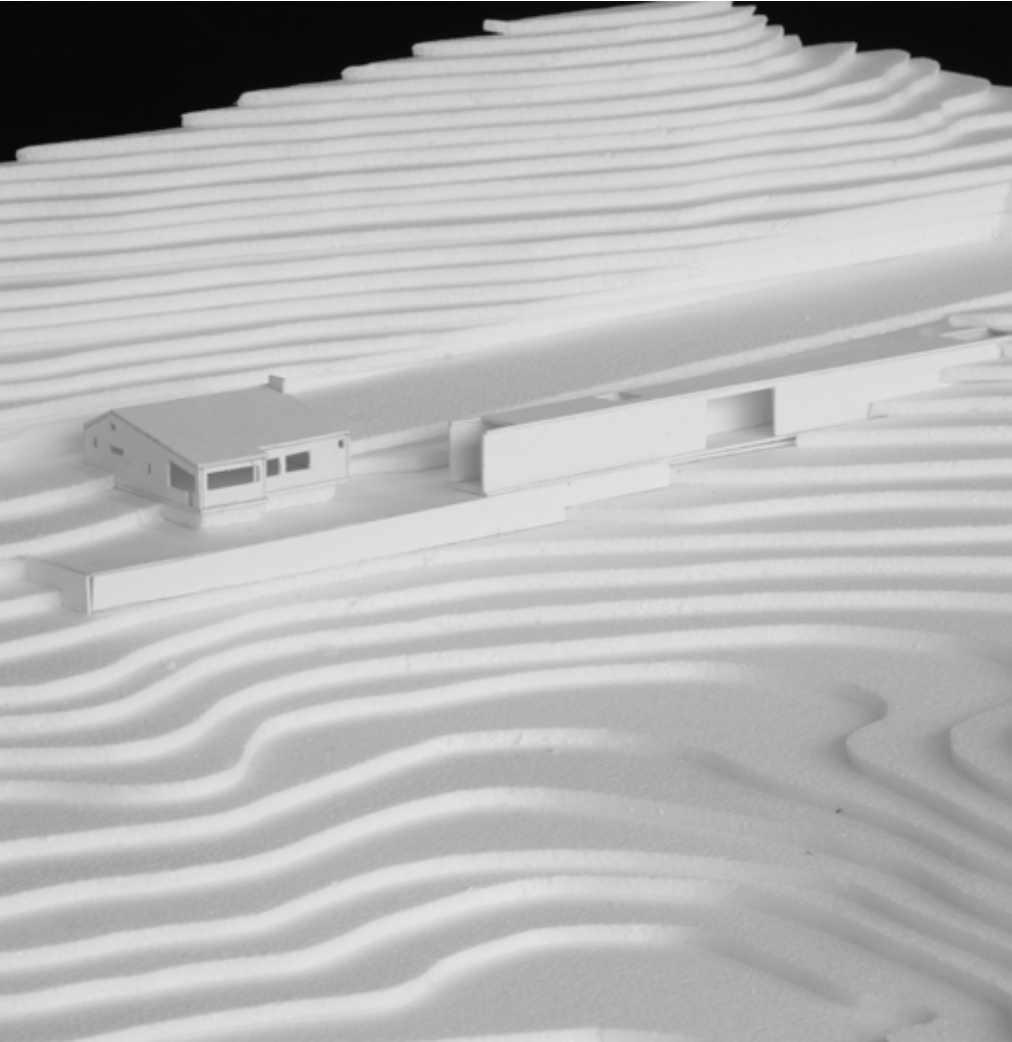
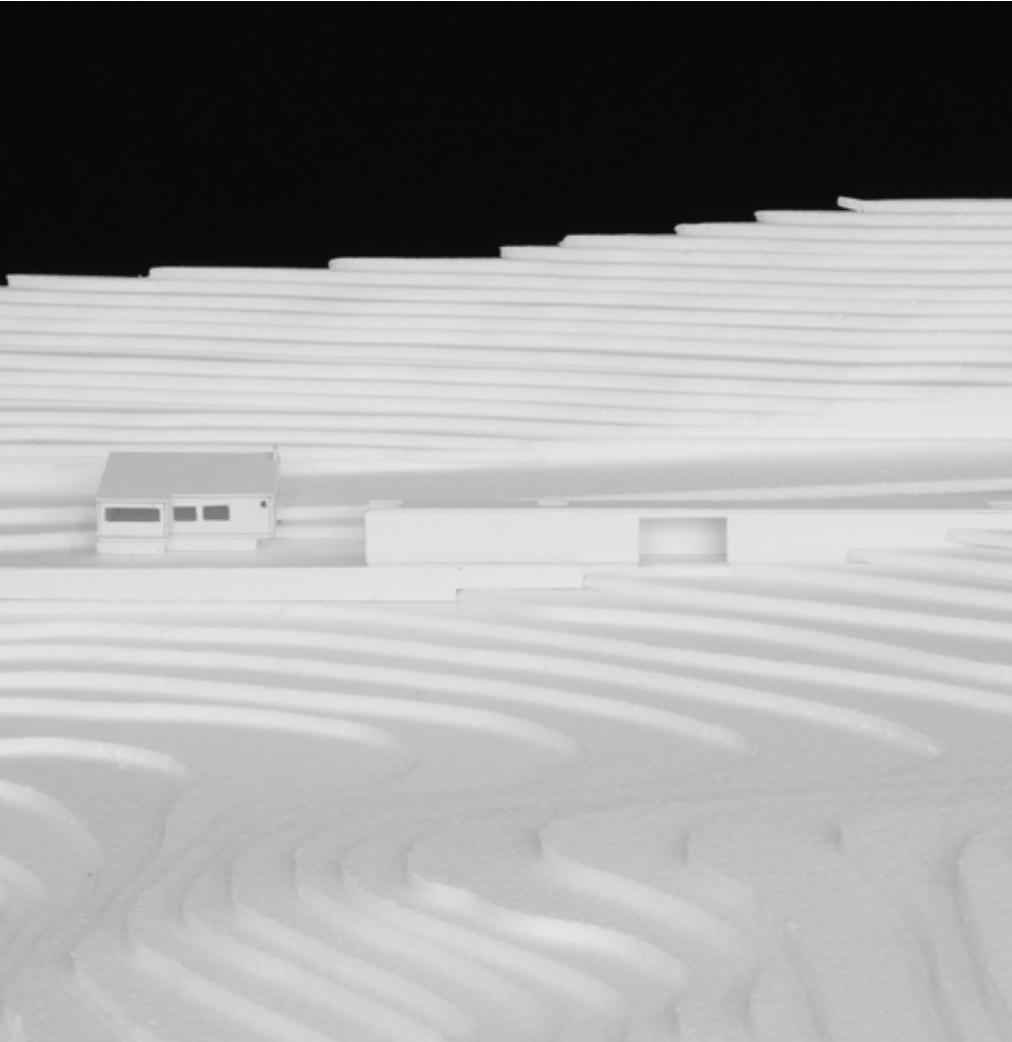
CORTE CONSTRUTIVO

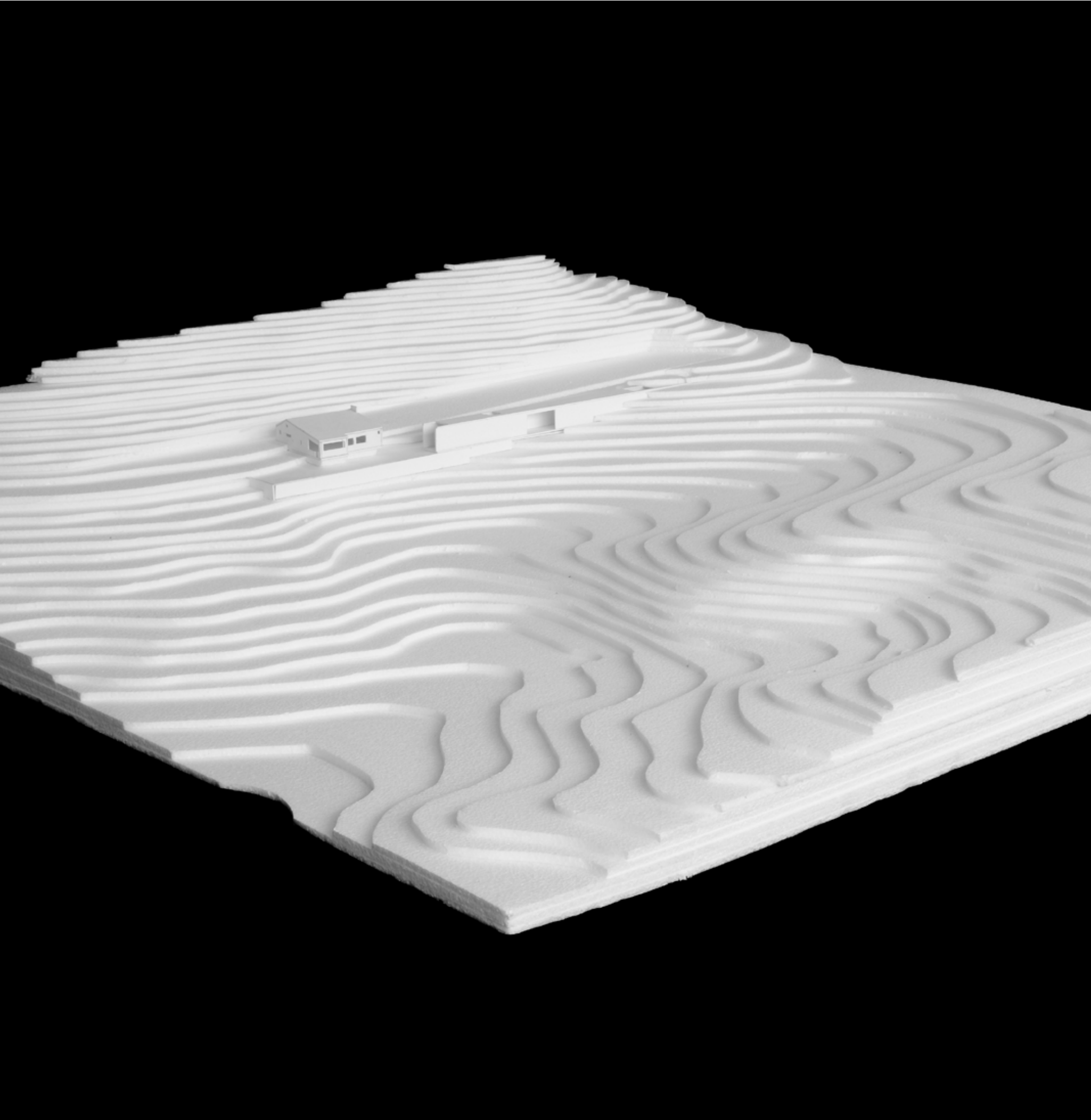
No corte construtivo apresentado, a escolha dos materiais procura equilibrar tradição, desempenho técnico e expressão arquitetónica. A estrutura em betão e massame armado assegura resistência e estabilidade, enquanto as camadas de isolamento térmico e impermeabilização garantem conforto e eficiência energética. O reboco e o estuque contribuem para o acabamento interior, proporcionando continuidade visual e qualidade espacial.

A opção pela tijoleira de Santa Catarina prende-se à sua forte presença em Portugal. Trata-se de um material tradicional, amplamente utilizado na arquitetura vernacular, que confere autenticidade, durabilidade e uma textura quente ao espaço. A sua tonalidade natural reforça a ligação à memória construtiva e cultural do lugar.

Por outro lado, a gravilha foi escolhida para criar um contraste claro entre o interior e o exterior. Enquanto a tijoleira define um espaço mais doméstico e confortável, a gravilha introduz uma linguagem mais bruta e natural, marcando a transição para o exterior. Este contraste material reforça a leitura do limite entre os dois ambientes, valorizando a experiência sensorial e a perceção do espaço.







CASA LIMITE

Clareira
Muro
Limite

Madalena Lemos





Legenda: 01- Casa no Vale Pereiro 02- Casa Dupla 03- Acesso

1 : 500 NØ
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

CLAREIRA
MURO
LIMITE

Historicamente, a clareira constitui um dos primeiros gestos de ocupação do território. Ao abrir um espaço no interior da paisagem natural, cria-se um lugar protegido e reconhecível, onde se tornam possíveis a permanência, o encontro e a vida em comum.

A proposta de intervenção localiza-se em Azeitão, no Parque Natural da Serra da Arrábida, numa ampla clareira da encosta sul. Neste lugar implanta-se a Casa Vale do Pereiro, projetada por Luís Vassalo Rosa, uma habitação rural implantada em patamares, separada da clareira pelo muro que define o espaço doméstico. Este muro define o perímetro da clareira e estrutura a relação entre a casa e o território.

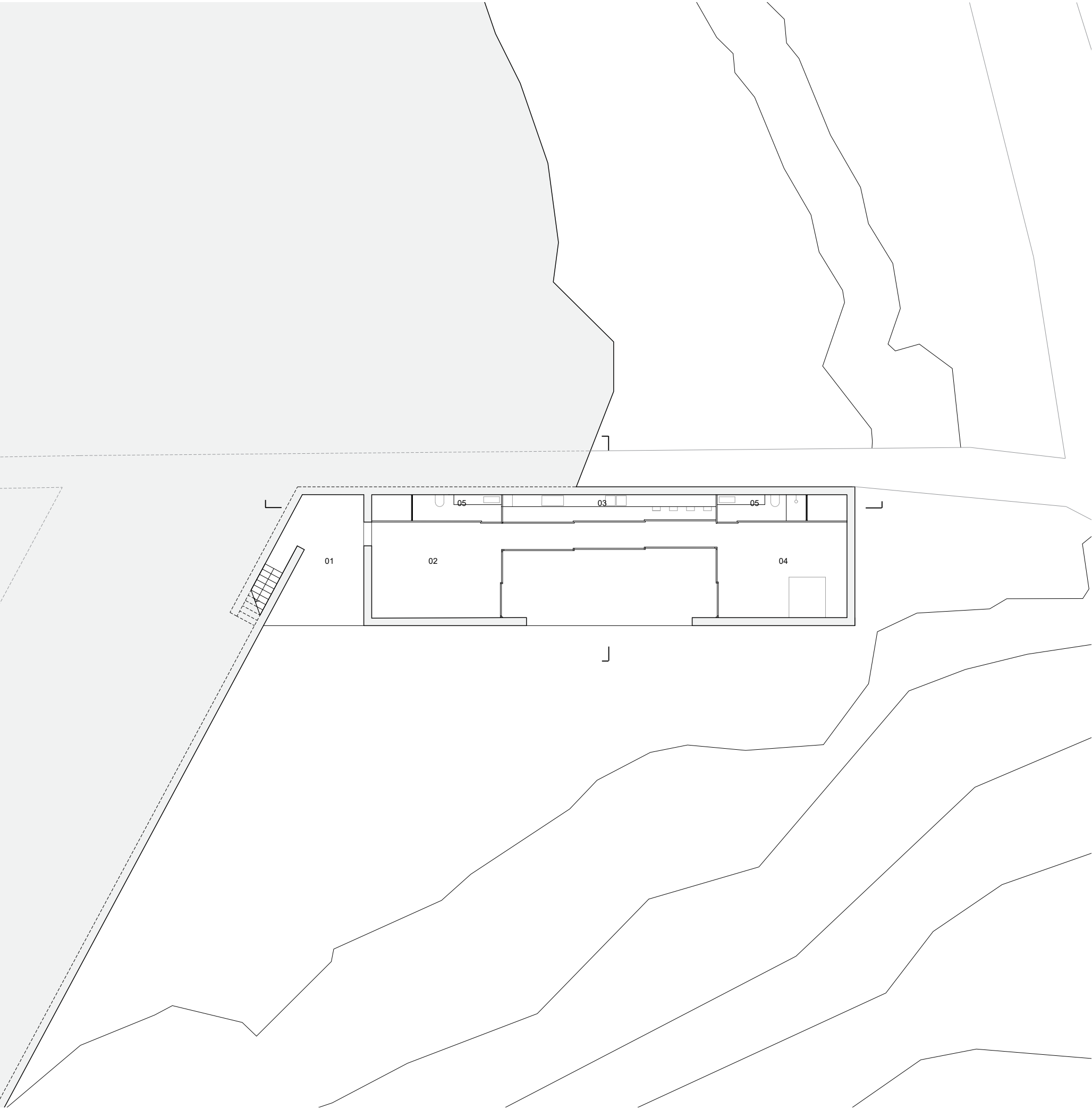
A casa dupla nasce do prolongamento desse muro ao longo do limite da clareira, assumindo a intenção de a fechar e de a tornar um espaço comum às duas casas. Assim, enquanto a casa existente permanece protegida atrás do muro e se relaciona com a clareira pelo olhar, a casa dupla implanta-se para além desse limite e estabelece com a clareira uma relação direta de uso e permanência, afirmando o vazio como espaço central do conjunto.



Fotografia do Muro



Esquema



Legenda: 01- Pátio de entrada da Casa Dupla 02- Area Social 03- Cozinha 04- Quarto 05- I.S.

1 : 100 NØ

PLANTA

A casa dupla resulta da intenção de consolidar um dos limites da clareira, assumindo o prolongamento do muro existente como gesto estruturador do projeto. Este gesto não pretende encerrar o vazio, mas reforçar a sua condição de espaço reconhecível e estruturado.

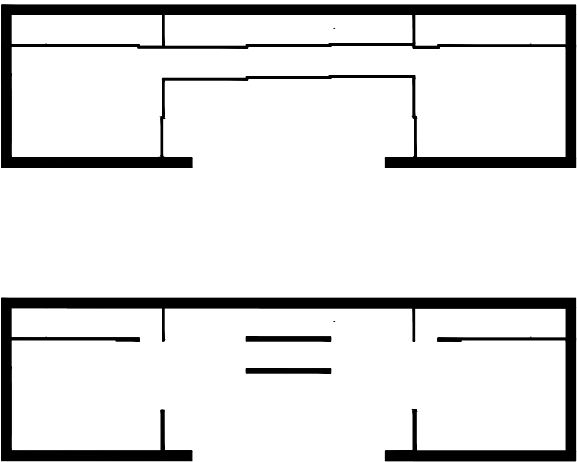
A nova habitação nasce desse muro e organiza-se segundo uma forma em U, voltada para a clareira. Esta configuração estabelece uma relação direta de uso e permanência com o vazio, afirmando-o como centro da vida doméstica.

A organização programática reflete esta lógica. Nas extremidades do U localizam-se a sala e o quarto, definindo dois momentos mais estáveis da casa. Entre estes, as áreas de serviço desenvolvem-se num corpo linear e contido, funcionando como elemento de continuidade ao longo do limite construído.

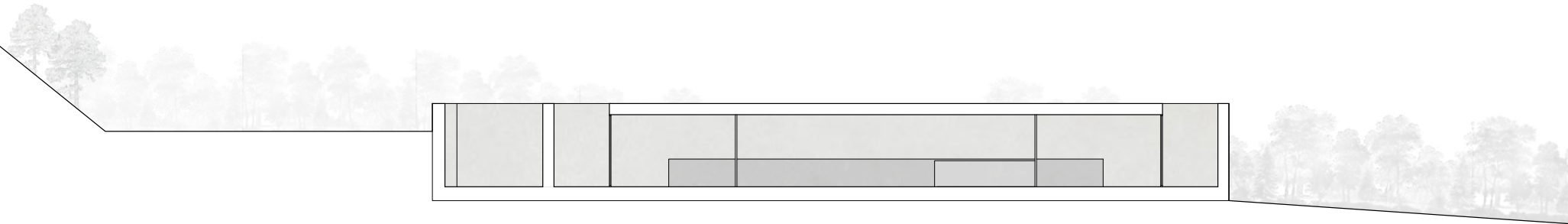
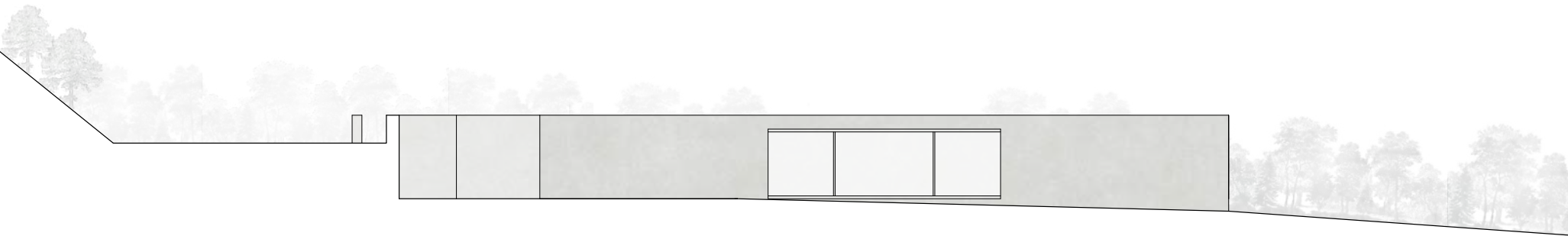
Para o exterior, a casa apresenta-se de forma fechada, reforçando o limite da clareira. Para o interior do vazio, abre-se, permitindo uma relação direta entre interior, exterior e território.

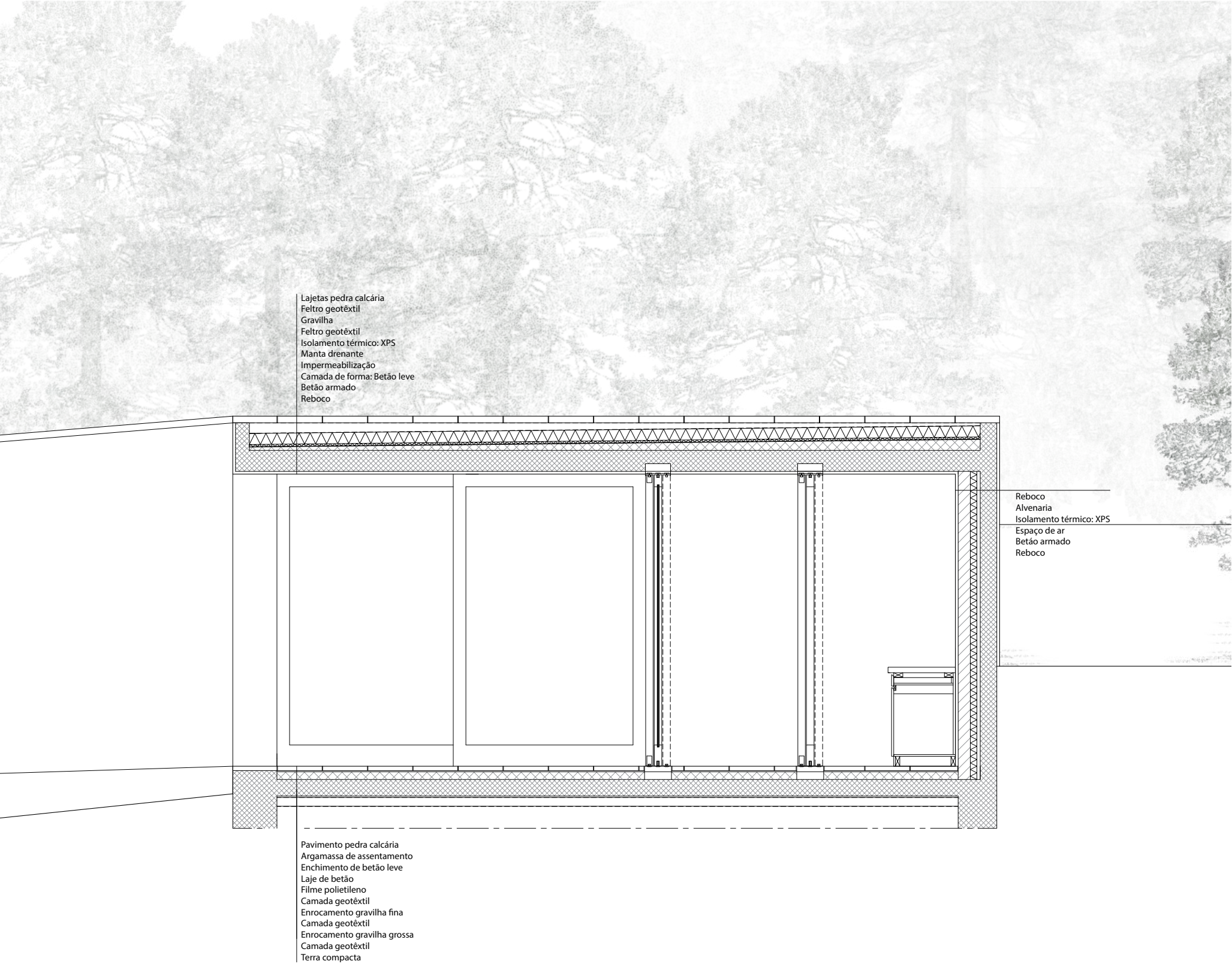


Vista do muro



Esquema

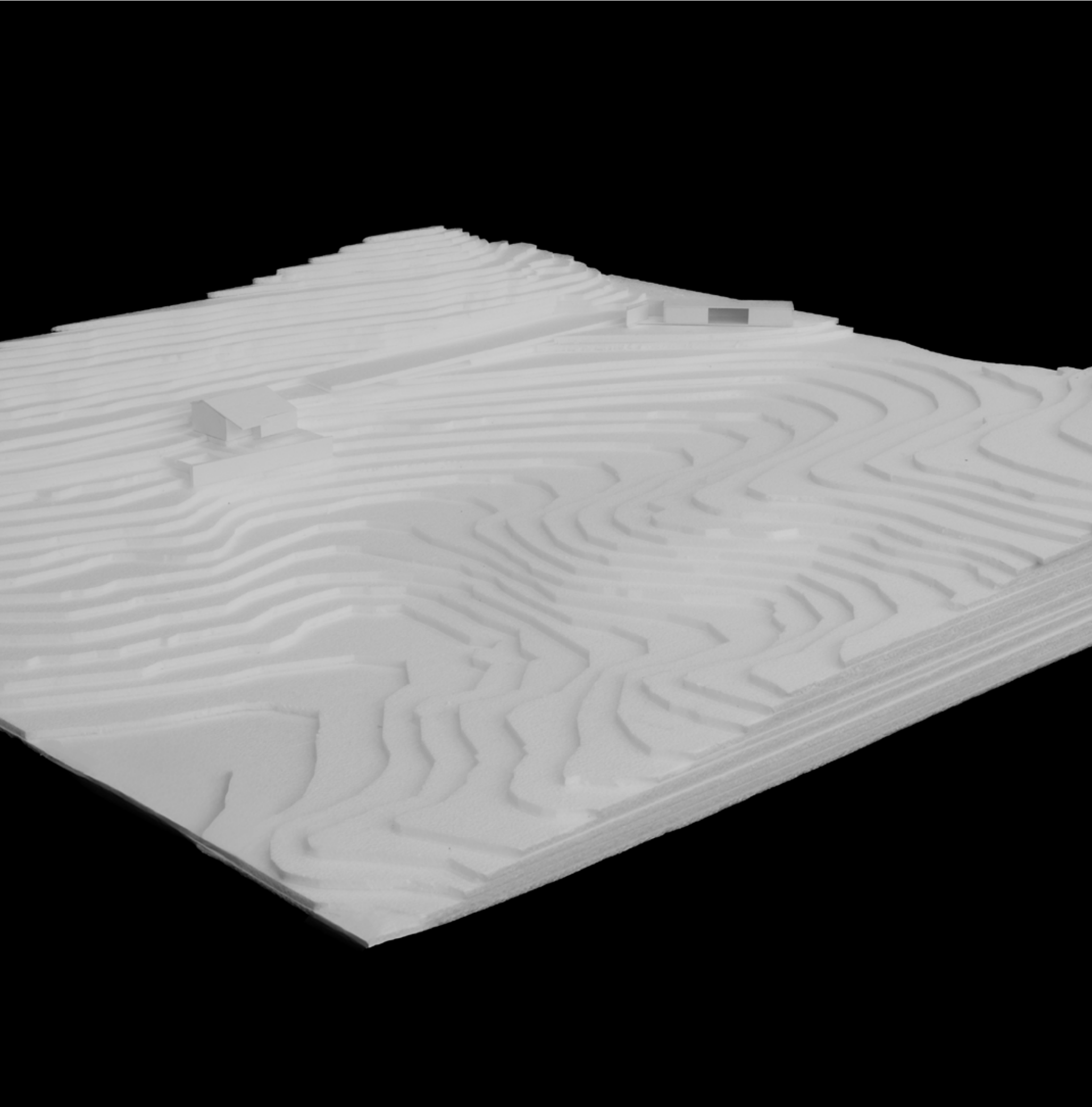


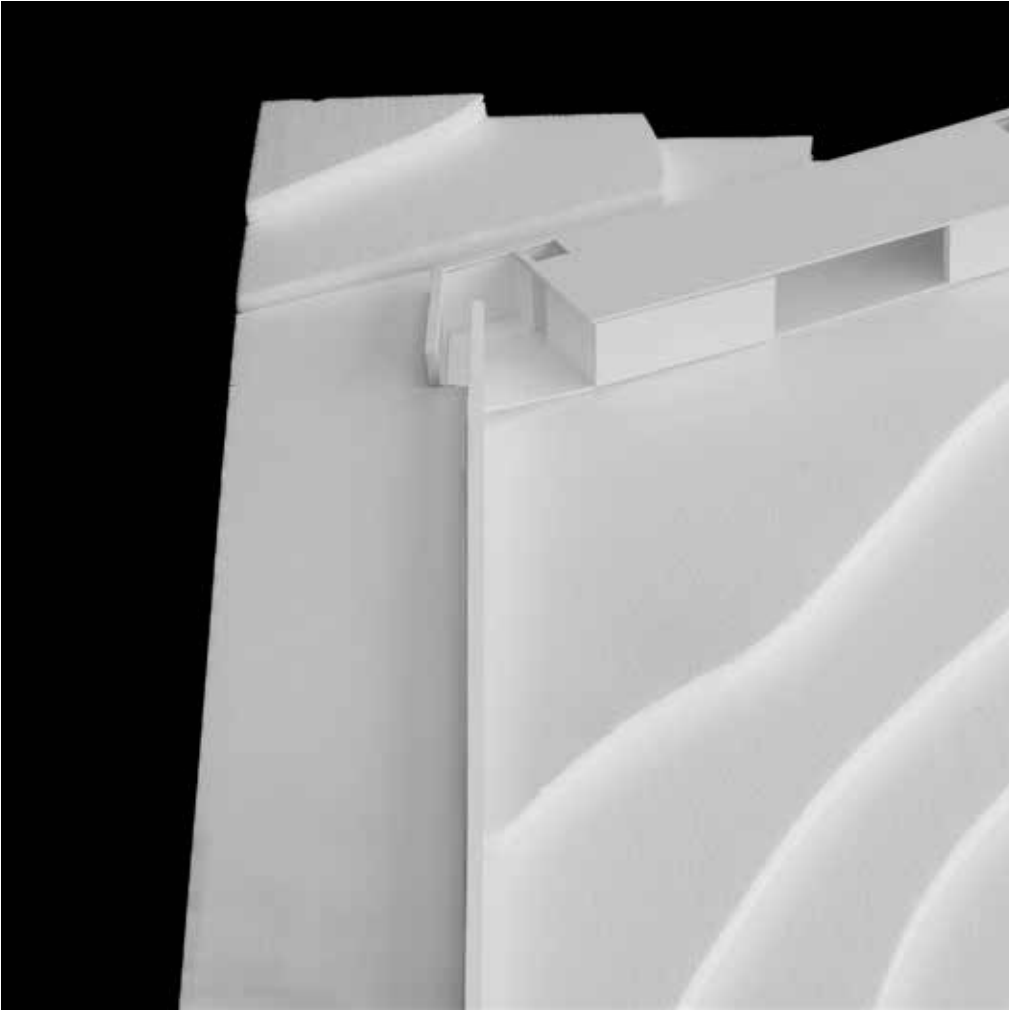
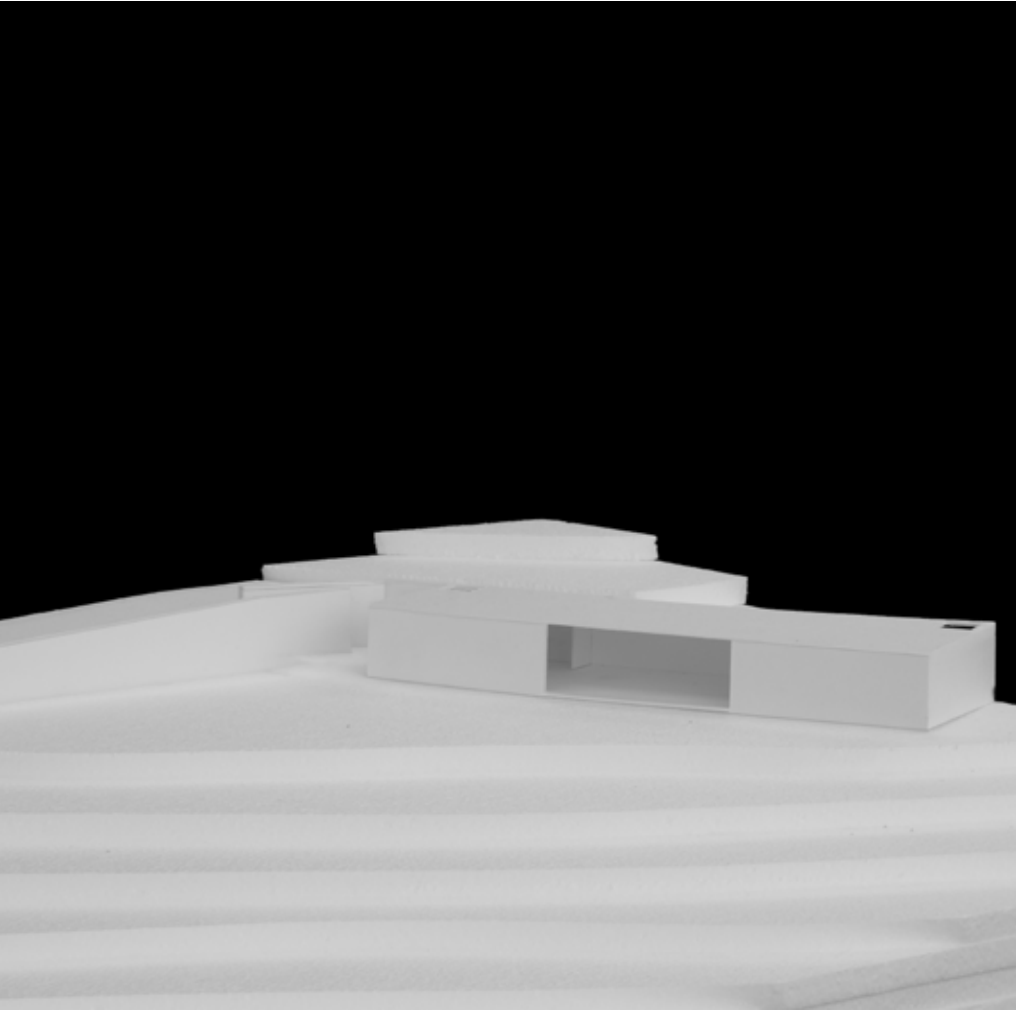
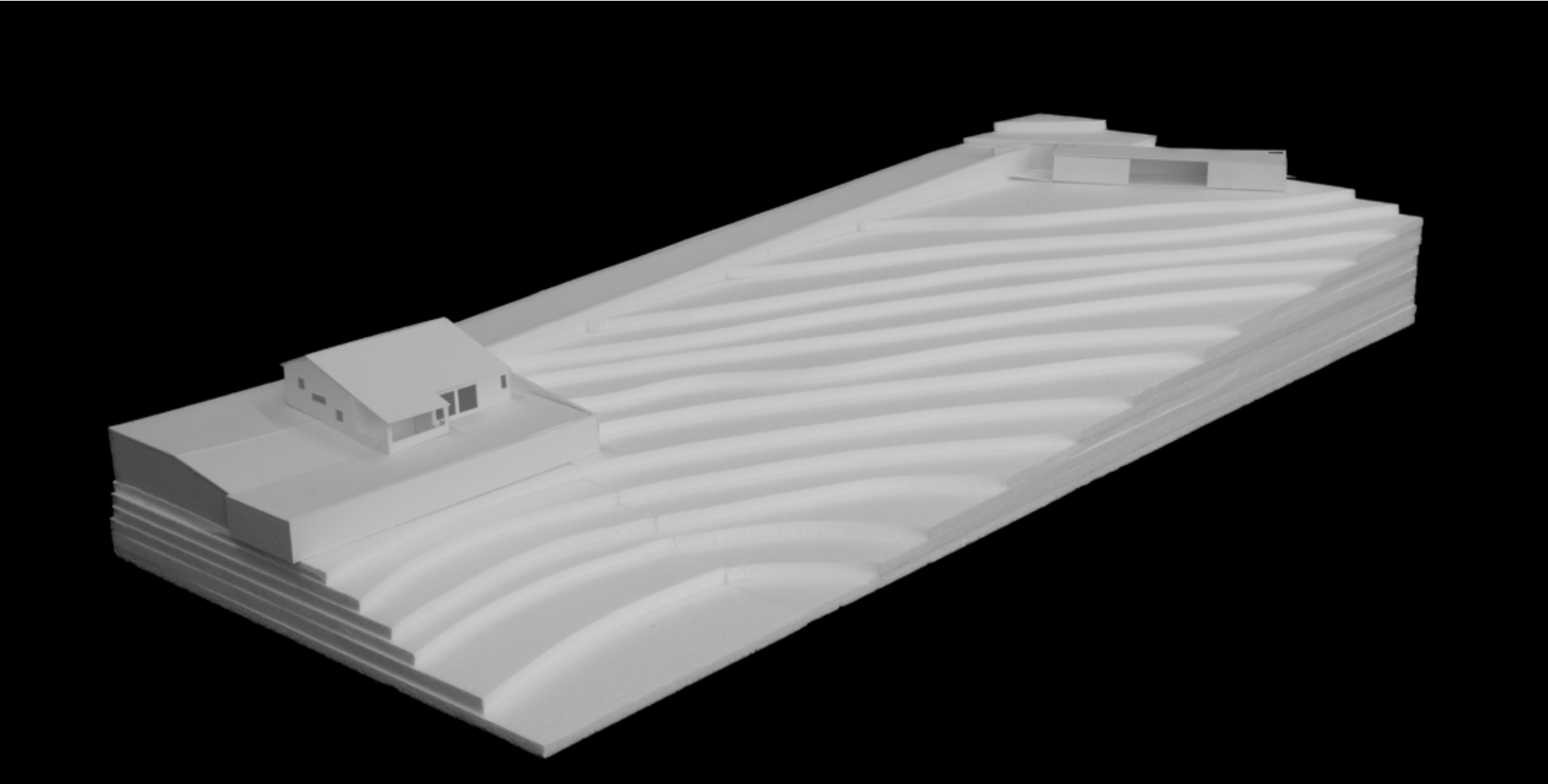


A casa prolonga o muro existente, assumindo a sua materialidade e continuidade como forma de consolidar o limite da clareira. Este elemento define a presença da casa no território e estabelece a sua relação com o exterior.

No interior desse limite, o espaço é organizado por painéis de madeira que definem as divisórias e estruturam a habitação. Estes elementos introduzem uma condição mais leve, em contraste com a solidez do muro.

No limite interior do U, a madeira dá lugar a planos envidraçados, que estabelecem uma relação direta com a clareira. Esta mudança assinala a transição entre um limite que contém e um limite que permite a continuidade visual com o vazio.

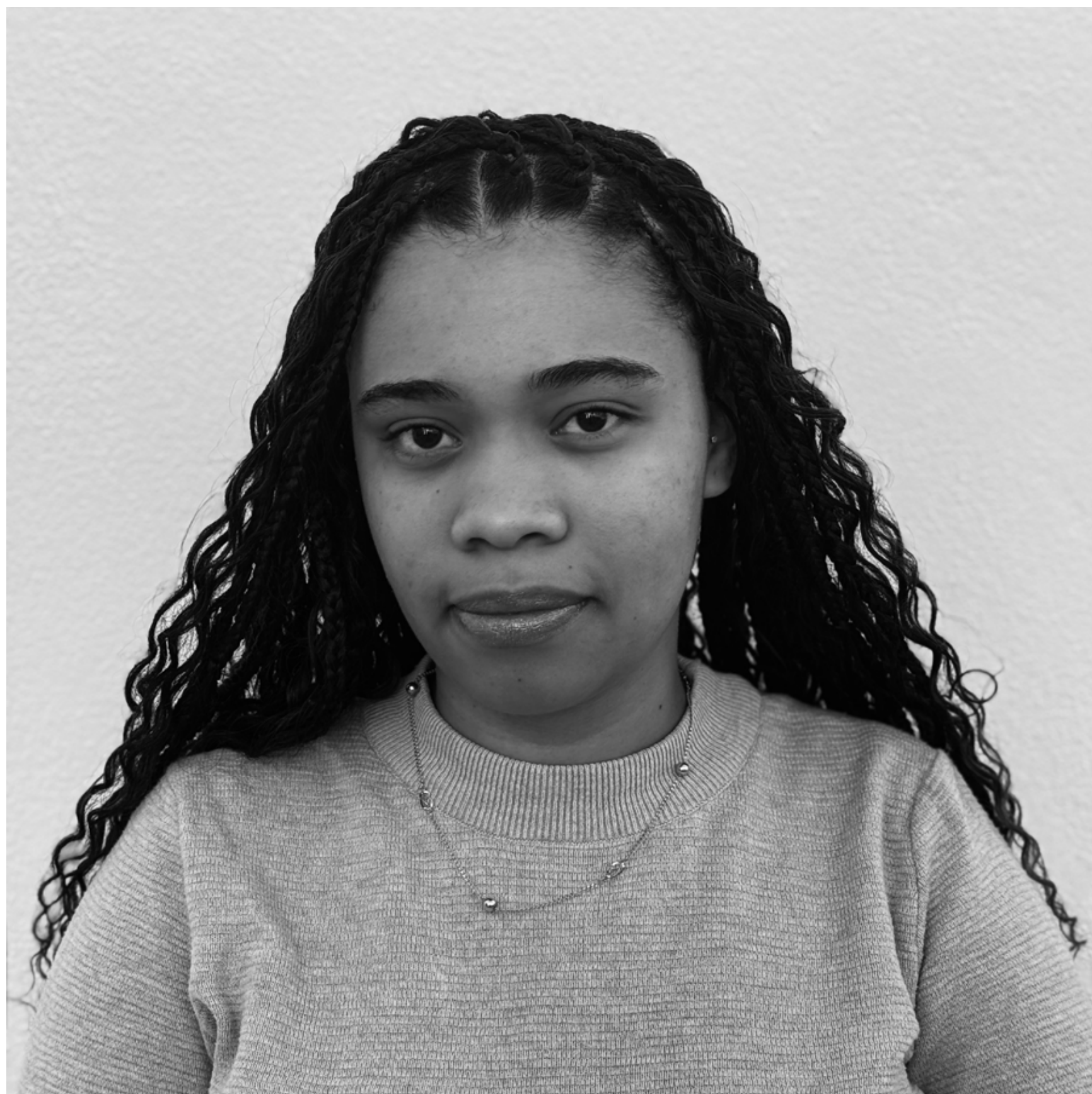


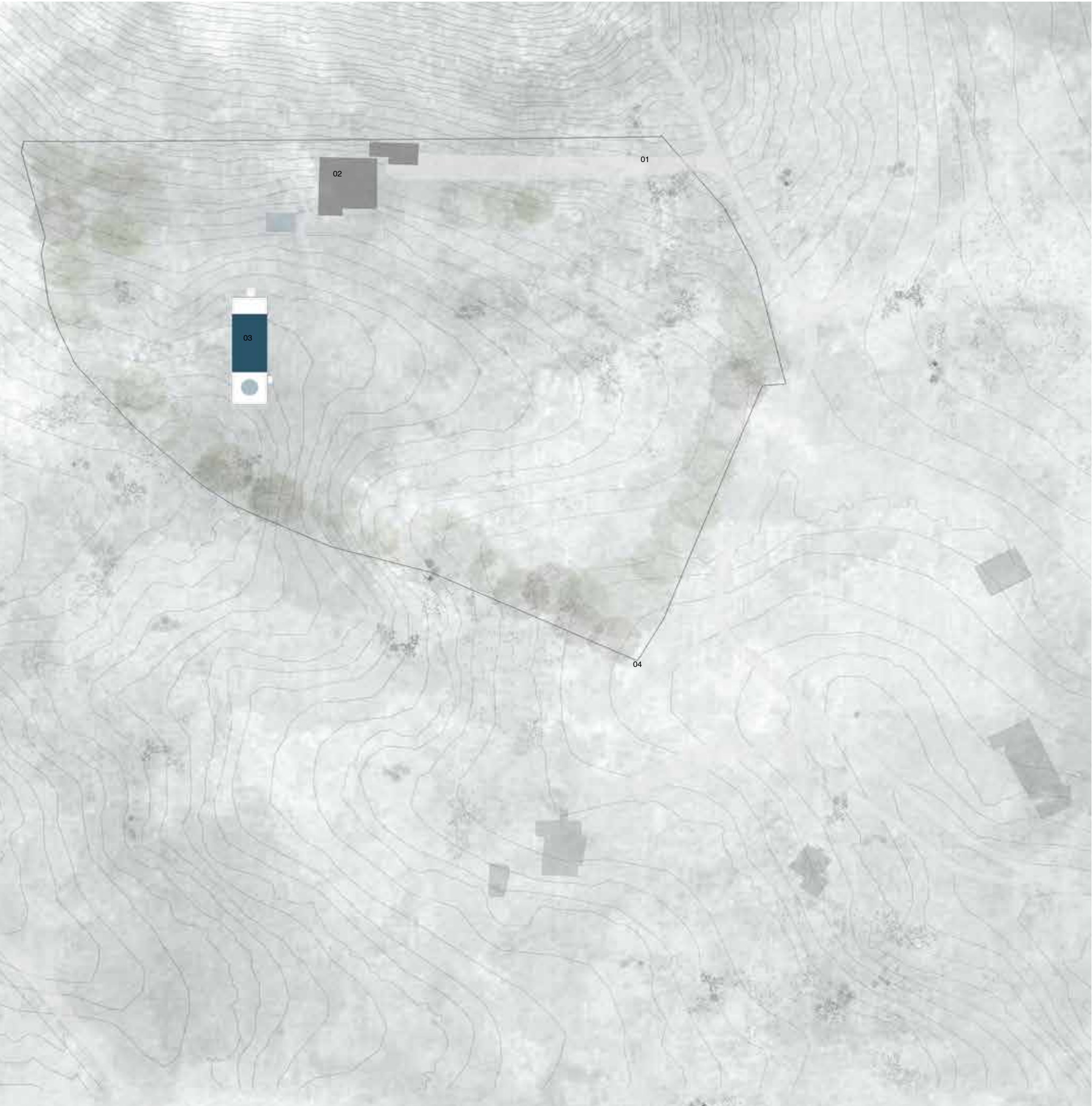


CASA POÇO

Poço
Memória
Introspeção

Margarida Camanda





Legenda: 01- Acesso principal Casa 02- Casa de Vassalo Rosa 03- Casa Dupla 4-Lote da Casa

1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

POÇO

MEMÓRIA

INTROSPECCÃO

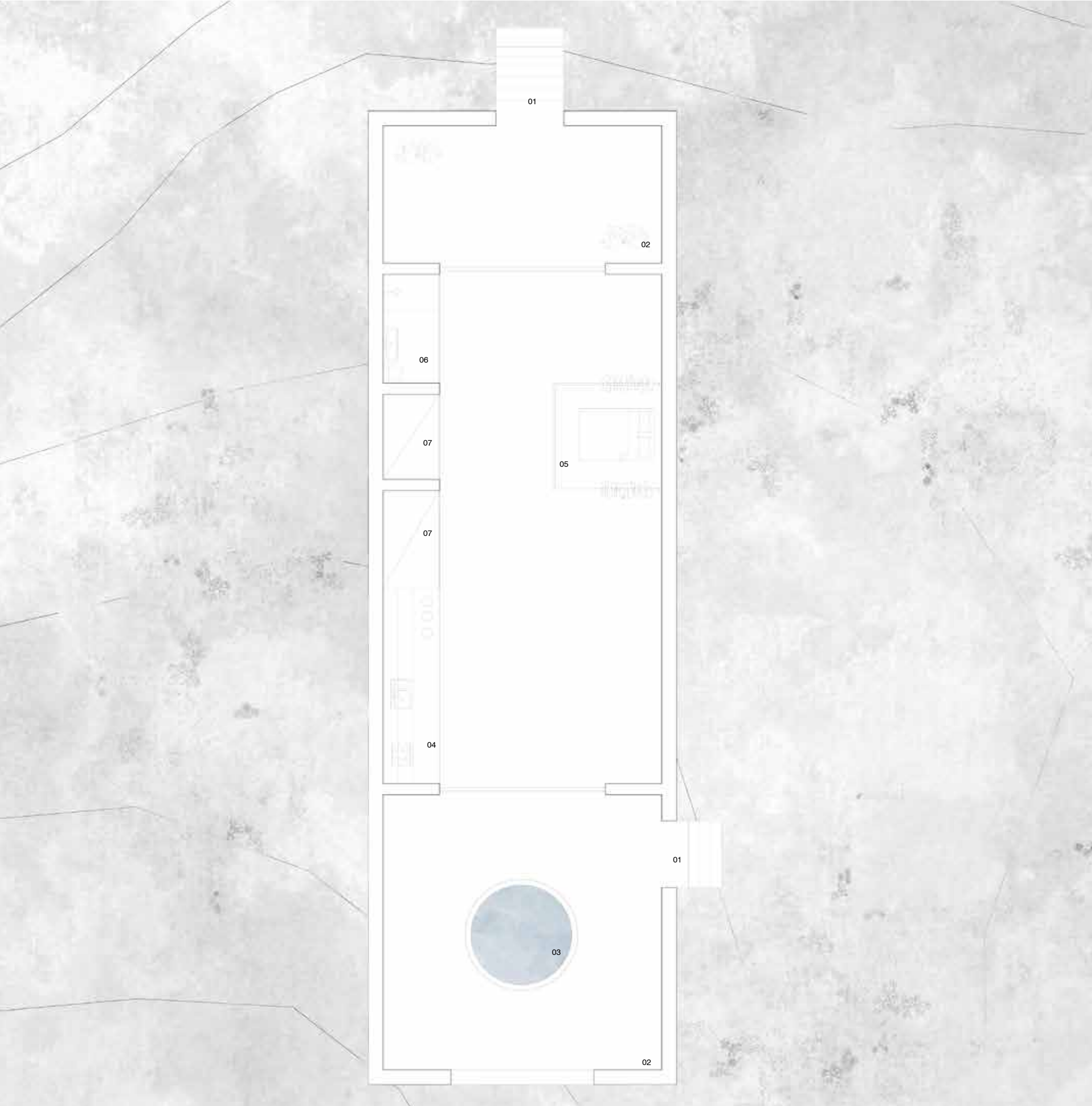
A Casa Val do Pereiro de cima, projetada por Vassalo Rosa, localiza-se na Arrábida, numa área caracterizada por uma topografia marcada e por uma relação direta entre a construção e a paisagem natural. Implantada à superfície, a casa apresenta uma presença clara e reconhecível no terreno, assumindo-se como um volume autónomo e visível na paisagem, afirmando-se como referência no lugar. Para além da habitação, o terreno integra um conjunto de pré-existências, nomeadamente o poço de água, a escada existente e a modelação do terreno, que estabelecem uma ligação à memória do lugar e contribuem para a leitura da topografia. A Casa Dupla implanta-se no mesmo terreno, a oeste da Casa Val do Pereiro, numa zona marcada pela presença do poço existente. A nova intervenção resulta da leitura das pré-existências e da topografia, encaixando-se no terreno de forma contida, sem competir com a presença da casa existente na paisagem. Esta implantação permite manter o poço como elemento autónomo e legível no conjunto, garantindo uma leitura equilibrada da ocupação do terreno.



Fotografia: Leonor Perdigão



Fotografia: Margarida Camanda



Legenda: 01- Acessos 02- Pátios 03- Poço 4-Sala de Estar/ Cozinha 5-Quarto 6-Instalação Sanitária 7-Arrumos

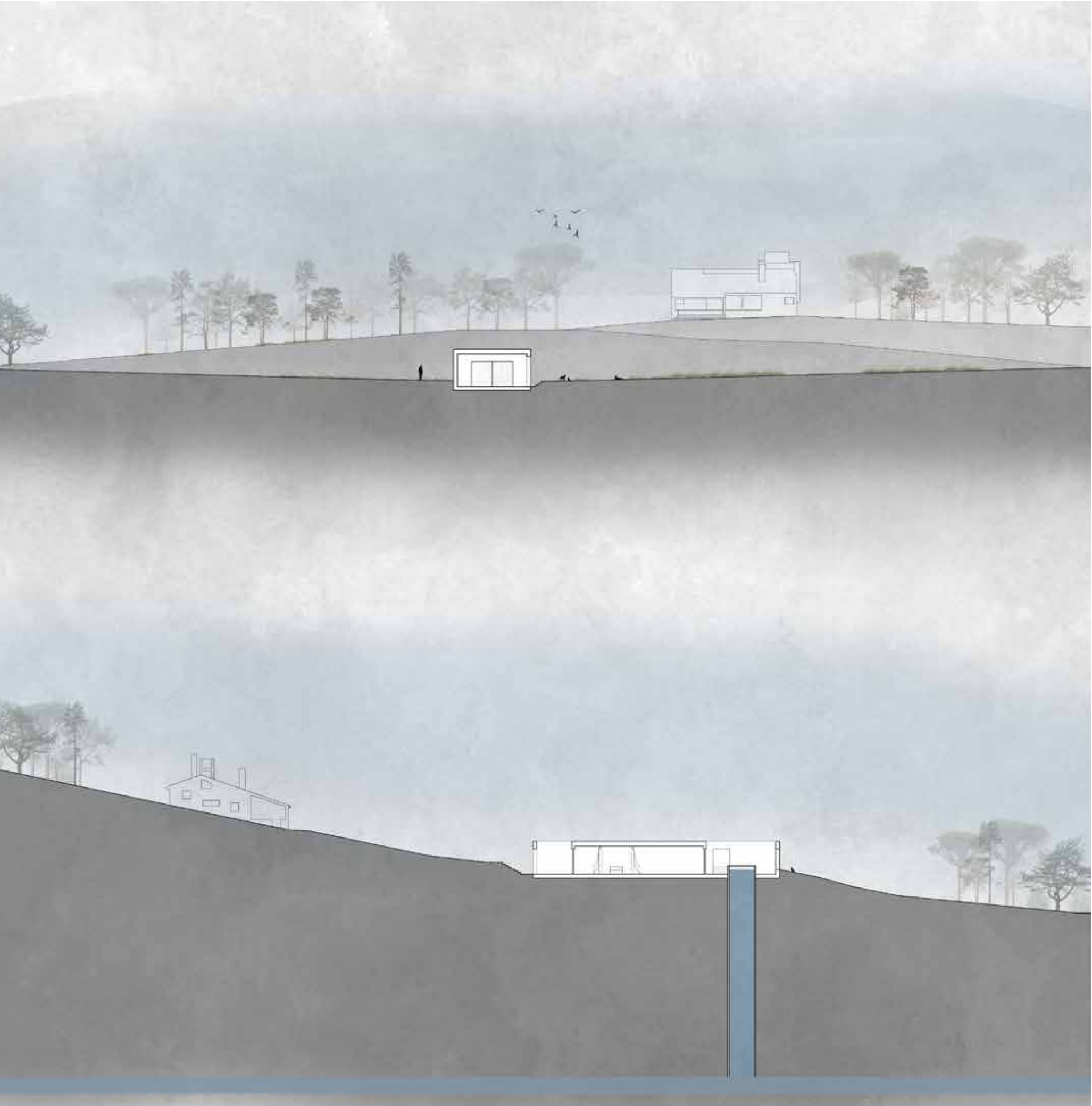
1 : 50 N^o
PLANTA DE PISO

O programa da Casa Dupla organiza-se a partir de um pátio central, onde se localiza o poço existente, assumindo este espaço como elemento estruturante da habitação. A casa dispõe de dois acessos, sendo um deles realizado através deste pátio, que funciona como espaço de transição entre o exterior e o interior. O pátio do poço assume-se como um espaço de observação, estabelecendo uma relação direta tanto com o poço como com a paisagem da Arrábida, através de uma abertura orientada para o exterior. Este espaço insere-se na zona social da casa, concentrando os principais momentos de permanência e relação com o lugar. Existe ainda um segundo pátio, associado ao outro acesso, que reforça a entrada de luz e permite igualmente uma relação visual com a janela orientada para a paisagem, contribuindo para a continuidade visual e espacial entre os diferentes espaços exteriores da casa. A organização interior desenvolve-se de forma contínua, integrando sala, cozinha e quarto num espaço único, sem compartimentações fixas. A separação entre os diferentes usos é assegurada de forma flexível, permitindo uma circulação livre e uma leitura clara do conjunto. A presença do poço prolonga-se para o interior da habitação através de um vão envidraçado, garantindo a sua leitura constante a partir do espaço habitável e reforçando a relação entre o interior, o pátio e o elemento central do projecto



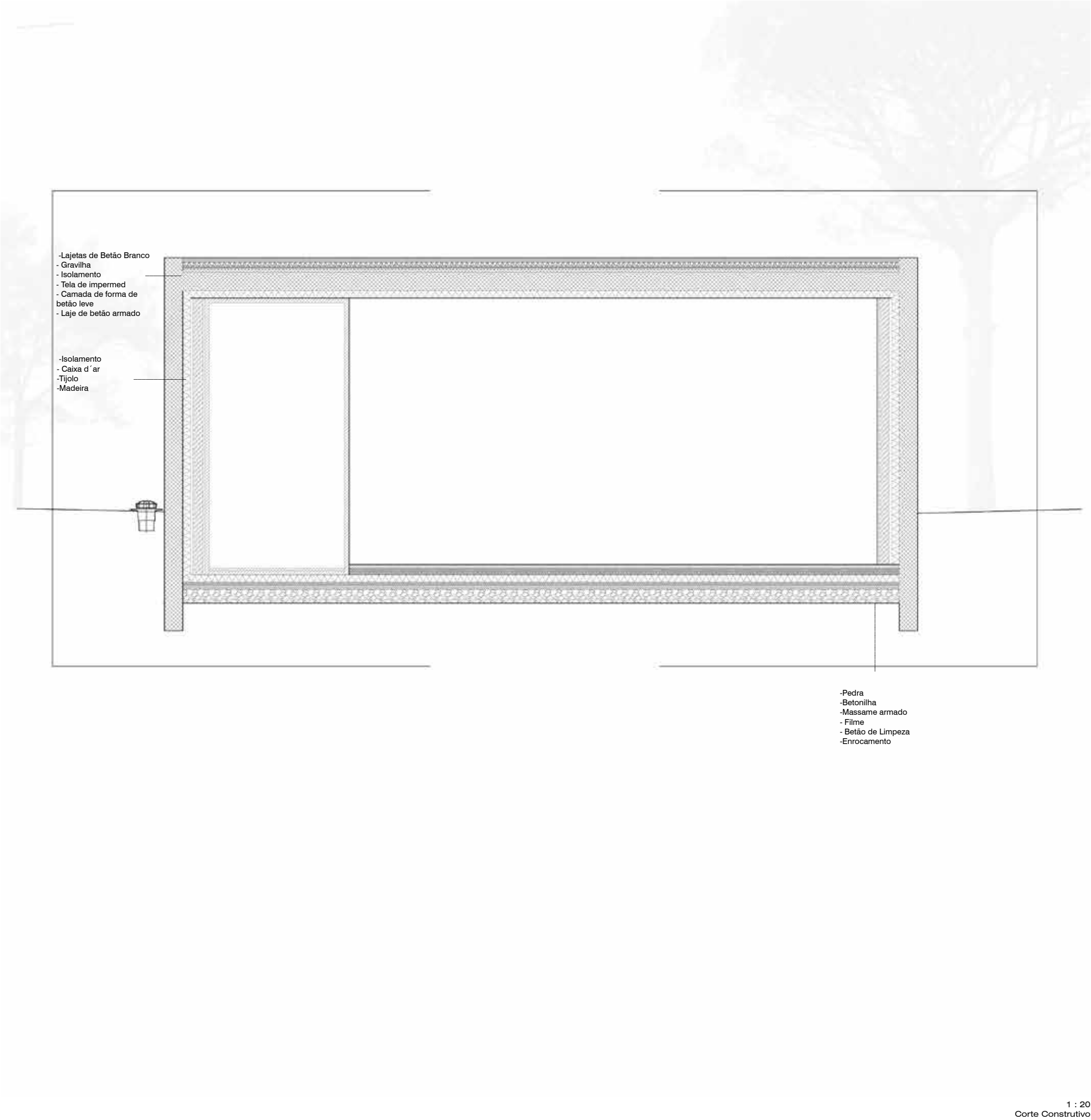
Esquema

Fotografia: Margarida Camanda

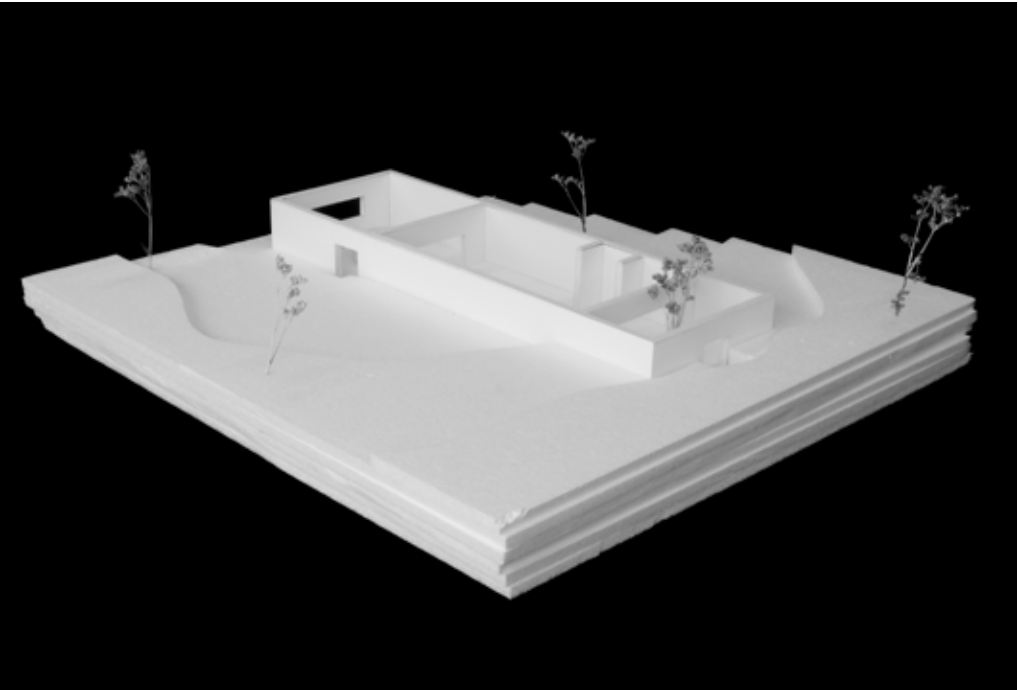
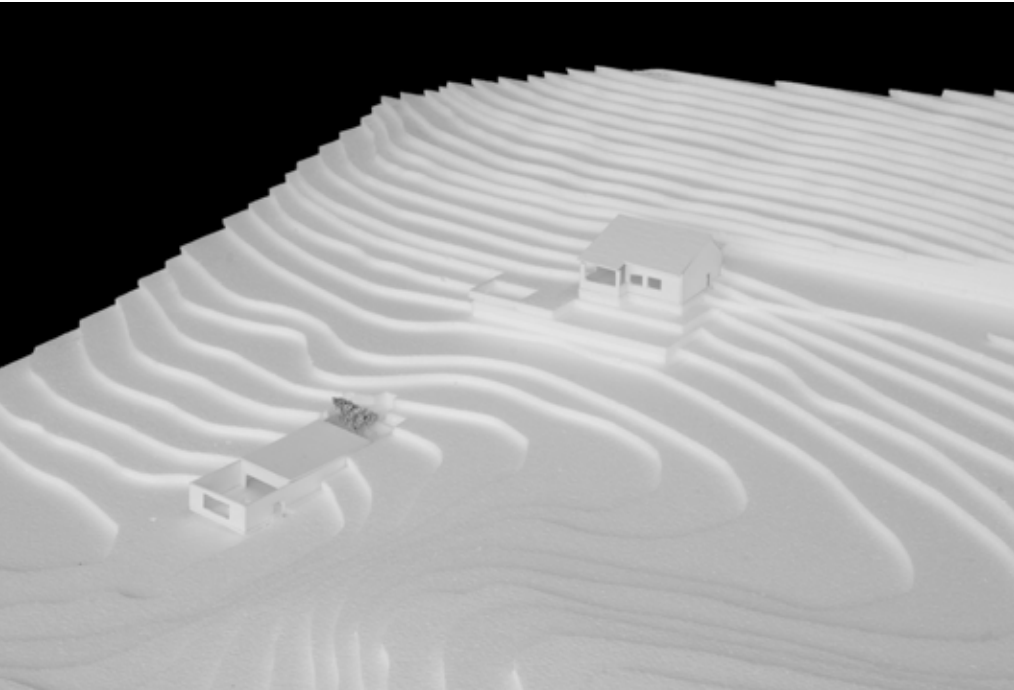
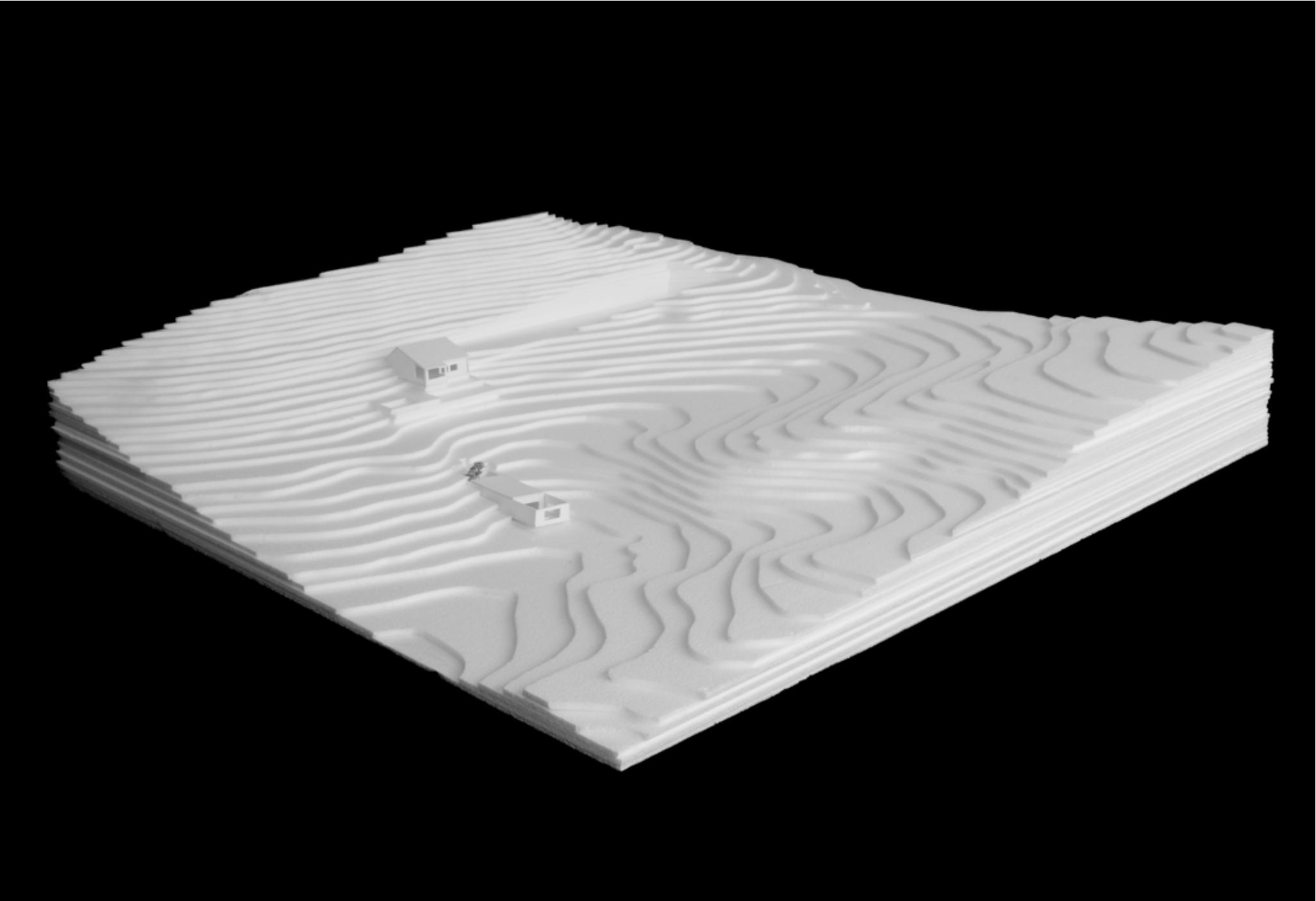


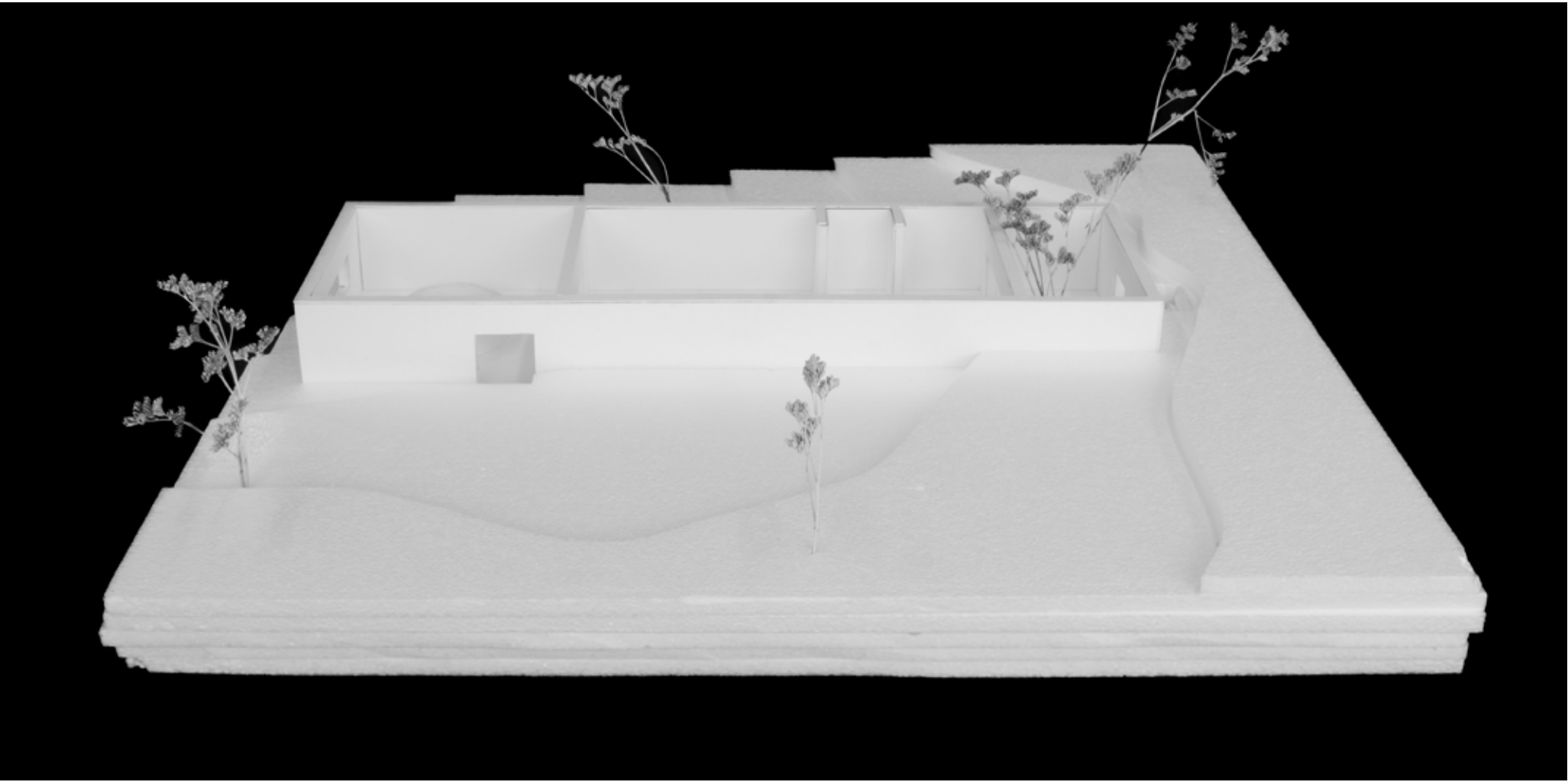
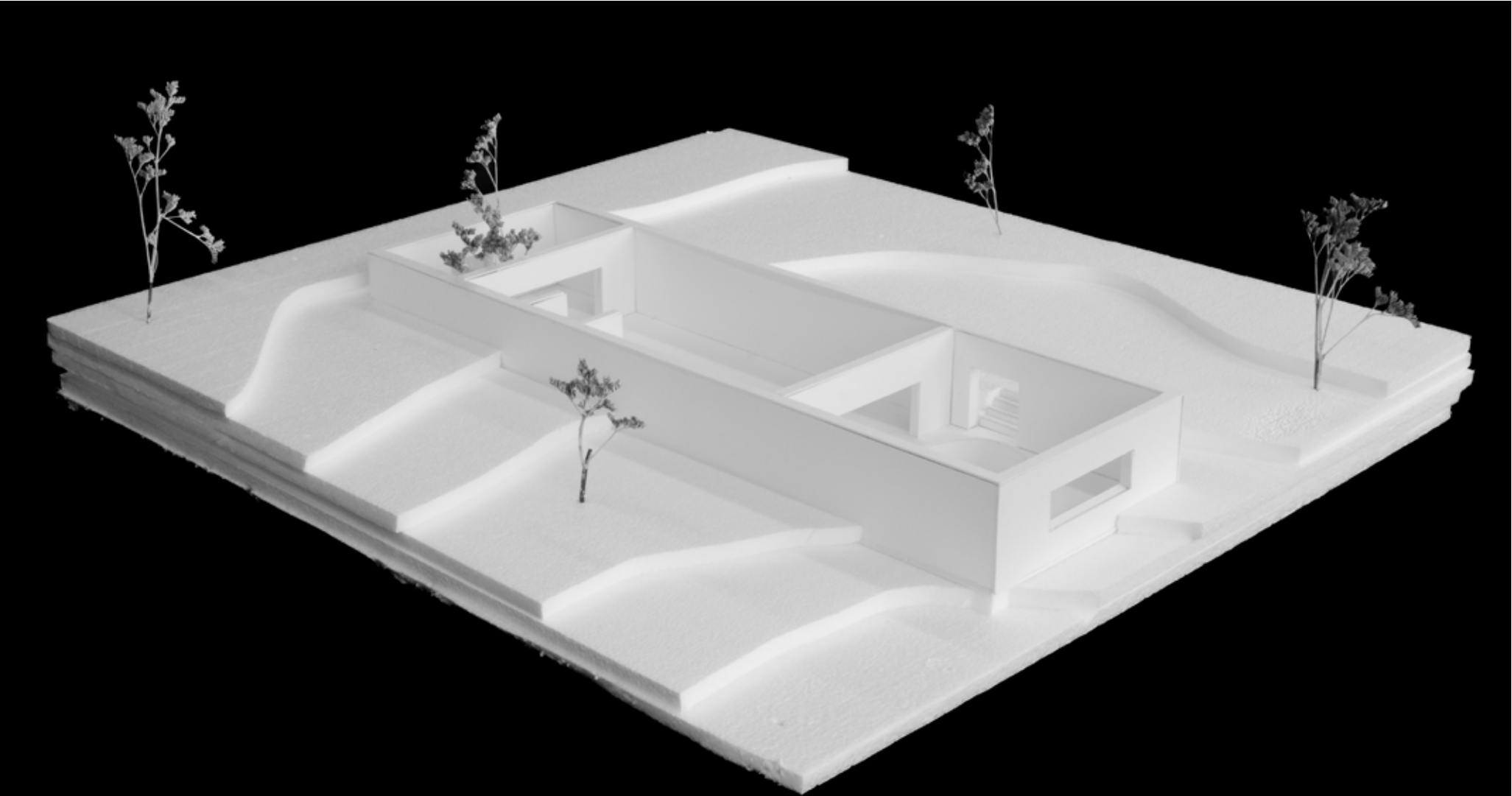
1 : 200
CORTES

A Casa Dupla desenvolve-se de forma encaixada no terreno, acompanhando a topografia existente e assumindo uma presença contida na paisagem. A implantação procura reforçar a relação com o solo e com as pré-existências, evitando uma afirmação volumétrica excessiva. O poço assume um papel central na organização da habitação, funcionando como elemento estruturante do projecto. A sua presença orienta a disposição dos pátios, dos acessos e dos espaços interiores, mantendo-se sempre legível e autónomo. A entrada de luz natural é assegurada exclusivamente através de pátios de céu aberto, que permitem uma iluminação direta e controlada dos espaços interiores. Estes pátios estabelecem uma relação contínua entre o interior da casa, o poço e a paisagem envolvente, reforçando a leitura do espaço e a vivência introspectiva da habitação.



A solução construtiva da Casa Dupla baseia-se numa estrutura em betão armado, assumido de forma aparente, garantindo continuidade estrutural e uma relação direta com o terreno. As paredes em betão branco reforçam a leitura unitária do espaço interior e contribuem para a reflexão e difusão da luz natural proveniente dos pátios de céu aberto. A pedra é utilizada no pavimento, assegurando durabilidade e reforçando a ligação ao solo e às pré-existências do lugar. No poço, mantém-se o material existente, preservando a sua materialidade original e a memória associada a este elemento. A madeira é introduzida nos elementos de mobiliário fixo interior, como armários e bancadas, funcionando como material de conforto e contraste face à materialidade mais pesada do betão e da pedra. A combinação destes materiais resulta numa solução construtiva simples e coerente, onde cada material assume um papel específico, reforçando a relação entre estrutura, espaço e pré-existência



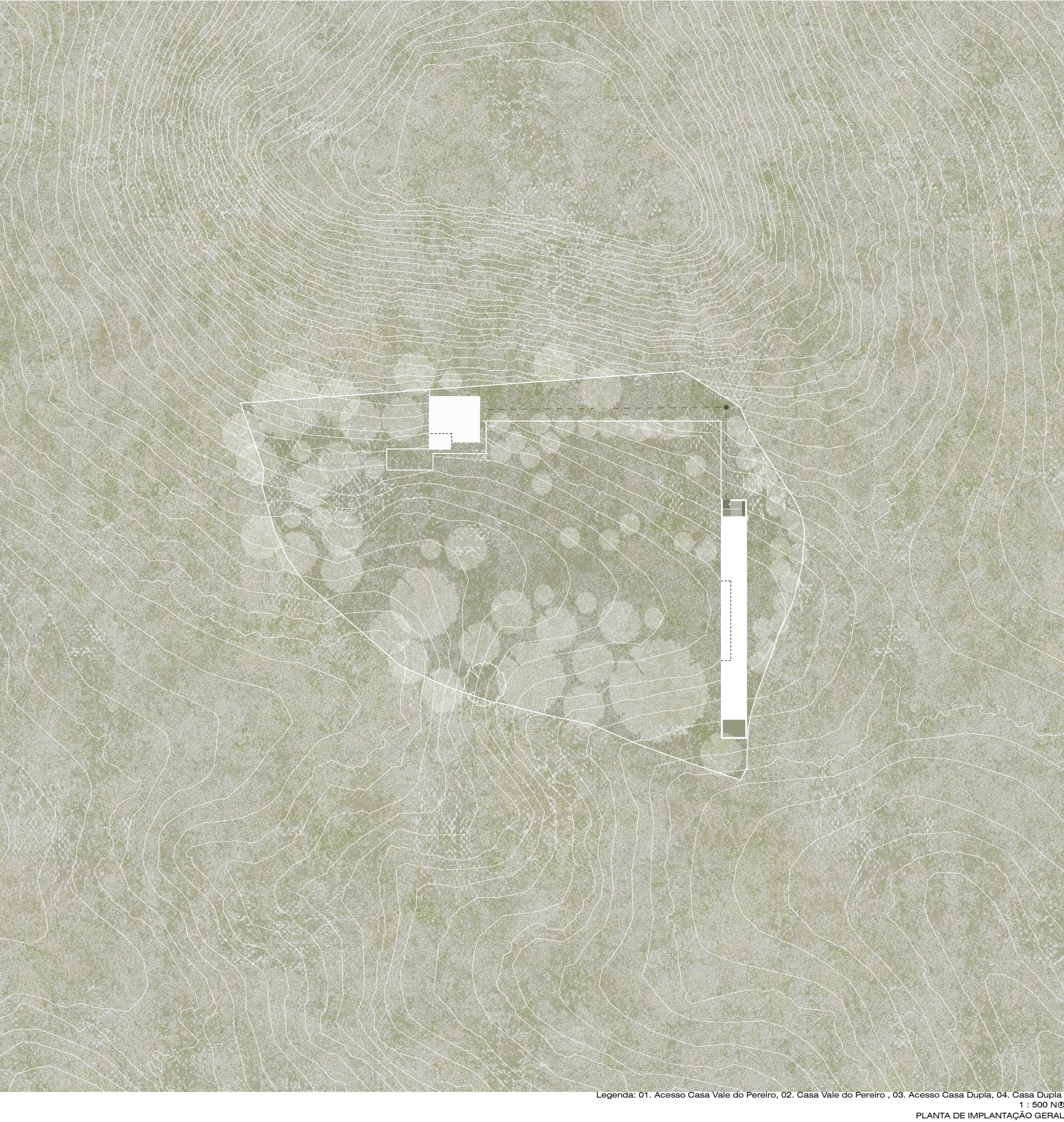


CASA VALE

Vale
Pórtico
Informalidade

Marta Passos





VALE
PÓRTICO
INFORMALIDADE

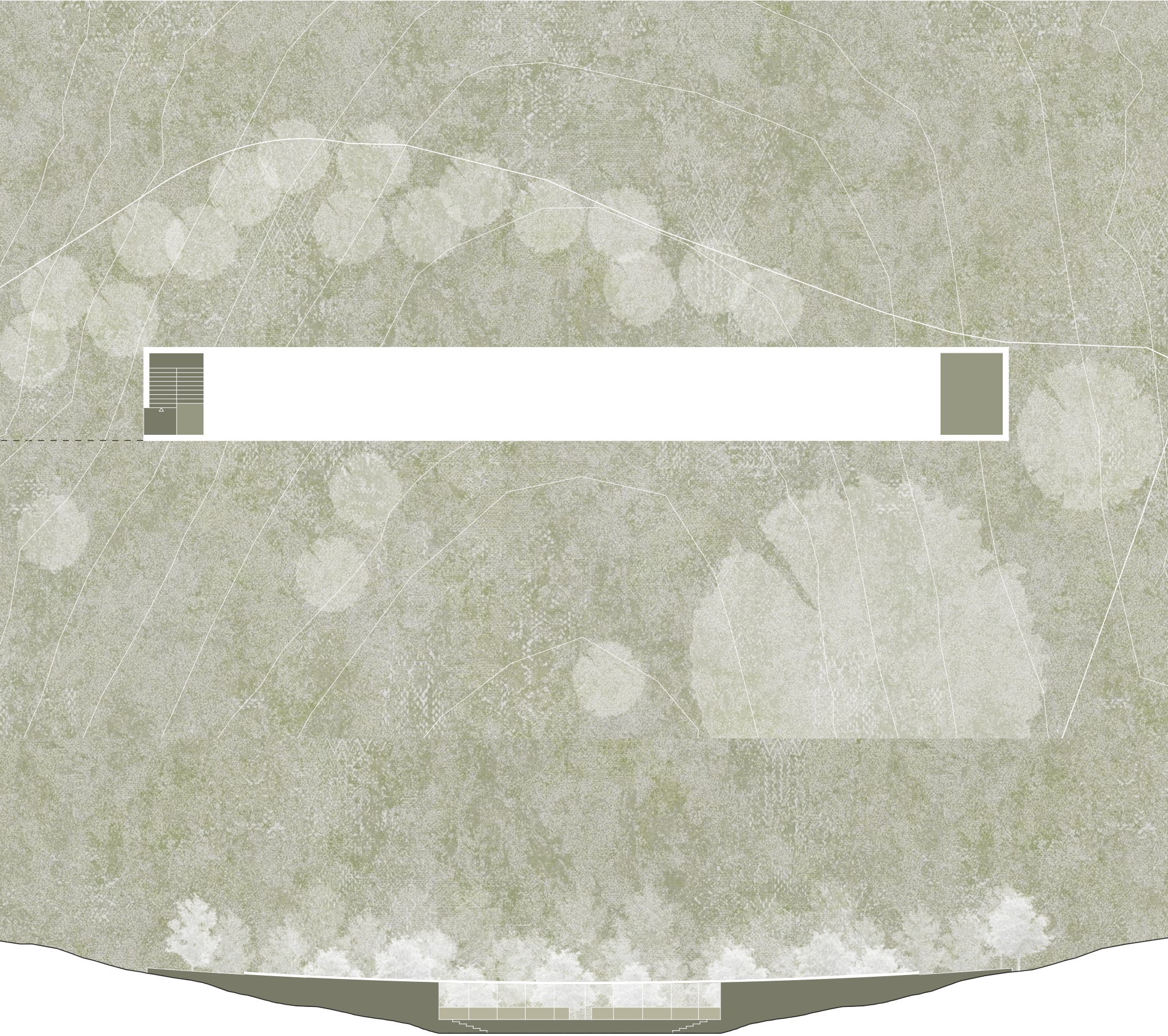
A Casa Vale do Pereiro de Cima, localizada no Vale do Pereiro de Cima, foi projetada pelo arquiteto Luís Vassalo Rosa, para servir como um refúgio tanto para o próprio como para a família. Uma casa de carácter rural, integrada num local que se abre à paisagem. Construída entre 1974 e 1976, a casa adapta-se ao terreno em vez de o transformar, organizando-se em patamares que acompanham o declive natural e reduzem ao mínimo a intervenção na topografia. A casa trabalha com variadas perspetivas, tanto afastadas como aproximadas e o novo estudo baseia-se em criar um projeto que honre esse mesmo atributo, mas contrariando-o a certo ponto. Enquanto a casa existente trabalha com perspetivas para fora do vale, a casa dupla irá trabalhar com a perspetiva do vale.



Perspetiva Casa Dupla (Autor: Diogo Morgado)



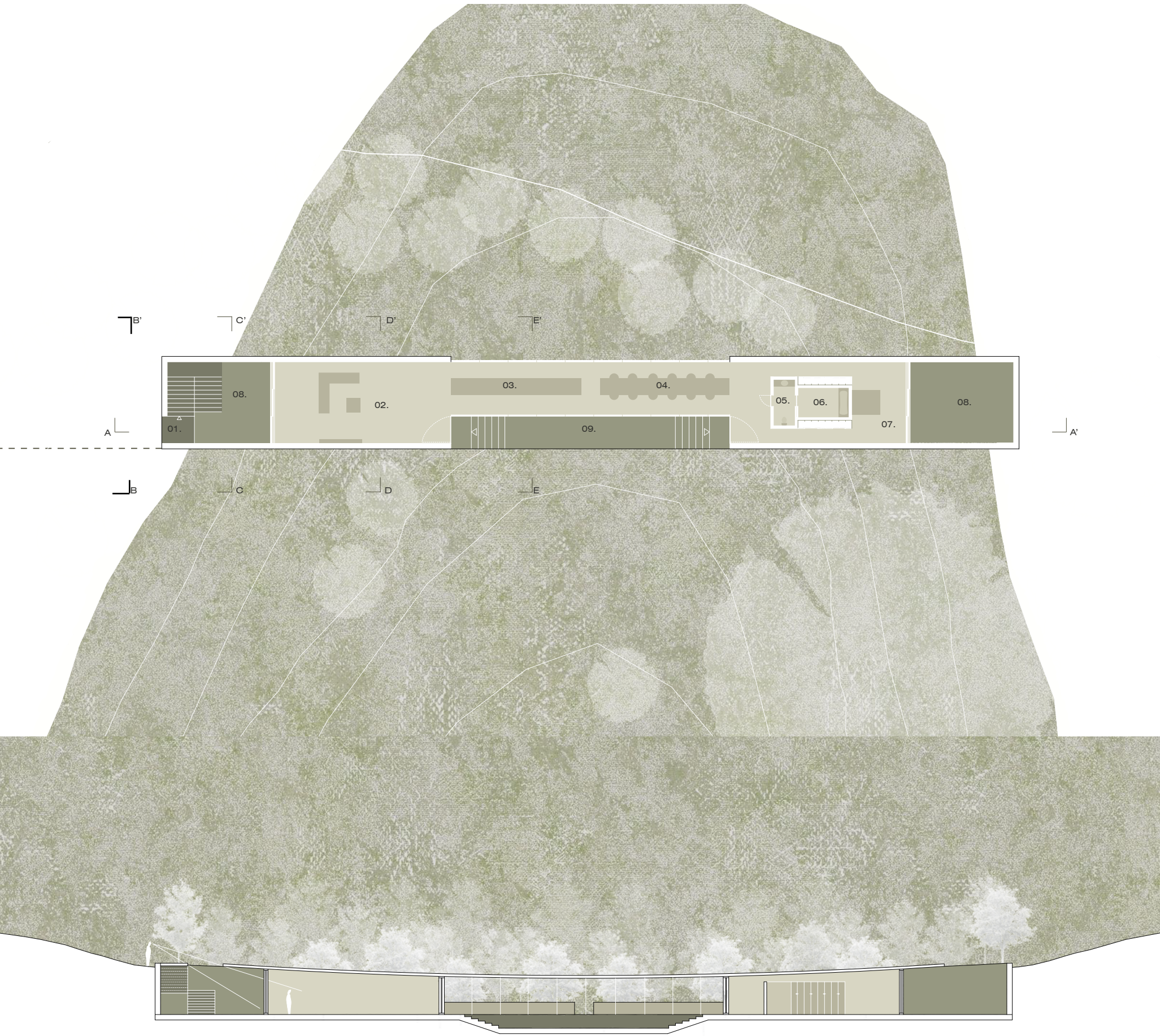
Perspetiva Casa Vale do Pereiro (Autora: Madalena Lemos)



1 : 150

PLANTA DE COBERTURA E ALÇADO POENTE CASA DÚPLA

A Casa Dupla surge da exploração da perspetiva como instrumento fundamental para a leitura da paisagem, assumindo-se como um diálogo com espaço. O projeto estabelece um contraponto consciente à Casa do arquiteto Luís Vassalo Rosa, não como um gesto de oposição formal, mas como estratégia complementar de interpretação do lugar. Enquanto a perspetiva da casa do arquiteto se orienta a sul, para fora do vale em direção à Serra da Arrábida, a casa dupla orienta-se a poente, invertendo a lógica e guiando o olhar para o interior do vale. A Casa Dupla reforça uma relação mais introspetiva com a paisagem, privilegiando a continuidade visual com a topografia e a leitura visual do terreno. A implantação do edifício adapta-se em resposta à topografia, promovendo uma transição suave entre a casa e o solo, reforçando a sensação de pertença ao lugar.



Legenda: 01. Acesso Casa Dupla, 02. Sala de Estar , 03. Cozinha, 04. Sala de Jantar, 05. Instalações sanitárias, 06. Zona de banho, 07. Quarto, 08. Pátios, 09. Alpendre

1 : 150

PLANTA E CORTE AA' CASA DUPLA

A organização espacial resulta desta relação direta com o terreno e com a orientação solar, articulando espaços interiores e exteriores de forma contínua. A relação entre cheios e vazios, bem como a abertura de vãos, permitem o enquadramento visual específico da paisagem, tornando o percurso e a vivência da casa numa experiência progressiva e sensorial. A planta organiza-se a partir de um eixo longitudinal, que estrutura e estabelece uma hierarquia espacial. O centro da casa assume-se como o elemento mais importante do projeto, funcionando como núcleo organizador e ponto de articulação entre os diferentes programas. Este espaço central concentra a vivência comum da casa.

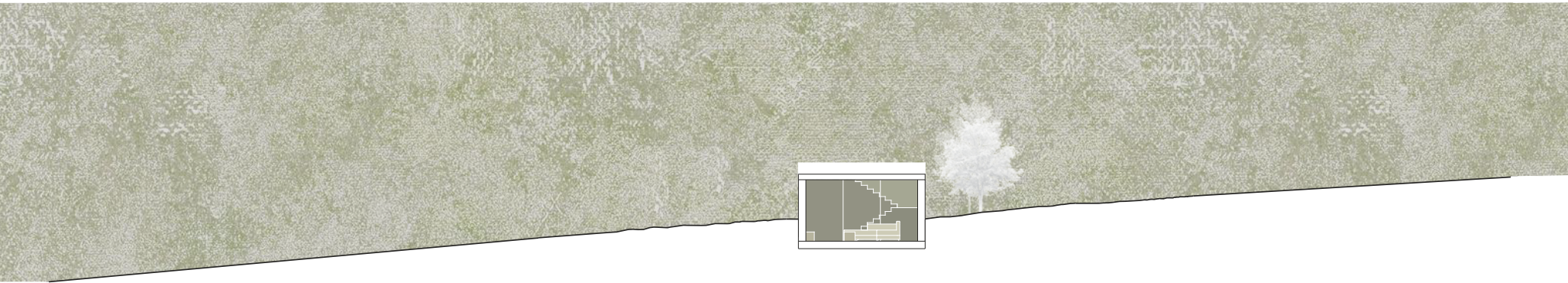
A norte localizam-se os espaços mais coletivos, como a Sala de Estar e cozinha. Esta opção resulta da sua maior proximidade ao acesso principal, facilitando a relação entre exterior e interior e permitindo que as zonas mais coletivas sejam imediatamente acessíveis a partir do acesso principal. À medida que a planta desenvolve para sul, passam a situar-se os espaços mais privados, como o quarto e instalações sanitárias. O afastamento destas zonas em relação ao acesso contribui para uma maior privacidade, protegendo-as dos fluxos mais intensos da casa.



CORTE BB'



CORTE CC'

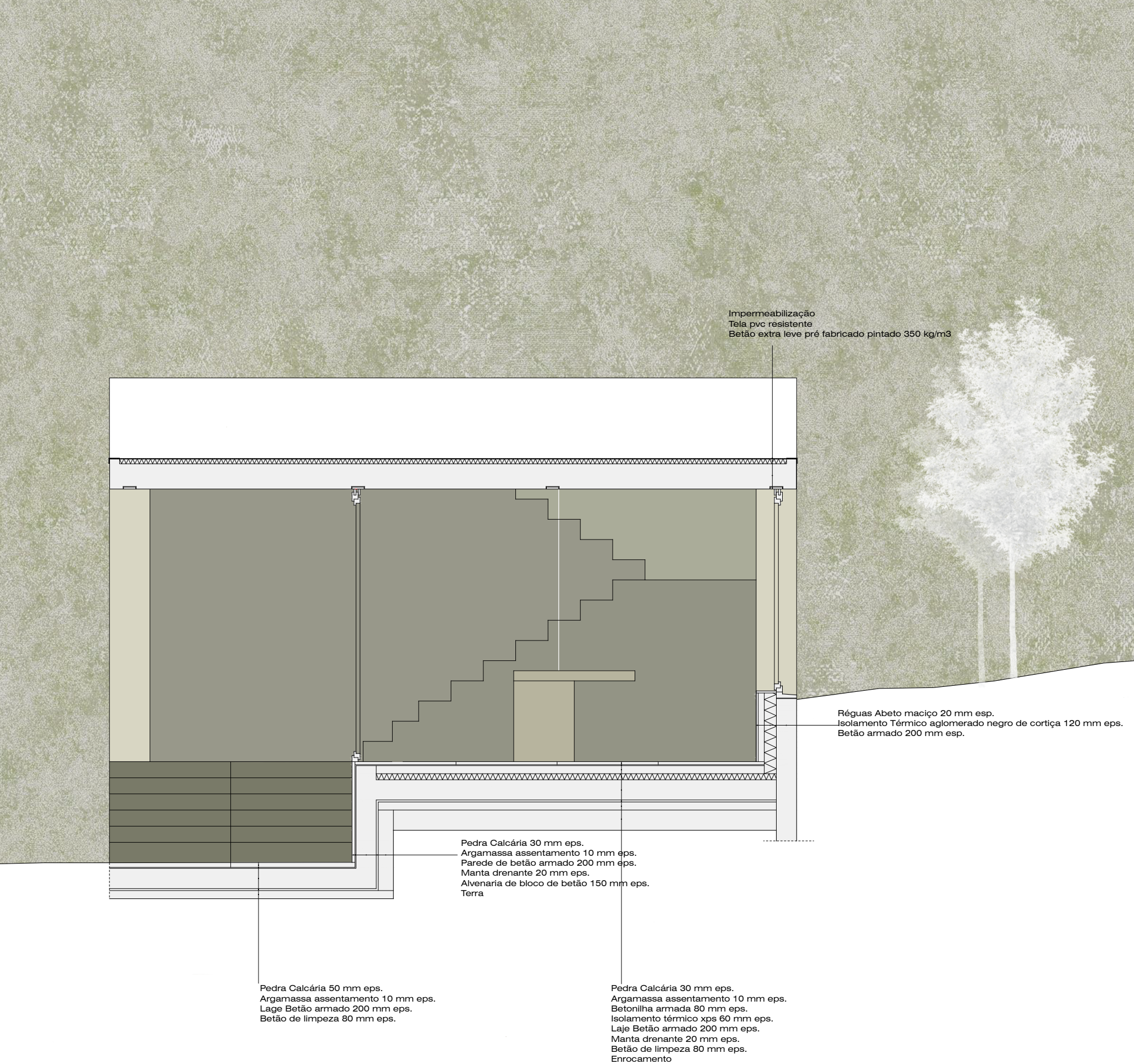


CORTE DD'



CORTE EE'

A casa implanta-se acompanhando o declive natural do terreno, desenterrando se progressivamente desde as extremidades até ao centro. Este gesto permite que o volume construído surja de forma gradual na paisagem reduzindo o impacto da implantação e reforçando a continuidade entre arquitetura e topografia. A medida que a casa se liberta do solo, os espaços interiores ganham maior abertura e relação com o exterior, enquanto o centro da casa se afirma como momento de equilíbrio entre o terreno e o volume edificado, sintetizado a relação entre construção, topografia e paisagem.



1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO

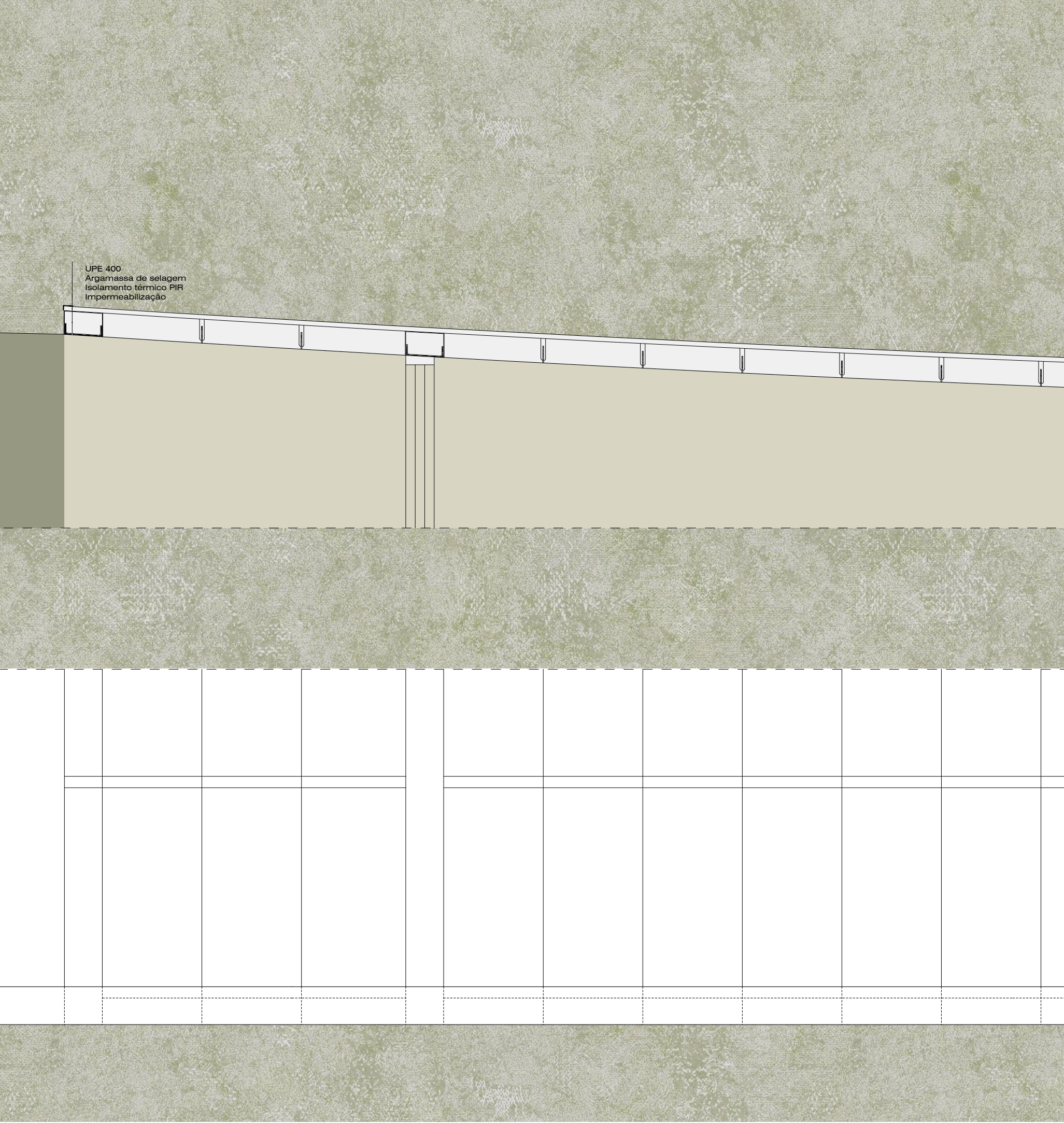
O sistema construtivo da casa baseia se no betão, assumindo-o como material estrutural e expressivo do projeto. No exterior, o edifício é betão desativado pigmentado com a cor do terreno. A utilização de pigmento possibilita o controlo da tonalidade final do material, mantendo a sua durabilidade e resistência, ao mesmo tempo que confere o caráter e identidade à construção.

No interior, o contraste material é assumido através da utilização predominante de réguas de abeto maciço para uma continuidade da madeira do exterior, criando uma atmosfera mais quente e co-moda. Esta oposição entre a robustez do betão no exterior e a materialidade mais acolhedora da madeira no interior reforça a distição entre espaço público e espaço habitado, contribuindo para a qualidade sensorial dos espaços.

A cobertura é constituída por elementos pré-fabricádos de betão extra leve, permitindo a curva que faz e garantindo uma execução mais controlada. Esta solução assegura um bom desempenho estrutural e térmico, reduzindo cargas permanentes e facilitando a integração das camadas de isolamento e impermeabilização.



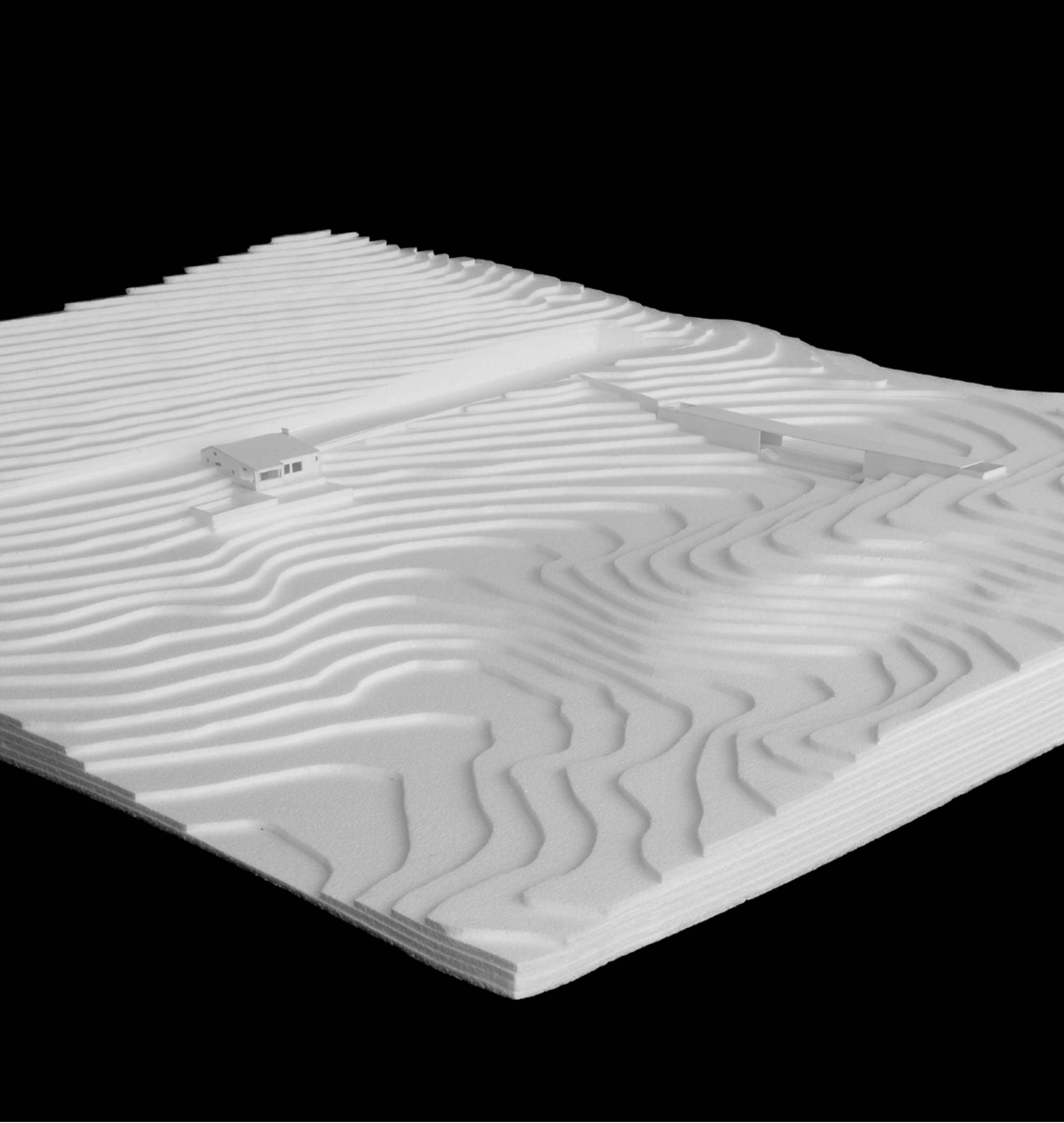
Ilustração de betão desativado e a beto

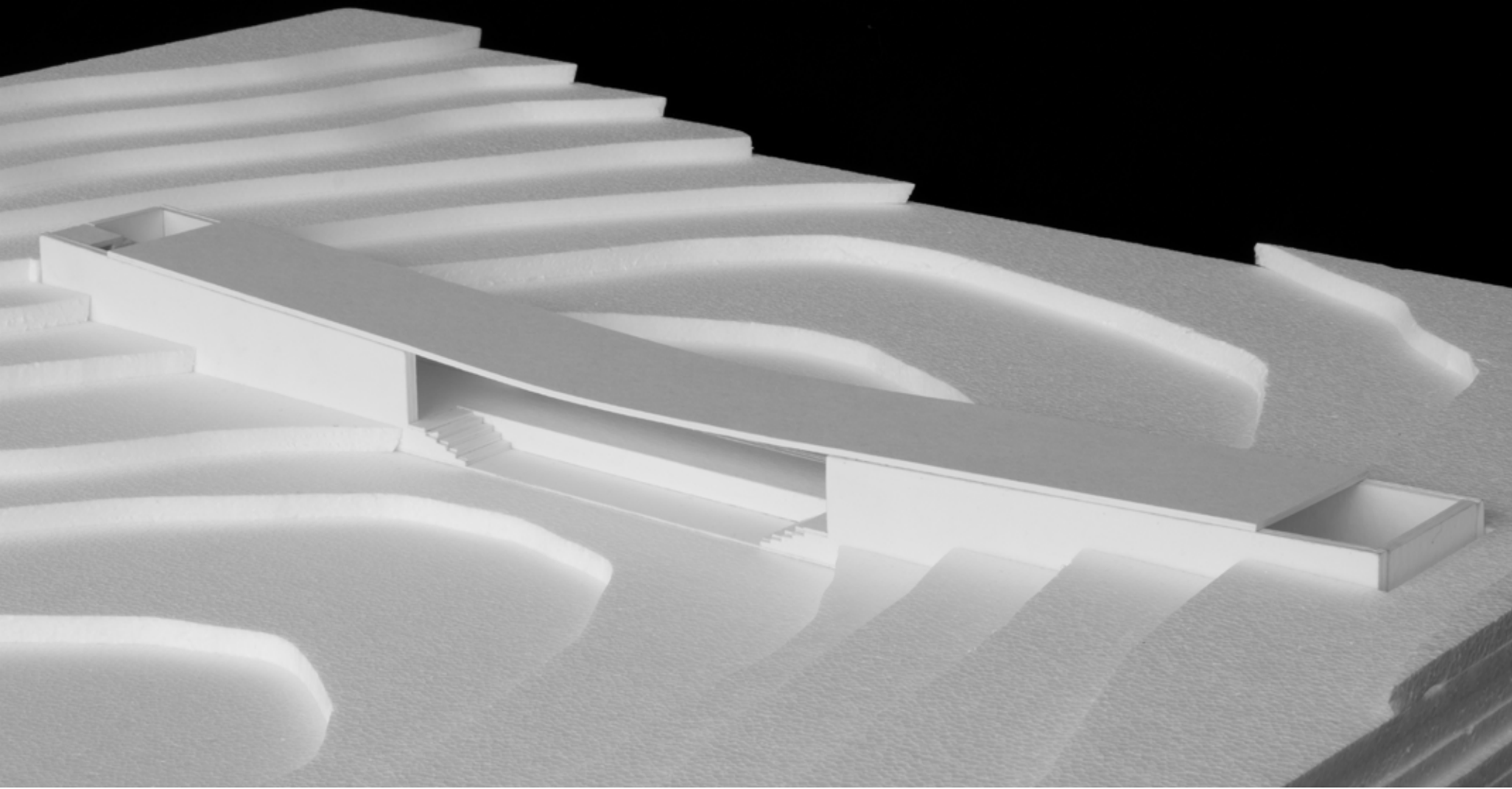
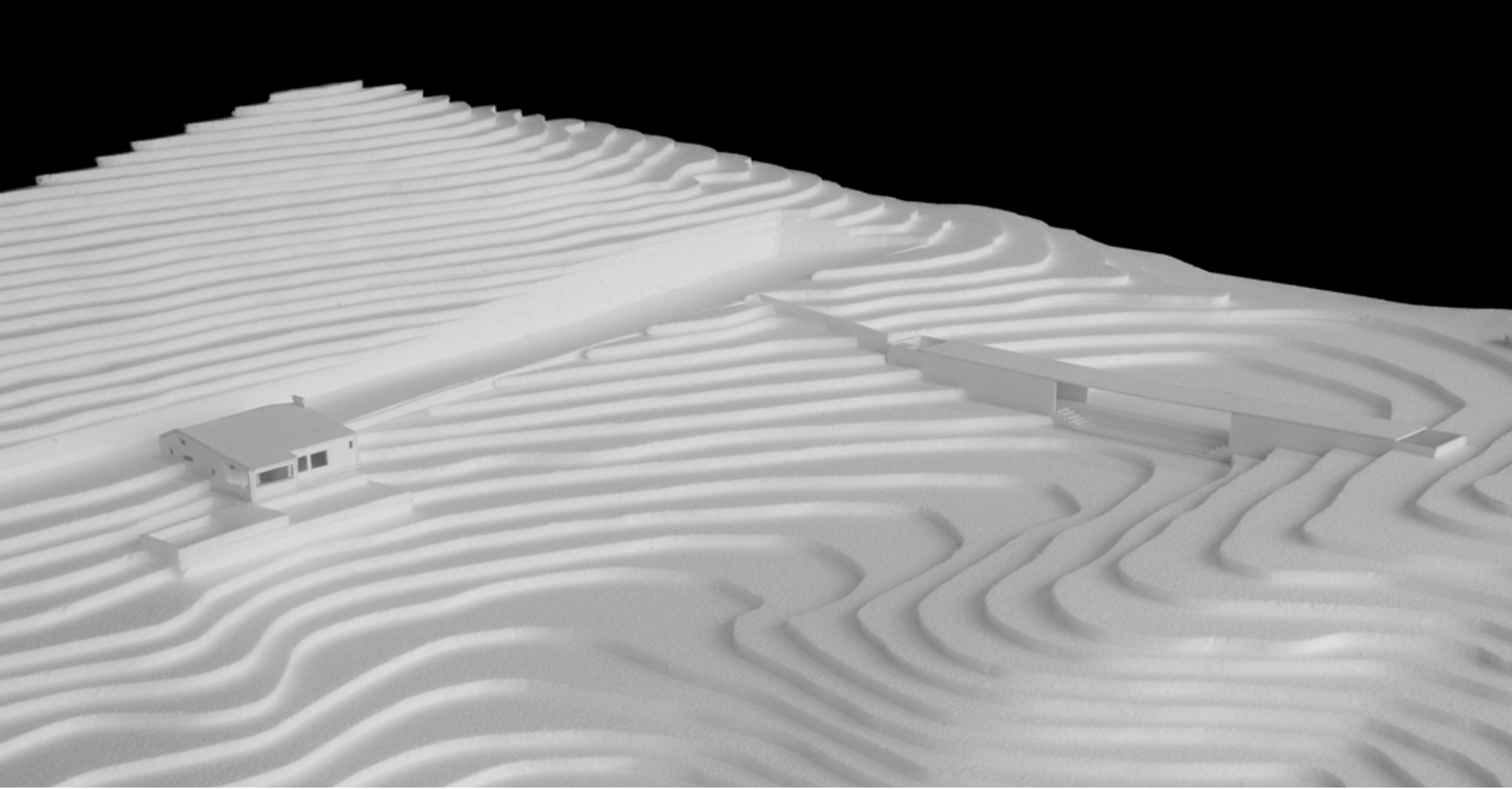


1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO E PLANTA DE TETO



Maison de la Culture Firmini - Le Corbusier



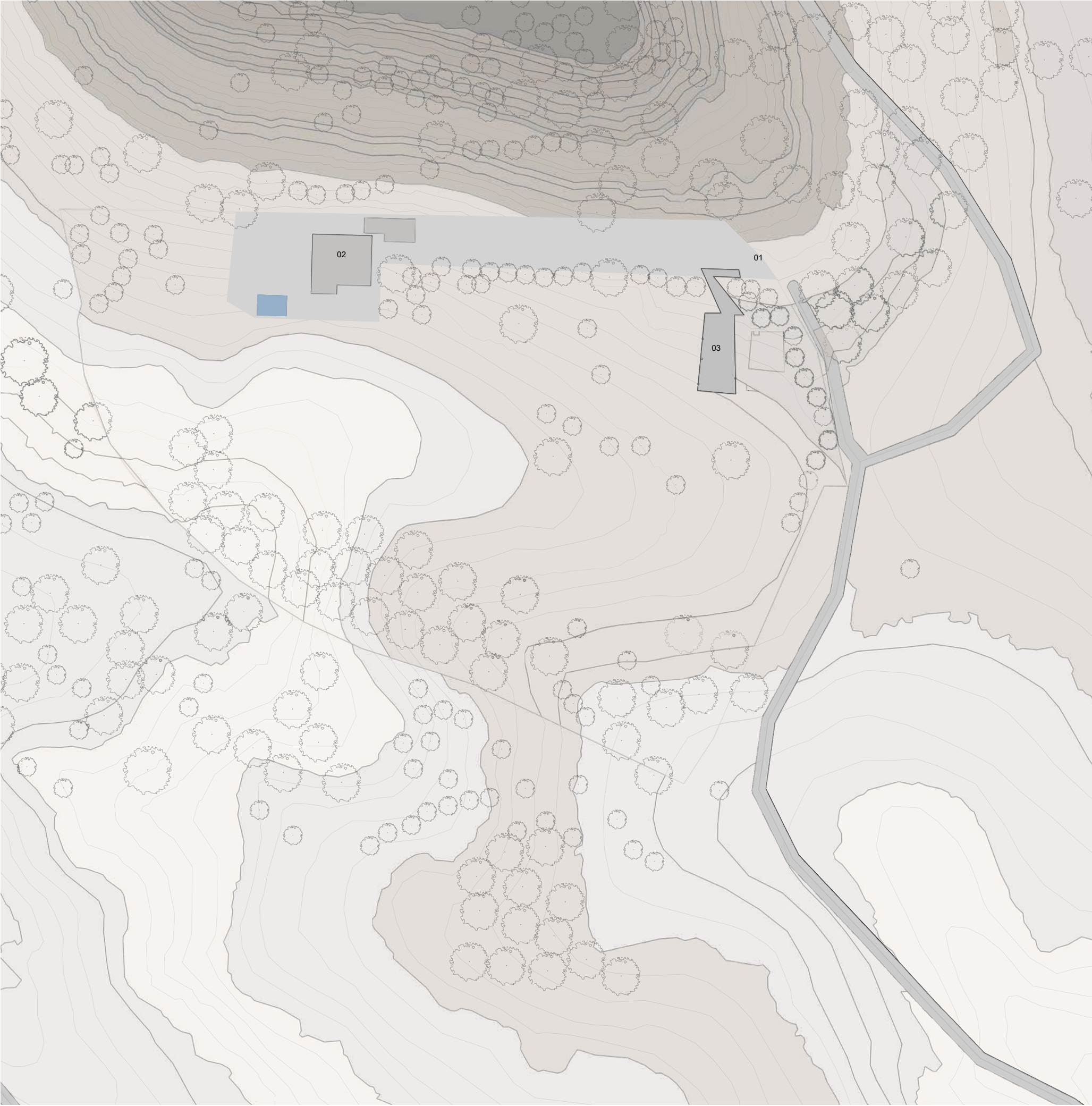


CASA SHAKKEI

Perceção de Vista
Contemplação
Shakkei

Ricardo de Carvalho





Legenda: 01. Acesso principal da casa 02. Casa Vale do Pereiro 03. Casa Dupla

1 : 500 N0

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

PERCEÇÃO DE VISTA

CONTEMPLAÇÃO

SHAKKEI

A casa situa-se numa encosta da Serra da arrábida, oferecendo uma vista privilegiada sobre a paisagem envolvente. O projeto, da autoria de Luís Vassalo Rosa, foi idealizado como um refúgio de férias, um retiro que convida ao contacto íntimo com a natureza. A arquitetura cria uma ligação fluida entre interior e exterior, fazendo da paisagem um prolongamento natural da casa. O interior funciona como um espaço único, simples e funcional, articulando sala, cozinha, quartos, complementados por um mezanino e um terraço. A casa organiza-se com uma geometria rigorosa, coroad por uma cobertura de uma água. Pensado como um refúgio, cada elemento foi desenhado para intensificar a experiência sensorial da paisagem, convidando a desacelerar e a viver o interior e o exterior como um só espaço.

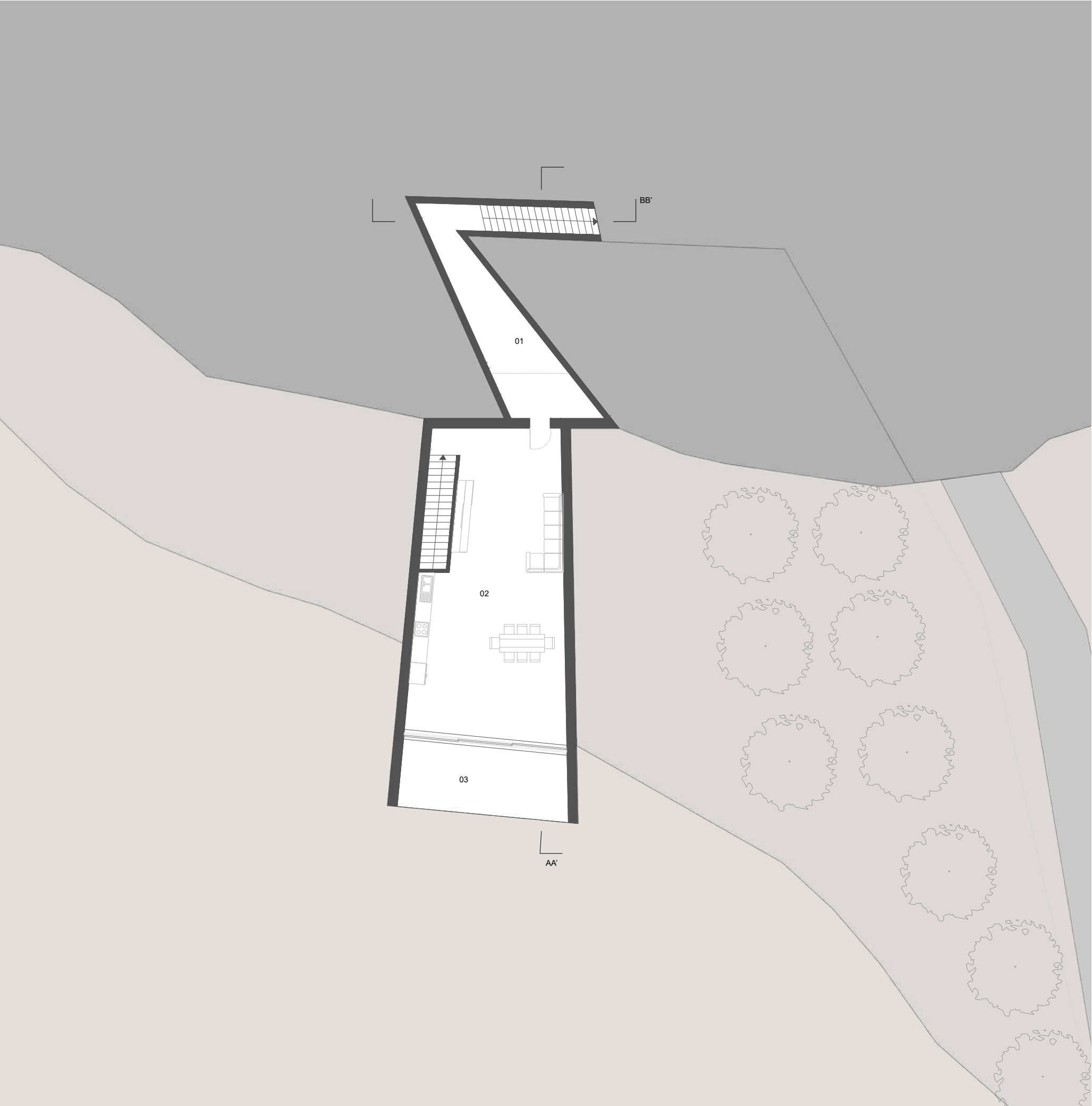
O projeto Casa Dupla assenta no conceito japonês Shakkei (literalmente, “paisagem emprestada”), que visa integrar e enquadrar a paisagem envolvente, prolongando o espaço interior para além dos seus limites físicos. Na Serra da Arrábida, este princípio revela-se de forma exemplar, beneficiando da riqueza e harmonia do cenário natural que caracteriza o local.



Fotografia- Leonor Perdigão



Fotografia



Legenda: 01. Pátio 02. Cozinha e Sala 03. Terraço 04. I.S 05. Quarto

1 : 100 NØ

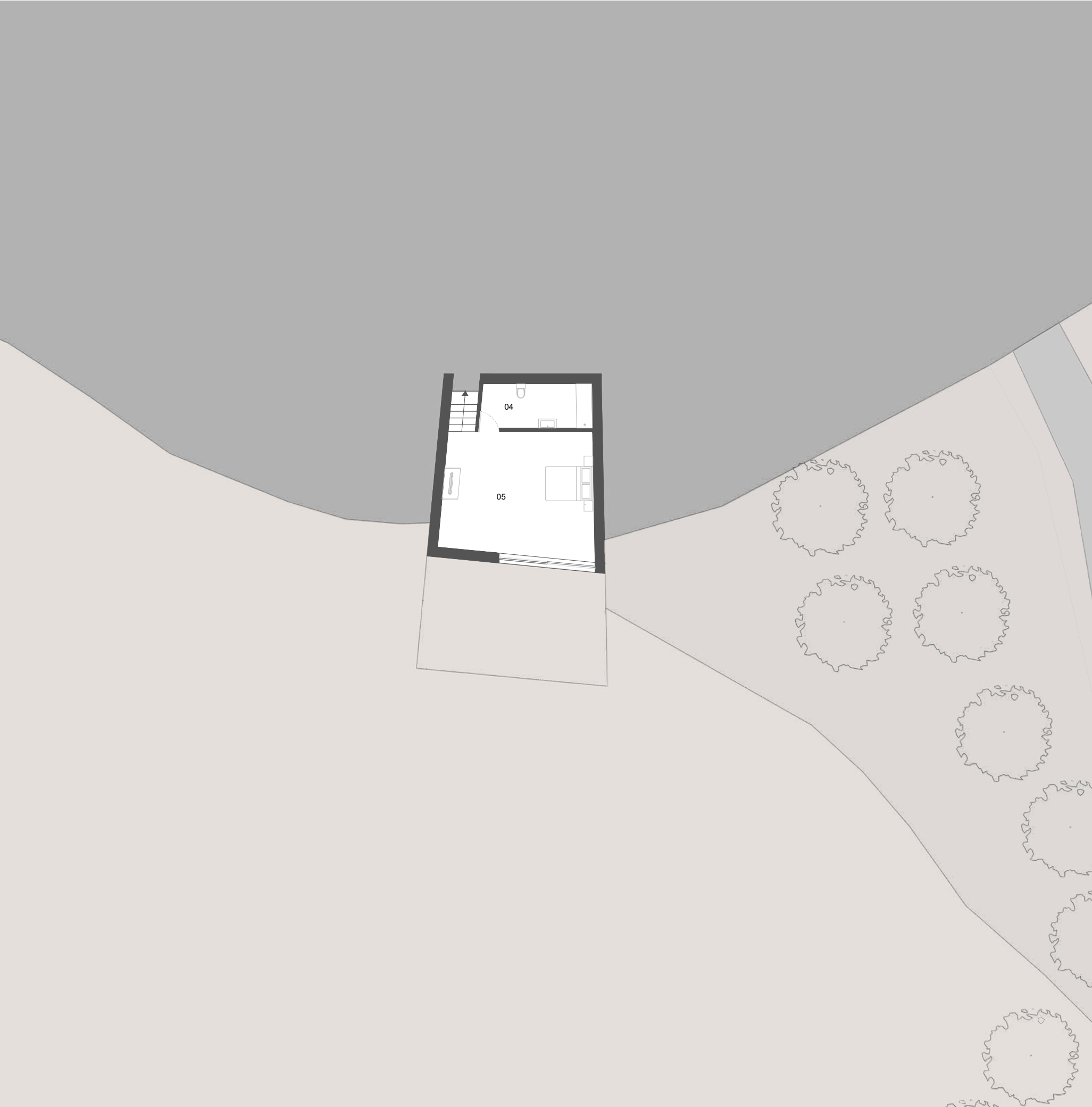
PLANTA CASA DUPLA

A Casa Dupla implanta-se numa lógica de forte relação com a paisagem da Serra da Arrábida, assumindo a contemplação como princípio estruturante do projeto.

O acesso à habitação é realizado através de um conjunto de escadas exteriores que conduzem a um pátio intermédio, espaço de transição entre o exterior e o interior, a partir do qual se faz a entrada na casa. Esta solução formaliza um percurso descendente que inverte a leitura convencional do acesso direto, prolongando o momento de chegada e estabelecendo uma relação progressiva com o lugar.

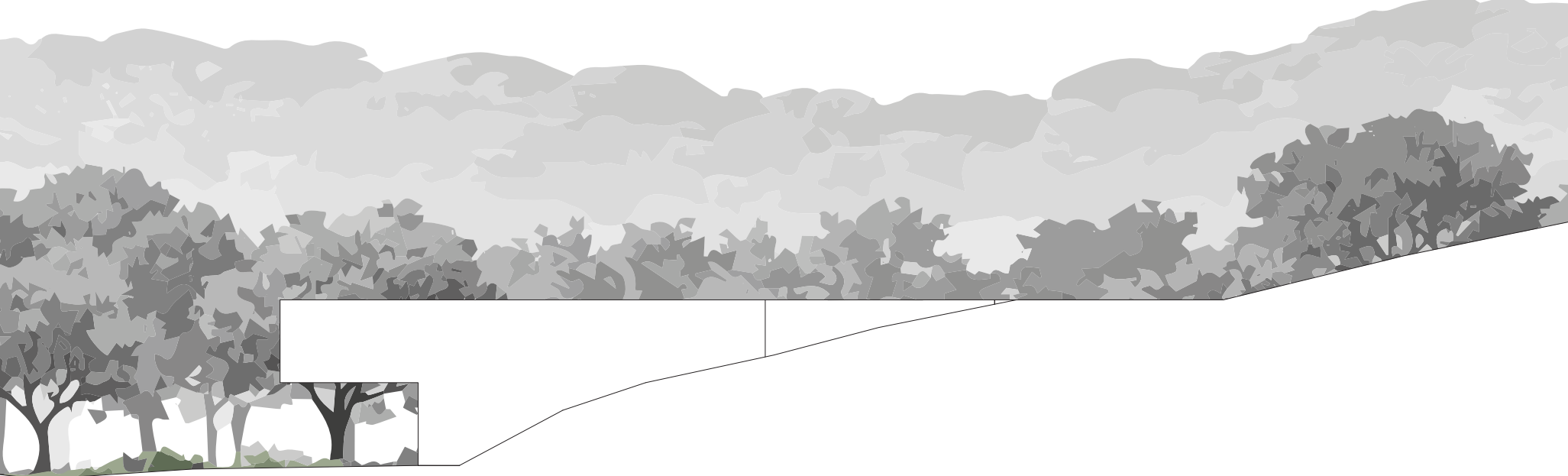
O pátio assume um papel estruturante na organização espacial, funcionando como elemento de articulação entre topografia, percurso e distribuição dos espaços. A sua posição, claramente definida na planta, permite introduzir um intervalo entre o domínio público e o privado, promovendo uma adaptação gradual do corpo e do olhar ao ambiente da habitação.

A Casa Dupla organiza-se como uma sequência espacial contínua, em que o percurso assume um papel fundamental na construção da experiência arquitetónica. A disposição dos espaços, dos vazios e das aberturas é orientada de modo a controlar e qualificar a perceção da vista, promovendo uma aproximação gradual à paisagem. Ao longo do percurso, o campo visual é sucessivamente enquadrado, filtrado e ampliado, reforçando a relação entre movimento, espaço e horizonte.

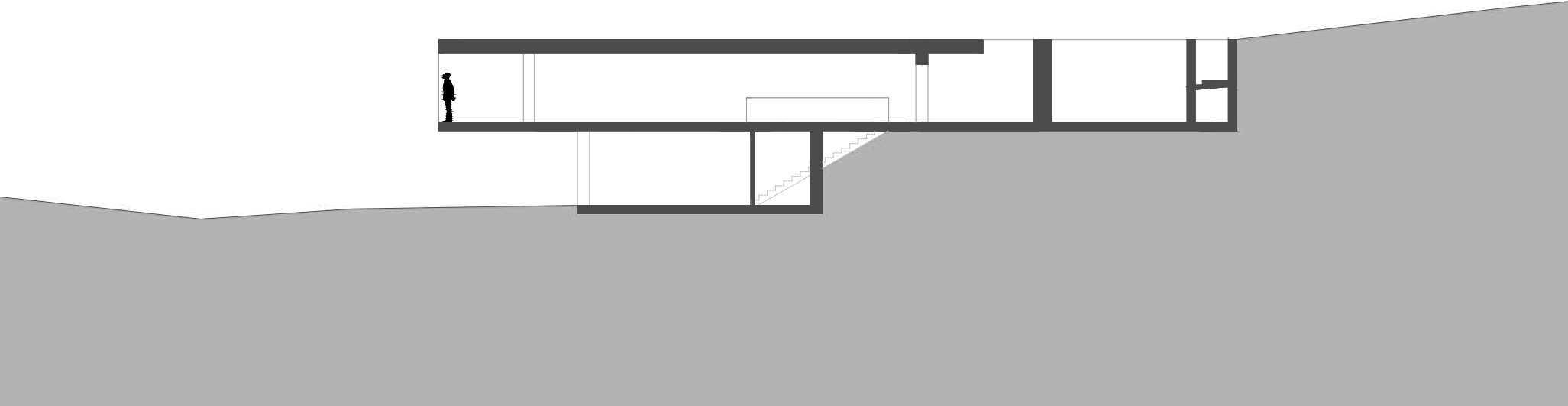


Legenda: 01. Pátio 02. Cozinha e Sala 03. Terraço 04. I.S 05. Quarto
1 : 100 NØ
PLANTA CASA DUPLA

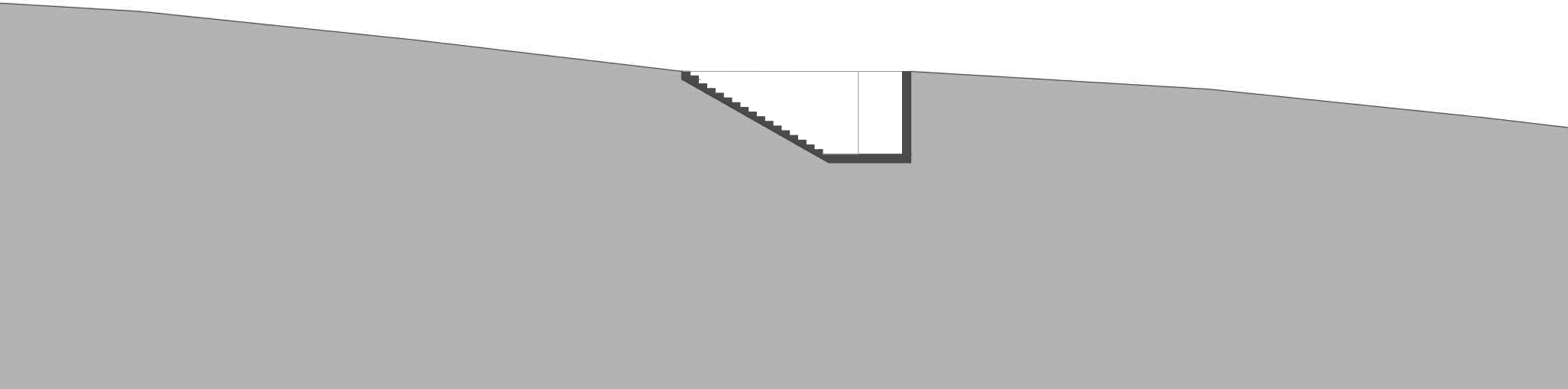
O terraço não é entendido apenas como elemento funcional, mas como dispositivos de mediação entre o interior e o exterior. Deste modo, o projeto não se limita a responder a exigências programáticas, propondo antes uma vivência sensível do habitar, em que a percepção da paisagem se afirma como elemento estruturante da organização espacial.



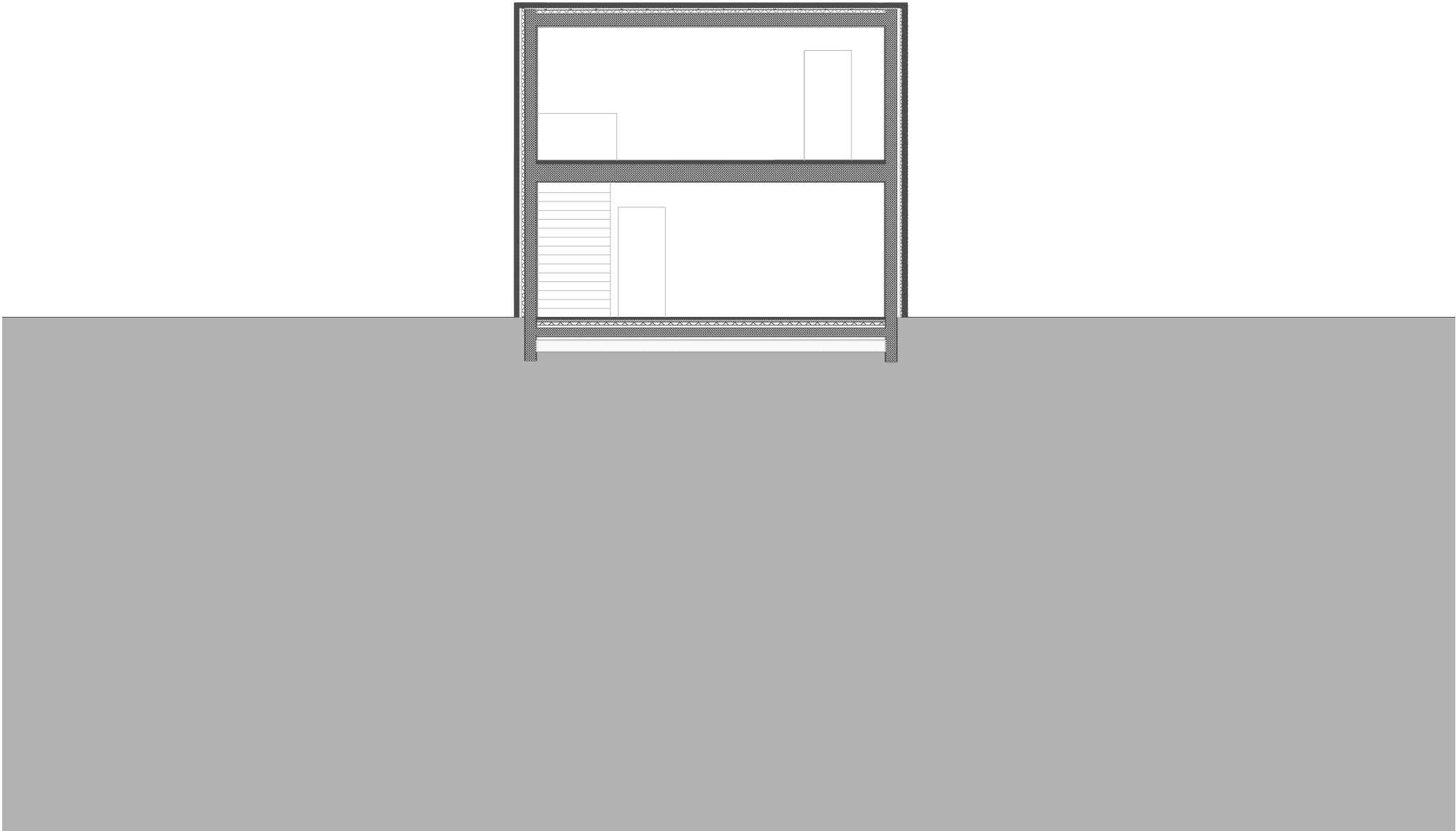
1 : 100
ALÇADO ESTE



1 : 100
Corte AA'



1 : 100
Corte BB'

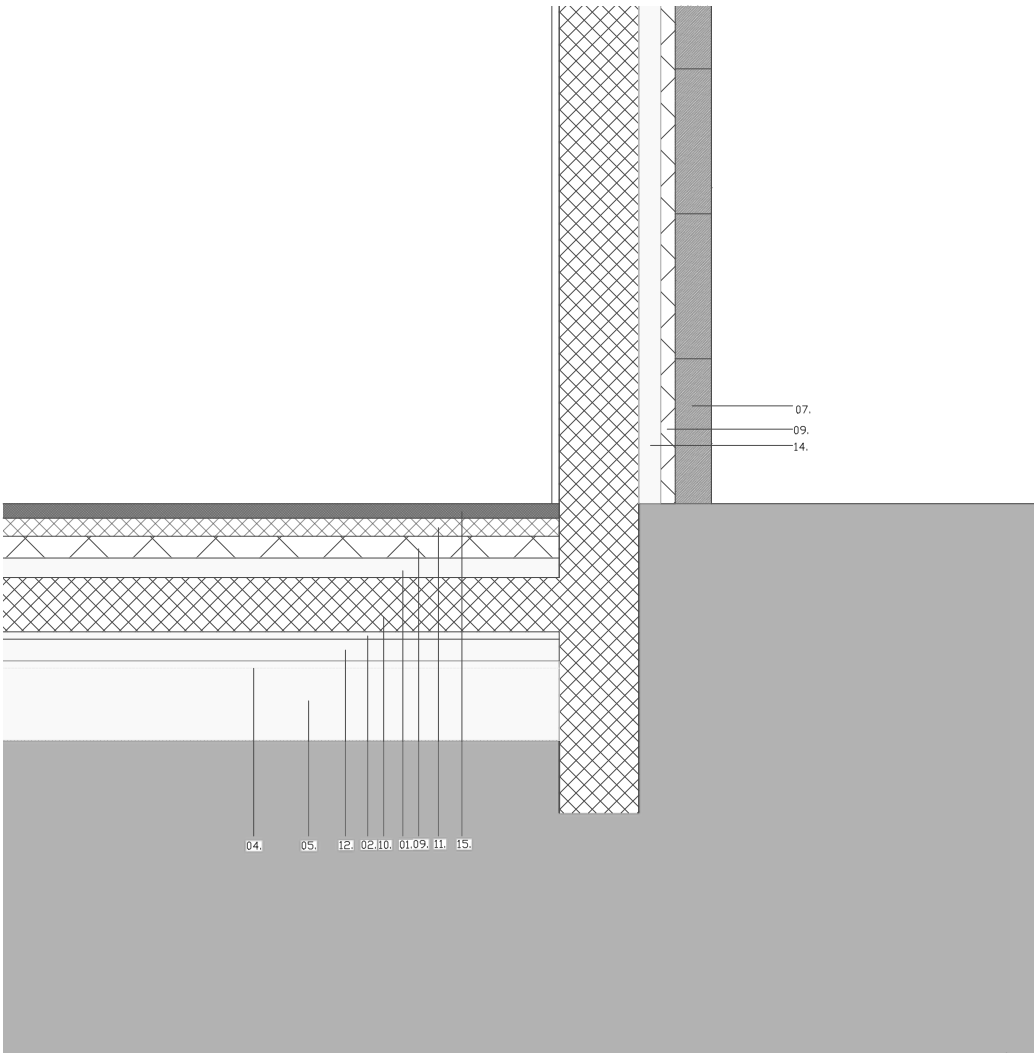
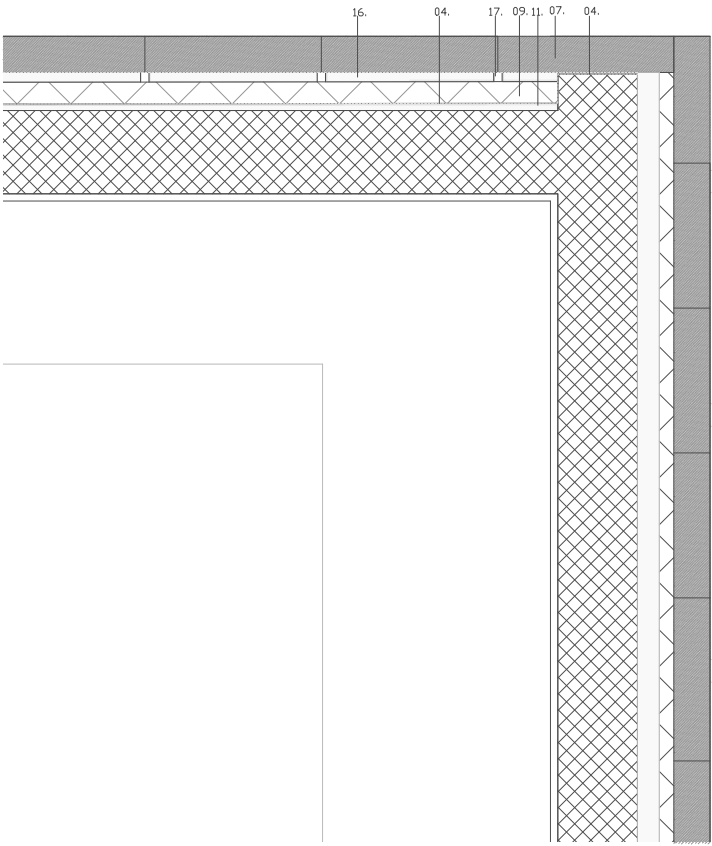
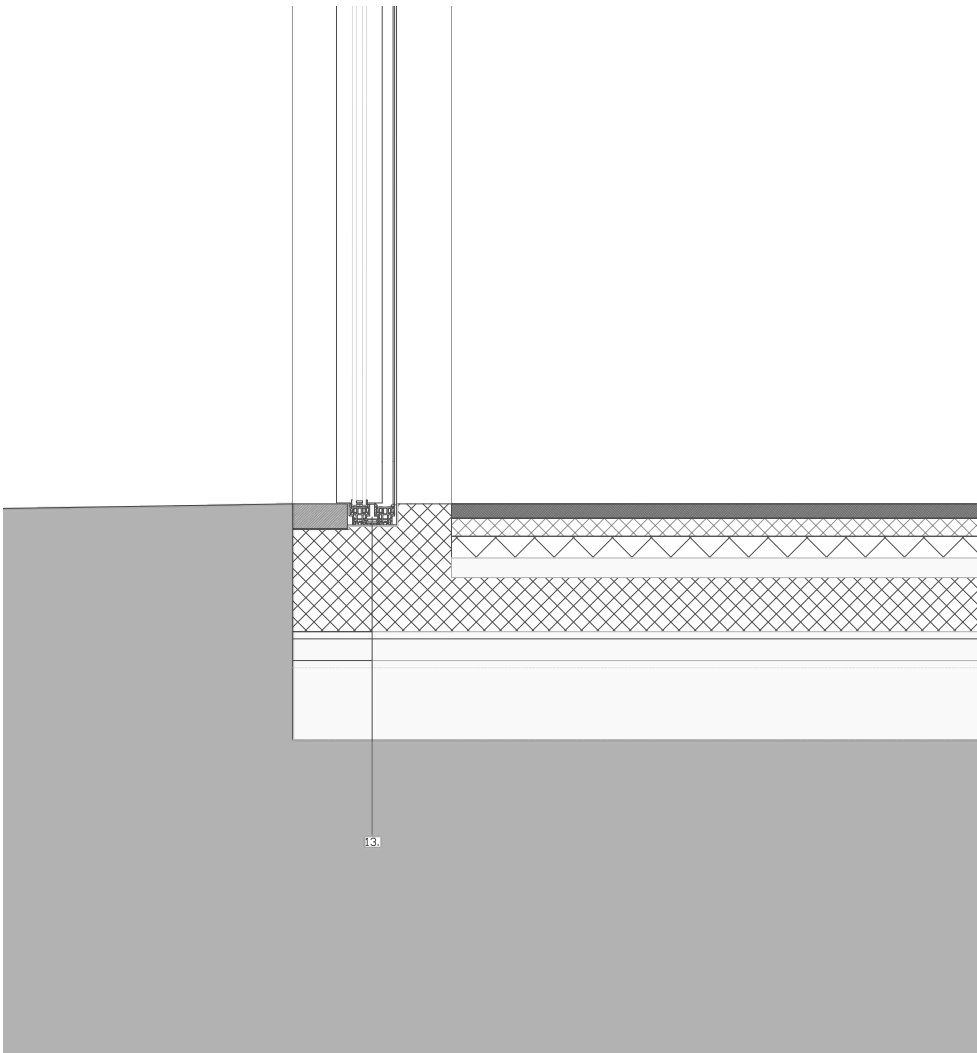


1 : 50

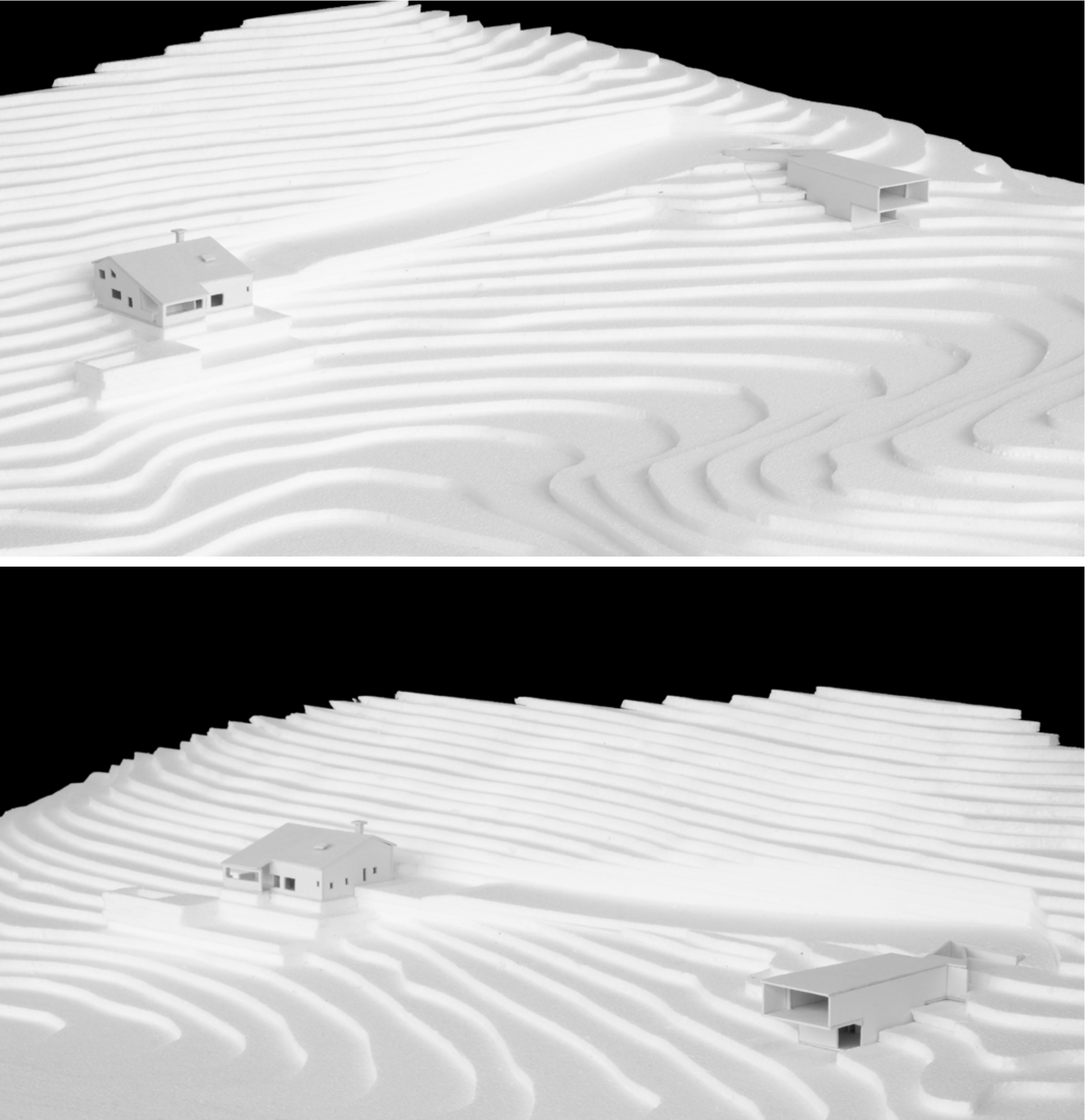
CORTE CONSTRUTIVO

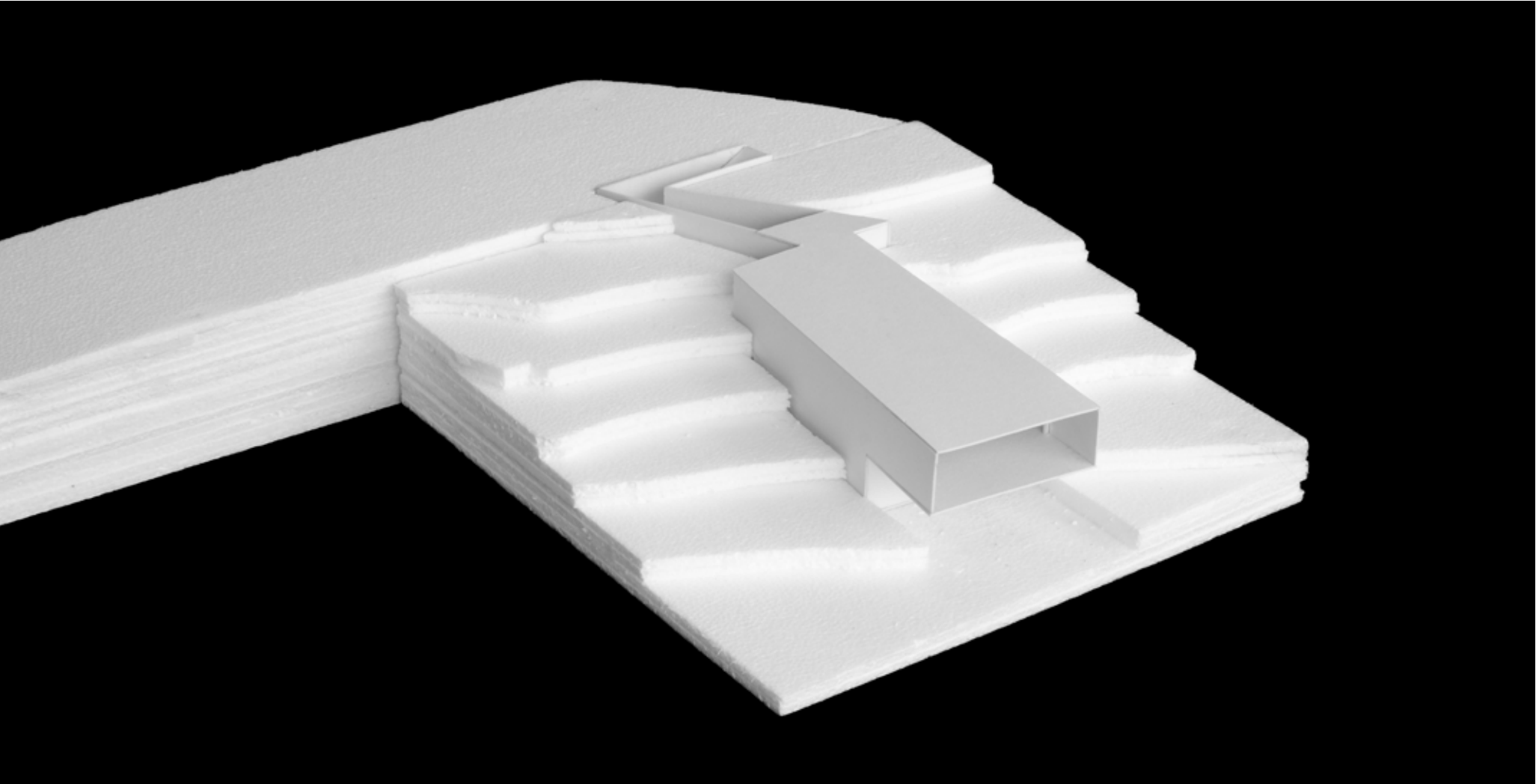
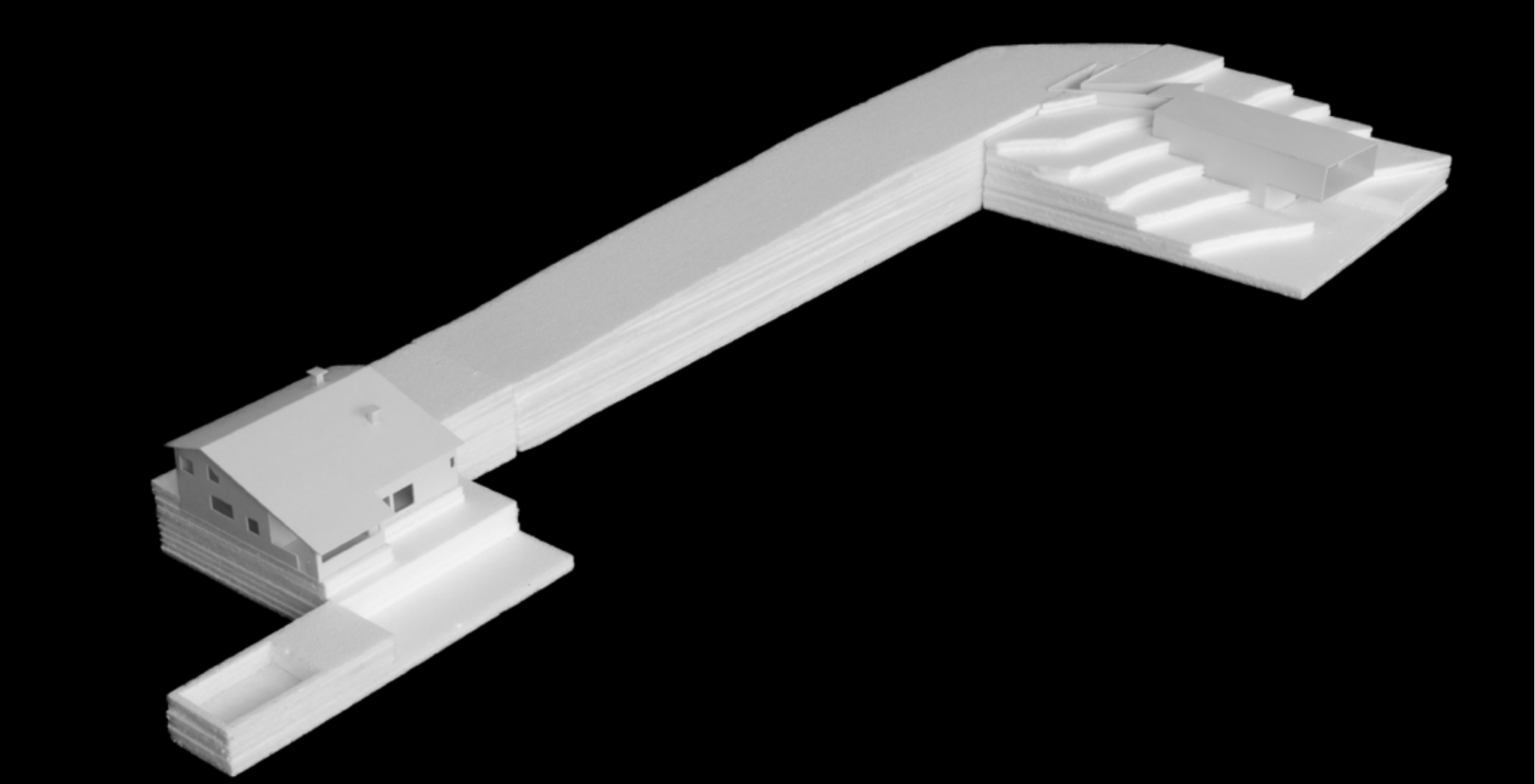
A Casa Dupla utiliza um conjunto de materiais que privilegia a solidez construtiva, a durabilidade e a relação direta com o solo. A estrutura baseia-se essencialmente no betão, utilizado tanto nas fundações como nos elementos estruturais. Uma parte da casa encontra-se enterrada, sendo revestida a pedra, o que reforça a integração com o terreno e a inércia térmica do edifício. Para a proteção contra a humidade, são utilizados feltros geotêx-tis e mantas drenantes, contribuindo para a longevidade da cons-trução. O conforto térmico é assegurado através da aplicação de isolamento térmico, integrado no sistema construtivo. Os pav-imentos são finalizados com betonilha, conferindo resistência e simplicidade aos acabamentos.

A relação entre o interior e o exterior é valorizada pela utilização de caixilharia panorâmica, permitindo uma entrada generosa de luz natural e reforçando a ligação visual com o exterior.



- 1/10
Corte
Legenda:
01.Massame Armado
02. Manta Drenante
03. Betão Limpeza
04. Feltro Geotêxtil
05.Enrocamento
06.Terra Compactada
07.Pedra
08.Feltro Geotêxtil
09.Isolamento Térmico
10.Betão
11.Betão Leve
12.Betão Limpeza
13.Caixilharia Panoramah
14.Caixa de Ar
15.Betonilha
16.Gravilha
17.Plinto Nivelável





CASA ORLA

Percorso
Clareira
Orla

Roberta Ost





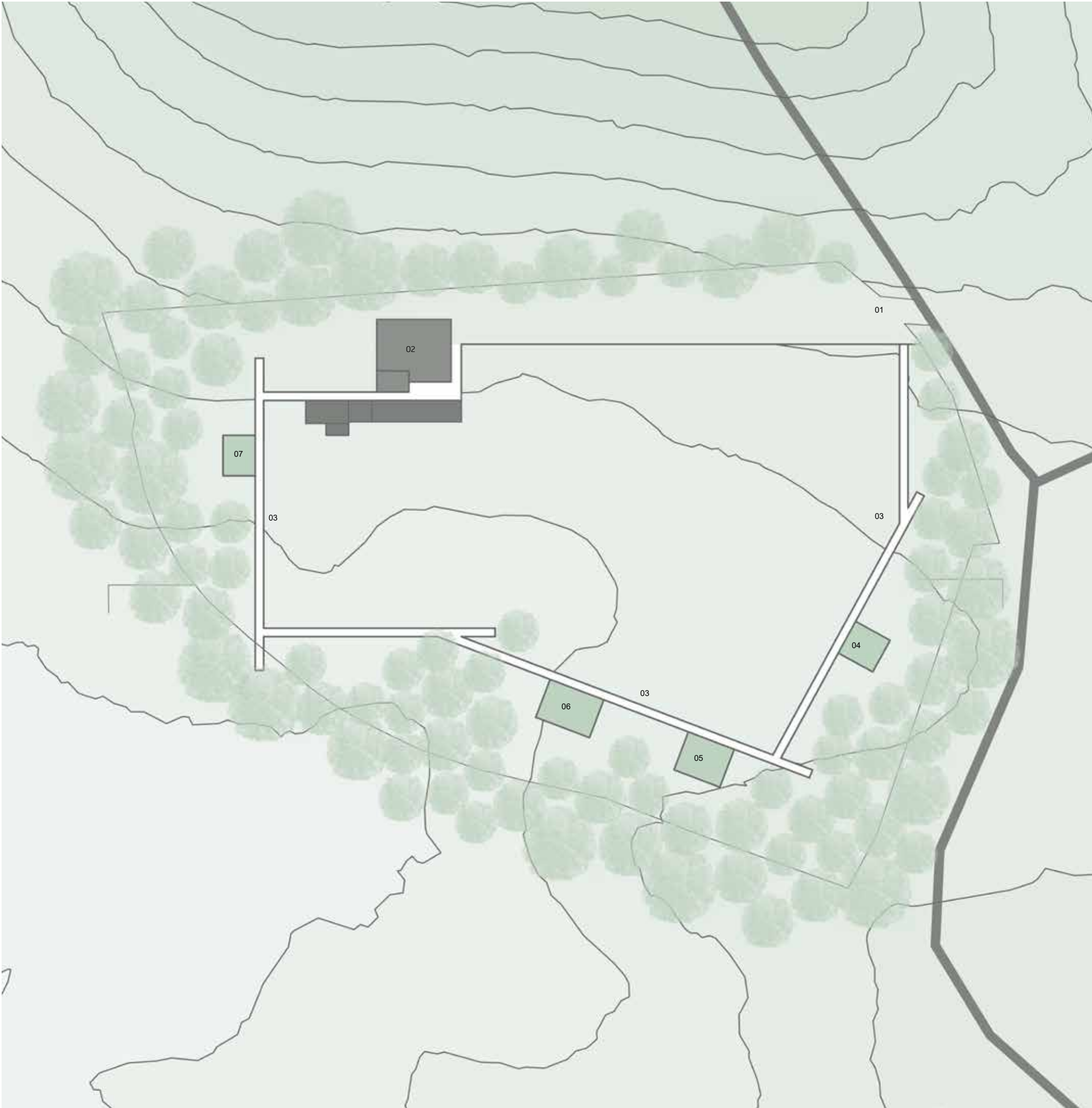
1 : 8000 NO
ORTOFOTO

PERCURSO
CLAREIRA
ORLA

A vasta Serra da Arrábida, com cerca de sete léguas de extensão, acompanha a saída do rio Sado para o oceano. Pelos vales, fragas e verdes encostas, prolonga-se na imensidão do mar e convida à solidão do espírito, num percurso que se revela progressivamente. Nesse cenário encontra-se o Convento da Arrábida, lugar de contemplação e introspeção, constituído por um conjunto de ermidas escavadas na rocha que descem pela encosta, configurando uma sequência espacial de recolhimento, situadas próximas ao Convento Velho. A Casa Val do Pereiro, projetada por Eduardo Goulart Medeiros, integra-se harmoniosamente na serra, respeitando a topografia e preservando a vegetação envolvente. À semelhança do convento, estabelece um diálogo profundo com o entorno, promovendo introspeção e recolhimento ao longo do percurso de aproximação e de habitar. A sua arquitetura transforma a serra num elemento ativo da experiência sensível do habitar, tal como a serra molda a vivência contemplativa do Convento da Arrábida.



Ermidas do Convento da Arrábida



Legenda: 01- Acesso Principal 02- Casa Val do Pereiro 03- Percurso 04- Sala de Estar 05- Cozinha 06- Quartos 07- Atelier
1 : 500 N^o
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

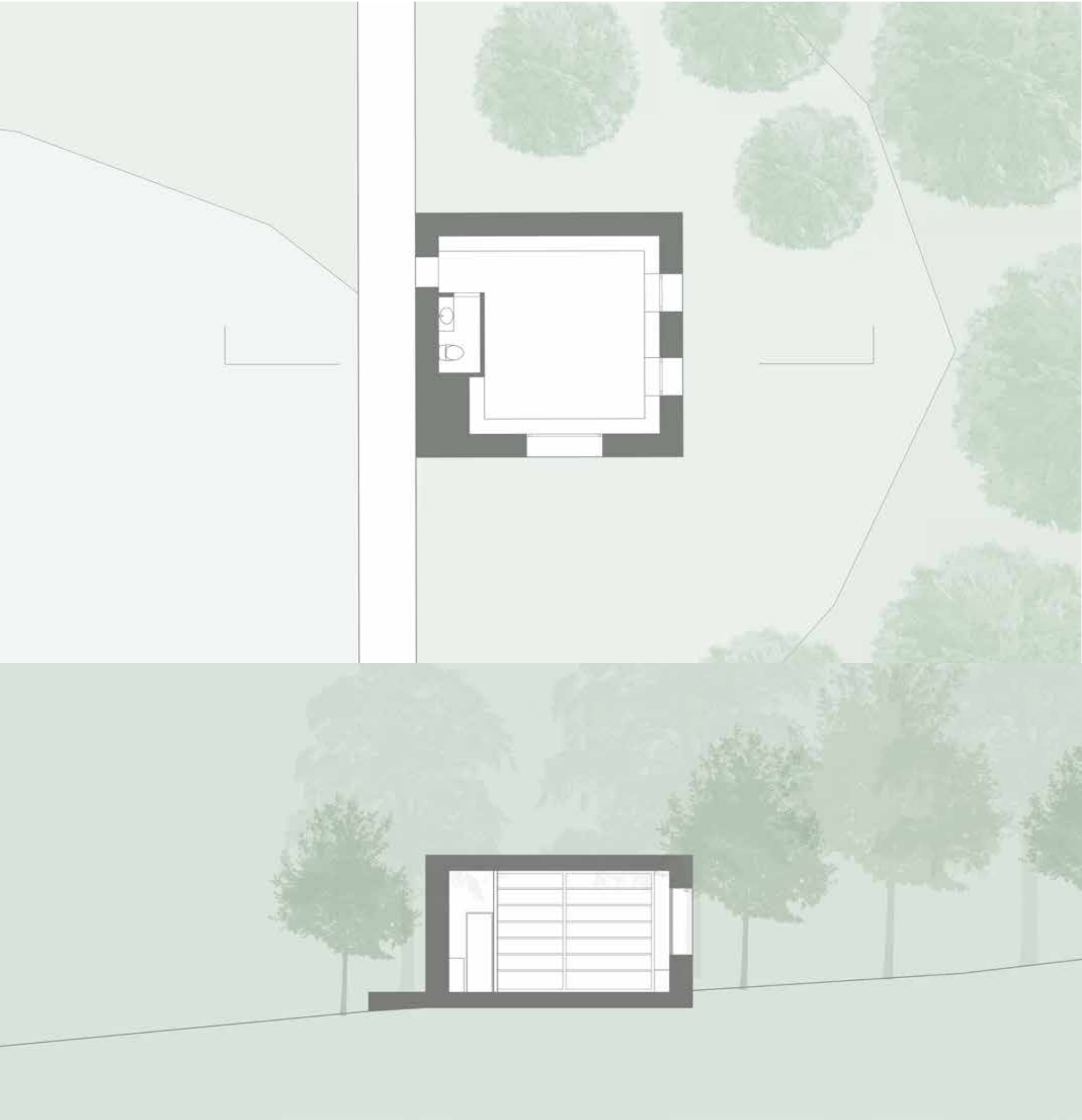
A Casa Val do Pereiro pelo Arquitecto Vassalo Rosa, é uma habitação de carácter rural, localiza-se no Parque Natural da Serra da Arrabida. Sua orientação a meio da encosta, voltada a sul, visa salvaguardar a mata envolvente. Implanta-se em patamares de modo a minimizar o impacto na topografia. A casa ajusta-se ao terreno e paisagem local. O seu interior está totalmente integrado aos desniveis do terreno, característica evidente apenas ao entrar na casa. Sua Planta é organizada a partir de quadrados de 3mX3m, que originam o seu programa. A habitação organiza-se em piso térreo escalonado no terreno. No seu programa incluem, vestíbulo, arrecadação, sala com recanto de cozinha, três quartos, duas instalações sanitárias e terraço. Ocupa uma área coberta de 146,52 m2. Claraboias permitem que a luz natural seja aproveitada da sua melhor forma, sem a necessidade de luz artificial durante o dia. O pavimento é revestido de azulejos verdes envernizados, em que sua cor dialoga com a paisagem envolvente, de modo a criar uma sensação de continuidade. Os vão da casa criam uma ligação extremamente forte com o espaço exterior.



Passeio pela Serra da Arrabida

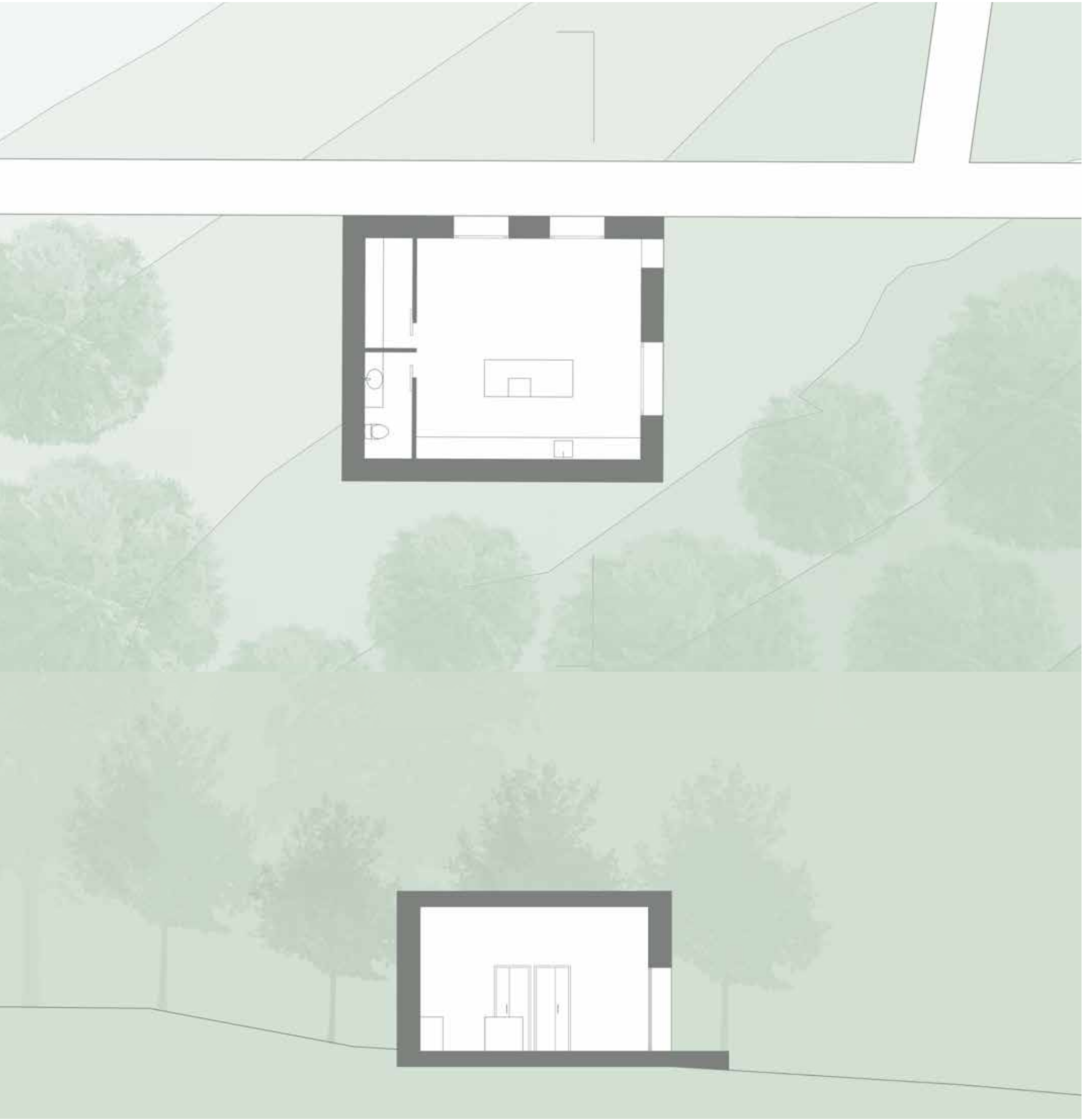


Olhar para a clareira



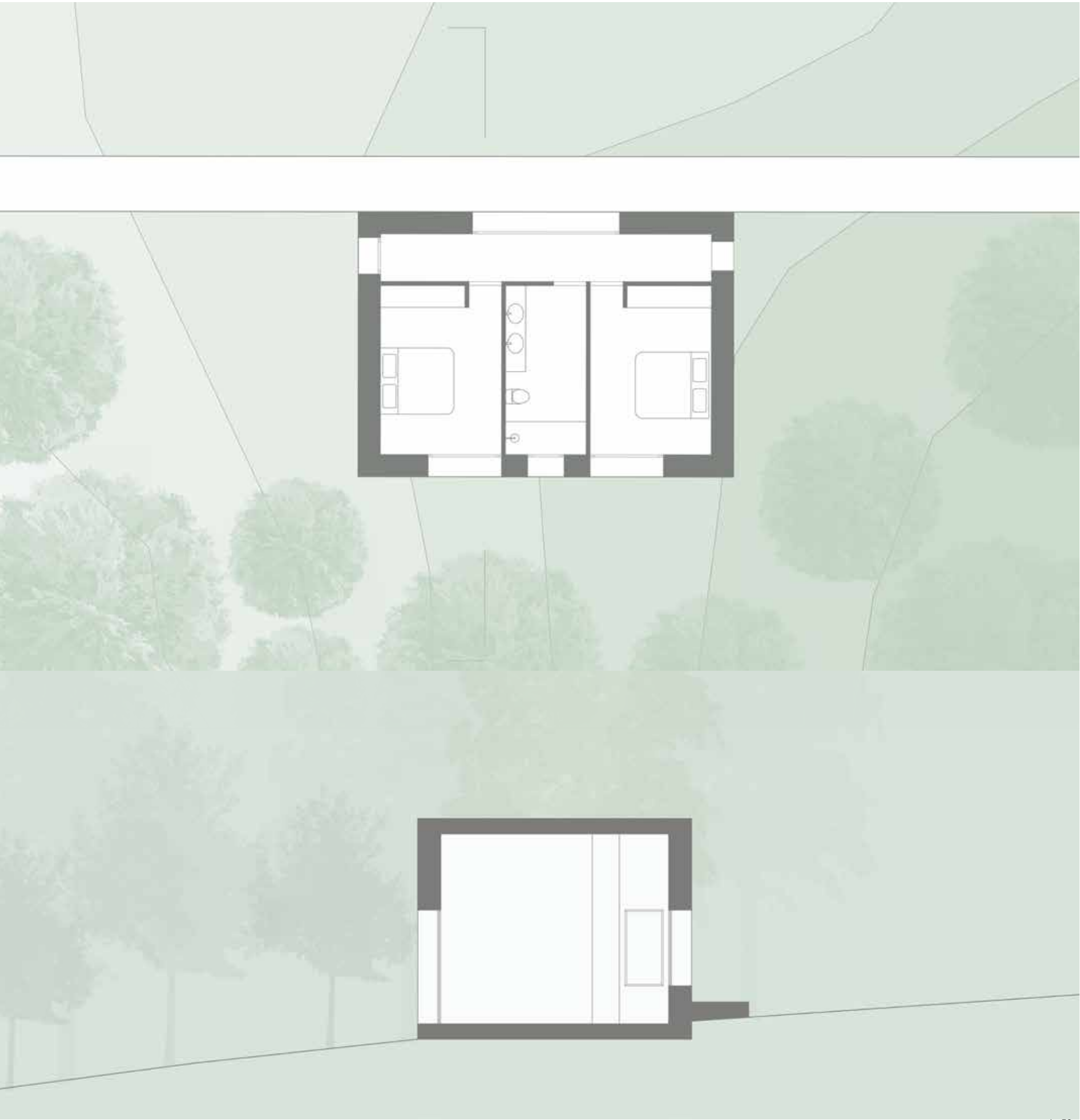
1 : 50
PLANTA E CORTE DA SALA DE ESTAR

O programa da casa organiza-se a partir de um percurso contínuo, transformando as áreas de circulação em um percurso que conduz progressivamente do público ao privado. É composto por quatro elementos estruturados como módulos múltiplos de 3,00 metros, cuja modulação contribui para a racionalização construtiva e proporciona flexibilidade na organização dos ambientes. A distribuição espacial estabelece uma separação clara entre os espaços sociais e os privados, situando áreas como sala de estar e cozinha no início do percurso, enquanto os espaços mais íntimos se tornam progressivamente mais reservados, garantindo funcionalidade, hierarquia de usos e controle de privacidade. O primeiro elemento a ser encontrado é a sala de estar, concebida como o espaço de acolhimento e transição da casa. Este ambiente é marcado por uma dupla pele de estantes que, além de organizar e estruturar o espaço, transforma a sala num ambiente multifuncional, funcionando também como biblioteca. As paredes internas em madeira reforçam essa atmosfera, harmonizando com as estantes e proporcionando uma sensação de conforto e intimidade. Esse acabamento contrasta com a pedra utilizada na construção, criando um diálogo material que equilibra robustez e aconchego, solidez e calor.



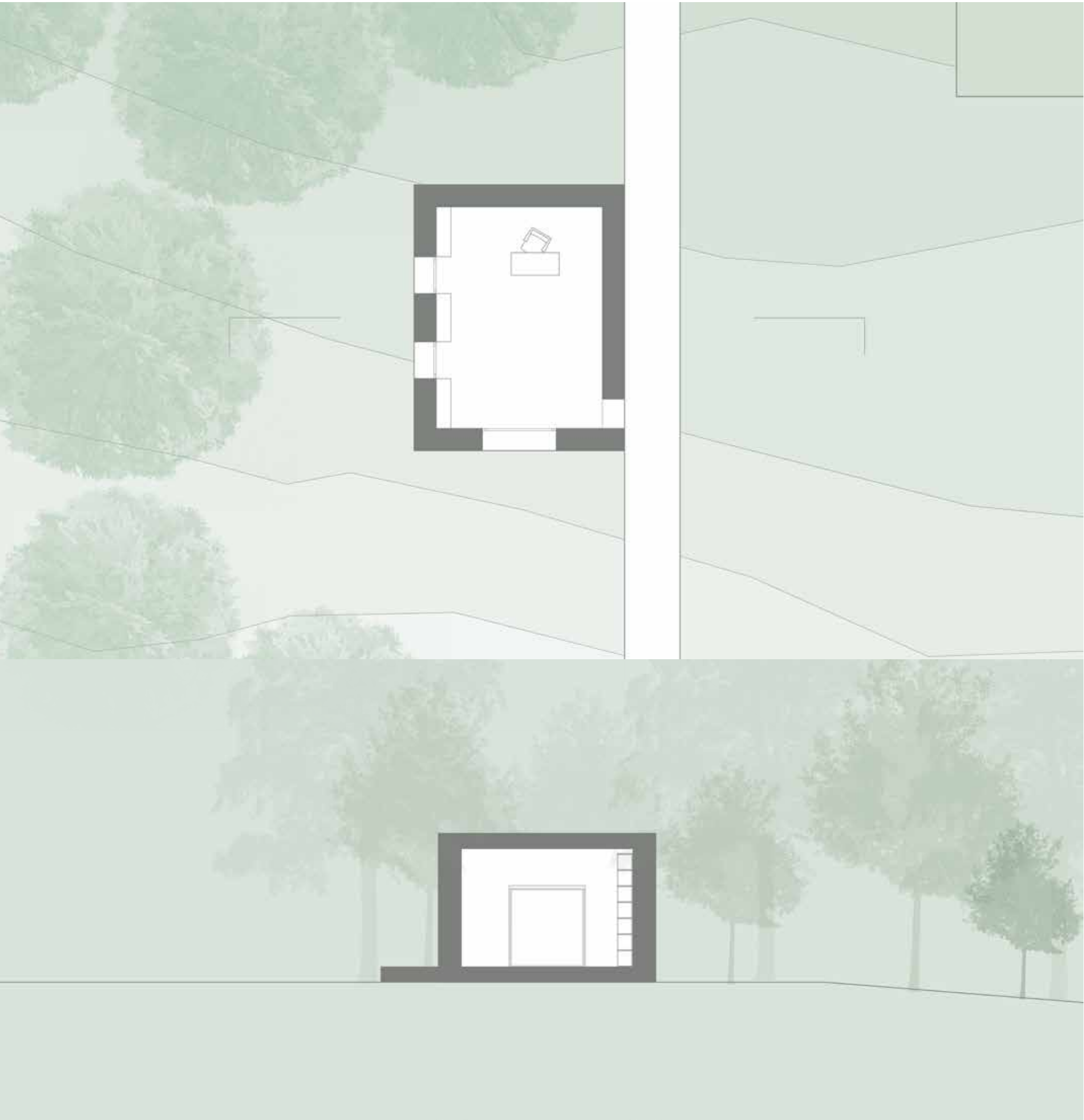
1 : 50
PLANTA E CORTE DA COZINHA

O próximo elemento é a cozinha, concebida como um espaço funcional e central na dinâmica da casa. Organizada em torno de uma ilha, que assume papel de apoio às atividades culinárias e de convívio, a cozinha articula-se com uma despensa, garantindo maior organização e eficiência no uso diário. A semelhança dos demais ambientes, o seu interior é revestido em madeira, reforçando a continuidade material do projeto e contribuindo para uma atmosfera acolhedora, ao mesmo tempo que estabelece contraste com a pedra presente na construção.



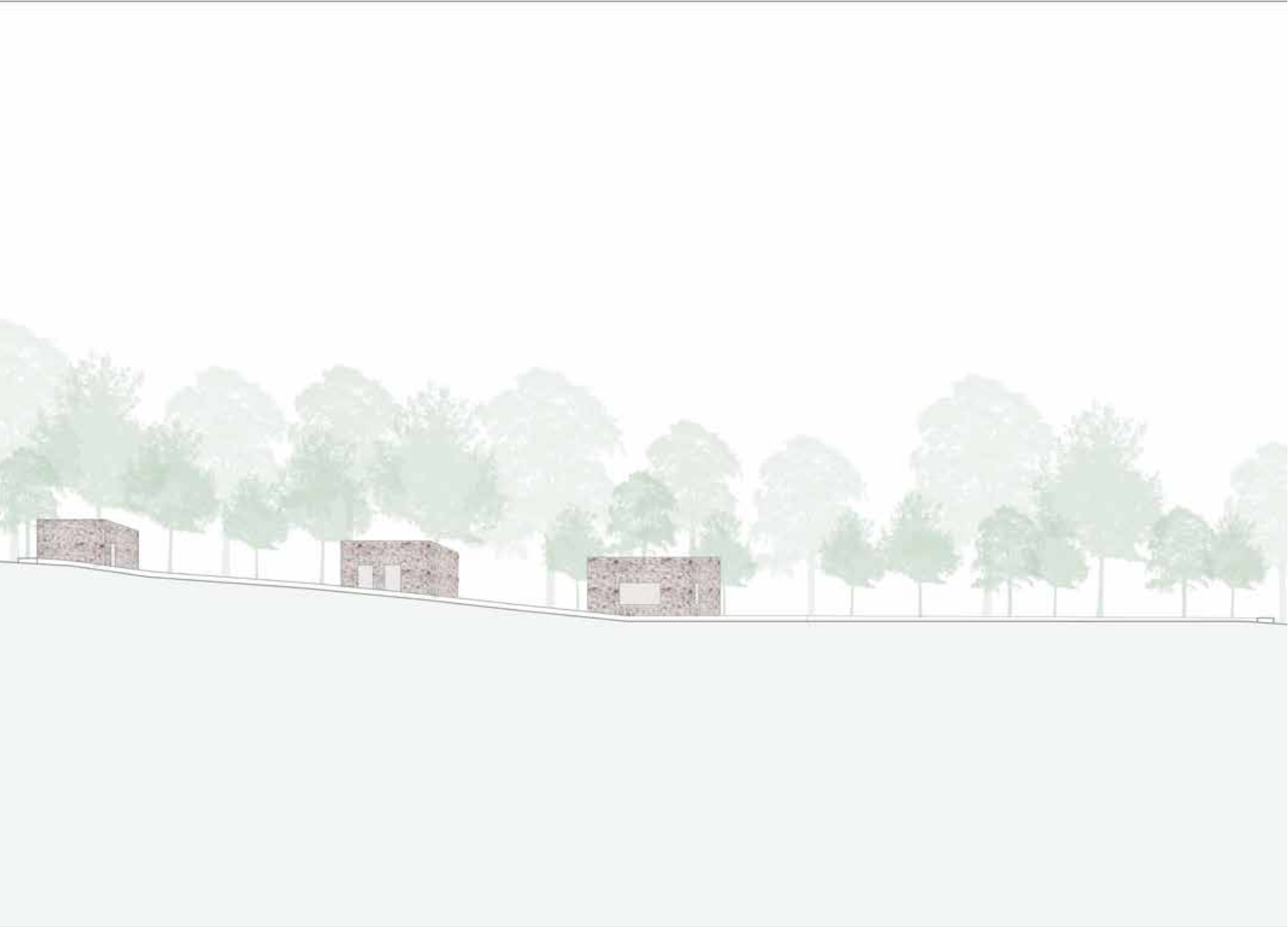
1 : 50
PLANTA E CORTE DOS QUARTOS

Em seguida, encontram-se os quartos, organizados de forma mais resguardada no conjunto da habitação. Estes compartilham uma casa de banho comum, otimizada para atender de maneira funcional aos utilizadores. A orientação dos quartos, bem como a disposição dos seus vãos, volta-se para a clareira, favorecendo a entrada de luz natural e estabelecendo uma relação direta com a paisagem. Essa escolha contribui para a criação de um ambiente mais tranquilo, íntimo e reservado, reforçando a sensação de refúgio no interior da casa.



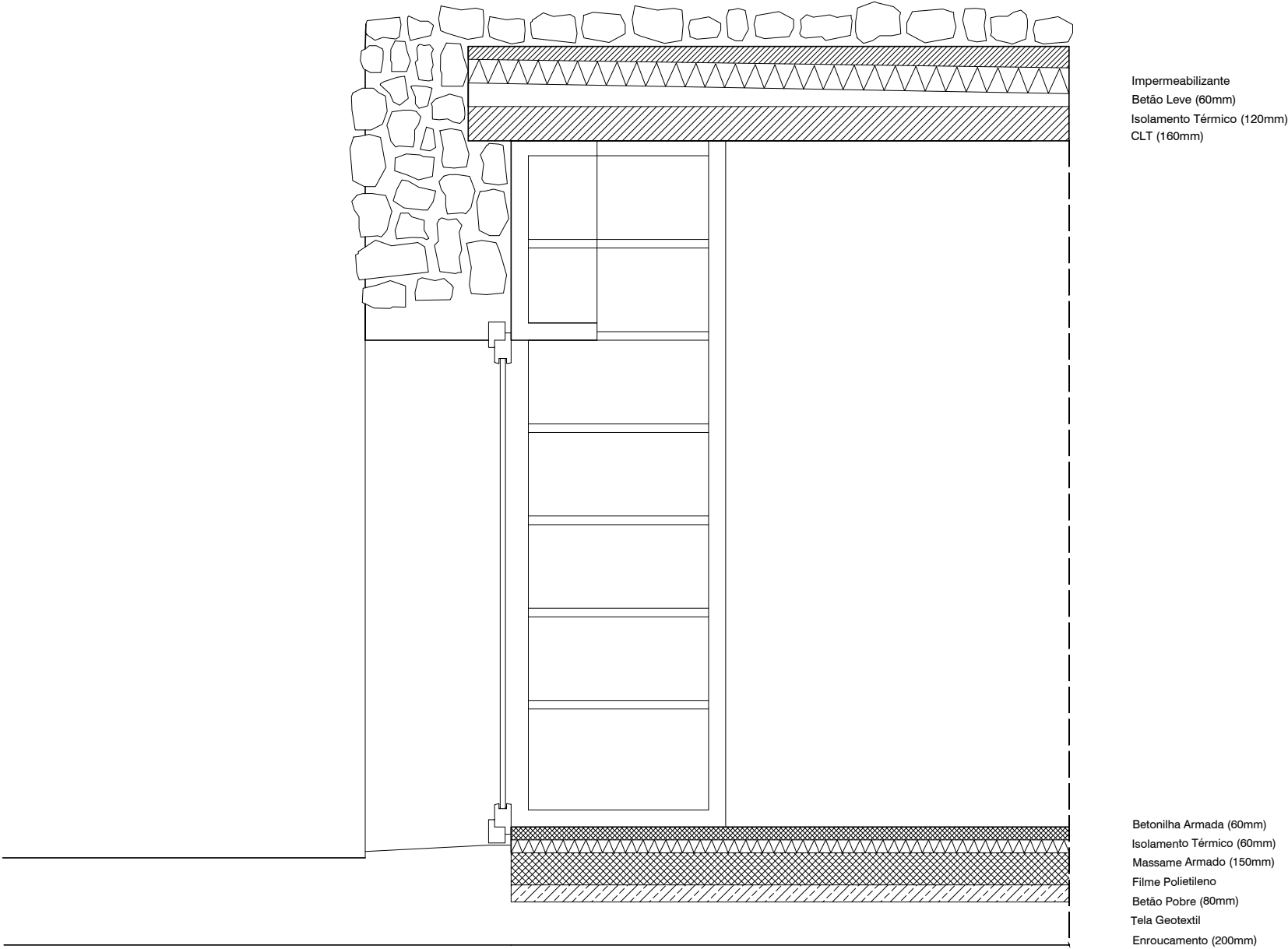
1 : 50
PLANTA E CORTE DO ATELIER

Por fim, situa-se o atelier, implantado no ponto mais alto do conjunto e privilegiado por uma ampla vista sobre a serra. A sua posição estratégica reforça o caráter contemplativo e criativo do espaço, estabelecendo uma relação direta com a paisagem envolvente. Este volume vai ao encontro da casa original e a arremata, concluindo a composição arquitetónica e integrando-a no percurso. Dessa forma, a própria casa passa também a assumir-se como um dos elementos da experiência espacial, tornando-se parte ativa do trajeto e da narrativa do projeto.



1 : 200
CORTE AA'

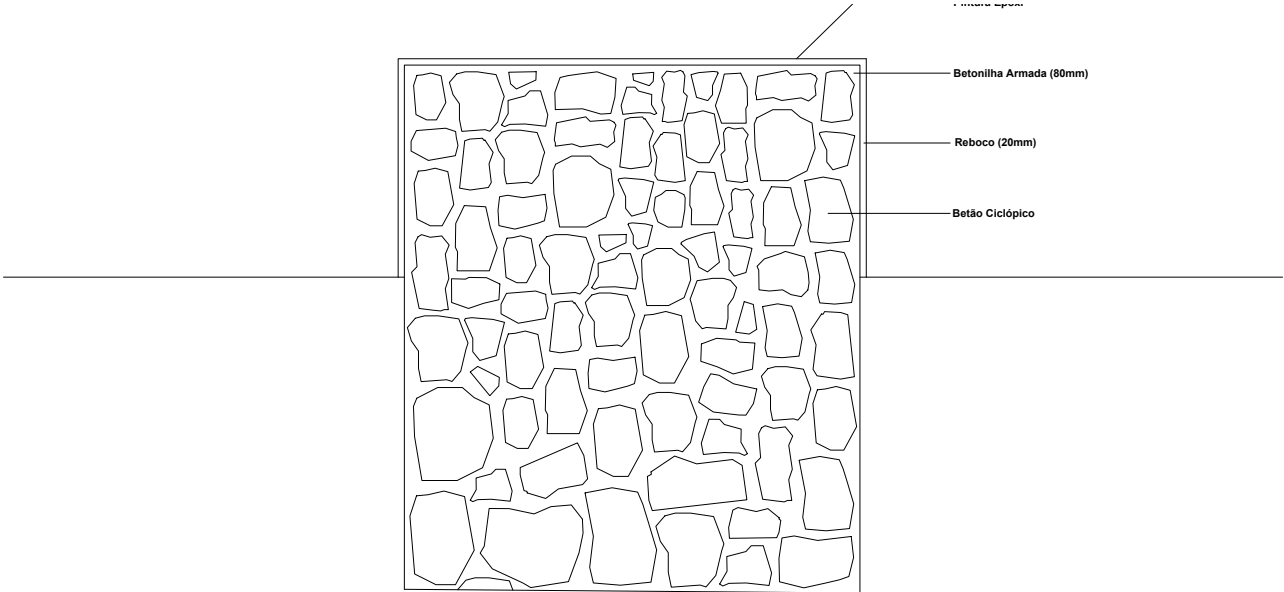
Trata-se de uma construção monolítica que, apesar da sua presença sólida e marcante, revela sensibilidade em relação à envolvente. O edifício dialoga com o espaço natural e com a clareira do entorno, estabelecendo uma relação equilibrada entre arquitetura e paisagem. Os diferentes elementos que compõem o conjunto apresentam alturas variadas, ajustando-se às respectivas cotas e acompanhando a topografia do terreno. Essa variação volumétrica reforça a integração com o sítio e contribui para uma leitura dinâmica e articulada do projeto.

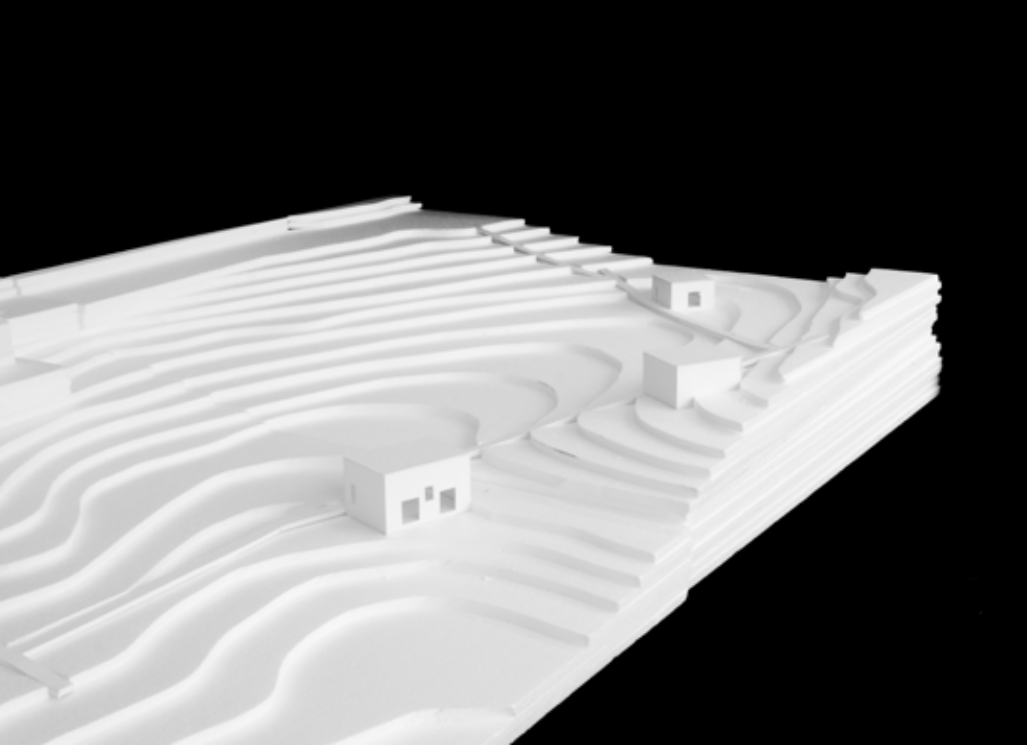
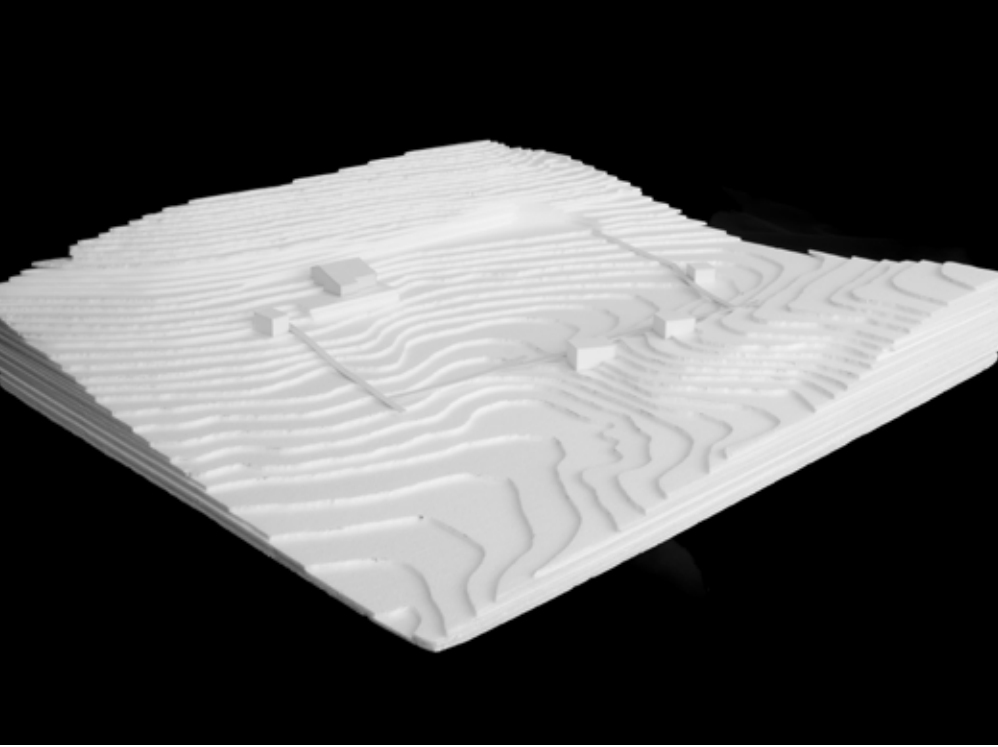
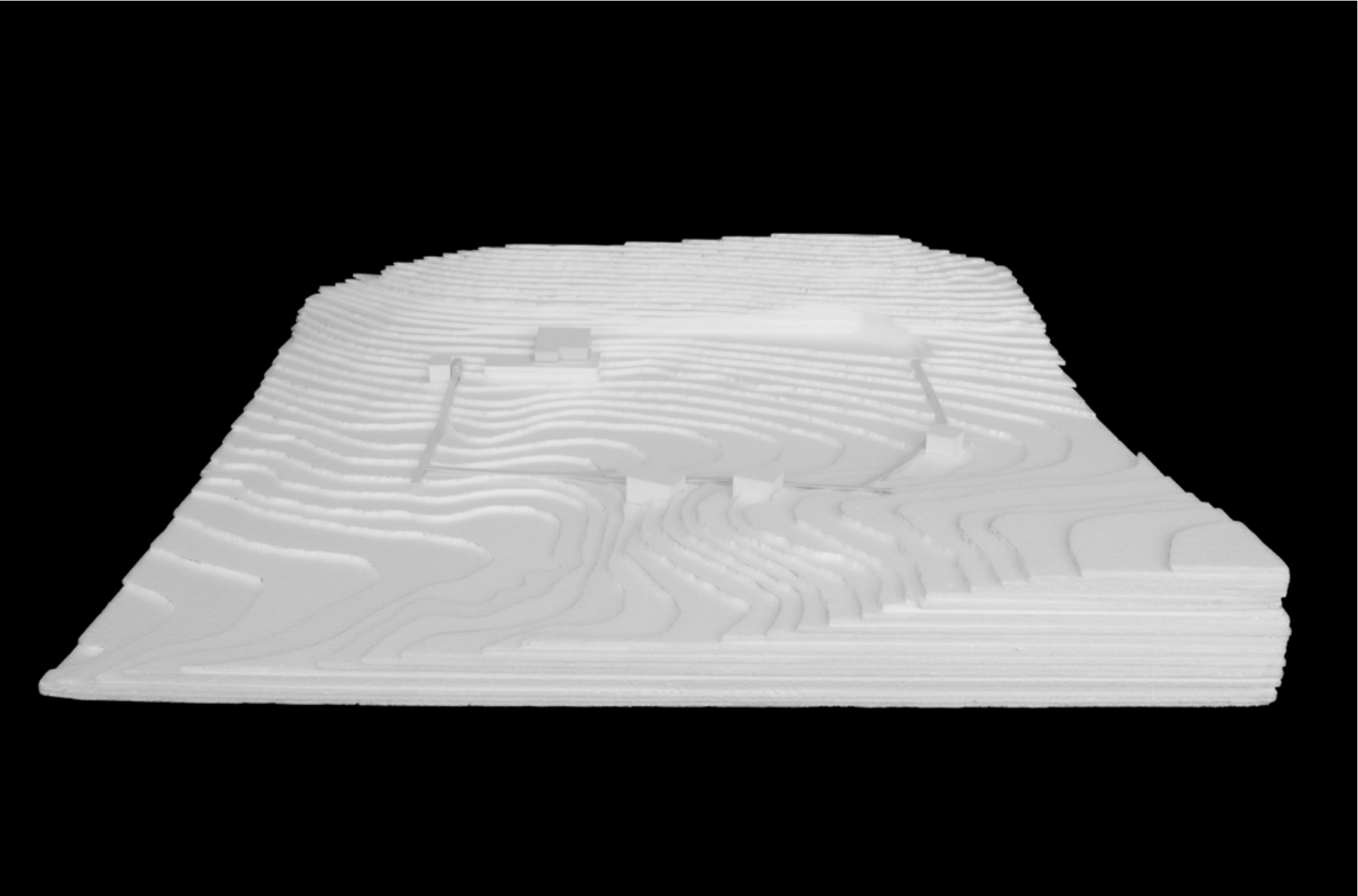


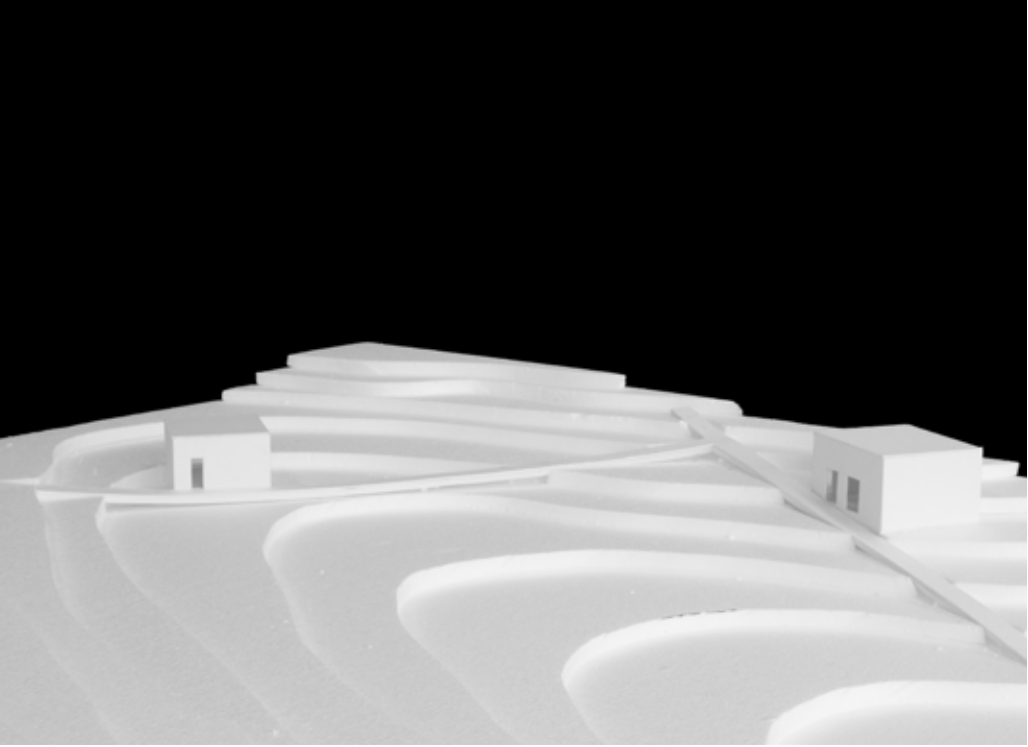
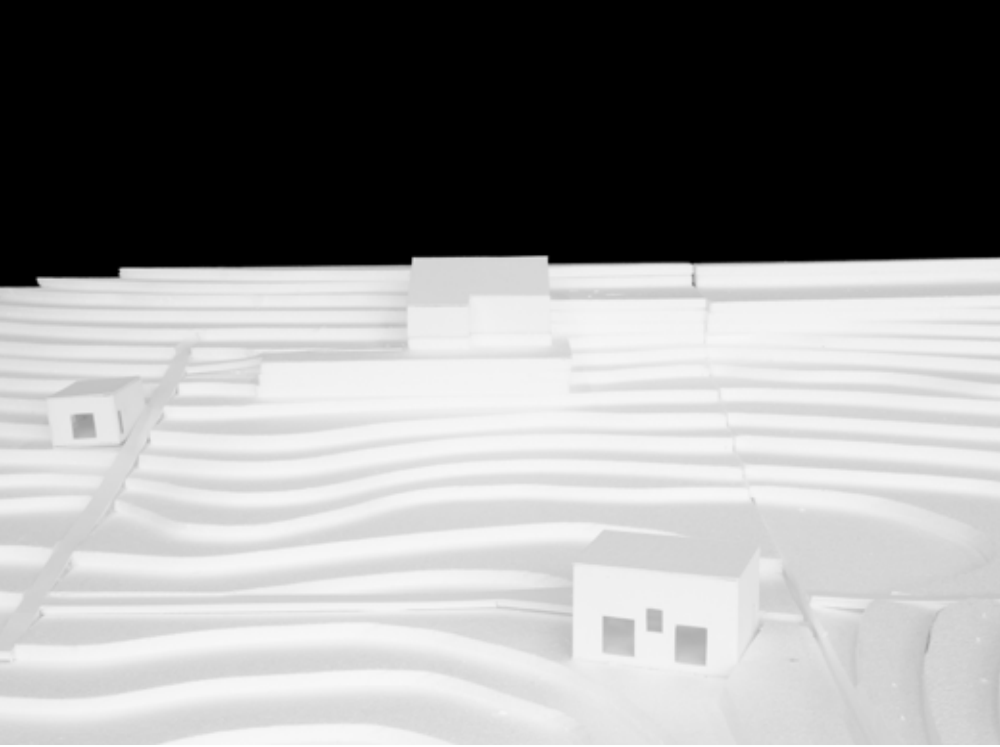
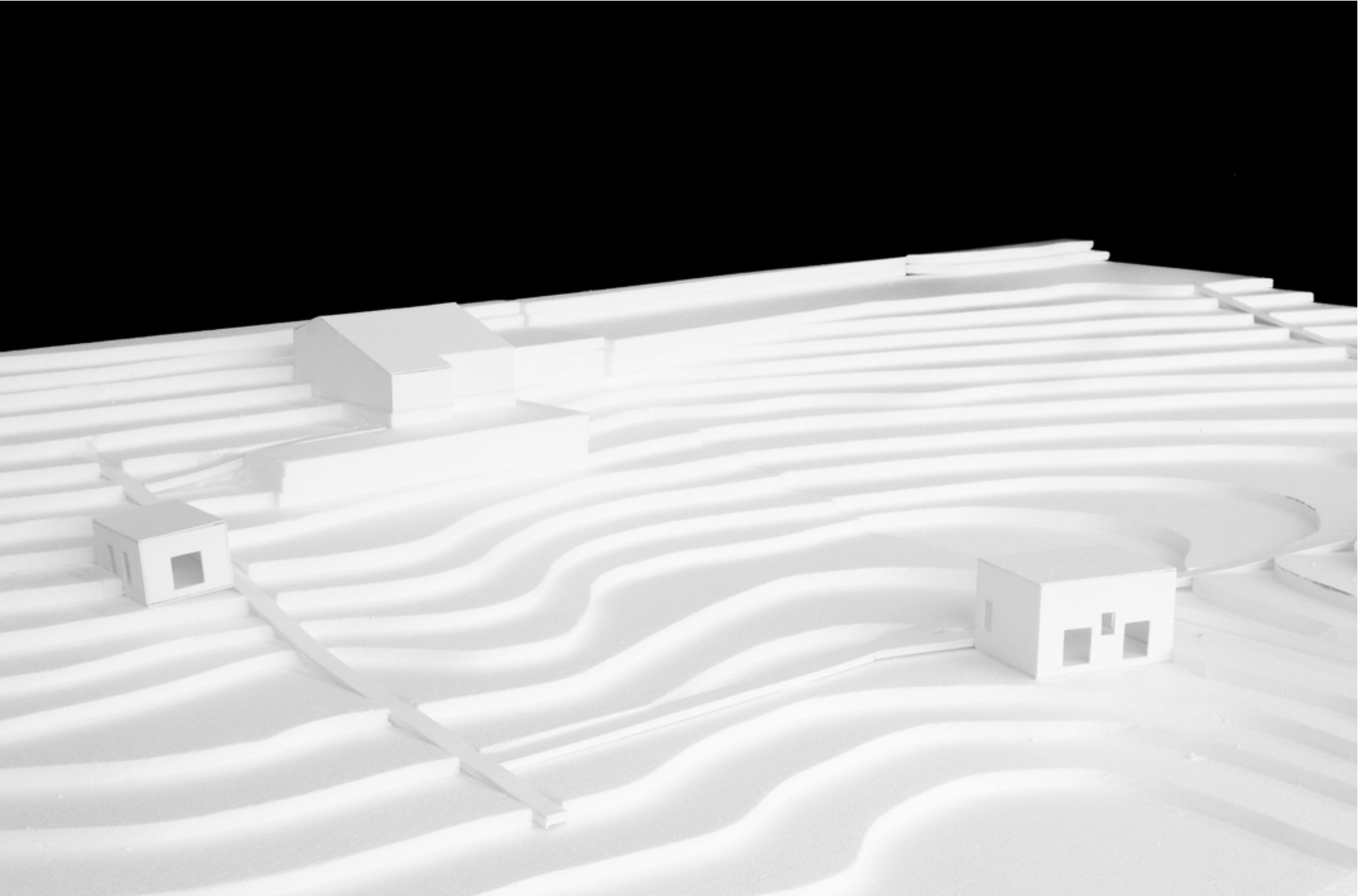
1 : 20

CORTE CONSTRUTIVO

A construção é realizada em betão ciclópico, assumindo uma expressão monolítica, maciça e fortemente enraizada no lugar. As paredes apresentam 60 cm de espessura, assegurando elevada resistência estrutural e significativa inércia térmica, contribuindo para a estabilidade e o conforto interior ao longo do ano. No interior, o espaço é revestido a madeira CLT, criando um contraste intencional entre a robustez mineral do betão e a textura quente da madeira. Esta combinação material proporciona maior conforto ambiental e uma atmosfera mais acolhedora, sem comprometer a coerência construtiva do conjunto. A cobertura é do tipo invertida, com o isolamento térmico colocado sobre a camada de impermeabilização, sendo protegida e estabilizada por pedras apoiadas que funcionam como lastro. Os vãos são constituídos por janelas pivotantes, permitindo diferentes graus de abertura, favorecendo a ventilação natural e reforçando a relação entre interior e exterior.





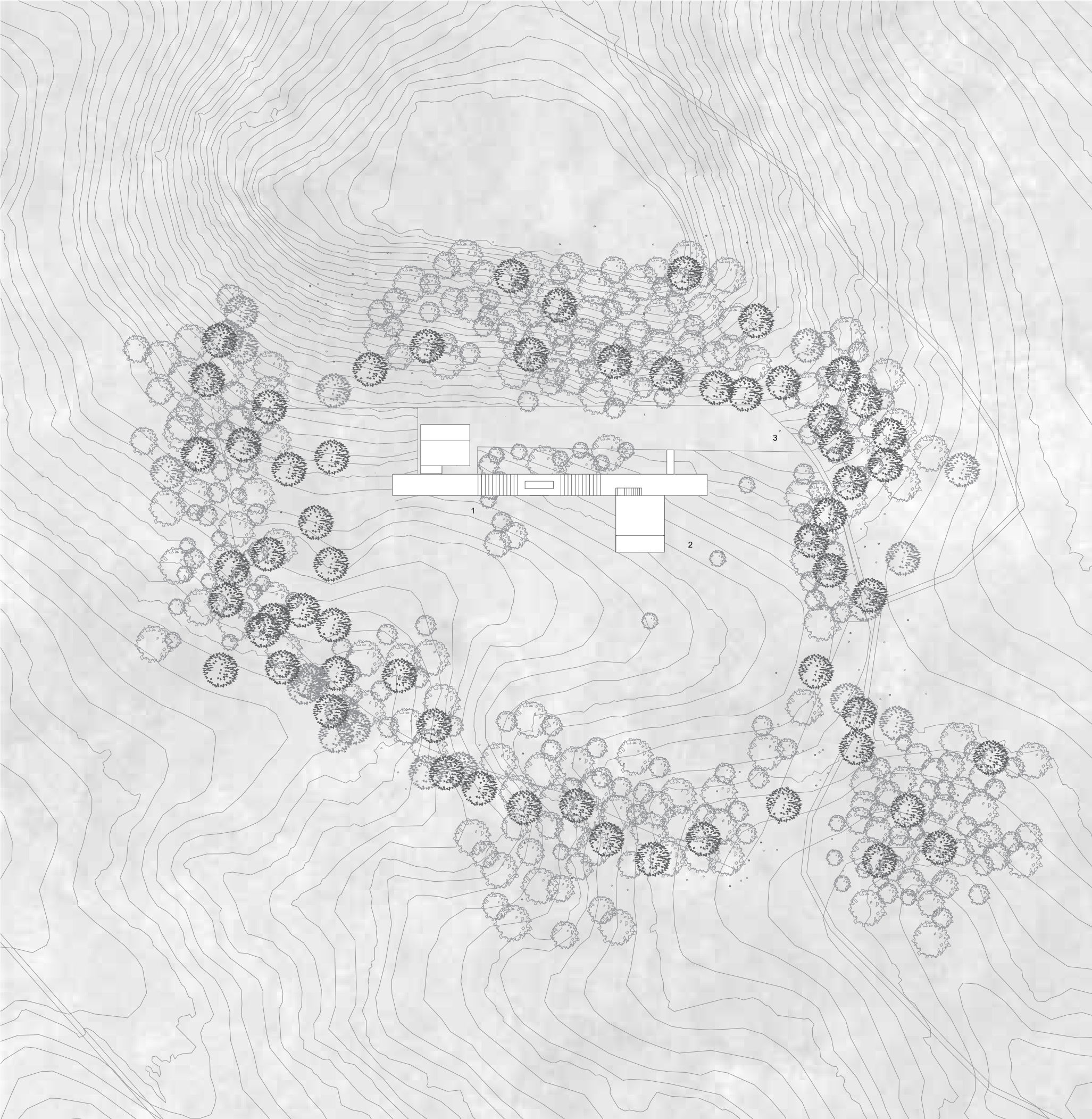


CASA INVERSA

Duplicidade
Plataforma
Topografia

Rodrigo Ferreira





Legenda: 1- Casa Val do Pereiro 2- Casa Dupla 3- Acesso Casa Val do Pereiro/ Casa Dupla

1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

DUPLICIDADE
PLATAFORMA
TOPOGRAFIA

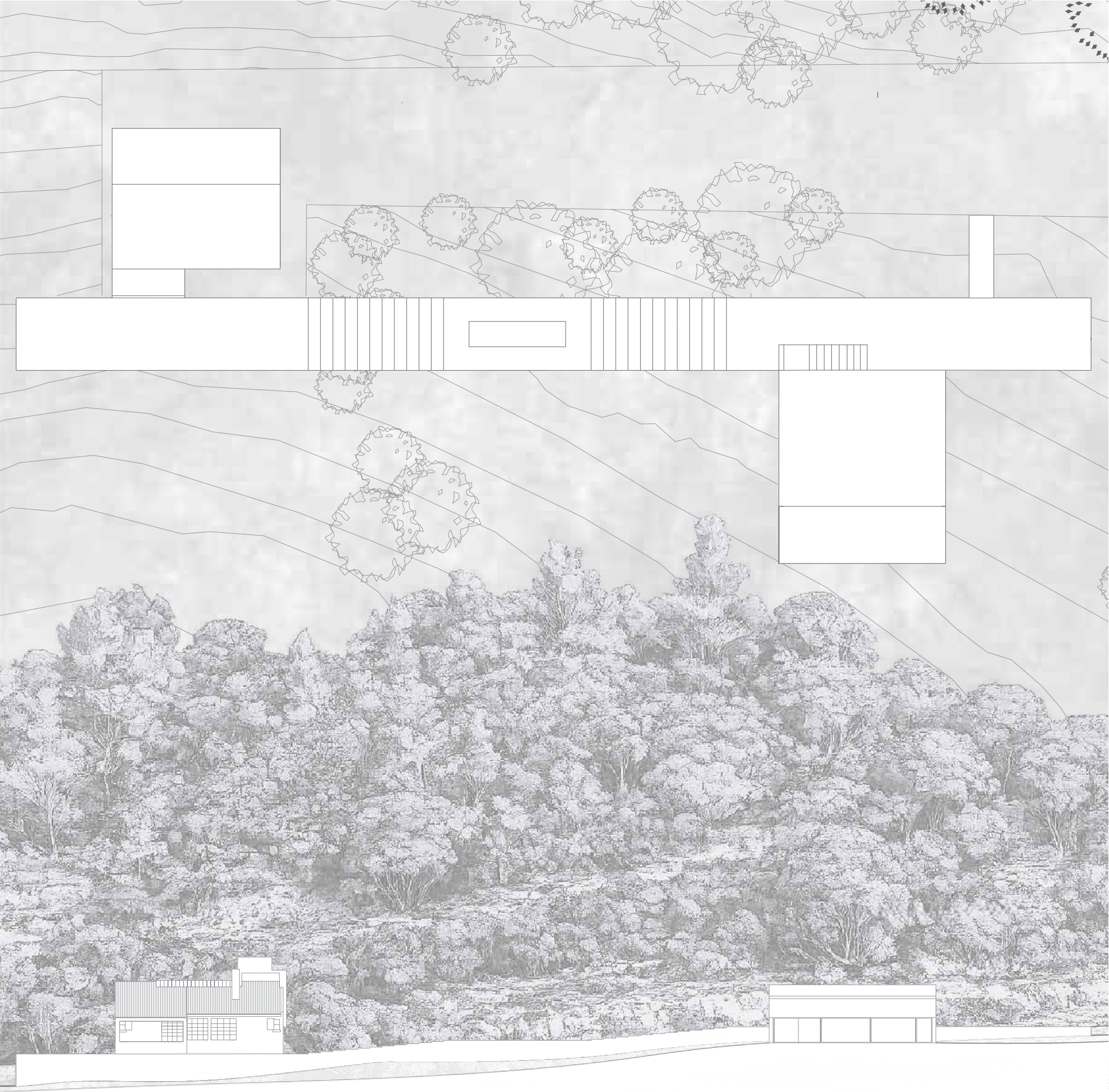
A casa localizada no Vale do Pereiro, em Azeitão, insere-se num contexto rural marcado pela forte irregularidade do terreno e pela presença de vegetação mediterrânica. Projetada em 1974 por Luis Vassalo Rosa, a habitação adapta-se ao declive existente e aos antigos usos agrícolas, implantando-se de modo discreto para reduzir o impacto na paisagem. A casa desenvolve-se a partir de uma inversão da Casa do Val do Pereiro. Ao contrário do que acontece nessa referência, o acesso não é feito directamente para o interior da habitação, mas sim através de uma plataforma. Por sua vez, quando se estabelece a relação com o jardim, a parte mais visível passa a ser a própria casa e não a plataforma, invertendo assim a lógica da Casa do Val do Pereiro. A habitação organiza-se em dois volumes distintos: um bloco social e um bloco privado. O bloco privado assume-se como um espaço de paz e sossego, uma vez que, numa casa de férias, os quartos e as instalações sanitárias são os únicos espaços de descanso fora do contexto de socialização — lugares de higiene física e mental. Esta distinção funcional é reforçada pela materialidade, sendo que cada bloco utiliza materiais específicos que reflectem a sua função e carácter.



Fotografia (foto : Madalena Lemos)



Fotografia (foto : Madalena Lemos)



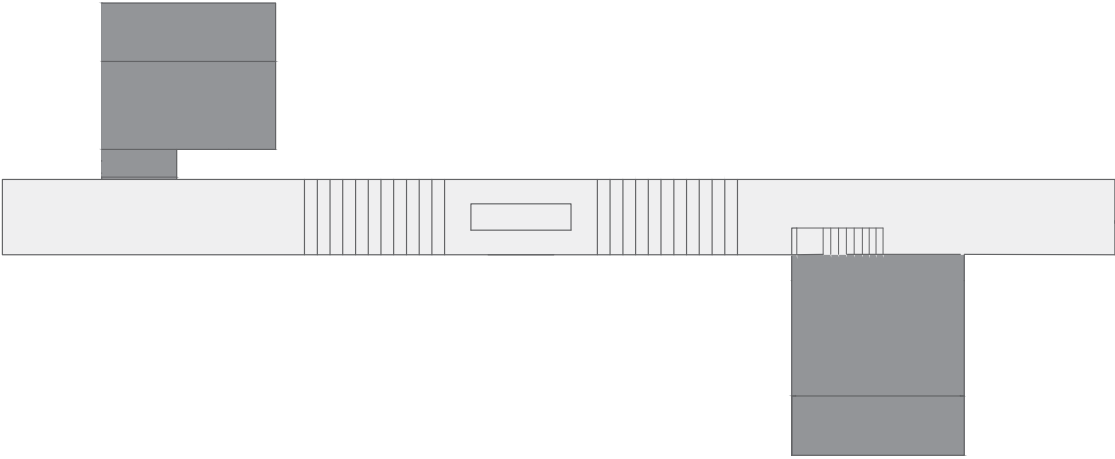
1 : 150

Planta Cobertura / Alçado Norte

A Casa Dupla propõe um projeto que se inspira na Casa Vale do Pereiro, mas de forma completamente invertida. Enquanto a casa original se apoia sobre uma plataforma, a Casa Dupla situa-se por baixo e em frente a uma plataforma, criando uma relação inversa com o terreno e com a forma de ocupar o espaço. Esta inversão permitiu explorar novas dinâmicas espaciais e visuais, oferecendo uma leitura do edifício que contrasta com o modelo de referência.

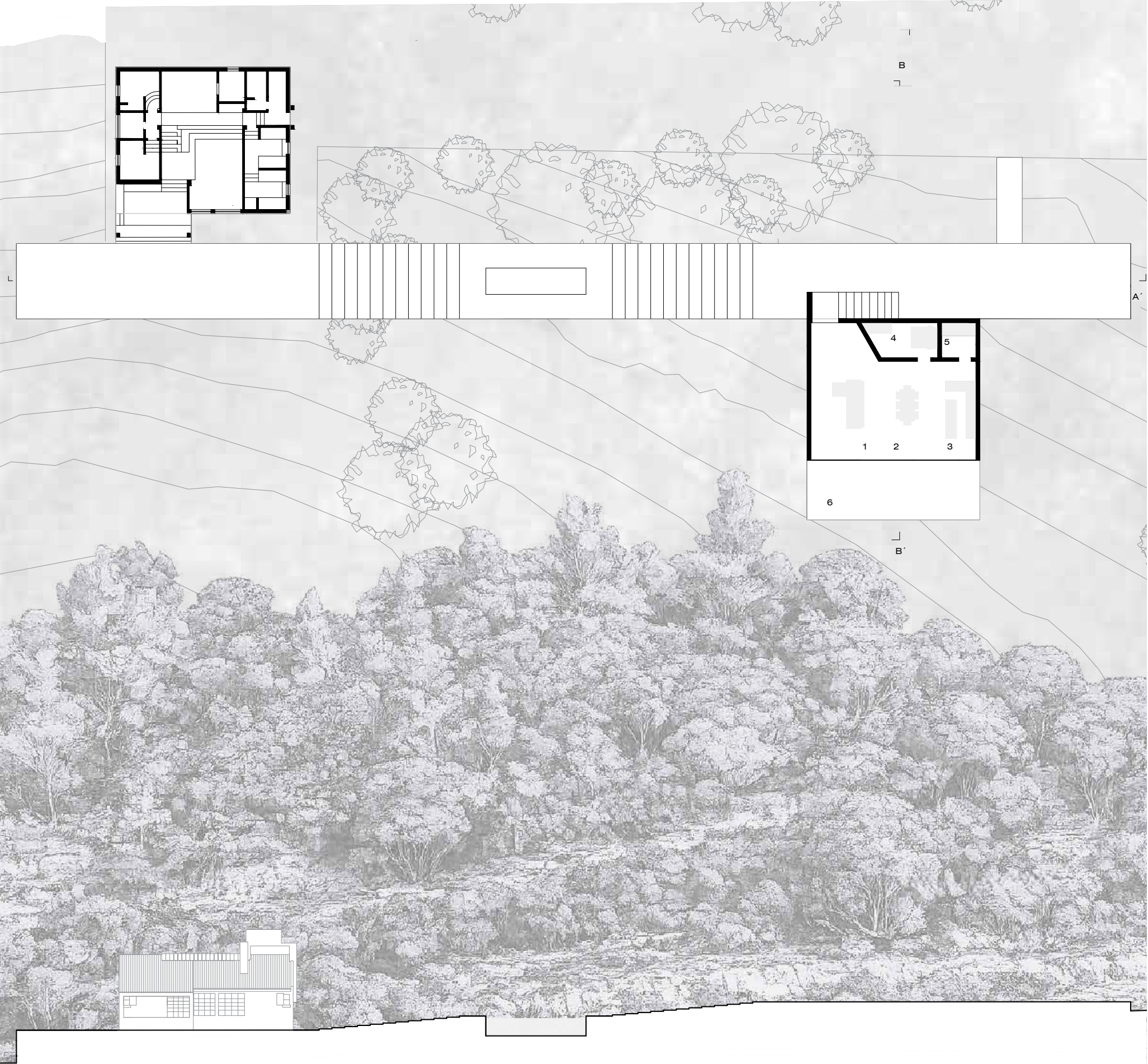
A casa adapta-se de forma subtil à inclinação natural do terreno, aproveitando a topografia sem recorrer a grandes cortes ou aterros. A relação com a paisagem é preservada, com o edifício a integrar-se no sítio de forma orgânica, mas mantendo a sua identidade própria.

Toda a organização e forma da casa é pensada como um reflexo invertido da Casa Vale do Pereiro: a plataforma passa a estar por cima, a inclinação da cobertura é oposta, e a disposição dos volumes reforça esta ideia de inversão. O resultado é uma casa que, apesar de se inspirar num modelo existente, apresenta uma leitura espacial e visual totalmente diferente.

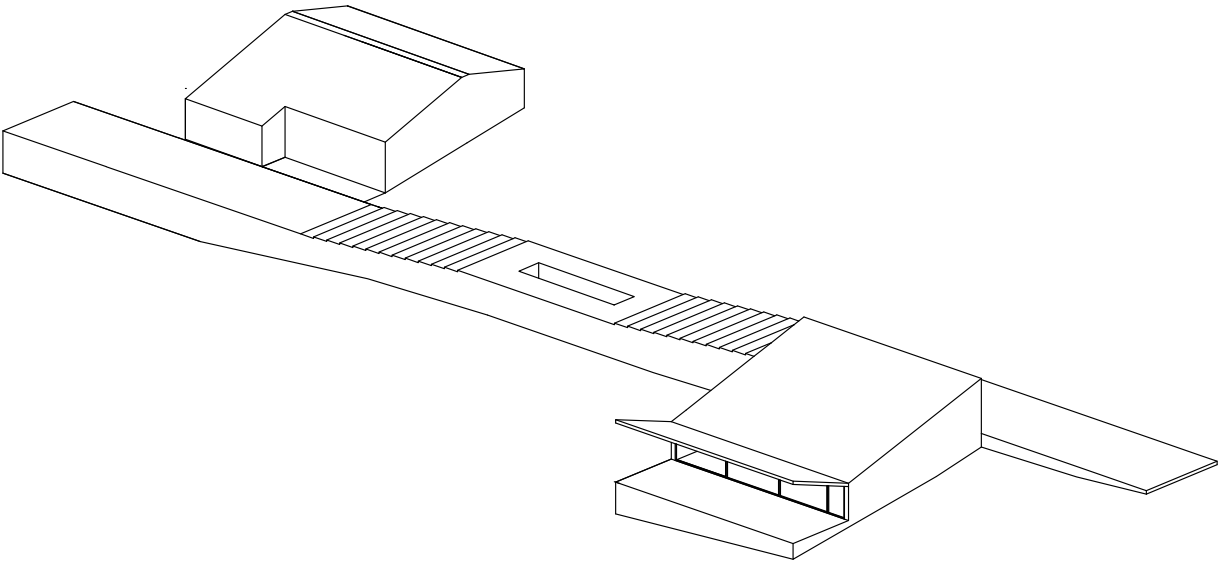


1 : 350

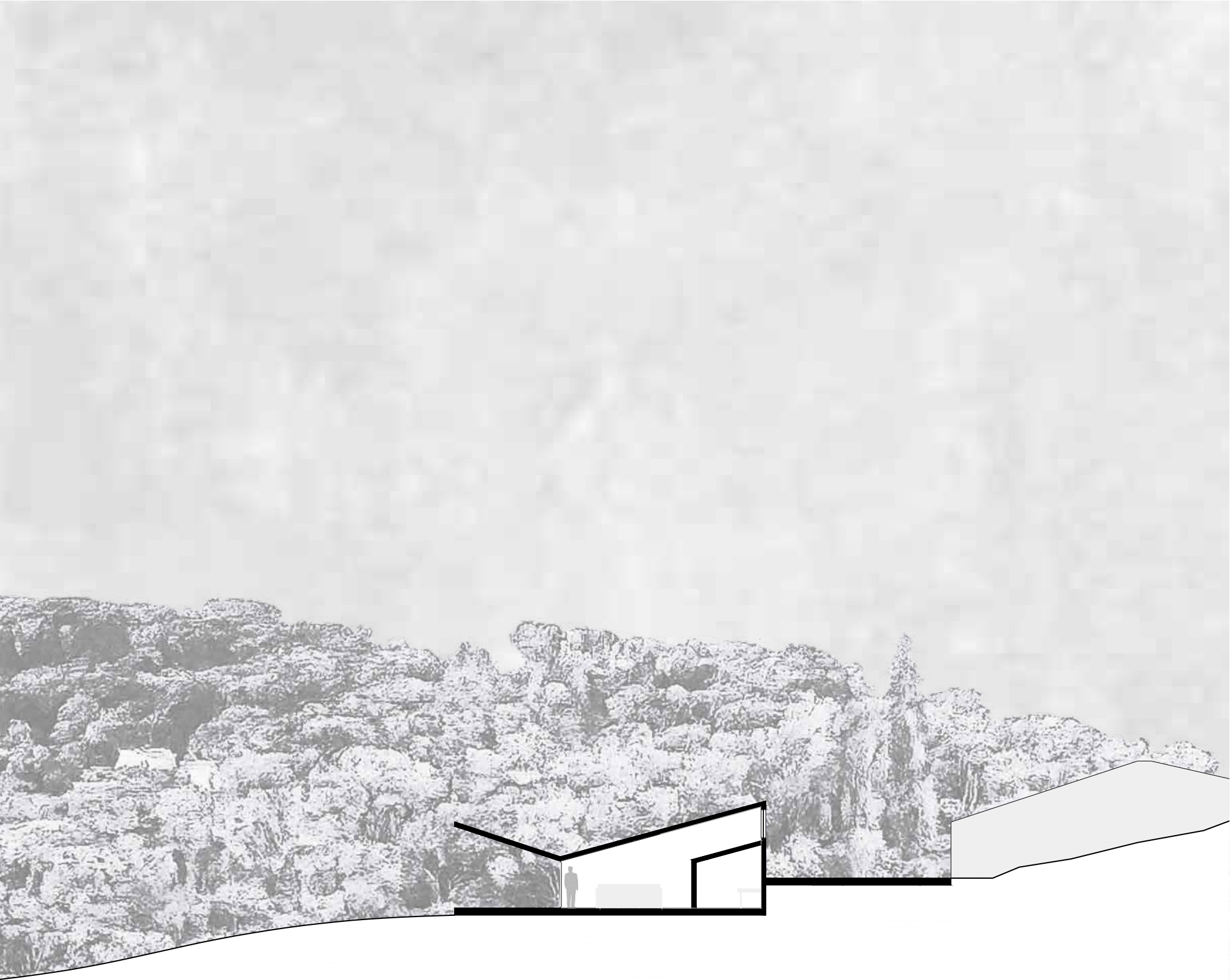
Relação da Casa Vale do Pereiro com a Casa Dupla



Legenda: 1- Sala de estar 2- Sala de jantar 3- Cozinha 4- Quarto 5- Casa de banho 6- Espaço exterior
1 : 200
Planta / Corte AA´



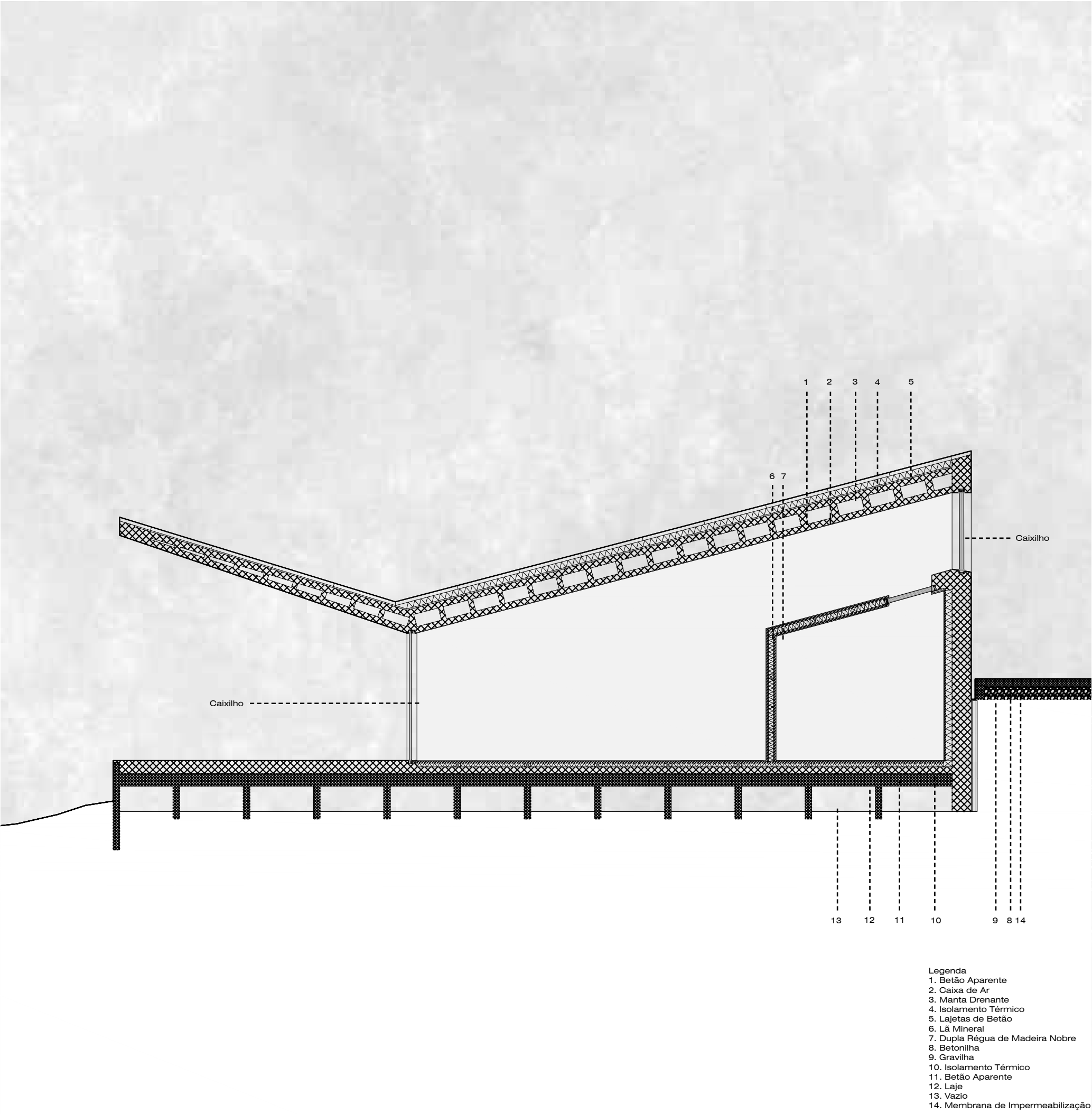
Isómetria 1/250



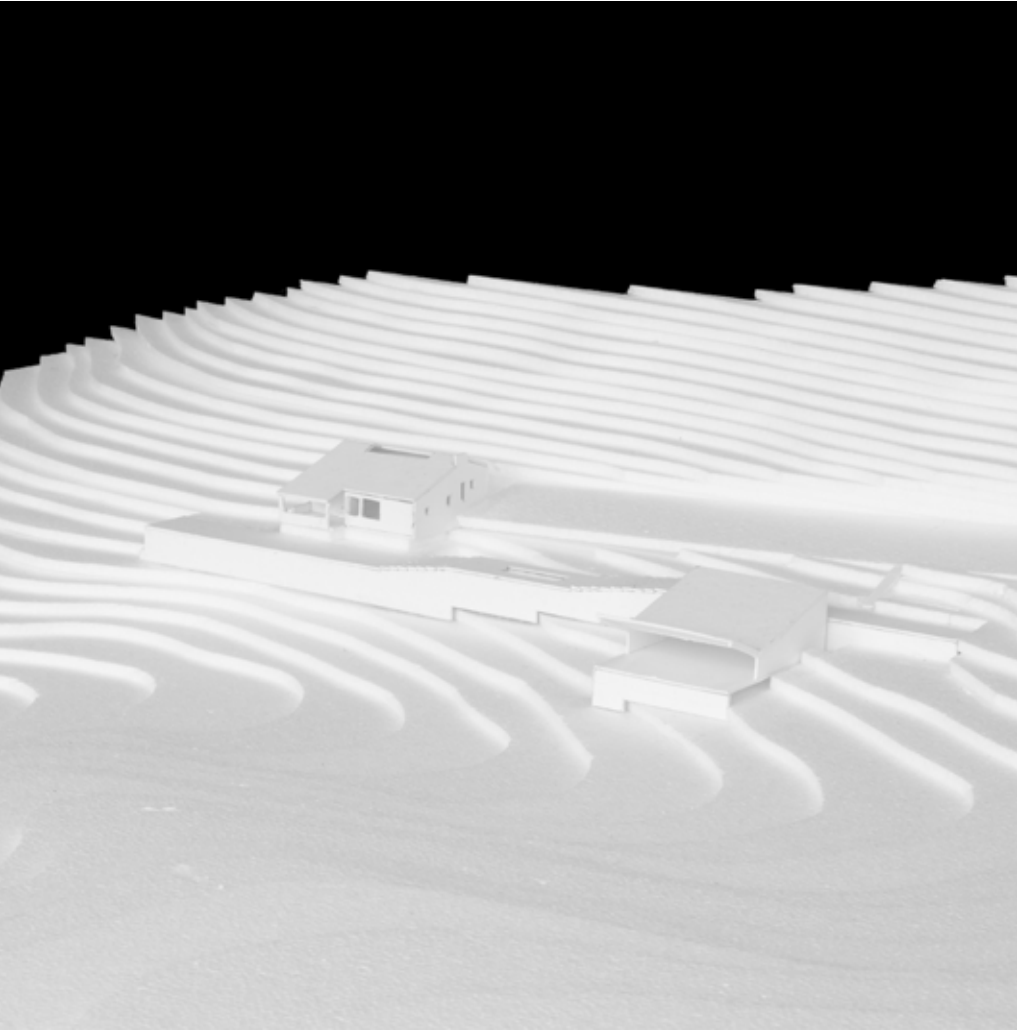
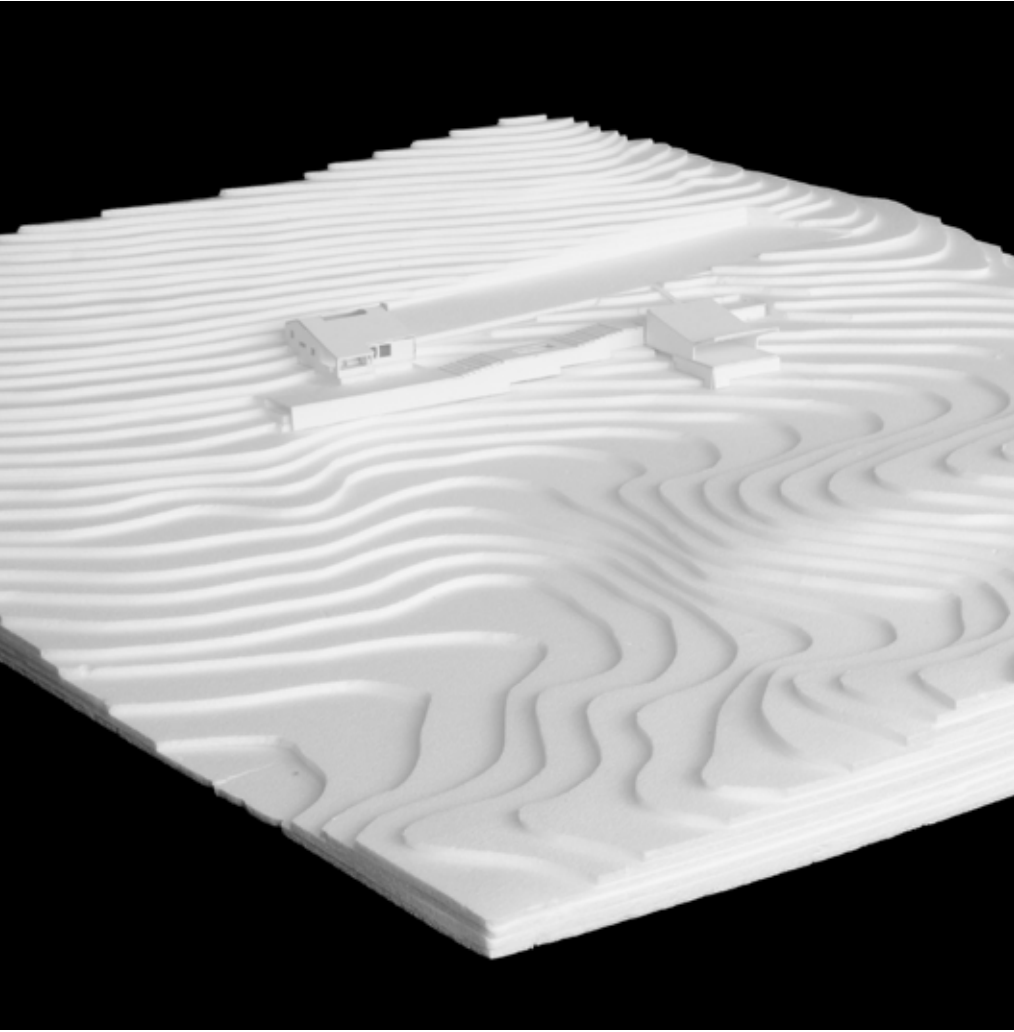
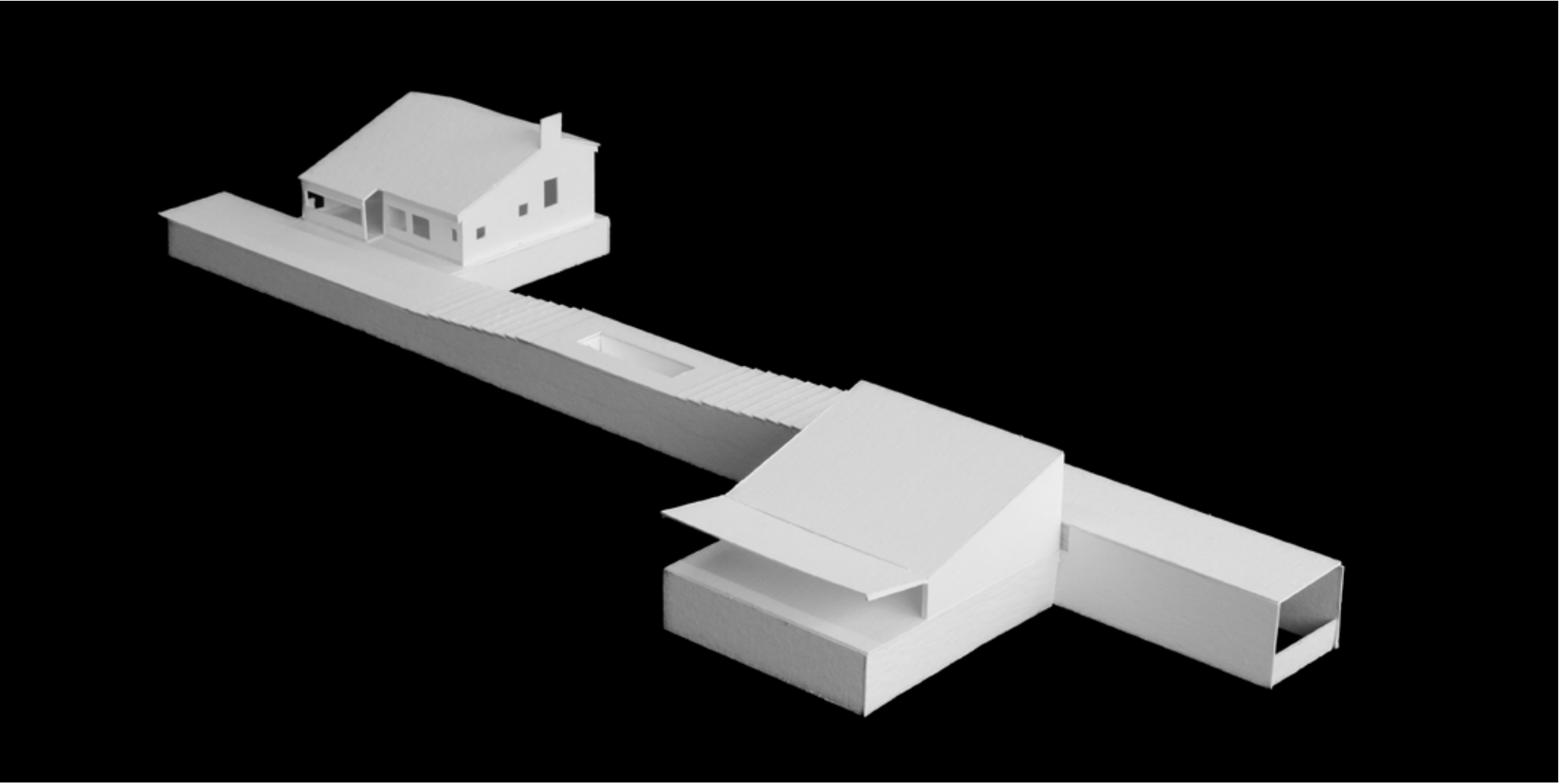
1 : 200
Corte BB´



Render



A Casa Dupla a partir da Casa Vale do Pereiro (1974–1976)” estrutura-se a partir de uma lógica construtiva clara, onde a materialidade define simultaneamente a expressão arquitetónica e o desempenho técnico do edifício. A estrutura principal é executada em betão armado, material que assegura resistência, estabilidade e continuidade entre lajes e elementos em contacto com o solo. As lajes de betão organizam os planos horizontais da habitação, estabelecendo a base estrutural do conjunto. Nas zonas térreas, a construção integra camadas de gravilha e manta drenante, fundamentais para o controlo da humidade e correta drenagem, sobre as quais assentam lajetas de betão e betonilha de regularização. O desempenho térmico e acústico é garantido pela aplicação de isolamento térmico e lã mineral, integrados nas paredes, pavimentos e cobertura, assegurando conforto ambiental e eficiência energética. Os elementos de acabamento interior recorrem a contraplacado em dupla camada e a régua de madeira nobre, também aplicadas em duplicado em determinadas soluções construtivas. Estes materiais introduzem precisão técnica, estabilidade e uma dimensão sensorial que contrasta com a solidez do betão. Os caixilhos completam o sistema, estabelecendo a relação entre interior e exterior, permitindo iluminação natural e ventilação, ao mesmo tempo que asseguram estanqueidade e desempenho térmico. O conjunto revela, assim, uma articulação equilibrada entre massa e leveza, permanência estrutural e conforto material, onde cada componente construtivo contribui para a coerência técnica e expressiva da habitação.

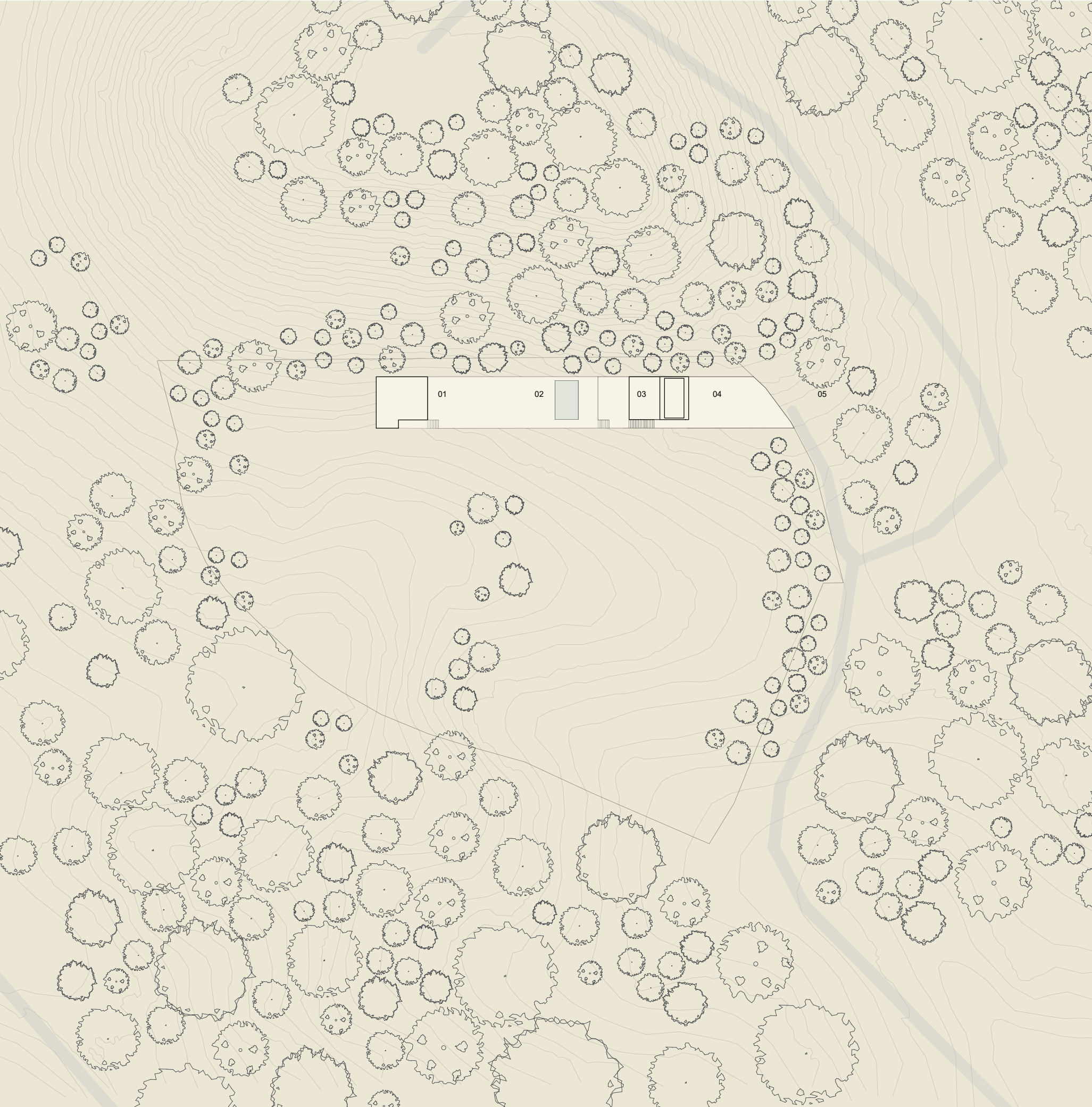


CASA PLATAFORMAS

Plataformas
Topografia
Invisibilidade

Tiago Grilo





Legenda: 01- Casa no Vale Pereiro 02- Zona da piscina 03- Casa Dupla 04- Estacionamento 05- Acesso

1 : 500 NQ
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

PLATAFORMAS
TOPOGRAFIA
INVISIBILIDADE

A casa situada no Vale do Pereiro, em Azeitão, insere-se num território rural marcado por forte orografia e vegetação mediterrânica. Projetada em 1974 por Vassalo Rosa, responde ao declive e aos condicionamentos agrícolas, assumindo uma posição de forma discreta e em estreita relação com a topografia existente. A organização interior acompanha essa lógica, ajustando cotas e percursos à inclinação natural do terreno. O alpendre funciona como espaço de transição entre a habitação e o vale, abrindo a casa à paisagem e ao horizonte distante. A volumetria simples e a materialidade reforçam o carácter rural do conjunto, afirmando uma arquitetura que se molda ao lugar e ao contacto direto com o solo. A Casa Dupla surge a partir desta leitura do território e da relação estabelecida pela casa existente com o terreno. A nova intervenção organiza-se segundo uma lógica de posicionamento no terreno, estruturando o conjunto por níveis habitáveis e estabelecendo uma sequência espacial entre a casa original e o novo volume. Localizada no eixo nordeste da casa Vale do Pereiro, numa cota superior, afirma a sua autonomia sem romper a relação com o edifício existente. O espaço exterior entre ambas assume um papel estruturante, articulando volumes, níveis e percursos numa leitura contínua com a topografia.



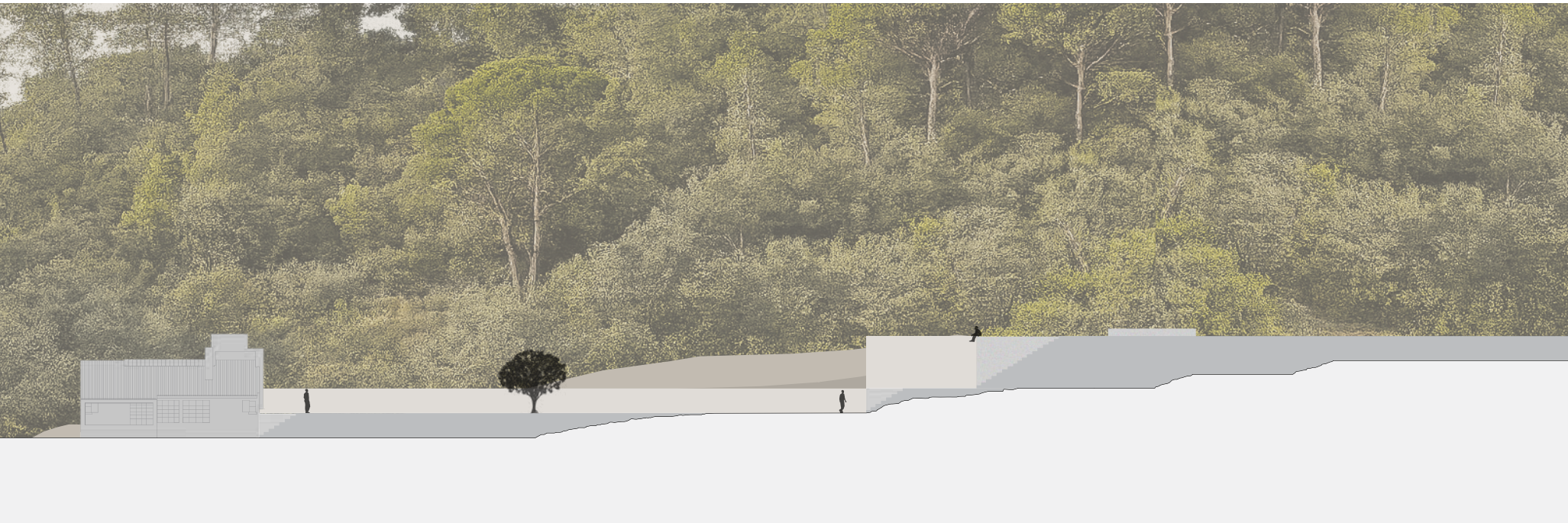
Ortofotomapa do local escolhido



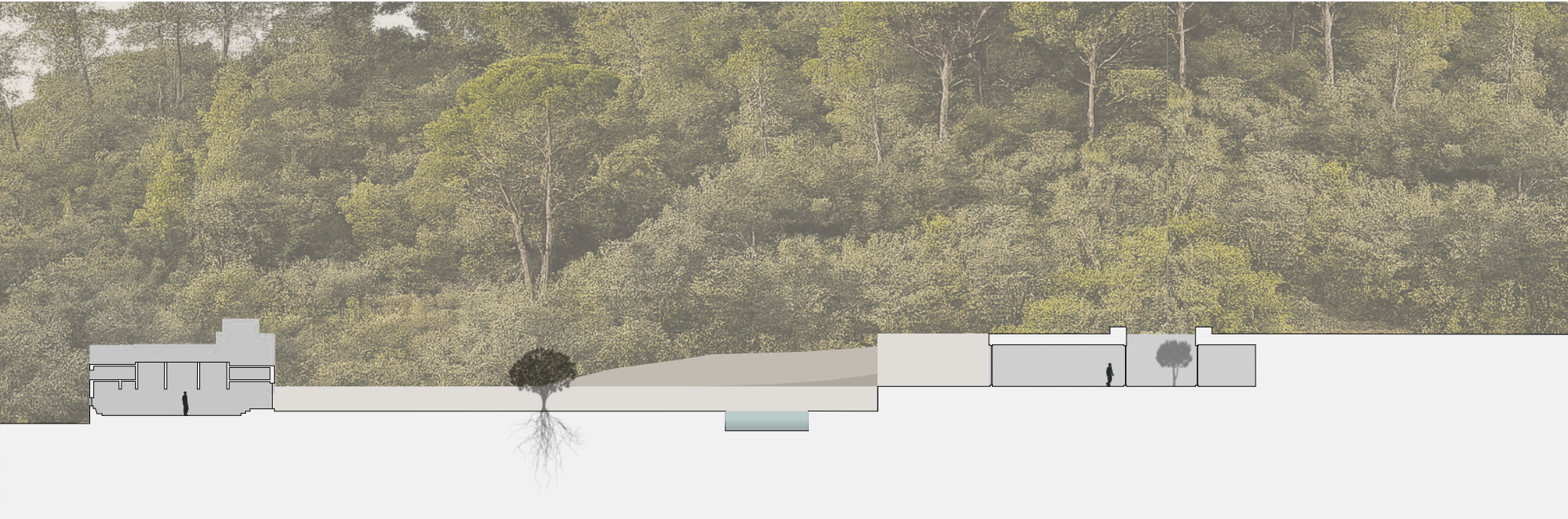
Fotografia do local escolhido



Planta 1:200 Ø

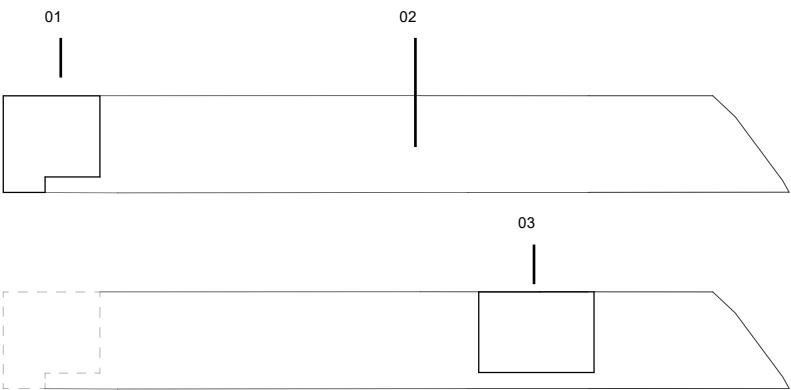


Alçado 1:200



Corte AA' 1:200

A Casa Dupla é pensada para não se revelar de imediato. No primeiro contacto com o terreno, o alçado quase não denuncia a presença da habitação, apresentando-se como um gesto mínimo, alinhado com a topografia existente. É apenas através do corte que se compreende a verdadeira organização do espaço: o acesso faz-se num nível superior e, a partir daí, o percurso desce, conduzindo o corpo para um plano inferior onde a casa se desenvolve. Este movimento descendente faz com que a arquitetura permaneça oculta no perfil do terreno. A partir do ponto de chegada, não é perceptível a existência da habitação; só à medida que se desce é que o espaço construído se revela, transformando a entrada num processo gradual e silencioso, em que a casa surge apenas depois do percurso.

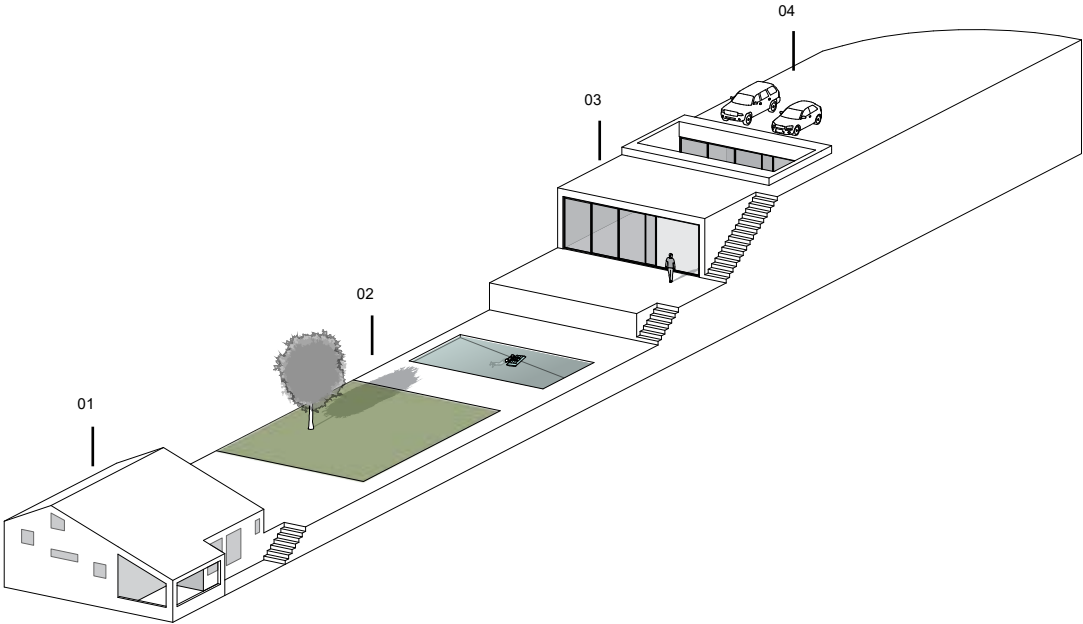




Legenda: 01- Sala de estar 02- Cozinha 03- Pátio 04- Quarto 05- Instalação Sanitária

Planta 1:50

A planta da Casa Dupla desenvolve-se integralmente ao nível do piso térreo, estruturando-se numa sequência clara de espaços, onde a disposição dos diferentes corpos permite uma leitura gradual entre o domínio público e o domínio privado. A entrada localiza-se a zona social, que integra a sala e a cozinha num espaço aberto e contínuo. Esta área funciona como o principal espaço de convivência da casa, assumindo uma relação direta com o exterior e com o acesso à habitação. No centro da casa insere-se o pátio, concebido como um espaço de transição entre a zona social e a zona privada. Para além do seu papel articulador, o pátio assume um carácter habitável, podendo acolher momentos de permanência e refeição. Este espaço exterior contido contribui para a entrada de luz natural e para a ventilação, marcando uma pausa na sequência construída e reforçando a relação entre interior e exterior. Após o pátio desenvolve-se a zona privada, que integra o quarto e a instalação sanitária, organizados de forma compacta e funcional. A instalação sanitária desenvolve-se de forma contínua atrás do quarto, integrando as diferentes funções de forma clara e organizada, sem comprometer a leitura unitária do espaço doméstico.



Legenda: 01- Casa Vale Pereiro 02- Zona da piscina 03- Casa Dupla 04 - Estacionamento

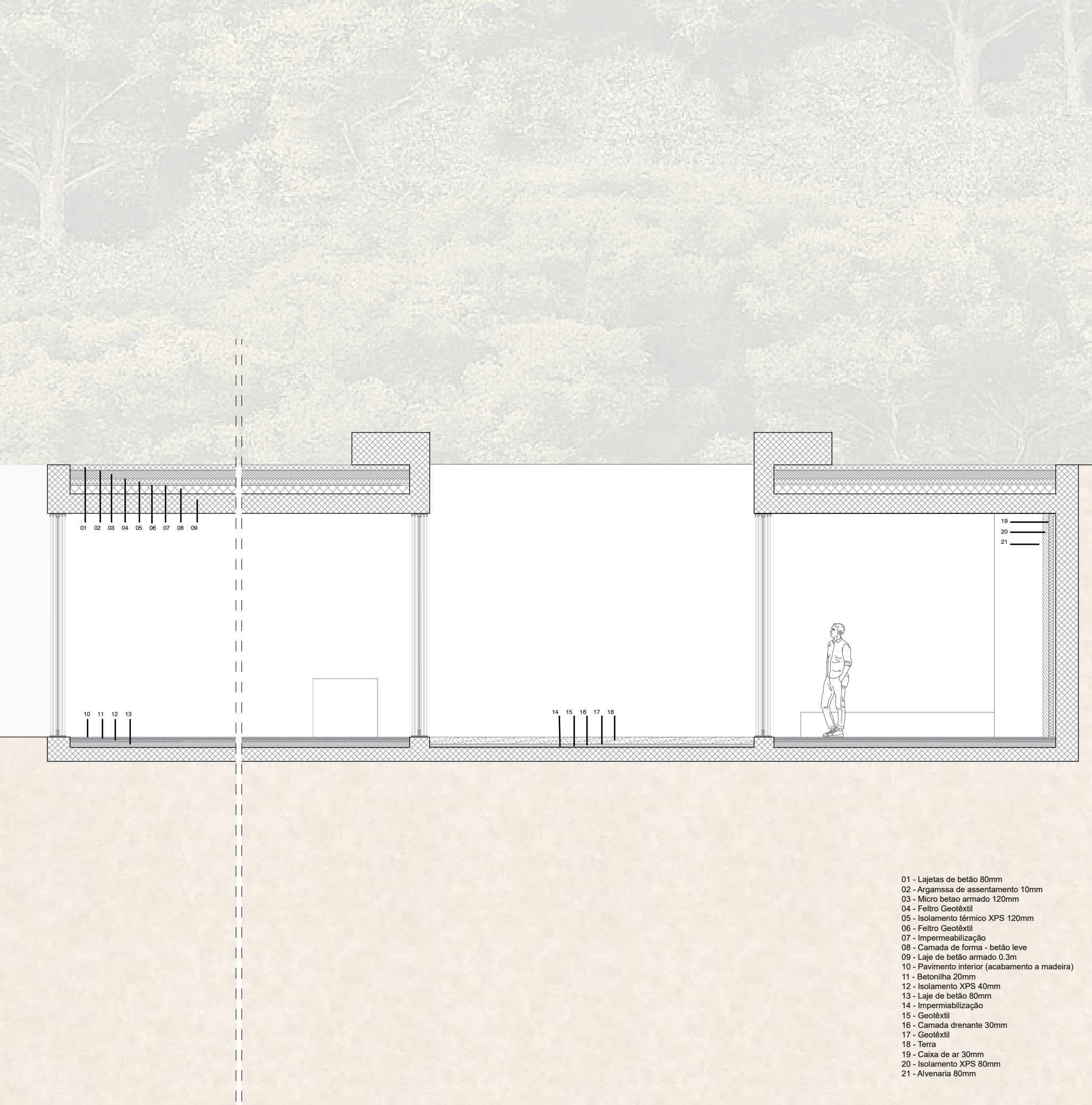
Axonometria



Vista do Acesso

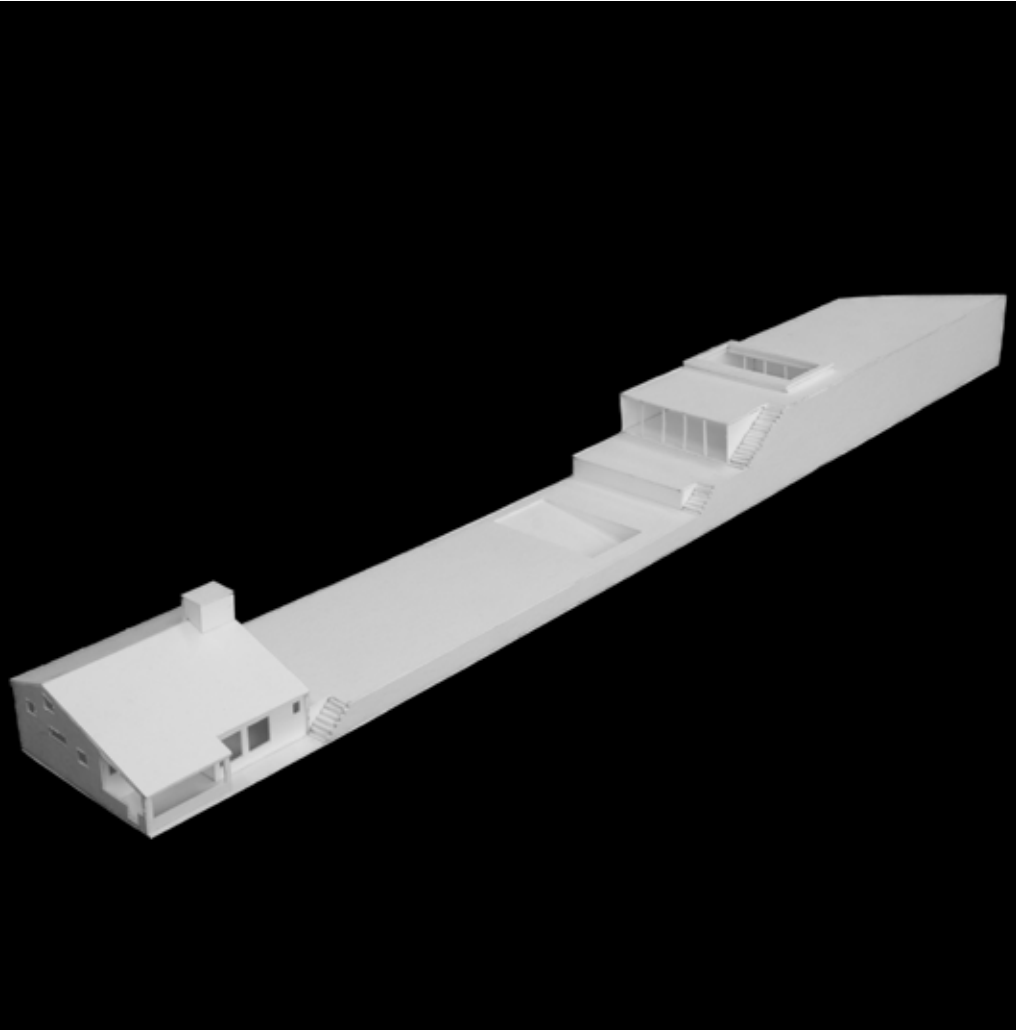
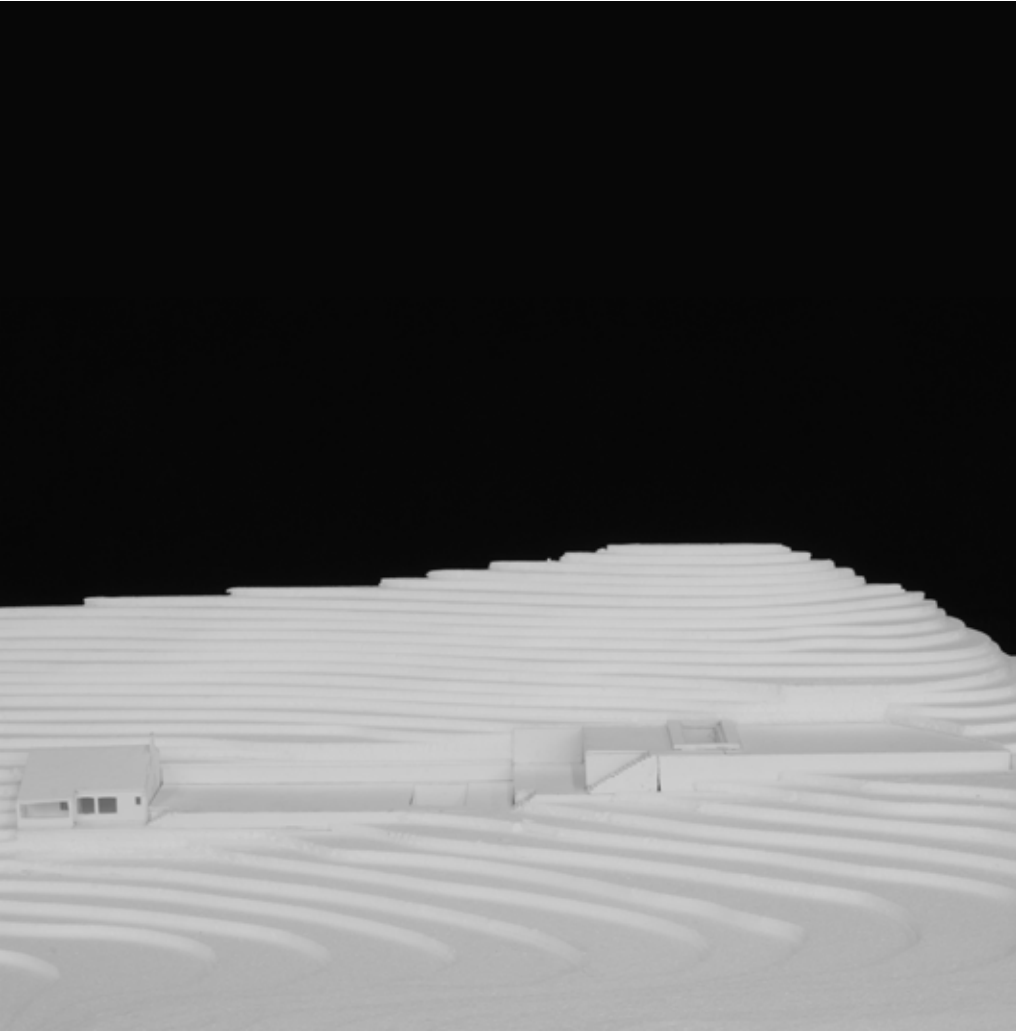
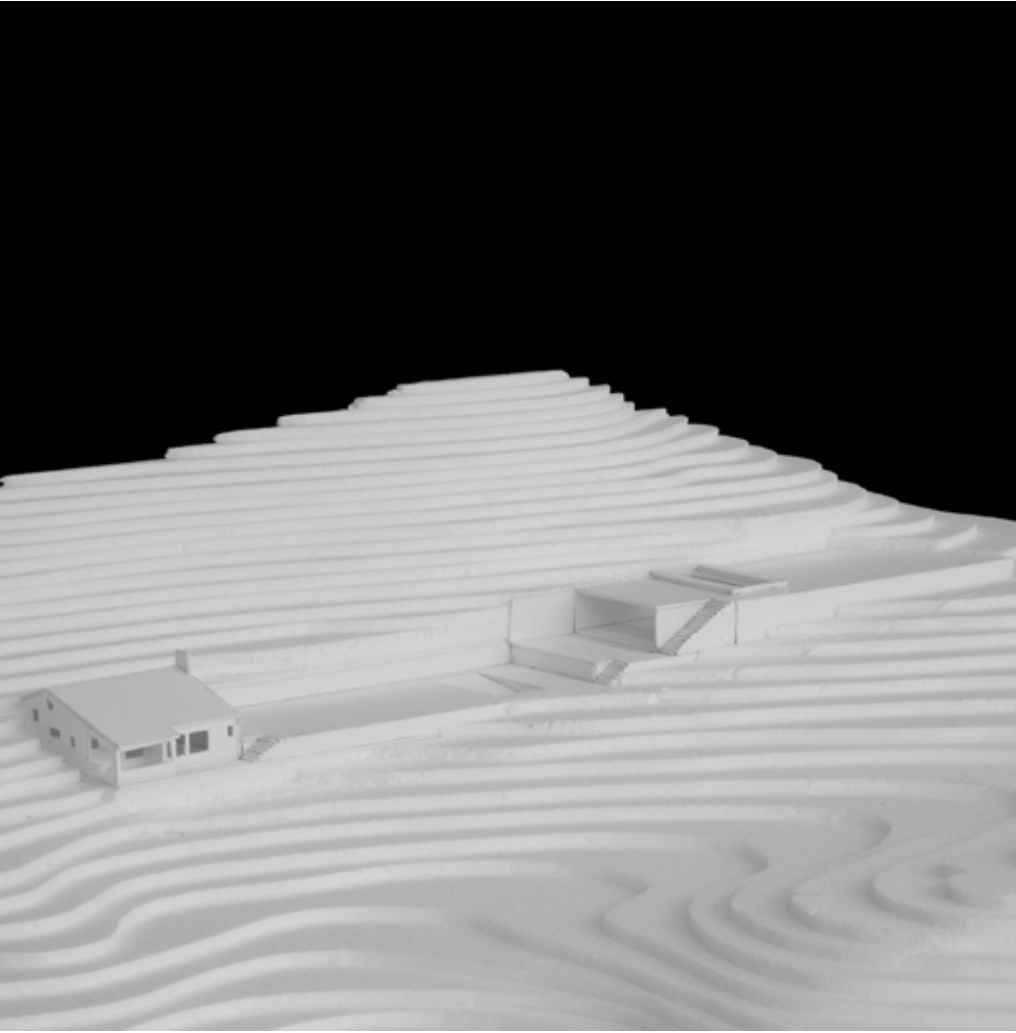


Render do espaço de transição



Corte Construtivo 1:30

A solução construtiva organiza-se a partir de uma estrutura principal em betão armado, que constitui o elemento resistente do conjunto. Na cobertura, sobre a laje estrutural desenvolve-se uma camada de forma que assegura as pendentes necessárias ao escoamento das águas, seguida da impermeabilização. Esta é protegida por feltro geotêxtil e pelo isolamento térmico em XPS, sendo novamente separada das camadas superiores por geotêxtil. Sobre estas dispõem-se o microbetão armado, a argamassa de assentamento e as lajetas de betão, permitindo que a cobertura funcione como superfície acessível e utilizável. Nos pavimentos interiores, sobre a laje estrutural colocam-se o isolamento térmico, a betonilha de regularização e o acabamento final em madeira. Nas paredes, a solução articula a estrutura em betão armado com caixa de ar, isolamento térmico em XPS e um pano interior de alvenaria, garantindo desempenho térmico e controlo da humidade, mantendo a inércia da massa estrutural no interior.



APRESENTAÇÕES

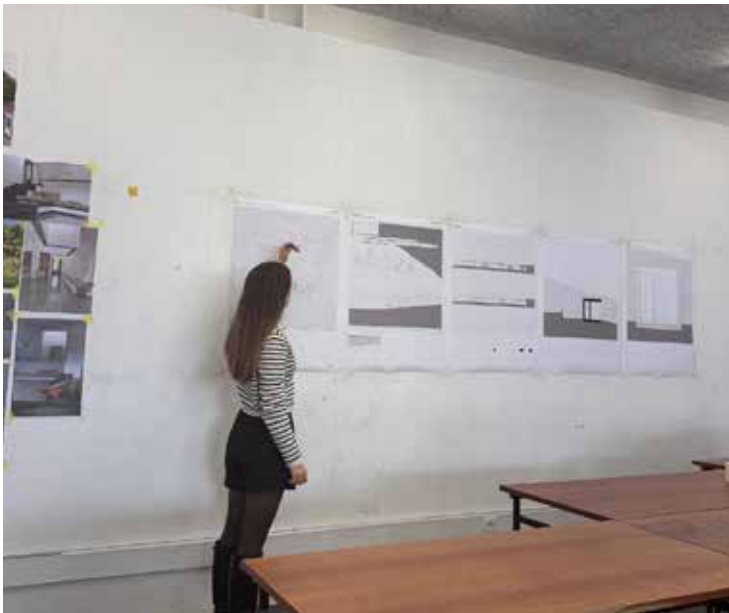
APRESENTAÇÃO INTERMÉDIA

Júris Convidados : Maria Ana Aboim Inglez e Luís Valente



APRESENTAÇÃO FINAL

Júris Convidados : João Favila, João Quintela, João Santa Rita, Rui Mendes e Telmo Cruz



CRÉDITOS

PROJETOS

Bárbara Morgado Ribeiro
Basílio Quaresma
Beatriz Aragão
Catarina Doina
Francisco Mateus
Guilherme Lima da Veiga
Katrin andersson
Lagarto

Leonor Perdigão
Madalena Lemos
Margarida Camanda
Marta Passos
Ricardo de Carvalho
Roberta Ost
Rodrigo Ferreira
Tiago Grilo

PROFESSORES

José Adrião
Ricardo Carvalho

ENTREVISTA DANIELA KRTSCH

Arquiteto José Adrião, Jesucleune Luís e Luísa Kaliata

ENTREVISTA JOÃO VASSALO ROSA

Arquiteto José Adrião, Artista Daniela Krtsch, Catarina Doina

CAPA

Leonor Perdigão

EDIÇÃO

Basílio Quaresma
Leonor Perdigão
Marta Passos

FOTOGRAFIAS

Arquiteto José Adrião, Diogo Morgado, Guilherme Lima da Veiga, José Ribeiro, Leonor Perdigão e Madalena Lemos

TIPOS DE LETRA

Arial Regular e Bold
Swis 721 BT

IMPRESSÃO

Universidade Autónoma de Lisboa

ENCADERNAÇÃO

Encadernação Oliveira Duarte

DOI: <https://doi.org/10.26619/UAL-CEACT/WP012026>

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura

Lisboa, 2025-26

